A. SOLJENÍTSIN

ARQUIPÉLAGO GULAG

BIBLIOTECA
do EXÉRCITO
EDITORA

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO Publicação 456

COLEÇÃO GENERAL BENÍCIO Volume 134

Título do original:

АРХИПЕЛАГ ГУЛаг

Capa de
PIKITO

365.947 SOLJENITSIN, Aleksandr Isaievitch
S687a Arquipélago Gulag. Trad. de Francisco A. Ferreira, Maria M. Llistó e José A. Seabra. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1976.
592 p. 21 cm (Coleção General Benício, v. 134, publ. 456).

1. Prisões — Rússia — 1918-956. I. Rússia. Glávnoie Upravliène Léguerei. II. Título. III. Série.

Alexandre Soljenítsin

Arquipélago Gulag

Tradução de Francisco A. Ferreira,
Maria M. Llistó e José A. Seabra

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO — EDITORA
RIO DE JANEIRO — RJ
1976

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

FUNDADOR, em 17 de dezembro de 1881,
Franklin Américo de Menezes Dória, Barão de Loreto

REORGANIZADOR, em 26 de junho de 1937, e fundador da Seção Editorial
Gen Valentim Benício da Silva

DIRETOR
Cel Art Fernando Oscar Weibert

SUBDIRETOR
Ten Cel Neomil Portella Ferreira Alves

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Militares:

Gen Ex R-1 Alfredo Souto Malan
nomeado em 14 de maio de 1975

Gen Div R-1 Francisco de Paula e Azevedo Pondé
nomeado em 10 de outubro de 1973

Gen Div R-1 Jonas de Morais Correia Filho
nomeado em 10 de outubro de 1973

Gen Div R-1 Adailton Sampaio Pirassinunga
nomeado em 8 de maio de 1958

Ten Cel Inf Carlos de Souza Scheliga
nomeado em 25 de abril de 1975

Ten Cel Art Luiz Paulo Macedo Carvalho
nomeado em 23 de maio de 1974

Civis:

Prof Pedro Calmon Moniz de Bittencourt
nomeado em 28 de maio de 1975

Prof Francisco Souza Brasil
nomeado em 10 de outubro de 1973

Prof Ruy Vieira da Cunha (relator deste livro)
nomeado em 10 de outubro de 1973

Biblioteca do Exército — Palácio Duque de Caxias (antigo Ed. do Ministério do Exército) — Praça Duque de Caxias — Ala Marcílio Dias — 3.° andar — Centro — RJ — ZC-55 — End. Telegráfico "BIBLIEX"

APRESENTAÇÃO

Com a publicação de "Arquipélago Gulag", de Alexandre Soljenítsin, a *Biblioteca do Exército — Editora* vem de fazer mais um lanço no sentido de distribuir sempre aos seus assinantes as melhores obras.

O seu autor, mundialmente famoso, por ter obtido em 1970 o Prêmio Nobel de Literatura, três anos mais tarde conquistava, com este mesmo trabalho, o primeiro lugar entre os *best-sellers* internacionais, fato ocorrido em Paris, com o original russo, porque o escritor sofria, na sua terra natal, as conseqüências da proibição imposta à publicação de suas obras pelas autoridades locais.

Através de "Arquipélago Gulag", o leitor tem uma descrição completa dos acontecimentos vividos, entre 1918 e 1956, na imensa rede de campos de trabalho soviéticos, por onde passaram — segundo depoimento do autor — cerca de 66 milhões de pessoas. Aí os prisioneiros do regime viviam em "ilhas" tão numerosas, que pareciam formar um arquipélago, sendo esse sistema administrado pelo departamento Gulag (Administração Geral dos Campos).

Apesar de conter em seu texto quase seiscentas páginas, a narrativa deste livro é tão eletrizante, que o apreciador da boa leitura será capaz de sorvê-lo de uma só vez.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO — EDITORA

No presente livro não há personagens imaginárias, nem acontecimentos imaginários. Pessoas e lugares são mencionados pelos seus próprios nomes. Quando os mencionarmos por iniciais, isso deve-se a considerações de ordem pessoal. Se não forem referidos de maneira alguma, isso se deve simplesmente ao fato de a memória humana não ter retido os seus nomes. Mas tudo se passou exatamente assim.

No ano de 1949, aconteceu-nos, a mim e a alguns amigos, lermos uma nota que nos chamou a atenção na revista *Priroda (Natureza)*, da Academia das Ciências. Impressa em caracteres minúsculos, noticiava que na bacia do rio Kolimá, durante umas escavações, tinha-se deparado, casualmente, sob uma camada glacial, com uma corrente congelada, nela tendo sido descobertos, também congelados, espécimes de fauna fossilizados (com várias dezenas de milênios de idade). Esses peixes, ou tritões, conservavam-se tão frescos — testemunhava o correspondente científico — que as pessoas presentes quebravam o gelo ali mesmo e comiam-nos *com prazer*.

Não poucos leitores da revista se devem ter espantado bastante pelo fato de a carne de peixe poder conservar-se durante tão longo tempo no gelo. Mas foram menos os que puderam discernir o sentido verdadeiramente heróico dessa nota imprudente.

Nós compreendemos tudo num ápice. Vimos com clareza toda a cena, nos seus mínimos pormenores: como as pessoas presentes quebravam o gelo, com exacerbada pressa, e como, menosprezando os elevados interesses da ictiologia, se acotovelavam uns aos outros, arrancavam os pedaços da carne milenária, passavam-na pela chama, descongelavam-na e saciavam a fome.

Compreendemo-lo porque as *pessoas presentes* éramos nós próprios, porque nós éramos membros dessa poderosa legião de *zeks*, a única na terra que podia comer os tritões *com prazer*.

Kolimá era a maior e a mais célebre ilha, o pólo da ferocidade desse assombroso país do Gulag, desgarrado pela geografia num arquipélago, mas psicologicamente ligado ao continente, a esse quase invisível, quase intangível país habitado pelo povo *zek*.

Este arquipélago, cheio de enclaves, recortava-se polícromo sobre o outro país, a que estava incorporado, penetrava nas suas cidades, pairava sobre as suas ruas — e no entanto havia quem não se apercebesse de nada, embora muitos tivessem ouvido falar vagamente de algo; só os que lá tinham estado conheciam tudo.

Entretanto, como se tivessem perdido o dom da fala nas ilhas do arquipélago, eles guardavam silêncio.

Numa inesperada viragem da nossa história, uma parte insignificante desse arquipélago foi dada a conhecer ao mundo. Mas

as mesmas mãos que nos apertaram as algemas abrem agora conciliadoramente as palmas e dizem: "Não se deve... não se deve remexer no passado!... Aquele que recorda o passado perde um olho!" E, no entanto, o provérbio acrescenta: "Aquele que o esquece perde os dois!"

As décadas vão correndo e lambem irrecuperavelmente as cicatrizes e as úlceras do passado. Outras ilhas, durante esse tempo, estremeceram, foram-se derretendo, desbordaram, e o mar polar do esquecimento vem embater sobre elas. E um dia, no século futuro, este arquipélago, o seu ar e os ossos dos seus habitantes, congelados numa camada glacial, serão apresentados aos descendentes como um inverossímil tritão.

Não ouso escrever a história do arquipélago: não me foi dado ler os documentos. Mas alguém, algum dia, virá a consegui-lo?... Aqueles que não desejam *recordar* tiveram já tempo bastante (e terão ainda mais) para destruir os documentos todos, completamente.

Os onze anos que ali passei, incorporei-os não como uma desonra, nem como um sono maldito, mas quase amando aquele mundo monstruoso. E agora, tendo-me tornado por um feliz reverso a pessoa a quem foram confiadas as inúmeras cartas e relatos tardios, talvez eu saiba transmitir algo dos seus ossos e da sua carne e, para além disso, da carne ainda viva dos tritões ainda hoje vivos.

Dedico este livro a todos aqueles a quem a vida não bastou para o relatar. Que eles me perdoem não ter visto tudo, não ter recordado tudo, não ter percebido tudo.

Foi com o coração oprimido que me abstive, durante anos, de publicar este livro, já há muito concluído: o dever perante os vivos prevalecia sobre o dever perante os mortos. Agora, porém, que as forças de segurança do Estado dele se apoderaram, nada mais me resta a fazer senão publicá-lo imediatamente.

A. Soljenítsin

Setembro de 1973

Escrever um livro como este é superior às forças de um só homem. Além de quanto eu próprio trouxe do arquipélago — na minha própria pele, na minha memória, nos ouvidos e nos olhos —, o material para este livro foi-me fornecido por relatos, recordações e cartas de... (segue-se uma relação de duzentos e vinte e sete nomes).

Não lhes exprimo aqui o meu reconhecimento pessoal: este é o nosso monumento comum de amizade a todos os torturados e mortos.

Desta lista desejaria destacar aqueles que mais se esforçaram por me ajudar a incluir neste relato pontos de referência bibliográficos de volumes que estão hoje conservados em bibliotecas ou que há muito foram retirados e destruídos, de tal modo que encontrar um exemplar guardado exigiu uma grande tenacidade; e ainda mais aqueles que me ajudaram a esconder este manuscrito num momento difícil e depois a reproduzi-lo.

Mas não chegou ainda a hora de me atrever a mencioná-los.

O velho Dmítri Petróvitch Vitkóvski, de Solóvki, devia ter sido o redator do presente livro. Entretanto, a metade da vida *lá* passada (as suas memórias do campo de trabalho intitulam-se *Meia vida)* acarretou-lhe uma paralisia prematura. Já depois de ter perdido o dom da fala, ele pôde somente ler uns quantos capítulos concluídos, e adquirir a certeza de que tudo *seria relatado.*

E se por longo tempo ainda não se divisar a liberdade no nosso país, e a difusão deste livro representar um grande perigo, eu devo por isso mesmo agradecer também reconhecidamente aos futuros leitores, em nome de todos *aqueles* que morreram.

Quando comecei a escrever este livro, no ano de 1958, não tinha conhecimento de quaisquer memórias ou produções literárias sobre os campos de concentração. Nos anos de trabalho que decorreram até 1967, fui tomando conhecimento, gradualmente, das *Narrativas de Kolimá,* de Varlam Chalámov, e das memórias de D. Vitkóvski, E. Guinsburg e O. Adámova-Sliozberg, a cujos trabalhos me refiro no decorrer da exposição como fatos literários, conhecidos por todos (assim há de ser, no fim de contas!).

A despeito das suas intenções e em contradição com a sua vontade, forneceram inapreciável material para o presente livro, conservando muitos fatos importantes e até números, bem como

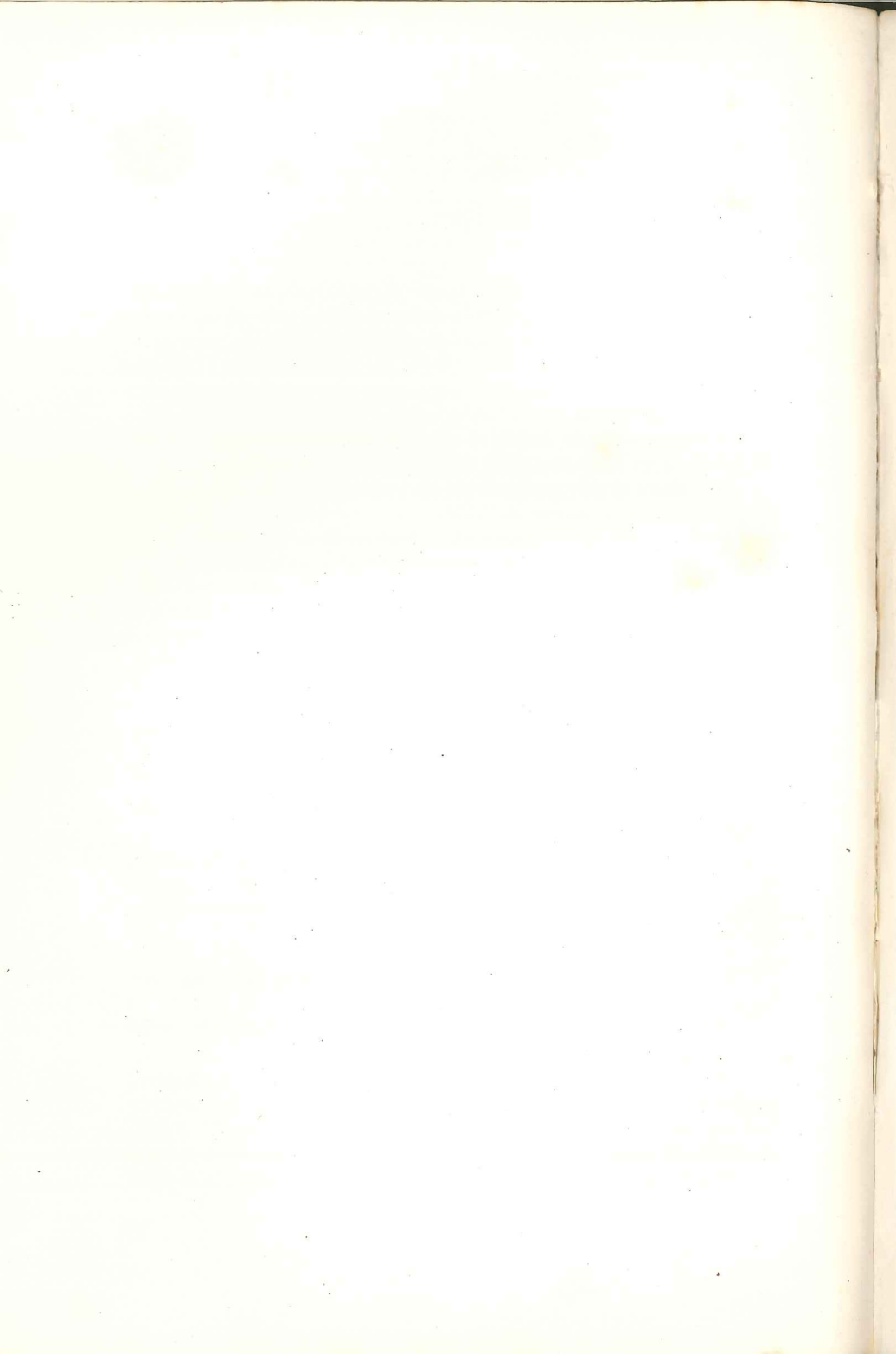
o próprio ar que respiraram: M. I. Sudrab-Látsis, N. V. Krilenko, durante muitos anos o principal procurador do Estado; e o seu sucessor A. I. Vichinski, com os seus juristas auxiliares, entre os quais não se pode deixar de destacar I. L. Averbach.

Também proporcionaram documentos para este livro *trinta e seis* escritores soviéticos, encabeçados por MÁXIMO GÓRKI, autores de um vergonhoso livro sobre o canal do mar Branco, os primeiros que na literatura russa enalteceram o trabalho forçado.

PRIMEIRA PARTE

A INDÚSTRIA CARCERÁRIA

"Na época da ditadura, e cercados por todos os lados de inimigos, temos manifestado por vezes uma brandura desnecessária, uma bondade desnecessária."

Krilenko, discurso pronunciado
no processo "Promparti".

I A DETENÇÃO

Como se chega a esse misterioso arquipélago? A todas as horas para lá voam aviões, navegam barcos e marcham trens, sem que neles se veja uma só inscrição que indique o lugar de destino. Os empregados das bilheterias e os agentes da Sovturist e da Inturist ficarão surpreendidos se você lhes pedir uma passagem para lá. Nem do arquipélago, no seu conjunto, nem de nenhuma das suas incontáveis ilhas eles têm conhecimento, ou ouviram sequer falar.

Aqueles que vão dirigir o arquipélago chegam lá por intermédio da MVD (Escola do Ministério do Interior).

Aqueles que vão ser guardas no arquipélago são convocados por intermédio de seções militares.

Aqueles que vão lá morrer, como você e eu, leitor, esses devem passar infalível e exclusivamente através da detenção.

Detenção! Será necessário dizer que isso representa uma brusca reviravolta em toda a sua vida? Que é como a queda a pique de um corisco sobre a sua cabeça? Que é uma comoção espiritual insuportável, a que nem todas as pessoas podem adaptar-se, e que freqüentemente leva à loucura?

O universo tem tantos centros quantos os seres vivos que nele existem. Cada um de nós é o centro do mundo e do universo, e ele se desmorona quando alguém nos sussurra ao ouvido: "Está preso!"

Se você já está preso, acaso algo terá ainda resistido a esse terremoto?

Incapazes, com o cérebro ofuscado, de abarcar esses abalos do universo, os mais sutis, exatamente como os mais simples dentre nós, não conseguem extrair nesse instante, de toda a sua experiência da vida, senão algo como:

— Eu? Por quê?

Pergunta repetida milhões e milhões de vezes antes de nós, e que nunca obteve resposta.

A detenção é uma transição instantânea e evidente, uma ruptura, a passagem de um estado a outro.

Ao longo da sinuosa rua da nossa vida caminhamos felizes, ou arrastamo-nos penosamente, passando diante de não importa que tapumes; tapumes e tapumes de madeira podre, de barro, de tijolo, de cimento, de ferro fundido.

Pensamos no que existe para além deles? Nem com a vista

nem com o pensamento tentamos penetrar no que há por trás, quando é ali mesmo, bem perto, a dois metros de nós, que começa o país do Gulag. Nem ainda distinguimos, nesses tapumes, a inúmera quantidade de portas estreitas e bem ajustadas, bem camufladas. Todas, todas essas portas foram preparadas para nós! E eis que uma se abre rápida e fatal, e que quatro mãos brancas, masculinas, não habituadas ao trabalho, mas como garras, nos prendem pelas pernas, pelos braços, pelo colarinho, pelo boné ou por uma orelha e nos arrastam como um fardo, enquanto a porta fica para trás de nós, a porta da nossa vida passada, fechada para sempre.

E é tudo. Você é um preso!

E *nada* encontra para responder a isso, a não ser um balido de cordeiro:

— Eu? Por quê?

Eis o que é a detenção: uma chama ofuscante e um golpe, a partir dos quais o presente desliza num segundo para o passado, e o impossível toma, a cada passo, o lugar do presente.

E é tudo. Nada mais você será capaz de compreender, nem na primeira hora, nem mesmo nos primeiros dias.

Ainda tremula no meio do seu desespero o luar de uma lua de brinquedo, de circo: "É um erro! Tudo será esclarecido!"

O resto, o que agora se formou com base na idéia tradicional e até literária sobre a detenção, acumula-se e estrutura-se já não na sua desconcertada memória, mas na da sua família e dos seus vizinhos*.

A detenção é isto: o brusco som noturno da campainha ou a brutal pancada na porta; a brava investida dos briosos agentes com as botas sujas; a assustada testemunha que os segue. (E para que essa testemunha? As vítimas não ousam pensar nessa questão, os agentes não a concebem, mas são assim as instruções, e é preciso que a testemunha esteja sentada toda a noite e pela manhã ponha a sua assinatura. Para as testemunhas que levantaram da cama isso é também uma tortura: noite após noite seguem ajudando a prender os vizinhos e conhecidos.)

Fazem parte da detenção tradicional os preparativos do preso, com as mãos trementes estendidas para os objetos, tentando levar uma muda de roupa, um pedaço de sabão, um pouco de comida; ninguém sabe o que é necessário, o que se pode levar e a melhor maneira de se vestir, mas os agentes impõem

---

* *Num apartamento habitam normalmente várias famílias, ocupando dele uma parte. A cozinha e o banheiro são comuns a todos (N. do T.)*

pressa e interrompem: "Não é preciso levar nada. Lá dão de comer. Lá faz calor". (Mentem sempre e se impõem pressa é para atemorizar.)

A detenção tradicional é, ainda, depois de terem levado o pobre detido, a ocupação do apartamento durante longas horas por uma força estranha, rígida, esmagadora. É o arrombar, abrir, tirar e arrancar das paredes, lançar dos armários e das mesas para o solo, sacudir, rasgar, espalhar montes de coisas pelo chão e pisá-las. Nada existe de sagrado na busca do domicílio! Quando prenderam o maquinista ferroviário Inóchin, encontrava-se no quarto o corpo de uma criança que acabara de morrer. Os "juristas" tiraram o corpo da criança e o revistaram também. Eles dão safanões nos doentes de cama e tiram as ligaduras que lhes cobrem as feridas [1]. Durante a busca nada pode ser considerado um despropósito! Ao amador de antiguidades Tchetverúkhin apreenderam "algumas folhas de decretos czaristas" — precisamente dos decretos sobre o termo da guerra contra Napoleão, sobre a formação da Santa Aliança e sobre o serviço religioso contra a cólera em 1830. Ao nosso melhor conhecedor do Tibete, Vostriakov, furtaram-lhe manuscritos antigos tibetanos, valiosíssimos (os alunos do falecido arrancaram-nos com enorme dificuldade ao Comitê de Segurança do Estado, trinta anos depois!). Ao orientalista Nevski, no momento de ser preso levaram-lhe manuscritos de Tagut (e vinte e cinco anos depois, por tê-los decifrado, concederam-lhe postumamente o prêmio Lênin). Fizeram desaparecer o arquivo dos ostíacos do Ienissei, arquivo pertencente a Karguer, e proibiram a escrita e o abecedário que ele criou, ficando esse pequeno povo sem língua escrita. Em linguagem inteligível, tudo isto leva muito tempo a relatar, mas o povo diz acerca da busca domiciliar: *buscam o que lá não puseram.*

Levam o que selecionam e por vezes obrigam o próprio detido a carregá-lo, como fizeram a Nina Aleksándrova Paltchínskaia, que levou às costas um saco com cartas e documentos do seu falecido marido, notável engenheiro da Rússia, que viveu sempre em ação, nas barbas deles; levaram-nos para sempre, sem esperança de retorno.

---

[1] *Em 1937, quando saquearam o instituto do Dr. Kazakov, os agentes da "comissão" quebraram as provetas com* lisati, *descoberto por ele, apesar de os convalescentes e os inválidos pularem em redor e pedirem que conservassem o milagroso remédio. (Segundo a versão oficial,* lisati *era considerado um veneno... Por que não conservá-lo como prova de delito?) (N. do A.)*

Para os que ficam depois da detenção restam as longas seqüelas de uma vida desfeita, desolada. E as tentativas de fazer chegar encomendas aos presos. Mas em todos os postigos há vozes que ladram: "Esse não está aqui!" Sim, diante de um postigo desses, nos piores dias de Leningrado, era preciso fazer uma fila de cinco dias. E bem pode acontecer que, no prazo de meio ano, o próprio preso responda ou eles digam: "Não tem direito a cartas". E isso significa desde logo que é para sempre. "Não tem direito a cartas" é quase certo querer dizer: "Foi fuzilado[2]".

É esta a idéia que fazemos da detenção.

E, na verdade, a detenção noturna, do tipo descrito, é a preferida, pois apresenta as maiores vantagens. Todos os habitantes do apartamento ficam encolhidos pelo terror, desde a primeira pancada na porta. O preso é arrancado ao calor da cama, todo ele reduzido à impotência do sono, com a mente confusa. Na detenção noturna, os agentes têm superioridade de forças: vários homens armados contra um que não chegou sequer a abotoar as calças; durante os preparativos e a revista à casa, por certo que não se junta à entrada nenhum grupo de possíveis partidários da vítima. A chegada gradual e sem pressa a um apartamento, depois a outro, amanhã a um terceiro ou quarto, dá a possibilidade de utilizar judiciosamente os grupos de agentes e de meter no cárcere, com freqüência, um número maior de cidadãos do que o do efetivo policial.

As detenções noturnas têm ainda a vantagem de que nem os inquilinos do prédio, nem os transeuntes das ruas da cidade vêem quantos foram levados durante a noite. Se assusta os vizinhos mais próximos, o acontecimento não tem existência para os mais distantes. É como se nada tivesse acontecido. Pela mesma calçada em que transitaram os carros da polícia durante a noite, desfila durante o dia um magote de jovens com bandeiras e flores, entoando alegres canções.

Mas os arrebanhadores, cujo serviço é apenas o de fazer detenções, e para quem os horrores sofridos pelos presos são

---

2 *Numa palavra, "vivemos em condições malditas: um homem desaparece sem notícias e as pessoas mais chegadas, a esposa e a mãe... não sabem durante anos o que lhe sucedeu". É justo? Não? Isto foi escrito por Lênin em 1910, no necrológio de Bábuchkine. Só que há que dizê-lo claramente: Bábuchkine levava uma carga de armas para a insurreição e foi com essa carga que o fuzilaram. Ele sabia a que se expunha. Mas o mesmo não se pode dizer de nós, que somos apanhados como coelhos. (N. do A.)*

uma coisa repetida e fastidiosa, a compreensão da detenção é muito mais ampla. Eles possuem toda uma teoria bem elaborada, não se devendo pensar ingenuamente que não a têm. A ciência da detenção é um capítulo importante do curso geral da direção das prisões, e nela assenta a teoria fundamental da sociedade. As detenções são classificadas de acordo com critérios diversos: noturnas e diurnas; domiciliares, no lugar de trabalho ou em trânsito; primeiras ou segundas detenções, isoladas ou em grupo. Essas detenções diferenciam-se pelo grau de surpresa exigido e pelo grau de resistência esperado (mas em dezenas de milhares de casos não era esperada resistência alguma, como de fato não houve); as detenções diferenciam-se pela gravidade dada à busca[3], pela necessidade de fazer ou não um inventário a fim de proceder à apreensão e de selar o quarto ou o apartamento; pela necessidade de prender a esposa depois da detenção do marido e de mandar os filhos para uma casa de crianças, ou de enviar todo o resto da família para a deportação ou ainda os velhos para um campo.

Evidentemente, as detenções são muito variadas quanto à forma. Irma Mendel, de nacionalidade húngara, conseguiu certa vez, no Komintern *, em 1926, duas entradas para o Teatro Bolchói, nas primeiras filas. O juiz de instrução, Kleguel, cortejava-a e ela correspondeu. Passaram em idílio todo o espetáculo, depois do que ele a acompanhou... diretamente à Lubianka **. E se num dia florido de junho de 1927, na Rua Kuznietsk Most, a formosa Ana Skripnikova, de louras tranças e rosto redondo,

---

[3] *E há ainda, especialmente, toda uma ciência de busca domiciliar, segundo consegui ler num folheto para "juristas", de ensino por correspondência, em Alma-Atá. Nele eram elogiados muitos daqueles "juristas" que nessas buscas não tiveram preguiça de remexer duas toneladas de esterco, seis metros cúbicos de lenha e dois carros de feno, que removeram a neve de todo um setor pertencente a uma herdade, que tiraram os tijolos de um forno, que abriram uma cova numa estrebaria, que inspecionaram as latrinas, que revistaram o canil, as capoeiras, ninhos dos estorninhos, que furaram colchões, que arrancaram ataduras do corpo e até dentes de metal para neles procurarem microdocumentos. Aos estudantes da escola da polícia política é recomendado com insistência que iniciem a busca pela revista pessoal e terminem por ela (já que o revistado pode ter-se apoderado de algo que buscavam), voltando uma vez mais a esse lugar, mas em outra hora do dia, e fazendo novamente outra busca. (N. do A.)*

* *Abreviatura da III Internacional Comunista, nascida da cisão da II Internacional. (N. do T.)*

** *Rua e praça de Moscou, sede das polícias políticas soviéticas (Tchecká, GPU, NKVD, etc.). (N. do T.)*

que acaba de comprar um tecido azul para um vestido, é convidada por um jovem todo janota a sentar-se ao seu lado num carro puxado a cavalos (o cocheiro franze o sobrolho pois compreende logo tudo: os chamados "Órgãos" nada lhe pagarão), saibam que não se trata de um encontro amoroso, mas também de uma detenção: eles farão um desvio para a Lubianka e entrarão pela negra fauce desses portões. E se (vinte e dois anos depois) o Segundo-Capitão Boris Burkóvski, envergando um casaco branco, cheirando a magnífica água-de-colônia, compra um bolo para uma moça — é bom não jurar que esse bolo lhe chegará às mãos, em lugar de ser partido em fatias pelas facas dos investigadores e levado pelo capitão para a primeira cela que lhe é destinada. Não, nunca foi desenhada no nosso país a detenção em pleno dia, nem a detenção em marcha, nem a detenção entre um formigueiro de gente! Entretanto, todas elas são realizadas de forma cuidadosa e — caso surpreendente! — as próprias vítimas, segundo os agentes, se comportam da maneira mais nobre possível, para que isso, a perdição do condenado, não dê na vista aos que permanecem vivos.

Nem todos podem ser presos em casa com uma pancada prévia na porta (e se acaso alguém bate, apresenta-se como o "gerente da casa", como o "carteiro"), e nem convém que todos sejam detidos no local de trabalho. Se o que vai ser preso é considerado perigoso, é mais cômodo prendê-lo *fora* do seu meio habitual, longe dos seus familiares, dos seus colegas, dos seus correligionários, dos seus esconderijos: ele não deve ter tempo de destruir, esconder ou transmitir absolutamente nada. As altas patentes militares ou do Partido eram, por vezes, antes agraciadas com um novo cargo, pondo-se à sua disposição um vagão de luxo, para só no caminho serem presas. Qualquer mortal desconhecido, gelado de pavor pelas detenções em massa e há já uma semana atormentado pelos olhares de soslaio do seu chefe, é chamado de um momento para outro ao Comitê do Sindicato, onde lhe oferecem radiantes uma reserva para um sanatório de Sótchi. O coitado fica comovido: isso quer dizer que os seus receios eram infundados. Agradece, delirante de alegria, apressa-se a dirigir-se para casa a fim de preparar a mala. O trem partirá dentro de duas horas e ele zanga-se com a lentidão da esposa. Ei-lo na estação! Ainda há tempo! Na sala de espera ou no restaurante um jovem simpático lhe grita: "Não me conhece, Piotr Ivánitch?" Piotr Ivánitch atrapalha-se: "Não, mas. . ." O jovem expande-se numa atitude afetuosa: "Mas como, mas como! eu vou recordar-lhe" e respeitosamente faz vênias à esposa de

Piotr Ivánitch: "Perdoe-me, o seu marido voltará dentro de *um minuto*. . ." A esposa dá licença, o desconhecido leva Piotr Ivánitch confiantemente pelo braço — para sempre ou por dez anos!

Na estação há um vaivém em torno e ninguém repara... Cidadãos que gostam de viajar! Não esqueçam que em cada estação existe uma seção da GPU * e várias celas de reclusão.

Essa insistência importuna de aparentes conhecidos é tão viva que um homem sem a preparação de um lobo do campo é incapaz de desembaraçar-se dela. Não pense que se você trabalha na Embaixada Norte-Americana e se chama, por exemplo, Al. . .re D., não pode ser detido em pleno dia na Rua Górki, perto da Estação de Correios e Telégrafos. O seu amigo desconhecido precipita-se sobre você através da densa multidão e diz, abrindo os braços como tenazes: "Sacha!" (ele jamais é furtivo, pelo contrário, simplesmente grita), "caramba! Há quantos anos não te vejo?! Vem aqui, para não estorvarmos". Uma vez de lado, à beira do passeio, chega precisamente um carro marca Pobieda. (Dias depois, a Agência TASS declarará, irritada, em todos os jornais, que os círculos competentes nada sabem do desaparecimento de Al. . .re D.) Que novidade! Os nossos bravos rapazes também efetuaram detenções dessas em Bruxelas (assim é que foi preso Jora Blednov), e não só em Moscou.

Há que dar aos "Órgãos" o que lhes é devido: no século em que os discursos dos oradores, as peças de teatro e as modas femininas parecem feitos em série, as detenções podem ser variadas. A você, levam-no a um lado da entrada da fábrica, depois de lhe terem verificado o cartão, e você está preso; arrancam-no de um hospital militar com trinta e nove graus de febre (Hans Bernstein), e o médico não se opõe à sua detenção (e de que vale tentar opor-se?); tiram-no diretamente da mesa de cirurgia durante uma operação de úlcera de estômago (N. M. Voróbiov, inspetor do Departamento Regional de Educação Pública, ano de 1936) e, quase sem vida, banhado em sangue, conduzem-no à cela (recorda Karpúnitch); você (Nádia Levítskaia) reclama uma visita à sua mãe, que está condenada, e a concedem! mas ela transforma-se numa acareação e numa detenção! Numa mercearia convidam-no a passar à seção de encomendas e ali mesmo o detêm; você é preso pelo viajante que passou a noite em sua casa pelo "amor de Deus"; preso pelo eletricista que foi anotar o consumo de força; preso pelo ciclista que esbarrou com você na rua; pelo fiscal de passagens do trem, pelo motorista de táxi,

* *Polícia política, intitulada Direção Política do Estado. (N. do T.)*

pelo funcionário da Caixa Econômica e pelo administrador do cinema: todos o podem prender e só depois, mas tarde demais, você verá, muito escondida, a chapa vermelha.

Às vezes as detenções quase parecem uma brincadeira — tais são o engenho e o refinamento utilizados, mesmo quando sem isso a vítima não ofereceria resistência. Querem, porventura, os agentes justificar o seu serviço e o elevado número de detenções? Basta enviar a todos os visados uma intimação e todos eles, à hora e minutos marcados, se apresentarão submissos com a trouxa ao portão de ferro negro da polícia de segurança do Estado, para ocuparem na cela o espaço que lhes é destinado. (É assim mesmo que os kolkhozianos são detidos; seria lá possível ter que ir de noite buscá-los em casa, por lugares sem caminhos?! Chamam-nos ao soviete da aldeia e ali os prendem. Os simples operários são convocados ao escritório da empresa.)

Naturalmente, todo mecanismo sofre um desgaste, depois do qual já não pode funcionar. Nos saturados e esforçados anos de 1945/46, quando chegavam uma atrás da outra composições ferroviárias da Europa e era necessário absorvê-las e despachálas para o Gulag, não havia sequer esse jogo supérfluo, e a própria teoria tinha perdido muito do seu brilho, a plumagem ritual tinha voado e a detenção de dezenas de milhares de homens adquiriu o mísero aspecto de uma chamada: pegavam nas listas, tiravam-nos de um vagão e metiam-nos noutro, e isso era no fim de contas o método da detenção.

As prisões políticas no nosso país singularizaram-se durante décadas precisamente pelo fato de serem detidas pessoas em nada culpadas e, por isso mesmo, de modo nenhum preparadas para oferecer resistência.

Criou-se o sentimento geral de fatalidade, a idéia de que à Direção Política do Estado e ao Comissariado do Povo para o Interior era impossível fugir (o que, com o nosso sistema de passaporte, tem aliás razão de ser). E mesmo no auge das epidemias de detenções, quando as pessoas ao saírem cada dia para o trabalho se despediam da família, por não terem a certeza de regressarem à noite, mesmo então quase não fugiam (e em raros casos se suicidavam). Exatamente o que era preciso. Uma ovelha pacífica para os dentes do lobo.

Isto sucedia ainda pela incompreensão do mecanismo das epidemias de detenções. Os "Órgãos" não tinham freqüentemente motivo profundo para a escolha, não sabendo que pessoa deter ou não deter, mas simplesmente quais os números a atingir. O cumprimento desses números podia estar de acordo com

as normas, mas podia também ter um caráter completamente casual. Em 1937 apareceu na recepção da NKVD de Novo-tcherkassk uma mulher perguntando que destino devia dar a uma criança de peito que tinha fome, de uma vizinha detida. "Sente-se", disseram-lhe, "vamos esclarecer isso." Esperou duas horas e levaram-na da recepção à cela: era preciso completar urgentemente a cifra prevista e faltavam agentes para mandá-los percorrer a cidade, e aquela mulher já estava ali mesmo! Sucedeu o oposto com o letoniano Andrei Pável, perto de Orcha, onde a NKVD se cingiu para o prender: ele não abriu a porta, saltou pela janela, teve tempo de fugir e partiu de viagem diretamente para a Sibéria. Embora vivesse com o seu nome verdadeiro e pelos documentos fosse claro que era de Orcha, Pável *nunca* foi detido, nem chamado aos "Órgãos", nem considerado suspeito.

Há três tipos de buscas: de âmbito federal, das repúblicas e regional, e em quase metade dos presos, em tais epidemias, a busca não excedia a região. Aquele que era destinado a ser preso por circunstâncias fortuitas — a denúncia de um vizinho, por exemplo — facilmente era substituído por outro vizinho. Tal como Pável, outros houve que foram apanhados casualmente numa rusga, ou num apartamento, ou numa emboscada, e tiveram a audácia de fugir nesse preciso momento, antes mesmo do primeiro interrogatório, nunca sendo agarrados nem levados a julgamento; mas aqueles que ficaram a aguardar justiça cumpriram a pena sofrida. E quase todos, na sua esmagadora maioria, se comportaram precisamente desse modo: com pusilanimidade, impotência, fatalismo.

É certo também que a NKVD, na ausência da pessoa de que necessitava, obrigava os seus familiares a assinar um aviso proibindo-os de qualquer deslocação, e, naturalmente, não custava nada embarcar os que tinham ficado em lugar do fugitivo.

A inocência geral engendra a inatividade geral. Pode ser que não o *levem*. Pode ser que você escape. A. I. Ladijenski era professor da escola da aldeia perdida de Kologriv. No ano de 1937 aproximou-se dele no mercado um camponês e comunicou-lhe da parte de alguém: "Aleksandr Ivánitch, vá-se embora daqui, você está *na lista*". Mas ele ficou: "Eu sou o pilar da escola e os próprios filhos *deles* estudam comigo; como me podem prender?" Dias depois foi preso. Não é qualquer pessoa que, como Vánia Levitski, compreende logo aos catorze anos de idade: "Toda pessoa honrada deve passar pelo cárcere. Agora está preso o meu pai, e, quando eu crescer, prender-me-ão a

mim". (Ele foi preso aos vinte e três anos.) A maioria fica inerte numa miragem de esperança. "Uma vez que você é inocente — como lhe podem prender?" É *um erro!* Enquanto o arrastam pelo colarinho você não deixa de exorcismar: "É um erro! *Esclarecerão tudo e me libertarão!*" Outros são presos em massa; isso é também absurdo, mas cada caso fica envolto nas trevas: "Talvez *aquele,* quem sabe?... Mas você!" — você certamente é inocente! Você ainda encara os "Órgãos" como uma instituição com lógica humana: "Hão de esclarecer e libertar".

Nesse caso, para que fugir?... E como você pode então oferecer resistência?... Só piora a sua situação e impede que esclareçam o erro. Você não só não resiste, como até desce a escada na ponta dos pés, como lhe ordenam, para que os vizinhos não ouçam[4].

---

[4] *E depois, nos campos, que tortura! E se cada agente de cada vez que vai fazer detenções, pela noite, não tivesse a certeza de voltar vivo e tivesse que despedir-se da família?! Se durante as detenções em massa, como por exemplo em Leningrado, quando foi presa a quarta parte da população da cidade (em dezembro de 1934, após o assassinato de Kirov), as pessoas não tivessem permanecido nas suas tocas tremendo de medo a cada pancada na porta e a cada passo na escada, se elas tivessem compreendido que nada mais tinham a perder, e nos seus vestíbulos, com ânimo forte, umas quantas pessoas tivessem feito emboscadas com machados, com martelos, com espetos, enfim com o que encontrassem à mão? É sabido de antemão que essas aves noturnas com bonés não vão com boas intenções — não há risco de errar, descarregando um golpe no homicida. Quanto ao carro da polícia, com o seu motorista solitário, que ficou na rua, não havia senão que arrastá-lo ou furar-lhe os pneus! Os "Órgãos" bem depressa notariam a falta de colaboradores e de meios de transporte, e, a despeito de toda a ânsia de Stálin, teria sido detida a máquina maldita! Se se tivesse... se se tivesse feito isso... Faltou-nos suficiente amor à liberdade e, mais que tudo, a plena consciência da verdadeira situação. Gastamo-nos numa incontrolável explosão no ano de 1917, e depois* apressamo-nos *a submeter-nos e foi com* satisfação *que nos submetemos. (Artur Renson descreve um comício operário em Yaroslavl em 1921. De Moscou, do Comitê Central, foram sondar os operários para se aconselharem sobre a polêmica referente aos sindicatos. O representante da oposição, Y. Lárin, explicou aos operários que o seu sindicato devia defendê-los da administração, que eles haviam conquistado direitos contra os quais pessoa alguma tinha o direito de atentar. Os operários mantiveram-se absolutamente indiferentes,* não compreendendo *sequer de quem é que eles precisavam ainda se defender e para que é que ainda necessitavam desses direitos. Mas quando interveio o representante da linha geral e fustigou os operários pelo relaxamento da disciplina e pela sua preguiça, e exigiu deles sacrifícios, horas extraordinárias de graça, limitações quanto à alimentação, submissão militar face à administração da fábrica, isso suscitou o entusiasmo do comício e os aplausos.)* Merecemos *simplesmente tudo quanto sobreveio depois. (N. do A.)*

E além do mais, resistir precisamente a quê? À apreensão do cinto? Ou à ordem de ir para o canto de castigo? Ou de cruzar o umbral da porta? A detenção é composta de pequenos preâmbulos, de numerosas insignificâncias, e parece não ter sentido discutir por qualquer deles isoladamente (os pensamentos do preso giram em torno da grande pergunta: "Por quê?"), mas são todos esses preâmbulos que formam, inevitavelmente, a detenção no seu conjunto.

Quanta coisa não há na alma do recém-detido! Só isto mereceria todo um livro. Nela pode haver sentimentos de que nem sequer nós suspeitamos. Em 1921, quando prenderam a jovem Evguênia Doiarenko, de dezenove anos, e três jovens tchequistas revolveram a cama dela, a sua cômoda, ela permaneceu tranqüila: "Não há nada, nada encontrarão". E, de repente, eles tocaram no seu diário íntimo, que a moça nem à mãe podia mostrar: a leitura dessas linhas por rapazes estranhos e hostis afetou-a mais do que toda a Lubianka com as suas grades e celas. E muitos desses sentimentos íntimos e afetivos, atingidos pela detenção, podem ser bem mais fortes do que o pavor do cárcere ou as idéias políticas. A pessoa interiormente não preparada para a violência é sempre mais débil do que aquela que a exerce.

São raras as pessoas inteligentes e audazes que tudo compreendem instintivamente. O diretor do Instituto de Geologia da Academia das Ciências, Grigóriev, quando o foram deter, em 1948, entrincheirou-se e queimou documentos durante duas horas.

Por vezes o sentimento dominante do detido é o alívio e até... *a alegria,* mas isso sucedeu só no tempo da epidemia de detenções: quando à sua volta levavam e tornavam a levar outros como você, e não o levavam, tardando; isso é uma consumição interior, um sofrimento pior do que qualquer detenção, e não apenas para um espírito débil. Vassíli Vlássov, intrépido comunista, que ainda recordaremos mais de uma vez, tendo-se negado a fugir, o que lhe foi proposto pelos seus colaboradores não-comunistas, ia-se consumindo, pois já tinham preso toda a direção do Partido do distrito de Kádi (1937) e só ele não fora detido. Não podia receber o golpe senão de frente: recebeu-o e sossegou, sentindo-se perfeitamente bem nos primeiros dias de detenção.

O sacerdote Irákli fez em 1934 uma viagem a Alma-Atá para visitar os crentes deportados, mas nesse ínterim foram três

vezes ao seu apartamento, em Moscou, para o prender. Quando regressou, os paroquianos esperavam-no na estação e não o deixaram seguir para casa, e durante oito anos esconderam-no de apartamento em apartamento. O sacerdote ficou tão extenuado por essa vida de perseguido que, quando o prenderam, em 1942, alegremente agradeceu a Deus.

Neste capítulo, só falamos sobre a grande massa, sobre os detidos não se sabe por quê. Mas no presente livro referir-nos-emos ainda àqueles que nos novos tempos se mantiveram como autênticos *políticos*. Vera Ribakova, estudante social-democrata, quando estava em liberdade, *sonhava* com o isolamento na prisão de Suzdal: só ali esperava encontrar os seus antigos camaradas (já não os havia em liberdade) e elaborar a sua filosofia política. A socialista-revolucionária Ekaterina Olítska, em 1924, até se considerava *indigna* de estar encerrada na prisão, já que pelos cárceres tinham passado as melhores pessoas da Rússia, e ela era muito jovem e nada tinha feito ainda pela Rússia. Mas a própria *liberdade* a rejeitava. Assim, foram as duas para a prisão com alegria e orgulho.

"A resistência! Onde esteve a vossa resistência?" é a recriminação que fazem hoje os que sofreram àqueles que escaparam à repressão.

Sim, a resistência devia ter começado a partir daqui, do início da detenção. Mas não teve começo.

E eis que já o *levam*. Em pleno dia, a detenção é inevitavelmente um momento breve, que não se repete, em que o detêm no meio da multidão, entre centenas de outros homens igualmente inocentes e condenados como você. E a sua boca não foi tapada. E você pode e deveria absolutamente *gritar!* Gritar que vai preso! Que há malfeitores disfarçados que andam à caça das pessoas! Que as apanham com base em denúncias falsas! Que uma surda repressão é desencadeada contra milhões de pessoas! E, ouvindo esses gritos, inúmeras vezes durante o dia e em todas as partes da cidade, talvez os nossos concidadãos se rebelassem! E talvez as detenções não se tivessem tornado tão fáceis!

No ano de 1927, quando a submissão ainda não tinha amolecido tanto os nossos cérebros, na Praça de Serpukhóvskaia dois tchequistas tentaram deter de dia uma mulher. Ela agarrou-se ao poste de iluminação pública e começou a gritar, oferecendo resistência. Juntou-se uma multidão. (Era necessário uma mulher

assim, mas também era necessário uma multidão assim! Nem todos os transeuntes fecharam os olhos, nem todos apressaram o passo indiferentes!) Os nossos ágeis rapazes desconcertaram-se de repente. Eles não podiam "trabalhar" à vista de toda a sociedade. Subiram para o automóvel e fugiram. (Dali a mulher devia ter-se dirigido imediatamente para a estação e partido! Mas ela foi pernoitar na sua casa. E à noite levaram-na para a Lubianka.)

Mas se dos seus lábios ressequidos não brota nem um som, a multidão que transita descuidadamente toma a você e aos seus carrascos por amigos que passeiam.

Eu próprio tive muitas vezes a possibilidade de *gritar*.

Onze dias após a minha detenção, três parasitas da contra-espionagem (Smerch*), mais preocupados com quatro pesadas malas, cheias na sua maior parte de troféus de guerra, do que comigo (durante o longo caminho tinham já ganho confiança em mim), conduziram-me à estação da Bielo-Rússia, em Moscou. Eles tinham a denominação de "escolta especial", mas na realidade as espingardas automáticas lhes causavam estorvo para arrastar as quatro pesadíssimas malas com objetos de valor roubados na Alemanha por eles e pelos seus chefes da contra-espionagem da Segunda Frente da Bielo-Rússia. Sob o pretexto de me servirem de escolta, levaram esses objetos para as famílias que tinham ficado na pátria. Eu transportava, sem vontade nenhuma, a quinta mala, em que iam os meus diários e os meus escritos: as provas contra mim.

Nenhum dos três conhecia a cidade, e era eu que devia escolher o caminho mais curto para o cárcere, era eu mesmo que devia conduzi-los à Lubianka, em que eles nunca tinham estado (e eu a confundia com o Ministério dos Negócios Estrangeiros).

Depois de um dia na prisão da contra-espionagem do Exército; depois de três dias na prisão da contra-espionagem da linha de frente, onde os companheiros de cela me tinham instruído (acerca dos embustes dos interrogatórios, das ameaças e dos espancamentos; sobre o fato de que às vezes o preso nunca é posto em liberdade, podendo-se facilmente ser sentenciado a dez anos), eu escapei por milagre. E, de repente, há quatro dias que ando como um homem *livre* entre homens *livres,* embora as minhas costelas ainda descansem sobre palha perto da latrina, embora os meus olhos já tenham visto companheiros espancados e privados do sono, embora os meus ouvidos tenham escutado a ver-

---

* *Abreviatura de "Morte aos Espiões". (N. do T.)*

dade, e a minha boca coma a sopa dos prisioneiros. Por que é que eu me calo então? Por que é que eu não esclareço a multidão enganada, aproveitando o meu último minuto em público?

Eu guardei silêncio na cidade polaca de Bródnitsa (talvez ali não compreendessem o russo). Não proferi palavra nas ruas de Bielostok (podia ser que isso não interessasse aos polacos). Não soltei nem um som na estação de Volkóvisk (havia lá pouca gente). Como se nada sucedesse, caminhei acompanhado desses bandoleiros pela estação de Minsk (mas a estação estava ainda em ruínas). E agora levo atrás de mim esses agentes da contra-espionagem, sob a cúpula branca do vestíbulo superior da estação do metrô radial da Bielo-Rússia inundada de luz elétrica, e subindo de baixo, ao nosso encontro, vêm as duas esteiras paralelas das escadas rolantes, repletas de moscovitas. Parece que todos olham para mim! Numa fila interminável, emergindo da profundidade do desconhecido, deslizam, sob a cúpula resplandecente, na minha direção, como se solicitassem uma palavra de verdade. Por que é que então eu permaneço calado?!...

Cada pessoa tem sempre consigo uma dúzia de desculpas que lhe dão razão para não se sacrificar. Alguns têm esperança no desenlace feliz e temem comprometê-lo com o seu grito (a nós não nos chegam notícias do outro lado do mundo, não sabemos que desde o momento da detenção a nossa sorte está quase decidida segundo a pior das hipóteses e não é possível agravá-la). Outros não estão ainda maduros para as idéias que se transmitem em gritos à massa. Na verdade, só os revolucionários têm sempre as palavras de ordem na ponta da língua prontas a saltar, mas que dizer do pacato e simples homem comum, não implicado em nada? Ele *não sabe,* pura e simplesmente, o que é que deve gritar. E, por fim, há ainda um gênero de pessoas que têm o peito demasiado repleto, cujos olhos viram demasïado, para poder fazer transbordar todo esse mar nuns quantos gritos sem nexo.

Mas eu, eu guardo silêncio ainda por outro motivo: porque esses moscovitas que cobrem as duas escadas rolantes são poucos para mim — *poucos!* O meu clamor seria ali ouvido por umas duzentas ou quatrocentas pessoas — e os restantes duzentos milhões?... Eu sonho confusamente em que haverei alguma vez de gritar a duzentos milhões...

Por enquanto, não abro a boca e a escada rolante arrasta-me irreprimivelmente para o inferno.

E na estação de Okhótni-Riad hei de guardar ainda silêncio.

Não gritarei perto do "Metropol".
Não agitarei os braços na Praça da Lubianka, no Gólgota...

Eu tive, certamente, a espécie mais fácil de detenção que se possa imaginar. Ela não me arrancou dos braços dos familiares, não me separou da vida doméstica que nos é tão grata. Num cinzento dia de fevereiro europeu arrebataram-me do nosso estreito corredor que dá para o mar Báltico, onde cercávamos ou íamos cercados pelos alemães, e fui apenas privado da divisão a que estava habituado e do espetáculo dos três últimos meses de guerra.

O chefe da brigada chamou-me ao posto de comando, pediu-me sem eu saber por que a pistola, entreguei-a sem a mínima suspeita — e de repente, do meio dos oficiais imóveis e tensos, saltaram dois agentes da contra-espionagem, atravessando o quarto em dois pulos, agarrando-me com as quatro mãos a estrela do boné, os galões, o cinturão e a bolsa de campanha, e gritando em tom dramático:

— Está preso!!!

Todo vermelho e inerte dos pés à cabeça, nada mais de razoável achei para perguntar do que:

— Eu? Por quê?!...

Embora essa pergunta não tenha resposta, por surpreendente que pareça eu a obtive. E isto merece tanto mais ser recordado quanto está fora dos nossos costumes. Mal os da contra-espionagem tinham acabado de me depenar, arrancando-me juntamente com a bolsa as minhas notas políticas, e amedrontados pelo tremor das vidraças provocado pelas explosões alemãs me empurravam rapidamente para a saída, ouviu-se subitamente um enérgico apelo que me era dirigido: sim! através dessa seca ruptura que se abria entre mim e os que ficavam, provocada pela grave palavra "preso" atirada à cara, através desse abismo sobre que não devia filtrar-se som algum, passaram as inconcebíveis e fabulosas palavras do chefe da brigada:

— Soljenítsin. Volte aqui!

E eu, numa brusca reviravolta, escapuli-me das mãos dos que me detinham e dirigi-me ao chefe da brigada. Conhecia-o pouco: ele nunca condescendera a conversas simples comigo. Para mim, o seu rosto exprimia ordem, comando, cólera. Mas, agora, iluminava-se com ar pensativo — talvez com vergonha da sua participação involuntária num sórdido caso, ou num impulso de se colocar acima da mesquinha subordinação de toda

a sua vida. Dez dias antes, eu resgatara quase intacta a bateria de reconhecimento de onde ficara inútil a sua artilharia, formada de doze canhões pesados, e agora ele deveria separar-se de mim em face de um pedaço de papel com um carimbo?

— Você — perguntou ele com voz autoritária — tem um amigo na Primeira Frente Ucraniana?

— Não é permitido!... Não tem o direito! — gritaram ao coronel o capitão e o major da contra-espionagem. Assustada, a escolta do estado-maior comprimiu-se no seu canto como se temesse compartilhar a inaudita reflexão do chefe da brigada (e, pertencendo à seção política, preparava-se já para transmitir *material* acerca dele). Mas para mim isso era o suficiente: compreendi logo que fora preso pela correspondência que mantinha com um meu velho companheiro de escola, deduzindo de onde vinha o perigo.

E Zákhar Gueorguiévitch Trávkin teria podido ficar por aí! Mas não! Continuando a limpar-se e a endireitar-se aos seus próprios olhos, levantou-se da mesa (anteriormente nunca se tinha erguido para me receber) e através da barreira empestada estendeu-me a mão (quando eu estava em liberdade nunca me cumprimentara!) e apertou a minha, perante o horror mudo da escolta, dizendo com calor no seu rosto sempre severo, sem medo, claramente:

— Desejo-lhe boa sorte, capitão!

Eu não só já não era capitão, como estava desmascarado como inimigo do povo (pois no nosso país qualquer pessoa, a partir do momento de detenção, já está completamente desmascarada). Assim, ele desejava boa sorte a um inimigo?...

As vidraças estremeciam. As explosões alemãs martirizavam a terra a duzentos metros dali, recordando que *aquilo* não poderia suceder lá, na profundidade da nossa terra, por baixo do globo firme da existência, mas apenas sob o alento de uma morte próxima e igual para todos[5].

Este livro não será um livro de memórias pessoais. Por isso não relatarei pormenores anedóticos da minha detenção, que têm a sua originalidade própria. Naquela noite os oficiais

---

[5] *Eis o surpreendente:* pode-se, *apesar de tudo, ser um homem! Trávkin nada sofreu. Encontramo-nos há pouco cordialmente, conhecendo-nos pela primeira vez. Ele é general reformado e inspetor da Sociedade dos Caçadores. (N. do A.)*

da contra-espionagem perderam completamente as esperanças de se orientarem pelo mapa (nunca se tinham, aliás, orientado por ele), entregando-o a mim com amabilidade e pedindo-me para eu indicar ao motorista como dirigir-se à contra-espionagem do Exército. Eu mesmo os conduzi e me conduzi até essa prisão e, como agradecimento, fui metido imediatamente não numa cela simples, mas no calabouço de castigo. Mas é impossível não falar desse compartimento de uma casa de campo alemã, que provisoriamente servia de cárcere.

Tinha o comprimento de um homem e a largura de três homens deitados à vontade ou de quatro apertados. Eu era precisamente o quarto, sendo lá metido depois da meia-noite. Os três que estavam deitados entreabriram os olhos estremunhados debaixo da luz de uma lamparina de petróleo e mexeram-se para me dar lugar. Assim, na palha calcada ficaram oito botas estendidas para a porta e quatro capotes. Eles dormiam e eu espumava de cólera. Quanto mais eu fora senhor de mim mesmo enquanto capitão, meio dia antes, mais doloroso era para mim estar assim comprimido no fundo daquela cela. De vez em quando, os rapazes acordavam ao entorpecerem-se-lhes as costas e voltávamo-nos todos ao mesmo tempo.

Pela manhã acordaram, bocejaram, arfaram, encolheram as pernas, meteram-se em cantos diferentes e começamos a travar conhecimento.

— E você por que é que está aqui?

Mas uma vaga brisa de prevenção tinha já soprado até mim, sob o teto empestado da contra-espionagem, e com simplicidade simulei um ar admirado:

— Não faço idéia. Dizem-no acaso esses canalhas?

No entanto, os meus companheiros de cela, que eram tanquistas, com os seus negros capacetes fofos, não o ocultavam. Eram três honestos, três simples corações de soldados, espécie de pessoas pelas quais eu tinha ganho afeto durante os anos de guerra, eu que era bem mais complicado e pior. Os três eram oficiais. Os seus galões também tinham sido arrancados com fúria, distinguindo-se ainda nalguns lugares as linhas. Nos seus casacos sujos viam-se as manchas claras das condecorações arrancadas; as cicatrizes vermelhas e escuras no rosto e nas mãos eram outras tantas recordações de feridas e de queimaduras. A divisão deles tinha vindo por desgraça fazer reparações nessa aldeia, onde estava a contra-espionagem do 48.º Exército. Para comemorar o combate travado na noite anterior, embebedaram-se e nas imediações da aldeia arrombaram o banheiro,

ao verem que lá tinham entrado duas moças. Estas conseguiram escapar, meio nuas, das suas pernas cambaleantes. Uma delas, porém, não era lá uma qualquer, mas sim a amante do chefe da contra-espionagem do Exército.

Sim! Havia já três semanas que a guerra se travava na Alemanha e todos sabíamos perfeitamente que, tratando-se de moças alemãs, podiam ser violadas e fuziladas depois, constituindo isso quase uma distinção militar; se fossem polacas ou das nossas, russas, enviadas para a Alemanha, tolerava-se que se corresse atrás delas pelo campo, nuas, dando-lhes palmadas nas nádegas: simples brincadeira e nada mais. Mas tratando-se de uma "mulher de campanha" do chefe da contra-espionagem, um sargento qualquer da retaguarda arrancou raivosamente ali mesmo os galões aos três oficiais de linha e as condecorações confirmadas por uma ordem da frente e concedidas pelo Presidium do Soviete Supremo da União Soviética, e agora esses veteranos que tinham feito toda a guerra e certamente tinham rompido mais de uma linha das trincheiras inimigas aguardavam uma sentença do tribunal militar, que sem os tanques deles não teria chegado ainda àquela aldeia.

Apagamos a lamparina, pois já tinha consumido todo o ar de que dispúnhamos para respirar. Na porta estava aberto um postigo do tamanho de um cartão-postal e por ali entrava, indiretamente, a luz do corredor. Parece que, preocupados com o fato de que ao despontar do dia tivéssemos demasiado espaço na cela, enfiaram lá um quinto homem. Ele entrou com um capote novo em folha, assim como o boné, e quando chegou em frente do postigo vimos o seu rosto todo fresco, de nariz arrebitado e de faces muito coradas.

— De onde vem, irmão? Quem é você?

— Do *outro* lado — respondeu ele, com enfado. — Sou espião.

— Você está brincando! — respondemos, atônitos (que se tratasse de um espião e que ele mesmo o dissesse, eis o que nunca escreveram nem Chein nem os irmãos Tur *!).

— Que brincadeiras se podem fazer em tempo de guerra! — suspirou com sensatez o rapaz. — Como regressar do cativeiro a casa? Digam, ensinem-me!

Mal teve tempo de iniciar o relato sobre como, um dia antes, os alemães o tinham passado para o outro lado da frente, para que ali fizesse espionagem e dinamitasse pontes, sobre como

---

* *Conhecidos autores soviéticos de romances de espionagem. (N. do T.)*

se apresentara imediatamente ao batalhão mais próximo e se entregara, não tendo o sonolento e cansado chefe do batalhão acreditado, remetendo-o à enfermeira, para lhe dar uns comprimidos, quando subitamente nos assaltaram novas ordens:

— Formar! Mãos atrás das costas! — convocou-nos através da porta, aberta de par em par, um sargento capaz de puxar a cauda de um canhão de cento e vinte e dois milímetros.

Ao longo de todo o pátio rural já se tinha formado um cordão de soldados com armas automáticas, guardando o caminho que nos levava à saída do palheiro. Eu fervia de indignação pelo fato de que qualquer sargento ignorante se atrevesse a dar-nos, a nós, oficiais, a ordem de "mãos atrás das costas", mas os tanquistas puseram as mãos atrás, e eu os segui.

Do outro lado do palheiro havia um pequeno curral quadrado, com neve amontoada que não se derretera — e todo ele estava coberto de montes de excremento humano, tão densos e desordenados que não era fácil encontrar onde pôr os pés e acocorar-se. Apesar de tudo, conseguimos arranjar-nos, acocorando-nos os cinco em lugares diferentes. Dois soldados com armas postaram-se em frente de nós, acocorados, mas o sargento, não havia decorrido uns minutos, disse bruscamente:

— Depressa! Entre nós as necessidades fazem-se rapidamente!

Perto de mim estava acocorado um tanquista, de Rostov, primeiro-tenente, de elevada estatura e aspecto sombrio. O seu rosto estava enegrecido de pó metálico ou fumo, mas na face notava-se uma grande cicatriz vermelha.

— Onde é isso, "entre nós"? — perguntou ele com lentidão, não mostrando intenções de apressar-se de volta ao cárcere, que cheirava a óleo.

— Na seção de contra-espionagem do Smerch! — exclamou o sargento com voz sonora e altiva mais do que era necessário. (O pessoal da contra-espionagem adorava essa abreviatura de tão mau gosto — "Morte aos Espiões" —, que achavam atemorizante.)

— Entre nós também! — respondeu lento e pensativo o primeiro-tenente. O seu capacete estava descaído para o lado, deixando a descoberto o cabelo ainda por cortar. O seu traseiro, endurecido na linha de frente, estava virado para o vento fresco e agradável.

— Onde é isso, "entre nós"? — ladrou mais alto do que o necessário o sargento.

— No Exército Vermelho — respondeu com muita calma o primeiro-tenente, de cócoras, medindo com o olhar aquele paquiderme frustrado.

Tais foram os primeiros eflúvios da minha respiração de prisioneiro.

II HISTÓRIA DA NOSSA CANALIZAÇÃO

Quando se condena agora a "arbitrariedade do culto" insiste-se sempre, respectivamente, no que sucedeu nos anos de 1937 e 1938. E assim é como se começasse a imprimir-se na memória a idéia de que não teria havido prisões nem *antes* nem *depois,* mas apenas naqueles anos.

Não tendo à mão nenhuma estatística, não receio, no entanto, enganar-me ao dizer: a *torrente* de 37 e 38 não foi a única, nem sequer a principal, mas só talvez uma das três mais importantes que invadiram os tenebrosos e fedorentos tubos da nossa canalização carcerária.

Antes dela tinha havido a torrente dos anos 29 e 30, semelhante à do bom rio Obi, arrastando para a tundra e a taiga a pequena quantidade de quinze milhões de mujiques (se não foram mais). Mas os mujiques são pesssoas privadas do dom da palavra e da escrita, não redigiram protestos nem memórias. Em relação a eles, os juízes de instrução não trabalharam afanosamente noites e noites, com eles não gastaram processos verbais: bastaram as resoluções dos sovietes da aldeia. Essa torrente transbordou, foi absorvida pelos gelos eternos e mesmo os espíritos mais ardentes quase não se lembram dela. É como se mal tivesse ferido a consciência russa. E no entanto Stálin não cometeu (nem eu convosco) um crime maior.

E *depois* houve a torrente dos anos 1944 e 1946, semelhante à do bom rio Ienissei: pelos seus canos de esgoto foram expulsas *nações* inteiras, e ainda milhões e milhões de homens que ficaram (por nossa culpa!) prisioneiros na Alemanha e que regressaram depois. (Stálin cauterizava as feridas para que se formasse rapidamente uma crosta e não fosse necessário ao corpo do povo descansar, respirar e recompor-se.) Mas essa torrente era também formada na sua maioria por gente simples e que não escreveu memórias.

Entretanto, a torrente do ano 37 atingiu e levou ao arquipélago pessoas de alta posição, com um passado no Partido, com cultura, e em torno delas houve inúmeros feridos que ficaram nas cidades, muitos deles sabendo manejar uma pena, e todos agora juntos escrevem, falam e recordam o ano trigésimo sétimo! O Volga da amargura popular!

Mas ide falar aos tártaros da Criméia, aos calmucos ou aos

tchetchênios* do "ano trigésimo sétimo", e eles limitar-se-ão a encolher os ombros. E a Leningrado, o que é que lhe diz o ano 37, quando tinha havido antes o ano 35? Para os reincidentes ou para os habitantes da região do Báltico não foram mais penosos os anos 48-49? E se os guardiães do estilo e da geografia me censurarem por ter ainda omitido na Rússia alguns rios, assim como algumas torrentes não mencionadas, que eles me dêem papel! Outras torrentes formariam outros tantos rios.

É sabido que qualquer *órgão* que não se exercita se atrofia.

Assim, pois, se soubermos que os "Órgãos" (é com esta nojenta palavra que eles se denominam a si próprios) celebrados e exaltados deviam ser mantidos bem vivos, para que não perecesse um só tentáculo, mas ao contrário crescesse e se fortalecesse a sua musculatura, é fácil adivinhar que eles se exercitavam *permanentemente.*

Pelos tubos perpassava como que uma pulsação, com uma pressão ora mais elevada do que a prevista ora mais baixa, mas sem que nunca os canos da prisão se esvaziassem. O sangue, o suor e a urina em que ficávamos espremidos esguichavam incessantemente. A história dessa canalização é a história de um curso e de uma absorção ininterruptos. Simplesmente, as grandes enchentes se alternavam com as baixas, e novamente com outras enchentes; as torrentes transbordavam, ora maiores ora menores, afluindo ainda de todos os lados regatos, riachos, escoamentos por calhas e simples gotas isoladas, capturadas uma a uma.

A enumeração cronológica, que farei adiante, onde serão mencionados de igual modo as torrentes formadas por milhões de presos e os riachos formados por algumas imperceptíveis dezenas, é ainda muito incompleta, muito pobre, e limitada às minhas possibilidades de penetrar no passado. Torna-se aqui absolutamente necessário um complemento das pessoas conhecedoras dos fatos que continuam vivas.

Nessa enumeração o mais difícil de tudo é *começar.* Isso porque quanto mais a gente vai penetrando no tempo década após década, tanto menos testemunhas restam: o rumor extinguiu-se e eclipsou-se e os anais ou não existem ou estão fechados

---

* *Povos sacrificados em massa em 1944-45, por pretensa "colaboração" com os alemães. (N. do T.)*

a cadeado. E ainda porque não é completamente justo examinar aqui da mesma perspectiva os anos de mais grave exacerbação (a guerra civil) e os primeiros anos de paz, quando se esperava clemência.

Mas antes mesmo de pensar-se em guerra civil, era visível que a Rússia, com a estrutura da sua população, não estava preparada, naturalmente, para qualquer tipo de socialismo, que ela se encontrava coberta de lixo. Um dos primeiros golpes da ditadura foi vibrado aos cadetes* (no tempo do czar eles constituíam a peste extremista da Revolução; sob o poder do proletariado, a peste extremista da reação). Em fins de novembro de 1917, na primeira convocação, não realizada dentro do prazo, da Assembléia Constituinte, o partido dos cadetes foi declarado fora da lei, e iniciou-se a prisão dos seus membros. Quase na mesma época foram efetuadas as detenções da União da Assembléia Constituinte ** e da rede das universidades de soldados ***.

Dado o sentido e o espírito da Revolução, é evidente que nesses meses ficaram repletos os cárceres de Krest, de Butirki e de muitas outras prisões provinciais, abarrotados de grandes ricaços, de conhecidos líderes, de generais, de oficiais e ainda de funcionários dos ministérios e de todo o aparelho do Estado que não cumpriam as decisões do novo poder. Uma das primeiras operações da Tcheká foi, entretanto, a detenção do comitê de greve da União de Funcionários de Toda a Rússia. Uma das primeiras circulares da NKVD, datada de dezembro de 1917, dizia: "Em razão da sabotagem que é realizada pelos funcionários... há que mostrar a maior iniciativa local, *sem pôr de lado* os confiscos, os procedimentos coercitivos e as detenções [1]".

E embora V. I. Lênin exigisse, em fins de 1917, para o estabelecimento de "uma rigorosa ordem revolucionária", que "se esmagassem sem compaixão as veleidades de anarquia dos ébrios, dos rufiões, dos contra-revolucionários e outros personagens [2]", o que pareceria indicar que o principal perigo para a Revolução de Outubro advinha para ele dos bêbados, enquanto

---

* *Democratas constitucionais, que faziam parte, como os socialistas revolucionários, do governo provisório que sucedeu à revolução de fevereiro de 1917. (N. do T.)*

** *Organismo formado por comitês de apoio aos socialistas revolucionários da esquerda. (N. do T.)*

*** *Cursos noturnos para militares. (N. do T.)*

1 Mensageiro da NKVD, *1917, n.º 1, página 4. (N. do A.)*

2 *Lênin,* Obras escolhidas, *5.ª edição, tomo 35, página 68. (N. do A.)*

os contra-revolucionários eram relegados para a terceira posição, a verdade é que ele visava a objetivos bem mais amplos. No artigo "Como organizar a emulação" (de 7 e 10 de janeiro de 1918), V. I. Lênin proclamou como tarefa imediata, única e geral "a *limpeza* da terra russa de todos e quaisquer insetos nocivos[3]". E por "insetos" ele entendia não apenas todos os elementos estranhos, pela sua classe, mas também "os operários negligentes no trabalho", por exemplo, os da tipografia do Partido em Petrogrado. (O que faz a distância no tempo! Mesmo agora temos dificuldades em compreender como é que esses operários, logo que se tornaram "ditadores", imediatamente, mostraram tendência a ser preguiçosos no trabalho para si mesmos!)

Mais ainda: "...em que quarteirão de uma grande cidade, em que fábrica, em que aldeia... não há... sabotadores que se denominam intelectuais?[4]" É certo que Lênin, nesse artigo, previa diversas formas de limpeza dos insetos: aqui, prendê-los; ali, pô-los a limpar latrinas; mais além, "depois da saída do cárcere, dar-lhes um cartão amarelo"; enfim, "fuzilar os parasitas". Havia ainda a escolha entre a prisão "ou o castigo em trabalhos forçados mais duros[5]". Embora traçasse e sugerisse as orientações fundamentais do castigo, Vladímir Ilitch propunha uma emulação "das comunas e das comunidades", quanto às melhores formas de limpeza.

Não podemos neste momento investigar em pormenores quem era abrangido por essa ampla definição de "insetos": a população russa era demasiado heterogênea e nela havia pequenos grupos isolados, completamente negligenciáveis e hoje esquecidos. Insetos, naturalmente, eram as administrações das autarquias locais e provinciais. Insetos eram os membros das cooperativas. Bem como todos os que possuíam casas. Havia não poucos insetos entre os professores de ginásio. Todos os insetos que pertenciam às comissões paroquiais. Insetos também aqueles que cantavam nos coros religiosos. Insetos ainda todos os padres, quanto mais os frades e as freiras! E mesmo aqueles tolstoianos que, sendo admitidos ao serviço dos sovietes, ou, digamos, nas estradas de ferro, não prestavam o juramento obrigatório, por escrito, de defender o poder soviético de "armas" na mão, eram insetos declarados (e teremos ocasião de ver casos de julga-

---

[3] *Lênin,* Obras escolhidas, *5.ª edição, tomo 35, página 204. (N. do A.)*
[4] *Idem, ibidem, página 204. (N. do A.)*
[5] *Idem, ibidem, página 203. (N. do A.)*

mentos contra eles). E por falar em estradas de ferro, já que muitos insetos se acobertavam com a farda de ferroviários, era necessário dar a alguns deles uns "safanões", e a outros "açoites". Quanto aos telegrafistas, esses, não se sabe por quê, eram insetos encarniçados em massa, que não simpatizavam com os sovietes. Nada se podia dizer de bom quanto ao Comitê Executivo da União Sindical dos Ferroviários* (VIKJEL) nem quanto a outros sindicatos, freqüentemente repletos de insetos hostis à classe operária.

E os grupos que enumeramos formam já um enxame colossal, que exige vários anos de trabalho de limpeza.

Mas quantos intelectuais malditos, de todo gênero, quantos estudantes revoltados e quantos tipos estranhos, de pesquisadores da verdade, de inocentes dos quais já Pedro I se jactanciava de ter limpado a Rússia e que estorvam sempre um regime severo e coeso?

Não teria sido possível realizar essa operação sanitária, e muito menos em condições de guerra, se se tivessem utilizado formas processuais e jurídicas caducas. Adotou-se uma forma completamente nova: a *repressão sem julgamento;* e este ingrato trabalho foi assumido abnegadamente pela Vetcheká (Comissão Extraordinária de Toda a União), a Sentinela da Revolução, o único órgão punitivo da história da humanidade que reuniu nas mesmas mãos a investigação, a detenção, a instrução do processo, a acusação pública, o julgamento e a execução da *sentença.*

Em 1918, para acelerar de igual modo a vitória cultural da Revolução, começou-se a seqüestrar e a reduzir a cacos as relíquias sagradas, a confiscar os objetos do culto religioso. Eclodiram revoltas populares em defesa das igrejas e mosteiros saqueados. Aqui e ali dobraram sinos e os ortodoxos acorriam, alguns munidos de varapaus. Naturalmente, havia que eliminar alguns *in loco* e prender outros.

Refletindo agora sobre os anos 1918-1920, deparamos com certas dificuldades: devemos pôr em relação com as torrentes carcerárias aqueles que foram *eliminados* sem mesmo serem conduzidos ao cárcere? E em que categoria incluir todos aqueles que os comitês de camponeses pobres *eliminavam* atrás das cancelas dos sovietes da aldeia ou nos fundos dos quintais? Teriam acaso tempo de pôr os pés nas terras do arquipélago

---

* *Organização sindicalista, com uma direção menchevique e socialista-revolucionária, dissolvida em 1918. (N. do T.)*

os organizadores de conspirações que eram descobertas em série? (Em cada distrito as havia: em Riázan houve duas; em Kostromá, Vichni Volotchok e Velij, uma; em Kíev e em Moscou, várias; outras tiveram lugar em Sarátov, Tchernigov, Astrakhan, Seliguer, Smolensk, Bobruisk, na cavalaria de Tambov, Tchembar, Velikie Luki, Mstislavl, etc.) Ou não tiveram tempo disso e não estão portanto relacionados com o tema da nossa pesquisa? À exceção do esmagamento das famosas revoltas de Iaroslavl, Muroma, Ribinsk, Arzmas, acerca de alguns acontecimentos só conhecemos o nome; por exemplo, o fuzilamento em Kolpinsk em junho de 1918. Que se passou? De quem se tratava? Em que rubrica inscrevê-los?

Não é menor a dificuldade que há em determinar-se se se deve atribuir às torrentes carcerárias ou ao balanço da guerra civil as dezenas de milhares de *reféns,* esses cidadãos pacíficos que pessoalmente não são acusados de nada, nem sequer os seus nomes estando escritos a lápis numa lista, e que são votados ao extermínio, ao terror e à vingança do inimigo armado ou das massas revoltadas. Depois do dia 30 de agosto de 1918, a NKVD deu ordens *in loco* de "prender imediatamente *todos* os socialistas-revolucionários de direita, elementos da burguesia e da oficialidade, agarrando *considerável número de reféns*[6]".

(É como se, depois do atentado do grupo de Aleksandr Uliánov, tivesse sido preso não somente esse grupo mas também *todos* os estudantes da Rússia e *considerável número de funcionários administrativos do distrito.)* Por disposição do Conselho da Defesa, de 15 de fevereiro de 1919 — certamente sob a presidência de Lênin —, foi proposto à Tcheká e à NKVD que tomassem como *reféns* os camponeses de todos aqueles lugares em que a limpeza da neve nos caminhos de ferro "se realizava de forma insatisfatória" sob pena de que, "se a limpeza da neve não fosse efetuada, eles seriam fuzilados[7]". Por disposição do Conselho dos Comissários do Povo, de fins de 1920, foi decidido apreender também os social-democratas como reféns.

Mas, mesmo restringindo-nos só às detenções habituais, devemos assinalar que já na primavera de 1918 desbordava a ininterrupta torrente dos traidores socialistas, que devia prolongar-se por muitos anos. Todos esses partidos — socialistas-revolucionários, mencheviques, anarquistas, socialistas-populares —

6 Mensageiro da NKVD, *1918, número 21-22, página 1. (N. do A.)*

7 Os decretos do poder soviético, *volume 4, Moscou, 1968, página 627. (N. do A.)*

ter-se-iam fingido durante décadas revolucionários, afivelando apenas uma máscara e sendo deportados unicamente por isso: fingir. E só no curso impetuoso da Revolução se exteriorizou de súbito a essência burguesa desses social-traidores. Era natural proceder à sua detenção! Logo a seguir aos democratas-constitucionais, com a dissolução da Assembléia Constituinte, o desarme do regimento de Preobrajenski* e outros, começou a agarrar-se aos poucos (de início discretamente) os socialistas-revolucionários e os mencheviques. Após o 14 de junho de 1918, data da exclusão dos membros desses partidos de todos os sovietes, essas detenções tornaram-se mais numerosas e mais freqüentes. A partir de 6 de julho caíram também sob a alçada das perseguições os socialistas-revolucionários de esquerda, que mais perfidamente e durante mais tempo tinham fingido ser aliados do único partido proveniente do proletariado. E, desde então, bastava haver, em qualquer fábrica ou em qualquer bairro operário, agitação, descontentamento, greves (houve muitas logo no verão de 1918 e em março de 1921, abalando Petrogrado, Moscou e Kronstadt, contestando a NEP**) para que, simultaneamente ao apaziguamento, às concessões, à satisfação das legítimas reivindicações dos operários, a Tcheká apanhasse, sem ruído, à noite, os mencheviques e os socialistas-revolucionários, considerados como os verdadeiros culpados dessas agitações. No verão de 1918, em abril e em outubro de 1919, foram efetuadas numerosas detenções de anarquistas. No ano de 1919 foi presa a parte acessível do Comitê Central dos socialistas-revolucionários, e metida no cárcere de Butirki até ao seu julgamento em 1922. No ano de 1919 o conhecido tchekista Látsis escreveu sobre os mencheviques: "Esses indivíduos fazem mais do que estorvar-nos. É por isso que os arredamos do caminho, para não nos enredarem as pernas. . . Fechamo-los num lugar retirado, em Butirki, e obrigamo-los a permanecer lá enquanto não terminar a luta entre o trabalho e o capital[8]". Nesse mesmo ano de 1919 foram detidos também os delegados do Congresso dos Operários Sem Partido (motivo pelo qual este não se efetuou[9]).

---

* *Nome de um regimento de guarda, fundado por Pedro, o Grande, que tinha desempenhado um papel importante em fevereiro e em outubro de 1917, sendo favorável à Revolução. (N. do T.)*

** *Nova Política Econômica. (N. do T.)*

8 *M. I. Látsis* — Dois anos de luta na frente interna. *Exposição popular da atividade da Tcheká. Edit. do Estado, Moscou, 1920, página 61. (N. do A.)*

9 *Idem ibidem, página 60. (N. do A.)*

Desde 1919 ficou patente toda a desconfiança para com os nossos compatriotas que regressavam do estrangeiro (por quê?, com que missão?), prendendo-se assim os oficiais do Corpo Expedicionário Russo (na França).

No mesmo ano de 1919, após ter-se lançado uma ampla rede em torno de verdadeiras e falsas conspirações (a do Centro Nacional, a do Complô Militar), em Moscou, em Petrogrado e noutras cidades, fuzilava-se *por listas,* isto é, apanhavam-se pessoas em liberdade para um fuzilamento *imediato,* e varria-se pura e simplesmente para as prisões a intelectualidade, considerada *próxima dos cadetes.* E que significava "próxima dos cadetes"? *Não* monárquica e *não* socialista, ou seja: todos os círculos científicos, todos os universitários, todos os valores artísticos e literários, todo o corpo de engenharia. À exceção dos escritores extremistas, dos teólogos e dos teóricos do socialismo, toda a restante intelectualidade (uns oitenta por cento dela) era "próxima dos cadetes". Entre ela, segundo a opinião de Lênin, estava incluído por exemplo Korolenko — "um lamentável filisteu, preso a preconceitos burgueses [10]", "não sendo pecado que talentos destes passem uma semanazinha na prisão [11]". Temos conhecimento da existência de grupos isolados de presos através de protestos de Górki. Em 15 de setembro de 1919, Ilitch responde-lhe: ". . . está claro, também, que houve erros", mas "imagine que desgraça! Que injustiça!" E aconselha Górki "a não se consumir a choramingar pelos intelectuais apodrecidos [12]".

Em janeiro de 1919 foi introduzido o racionamento de víveres e para a sua requisição foram formados destacamentos. Em toda parte, nas aldeias, eles encontravam resistência — ora obstinadamente evasiva, ora violenta. O esmagamento dessa resistência (sem contar os fuzilados em flagrante) deu lugar a uma abundante torrente de presos, que se prolongou por dois anos.

Omitimos deliberadamente toda uma grande parte da trituração operada pela Tcheká, pelas seções especiais e pelos tribunais revolucionários: a que estava ligada ao avanço da linha de frente, com a ocupação de cidades e de regiões. A diretriz da NKVD, de 30 de agosto de 1918, visava aos esforços "para o fuzilamento incondicional de todos os implicados nas ações dos guardas brancos". Mas, por vezes, nós nos perdemos: como

---

10 Lênin, 5.ª edição, tomo 51, páginas 47-48. (N. do A.)
11 Idem, página 48. (N. do A.)
12 Idem, página 49. (N. do A.)

fazer uma delimitação correta? Se, no verão de 1920, quando a guerra civil ainda não terminara completamente em todos os lugares, mas já em todo o caso no Don, foi enviado desta região de Rostov e de Novotcherkassk um elevado número de oficiais Arkhanguelsk, e dali em barcas a Solóvki (diz-se que algumas delas foram afundadas no mar Branco, assim como aconteceu também no mar Cáspio), deverá relacionar-se tudo isso com a guerra civil ou com o início da construção pacífica? Se, nesse mesmo ano, em Novotcherkassk, foi fuzilada uma mulher de um oficial, que estava grávida, por esconder o marido, em que categoria incluir isso?

Há uma conhecida resolução do Comitê Central, de maio de 1920, "sobre a atividade subversiva na retaguarda". Sabemos por experiência que qualquer resolução desse tipo constitui um impulso para uma nova torrente de prisões por toda parte, sendo o sintoma exterior da torrente.

Uma dificuldade particular (mas também um mérito particular) na organização de todas estas levas coube até o ano de 1922 à ausência de um Código Penal, de qualquer sistema de leis penais. Só a consciência da justiça revolucionária (sempre infalível!) serviu de guia aos confiscadores e aos canalizadores, indicando-lhes quem trancafiar e o que fazer deles.

Neste resumo não vamos seguir as levas dos criminosos e delinqüentes de direito comum* e por isso recordaremos apenas que as desgraças e penúrias, criadas pelas condições de reorganização das administrações, das instituições e de todas as leis, só poderiam fazer aumentar, em grande número, os roubos, os atos de banditismo, de violência e de especulação. Embora estes não fossem tão perigosos para a existência da República, esta criminalidade comum foi também em parte perseguida e as respectivas levas aumentaram as torrentes de contra-revolucionários. Mas havia também uma *especulação* de caráter completamente político, como indicava o decreto do Conselho dos Comissários do Povo, assinado por Lênin em 22 de julho de 1918: "Os culpados de venda, açambarcamento ou armazenamento para fins comerciais de gêneros alimentícios monopolizados pela República (o camponês armazena o seu cereal para a venda com fins comerciais, mas qual é o seu comércio??? — A. S.) são punidos com a privação da liberdade por um prazo

---

* Ugolovnik *(delinqüente de direito comum): delinqüente habitual;* Bitovik *(criminoso de direito comum): criminoso ocasional. (N. do T.)*

não inferior a dez anos, seguidos de trabalhos forçados *pesados* e confisco de todos os seus bens".

A partir desse verão, o campo, que já fazia esforços acima das suas forças, passou a ceder ano após ano a colheita gratuitamente. Isto provocou revoltas camponesas[13] que eram esmagadas, sendo efetuadas novas detenções. No ano de 1920 nós temos conhecimento (ou antes, não temos. . .) do processo da União Camponesa da Sibéria. E é também em fins do ano de 1920 que se verifica o esmagamento preventivo da insurreição camponesa de Tambov. (Neste caso, não houve processo judicial.)

Mas a maior parte dos habitantes das aldeias de Tambov foram presos em junho de 1921. Nessa província abriram-se campos de concentração para as famílias dos camponeses que participaram no movimento insurrecional.

Parcelas de campo raso foram cercadas com postes de arame farpado e nelas foi mantida durante três semanas cada família suspeita de que algum dos seus homens fizesse parte dos insurretos. Se ao fim das três semanas esse homem não se apresentasse para resgatar a família com a sua cabeça, esta era desterrada[14].

Mas já antes, em março de 1921, tinham sido enviados para as ilhas do arquipélago, através do bastião de Trubetsk, da Fortaleza de São Pedro e São Paulo, os marinheiros sublevados da base de Kronstadt, à exceção dos que foram fuzilados.

Esse mesmo ano de 1921 começou com a ordem número 10, datada de 8 de janeiro de 1921, da Tcheká, que reza: "Intensificar a repressão contra a burguesia! Agora, que a guerra civil acabou, não afrouxar a repressão, mas intensificá-la!" As conseqüências disso na Criméia foram mostradas em alguns versos de Volóchin.

No verão de 1921 foi detido o Comitê Social de Ajuda às Vítimas da Fome (Kuskova, Prokópovitch, Kíchkin e outros), que tentava impedir o avanço de uma fome sem precedentes na Rússia. É que essas mãos que davam de comer *não eram as apropriadas* para vir em ajuda dos famintos. O já moribundo Korolenko, respeitado presidente desse comitê, caracterizou o seu esmagamento como "a pior das politiquices de um governo

---

13 *"A parte mais laboriosa do povo foi exterminada completamente" (Korolenko, carta de 10-8-21, enviada a Górki). (N. do A.)*

14 *Revista* Guerra e Revolução, *número 7-8, de 1926. Tukhatchévski: "A luta contra as insurreições contra-revolucionárias". (N. do A.)*

de politiqueiros" (carta enviada em 14 de setembro de 1921 a Górki). (E Korolenko recorda-nos também a significativa particularidade dos cárceres em 1921: "Estão todos impregnados de tifo". Assim o confirmam Skripníkova e outros, que estiveram detidos então.)

Nesse ano de 1921 já se efetuavam prisões de *estudantes* (por exemplo, na Academia Timiriázev, o grupo de E. Doiarenko) por críticas ao regime (não em público, mas em conversas entre colegas). Casos desses eram ainda poucos, pelo visto, pois esse grupo foi interrogado pelos próprios Menjinski e Iágoda.

No mesmo ano de 1921 as detenções foram ampliadas e incidiram sobre membros dos outros partidos. Mas já, falando com propriedade, tinham acabado definitivamente todos os partidos políticos da Rússia, à exceção do vencedor. (Ah! quem boa cama fizer...) E para que o desmoronamento desses partidos fosse irreversível era ainda necessário que se destroçassem os próprios membros desses partidos, os corpos desses membros.

Nenhum cidadão do Estado russo que tivesse sido membro de outro partido político que não o bolchevique escapava a esse destino: estava condenado (se não conseguisse, como Maíski ou Vichinski, passar a tempo para os comunistas). Podia não ser preso na primeira rodada, podia sobreviver, segundo o grau da sua periculosidade, até 1922, 1932 ou 1937, mas as listas estavam guardadas, ia chegar a sua vez, a sua vez aproximava-se, detinham-no ou convocavam-no amavelmente, fazendo-lhe uma única pergunta: fez parte ou não... de... até...? (Era costume ser interrogado sobre a sua atividade hostil, mas a primeira pergunta decidia tudo, como é claro agora, decorridos decênios.) Em seguida, a sua sorte podia variar. Uns caíam rapidamente numa das célebres prisões centrais, que estavam bem conservadas, e alguns socialistas foram até parar às mesmas celas, com os mesmos guardas que já tinham conhecido antes. A outros, foi-lhes proposto o desterro, mas não por muito tempo — uns dois ou três anos. Ou então algo mais suave: uma restrição à liberdade de deslocação, escolhendo *ele próprio* o seu lugar de residência, com a condição de ser tão amável que se sujeitasse a um controle, aguardando a vontade da GPU (Administração Política do Estado).

Esta operação prolongou-se por muitos anos, porque a condição principal era o silêncio e a discrição. O que importava, rigorosamente, era limpar Moscou, Petrogrado, os portos, os centros industriais e depois as simples províncias, de todas as

outras espécies de socialistas. Isto exigiu uma paciência silenciosa e de Jó, cujas regras eram inteiramente incompreensíveis para os contemporâneos e de cujos contornos só agora podemos dar-nos conta. Que inteligência tão previdente era essa que planejou tudo isso? Que mãos tão cuidadosas eram essas que, sem perder um instante, manipulavam as fichas? Aquele que tinha cumprido três anos era tirado de um monte dessas fichas e colocado suavemente noutro. Aquele que tinha estado numa central era enviado para o desterro (e o mais longe possível). Aquele que tinha residência fixa era também mandado para o desterro (mas fora dos limites da residência fixa). Aquele que já estava no desterro era desterrado para outro lugar e depois novamente transferido para uma central (já outra). A paciência, sempre a paciência, reinava nesse jogo de paciências estendidas sobre a mesa. E sem ruído, sem clamor, gradualmente, iam desaparecendo os dos outros partidos, perdendo todas as ligações com os lugares e as pessoas onde antes eram conhecidos, eles e a sua atividade revolucionária. E assim, imperceptível e inflexivelmente, se preparava a destruição daqueles que noutros tempos se enfureciam nos comícios de estudantes; daqueles que com orgulho faziam retinir os grilhões czaristas [15].

Nesta operação da Grande Paciência foi exterminada a maioria dos velhos presos políticos, pois era precisamente aos socialistas-revolucionários e aos anarquistas, e não aos social-democratas, que os tribunais czaristas impunham as penas mais severas; a eles, que constituíam justamente a antiga população das deportações.

A regularidade do extermínio era, entretanto, justa: nos anos 20 tinham-lhes proposto assinar retratações escritas dos seus partidos e das suas ideologias. Alguns recusaram-se e caíram assim, naturalmente, na primeira rodada do extermínio; outros fizeram essas retratações e conseguiram desse modo uns anos mais de vida. Mas chegou inexoravelmente a sua vez e inexoravelmente também as cabeças caíram dos seus ombros [16].

---

[15] *Em 29 de junho de 1921, Korolenko escrevia a Górki: "A história registrará, um dia, que a revolução bolchevique reprimiu os revolucionários e os socialistas autênticos empregando os mesmos métodos que o czarismo, isto é, métodos puramente policiais. (N. do A.)*

[16] *Às vezes lemos no jornal um pequeno artigo e ficamos boquiabertos: O* Izvéstia *de 24 de maio de 1959 contava que um ano após o advento de Hitler ao poder Maximilian Hauke foi detido por pertencer... não a um partido qualquer, mas ao Partido Comunista. Aniquilaram-no? Não, condenaram-no a dois anos. Depois disso, certamente, teve uma nova con-*

Na primavera de 1922, a Comissão Extraordinária para a Luta contra a Contra-Revolução e a Especulação, que acabava de ser cognominada GPU, decidiu intervir nos assuntos religiosos. Faltava ainda levar a cabo a "revolução eclesiástica": substituir a hierarquia e colocar em seu lugar outra que estendesse uma só orelha para o céu e a outra para a Lubianka. Os clérigos da Igreja Viva* tinham prometido que seria assim, mas sem ajuda exterior eles não podiam dominar o aparelho religioso. Por essa razão foi preso o Patriarca Tíkhon e montaram-se dois ruidosos processos, seguidos de fuzilamentos: em Moscou, o dos propagadores do apelo do patriarca; em Petrogrado, o do Metropolita Veniámin, que punha obstáculos à transmissão do poder religioso aos partidários da Igreja Viva. Nas províncias e distritos, aqui e acolá, foram presos os metropolitas e os bispos, e logo a seguir aos peixes gordos chegou como sempre a vez dos miúdos: os arciprestes, monges e diáconos, acerca dos quais já a imprensa nada noticiava. Todos aqueles que não prestavam juramento de fidelidade ao impetuoso movimento renovador da Igreja Viva eram detidos.

Os sacerdotes eram parte obrigatória de todas as levas anuais de prisioneiros, e os seus cabelos grisalhos brilhavam, de quando em quando, no caminho rumo a Solóvki.

Nos primeiros anos da década de 20 caíram também seitas de teosofistas, místicos, espiritistas (um grupo como o do Conde Pahlen fazia relatórios das suas conversas com os espíritos), sociedades religiosas e filósofos do círculo de Berdiaiev. Entrementes, foram presos e desbaratados os "católicos orientais" (discípulos de Vladímir Solóviov), assim como o grupo de A. I. Abrikóssova. Quanto aos simples católicos e aos sacerdotes polacos, entregavam-se à prisão eles mesmos.

No entanto, o extermínio radical da religião no nosso país, ao longo dos anos 20 e 30, tendo sido um dos objetivos importantes do grupo GPU-NKVD, só poderia ser conseguido com a detenção em massa dos próprios ortodoxos. Apanhavam-se, encarceravam-se e deportavam-se de modo intensivo os frades e freiras, que tanto enegreciam a vida russa. Detinham-se e

---

denação? Não, foi posto em liberdade. Compreenda-se isso como se queira! Ele continuou a viver em seguida tranqüilamente, organizando a atividade clandestina. O artigo destinava-se a pôr em relevo a sua intrepidez. (N. do A.)

* *A "Igreja Viva", ou "Renovada", foi criada em 1922, em oposição ao Patriarca Tíkhon, defendendo uma colaboração estreita com o poder soviético, sem ter contudo um grande êxito. (N. do T.)*

julgavam-se os círculos de fiéis particularmente ativos. Estes círculos ampliavam-se sempre e logo eram varridos os crentes, que eram pessoas idosas, sobretudo mulheres, mais obstinadas na sua fé, às quais, durante os longos anos de deportação e de campos de concentração, se passou também a chamar *freiras*.

Considerava-se, é certo, que todos eram presos e julgados, ao que parece, não pelo seu credo, mas por manifestarem convicções em voz alta e por darem uma educação às crianças nesse espírito. Como escreveu Tánia Khodkévitch:

> *Podes orar* livremente,
> *Mas... de modo que só*
> *Deus te escute.*

(Por este verso ela foi condenada a dez anos.) As pessoas convictas de possuírem a verdade espiritual deveriam ocultá-la dos... seus filhos!!! A educação religiosa das crianças, nos anos 20, passou a ser qualificada como um delito, abrangido pelo artigo 58-10, isto é, como agitação contra-revolucionária! É certo que no tribunal havia ainda a possibilidade de abjurar da religião. Embora não fosse freqüente, casos havia em que o pai abjurava e permanecia para criar os filhos, enquanto a mãe ia para Solóvki (durante todas estas décadas as mulheres revelaram uma grande firmeza de convicção). Todas as religiosas pegavam *dez anos,* que era então a condenação mais longa.

(Ao limpar as grandes cidades para a sociedade pura que se avizinhava, foram misturadas nesses mesmos anos, especialmente em 1927, as freiras com as prostitutas, também enviadas a Solóvki. Às aficionadas à pecadora vida terrena reservava-se uma leve condenação de *três anos*. O ambiente das levas, as expedições e a própria Solóvki não as impediam de ganhar a vida na sua alegre profissão, com os chefes e os soldados da escolta, regressando ao cabo de três anos, com as suas pesadas malas, ao ponto de partida. Quanto às "religiosas", era-lhes vedada a possibilidade de um dia regressarem às suas crianças e à sua terra natal.)

Desde os primeiros anos da década de 20 apareceram correntes puramente nacionais, a princípio reduzidas relativamente às respectivas regiões fronteiriças, e ainda mais relativamente às dimensões russas: mussavatistas do Azerbaidjão, *dachnakos* da Armênia, mencheviques da Geórgia e *bassmatches* da Turcmênia, que ofereceram resistência à implantação

na Ásia central do poder soviético (os primeiros sovietes deputados, operários, camponeses e soldados tinham uma maioria numérica de russos e eram interpretados como um poder russo). Em 1926 foi totalmente aprisionada a sociedade sionista Hejaluts, que não tinha sabido elevar-se até o irresistível impulso do internacionalismo.

Entre muitos daqueles que pertencem às gerações seguintes firmou-se a idéia de que os anos 20 constituíram uma espécie de orgia de liberdade, que nada limitava. No presente livro havemos de encontrar pessoas que ressentiram os anos 20 de maneira absolutamente diferente. Os estudantes sem partido batiam-se nesse tempo pela "autonomia das escolas superiores", pelo direito de realizar assembléias, pela não inclusão nos programas de estudo de um excesso de matérias políticas. Como resposta sobrevinham as detenções, detenções estas que aumentavam nas vésperas das festas. Por exemplo, no 1.º de Maio de 1924. Em 1925, um certo número de estudantes de Leningrado (cerca de uma centena) foi condenado a três anos de prisão, em isolamento "político", pela leitura de *O Mensageiro Socialista* * e pelo estudo de Plekhánov (o próprio Plekhánov, quando jovem, por um discurso pronunciado contra o governo, junto da catedral de Kazan, pegara muito menos). Em 1925, começaram as detenções dos primeiros (jovens) trotskistas. Dois ingênuos soldados vermelhos que, seguindo a tradição russa, começaram a angariar fundos para os presos trotskistas foram também atirados às prisões políticas e mantidos incomunicáveis.

Compreende-se que não escapassem ao golpe as classes exploradoras. Em toda a década de 20 continuou o flagelo de antigos oficiais que tinham escapado com vida: os brancos que não tinham merecido o fuzilamento durante a guerra civil, os brancos-vermelhos, que haviam lutado dos dois lados, e ainda os czaristas-vermelhos, que não tinham servido todo o tempo no Exército Vermelho ou tinham tido interrupções de serviço, não atestadas por documentos. Dizemos flagelo porque não os condenavam imediatamente, mas passavam-nos — sempre a paciência! — por verificações intermináveis, tornando-os presa de limitações no trabalho, no lugar de residência, e detendo-os, soltando-os e novamente detendo-os, até irem gradualmente parar nos campos de concentração, de onde não voltariam mais.

Entretanto, com o envio de oficiais para o arquipélago, o

---

* *Revista publicada em Paris, de emigrados mencheviques. (N. do T.)*

problema não ficava concluído, não fazendo mais do que começar: restavam ainda, na verdade, as mães dos oficiais, as suas esposas e filhos. Procedendo a uma análise social infalível, era fácil imaginar qual seria o estado de espírito destes após a prisão dos chefes de família. Desse modo, provocavam eles próprios, muito simplesmente, a sua detenção! E eis que a torrente engrossa.

Nos anos 20 houve uma anistia para os cossacos que participaram na guerra civil. Muitos regressaram da ilha de Lemnos ao Kuban e receberam terras. Mas posteriormente foram todos detidos.

Os antigos funcionários do Estado que se tinham escondido estavam sujeitos a ser agarrados. Eles camuflaram-se habilmente, aproveitando-se do fato de que na República ainda não existia o sistema do passaporte interior nem da carteira de trabalho, e foram-se introduzindo nas instituições soviéticas. Nesse sentido eram de muita ajuda palavras fortuitas, os conhecimentos casuais, as denúncias... perdão, os "relatórios de combate" dos vizinhos. (Por vezes tratava-se de pura casualidade. Um tal Mova, por simples afeição de colecionador, tinha guardada em casa uma lista dos antigos funcionários jurídicos da província. Em 1925 isso foi descoberto casualmente — todos foram detidos e fuzilados.)

Assim se iam formando torrentes com o fundamento da "ocultação da origem social" e da "antiga posição social". Essas expressões eram interpretadas num sentido amplo. Os nobres eram presos simplesmente por terem sido nobres. O mesmo se passava com as respectivas famílias. Finalmente, sem grande preocupação de clareza, eram presos também os *nobres a título pessoal* *, isto é, pessoas que em outros tempos tinham terminado estudos universitários. E, uma vez detidos, não se podia voltar atrás: o que estava feito estava feito. Uma Sentinela da Revolução não se engana.

(Mas não, há sempre um ou outro caminho para voltar atrás! São as finas e tênues *contracorrentes,* que às vezes no entanto conseguem irromper. E mencionaremos aqui a primeira. Entre as esposas e filhos de nobres oficiais havia não raramente mulheres que se destacavam pelas suas qualidades próprias e

* *Os "nobres a título pessoal" (isto é, cuja "nobreza" era intransmissível) eram todos aqueles que possuíam um* grau, *tanto civil como militar. (N. do T.)*

pelo seu aspecto atraente. Algumas souberam talhar para si uma minúscula torrente em direção contrária — uma contracorrente! Eram todas aquelas que se lembravam de que a vida nos é dada uma só vez e que não há nada de mais precioso do que a vida. Ofereceram-se à Tcheká-GPU como informantes, como colaboradoras, como não importa o quê — e as que lhes agradaram foram admitidas. Tornaram-se as informantes mais proveitosas! Ajudaram muito a GPU, que teve enorme confiança nelas. Há que citar aqui os nomes da última Princesa Viazêmskaia, a mais notável das denunciantes do período posterior à Revolução — o seu filho foi também delator em Solóvki; e o de Konkórdia Nikoláievna Iossé, que era, supõe-se, uma mulher brilhante: o seu marido, um oficial, foi fuzilado na sua frente, e a ela mandaram-na para Solóvki, mas acabou por pedir para regressar e, perto da grande Lubianka, dirigia um salão que muito gostavam de freqüentar os importantes personagens daquela casa. Só em 1937 voltou a ser detida com seus clientes, Iágoda e outros.)

É cômico dizê-lo, mas por uma tradição absurda conservava-se a Cruz Vermelha Política da Velha Rússia*. Havia três seções: a de Moscou (E. Péchkova, Vinaver), a de Kharkov (Sandormírskaia) e a de Petrogrado. A de Moscou portava-se decentemente e até 1937 não foi dissolvida. Mas a de Petrogrado (o velho populista Chévtsov, o coxo Hartman e Kotcheróvski) comportava-se de maneira insuportável, insolente, metia-se em assuntos políticos, procurava apoiar-se nos antigos prisioneiros da Fortaleza de Chlisselburg (Novorusski, do grupo de Aleksandr Uliánov) e ajudava não só os socialistas como também os democratas-constitucionais, contra-revolucionários. Foi fechada em 1926 e os seus dirigentes presos e deportados.

Os anos passam e o que não se refresca apaga-se nas nossas memórias. Envolto nas brumas da distância, o ano de 1927 é por nós evocado como um ano despreocupado e farto da NEP, não suprimida ainda. Mas foi um ano tenso, abalado pelas explosões dos jornais, sendo vivido como a véspera da guerra pela revolução mundial. O assassinato do representante plenipotenciário soviético em Varsóvia inundou as colunas dos jornais, em junho. Maiakóvski consagrou-lhe quatro ribombantes poemas.

Mas, por pouca sorte, a Polônia apresentou desculpas e

* *Organização de solidariedade aos presos políticos. (N. do T.)*

o assassino isolado de Voikov[17] foi preso nesse país. Como e contra quem, pois, cumprir o apelo do poeta:

Com união,
firmeza
e justiça
lancemo-nos a ele,
torçamos-lhe o pescoço!

A quem justiçar? A quem torcer o pescoço? Imediatamente começa o *Caso Voikov*. Como sempre, quando há agitações e tensões, são detidos os de costume: os anarquistas, os socialistas-revolucionários, os mencheviques e ainda a *intelliguêntsia* pura e simples. Na verdade, a quem mais deter, nas cidades? Não a classe operária! Mas a intelectualidade "próxima dos cadetes", essa já tinha levado uns bons safanões, a partir de 1919. Não teria chegado a hora de sacudir a intelectualidade que se fazia passar por progressista? De passar pelo crivo os estudantes? Basta, outra vez, folhear Maiakóvski:

Pensa no Komsomol
ao longo dos dias,
semanas seguidas.
As suas fileiras,
examina-as
mais atentamente.
Serão todos
Komsomóis
de verdade?
Ou serão apenas
Komsomóis mascarados?

Uma concepção do mundo cômoda dá origem a um cômodo termo jurídico: o de *profilaxia social*. Ei-lo adaptado, aceito e compreendido imediatamente por todos. (Um dos chefes da construção do canal do mar Branco, Lázar Kógan, dirá desenvoltamente: "Eu acredito que você não é culpado de nada pes-

---

[17] *Segundo parece, este monarquista matou Voikov por vingança pessoal: comissário do Comitê Regional de Abastecimento dos Urais, Voikov teria dirigido, em junho de 1918, a destruição dos vestígios do fuzilamento da família czarista (esfacelamento e serração dos ossos, cremação e dispersão das cinzas). (N. do A.)*

soalmente. Mas é uma pessoa culta e deve pois compreender que estamos realizando uma vasta profilaxia social!" Na realidade, quando deter esses companheiros de viagem inseguros, toda essa intelectualidade vacilante e apodrecida, senão nas vésperas da guerra pela revolução mundial? Quando a grande guerra eclodir já será tarde.

E em Moscou começa uma limpeza planificada de quarteirão em quarteirão. Em todos os lugares alguém deve ser arrebanhado. A palavra de ordem é: "Daremos um murro na mesa tão forte que o mundo estremecerá de horror!" Para a Lubianka, para Butirki correm velozes, mesmo de dia, carros-prisões, automóveis, caminhões fechados e carroças abertas, puxadas a cavalos. Há engarrafamentos nos portões e engarrafamentos no pátio. O tempo não chega para fazer os descarregamentos e os registros. (Sucede o mesmo em outras cidades. Em Rostov-sobre-o-Don, no porão da casa 33 era tal o aperto no chão, nesses dias, que o recém-chegado Boiko quase não encontrou lugar para sentar-se.) Tomemos um exemplo típico dessa torrente: algumas dezenas de jovens organizaram serões musicais, para os quais não pediram a autorização da GPU. Ouvem música e bebem chá. Para pagar o chá angariam uns quantos copeques. É claro que a música constitui uma dissimulação do seu estado de espírito contra-revolucionário e que o dinheiro angariado não é de modo algum para o chá, mas para vir em ajuda da burguesia mundial agonizante. *Todos* eles são presos e condenados de três a dez anos (Anna Skrpníkova pega cinco) e os organizadores que não reconhecem a culpa (Ivan Nikoláievitch Varentsov e outros) *fuzilados!*

Ou então, nesse mesmo ano, reúnem-se algures em Paris os ex-estudantes de um liceu, emigrados, a fim de comemorar a tradicional festa consagrada a Púchkin. Os jornais deram notícias do fato. Trata-se, evidentemente, de um desígnio do imperialismo, mortalmente ferido. E eis que são detidos *todos* os estudantes desse liceu que restavam ainda na URSS e, ao mesmo tempo, os estudantes da Escola de Direito (outro estabelecimento também privilegiado).

O Caso Voikov reduz-se por enquanto às dimensões do *Slon**. Mas o crescimento maligno do arquipélago Gulag já tinha começado, e bem depressa ele dispersará as suas metástases por todo o corpo do país.

** Em russo, literalmente, "elefante". Referência ao campo de Solóvki. (N. do T.)*

Provando um novo fruto, surgiu um novo apetite. Há muito que é tempo de destruir a intelectualidade técnica, que tem demasiadas pretensões de ser insubstituível e que não está habituada a cumprir imediatamente as ordens.

Sejamos claros: nós nunca depositamos confiança nos engenheiros, esses lacaios dos antigos patrões capitalistas. Desde os primeiros anos da Revolução que os colocamos sob um são controle, submetidos à desconfiança da classe operária. Entretanto, no período da reconstrução, mesmo assim nós próprios lhes permitimos que trabalhassem na nossa indústria, concentrando toda a força da luta de classes na outra intelectualidade. Mas, à medida que amadurecia a nossa diretriz econômica (o Conselho Supremo de Economia e a Comissão de Planejamento do Estado) e aumentava o número de planos, começando estes a entrar em conflito e a seguir-se uns aos outros — mais claro se tornava a natureza sabotadora do velho Corpo de Engenharia, a sua falsidade, astúcia e venalidade. A Sentinela da Revolução franzia mais os sobrolhos e para onde quer que olhasse com os olhos franzidos logo descobria um ninho de sabotagem.

Este trabalho de saneamento pôs-se em marcha no ano de 1927 e logo foi mostrando ao proletariado todas as causas dos nossos fracassos econômicos e das nossas carências. No Comissariado do Povo dos Transportes (dos ferroviários) havia sabotagem: por isso era difícil conseguir passagem nos trens e se sucediam as interrupções na distribuição de mercadorias. Na União Estatal de Centrais Elétricas de Moscou havia sabotagem: por isso se verificavam cortes de luz. Na indústria petrolífera havia sabotagem: por isso não se conseguia querosene. Na indústria têxtil havia sabotagem: por isso as pessoas que trabalhavam não tinham o que vestir. Na indústria do carvão havia uma sabotagem colossal: por isso gelávamos de frio! Na do metal, na da guerra, na da construção de maquinaria, na da construção de barcos, na química, na do ouro e da platina, na de irrigação — por todo lado havia abscessos purulentos de sabotagem! Por todos os lados surgiam inimigos com réguas de logaritmos! A GPU sufocava a tarefa de agarrar e de carregar sabotadores. Nas capitais e nas províncias atuavam as comissões de União de Administração Política do Estado e os tribunais proletários, revolvendo essa imundície viscosa, e todos os dias, soltando ais de surpresa, os trabalhadores eram informados (ou não eram) das últimas bandalheiras dos sabotadores, através dos jornais. Soube-se dos casos de Paltchinski, de Von Mekk, de

Vielitchko[18] e de tantos outros anônimos. Cada ramo da indústria, cada fábrica e cada oficina de artesanato devia detectar a sabotagem que havia no seu seio, e logo que punham mãos à obra imediatamente a descobriam (com a ajuda da GPU). Se algum engenheiro formado antes da Revolução não tinha sido desmascarado como traidor, podia-se com toda a certeza suspeitar de que o era.

E que refinados malfeitores eram estes velhos engenheiros, com que diversidade de manhas satânicas sabiam sabotar! Nikolai Karlóvitch von Mekk, do Comissariado do Povo dos Transportes, fingia-se muito devotado à construção da nossa economia, falando longa e animadamente acerca dos problemas econômicos da construção do socialismo e gostando de dar conselhos. O pior dos seus conselhos foi este: aumentar as composições de mercadorias, não temer que fossem muito carregadas. Por intervenção da GPU, Von Mekk foi desmascarado (e fuzilado), pois visava ao desgaste das linhas férreas, dos vagões e das locomotivas, de modo a deixar a República, em caso de intervenção, sem estradas de ferro! Entretanto, passado pouco tempo, quando o novo comissário do povo dos Transportes, o Camarada Kaganóvitch, decidiu precisamente autorizar o carregamento das composições de mercadorias com pesadas cargas, até duas ou três vezes mais pesadas (tendo por essa descoberta, ele e outros dirigentes, recebido a Ordem de Lênin), os maldosos engenheiros intervieram, agora já no papel de *limitadores* (clamavam que isso era demasiado, que desgastava ruinosamente o material rolante, e foram justamente fuzilados pela sua falta de confiança nas possibilidades dos transportes socialistas).

Esses *limitadores* foram fustigados durante vários anos, pois em todos os ramos da indústria insurgiam-se com as suas fórmulas e cálculos, não querendo compreender como o entusiasmo do pessoal ajuda as pontes e as máquinas. Durante essa época toda a psicologia popular é posta em xeque: ridiculariza-se a circunspecta sabedoria e vira-se do avesso o velho aforismo de que "devagar se vai ao longe..." A única coisa que dificulta por vezes a prisão dos velhos engenheiros é que não há substitutos preparados. Nikolai Ivánovitch Ladijenski, engenheiro-chefe das fábricas de guerra de Ijevsk, é primeiro detido pela sua

---

[18] *A. F. Vielitchko, oficial engenheiro, antigo professor da Academia Militar, e general-chefe do Ministério da Guerra czarista, onde dirigia a administração dos transportes. Foi fuzilado. Ah! quanta falta nos fez em 1941! (N. do A.)*

"teoria das limitações", "pela fé cega no coeficiente de segurança" (segundo a qual ele considerava insuficientes as verbas destinadas por Ordjonikidze para a ampliação das fábricas [19]). Depois, é mudada a prisão para detenção domiciliar, ordenando-se-lhe que trabalhe no seu antigo posto (sem ele tudo se desmoronava). Ele põe as coisas em ordem. Mas as verbas continuaram a ser como antes insuficientes — e eis que de novo vai parar na prisão, desta vez pela "má utilização das verbas": se elas não chegaram, isso fora devido a que o engenheiro-chefe não as soube aplicar bem! Ladijenski morre ao fim de um ano, num bosque, condenado ao trabalho do corte de árvores.

Assim, nuns poucos anos, foi quebrada a coluna vertebral do velho Corpo de Engenharia russo, glória do nosso país, que eram os heróis preferidos de Gárin-Mikháilovski e Zamiátin.

Compreende-se que nesta leva, como em qualquer outra, fossem arrastadas também outras pessoas, chegadas e relacionadas com os condenados, como por exemplo... não queria manchar a face de bronze dourado da Sentinela, mas tem que ser... os delatores relutantes. Esta torrente, inteiramente secreta, que nunca apareceu em público, pedimos ao leitor que a guarde todo o tempo na memória — especialmente na primeira década revolucionária: então, as pessoas tinham ainda o seu orgulho e muitas não haviam adquirido ainda o conceito de que a moral fosse uma coisa relativa, com um estreito sentido de classe, havendo pessoas que se recusavam corajosamente a prestar o serviço proposto, sendo todas castigadas sem compaixão. Certa vez convidaram a jovem Magdalena Edjubova para ser espiã no círculo de engenheiros, e não só ela se recusou como foi também contar tudo ao seu tutor (devia espioná-lo a ele próprio): este foi logo detido e nos interrogatórios reconheceu tudo. Edjubova, que estava grávida, foi presa "por revelar uma operação secreta", e condenada ao fuzilamento. (Entretanto, ela acabou por passar 25 anos na prisão, após uma série de condenações.) Nesse mesmo ano de 1927, embora num círculo completamente diferente — entre os destacados comunistas de Kharkov — Nadiejda Vitalievna Surovets negou-se também a espionar e a denunciar os membros do governo ucraniano, pelo que foi detida pela GPU e só um quarto de século depois, já meio morta, conseguiu emer-

---

[19] *Conta-se que Ordjonikidze falava com os velhos engenheiros pondo em cima da sua mesa de trabalho duas pistolas: uma à direita, outra à esquerda. (N. do A.)*

gir à tona em Kolimá. E sobre os que não conseguiram vir à superfície, sobre esses nada sabemos.

(Nos anos 30 essa torrente de insubmissos reduz-se a zero: uma vez que se exige de alguém ser informante, isso significa que é obrigatório, que não se pode escapar! "Não é com um puxão que se consegue partir a forca." "Se não for eu será outro." "Mais vale um bom como eu do que outro mau." Além disso, se amontoam voluntários para entrar na polícia, havendo-os de sobra: é algo glorioso, ao mesmo tempo que vantajoso.)

Em 1928 tem lugar em Moscou o sensacional Processo Judicial das Minas. Sensacional pela publicidade que lhe é dada pelas estonteantes confissões e pela autoflagelação dos acusados (embora ainda não todos). Ao cabo de dois anos, em setembro de 1930, são julgados com enorme estrépito os *organizadores da fome* (São eles! São eles! Ei-los!): quarenta e oito sabotadores da indústria alimentícia. Em fins de 1930 realiza-se, mais sensacionalmente ainda, e já impecavelmente ensaiado, o julgamento do Partido Industrial: aqui, todos os acusados, do primeiro ao último, lançam sobre si mesmos qualquer absurda abjeção, e eis que, perante os olhos dos trabalhadores, como um monumento cujo véu caiu, se eleva a maior e mais engenhosa construção de todas as sabotagens jamais descobertas, atribuídas numa diabólica ligação a Miliúkov, Riabúchinski, Deterding e Poincaré.

Agora que começamos a penetrar nos meandros da nossa prática judicial, compreendemos que os julgamentos públicos são simples montes de toupeiras à superfície, quando o essencial da pesquisa se passa subterraneamente. Em tais processos só aparece uma pequena parte dos detidos: apenas aqueles que estiveram de acordo, contra a sua vontade, em se denunciarem a si e aos outros, esperançados numa maior indulgência. A maioria dos engenheiros, aqueles que mostravam valentia e sensatez, repeliram o absurdo dos juízes de instrução — e esses foram julgados em silêncio, sendo-lhes aplicados a eles — que não reconheceram a acusação — os mesmos *dez anos* pela comissão da GPU.

As torrentes fluem no subsolo, pelas canalizações, arrastando a vida florescente da superfície.

É precisamente a partir desse momento que é dado um passo importante para a participação de todo o povo na canalização, para a distribuição por todo o povo da responsabilidade

em relação a ela: aqueles cujos corpos ainda não caíram nas bocas da canalização, aqueles que ainda não foram levados pelos tubos do arquipélago — esses devem desfilar à superfície com bandeiras, glorificando a sua sorte e regozijando-se com a repressão judicial. (Isto por precaução! As décadas passariam, a história recuperaria de novo os sentidos, mas os investigadores, os tribunais e os procuradores não seriam mais culpados do que eu e vós, caros concidadãos! Pois se temos a cabeça coberta de alguns cabelos brancos é porque na sua época votamos decorosamente *a favor*.)

A primeira prova foi tirada por Stálin a propósito dos *organizadores da fome* — e como é que essa prova não seria concludente, quando todos passavam fome na farta Rússia, quando todos perguntavam por toda parte por onde é que se extraviara o nosso rico pão? E eis que, em fábricas e instituições, antecipando-se às decisões do tribunal, os operários e os funcionários votam com cólera a favor da pena de morte contra os infames réus. E quando do julgamento do Partido Industrial realizaram-se já comícios e manifestações de toda a população (mobilizando os alunos das escolas). Eram milhões de pessoas marcando passo e gritando atrás das vidraças do edifício do tribunal: "À morte! À morte! À morte!"

Nesta fratura da nossa história ressoaram vozes solitárias de protesto ou de abstenção: era necessária muita coragem, no meio deste coro de bramidos, para dizer "não!", coragem em nada comparável à facilidade de hoje! (E mesmo hoje não se levantam muitas objeções.) Tanto quanto sabemos, todas essas vozes foram as desses tais intelectuais frágeis, sem espinha dorsal. Na reunião do Instituto Politécnico de Leningrado, o professor Dmítri Apollinárievitch Rojanski *absteve-se* (ele era, calcule-se, *em geral* contra a pena de morte, pois isso seria, como se diz em linguagem científica, um processo *irreversível*). Ali mesmo foi detido! O estudante Dima Olítski absteve-se também e ali mesmo também foi preso! Todos estes protestos foram asfixiados no berço.

Tanto quanto sabemos, a classe operária, de bigodes já brancos, aprovou essas execuções. Também tanto quanto sabemos, desde os fogosos Komsomóis até os chefes do Partido e os chefes dos exércitos lendários, toda a vanguarda foi unânime na aprovação dessas execuções. Célebres revolucionários, teóricos e dirigentes sindicais, sete anos antes da sua morte sem glória, saudavam esse bramido da multidão, sem adivinhar que o seu tempo também estava chegando, que bem depressa os seus nomes

seriam arrastados nesse bramido, aos gritos de *"imundície"* e de *"canalhas"*.

Entretanto, a caça aos engenheiros terminava precisamente aqui. Em começos de 1931, Iossif Vissariónovitch enunciou as "seis condições" da edificação econômica e aprouve a Sua Autocracia indicar como quinta condição: passar da política de repressão da velha intelectualidade técnica à política de atração e de preocupação com ela.

Preocupação com ela! Por onde se evaporou a nossa justa cólera? Para onde foram varridas as nossas justas acusações? Decorria então o julgamento dos sabotadores da indústria de porcelana (lá também tinha havido imundície!) e todos os acusados a uma só voz se denegriam a si próprios confessando-se culpados de tudo, quando de repente, todos do mesmo modo a uma voz, exclamaram: "Estamos inocentes!" E libertaram-nos!

(Nesse ano observou-se até uma pequena contracorrente: os engenheiros já condenados ou perseguidos foram restituídos à vida. Foi assim que regressou D. A. Rojanski. Não se poderá dizer que ele travou um duelo com Stálin? Que um povo corajoso e cívico não teria dado azo a que se escrevesse nem este capítulo, nem todo este livro?)

Havia já muito tempo que os mencheviques tinham caído por terra, mas nesse ano Stálin voltou a pisá-los (processo público do "Comitê Federal dos Mencheviques", com Groman, Sukhánov[20] e Iakubóvitch, em março de 1931, e mais tarde uns quantos dispersos, menos conhecidos, agarrados em segredo) e subitamente pôs-se pensativo.

Os povos do mar Branco dizem a respeito da preamar: a água *põe-se pensativa,* isto antes de começar a vazante. Mas é mau comparar a turva alma de Stálin com a água do mar Branco. Talvez ele nem se tenha posto de modo algum pensativo. Não chegou a haver vazante. Nesse ano teve contudo lugar ainda outro milagre. Em seguida ao processo do Partido Industrial preparava-se no ano de 1931 o grandíssimo processo do Partido Camponês do Trabalho: ao que parece teria existido (mas nunca

---

20 Trata-se do mesmo Sukhánov em cujo apartamento, em Petrogrado, às margens do Karpovka, com o seu conhecimento, em 10 de outubro de 1917, se reuniu o Comitê Central bolchevista, aí tomando a resolução quanto à insurreição armada. (Os guias das excursões mentem agora, ao afirmarem que foi sem seu conhecimento.) (N. do A.)

existiu!) uma enorme força, organizada clandestinamente, da intelectualidade rural, dos ativistas das cooperativas de consumo e agrícolas, bem como parte do campesinato evoluído, que se preparava para derrubar a ditadura do proletariado. No Processo do Partido Industrial já havia sido mencionado o Partido Camponês como tendo sido apanhado e sendo bem conhecido. O aparelho de investigação da GPU atuava sem falhas: já *milhares* de acusados tinham *confessado* pertencerem ao Partido Camponês do Trabalho, bem como os seus fins criminosos. Ao todo tinham-se indicado *duzentos mil* "membros". "À cabeça" do partido destacavam-se o economista agrário A. V. Tchaiánov; o futuro "primeiro-ministro" N. D. Kondrátiev; L. N. Makárov; Aleksei Doiarenko, professor da Academia Timiriázev, futuro "ministro da Agricultura[21]". E, de repente, uma bela noite, Stálin *mudou de idéia*. Por quê, talvez nunca o saibamos. Terá querido rogar pela salvação da sua alma? Era cedo demais. Ter-se-ia manifestado o seu sentido de humor, dado que verdadeiramente aquilo era tudo tão monótono que estava farto? Ninguém se atreverá a censurar Stálin por um tal sentido de humor! O mais provável é ele ter calculado que em breve todo o campo iria morrer de fome, e não apenas os duzentos mil réus, não valendo pois a pena perder tempo. Foi assim suprimido o Partido Camponês do Trabalho e todos os que tinham "confessado" foram convidados a *retratarem-se* das confissões feitas (podemos imaginar a sua alegria!), sendo em vez disso arrastados ao tribunal só o pequeno grupo Kondrátiev-Tchaiánov[22]. (No ano de 1941 acusou-se Vavílov, já sem forças, com o fundamento de que o Partido Camponês do Trabalho existia, e de que ele, Vavílov, o encabeçava secretamente.)

Os parágrafos apertam-se, apertam-se os anos, e não há maneira de enunciar por ordem o que teve lugar (mas a GPU cumpria magnificamente a tarefa! a GPU nada deixava passar!) Não obstante, guardemos sempre na memória:

— que os crentes são presos sem parar, como é óbvio.

---

21 *Talvez ele tivesse dado melhor conta desse cargo do que aqueles que depois o ocuparam durante quarenta anos. E o que é o destino humano! Doiarenko tinha-se mantido, por princípio, à margem da política! Quando a sua filha levava a casa estudantes, que manifestavam idéias social-revolucionárias, ele expulsava-os de casa! (N. do A.)*

22 *Condenado ao isolamento carcerário, Kondrátiev acabou por ficar doente mental e por morrer. Morreu também Iuróvski. Tchaiánov, após cinco anos de isolamento, foi desterrado para Alma-Atá, sendo detido novamente em 1948. (N. do A.)*

(Aqui emergem à superfície algumas datas e pontos culminantes. Por exemplo a "noite de luta contra a religião", na véspera do Natal de 1929, em Leningrado, quando foi detido um grande número de intelectuais religiosos, e não só até de manhã, sem que se tratasse de um conto de Natal. Por exemplo, ainda na mesma cidade, em fevereiro de 1932, quando fecharam de vez muitas igrejas, sendo simultaneamente efetuadas detenções em massa entre o clero. E outras muitas datas e lugares de que ninguém nos deu notícia);

— que não se deixa de desbaratar todas as *seitas,* até mesmo as que são simpatizantes do comunismo. (Assim, em 1929 foram detidos todos os membros, sem exceção, das *comunidades* estabelecidas entre Sótchi e Khosta. Tudo nelas funcionava ao modo comunista: a produção e a distribuição. E tudo tão honestamente como nunca o país o conseguirá fazer em cem anos. Mas ai: os seus membros eram demasiado cultos e instruídos em literatura religiosa, e a sua filosofia não era atéia, mas sim um misto de batista, tolstoiana e iogue. Uma *comunidade* assim era criminosa e não podia proporcionar felicidade ao povo.)

Nos anos 20 um importante grupo de tolstoianos foi desterrado para as faldas das montanhas do Altai, tendo ali criado aldeias — comunas — juntamente com os batistas. Quando começou a construção do *combinat* de Kúznietsk, eles forneciam-lhe comestíveis. Mais tarde, foram detidos, a começar pelos professores, pois não ministravam o programa estatal: as crianças, aos gritos, corriam atrás dos carros. Depois foi a vez dos dirigentes da comunidade, dizendo-se:

— que as cartas da Grande Paciência dos socialistas continuam ininterruptamente a ser distribuídas, como é óbvio;

— que em 1929 são detidos os historiadores que não foram exilados a tempo para o estrangeiro (Platónov, Tarlé, Liubávski, Gotié, Likhatchov, Izmáilov), bem como o destacado crítico literário M. M. Bakhtin;

— que os grupos nacionais vão também afluindo, ora de um extremo ora de outro. São aprisionados os iacutos, após a insurreição de 1928. São aprisionados os buriato-mongóis, após a insurreição de 1929. (Foram fuzilados, segundo dizem, cerca de trinta e cinco mil. Não nos é possível verificá-lo.) São aprisionados os casaques, após o seu heróico esmagamento pela cavalaria de Budióni, nos anos de 1930-31. Em começos de 1930 é processada a União de Libertação da Ucrânia (o Professor Efriemov, Tchekhóvski, Nikóvski e outros), e sabendo nós quais

as proporções entre o que é divulgado e o que é secreto, quantos não haverá por trás destes? Quantos haverá que foram presos às escondidas?

E aproxima-se, lentamente, mas aproxima-se, a vez de meter na prisão os membros do partido dirigente! Já em 1927-29, é "a oposição operária", ou os trotskistas, que elegeu um líder desafortunado. Por enquanto, são algumas centenas, mas bem depressa serão milhares. O mais difícil é começar! Assim como estes trotskistas assistiram tranqüilamente à detenção dos membros dos outros partidos, assim agora o resto do Partido assiste com aprovação à detenção dos trotskistas. A cada um a sua vez. Depois, virá a imaginária oposição da "direita". Devorando os membros um após outro, a partir da cauda, chega-se com as fauces até a própria cabeça.

A partir do ano de 1928 é a hora do ajuste de contas com os restos da burguesia — os *nepmen* (comerciantes e negociantes que desenvolveram a sua atividade durante a Nova Política Econômica). O mais freqüente é que lhes imponham contribuições cada vez mais elevadas e por fim superiores às suas possibilidades, até o momento em que se negam a pagar, sendo logo detidos por insolvência e confiscados os seus bens. (Os pequenos artesãos — barbeiros, alfaiates, consertadores de fogareiros a óleo — apenas são privados da licença.)

No engrossamento da torrente dos *nepmen* há um interesse econômico. O Estado necessita de bens, necessita de ouro, e a Kolimá ainda não existe. Com o ano de 1929 começa a célebre *febre do ouro*. Só que a febre ataca não aqueles que o buscam, mas aqueles de quem é extorquido. A particularidade desta nova torrente "do ouro" consiste em que todos esses infelizes não são acusados pela GPU propriamente de nada, estando esta disposta a não enviá-los para o país do Gulag, desejando apenas arrancar-lhes o ouro pelo direito do mais forte. É por isso que os cárceres estão repletos e os comissários instrutores extenuados, as expedições, as prisões de trânsito e os campos de concentração recebem um reforço proporcionalmente menor.

Quem é que é preso nesta corrente "do ouro"? Todos aqueles que, alguma vez, nos últimos quinze anos, tiveram algum "negócio", comércio, ou trabalharam por sua conta, *podendo* ter guardado ouro, segundo pensa a GPU. Mas, justamente, acontecia com muita freqüência que eles não tinham ouro algum: os seus bens, móveis e imóveis, tudo se derretera, tudo fora confiscado pela Revolução, nada mais restando. Com enorme esperança são detidos, naturalmente, os joalheiros e relojoeiros.

Através da denúncia, pode-se ter conhecimento da existência de ouro nas mãos mais inesperadas: um operário típico, não se sabe como, conseguiu arranjar e guardar sessenta moedas de ouro de cinco rublos cada, dos tempos czaristas; o conhecido guerrilheiro siberiano Muraviov chegou a Odessa trazendo consigo uma bolsinha de ouro; os cocheiros de cavalos tártaros de Leningrado, todos eles têm ouro escondido. Se isso é verdade ou não, só é possível esclarecê-lo na prisão. E já não pode servir de atenuante nem a condição de operário, nem os méritos revolucionários daquele sobre quem caiu a sombra da denúncia do ouro. Todos são detidos, metidos em celas da GPU, em quantidades que até hoje pareceriam impossíveis — mas assim é melhor, mais depressa o hão de *dar!* Chega-se até à promiscuidade de pôr mulheres e homens nas mesmas celas, fazendo as suas necessidades uns diante dos outros num balde. Quem repara nessas bagatelas! Para cá o ouro, vilões! Os comissários instrutores não redigem processos verbais, porque esses papéis não são precisos para nada, e se vão condená-los ou não, isto pouco importa a quem quer que seja. O importante é isto: para cá o ouro, malvado! O Estado necessita do ouro, e a você, para que lhe serve? Os comissários instrutores, por fim, não têm mais garganta nem forças para proferir ameaças e aplicar torturas, mas há um procedimento geral: servir nas celas apenas comida salgada e não dar água aos presos. Só aqueles que entregarem ouro é que bebem água! Dez rublos por um copo de água!

Os homens morrem pelo metal. . . *

Esta leva diferencia-se das anteriores como das posteriores pelo fato de que, se não a metade, pelo menos uma parte desta torrente tem o seu destino vacilante nas suas próprias mãos. Se na realidade você não tem ouro, a sua situação não tem saída, vão espancá-lo, queimá-lo, e abrasá-lo até a morte ou até que efetivamente acreditem em você. Mas se você tem ouro, então é você próprio que determina a medida das torturas, a medida da sua resistência e o seu próprio destino. De resto, isto não é mais fácil, mas mais difícil, porque você se engana e sempre se sentirá culpado perante você próprio. Naturalmente, aquele que já assimilou os hábitos desta instituição cede e entrega ouro: é isso o mais simples. Mas não se pode dá-lo

---

* *Verso do libreto russo do* Fausto, *de Gounod. (N. do T.)*

demasiado facilmente, pois assim não acreditarão que foi entregue tudo, e vão conservá-lo preso ainda. Mas dá-lo demasiado tarde também não é possível: você se arrisca a perder o que tem de mais querido e a que, de raiva, o contemplem com uma *condenação*. Um desses cocheiros tártaros resistiu a todas as torturas: "Não tenho ouro!" Então, prenderam a mulher e torturaram-na, mas o tártaro insistia na sua declaração: "Não tenho ouro!" Prenderam a filha: o tártaro não resistiu e deu cem mil rublos. Então libertaram a família e infligiram-lhe uma condenação. As mais grosseiras aventuras da literatura policial e das operetas de bandoleiros foram levadas à prática na escala de um grande Estado.

A introdução do sistema do passaporte interior, no limiar dos anos 30 *, trouxe consideráveis reforços aos campos de concentração. Tal como Pedro I simplificou a estrutura da população, varrendo todas as frinchas e interstícios entre as categorias sociais, assim procedeu o nosso sistema socialista do passaporte: ele varreu precisamente os insetos intermédios**, atingindo a parte da população mais astuciosa, sem domicílio e sem base de apoio. E de início as pessoas cometeram muitos erros com esses passaportes: aqueles que não registravam nem notificavam a sua mudança de domicílio iam parar no arquipélago, ainda que fosse por apenas um ano.

Assim iam borbulhando e manando as torrentes, mas por cima de todas elas rolou e precipitou-se nos anos de 1929-30 essa leva de milhões e milhões de *deskulakizados*. Como era desmedidamente grande, não podia conter-se sequer na já desenvolvida rede de cárceres (que, além disso, estava superlotada com a torrente "do ouro"), mas contornou-a, indo parar imediatamente nos campos de trânsito, nas expedições de prisioneiros, no país do Gulag. Desbordando de uma só vez, com a sua enchente, esta torrente (este oceano!) extravasava para lá dos limites de tudo o que se pode permitir um sistema judiciário e carcerário, mesmo de um Estado enorme. Não havia

---

* *Para fixar residência os soviéticos devem obter a chamada* propiska *(autorização policial). E, para mudar de residência, têm de pedir a* vipiska *(igualmente uma autorização da polícia). Com o passaporte "interior", os soviéticos podem viajar por todo o país, mas ao chegar a qualquer localidade, inclusive de férias, devem comunicar o fato, obrigatoriamente, no prazo de vinte e quatro horas, à polícia local. Por essa permanência onde não têm a residência fixa, pagam um tanto em dinheiro. (N. do T.)*

** *Alusão irônica e metafórica à definição leninista de intelectuais como "classe intermediária", "sem personalidade econômica". (N. do T.)*

termos de comparação em toda a história da Rússia. Tratava-se de uma migração de povo de uma catástrofe étnica. Mas os canais da GPU-Gulag estavam tão judiciosamente traçados que as cidades nada teriam notado, se não tivessem estremecido com uma estranha fome de três anos, uma fome sem seca e sem guerra.

Esta torrente diferenciava-se ainda de todas as precedentes pelo fato de que neste caso não havia demasiadas preocupações em agarrar primeiro o chefe de família e ver depois o que se havia de fazer ao resto da prole. Pelo contrário, aqui não se reduziam num ápice a cinzas senão lares completos, não se agarravam senão famílias inteiras e velava-se mesmo zelosamente para que nenhuma das crianças de catorze, de dez ou de seis anos escapasse: todos deviam ir para um mesmo local, a fim de conhecerem uma exterminação comum. (Esta foi a *primeira* experiência deste tipo em toda a história moderna. Hitler repetiu-a depois com os judeus e outra vez Stálin com as nações infiéis e suspeitas.)

Esta torrente englobava só uma parte insignificante daqueles *kulaks* cujo nome foi utilizado para desviar a atenção. Um russo chama *kulak* ao mesquinho e desonesto traficante rural, que enriquece não com o seu trabalho, mas através da usura e do comércio. Em cada localidade, até a Revolução, eles eram casos isolados e a Revolução privou-os em geral do terreno em que podiam exercer a sua atividade. Mas logo depois do ano de 17, por uma transferência de significado, passou-se a designar por *kulak* (na literatura oficial e de agitação, daqui deslizando para a linguagem usual) todos aqueles que em geral empregavam trabalhadores agrícolas assalariados, mesmo devido a insuficiências temporárias das suas famílias. Não percamos de vista que depois da Revolução era impossível que qualquer trabalho desses não fosse pago na sua justa medida: os interesses dos assalariados eram salvaguardados pelos comitês de camponeses pobres e pelo soviete da aldeia; ai daquele que tentasse lesar a diária de um trabalhador agrícola! O trabalho assalariado, pago com justiça, é permitido ainda hoje no nosso país.

Mas a dilatação do fustigante termo *kulak* procedeu-se irresistivelmente, e em 1930 designavam-se já através dele *todos os camponeses economicamente fortes:* e não só fortes quanto à exploração, mas fortes quanto ao trabalho e até simplesmente quanto às suas convicções. O termo *kulak* era utilizado para quebrantar *a força.* Recordemo-nos e recobremos os espíritos: tinham decorrido apenas doze anos desde o grande Decreto da

Terra, esse mesmo sem o qual o campesinato não teria seguido os bolcheviques nem a Revolução de Outubro teria triunfado. A terra foi distribuída por um certo prazo e *por igual*. Havia só nove anos que os mujiques tinham regressado do Exército Vermelho e se tinham lançado sobre a terra conquistada. E de repente começou a falar-se de *kulaks* e de camponeses pobres. De onde provinha isso? Às vezes da composição afortunada ou não da família. Mas não seria, antes de mais nada, da tenacidade e da capacidade de trabalho? E eis que estes mujiques que produziam o pão que a Rússia comia no ano de 1928 foram arremetidos e desarraigados dos seus lugares pelos camponeses fracassados e pelos que chegavam das cidades. Enfurecidos, perdendo todo o conceito de "humanidade" elaborado ao longo de milênios, estes puseram-se a cercar os melhores fazendeiros, juntamente com as suas famílias, tirando-lhes os bens, e lançando-os nus às tundras e às taigas desabitadas do norte.

Esse movimento de massa não podia deixar de se complicar. Era necessário livrar também a aldeia daqueles camponeses que simplesmente não manifestavam desejo de entrar no *kolkhoz*, que não revelavam inclinação para a vida coletiva, a eles desconhecida, suspeitando (sabemos agora com que fundamento) que ela traria o poder dos preguiçosos, o trabalho compulsivo e a fome. Era necessário desfazer-se também daqueles camponeses (por vezes nada ricos) que, pela sua audácia, força física e espírito de decisão, pelo calor da sua intervenção nas assembléias e pelo seu amor à justiça, gozavam da consideração dos seus conterrâneos, tornando-se, pela sua independência, perigosos para a direção do *kolkhoz*[23]. E em cada aldeia havia também aqueles que *pessoalmente* levantavam estorvos aos *ativistas* locais. Por ciúmes, inveja ou despeito, era esse o momento mais propício para um ajuste de contas. Para designar todas essas vítimas era necessária uma nova palavra e ela surgiu. Nela já nada havia de "social", nem de econômico, mas soava magnificamente: "Você é íntimo dos *kulaks*", isto é, "considero que você é um auxiliar do inimigo". E isso basta! Até ao mais andrajoso trabalhador agrícola era inteiramente possível incluí-lo entre os íntimos dos *kulaks!*[24]

Foi. assim que, com duas palavras, foram atingidos todos

---

[23] *Este tipo de camponês e o seu destino está retratado de modo imortal por Stepan Tchaussov na novela de S. Zalíguin. (N. do A.)*

[24] *Recordo-me que esta palavra, na nossa juventude, nos parecia inteiramente lógica e nada confusa. (N. do A.)*

aqueles que constituíam a essência da aldeia, a sua energia, a sua viva inteligência e capacidade de trabalho, a sua resistência e consciência. Eles foram afastados e a coletivização levada a cabo.

Mas na aldeia coletivizada fluíram também novas torrentes:

— a torrente dos *sabotadores* da agricultura. Por todos os lados se começaram a descobrir agrônomos *sabotadores,* que tinham trabalhado toda a vida, até esse ano, honradamente, mas que então faziam crescer premeditadamente nos campos russos ervas nocivas. (Bem entendido, por indicações do Instituto de Moscou, agora completamente desmascarado. Tratava-se precisamente daqueles mesmos duzentos mil membros do Partido Camponês do Trabalho que não foram presos!) Certos agrônomos não cumprem as diretrizes profundamente inteligentes de Lissenko (foi numa torrente assim que no ano de 1931 foi enviado para o Casaquistão o "rei" da batata, Lorch). Outros cumprem-nas com pouca sutileza e revelam com isso a sua estupidez. (Em 1934 os agrônomos de Pskov semearam linho na neve, justamente como tinha ordenado Lissenko. As sementes incharam, cobriram-se de bolor e morreram. Vastos campos permaneceram incultos durante um ano. Lissenko não podia dizer que a neve era *kulak,* ou que ele próprio era idiota. Acusou os agrônomos de serem *kulaks* e de terem tergiversado na aplicação da sua tecnologia. E os agrônomos foram levados para a Sibéria. De resto, em quase todas as Estações de Tratores e Máquinas Agrícolas se descobriram sabotagens dos tratores e assim eram explicados os fracassos dos primeiros anos kolkhozianos!);

— a torrente "por perdas da colheita" (mas estas "perdas" eram calculadas relativamente aos números arbitrários estipulados na primavera pela "Comissão de Determinação da Colheita");

— a torrente "pelo não cumprimento das obrigações de entrega de cereal ao Estado" (o Comitê de Zona do Partido comprometeu-se, mas o *kolkhoz* não cumpriu: prisão com ele!);

— a torrente dos *cortadores de espigas.* O corte manual noturno de espigas no campo tornou-se um aspecto completamente novo de ocupação agrícola e um tipo inédito de ceifa das searas! Não foi uma torrente nada pequena, muitas foram as dezenas de milhares de camponeses, freqüentemente não homens nem mulheres, mas rapazes e moças, garotos e garotas, que os adultos mandavam pela noite a *cortar* espigas, porque não tinham esperança de receber do *kolkhoz* nada pelo seu trabalho diário. Por esta ocupação, amarga e pouco tentadora (nos tempos de servidão os camponeses não chegaram a tal necessidade), os tribunais aplicavam penas pesadas: *dez anos* por atentado

perigoso à propriedade socialista, nos tempos da famosa lei de 7 de agosto de 1932 (em linguagem da prisão, *lei de sete do oito*).

Esta lei de "sete do oito" proporcionou ainda, paralelamente, a grande torrente das construções do primeiro e do segundo plano qüinqüenal, dos transportes, do comércio e das fábricas. A NKVD recebeu ordem de se ocupar dos grandes desfalques. Essa torrente tem que ser levada em conta, no futuro, como fluido em permanência, de modo especialmente abundante durante os anos de guerra, portanto durante quinze anos (até 1947, data em que foi ampliada e tornada mais rigorosa).

Finalmente, podemos respirar! Vão cessar enfim todas as torrentes maciças! O Camarada Molotov declarou em 17 de maio de 1933: "Não consideramos que a repressão de massa seja nossa tarefa". Pois bem, já era tempo. Acabadas as angústias noturnas! Mas que ladrar é esse de cães? Agarra! Agarra!

Pois é! Começou a torrente *Kírov*, de Leningrado, onde a tensão foi considerada tão grande que se instalaram quartéis-generais da NKVD em cada comitê executivo dos sovietes de bairro, pondo-se em vigor um procedimento judicial "mais acelerado" (anteriormente ele já não primava pela lentidão) e sem direito a apelo (anteriormente tampouco se apelava já da sentença). Calcula-se que uma quarta parte da população de Leningrado foi *limpa* em 1934-35. Esta apreciação, que a desminta aquele que tem em seu poder os números exatos, e que os forneça. (Aliás, essa torrente não se limitou a Leningrado, repercutindo da forma habitual por todo o país, embora de maneira incoerente: foram despedidos do aparelho aqueles que ainda se mantinham aqui e ali: os filhos de sacerdotes, as mulheres da antiga nobreza e as pessoas que tinham familiares no estrangeiro.)

Nestas espraiadas torrentes, que inundavam tudo, perdiam-se sempre modestos e invariáveis riachos que não se precipitavam com estrépito, mas iam fluindo, fluindo sem fim:

— os austríacos membros do Schutzbund* que perderam as lutas de classe em Viena e vieram, para salvar-se, refugiar-se na pátria do proletariado mundial;

— os esperantistas (essa gente nociva era dizimada por Stálin nos mesmos anos em que Hitler o fazia);

— os fragmentos que restavam da Sociedade Filosófica Independente, dos círculos de filosofia ilegais;

---

* *Movimento de fevereiro de 1934. (N. do T.)*

— os professores que discordavam do ensino avançado pelo método das brigadas de laboratórios (em 1933 Natália Ivánovna Bugaienko foi detida pela GPU de Rostov, mas ao fim do terceiro mês de instrução do processo houve uma resolução declarando que este método era vicioso e ela foi libertada);

— os colaboradores da Cruz Vermelha Política, que graças aos esforços de Ekaterina Péchkova* ainda defendia o direito à sua existência;

— os montanheses do Cáucaso setentrional, insurgidos em 1935; as nacionalidades continuam a fluir, vindo de um extremo ou outro do país (na construção do canal do Volga publicam-se jornais nacionais em quatro idiomas: tártaro, turcomeno, usbesque e casaque. Há pois quem os leia!);

— e de novo os crentes que não querem trabalhar aos domingos (tinha sido introduzida a semana de cinco dias**; os kolkhozianos eram sabotadores, ao não trabalharem nos dias de festas religiosas, como estavam habituados nos tempos do trabalho individual);

— ainda sempre os que se negavam a ser informantes da NKVD (aqui eram abrangidos os padres que guardavam o segredo da confissão: os "Órgãos" compreenderam rapidamente quão útil seria para eles saberem o conteúdo das confissões, a única coisa para que servia a religião);

— as seitas religiosas, que são detidas cada vez em maior número;

— e a Grande Paciência dos socialistas continua a mudar as cartas.

Finalmente havia a torrente do *Décimo Parágrafo,* que não foi mencionada uma só vez, mas que flui constantemente, intitulada aliás KRA (Agitação Contra-Revolucionária), ou ainda ASA (Agitação Anti-Soviética). Talvez seja ela a mais estável de todas, pois não estancou nunca, e nos períodos das outras grandes torrentes, como nos anos 37, 45 ou 49, cresceu mesmo em vagas particularmente caudalosas[25].

---

* *Esposa de Maxim Górki. (N. do T.)*

** *Era uma semana de cinco dias de trabalho, repousando-se ao sexto, independentemente do dia da semana. (N. do T.)*

25 *Esta torrente atingia qualquer pessoa em qualquer instante. Mas, para os intelectuais conhecidos, nos anos 30, cozinhava-se às vezes algum delito infamante, como o de homossexual; por exemplo o Prof. Pletniev, ao ficar a sós com as pacientes, mordê-las-ia nos seios. Isto era escrito num jornal central. Que se experimentasse refutá-lo! (N. do A.)*

Por paradoxal que pareça, em todos os seus longos anos de atividade os eternamente vigilantes e sempre penetrantes "Órgãos" tiraram a sua força de *um* só artigo dos cento e quarenta e oito do capítulo especial (não comum) do Código Penal de 1926. Mas para fazer o elogio desse artigo é possível encontrar ainda mais epítetos do que aqueles que, em tempos, Turguêniev escolheu para a língua russa, ou Niekrássov para a Mãe-Rússia*: grande, potente, abundante, ramificado, diversificado, devastador, o artigo 58 é um mundo completo, não só na formulação dos seus parágrafos, mas quanto à sua interpretação ampla e dialética.

Quem dentre nós não sofreu na sua carne o seu sempre envolvente abraço? Na realidade não existe debaixo dos céus infração, intenção, ação ou inação, que não possa ser castigada pela mão de ferro do artigo 58.

Formulá-lo tão amplamente era impossível, mas tornou-se possível interpretá-lo assim amplamente.

O artigo 58 não faz parte, no código, do capítulo respeitante aos delitos políticos e em lugar algum está escrito que seja "político". Não. Ao lado dos crimes contra a ordem governamental e do banditismo, ele se encontra incluído no capítulo dos "crimes contra o Estado". Assim, o Código Penal começa por se negar a reconhecer que no nosso território haja delinqüentes políticos, estipulando que há unicamente criminosos.

O artigo 58 constava de catorze parágrafos.

Pelo primeiro parágrafo sabemos que se considera como contra-revolucionária qualquer ação (e pelo artigo 6.º do Código Penal pode tratar-se de inação) tendente... a debilitar o poder...

> A partir de uma interpretação ampla resulta que a recusa, num campo de concentração, de ir trabalhar, quando se está faminto e extenuado, tende a debilitar o poder. E isso acarreta fuzilamento. Como o fuzilamento dos que "recusavam o trabalho" durante a guerra.

A partir de 1934, quando nos foi devolvido o termo "pátria", foi aqui que foram inseridas as alíneas *de traição à pátria:* 1-a, 1-b, 1-c, 1-d. Segundo estas alíneas, as ações realizadas em prejuízo do poder militar da União Soviética são castigadas com o fuzilamento (1-b), e só no caso de circunstâncias atenuantes e tratando-se de civis (1-a) com dez anos.

---

* *Cf. o poema (em prosa)* A língua russa, *de Turguêniev, e o poema* Quem gosta de viver na Rússia?, *de Niekrássov. (N. do T.)*

Fazendo uma leitura ampla: quando os nossos soldados, ao constituírem-se prisioneiros (com prejuízo do poder militar!), pegavam só um total de dez anos, isso era um gesto humanitário que ia contra a lei. De acordo com o código stalinista, à medida que regressavam à pátria deveriam ser todos fuzilados.

(Outro exemplo de interpretação ampla: recordo-me bem de um encontro na prisão de Butirki, no verão de 1946. Tratava-se de um polaco nascido em Lemberg, quando esta fazia parte do império austro-húngaro. Até a Segunda Guerra Mundial, ele viveu na sua cidade natal, na Polônia. Depois foi para a Áustria, onde estava empregado, e ali foi preso pelos nossos no ano de 1945. Foi condenado a *dez anos,* segundo o artigo 54-1.º do Código ucraniano, ou seja, por traição à sua pátria, a *Ucrânia,* já que a cidade de Lemberg tinha passado a ser a cidade ucraniana de Lvov! E o pobre não pôde demonstrar, nos interrogatórios, que não tinha ido para Viena com a intenção de trair a Ucrânia! Ele ficou cheio de raiva de o tomarem como traidor.)

Outra importante extensão do parágrafo sobre traição é a sua aplicação "por referência ao artigo 19 do Código ucraniano": "com intenção". Isto é, não houve traição alguma, mas se o juiz de instrução considerou que houve *intenção* de trair, isso foi suficiente para aplicar a pena máxima, completa, como se se tratasse de uma traição de fato. É certo que o artigo 19 se propõe a castigar não a intenção, mas a *preparação;* segundo uma compreensão dialética da intenção, pode-se entendê-la como preparação. E "a preparação é castigada de igual modo (ou seja, com a mesma pena) que o próprio delito". (Código ucraniano.) De um modo geral: "Nós não fazemos diferença entre a *intenção* e o próprio *delito* e nisto reside a *superioridade* da legislação soviética sobre a burguesa[26]!"

O segundo parágrafo refere-se à insurreição armada, à tomada do poder central ou local e, em particular, à separação, violentamente, de qualquer parte da União das Repúblicas Soviéticas. Por tais fatos a pena aplicável vai até o fuzilamento (como em *cada um* dos parágrafos seguintes).

Extrapolando (não se podia escrever isso no artigo, mas

---

[26] Das prisões às instituições educativas — *coletânea do Instituto de Política Penal, redigida sob a direção de Vichinski, Editora Legislação Soviética. Moscou, 1934, página 36. (N. do A.)*

é algo ditado pela concepção revolucionária do direito), entra neste caso qualquer tentativa de uma República de concretizar o seu direito de sair da União. Mas "violentamente" não indica em relação *a quem*. Mesmo que toda a população da República quisesse separar-se, se em Moscou fossem contra a separação, já seria *violenta*. Desta forma, todos os nacionalistas estonianos, letonianos, lituanos, ucranianos e turcomenos foram com grande facilidade condenados, por aplicação desse parágrafo, a *dez* e a *vinte e cinco anos*.

O terceiro parágrafo refere-se à "ajuda prestada por qualquer forma a um Estado estrangeiro que se encontre em estado de guerra contra a URSS".

Este parágrafo dava a possibilidade de processar *qualquer* cidadão que, em território ocupado, tivesse consertado o salto da bota de um militar alemão ou lhe tivesse vendido um molhinho de rabanetes; ou a uma cidadã que tivesse elevado o moral combativo do ocupante dançando ou passando uma noite com ele. Nem todos *foram* condenados por aplicação deste parágrafo (dada a abundância de pessoas que estiveram em território ocupado), mas qualquer pessoa *podia* ser julgada em função dele.

O quarto parágrafo referia-se à ajuda (fantasiosa) prestada à burguesia internacional.

Aparentemente, quem pode ser incluído aqui? Fazendo uma leitura ampla, com a ajuda da consciência revolucionária, encontrava-se facilmente toda uma categoria de pessoas: todos os emigrados que, tendo abandonado o país anteriormente a 1920, ou seja, uns anos antes da redação desse mesmo código, fossem apanhados pelas nossas tropas na Europa ao fim de um quarto de século (1944-45) viram-lhes aplicado o 58-4: dez anos, ou o fuzilamento. Pois que faziam eles no estrangeiro senão prestar ajuda à burguesia mundial? (Outro exemplo dessa ajuda nós já conhecemos: o de um grupo musical dentro da própria URSS.) Podiam também prestá-la todos os socialistas-revolucionários, todos os mencheviques (a isso se destinava precisamente o artigo) e, mais tarde, os engenheiros do Plano Estatal e do Conselho Econômico de Toda a União Soviética.

Parágrafo quinto: incitação a que um Estado estrangeiro declare guerra à URSS.

Um caso que se deixou passar em branco: alargar o

campo de aplicação deste parágrafo a Stálin e ao seu círculo diplomático e militar, nos anos de 1940-41. A sua cegueira e insensatez foi a isso que conduziram. Quem senão eles arrastou a Rússia para vergonhosas e nunca vistas derrotas, sem comparação com as derrotas da Rússia czarista nos anos de 1904 ou 1915? Derrotas como as que a Rússia não conhecia desde o século XIII *?

Parágrafo sexto: a espionagem.

Foi interpretado com tal amplitude que, se se contassem todos os que por virtude dele foram condenados, seria possível chegar à conclusão de que, nos tempos de Stálin, a subsistência do nosso povo não se apoiava na agricultura, nem na indústria, nem em qualquer outra coisa, senão na espionagem estrangeira, vivendo-se do dinheiro provindo das informações. A espionagem era algo de muito cômodo pela sua simplicidade e compreensível tanto para o delinqüente pouco evoluído como para o jurista culto, o jornalista e a opinião pública [27].

A amplitude da interpretação consistia também em que não se julgava alguém diretamente por espionagem, mas sim por:

PE — presunção de espionagem (ou espionagem não provada, o que dava lugar à aplicação fatal da pena!). E até por:

END — espionagem não demonstrada.

Ou seja, por exemplo, o fato de uma amiga de uma amiga da sua mulher mandar fazer um vestido na mesma modista (naturalmente colaboradora da NKVD) que a esposa de um diplomata estrangeiro.

E estas categorias do 58-6, PE (presunção de espionagem) e END (espionagem não demonstrada) eram categorias contagiosas, que exigiam um regime severo, uma vigilância atenta (pois os serviços de informação estrangeiros podiam estender os seus tentáculos ao seu protegido até ao interior do campo de concentração), implicando a proibição da escolta em grupo. Em

---

* *Época das invasões mongólicas. (N. do T.)*

27 *É possível que a mania da espionagem não fosse só uma estreiteza mental de Stálin. Ela tornou-se cômoda para quantos desfrutavam de privilégios. Passou a ser a justificação natural da política do segredo, que já amadurecia, da proibição da informação, do sistema da porta fechada, do passe das* datchas *vedadas e dos centros secretos de distribuição. O povo não podia penetrar através das defesas blindadas da mania de espionagem, nem observar como a burocracia se arranjava para errar, comer e divertir-se.*

geral, todos estes *artigos-siglas,* isto é, não propriamente artigos mas assustadoras combinações de maiúsculas (neste capítulo ainda iremos encontrar outras), arrastavam constantemente consigo um halo de mistério. Era impossível compreender se se tratava de ramificações do artigo 58 ou de algo independente e muito perigoso. Os detidos ao abrigo de artigos-siglas eram mais perseguidos, em muitos campos, do que os do artigo 58.

Parágrafo sétimo: atividades nocivas à indústria, aos transportes, ao comércio, à circulação fiduciária e às cooperativas.

Nos anos 30 este parágrafo esteve muito em voga e abrangeu massas inteiras sob a designação simplificada e a todos acessível de nocividade. Efetivamente, todos os ramos citados no parágrafo sétimo pioravam de dia para dia a olhos vistos e devia haver culpados disso. Durante séculos o povo construíra, criara tudo sempre honradamente, mesmo sendo para os senhores. Desde os tempos de Riúrik * que não se tinha ouvido falar de qualquer nocividade. E eis que, quando pela primeira vez os bens passaram a ser propriedade do povo, centenas de milhares dos seus melhores filhos se lançaram inexplicavelmente a atividades nocivas. (O parágrafo da nocividade não estava previsto para estender-se à agricultura; mas sem ele era impossível explicar de forma sensata por que é que os campos se enchiam de ervas daninhas, as colheitas diminuíam, as máquinas se quebravam; a sutileza dialética introduziu-o lá também.)

Parágrafo oitavo: o terror (não se tratava daquele terror que devia "fundamentar e legalizar" o Código Penal soviético [28], mas do terror exercido pela base).

O terror era entendido de um modo particularmente extensivo: não significava simplesmente colocar bombas debaixo do carro dos governadores; mas, por exemplo, esbofetear o seu médico pessoal, se este era do Partido, do Komsomol ou ainda um miliciano ativista, isso já era terror. Com mais forte razão o *assassinato* de um ativista nunca se podia comparar com o assassinato de um homem comum (o mesmo que no Código de Hamurábi, no século XIII antes da nossa era). Se o marido matava o amante da sua mulher, e acontecia não ser este do Partido, era uma sorte para o marido, pois aplicava-se-lhe o artigo 136: tratava-se

---

* *Príncipe que reinou na segunda metade do séc. IX, na Rússia de Kíev. (N. do T.)*

28 *Lênin, 5.ª edição, tomo 45, página 190. (N. do A.)*

de um criminoso comum, socialmente próximo, e podia ser deixado sem escolta. Mas se o amante fosse do Partido, o marido convertia-se num inimigo do povo e era julgado segundo o artigo 58-8.

Chegava-se a uma ampliação ainda maior do conceito através da aplicação do parágrafo oitavo, com referência ao já mencionado artigo 19, ou seja, através da *preparação* entendida como intenção. Não só uma ameaça direta proferida numa cervejaria ("Ainda lhe quebro a cara!") dirigida a um ativista mas uma observação feita por uma rabujenta vendedora do mercado ("Ora, vá para o inferno!") eram qualificadas como IT, *intenções terroristas,* e davam fundamento à aplicação do artigo com toda a severidade[29].

Parágrafo nono: destruição ou deterioração... causadas por explosão ou incêndio (infalivelmente com um objetivo contra-revolucionário). Ou mais sucintamente: *diversionismo.*

A ampliação consistia em imputar-se a estes fatos uma intenção contra-revolucionária (o juiz de instrução sabia bem o que se passava na cabeça do delinqüente!). Qualquer negligência humana, erro ou fracasso no trabalho e na produção era imperdoável, sendo tudo isso encarado como diversionismo.

Mas nenhum parágrafo do artigo 58 se interpretava tão amplamente e com uma tal chama de consciência revolucionária como o décimo. "A propaganda ou a agitação contendo um apelo ao derrubamento, abalo ou enfraquecimento do poder soviético... assim como a difusão, preparação ou detenção de literatura desse tipo." Este parágrafo estabelecia em tempo *de paz* apenas o limite *mínimo* da pena (não muito baixo! não demasiado suave!), enquanto o máximo *não era limitado!* Tal era a altivez do Grande Poder perante a *palavra* do seu súdito.

As mais célebres extensões deste célebre parágrafo eram:

— por "agitação contendo um apelo" podia entender-se uma conversa entre amigos (e até entre cônjuges) cara a cara, ou por carta particular; e o *apelo* podia ser um simples conselho pessoal (nós dizemos "podia ser", mas na realidade *assim era);*

— "abalo ou enfraquecimento do poder" era qualquer pensamento que não se ajustasse ou não se elevasse à in-

---

29 *Isto tem o ar de um exagero, de uma anedota, mas não fomos nós que inventamos tal anedota; estivemos presos com pessoas dessas. (N. do A.)*

candescência do pensamento do jornal do dia. Pois *tudo o que não fortalece enfraquece!* Pois *tudo o que não se ajusta abala!*

E aquele que hoje não canta conosco,
Esse
é contra
nós!...
(Maiakóvski)

— por "fabricação de literatura" compreendia-se qualquer coisa escrita num único exemplar, uma carta, notas, um diário íntimo.

Assim tão alegremente extrapolada, que *idéia* refletida, pronunciada ou escrita não era abrangida pelo parágrafo décimo?

O décimo primeiro, esse era de um gênero especial: não tinha um conteúdo autônomo, sendo sim uma circunstância agravante de qualquer dos anteriores, se a ação se preparou de forma organizada ou os delinqüentes constituíram uma organização.

Na realidade esse parágrafo era interpretado de tal modo que não se exigia organização alguma. Esta refinada aplicação eu próprio a experimentei. Nós éramos *dois* e secretamente trocávamos impressões, *ou seja,* um embrião de organização, *ou seja,* uma organização!

O décimo segundo parágrafo punha em causa a consciência dos cidadãos: referia-se à *não denúncia* de qualquer das ações acima enumeradas. E para o grave pecado de não denunciar, *a pena não tinha um limite máximo!!!*

Este ponto era tão infinitamente amplo que não necessitava de qualquer ampliação. *Sabia e não disse* é o mesmo que se o tivesse feito ele próprio!

O décimo terceiro parágrafo, que pelo visto já tinha perdido há muito o seu objeto, abrangia os que tinham pertencido ao serviço de informação da Okhrana, polícia secreta czarista[30]. Um

---

30 *Há fundamentos psicológicos para suspeitar que Stálin cairia também sob a alçada jurídica deste parágrafo do artigo 58. Muitos dos documentos referentes a este tipo de serviços não sobreviveram a fevereiro de 1917 e poucos foram tornados públicos. V. F. Djunkóvski, antigo diretor do departamento da polícia, morto em Kolimá, afirmava que o fogo posto apressadamente aos arquivos da polícia, nos primeiros dias da revolução de fevereiro, se deveu a um impulso unânime de certos revolucionários interessados nisso. (N. do A.)*

serviço análogo seria mais tarde considerado, pelo contrário, como de valor patriótico.

O décimo quarto parágrafo punia "o não cumprimento consciente de determinadas obrigações ou a negligência premeditada no seu cumprimento", punição que podia ir, sem dúvida, até o fuzilamento. Resumindo: isso tinha o nome de "sabotagem" ou "contra-revolução econômica".

Delimitar o premeditado e o impremeditado, só o comissário instrutor podia fazê-lo, com base no seu sentido revolucionário do direito. Este parágrafo aplicava-se aos camponeses que não entregavam os fornecimentos. Aos kolkhozianos que não tinham trabalhado o número suficiente de dias. Aos reclusos dos campos de concentração que não cumpriam a norma de trabalho. E, por tabela, depois da guerra, aos delinqüentes que fugiam dos campos, o que quer dizer que se considerava, por extrapolação, a fuga do delinqüente não como um impulso para a doce liberdade, mas como um atentado ao sistema dos campos de concentração.

Esta era a última vareta do leque do artigo 58 — leque que envolvia dentro de si a existência humana.

Após este exame resumido do grande *artigo* teremos menos ocasião de nos surpreender, no prosseguimento do livro. Quem diz lei, diz crime.

O aço adamascado do artigo 58, já experimentado em 1927, logo após ter sido forjado, e depois temperado em todas as torrentes da década seguinte, foi de novo aplicado com enorme estrépito e amplitude no ataque movido pela lei contra o povo nos anos 1937-38.

É necessário dizer que a operação de 1937 não foi espontânea, mas sim planejada, e que na primeira metade desse ano teve lugar um reequipamento em muitos cárceres da União: foram retiradas as camas das celas e colocadas no seu lugar beliches com pranchas contínuas de um e de dois andares[31]. Os velhos prisioneiros recordam que o primeiro golpe maciço teria sido dado simultaneamente numa noite de agosto, em todo o país (mas, conhecendo a nossa lentidão, eu não acredito muito

---

[31] *Parece não ser casual o fato de que a Casa Grande de Leningrado tenha sido concluída em 1934, precisamente às vésperas do assassinato de Kírov. (N. do A.)*

nisso). No outono, quando para o vigésimo aniversário da Revolução de Outubro se esperava com fé uma grande anistia geral, o brincalhão Stálin acrescentou ao Código Penal duas novas e inauditas penas de quinze e vinte anos[32].

Não há necessidade de repetir aqui, sobre o ano 1937, tudo quanto já foi amplamente escrito, e será ainda repetido inúmeras vezes: assestou-se um golpe demolidor nos escalões superiores do Partido, da administração soviética, do comando militar e das próprias GPU-NKVD[33]. É duvidoso que tenha havido alguma região em que se conservasse o primeiro-secretário do Comitê do Partido ou o presidente do Comitê Executivo dos Sovietes. Stálin escolheu outros que lhe eram mais convenientes.

Olga Tchavtchavadze relata como isso se passou em Tbilíssi: no ano de 1938 foram detidos o presidente do Comitê Executivo dos Sovietes da cidade, o seu substituto, todos os chefes de seção (onze), os seus adjuntos, todos os chefes de contabilidade, todos os diretores dos serviços econômicos. Outros foram designados. Decorreram dois meses. E de novo foram detidos: o presidente, o substituto, todos os chefes de seção (onze), todos os chefes de contabilidade, todos os diretores dos serviços econômicos. Em liberdade ficaram apenas os simples contabilistas, as datilógrafas, as mulheres da limpeza e os mensageiros...

Quanto à detenção dos membros de base do Partido, havia, pelo visto, um motivo secreto que não era mencionado diretamente nem nos processos verbais nem nas sentenças: prender de preferência os militantes do Partido que tinham ingressado antes de 1924. O que foi aplicado de modo particularmente enérgico em Leningrado, dado que, precisamente, todos eles tinham assinado a "plataforma" da Nova Oposição. (E como podiam eles deixar de a assinar? Como podiam eles "não confiar" no seu Comitê Regional de Leningrado?)

Eis um pequeno quadro daqueles anos: está decorrendo (na região de Moscou) a conferência do Partido da zona. É dirigida por um novo secretário, em substituição ao recentemente *detido*. No fim da conferência é aprovada uma mensagem de fidelidade ao Camarada Stálin. Como se compreende, todos se

---

32 *A pena de vinte e cinco anos foi nas vésperas do trigésimo aniversário, em outubro de 1947. (N. do A.)*

33 *Agora, ao observar a Revolução Cultural chinesa (que teve também lugar dezessete anos depois da vitória definitiva), podemos suspeitar com toda a probabilidade tratar-se de uma lei do desenvolvimento histórico. E o próprio Stálin começa a aparecer-nos apenas como um executor superficial e cego. (N. do A.)*

põem de pé (do mesmo modo que no decorrer da conferência todos saltavam da cadeira cada vez que era mencionado o seu nome). Na pequena sala ressoam "tempestuosos aplausos que se transformam em ovação". Passam três, quatro, cinco minutos e são cada vez mais tempestuosos os aplausos, redundando numa ovação. Mas afinal começam a doer as mãos. Fatigam-se os braços levantados, já vão sufocando as pessoas idosas. Aquilo passa a ser estúpido até para aqueles que sinceramente admiram Stálin. Entretanto, quem é *o primeiro* que se atreve a parar? Poderia fazê-lo o secretário da zona, que se encontra de pé na tribuna e acaba de ler essa mesma mensagem? Mas ele está ali há pouco tempo e encontra-se no lugar do recentemente detido, tendo ele próprio medo! Na verdade, na sala estão também de pé, aplaudindo, os membros da NKVD e eles observam *quem* é o primeiro que se atreve a parar!... E os aplausos na pequena e desconhecida sala, ignorada pelo chefe, prolongam-se por seis minutos! sete minutos! oito minutos!... eles sucumbem! Estão todos perdidos. Não podem parar, enquanto não tombarem com os corações despedaçados? Ainda no fundo da sala, no meio do aperto, pode-se ludibriar um pouco, aplaudir mais devagar, não tão forte, não tão furiosamente, mas que fazer no Presidium, à vista de todos? O diretor da fábrica local de papel, uma personalidade forte, independente, faz parte do Presidium e compreende toda a falsidade, todo o beco sem saída da situação, mas aplaude! — Decorre o nono minuto! O décimo! Ele olha aborrecido para o secretário do partido da zona, mas este não se atreve a parar. É uma loucura! Uma loucura geral! Olhando-se uns aos outros, com uma débil esperança, mas fingindo êxtase nos rostos, os dirigentes da zona aplaudiram até cair. Até que fossem levados em macas! E, até esse momento, os restantes não vacilaram!... O diretor da fábrica de papel, no décimo primeiro minuto, fingindo-se atarefado, deixa-se cair no seu lugar, no Presidium. E, oh! maravilha! Esvaiu-se então o incontível, indescritível entusiasmo geral? De repente pararam no meio do mesmo aplauso e se sentaram todos de uma vez. Estão salvos! O esquilo teve a idéia de sair da roda!...

Entretanto, é dessa forma que se conhecem as pessoas independentes. E é dessa forma que são postas de lado. Nessa mesma noite, o diretor da fábrica é preso. Com facilidade aplicam-lhe por outro motivo dez anos. Mas depois da assinatura do 206 (documento que conclui as investigações) o comissário instrutor recorda-lhe:

— Nunca seja o primeiro a deixar de aplaudir!

(Que fazer, pois? Como pararmos então[34]?...)

Eis o que é a seleção segundo Darwin. Eis o que é o cansaço pela estupidez.

Mas hoje cria-se outro mito. Qualquer relato publicado, qualquer menção na imprensa referente ao ano de 1937 é invariavelmente o relato da tragédia dos dirigentes comunistas. E já nos convenceram, e nós inconscientemente deixamo-nos influenciar, que o ano das detenções de 1937-38 consistiu apenas no *encarceramento* dos grandes comunistas, e, segundo parece, em nada mais. Mas, dos milhões então presos, não deviam poder fazer parte mais do que dez por cento de dirigentes destacados do Partido e do Estado. Mesmo nas filas dos cárceres de Leningrado, para entrega de pacotes, se viam na sua maioria mulheres simples, com o aspecto de camponesas.

A composição dos detidos desta enorme torrente, levados meio mortos para o arquipélago, era tão díspar, extravagante, que aquele que desejasse definir cientificamente a sua conformidade com alguma lei estouraria os miolos. (Quanto mais para os contemporâneos. Ela deveria ser para eles incompreensível.)

Mas a verdadeira lei que regia as detenções daqueles tempos era constituída pelo número estabelecido pelas diferentes categorias e pela sua distribuição. Cada cidade, cada distrito, cada unidade militar recebia uma cifra determinada, e devia cumpri-la no prazo estabelecido. O resto dependia da habilidade dos agentes.

O antigo tchekista Aleksandr Kalgánov recorda como recebeu em Tachkent um telegrama, dizendo: "Enviem duzentos!" Eles tinham acabado de fazer uma incursão e quase *não havia* mais quem deter. É verdade que tinham trazido do distrito meia centena de delinqüentes. Tiveram uma idéia! Todos os gatunos presos pela milícia foram levados, incursos no artigo 58! Dito e feito! Ora, a milícia não sabia o que fazer dos ciganos que numa das praças da cidade insolentemente instalaram um acampamento. Tiveram uma idéia! Cercaram-nos e levaram todos os homens de dezessete a sessenta anos, como incluídos no artigo 58! E cumpriram o plano!

Outro caso: aos tchekistas de Océtia, segundo relata o chefe de milícias Zabolóvski, foi dada a tarefa de fuzilar nessa República quinhentas pessoas. Eles pediram para aumentar o número e permitiram-lhes que fuzilassem ainda mais duzentos e trinta.

Esses telegramas, ligeiramente cifrados, eram transmitidos

---

34 *Relatado por N. G...ko. (N. do A.)*

pelo telégrafo normal. Em Temriuk, a telegrafista, na sua santa singeleza, transmitiu ao PBX da NKVD: "Enviem amanhã a Krasnodar duzentas e quarenta caixas de sabão" — e teve uma suspeita! Na manhã seguinte, soube que numerosas pessoas foram presas e levadas da cidade. Contou a uma sua amiga como era o telegrama. Prenderam-na imediatamente.

(Seria completamente casual que uma pessoa fosse cifrada como *caixa de sabão?* Ou conhecia-se o que era a saponificação?...)

Naturalmente podem-se deduzir algumas leis particulares. São presos:

— os nossos verdadeiros espiões no estrangeiro. (Trata-se, freqüentemente, de sinceríssimos delegados do Komintern, ou de tchekistas, muitos dos quais são atraentes mulheres. Chamam-nos de volta à pátria; são presos na fronteira e depois acareados com o seu ex-chefe do Komintern, por exemplo Mirov-Korona. Este afirma que ele próprio trabalhava para um serviço de informação estrangeiro, e portanto os seus subordinados também, automaticamente, sendo tanto mais nocivos quanto mais honestos eram!);

— os empregados da Estrada de Ferro da China Oriental (todos os empregados soviéticos dessa estrada de ferro, incluindo mulheres, crianças e vovós, eram espiões japoneses. Mas deve-se reconhecer que já tinham sido detidos alguns uns quantos anos antes);

— os coreanos do Extremo-Oriente (deportação para o Casaquistão — primeira experiência da detenção segundo um critério racial);

— os estonianos de Leningrado (todos são detidos, somente em função do nome, como espiões dos estonianos brancos);

— todos os atiradores e os tchekistas lituanos — sim, os lituanos, os parteiros da Revolução, que ainda não há muito constituíam a espinha dorsal e o orgulho da Tcheká! E até os comunistas da Lituânia burguesa, que tinham sido trocados no ano de 1921, libertando-se das horríveis condenações que tinham sofrido, de dois a três anos. (São encerrados em Leningrado: a seção lituana do Instituto Hertzen; a casa de cultura lituana; o clube estoniano; a escola técnica lituana e os jornais lituano e estoniano.)

Debaixo de um terremoto geral, acabam de ver redistribuídas as cartas da Grande Paciência, sendo varridos todos os que ainda não o tinham sido. Já não há razão alguma para se ocultar, já é tempo de cortar este jogo. Agora os socialistas são

presos, exilados por colônias inteiras (por exemplo, os de Ufá, de Sarátov), processados todos juntos e mandados para o matadouro do arquipélago, em manadas.

Em parte alguma foi indicado que era preciso procurar deter o maior número de intelectuais, mas se não os esqueciam nunca nas torrentes anteriores, agora tampouco os esquecem. Basta uma denúncia estudantil (a associação destas palavras deixou há muito de soar de maneira estranha), segundo a qual o professor da sua escola superior cita pouco Lênin e Marx e de modo geral não cita Stálin — e o professor já não comparece à conferência seguinte. E se ele não faz nunca citações? Todos os orientalistas de Leningrado, das gerações média e jovem, *são presos*. Todos os membros do Instituto do Norte (exceto os do serviço secreto) são presos. Não desdenham nem mesmo os professores das escolas primárias e secundárias. Em Svérdlov, monta-se o *processo* de trinta professores das escolas secundárias, encabeçados pelo seu inspetor provincial de ensino, Pereliem. Entre as terríveis acusações figura a de instalarem árvores de Natal *para incendiar as escolas*[35]*!* E sobre a cabeça dos engenheiros (já da geração soviética, já não "burgueses") abate-se o bordão com a cadência do pêndulo. Ao topógrafo de minas Nikolai Merkúrievitch Mikov, pelo fato de que, devido a uma alteração nos estratos, estes não coincidiram com duas galerias de uma mina que deviam encontrar-se, aplica-se-lhe o artigo 58-7: vinte anos! A seis geólogos (do grupo de Kotóvitch), "por ocultação premeditada de reservas de estanho no subsolo" (ou seja, por não as terem descoberto!), "na perspectiva da chegada dos alemães" (segundo denúncia), é aplicado o artigo 58-7: dez anos de reclusão.

Indo juntar-se às principais torrentes, havia ainda as *torrentes especiais:* a das esposas (membros da família). Ela engloba as mulheres dos destacados dirigentes do Partido e, em certos lugares (Leningrado), de todos quantos pegaram "dez anos sem direito a correspondência", isto é, daqueles que já não existem. Em regra, todas pegam *oito anos* de reclusão. (Em todo

[35] *Cinco dentre eles foram torturados nos interrogatórios, morrendo antes do julgamento. Vinte e quatro morreram em campos de concentração. O trigésimo, Ivan Aristaulóvitch Púnitch, voltou reabilitado. (Se tivesse perecido também ele, teríamos deixado passar estas trinta pessoas, como deixamos passar milhões.) As numerosas "testemunhas" do seu processo vivem agora em Svérdlov, prosperamente: são funcionários de "nomenclatura", com reformas a título pessoal. A tal seleção de Darwin. (N. do A.)*

caso, a pena é mais suave do que a das da torrente dos *kulaks,* e as crianças ficam no continente.)

Montões de vítimas! Montanhas de vítimas! Ofensiva frontal da NKVD contra a cidade:

— numa mesma onda, mas por "causas" *diferentes,* S. P. Matvêieva vê prenderem o marido e três dos seus irmãos (dos quatro só um regressou);

— a um técnico eletricista, quebrou-se no seu setor um cabo de alta tensão. 58-7 para ele: vinte anos;

— o operário Novikov, de Perm, é acusado de preparar a explosão de uma ponte sobre o rio Kama;

— Iujakov, também de Perm, foi detido de dia e foram buscar-lhe a esposa de noite. Apresentaram a ela uma lista de pessoas e exigiram-lhe que a assinasse, indicando que todos eles visitavam a sua casa, onde realizavam reuniões de mencheviques e de socialistas-revolucionários (como é de se supor, não havia tais reuniões). Por isso, prometeram-lhe deixá-la com os três filhos pequenos que tinha. Ela assinou, e perdeu-os a todos, ficando ela própria presa;

— Nadieida Iudenitch foi presa devido ao sobrenome. É verdade que, nove meses depois, ficou estabelecido que não era da família do general do mesmo nome e foi posta em liberdade (mas, por uma tal estupidez, durante esse tempo morreu a sua mãe de desgosto);

— em Stáraia Russa era exibido o filme *Lênin em Outubro.* Alguém prestou atenção à frase: "Isto deve sabê-lo Paltchinski!" — e Paltchinski era um defensor do Palácio de Inverno. "Esperem, nesse lugar trabalha uma enfermeira que se chama Paltchínskaia! Apanhem-na!" E prenderam-na. Tratava-se efetivamente da mulher, que depois do fuzilamento do marido se ocultava num lugar afastado;

— os irmãos Boruchko (Pável, Ivan e Stepan) tinham chegado da Polônia no ano de 1930, ainda *crianças,* para se reunirem à família. Agora, já adolescentes, são condenados a dez anos por suspeita de espionagem;

— uma condutora de bondes de Krasnodar, ao regressar tarde da estação, a pé, passou nos subúrbios, para desgraça sua, diante de um caminhão, perto do qual se movia gente. Ora, o caminhão estava repleto de cadáveres: as pernas e os braços apareciam por baixo do oleado. Perguntaram-lhe o nome. No dia seguinte foi detida. O comissário instrutor perguntou-lhe o que tinha visto. Ela reconheceu honestamente o que vira (eis a seleção de Darwin). Propaganda anti-soviética: dez anos;

— um encanador desligava o aparelho de rádio do seu quarto sempre que transmitiam intermináveis cartas a Stálin[36]. Um vizinho denunciou-o (onde estará agora esse vizinho?) como elemento socialmente perigoso: oito anos;

— um padeiro semi-analfabeto gostava nas suas horas livres de *assinar o seu nome,* o que o elevava perante si mesmo. Não havendo papel branco, servia-se do jornal. Os vizinhos descobriram um desses jornais, com assinaturas sobre o rosto do Pai e Mestre, no cesto dos papéis da latrina coletiva. Agitação anti-soviética: dez anos.

Stálin e os seus colaboradores mais chegados gostavam muito dos seus retratos, cobrindo com eles os jornais, reproduzindo-os em milhões de exemplares. As moscas tinham pouca consideração pela sua santidade, e, depois, era uma pena não utilizar os jornais — e quantos desgraçados não foram condenados por isso!

As detenções propagavam-se pelas ruas e pelas casas como epidemias. Assim como as pessoas transmitem umas às outras o contágio da epidemia sem o saberem — num aperto de mão, através da respiração ou da entrega de objetos —, assim também num aperto de mão, através da respiração, durante um encontro na rua se transmitia o inelutável contágio da detenção. Pois se amanhã você é obrigado a reconhecer que estava organizando um grupo clandestino para envenenar a canalização de água da cidade, e hoje eu lhe tinha apertado a mão na rua, isso significava que eu estava igualmente perdido.

Sete anos antes disso, a cidade tinha assistido à exterminação do campo e achado isso muito natural. Agora era o campo que poderia observar como arrasavam a cidade, mas era demasiado ignorante para isso, e de resto continuavam também a assestar-lhe golpes:

— o agrimensor(!) Saunin foi condenado a quinze anos... pela morte de gado(!) no seu distrito e pelas más colheitas(!) (e os líderes do distrito foram todos fuzilados pelo mesmo motivo);

— um secretário do Partido chegou à aldeia para recensear a lavra dos campos, e um velho mujique perguntou-lhe se ele *sabia* que em *sete anos* os kolkhozianos não tinham recebido pelos dias de trabalho nem um grão de cereal, mas unicamente

---

36 *Quem se recorda delas? Durante horas eram estonteantemente iguais! Certamente que o locutor Leviatan se deve lembrar bem: ele as lia com grandes inflexões, com muito sentimento. (N. do A.)*

palha, e, mesmo esta, pouca. Por esta pergunta condenaram esse velho a dez anos de reclusão, por agitação anti-soviética;

— outro foi o destino de um mujique pai de seis filhos. Por essas seis bocas matava-se de trabalhar nas tarefas do *kolkhoz,* sempre esperançado de que receberia algo. O que de fato aconteceu. Deram-lhe uma condecoração, que lhe foi entregue numa reunião onde se pronunciavam discursos. Na sua resposta, o mujique comoveu-se e disse: "E se em lugar desta condecoração me dessem uma arroba de farinha! Não poderá ser?" A assistência rebentou em gargalhadas ferozes e o novo condecorado foi enviado com as suas seis bocas para a deportação.

Haverá que reunir agora todos estes casos e explicar que se detinham inocentes? Mas nós nos esquecemos de precisar que o próprio conceito de *culpa* foi suprimido pela revolução proletária, e no começo dos anos 30 foi declarado *oportunismo de direita*[37]*!* Não podemos continuar, pois, a especular com esses conceitos antiquados de culpa e inocência.

A *promoção do regresso,* do ano de 1939, foi um caso inimaginável na história dos "Órgãos", uma mancha na sua história! É verdade, entretanto, que esta contracorrente foi pequena: cerca de um a dois por cento de todos os recentemente presos, ainda não processados, nem enviados para longe e que não tinham morrido. Ela foi pequena, mas habilmente utilizada. Assemelha-se à troca de um copeque por um rublo, sendo necessária para lançar todas as culpas em cima do sórdido Iéjov e fortalecer o recém-chegado Béria, e para que a auréola do Chefe brilhasse mais radiosamente. Graças a este copeque conseguiu-se enterrar com astúcia o rublo restante. Com efeito, se "tudo foi esclarecido e os puseram em liberdade" (até os jornais relatavam com coragem alguns *casos isolados* de vítimas de calúnias), isso significa que os restantes presos eram certamente uns canalhas! E os que regressavam guardavam silêncio, pois tinham assinado uma declaração. Estavam emudecidos pelo terror e eram poucos os que sabiam algo dos segredos do arquipélago. A distribuição fora feita antes: as detenções à noite, as demonstrações de dia.

Quanto ao copeque, bem depressa foi recuperado nesses mesmos anos e pelos mesmos parágrafos do infinito artigo. Assim, quem deu, por exemplo, nos anos 40, pela torrente das esposas que *não renegaram* os maridos? Quem recorda, na ci-

---

[37] *Cf. Coletânea* Das prisões..., *página 63. (N. do A.)*

dade de Tambov, que nesse pacífico ano foram detidos todos os membros da orquestra de *jazz* que tocava no Cinema Moderno, já que todos eram inimigos do povo? E quem viu os trinta mil tchecos que deixaram no ano de 1930 a Tchecoslováquia ocupada pela querida pátria eslava, a URSS? Não era possível garantir que algum deles não fosse um espião. Mas foram todos enviados para campos de concentração do norte (é de lá que parte, em tempo de guerra, o "corpo tchecoslovaco"). Mas, permitam ainda, não foi em 1939 que estendemos a mão em ajuda dos ucranianos ocidentais, dos bielo-russos ocidentais, e depois, em 1940, dos habitantes da região do Báltico, bem como dos moldávios? Aconteceu que os nossos irmãos não eram completamente limpos, e daí fluíram as torrentes da *profilaxia social*. Foram presos os que eram demasiado abastados e influentes, os que se destacavam pela sua independência, inteligência e notoriedade. Nas antigas regiões da Polônia foram presos sobretudo muitos polacos (foi então que se recrutaram as vítimas do massacre de Kátin e que nos campos de concentração do norte se reuniram os membros do futuro exército de Sikorski-Anders). Por toda parte se detinham os oficiais. E assim se condicionavam as populações, reduzindo-as ao silêncio, privando-as dos possíveis dirigentes da resistência. Assim eram chamadas à razão, esfriando-se as antigas relações, as antigas amizades.

A Finlândia deixou-nos um istmo sem população, mas em compensação na Carélia e em Leningrado procedeu-se à extração e à transplantação de todas as pessoas de sangue finlandês. Nós nem sequer demos por esse pequeno riacho: não temos sangue finlandês *.

Foi na Guerra da Finlândia que se procedeu a uma primeira experiência: a de processar os nossos soldados que caíram prisioneiros como traidores da pátria. Era na verdade a primeira experiência na história da humanidade! Mas por espantoso que pareça, não nos apercebemos disso!

Estava-se procedendo ao ensaio quando precisamente sobreveio a guerra e com ela a grandiosa retirada. Nas Repúblicas ocidentais, que eram abandonadas ao inimigo, era necessário apressar-se o embarque, nuns quantos dias, daqueles a que era ainda possível deitar a mão. Na Lituânia, com a pressa, foram deixadas unidades militares inteiras, regimentos, divisões de artilharia clássica e antiaérea, mas arranjou-se meio de levar alguns

* *Quando da Guerra Russo-Finlandesa (1940), o istmo da Carélia foi anexado pela União Soviética. (N. do T.)*

milhares de famílias lituanas suspeitas (quatro mil dentre elas foram depois entregues, no campo de concentração de Krasnoiarsk, ao saque dos *urki* *). Depois de 28 de junho começaram a efetuar-se detenções precipitadas na Letônia e na Estônia. Mas a situação tornava-se perigosa e tiveram que retroceder mais depressa ainda. Esqueceram-se de desmantelar fortalezas inteiras, como a de Brest, mas não se esqueceram de fuzilar os presos políticos nas celas e nos pátios de Lvov, de Rovno, de Tálin e de muitas outras prisões do ocidente. No cárcere de Tartu foram fuziladas cento e noventa e duas pessoas e os cadáveres lançados a um poço.

Como imaginar isto? Sem que você saiba o que se passa, abre-se a porta da cela e disparam sobre você. Antes de morrer você grita e ninguém, além das pedras do cárcere, o ouve, nem irá contar. Mas se diz que houve quem não chegasse a ser fuzilado. Pode ser que ainda leiamos um livro acerca disso.

Na retaguarda, a primeira torrente da guerra foi a dos *espalhadores de boatos e semeadores de pânico,* segundo os termos de um decreto especial à margem do código editado nos primeiros dias da guerra [38]. Tratava-se de uma sangria experimental para manter a disciplina geral. Todos eram condenados a dez anos, mas não se consideravam como abrangidos pelo artigo 58 (e aqueles poucos que sobreviveram aos campos de concentração dos anos de guerra foram anistiados em 1945).

Depois houve a torrente dos que *não entregaram os aparelhos de rádio* ou as suas peças sobressalentes. Por uma válvula de rádio encontrada (por denúncia) pegavam-se dez anos.

E logo veio a torrente dos *alemães:* os da região do Volga, os colonos da Ucrânia e do norte do Cáucaso, enfim, todas as pessoas de origem alemã, qualquer que fosse a zona da União Soviética donde viessem. O sintoma determinante era o do *sangue,* e até heróis da guerra civil e velhos militares do Partido, desde que se tratasse de alemães, eram desterrados [39].

---

* *Presos comuns (ladrões e outros delinqüentes) que eram utilizados como guardas em campos de prisioneiros políticos. (N. do T.)*

[38] *Estive a ponto de experimentar esse decreto na minha própria pele. Pus-me na fila de uma padaria. Um miliciano chamou-me e levou-me para completar número. Teria começado pelo Gulag, em vez da guerra, se não fosse essa feliz interrupção. (N. do A.)*

[39] *E o sangue era determinado a partir do sobrenome. O engenheiro construtor Vassíli Okorokov (da palavra* okorok, *presunto), achando incômodo assinar com esse nome os seus projetos, mudou nos anos 30, quando isso ainda era possível, para Robert Stekker, que soava bem,*

Na sua essência, o desterro dos alemães foi análogo ao esmagamento dos *kulaks,* mas assumiu formas mais suaves, pois lhes permitiram levar mais coisas consigo e não os atiraram para lugares tão perdidos e mortíferos. Nenhuma formalidade jurídica foi repetida, do mesmo modo que no caso do esmagamento dos *kulaks:* o Código Penal era uma coisa e o desterro de centenas de milhares de homens, outra. Tratava-se de uma decisão pessoal do rei! Além disso, era a sua primeira experiência nacional desse tipo; tinha para ele interesse teórico.

A partir do fim do verão de 1941, e mais ainda no outono, precipitou-se a torrente dos que tinham ficado *cercados.* Tratava-se daqueles mesmos defensores da pátria de que meses antes as nossas cidades se tinham despedido com fanfarras e flores, e a quem, depois disso, coube em sorte apanhar os golpes mais duros dos tanques pesados alemães, tendo-se encontrado, no meio do caso geral, e de maneira nenhuma por culpa sua, não na situação de cativos, mas durante algum tempo dispersos em grupos de combate no interior do cerco alemão, e conseguindo rompê-lo, no fim de contas. Ora, em lugar de serem abraçados fraternalmente no seu regresso (como teria procedido qualquer outro Exército do mundo), deixando-os repousar, visitar a família e incorporarem-se depois à sua unidade, foram conduzidos, debaixo de suspeitas e dúvidas, em destacamentos desarmados e privados de direitos, para centros de verificação e de classificação, onde os oficiais dos Serviços Especiais começavam por ter desconfiança sobre cada palavra sua, até sobre se eram quem diziam ser. E os métodos de verificação eram os interrogatórios, as acareações e as declarações de uns sobre os outros. Depois da verificação, uma parte dos *cercados* era integrada, com o nome anterior, grau e confiança, em novas unidades militares. Outra parte, menor, por enquanto, compunha a primeira torrente de *traidores da pátria.* Era-lhes aplicado o artigo 58-1-b, mas, no princípio, até a elaboração da norma, pegavam menos de dez anos.

Assim se ia depurando o Exército em operações. Mas havia ainda o enorme Exército inativo, no Extremo Oriente e na Mongólia. Não deixar que este exército se enferrujasse, tal era

---

aperfeiçoando a sua assinatura. Agora não tinha tempo de provar nada e foi preso como alemão. "É este o seu verdadeiro nome? De que tarefas foi incumbido pela espionagem fascista?" E outro habitante de Tambov, Kaverzniev (da palavra kaverzni, *intrigante), que já em 1918 tinha mudado o seu pouco melodioso sobrenome pelo de Kolbe, quando será que compartilhou o seu destino com o de Okorokov? (N. do A.)*

a nobre tarefa dos Serviços Especiais. E aos heróis de Khalkhin Gol e do lago de Khassan *, começava-se a soltar-se-lhes a língua, na sua inação, tanto mais que lhes tinham dado agora para estudar as armas que até esse momento eram mantidas secretas para os nossos próprios soldados, as pistolas automáticas Degtiariov e os obuzes de regimento. Dispondo dessas armas, era-lhes difícil compreender como retrocedíamos no Ocidente. À distância da Sibéria e dos montes Urais, eles não podiam ganhar consciência de que retrocedendo cento e vinte quilômetros por dia nós simplesmente repetíamos a manobra de atração de Ktúzov. Só uma *torrente* provinda do Exército Oriental poderia propiciar essa compreensão. E os lábios fecharam-se e a fé passou a ser de ferro.

Nas altas esferas ia fluindo também, por si só, a torrente dos culpados do recuo (não era, evidentemente, o Grande Estrategista o culpado disso!). Foi uma torrente pequena, de meia centena de pessoas, a torrente dos generais, detidos nos cárceres de Moscou, durante o verão de 1941 e em outubro desse ano, em levas. Entre os generais, a maioria da aviação, figuravam o Comandante-em-Chefe da Força Aérea Smuchkévitch, o General E. S. Ptúkhin (o qual dizia: "Se eu soubesse, teria bombardeado em primeiro lugar o nosso Pai Querido, e só depois iria para a prisão!") e outros.

A vitória na zona de Moscou deu origem a uma nova torrente: a dos moscovitas culpados. Agora, após uma análise tranqüila, pôde-se verificar que esses moscovitas não fugiram nem foram evacuados, mas ficaram intrepidamente na capital ameaçada e abandonada pelas autoridades. Eis que já deles se suspeitava: quer de solaparem o poder das autoridades (58-10); quer de terem esperado os alemães (58-1-a, com referência ao artigo 19: esta torrente alimentaria os comissários de instrução de Moscou e de Leningrado até o ano de 1945).

É evidente que o 58-10, ASA (Agitação Anti-Soviética), nunca deixou de ser aplicado e durante toda a guerra satisfez às necessidades da retaguarda e da frente. Era aplicado aos evacuados, se relatassem os horrores da retirada (segundo os jornais, é claro que o retrocesso se fazia de acordo com um plano); aos que na retaguarda espalhavam calúnias, dizendo que o racionamento era pouco; aos que na frente proferiam difamações, dizen-

---

* *Localidades onde se desenrolaram renhidos combates de tropas da URSS e da República Popular da Mongólia, contra tropas japonesas, no ano de 1939. (N. do T.)*

do que os alemães possuíam uma técnica forte; e no ano de 1942, por toda parte, àqueles que caluniosamente afirmavam que em Leningrado, então bloqueada, as pessoas morriam de fome.

Nesse mesmo ano, após o insucesso registrado na zona de Kertch (cento e vinte mil prisioneiros), na zona de Kharkov (ainda mais), no decurso da grande retirada do sul para o Cáucaso e para o Volga, foi ainda aspirada uma torrente mais importante de oficiais e de soldados, que não desejavam resistir até a morte e retrocederam sem licença: aqueles mesmos a quem, segundo os termos da imortal ordem do dia de Stálin n.º 227, a pátria não podia perdoar pela vergonha. Esta torrente não chegou, porém, ao Gulag: submetida ao regime acelerado, pelos tribunais das divisões, foi empurrada para as companhias disciplinares e reabsorvida sem deixar vestígios na areia vermelha das primeiras linhas. Tal foi o cimento sobre que se fundaram os alicerces da vitória de Stalingrado, mas não entrou na história geral da Rússia, ficando confinado à história específica das canalizações.

(De resto, tentamos seguir aqui apenas as torrentes que chegavam ao Gulag vindas do exterior. As ininterruptas transfusões internas do Gulag, de um reservatório a outro, pelos chamados *delitos do campo de concentração,* que foram particularmente ferozes no tempo da guerra, não são examinadas neste capítulo.)

A honestidade exige também que citemos as contracorrentes do tempo da guerra: os já mencionados tchecos e polacos, bem como delinqüentes comuns que foram deixados sair dos campos para irem para a frente de batalha.

A partir de 1943, quando da reviravolta da guerra a nosso favor, começou a tornar-se mais abundante, de ano para ano, até 1946, a torrente dos muitos milhões provindos dos territórios ocupados e da Europa. Os dois afluentes mais importantes que a compunham eram:

— os cidadãos que tinham vivido nos territórios sob o domínio alemão ou na Alemanha (pegavam *dez anos,* sendo catalogados com a letra "a": 58-1-a);

— os militares que tinham sido feitos prisioneiros (pegavam também *dez anos,* sendo catalogados com a letra "b": 58-1-b).

Todos os que ficaram submetidos à ocupação queriam, apesar de tudo, continuar a viver: por isso exerciam uma atividade, podendo teoricamente ganhar, ao mesmo tempo que o sustento diário, também uma futura prova de delito: se não a de

traição à pátria, pelo menos a de colaboração com o inimigo. Entretanto, na prática era suficiente registrar as séries dos passaportes dos habitantes das zonas ocupadas: prendê-los a todos era economicamente insensato, pois isso significava despovoar amplas extensões. Bastava, para a edificação da consciência geral, prender apenas uma certa percentagem: culpados, semiculpados, com um quarto de culpa, bem como aqueles que secavam as meias no mesmo tapume que os alemães.

Mas bastava um por cento de um milhão para formar uma boa dúzia de florescentes campos de trabalho.

E não há lugar para pensar que uma participação honrada em qualquer organização clandestina de resistência contra os alemães livrava alguém, de modo seguro, de entrar na formação dessa torrente. Não foi caso único o daquele Komsomol de Kíev a quem a organização clandestina mandou trabalhar na polícia para lhe transmitir informações. O rapaz, honestamente, deu informações de tudo aos Komsomóis, mas à chegada dos nossos apanhou os seus dez anos, pois era impossível que tendo servido na polícia não se tivesse deixado contagiar pelo espírito do inimigo e cumprido as tarefas de que este o incumbia.

Mais duramente e com maior rigor eram julgados os que tinham estado na Europa, embora se tratasse de escravos das províncias orientais, porque tinham visto um pedaço da vida européia e podiam falar sobre ela. Tais relatos eram sempre desagradáveis (à exceção, compreende-se, das notas de viagem dos escritores sensatos), e muito mais desagradáveis o eram nos anos do pós-guerra, anos de ruína e desordem. Contar que na Europa tudo era absolutamente mau, que a vida era aí impossível, nem todos o sabiam fazer.

Era por esse motivo, e não porque se tivessem constituído prisioneiros, que era julgada a maioria dos *prisioneiros de guerra,* sobretudo aqueles que tinham visto no Ocidente algo mais do que um campo de extermínio alemão[40].

---

[40] *Embora não se deixassem logo aperceber tão claramente, em 1943 havia já umas torrentes perdidas, diferentes de todas as outras, como por exemplo a dos "africanos", tal como se denominaram durante muito tempo nas obras de construção de Vorkut. Tratava-se dos prisioneiros de guerra russos, utilizados pelos americanos no Exército de Rommel na Africa (os* "hiwi"*), que foram expedidos em Studebakers através do Egito, do Iraque e do Irã para a pátria. Instalaram-nos imediatamente numa baía deserta do mar Cáspio, atrás de arame farpado, arrancaram-lhes as insígnias militares, tiraram-lhes os objetos que os americanos lhes tinham dado (em proveito dos funcionários dos "Órgãos", evidentemente, e não do*

Isto se torna evidente pelo fato de inflexivelmente serem tratados como prisioneiros de guerra os *internados* (civis levados para trabalhar na Alemanha). Nos primeiros dias da guerra, por exemplo, um grupo de marinheiros nossos foi dar ao litoral da Suécia. Durante toda a guerra viveram livremente nesse país, com tanto conforto como nunca tinham vivido até então nem nunca mais viveriam no futuro. A URSS retrocedia, avançava, atacava, morria e passava fome e esses canalhas iam comendo o pão da neutralidade. Depois da guerra a Suécia no-los devolveu. A traição à pátria era indubitável, mas havia algo que não encaixava certo. Deixaram-nos partir e separar-se, e depois aplicaram a todos eles uma pena por agitação anti-soviética, em razão dos aliciantes relatos que faziam sobre a liberdade e a abundância que constataram na Suécia capitalista (Grupo Kadenko[41]).

Estado) e expediram-nos para Vorkut, até nova ordem, não lhes aplicando ainda, por falta de experiência, nem uma pena nem um artigo do Código. Estes "africanos" viveram em Vorkut em condições indeterminadas: não estavam sob guarda, mas não podiam sem licença dar um passo sequer por Vorkut: pagavam-lhes um salário como se fossem livres, mas dispunham deles como prisioneiros. E a ordem especial não chegava. Tinham-nos esquecido... (N. do A.)

41 *Com este grupo verificou-se um caso anedótico. No campo, tinham já calado a boca sobre a vida na Suécia, temendo receber por isso uma nova condenação. Na Suécia, porém, soube-se por qualquer meio desse caso e foram publicadas notícias caluniosas na imprensa. Entretanto, os rapazes já estavam dispersos por diversos campos. De repente, por ordem especial, foram levados todos para a prisão de Krest, em Leningrado. Durante dois meses alimentaram-nos para a engorda e deixaram-lhes crescer o cabelo. Depois vestiram-nos com sóbria elegância, industriaram cada um sobre o que devia fazer, advertiram-nos de que se qualquer um deles cometesse a canalhice de falar de outra forma apanharia "nove gramas" de chumbo na nuca, e enviaram-nos para uma conferência de imprensa, na presença de jornalistas estrangeiros convidados e de pessoas que conheciam bem o grupo na Suécia. Os ex-internados mantiveram-se muito animados, relataram onde viviam, estudavam, trabalhavam e indignaram-se com as calúnias burguesas que recentemente tinham* lido *na impresa ocidental (pois ela vende-se aqui em cada quiosque!). Trataram de escrever uns aos outros e puseram-se de acordo, indo a Leningrado (a questão das despesas de viagem não perturbou ninguém). Com o seu aspecto vistoso e fresco eles constituíram o melhor desmentido ao boato dos jornais. Os jornalistas partiram envergonhados, indo escrever desculpas. Para a imaginação ocidental era inimaginável explicar de outra forma o sucedido. E os protagonistas da conferência de imprensa dali mesmo foram levados ao banho, tendo-se-lhes cortado o cabelo e vestido os velhos farrapos e enviado para os mesmos campos. Levando em conta que todos eles se portaram bem, não lhes aplicaram nova condenação. (N. do A.)*

Por entre a torrente geral dos libertados das zonas ocupadas, foram passando, uma após outra, rapidamente e em catadupa, as torrentes das nações que caíram em falta:

— em 1943, as dos calmucos, dos tchetchenos, dos inguchos, dos *balkars;*

— em 1944, a dos tártaros da Criméia.

Elas não teriam corrido tão impetuosa e velozmente para o seu desterro perpétuo se os "Órgãos" não tivessem recebido o reforço de tropas regulares e de viaturas do Exército. As unidades militares cercaram com um anel de ferro as povoações montanhosas, e os que ali se tinham aninhado para viver durante séculos foram obrigados, em vinte e quatro horas, com a impetuosidade das tropas de desembarque, a dirigir-se para a estação, a subir para os vagões e a partir imediatamente para a Sibéria, para o Casaquistão, para a Ásia central, para o norte russo. Exatamente vinte e quatro horas depois, a sua terra e os seus bens eram transferidos para os herdeiros.

Do mesmo modo que os alemães no começo da guerra, também estas nacionalidades eram deportadas unicamente em função do critério do sangue, sem preencherem qualquer questionário — e tanto os membros do Partido, como os heróis do trabalho e os heróis da guerra ainda não finda, todos eram também levados para lá.

Nos últimos anos da guerra houve, por si só, a torrente dos *criminosos de guerra* alemães, selecionados nos campos de prisioneiros de guerra e transferidos, por decisão do tribunal, para os do sistema Gulag.

Em 1945, não obstante a guerra com o Japão não ter durado nem três semanas, foram apanhados numerosos prisioneiros de guerra japoneses, empregados em trabalhos urgentes de construção na Sibéria e na Ásia central, procedendo-se a uma operação de seleção de *criminosos* de guerra idêntica à que foi também ali levada a cabo para o Gulag[42].

A partir de fins de 1944, quando o nosso Exército irrompeu nos Bálcãs, e sobretudo em 1945, quando ele atingiu a Europa central, escoou-se ainda pelos canais do Gulag uma torrente de russos *emigrados* — velhos que tinham saído na época da Revolução e jovens que já ali tinham crescido. Repa-

---

[42] *Sem conhecer os pormenores deste caso, estou não obstante certo de que grande parte destes japoneses não pôde ser julgada legalmente. Tratou-se de um ato de vingança e de um meio de reter a mão-de-obra por um prazo mais prolongado. (N. do A.)*

triavam geralmente os homens, deixando as mulheres e as crianças na emigração. (É verdade que não os levavam todos, mas só aqueles que ao longo desses vinte e cinco anos tivessem exprimido, embora timidamente, os seus pontos de vista políticos, ou que os tivessem manifestado muito tempo antes, durante a Revolução. Não tocavam naqueles que tinham levado uma existência simplesmente vegetativa.) As principais torrentes procederam da Bulgária, da Iugoslávia, da Tchecoslováquia, um pouco menos da Áustria e da Alemanha; nos outros países da Europa Oriental quase não viviam russos.

Como um eco, respondeu-lhe também da Mandchúria, em 1945, uma torrente de emigrantes. (Alguns deles não foram presos imediatamente: houve famílias inteiras que foram convidadas a regressar à pátria como pessoas livres. Uma vez aqui, separavam-nos e mandavam-nos para a deportação ou para os cárceres.)

Em todo o período de 1945 a 1946, avançou para o arquipélago, enfim, uma grande torrente de verdadeiros inimigos do poder (os homens de Vlássov, os cossacos de Krasnov, os muçulmanos das unidades nacionais criadas por Hitler), uns convictos e outros forçados.

Juntamente com eles foi capturado *nada menos de meio milhão de refugiados, que tinham fugido ao poder soviético:* civis de todas as idades e de ambos os sexos, que tinham conseguido esconder-se no território dos Aliados, mas foram perfidamente devolvidos nos anos de 1946-47, pelas respectivas autoridades, aos soviéticos[43].

---

43 *Surpreendentemente, apesar de no Ocidente ser impossível guardar segredos políticos por muito tempo, pois acabam inevitavelmente por ser divulgados, o segredo* desta *traição conheceu uma sorte diferente, sendo guardado ciosamente pelos governos britânico e americano. Na verdade, deve ser, se não o último segredo da Segunda Guerra Mundial, um dos últimos. Tendo encontrado inúmeras vezes pessoas dessas nas prisões e nos campos, custava-me acreditar que neste quarto de século a opinião pública do Ocidente* nada *soubesse dessa entrega, grandiosa pelas suas proporções, de gente simples da Rússia, pelos governos ocidentais, à repressão e à morte. Só em 1973 (no* Sunday Oklahoman *de 21 de janeiro) saiu um pequeno artigo de Julius Epstein, a quem daqui me atrevo a transmitir o meu agradecimento, em nome da massa de mortos e dos poucos vivos. Trata-se de um breve documento incompleto acerca do ocorrido e oculto até o presente, entre os muitos volumes a escrever sobre a repatriação forçada para a União Soviética. "Tendo vivido dois anos nas mãos de autoridades britânicas, com um falso sentimento de segurança, os russos foram apanhados de surpresa, nem compreendendo sequer que os repatriavam... Eram na maioria simples camponeses, com*

Um certo número de polacos, membros do Exército nacional de Kráiova, partidários de Mikolajczyk, passou pelas nossas prisões em 1945, antes de seguir para o Gulag.

Havia também uns tantos *romenos* e *húngaros*.

A partir do fim da guerra e por longos anos foi escorrendo a abundante torrente dos nacionalistas ucranianos (os partidários de Bandera).

Sobre o pano de fundo de toda essa gigantesca transplantação de milhões de pessoas no pós-guerra, poucos foram os que observaram torrentes tão pequenas como:

— a das *moças que namoravam estrangeiros (1946-47)*, ou seja, que se deixaram cortejar por estrangeiros. Elas eram marcadas com o rótulo do artigo 7-35 (socialmente perigosas);

— a das *crianças espanholas*, essas mesmas que tinham sido expatriadas durante a Guerra Civil, mas que já se tinham convertido em adultas depois da Segunda Guerra Mundial. Educadas em internatos nossos, elas adaptavam-se entretanto mal à nossa vida. Muitas tentaram regressar "a casa". Eram também marcadas com o rótulo do 7-35 (socialmente perigosas), e as mais obstinadas com o do artigo 58-6 (espionagem em proveito... da América).

Para sermos justos, não devemos esquecer tampouco a pequena contracorrente dos... sacerdotes, em 1947. Sim, oh milagre! Pela primeira vez depois de trinta anos eram postos em liberdade os sacerdotes! Propriamente falando, eles não eram procurados nos campos, mas todas as pessoas que, encontrando-se em liberdade, se lembravam deles, podiam dar o seu nome e o lugar do seu paradeiro, e os interessados eram postos por levas em liberdade, a fim de participarem no fortalecimento da Igreja restabelecida.

Importa lembrar que este capítulo não tem de modo algum por fim enumerar *todas* as torrentes que fertilizaram o Gulag, mas só aquelas que assumiram um matiz político. Assim como num curso de anatomia, depois da descrição pormenorizada do sistema da circulação sanguínea, pode-se começar de novo e detalhadamente a fazer a descrição do sistema linfático, assim

---

um rancor pessoal contra os bolcheviques. As autoridades inglesas portaram-se com eles como se se tratasse de 'criminosos de guerra', entregando-os contra sua vontade às mãos daqueles de quem não se pode esperar um julgamento justo." Foram enviados todos para o extermínio, para o Gulag. (N. do A.)

se poderiam descrever de novo, desde 1918 até 1943, as torrentes dos condenados por *delitos comuns* e mais propriamente por crimes *penais*. E essa descrição também não ocuparia pequeno espaço. Aqui seriam esclarecidos muitos *ukazes* (decretos) célebres, esquecidos em parte agora (embora não tenham sido revogados por lei), que forneciam abundante material humano para o insaciável arquipélago: o decreto sobre o absenteísmo no trabalho, o decreto sobre a produção defeituosa, o decreto sobre a destilação caseira de vodca (que atingiu o auge no ano de 1922, mas já na década de 20 tinha feito muitos estragos), o decreto punindo os kolkhozianos que não cumprissem a norma obrigatória de dias de trabalho, o decreto sobre a lei marcial nas estradas de ferro (promulgado em abril de 1943, já não no começo da guerra, mas no momento da sua reviravolta a nosso favor).

Esses decretos, segundo uma tradição antiga, que remonta aos tempos de Pedro, o Grande, apareciam sempre como superiores a toda a legislação anterior, sem a ter de nenhum modo em conta, como se tivesse sido esquecida. Era proposta aos juristas a tarefa de conciliar os diferentes ramos jurídicos, mas eles não cuidavam disso nem com muito zelo nem com muito êxito.

Essa pulsação de decretos conduziu a um estranho quadro de delitos e crimes de direito comum em todo o país. Podia-se observar que nem os roubos, nem os assassinatos, nem a destilação caseira de vodca, nem as violações aconteciam no nosso país segundo os lugares e as circunstâncias, como conseqüência das fraquezas humanas, da luxúria e de paixões desenfreadas! Não! Nos crimes cometidos por todo o país verificava-se uma assombrosa unanimidade e uniformidade! Ora todo o país fervilhava de violadores, ora apenas de assassinos ou de destiladores de vodca, como reação ao último decreto governamental. Dir-se-ia que cada delito dava o flanco ao respectivo decreto, para desaparecer mais depressa! E justamente este delito, que grassava logo por toda a parte, era o mesmo que acabava de ser previsto e punido com mais rigor pela nossa sábia legislação.

Se o decreto sobre a militarização das estradas de ferro levou aos tribunais multidões de simples mulheres e de adolescentes, que constituíam a maioria dos funcionários das linhas férreas no tempo de guerra, era porque não tendo recebido antes qualquer instrução em quartéis eles eram os que provocavam mais atrasos e cometiam infrações. O decreto sobre o não cumprimento da norma obrigatória dos dias de trabalho

simplificou muito a deportação dos kolkhozianos indolentes que não queriam satisfazer-se com o número de *pauzinhos* que lhes atribuíam *. Se por esse motivo antes se exigia um julgamento e a aplicação do artigo sobre a "contra-revolução econômica", bastava agora uma decisão do *kolkhoz,* confirmada pelo Comitê Executivo dos Sovietes do distrito; e os próprios kolkhozianos não podiam deixar de se sentir melhor consigo mesmos, ao terem consciência de que, embora fossem deportados, já não os consideravam como inimigos do povo. (A norma obrigatória de dias de trabalho era diferente segundo as diversas regiões, sendo a mais privilegiada a dos caucasianos: setenta e cinco dias de trabalho; mas muitos destes foram apanhados na torrente, por oito anos, na região de Krasnoiarsk.)

No entanto, neste capítulo não procedemos a um exame pormenorizado e fecundo das torrentes de crimes e delitos comuns. Não podemos silenciar, unicamente, ao atingir o ano de 1947, sobre um dos maiores *ukazes* de Stálin. Já a propósito do ano de 1932 tivemos ocasião de referir-nos à célebre lei do "sete do oito", ou "sete oitavos", lei pela qual se prendia em profusão por uma simples espiga, um pepino, duas batatas, uma pastilha, ou um carretel de linhas [44], e sempre com a pena de dez anos.

Mas as exigências do tempo, tais como as compreendia Stálin, mudavam, e esses dez anos que pareciam suficientes antes da guerra feroz, agora, depois da vitória histórica e mundial, tinham um aspecto demasiado frouxo. E de novo com menosprezo do Código, ou esquecendo-se de que existia uma infinidade de artigos e decretos sobre dilapidações e roubos, foi publicado em 4 de junho de 1947 um decreto que ia mais longe do que todos eles, e que foi imediatamente batizado, pelos sempre animosos presos, como o *ukaze* "quatro do seis".

A superioridade do novo *ukaze* residia, antes de mais nada, em ser recente: logo a seguir à sua aparição devia desencadear-se uma vaga de tais delitos e assegurar-se uma abundante torrente de novos condenados. Mas mais superioridade apresentava ainda quanto aos *prazos das condenações:* se para darem coragem umas às outras iam apanhar espigas não uma mas três moças (um "bando organizado"), ou se eram vários os rapazes de doze

---

* *Os dias de trabalho eram assinalados por pauzinhos. (N. do T.)*

44 *No processo verbal escrevia-se "duzentos metros de material de costura". Apesar de tudo, tinham vergonha de escrever: "um carretel de linha". (N. do A.)*

anos que colhiam maçãs ou pepinos, eram sentenciados a *vinte anos* em campos de concentração; nas fábricas, a sentença era maior e foi ampliada para até *vinte e cinco anos* (essa mesma pena de *um quarto de século* fora introduzida dias antes, como uma substituição humanista da pena de morte [45]). Finalmente, era reparada a antiga injustiça segundo a qual só a não-denúncia por razões políticas era considerada um delito contra o Estado: agora, não denunciar os roubos ao Estado ou ao *kolkhoz* podia valer três anos de campo ou sete anos de deportação.

Nos anos imediatamente posteriores ao *ukaze,* divisões inteiras de habitantes do campo e da cidade foram mandadas para as ilhas do Gulag, em substituição aos indígenas que ali tinham perecido. É certo que estas torrentes seguiram através da milícia e dos tribunais comuns, sem encher os canais de segurança do Estado, que mesmo sem isso já estavam estafados nos anos do pós-guerra.

Esta nova linha de Stálin — segundo a qual agora, depois da vitória sobre o fascismo, era necessário mais do que nunca *prender* maciçamente, energicamente, e por longo tempo — repercutiu logo, naturalmente, sobre os políticos.

Nos anos de 1948-49 a manifesta intensificação das perseguições e da vigilância em toda a vida social foi assinalada pela tragicomédia dos reincidentes, que não tinham precedente nem mesmo nas infrações das leis stalinistas.

Assim foram denominados, na linguagem do Gulag, aqueles desgraçados a quem não fora assestado o golpe de misericórdia no ano de 1937, conseguindo sobreviver aos impossíveis e insuportáveis dez anos, e que agora, nos anos de 1947-48, alquebrados e com a saúde arruinada, punham timidamente os pés em terra *livre,* na esperança de acabarem calmamente o curto tempo de vida que lhes restava. Mas uma fantasia selvática (ou uma tenaz maldade e insaciável sede de vingança) levou o Generalíssimo Vencedor a dar uma ordem: a de que todos esses estropiados deviam ser presos novamente, sem nova culpa! Para ele, era até econômica e politicamente desvantajoso obstruir a máquina deglutidora com os seus próprios desperdícios. Mas Stálin decidia precisamente assim. Este foi um dos casos em que a personalidade histórica se mostrou caprichosa em relação à necessidade histórica.

---

[45] *Mas a própria pena de morte só por algum tempo ocultou o seu rosto por trás do véu, para logo arrancá-lo, mostrando os dentes, ao cabo de dois anos e meio (janeiro de 1950). (N. do A.)*

E todos eles, recém-radicados em novos lugares ou em novas famílias, foram *apanhados*. Levaram-nos com a mesma lassitude com que eles também andavam. Sim, já todos eles conheciam com antecipação o caminho da cruz. Não perguntavam "por quê?" nem diziam aos familiares "voltarei". Vestiam a roupa mais suja, enchiam de tabaco o saquinho do campo de trabalho e iam assinar o processo. (E este era um e o mesmo para todos: "É você que esteve detido?" "Sou." "Deram-lhe mais dez anos.")

E vai daí o Autocrata apercebeu-se de que não bastava prender os que tinham sobrevivido ao ano 37! Os *filhos* desses seus inimigos jurados, também esses, era necessário prendê-los! Pois eles cresceriam e podiam pensar em vingança. (Talvez depois de ter ceado bem tivesse tido um mau sonho sobre essas crianças.) Depois de feitos os cálculos e efetuadas as prisões, constatou-se que eram ainda poucos. Tinham prendido os filhos dos chefes do Exército, mas os dos trotskistas, nem todos! E a torrente dos *filhos vingativos* arrastou-se. (Entre eles encontrava-se Lena Kossariova*, de dezessete anos, e Elena Rakóvskaia, de trinta e cinco anos.)

Depois do grande deslocamento europeu, Stálin conseguiu, até 1948, reconstituir um reduto fechado, bem sólido, com o teto mais baixo, e nesse espaço assim delimitado tornar mais espessa ainda a antiga atmosfera de 1937.

E foram-se arrastando as torrentes, durante os anos de 1948, 49 e 50:

— a dos espiões imaginários (dez anos antes eram germano-nipônicos, agora anglo-americanos);
— a dos crentes (desta vez, sobretudo as seitas);
— a dos *geneticistas* e selecionadores que não tinham sido detidos, partidários das teorias de Vavílov e de Mendel;
— a dos simples intelectuais e homens de pensamento (com especial rigor para os estudantes), que não tinham ficado suficientemente assustados com o acidente. Era moda dar-lhes: VAT — por enaltecer a técnica americana; VAD — por enaltecer a democracia americana; PZ — por venerar o Ocidente.

As torrentes eram idênticas às de 1937, mas não *as sentenças:* a norma, agora, já não era os *dez anos* patriarcais, mas

---

* *Filha de A. V. Kossariov, que foi secretário do Comitê Central do Komsomol até 1937. (N. do T.)*

o novo *quarto de século* stalinista. Agora, dez anos eram *coisa de criança*...

Uma torrente considerável foi, então, originada pelo novo *ukaze* sobre divulgação de segredos de Estado (e consideravam-se como segredos: as colheitas dos distritos; qualquer estatística epidemiológica; o tipo de produção de qualquer oficina ou fabriqueta; a menção de qualquer aeroporto civil; as zonas do transporte urbano; o nome de um recluso que se encontrava no campo de trabalho). Por esse *ukaze* a pena atribuída era de quinze anos.

Tampouco eram esquecidas as torrentes das nacionalidades. Elas fluíam constantemente, provindas dos combates de guerrilha no meio dos bosques, tal a torrente dos partidários de Bandera. Simultaneamente, condenavam-se a *dez* e *cinco anos* nos campos e à deportação todos os habitantes rurais da Ucrânia ocidental que tinham tido qualquer contato com os guerrilheiros: quem os deixara pernoitar, quem lhes dera de comer uma só vez que fosse, quem não os denunciara. A partir de 1950, aproximadamente, foi drenada também a torrente das *mulheres* dos partidários de Bandera: eram condenadas a dez anos por não os denunciarem, para mais rapidamente acabarem com eles.

Nessa época tinha já cessado a resistência na Lituânia e na Estônia. Mas no ano de 1949 irromperam daí potentes torrentes da nova profilaxia social, destinadas a garantir a coletivização. Composições ferroviárias inteiras, vindas das três Repúblicas bálticas, carregavam para a deportação na Sibéria os habitantes da cidade e do campo. (O ritmo histórico era encurtado nessas Repúblicas. Num breve prazo deviam percorrer o mesmo caminho já feito por todo o país.)

Em 1948 foi enviada para a deportação ainda outra torrente nacionalista: a dos *gregos* de Azov, do Kuban e do Sukhúmi. De nada tinham sido culpados aos olhos do Pai durante os anos da guerra, mas agora vingava-se neles talvez pelo seu fracasso na Grécia.

Parece que esta torrente foi também fruto da sua demência pessoal. A maioria dos gregos foi deportada para a Ásia central e os descontentes postos em isolamento político.

Cerca de 1950, sempre por vingança da guerra perdida ou por manter o equilíbrio com os já deportados, vieram parar no arquipélago os próprios insurretos do Exército de Markos, que nos foram entregues pela Bulgária.

Nos últimos anos da vida de Stálin começou a delinear-se, de maneira definida, a torrente dos *judeus* (a partir de 1950,

iam sendo arrastados aos poucos como *cosmopolitas)*. Foi para isso que foi tramado o caso dos *médicos*. Consta que Stálin preparava-se para organizar um grande extermínio de judeus[46].

No entanto, este foi o primeiro desígnio fracassado em toda a sua vida. Segundo parece, Deus quis que, através das mãos humanas, ele entregasse a alma.

O relato até aqui teve por fim mostrar à evidência que a transplantação de milhões de homens e o povoamento do Gulag obedeciam a uma fria e premeditada lógica, bem como a uma tenacidade permanente.

Que nunca houve entre nós cárceres *vazios*, mas sempre cheios ou superlotados.

Que enquanto vocês se ocupavam, para sua satisfação, com os inofensivos segredos do átomo, estudavam a influência de Heidegger sobre Sartre, colecionavam reproduções de Picasso, viajavam em carros-leitos para as termas, ou acabavam de construir as suas casas de campo nos arrabaldes de Moscou, os carros de presos corriam ininterruptamente de um extremo ao outro das ruas e os agentes de segurança do Estado batiam e chamavam às portas.

E eu penso que com este relato fica demonstrado que os "Órgãos" nunca comeram o seu pão em vão.

---

[46] *Nada sabemos de modo fidedigno, nem agora nem talvez por longo tempo. Mas, segundo rumores que circulavam em Moscou, o desígnio de Stálin era enforcar em começos de março "os médicos-assassinos", na Praça Vermelha. Em seguida, os patriotas deviam naturalmente (sob a direção de instrutores) lançar-se num* progrom *contra os israelitas. E então o governo (conhece-se o caráter de Stálin, não é verdade?), salvando magnanimamente os judeus do ódio popular, expulsava-os nessa mesma noite de Moscou para o Extremo Oriente e para a Sibéria (onde já estavam sendo preparadas barracas). (N. do A.)*

III A INSTRUÇÃO

Se aos intelectuais das peças de Tchékhov, sempre fazendo conjeturas sobre o que seria a vida dentro de vinte, trinta ou quarenta anos, tivessem respondido que na Rússia se torturariam os acusados durante a instrução do processo, que se lhes apertaria o crânio com um anel de ferro [1], que se submergiria uma pessoa num banho de ácidos [2], que se ataria um homem nu para o expor às formigas e aos percevejos, que se lhe introduziria uma baioneta em brasa pelo orifício anal ("a marca secreta"), que se lhe comprimiriam lentamente com uma bota os órgãos sexuais e que, como tratamento mais suave, se torturaria alguém durante uma semana, sem o deixar dormir, nem lhe dar de beber, espancando-o até deixar-lhe o corpo em carne viva — nem uma só dessas peças teria chegado até o fim e todos os seus heróis teriam ido parar no manicômio.

E não só os heróis de Tchékhov! Que russo normal dos começos do século e, entre outros, que membro do Partido Operário Social-Democrata Russo poderia suportar semelhante difamação lançada contra o futuro luminoso? Aquilo que ainda se admitia sob o poder de Aleksei Mikháilovitch e que já sob Pedro, o Grande, parecia bárbaro, aquilo que nos tempos de Bryon podia ser aplicado a dez ou vinte pessoas e que já era completamente impossível de suceder no reinado de Ekaterina, isso foi realizado em pleno florescimento da sociedade do nosso grande século XX, concebido segundo os princípios socialistas, quando já voavam aviões e já havia surgido o cinema sonoro e o rádio. E foi realizado não por um criminoso isolado num lugar secreto, mas por dezenas de milhares de bestas humanas, especialmente amestradas, contra milhões de vítimas indefesas.

Será terrível apenas esta explosão de horroroso atavismo, designada agora, como subterfúgio, por "culto da personalidade"? Ou sê-lo-á também o fato de que, no decurso destes mesmos anos, tivéssemos comemorado o centenário de Púchkin, que sem qualquer vergonha tivéssemos representado essas mesmas peças de Tchékhov, embora já soubéssemos a resposta a tais perguntas? Mas não será mais terrível ainda que, trinta

---

[1] *Como aconteceu ao Doutor S., segundo o testemunho de A. P. K. . .va. (N. do A.)*

[2] *Como aconteceu a H. S. T. . .e. (N. do A.)*

anos depois, nos venham dizer: não se deve falar disso! Recordar o sofrimento de milhões de pessoas é deformar a perspectiva histórica! Tratar de descobrir a essência dos nossos costumes é obscurecer o progresso material! Que se fale antes dos altos-fornos que foram acesos, ou dos trens de laminação, ou dos canais que foram abertos... Não, dos canais também não é conveniente falar... Antes do ouro de Kolimá... Não, tampouco isso é conveniente. Enfim, pode-se falar de tudo, mas desde que se saiba fazê-lo, glorificando-o...

Será então incompreensível que amaldiçoemos a Inquisição? Acaso, além das fogueiras, não havia ao mesmo tempo serviços religiosos solenes? Será incompreensível que não gostemos do direito feudal? Veja-se, não se proibiam os camponeses de trabalhar todos os dias... Eles podiam celebrar o Natal com canções, pela Trindade as moças teciam coroas...

O caráter excepcional que as lendas orais e escritas atribuem agora ao ano 37 reside, aos olhos de muitos, na invenção de culpas e torturas.

Mas não é essa a verdade, isso é inexato. Quaisquer que forem os anos ou as décadas, a instrução segundo o artigo 58 *quase nunca* visou ao esclarecimento da verdade, consistindo unicamente num procedimento sujo e inexorável: pegar num homem que se acabava de privar da liberdade, por vezes altivo, sempre de inesperado, dobrá-lo, introduzi-lo num tubo estreito, onde os ganchos da armadura lhe esgarçavam os costados, onde não podia respirar, de maneira a que ele implorasse a graça de chegar à outra extremidade. E dessa extremidade ei-lo que saía já pronto, como um indígena do arquipélago entrando na terra prometida. (Os mais obtusos obstinavam-se eternamente, pensando que se pode sair do tubo caminhando para trás.)

Quanto mais anos se deixam passar sem traços escritos mais difícil se torna reunir as testemunhas dispersas que se salvaram. Mas estas asseguram-nos que a criação de *falsos processos* remonta já aos primeiros anos de existência dos "Órgãos", tornando assim palpável a sua constante e insubstituível atividade de salvação, a fim de que com a diminuição dos seus inimigos não tivessem os próprios "Órgãos" em má hora de *desaparecer*. Como se vê, pelo processo de Kossiriev[3], a situação da Tcheká

---

[3] *Parte I, capítulo 8. (N. do A.)*

era já indisfarçável em começos de 1919. Lendo os jornais de 1918, deparei com um comunicado oficial sobre a descoberta de uma terrível conspiração montada por um grupo de dez pessoas que queriam (e limitavam-se ainda a *querer!)* içar até o telhado de um orfanato (vejam só a altura) alguns *canhões,* para daí bombardear o Krêmlin. As pessoas eram *dez* (entre elas podia haver mulheres e adolescentes), mas ignora-se quantos eram os canhões. E de onde vinham esses canhões? De que calibre eram? E como fazê-los subir da escada até o telhado? E como instalá-los no telhado inclinado de modo a não resvalarem ao disparar?! Por que é que os policiais de Petersburgo, quando lutavam contra a Revolução de fevereiro, não puseram metralhadoras pesadas nos telhados?... E, contudo, esta fantasia, excedendo as invencionices de 1937, era lida por toda a gente! E acreditavam nela!... Evidentemente, com o tempo vieram a demonstrar-nos que o caso Gumiliov, no ano de 1921, foi pura invenção[4]. Nesse mesmo ano, a Tcheká de Riázan montou um falso processo sobre uma "conspiração" da intelectualidade local (mas os protestos de algumas pessoas corajosas puderam chegar ainda até Moscou, e o processo foi arquivado). Ainda nesse ano de 1921, foi fuzilado todo o Comitê de Sapropeliev, que fazia parte da Comissão de Proteção da Natureza. Conhecendo-se bem o caráter e o ambiente dos círculos científicos russos da época, e não nos deixando separar daqueles anos pela cortina de fumo do fanatismo, talvez possamos compreender, sem fazer grandes investigações, qual o valor de um tal *caso.*

O ano de 1921 ficou na memória de E. Doiarenko. Na sala de admissão da Lubianka, que tinha de quarenta a cinqüenta bancos, dão entrada mulheres e mais mulheres durante toda a noite, sem cessar. Nenhuma sabe do que é culpada. A impressão geral é a de que as prisões são feitas sem motivo. Ela é a única em toda a sala que sabe: é uma socialista-revolucionária. Eis a primeira pergunta feita por Iágoda: "Então, *por que* é que te trouxeram para cá?" O que queria dizer: inventa tu mesma, ajuda-nos a fabricar este caso! Algo de *absolutamente semelhante* é relatado sobre a GPU de Riázan, no ano de 1930! A impressão geral era que todos estavam presos sem qualquer culpa. A tal ponto não sabiam do que acusá-los que

---

[4] *A. A. Akhmátova afirmou-me a sua plena convicção acerca disso. Ela inclusive me disse o nome do tchekista que inventou este caso (I. Agranov, segundo pareceu). (N. do A.)*

I. D. T. foi acusado de usar um nome falso... (E, embora fosse o verdadeiro, condenaram-no a três anos, pelo artigo 58-10.) Não sabendo que pretexto invocar, o comissário instrutor perguntou-lhe: "Em que trabalhava?" "Era funcionário da planificação." "Escreva uma nota sobre este tema: *O que é a planificação na empresa e como se realiza.* Depois saberá por que o prenderam." (Na nota ele encontraria qualquer pretexto a que se agarrar.)

Isso faz lembrar o caso da Fortaleza de Kovênskaia, no ano de 1912. Tinham decidido suprimi-la, por ser inútil: ela deixara de cumprir o seu objetivo militar. Então, os oficiais do comando, alarmados, organizaram um "canhoneio noturno" sobre a fortaleza, para demonstrarem a sua utilidade e ficarem nos seus lugares!...

Aliás, o ponto de vista teórico sobre a *culpabilidade* do acusado era desde o começo muito livre. Nas instruções relativas ao terror vermelho, o tchekista M. I. Látsis escreveu: "...não procurem, durante a instrução, documentos ou provas de que o acusado atuou por palavras ou por fatos contra o poder soviético. A primeira pergunta deve ser: a que classe pertence, qual é a sua origem, seu nível de instrução (eis o caso do Comitê de Sapropeliev! — A. S.), a sua educação. Estas questões determinarão o destino do acusado". Em 13 de novembro de 1920, Dzerjinski, numa carta à Vetcheká, faz notar que na Tcheká "freqüentemente dão seguimento a declarações caluniosas".

Sim, ensinaram-nos durante dezenas de anos que de lá não se regressa! À exceção do breve e premeditado movimento do ano de 1939, apenas se conhecem relatos isolados sobre a libertação de pessoas como resultado final da investigação. E, de resto, ou essa pessoa depressa seria detida de novo, ou a deixariam em liberdade para espioná-la. Assim se criou a tradição de que os "Órgãos" nunca têm *falhas no seu trabalho.* Que sucede então aos inocentes?...

No *Dicionário de língua russa,* da autoria de Dal, faz-se esta distinção: "O *inquérito* difere da instrução pelo fato de que se organiza para certificar previamente se existem ou não fundamentos para proceder à instrução judicial".

Oh! santa simplicidade! Então os "Órgãos" nunca souberam o que é um *inquérito!* As listas enviadas pelos dirigentes, a menor suspeita, a denúncia de um agente secreto ou mesmo

de um anônimo[5] eram suficientes para conduzir à detenção e desta à inevitável acusação. O tempo dado para a instrução do processo não se destinava a esclarecer o delito, mas sim, em noventa e cinco por cento dos casos, a esgotar, extenuar e debilitar o preso, até o ponto em que este desejasse até mesmo cortar a cabeça com um machado, só para ver o fim mais rapidamente.

Já no ano de 1919 o método principal de instrução era o de pôr o *revólver sobre a mesa.*

Assim se desenrolava não apenas a instrução dos processos políticos, como também dos "comuns". No processo da Administração Geral dos Combustíveis (1921) a ré Makhróvskaia queixou-se de que durante os interrogatórios tinham-na obrigado a tomar cocaína. O acusador[6], pretendendo esquivar-se, replicou: "Se ela declarasse que a tinham tratado grosseiramente, que a tinham *ameaçado com o fuzilamento,* ainda se poderia, com rigor, *acreditar*". Eis o assustador revólver posto sobre a mesa e às vezes apontado contra você, e o comissário instrutor não perde tempo nem feitio para descobrir do que você é culpado, repetindo: "Fale, você já sabe do que se trata!" Era o que no ano de 1927 o Comissário Khaikin exigia de Skripnikova; e era o que no ano de 1929 exigiam de Vitkóvski. E nada mudou, decorrido um quarto de século. No ano de 1952, à mesma Anna Skripnikova, que cumpria a *quinta* detenção, o chefe da seção de instrução da Segurança do Estado de Ordjonikidze, Sivakov, declara: "O médico da prisão entregou-nos uma nota dizendo que a sua pressão arterial é de 24/12. Isso é pouco, canalha (ela ia a caminho dos sessenta anos). Fá-la-emos chegar até 34, para que estrebuche, sua víbora, sem necessidade de nódoas roxas, de espancamentos, nem fraturas. Basta que não a deixemos dormir!" E se Skripnikova, após os interrogatórios noturnos, durante o dia fechava os olhos na cela, o vigilante irrompia, berrando: "Abra os olhos, senão arrasto-a pelos pés e prego-a à parede!"

A partir de 1921 os interrogatórios passaram a ser na sua maioria noturnos. Nessa época utilizavam-se já os faróis

---

[5] *O artigo 93 do Código de Processo Penal rezava assim: "A denúncia anônima pode servir para instaurar um processo criminal". (A palavra "criminal" não deve causar surpresa, uma vez que todos os políticos eram considerados criminosos.) (N. do A.)*

[6] *N. V. Krilenko.* Em cinco anos. *Editora Estatal, Moscou, 1923, página 401. (N. do A.)*

de automóveis para iluminar o acusado (Tcheká de Riázan, Stelmakh). E em 1926, na Lubianka (testemunho de Berta Gandal), era utilizado o sistema de ar condicionado da fábrica Anossov para as celas, o qual expelia ora ar frio, ora ar fedorento. E havia uma cela revestida de cortiça, sem ventilação, onde, para cúmulo, se sufocava de calor. Parece que o poeta Kliuiev esteve numa cela desse gênero e aí permaneceu Berta Gandal. O participante da insurreição de Yaroslavl, de 1918, Vassíli Aleksándrovitch Kacianov, contava que essa cela era aquecida até ao ponto em que os poros do corpo sangravam; observando ocultamente os efeitos, nesse ponto colocavam então o preso numa maca e levavam-no para assinar o processo verbal. São conhecidos os métodos quentes (e "salgados") do período de "ouro". Na Geórgia, em 1926, queimavam as mãos dos presos com cigarros; na prisão de Metekha empurravam na escuridão os presos para dentro de um tanque cheio de imundícies.

Eis a relação simples entre todos estes fatos: já que é necessário acusar de qualquer maneira, são inevitáveis as ameaças, as violências e as torturas, e quanto mais fantasiosa for a acusação, mais cruel deve ser a investigação, para obrigar às confissões. E uma vez que as acusações eram sempre inventadas, havia sempre violências, o que não foi pois atributo do ano de 1937, mas sim um sintoma prolongado, de caráter geral. Por isso se torna estranho ler agora, em algumas das recordações de antigos *zeks*, que "as torturas foram permitidas a partir da primavera de 1938[7]". Não existiram nunca quaisquer limites morais e espirituais capazes de refrear os "Órgãos" na aplicação das torturas. Nos primeiros anos depois da Revolução, discutia-se abertamente no *Semanário da Tcheká*, na *Espada Vermelha* e no *Terror Vermelho* o problema de saber se a aplicação de torturas era admissível do ponto de vista do marxismo. A julgar pelas conseqüências, a resposta foi positiva, embora não universal.

Será mais justo dizer, quanto ao ano de 1938: se até aí as aplicações de torturas eram condicionadas a formalidades que

[7] *E. Guinzburg escreve que a autorização para a "aplicação da força física" foi dada em abril de 1938. V. Chalámov considera que as torturas foram permitidas em meados de 1938. O velho detido M. . .tch está convencido de que houve uma "ordem acerca da simplificação dos interrogatórios e da substituição dos métodos psicológicos pelos físicos". Ivánov-Razúmnik põe em evidência que "por meados de 1938 teve lugar o período dos interrogatórios mais cruéis". (N. do A.)*

implicavam a sua permissão em cada caso (a qual era obtida facilmente), nos anos 1937-38, tendo em conta a situação excepcional (havia que enviar milhões de homens para o arquipélago num breve prazo predeterminado, fazendo-os passar de qualquer modo através do aparelho de instruções individual, o que não se verificou nas torrentes maciças dos *kulaks* e das nacionalidades), as autorizações de violência e de torturas foram dadas ilimitadamente aos instrutores, segundo o seu critério, conforme o exigisse o seu trabalho e o prazo estabelecido. Ao mesmo tempo, não se regulamentavam os tipos de torturas e era permitida qualquer invenção nesse domínio.

Em 1939 essa autorização tão ampla e geral foi suprimida, e exigiram-se novamente formalidades escritas para a aplicação das torturas; é provável que elas não fossem fáceis de obter (entretanto as simples ameaças, a chantagem, o engano, a extenuação pela privação do sono e as celas de castigo não foram nunca proibidos). Mas já a partir do fim da guerra e nos anos posteriores foram especificadas certas *categorias* de presos aos quais era permitido, de antemão, aplicar uma ampla gama de torturas. Entre elas estavam incluídos os nacionalistas, especialmente os ucranianos e os lituanos, e sobretudo aqueles casos em que havia, ou se considerava que havia, ligações clandestinas, sendo preciso, para desbaratá-las, conseguir todos os nomes através dos que estavam presos. O grupo de Skirius Romualdas Prano, por exemplo, compreendia cinqüenta lituanos. Em 1945, eles foram acusados de afixar cartazes anti-soviéticos. Por falta de prisões, na Lituânia, nesse tempo, foram conduzidos para o campo que fica situado perto de Velsk, na região de Arkhangelsk. Alguns foram ali torturados, outros não resistiram ao duro regime de trabalho no campo e aos interrogatórios, mas o resultado foi este: todos os cinqüenta presos, unanimemente, se *confessaram culpados*. Passou algum tempo e comunicaram da Lituânia que tinham sido descobertos os verdadeiros culpados da afixação de cartazes, *e que aqueles nada tinham a ver com isso!* Em 1950, no campo de Kuibíchiev, encontrei-me com um ucraniano de Dniepropetróvsk a quem, para obterem "ligações" e nomes de pessoas, tinham torturado por métodos diversos, inclusive o castigo que consistia em só o deixarem dormir com uma vara para apoio, quatro horas por dia. Depois retiravam-lhe a vara. Depois da guerra, também torturaram Levina, membro correspondente da Academia das Ciências, pelo fato de ela ter conhecidos comuns com a família dos Alilúiev.

Seria ainda inexato atribuir ao ano de 1937 a "descoberta"

segundo a qual a confissão da culpa pelo acusado é mais importante do que todas as provas e fatos. Essa prática tinha-se estabelecido nos anos 20. Mas o ano de 1937 é o da manifestação oportuna da brilhante doutrina de Vichinski. Entretanto, ela foi então transmitida apenas hierarquicamente aos comissários instrutores e aos oficiais para sua firmeza moral, enquanto nós, todos os outros, só soubemos dela vinte anos mais tarde, quando começou a ser atacada em orações subordinadas e em parágrafos secundários de artigos de jornal, como se se tratasse de algo conhecido amplamente e há muito tempo por todos.

Sucede que nesse ano de sinistra memória, num discurso que se tornou célebre nos círculos especializados, Andrei Ianuariévitch (dá vontade de chamar-lhe Jaguar-iévitch) Vichinski, fazendo apelo ao espírito flexível da dialética (que não é permitida aos simples súditos do Estado, nem agora às máquinas eletrônicas, dado que para eles o *sim* é *sim*, e o *não* é *não*), lembrou que, para a humanidade, nunca é possível estabelecer a verdade absoluta, mas apenas a verdade relativa. E vai daí deu um passo que os juristas metafísicos não tinham ousado dar em dois mil anos: o de que, em conseqüência, a verdade estabelecida pela instauração do processo e pelo próprio processo não pode ser absoluta, mas simplesmente relativa. Assim, ao assinar uma sentença de fuzilamento nós nunca podemos estar *absolutamente* convictos de executar o *culpado*, mas só com um certo grau de aproximação, baseados em certas suposições, num certo sentido[8]. Daí a conclusão mais prática: a de que é tempo perdido buscar provas documentais absolutas (elas são todas relativas) e testemunhas irrefutáveis (elas podem contradizer-se). Quanto às provas relativas, ou aproximativas, o juiz pode muito bem obtê-las mesmo sem documentos, sem sair do seu gabinete, "apoiando-se não só na sua inteligência, mas também na sua intuição de membro do Partido, nas suas *forças morais*" (isto é, na superioridade do homem

---

8 *Talvez o próprio Vichinski não tivesse menos necessidade do que os seus auditores desta consolação dialética. Ao gritar da sua tribuna de procurador: "Fuzilem-nos todos como cães raivosos!", ele, inteligente e mau como era, compreendia bem que os acusados estavam inocentes. Era pois com tanto mais veemência, provavelmente, que ele e um ás da dialética marxista como Bukhárin se entregavam a recobrir de ornamentos dialéticos as mentiras processuais: para Bukhárin era demasiado estúpido e desopilante morrer sendo completamente inocente (ele* necessitava, *inclusive, provar a sua culpa!), e para Vichinski era mais agradável sentir-se um lógico do que um patife mascarado. (N. do A.)*

que dormiu, que está saciado e não foi espancado) "e no seu caráter" (ou seja, na sua vontade ou crueldade).

Naturalmente, esta forma de inquirir era muito mais refinada do que as instruções de Latsis. A essência, porém, era a mesma.

E só sobre mais um ponto é que Vichinski não foi até o fim, afastando-se da lógica dialética: por alguma razão ele deixou que a *bala na nuca* continuasse a ser uma prova *absoluta*...

Assim, desenvolvendo-se em espiral, as deduções da jurisprudência de vanguarda voltaram aos pontos de vista da pré-Antiguidade ou da Idade Média. Como os carrascos medievais, nossos procuradores e juízes concordaram em considerar como principal prova da culpabilidade a confissão do acusado[9].

Entretanto, a ingênua Idade Média, para arrancar as desejadas confissões, recorria a meios dramáticos, impressionantes: a roldana, a roda, o assador, as cavilhas e a empalação. No século XX, graças ao progresso da medicina e a uma considerável experiência carcerária (houve alguém que defendeu isso muito a sério numa tese), reconhece-se que uma tal concentração de meios, tratando-se de uma aplicação em massa, se tornaria supérflua e pesada. E de resto...

E de resto, pelo visto, havia ainda uma circunstância: como sempre, Stálin não dissera a última palavra e os seus próprios subordinados deviam adivinhar. Ele reservava para si o pulo do gato a fim de poder dar um passo atrás e escrever *A vertigem dos êxitos*. Era a primeira vez que a tortura planificada de milhões de homens era empreendida na história da humanidade, e, com toda a força do seu poder, Stálin não podia estar absolutamente seguro do seu êxito. Com um material gigantesco, a experiência podia decorrer diferentemente do que com um material discreto. Podia ter lugar uma explosão imprevista, uma fratura geológica ou pelo menos a divulgação universal do segredo. Em qualquer caso, Stálin devia guardar a sua auréola pura e angélica.

Por isso é-se levado a pensar que não existia uma lista de torturas e de vilanias distribuída em letra impressa aos comissários instrutores, mas que se exigia apenas que cada seção de instrução, num prazo fixo, enviasse ao tribunal um número

---

[9] *Compare-se com o quinto aditamento à Constituição dos Estados Unidos: "É proibido fazer declarações contra si próprio". "É proibido!..." (O mesmo reza o* bill *inglês dos direitos, no século XVII.) (N. do A.)*

determinado de infelizes que tivessem confessado. E, simplesmente (por via oral, mas com freqüência), acentuava-se que todas as medidas e meios eram bons, uma vez que visavam a um fim elevado: que ninguém pedia contas a um comissário pela morte de um réu; que o médico da prisão deve intervir o menos possível no decurso da instauração do processo. Provavelmente, organizava-se um intercâmbio amigável de experiências, "aprendendo-se com os de vanguarda"; reconhecia-se "o interesse material", com o pagamento dobrado pelas horas noturnas e prêmios pela instrução em prazos reduzidos; e advertia-se também que o comissário que não desempenhasse bem a sua tarefa... Desse modo, se num departamento regional qualquer da NKVD houvesse um fracasso, o chefe ficaria sempre limpo perante Stálin: não tinha dado indicações diretas para torturar! E ao mesmo tempo tinha assegurado as torturas!

Compreendendo que os superiores tomavam precauções, parte dos comissários instrutores (não aqueles que com exaltação se deleitavam) iam começando pelos métodos mais suaves, e à medida da sua intensificação procuravam esquivar-se àqueles que deixavam vestígios demasiado evidentes, tais como: vazar um olho, arrancar uma orelha, fraturar a coluna vertebral e ainda encher o corpo de nódoas negras.

Eis por que em 1937 não observamos — além da privação do sono — uma completa uniformidade de métodos nas várias diretorias regionais e entre os diferentes comissários de uma mesma diretoria [10].

Havia contudo algo de comum: a preferência dada aos meios denominados *suaves* (já veremos em que consistiam), e esse era um caminho infalível. Na verdade, os limites reais do equilíbrio humano são muito estreitos, e era completamente desnecessário lançar mão da roldana ou do assador para levar à insanidade uma pessoa comum.

Tentaremos enumerar alguns dos métodos mais simples, que quebrantam a vontade e a personalidade do preso sem deixar traços no seu corpo.

Começaremos pelos métodos *psíquicos*. Para os pobres-diabos que nunca se tinham preparado para os sofrimentos da prisão, estes métodos têm uma força terrível e mesmo aniquiladora. E mesmo para os que têm convicções, tampouco são fáceis.

1) Vejamos em primeiro lugar as *noites*. Por que é que

10 Diz-se que as torturas em Rostov-sobre-o-Don e em Krasnodar se destacavam pela sua crueldade, mas isso não está demonstrado. (N. do A.)

o essencial do desmoronamento das almas tem lugar à noite? Por que é que desde o seu aparecimento os "Órgãos" tiveram preferência pela noite? Porque, durante a noite, arrancado violentamente ao sono (e mesmo ainda não amolecido pelo sono), o preso não pode manter o equilíbrio e guardar a lucidez como de dia, tornando-se mais maleável.

2) A *persuasão* tem um tom de franqueza. É a coisa mais simples. Para que brincar de gato e rato? Depois de estar entre outros processados, o preso já assimilou a situação geral. E o comissário lhe diz em tom displicente e amigável: "Você próprio compreende que, de qualquer forma, será condenado. Mas se opõe resistência, aqui na prisão, *chegará ao extremo* de perder a saúde. Enquanto num campo de trabalho você terá ar, luz... O melhor para você, pois, é assinar já". Tudo muito lógico. E todos aqueles que concordam e assinam são muito sensatos... quando se trata apenas deles próprios. Mas raramente sucede assim. E a luta é inevitável.

Outra variante é a persuasão dirigida a um membro do Partido. "Se no país há carência e até fome, você mesmo, como bolchevique, deve decidir: poderia admitir que o Partido seja culpado disto? Ou o poder soviético?" "Não, naturalmente!", apressa-se a responder o diretor de um centro de produção de linho. "Então tenha coragem e assuma as suas responsabilidades!" E ele as assume!

3) *Insultos grosseiros*. É método pouco complicado, mas que pode ter efeitos seguros sobre pessoas educadas, delicadas, de natureza sensível. Conheço dois casos ocorridos com religiosos, que cederam unicamente com palavrões. No caso de um deles (em Butirki, em 1944) a instauração do processo era dirigida por uma mulher. De início, na cela, ele se cansava de a elogiar, dizendo como ela era amável. Mas um dia voltou aturdido e durante muito tempo recusou-se a repetir as palavras com que refinadamente ela o mimoseou, cruzando as pernas uma sobre a outra, despudoradamente (lamento não poder inserir aqui uma das suas frasezinhas).

4) Choque provocado pelo *contraste psicológico*. Assim, as mudanças repentinas: todo o interrogatório, ou parte dele, é extremamente amável, com um tratamento pelo nome, pelo sobrenome, sendo feita toda espécie de promessa. Depois, subitamente, o instrutor levanta-se, fazendo ameaças com o peso de papéis: "Ah! patife! Você vai levar nove gramas de chumbo na nuca!", e os seus braços avançam como se fosse agarrar os cabe-

los, como se as unhas terminassem em agulhas, a aproximar-se (contra as mulheres, este é um método muito eficiente).

Outra variante: a alternância de dois comissários, um que sempre ameaça e atormenta e outro que se mostra simpático, quase cordial. O interrogado treme cada vez que entra no gabinete, sem saber qual irá encontrar; sucumbindo ao contraste, dispõe-se, com o segundo, a reconhecer e a assinar, inclusive o que não fez.

5) *Humilhação* prévia. Nas célebres masmorras da GPU de Rostov ("a casa número 33"), sob o grosso pavimento de vidro da calçada (tratava-se de um antigo armazém), os presos, antes do interrogatório, eram deixados várias horas no corredor, com o rosto contra o chão, sendo proibidos de levantar a cabeça e de fazer o mínimo ruído. Assim ficavam deitados, como os muçulmanos nas suas preces, até que o encarregado lhes tocasse no ombro e os conduzisse ao interrogatório. Aleksandra O...va não tinha feito as declarações necessárias na Lubianka. Foi transferida para Lefortovo. Ali, na sala de entrada, uma vigilante mandou-a despir-se, como se fosse do regulamento, levou-lhe a roupa e fechou-a nua num quartinho. Logo vieram vigilantes do sexo masculino que se puseram a olhar pelo postigo, a rir-se e a comentar a figura dela. Fazendo-se um inquérito ainda se podem encontrar, naturalmente, depoimentos sobre muitos outros casos. O objetivo é sempre o mesmo: criar no acusado um estado de abatimento.

6) Métodos que levam o preso a *desconcertar-se*. Eis como F. I. V., de Krasnogorsk, na região de Moscou (segundo me comunicou I. A. P...ev), foi interrogado. A investigadora, no decurso do interrogatório, despia-se pouco a pouco, diante dele, fazendo *striptease,* mas continuava a fazer perguntas, como se nada sucedesse, andava pelo gabinete e aproximava-se do preso, conseguindo que ele cedesse nas declarações. Talvez se tratasse de uma necessidade pessoal dela, ou talvez de um cálculo frio: o preso é que ficava perturbado e assinava! Quanto a ela, não corria perigo nenhum, pois tinha uma pistola e a campainha.

7) *Intimidação*. É o método mais fácil de se utilizar, sendo muito variado. É acompanhado freqüentemente de sedução e promessas (falsas, evidentemente). Em 1924: "Você não quer confessar? Terá de ir para Solovetski. Nós pomos em liberdade aqueles que confessam". Em 1944: "Depende de mim indicar para que campo o enviam. Os campos são diferentes uns dos outros. Agora temos campos de trabalhos forçados. Se você for sincero, irá para um lugar suave, mas se obstinar pegará

vinte e cinco anos de trabalhos forçados subterrâneos, e algemado!" Intimida-se também o acusado com outra prisão pior: "Se você se mantém renitente vai para Lefortovo (no caso de se estar na Lubianka), ou para Sukhánov (no caso de se estar em Lefortovo), e lá não falarão assim com você". Ora, você já está acostumado: nesta prisão o regime até que é *razoável,* enquanto *lá,* que torturas o esperam? E depois a transferência... Não será melhor ceder?

A intimidação age perfeitamente sobre todo aquele que ainda não foi preso, mas simplesmente chamado à Bolchói Dom (Casa Grande), por agora, como aviso. Ele (ou ela) tem ainda muito que perder, ele (ou ela) tem medo, medo de que não o(a) deixem sair hoje, medo da confiscação dos seus bens, da sua casa. Ele, para evitar esses perigos, está disposto a fazer todo gênero de declarações e de concessões. Ela, naturalmente, não conhece o Código Penal, e o menos que fazem no início do interrogatório é mostrar-lhe uma folha escrita, com uma citação falsa do Código: "Eu fui advertida de que por falso testemunho pegarei cinco anos de prisão" (na realidade, segundo o artigo 95, a pena é de dois anos) "e, por negar-me a fazer declarações, outros cinco..." (na realidade, segundo o artigo 92, a pena não excede três meses). Aqui entra já em ação outro método, a que recorrerão constantemente:

8) A *mentira.* Nós, os cordeiros, não podemos mentir, mas o comissário mente constantemente e todos estes artigos não se referem a ele. Perdemos até já o hábito de perguntar: que lhe pode suceder por mentir? Ele pode colocar ante nós tantos depoimentos falsos quantos quiser, com a assinatura imitada dos nossos familiares e amigos — e isso será apenas um modo refinado de interrogatório.

A intimidação, aliada à sedução e à mentira, é o método ideal para exercer influência sobre os familiares do preso, chamados como testemunhas. "Se você não fizer as declarações" (que eles exigem), "isso será pior *para ele...* Você será culpado(a) da condenação dele" (como é que uma mãe pode ouvir isto? [11]). "Só com a assinatura desse" (impingido) "papel você pode salvá-lo" (perdê-lo).

---

11 Segundo as leis cruéis do Império Russo, os familiares mais chegados podiam, regra geral, recusar-se a fazer declarações. Mas se as fizessem na instrução preparatória, podiam por sua vontade retirá-las e impedir que fossem utilizadas no julgamento. O conhecimento ou o parentesco com o delinqüente não eram então considerados como prova!... Coisa estranha... (N. do A.)

9) O *jogo com a afeição* às pessoas mais íntimas. Funciona excelentemente sobre os acusados. Esta é mesmo a mais eficaz das intimidações. Desse modo, pode-se fazer quebrar mesmo o homem mais intrépido (como está profetizado): "O inimigo do homem é a família"!). Recordemos aquele tártaro que a tudo resistiu: às suas torturas e às da sua mulher, mas não às torturas da filha... Em 1930 a Comissária Rimális fazia a seguinte ameaça: "Prenderemos a sua filha e metê-la-emos junto com as sifilíticas!" Uma mulher!...

A ameaça de prisão pode abranger todos aqueles que você ama. Às vezes emprega-se acompanhamento sonoro: "A sua mulher já está presa, mas o destino dela depende da sua sinceridade. E estão interrogando-a na cela contígua, escute!" Efetivamente, do outro lado da parede vem um choro acompanhado de gritos de mulher (eles são todos parecidos, e muito mais através de uma parede, e além disso você tem os nervos tensos, não está nas condições de um perito; às vezes trata-se de um disco com uma voz "tipo esposa", soprano ou contralto: invento registrado de alguém). Mas eis que, sem falsificação, mostram-na, a você, através de uma porta envidraçada! Como ela vai silenciosa, inclinando a cabeça! Sim! É a sua mulher! Pelos corredores da Polícia de Segurança do Estado! Perdeu-a com a sua obstinação! Já está presa! (Mas ela foi chamada apenas para uma formalidade sem importância, e no minuto combinado deixaram-na passar pelo corredor, mas ordenaram-lhe: "Não levante a cabeça, pois de outra maneira não sai daqui!") Ou então lhe dão uma carta dela, exatamente com a sua letra: "Vou abandoná-lo! Depois das infâmias que me contaram a seu respeito, você não me faz falta!" (Deve haver esposas que escrevem cartas assim, por que razão não haveria de havê-las no nosso país? A você resta unicamente decidir em sua consciência se se trata acaso da sua esposa...)

Em 1944, o Comissário Goldman extorquiu de V. A. Kornêieva declarações contra outras pessoas, sob esta ameaça: "Vamos confiscar-lhe a casa e colocaremos na rua os velhos". Convicta e firme na sua fé, Kornêieva nada temia contra ela, estava disposta a sofrer. Mas as ameaças de Goldman eram completamente verossímeis, segundo as nossas leis, e ela se atormentava pela sua família. Quando, uma manhã, depois de ter repelido e rasgado vários depoimentos durante a noite, Goldman começou a escrever uma outra variante, a quarta, em que ela se declarava culpada, e unicamente ela, Kornêieva assinou com alegria e uma sensação de vitória moral. Não conservamos sequer

o simples instinto humano que consiste em justificar-nos e defender-nos de falsas acusações! Ficamos felizes quando conseguimos tomar sobre nós toda a culpa[12]!

Da mesma maneira que na natureza nenhuma classificação tem compartimentações rígidas, também aqui nós não conseguimos separar de forma precisa os métodos psíquicos dos *físicos*. Onde incluir, por exemplo, uma diversão como a que se segue?

10) Método *sonoro*. Coloca-se o réu à distância de uns seis ou oito metros, obrigando-o a falar em voz muito alta e a repetir tudo. Para uma pessoa extenuada, isso não é fácil. Ou então fazem-se dois alto-falantes de papelão e, juntamente com um colega instrutor, aproximando-se do preso, grita-se-lhe aos ouvidos: "Confesse, patife!" O preso fica aturdido, às vezes perde a audição. Mas este não é um método econômico. Simplesmente, com a monotonia do trabalho, os investigadores também querem divertir-se, e então cada um inventa e faz o que pode.

11) As *cócegas*. São também uma diversão. Amarram-se ou apertam-se os braços e as pernas do preso e fazem-lhe cócegas no nariz com uma pena de pássaro. O preso torce-se e tem a impressão de que lhe estão perfurando o cérebro.

12) *Apagar o cigarro* na pele do preso (processo já mencionado antes).

13) O método *luminoso*. Deixa-se uma luz elétrica intensa acesa durante vinte e quatro horas na cela ou dependência onde o preso está, uma lâmpada demasiado forte para uma dependência pequena de paredes brancas (eis a aplicação da eletricidade economizada pelos estudantes e pelas donas de casa!). As pálpebras do preso inflamam-se, o que é muito doloroso. E no gabinete do investigador voltam-se para o acusado os projetores do escritório.

14) Outra invenção. Na noite do 1.º de maio de 1933, na GPU de Khabarovsk, Tchebotariov não foi interrogado durante doze horas, mas conduzido durante todo esse tempo ao interrogatório! "Fulano de tal, mãos atrás das costas!" Levam-no para fora da cela, conduzindo-o rapidamente, pela escada, ao gabinete do investigador. O que o conduziu sai. Mas o

---

12 *Agora ela diz: "Onze anos depois, durante o período das reabilitações, deram-me a ler os depoimentos e apoderou-se de mim uma sensação de náusea espiritual. De que podia eu sentir orgulho?!..." Também experimentei o mesmo quando me reabilitaram, ao ouvir trechos dos depoimentos anteriores sobre mim próprio. Dobrei-me e como que me tornei outro. Agora não me reconheço; como pude assinar isso, considerando ainda por cima que não me havia saído mal?... (N. do A.)*

investigador, sem lhe fazer uma só pergunta, e sem sequer o deixar sentar no banco, agarra o telefone: "Venham buscá-lo no 107!" Levam-no, e o conduzem à cela. Logo que se senta, ouve-se o ruído do cadeado: "Tchebotariov! Ao interrogatório! Mãos atrás das costas!" E lá em cima: "Venham buscá-lo no 107!"

Na generalidade dos casos, os métodos de pressão podem começar muito antes de se chegar ao gabinete do investigador.

15) A prisão inicia-se pelo boxe, que é uma espécie de cofre ou armário. A pessoa que acaba de ser detida e que está disposta a explicar-se, a discutir e a lutar é encerrada logo nos primeiros passos do seu encarceramento numa caixa, às vezes com luz e com espaço para sentar-se, outras vezes escura e onde só pode manter-se de pé, apertada contra a porta. E guardam-na ali durante várias horas, meio dia ou um dia inteiro. Horas de completa incerteza! Talvez aí fique emparedada para toda a vida! Nunca passou por nada parecido, e nem pode aperceber-se de nada! Essas primeiras horas decorrem quando tudo dentro dela está ainda envolto num torvelinho espiritual que ainda não se acalmou. Uns deixam-se abater-se pelo desânimo — e é o momento do primeiro interrogatório! Outros irritam-se, e isso é ainda melhor: vão ofender o investigador, cometer uma imprudência — e será mais fácil organizar-lhes o processo.

16) Quando os boxes escasseavam, eis como se procedia: na seção da NKVD de Novotcherkassk mantiveram Elena Strutínskaia durante seis dias no corredor, sentada num banco, de maneira que ela não pudesse apoiar-se em nada, não dormisse, não caísse e não se levantasse. Seis dias! Experimente-se ficar assim sentado durante seis horas!

Como variante, pode-se igualmente manter o preso sentado numa cadeira alta, como as de laboratório, de maneira a que os pés não cheguem ao solo, ficando assim muito dormentes. Isso chega a durar de oito a dez horas.

Ou então, durante o interrogatório, quando o preso já está bem observado, manda-se que se sente numa cadeira comum, da seguinte forma: no extremo do assento, bem à beira (mais ainda, mais à frente!), mas de modo que não caia e que a borda do assento lhe provoque uma pressão dolorosa durante todo o interrogatório. E não lhe permitem que se mexa, durante longas horas. Só isso? Sim, só isso. Experimentem!

17) Segundo as condições locais, o boxe pode ser substituído pela *fossa da divisão,* como sucedia nos campos mi-

litares, em Gorokhoviets, durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa fossa, de três metros de profundidade e dois de diâmetro, era posto o preso durante vários dias, sob um céu aberto, por vezes debaixo de chuva. O preso via-se obrigado a fazer ali mesmo as suas necessidades. E, através de uma corda, faziam-lhe chegar trezentos gramas de pão e água. Imagine-se alguém nessa situação, acabado de ser preso, quando tudo ainda fervilha dentro de si.

Decorreria isso acaso das instruções gerais dadas a todas as seções especiais do Exército Vermelho, ou seriam as situações similares de acampamento que conduziam à ampla difusão deste método? Na 36.ª Divisão Motorizada de Atiradores, que participou nos combates de Khalkhin-Gol e que em 1941 estava de guarda no deserto da Mongólia, a um novo prisioneiro, sem nada se lhe explicar, metia-se-lhe uma pá nas mãos (era o chefe da seção especial, Samuliov, que se encarregava disso) e ordenava-se-lhe que cavasse, com as medidas exatas, a sua sepultura (isso era já um cruzamento com os métodos psicológicos!). Quando o preso já tinha feito um buraco que ultrapassava a sua cintura, mandavam-no parar, fazendo-o sentar no fundo: já não se via a cabeça do preso. Uma sentinela montava guarda a várias dessas covas e em torno era tudo deserto[13]. Nesse deserto se mantinha o preso nu, sob o abrasador sol da Mongólia e sob o frio noturno, sem se lhe fazer qualquer outra tortura. Para que despender esforços com torturas? O rancho era composto de cem gramas de pão e de um copo de água *por dia*. O Tenente Tchulpéniov, um Hércules que era pugilista, de vinte e um anos de idade, esteve assim *um mês*. Ao cabo de dez dias estava cheio de piolhos. Ao fim de quinze dias foi chamado, pela primeira vez, para prestar declarações.

18) Obrigar o preso a *pôr-se de joelhos*. Não em sentido figurado, mas real: de joelhos e de tal modo que não se sentasse sobre os calcanhares, mantendo o dorso aprumado. No gabinete do comissário ou no corredor pode-se forçar o preso a ficar nessa posição durante doze, vinte e quatro, e até quarenta e oito horas. (O mesmo comissário de instrução pode ir para casa, dormir, distrair-se, pois tem o sistema bem organizado:

---

[13] *Isto era, pelo visto, de inspiração mongólica. A revista* Niva *de 15 de março de 1914, na página 218, inseria a seguinte gravura de um cárcere mongol: cada preso estava encerrado no seu baú, com um pequeno orifício para a cabeça ou a alimentação. Um guarda andava por entre os baús. (N. do A.)*

junto da pessoa ajoelhada é posta uma sentinela, periodicamente rendida[14]. A quem é conveniente colocar assim? Àqueles que, tendo já o ânimo quebrantado, estão prestes a ceder. E é bom pôr assim as mulheres. Ivánov-Razúmnik descreve outra variante desse método: tendo posto o jovem Lordkipanidze de joelhos, o comissário urinou-lhe no rosto! E o que sucedeu? Tendo resistido a outros métodos, Lordkipanidze dobrou-se a este. Isso significa que ele tem um efeito positivo sobre os que são altivos . . .

19) Ou então, simplesmente, obrigar o preso a *permanecer de pé*. Pode-se deixá-lo de pé só durante os interrogatórios, o que também extenua. Pode-se fazê-lo sentar nos interrogatórios, mantendo-o de pé entre um interrogatório e outro (põe-se um vigilante de guarda, o qual impede o preso de se apoiar nas paredes e, se o preso dorme ou cai, dá-lhe pontapés e o levanta). Às vezes, um dia inteiro de pé basta para que uma pessoa fique sem forças e *declare o que se deseja.*

20) Durante todo o tempo em que o preso fica de pé (três, quatro, cinco dias), habitualmente *não lhe é dada bebida.*

Torna-se cada vez mais clara a combinação dos métodos psicológicos e físicos. Compreende-se, também, que todas as medidas precedentes estão ligadas à

21) *Privação do sono.* Tortura que não era avaliada na Idade Média na sua justa medida; não se conhecia a estreiteza dos limites do diapasão em que o homem conserva a sua personalidade. A privação do sono (conjugada ainda por cima à posição de pé, à sede, à luz intensa, ao pavor e à incerteza, que longe fica das torturas medievais!) turva o raciocínio, quebra a força de vontade, e o homem perde a noção do seu "eu". (Isso faz lembrar a narrativa de Tchékhov, *Quero dormir.* Mas aí tudo é muito mais fácil, pois a menina pode recostar-se, experimentar intervalos de lucidez, os quais, por um minuto que seja, refrescam salutarmente o cérebro.) A pessoa fica numa semi-inconsciência, ou totalmente inconsciente, de maneira que se torna impossível levar a mal as suas declarações[15]. . .

---

[14] *Porque há quem tenha começado os seus anos de juventude precisamente assim, permanecendo de guarda às pessoas ajoelhadas. Agora, certamente, ocupam postos elevados e os seus filhos são adultos. (N. do A.)*

[15] *Imagine-se, em tal estado de perturbação, um estrangeiro que não sabe russo e a quem dão algo para assinar. Um bávaro, Yup Ashenbrenner, assinou desse modo um documento afirmando que trabalhava numa câmara de gás. Somente no campo, em 1945, conseguiu enfim provar que nessa época freqüentava em Munique um curso de solda elétrica. (N. do A.)*

O argumento era: "Você *não é sincero* nas suas declarações, é *por isso* que não lhe é permitido dormir!" Por vezes, supremo refinamento, em vez de pôr o preso de pé, *sentavam-no* num *divã* macio, que predispunha especialmente ao sono (o guarda de plantão sentava-se ao lado, no divã, e dava-lhe pancadas de cada vez que ele fechava os olhos). Eis como uma vítima descreve (antes disso tinha passado um dia no boxe dos percevejos) as suas sensações depois da tortura: "Sente-se um calafrio, devido à grande perda de sangue. Secam-se as membranas dos olhos, como se diante da vista alguém brandisse um ferro incandescente. A língua incha-se devido à sede e pica como um ouriço ao mais leve movimento. Os espasmos de deglutição parecem cortar a garganta[16]".

A privação do sono é uma forma superior de tortura e não deixa absolutamente nenhum vestígio visível, nem sequer motivo de queixas, mesmo que um dia irrompa uma inspeção imprevista[17]. "Não lhe permitiram dormir? Mas isto aqui *não é uma casa de repouso!* Os funcionários, tal como você, também não dormiram" (mas de dia eles se desforraram!). Pode-se dizer que a privação do sono passou a ser um meio universalmente utilizado pelos "Órgãos", tendo passado mesmo da categoria de tortura à de regra de segurança do Estado, pois revelou-se um método mais barato, que permitia prescindir de sentinelas especiais. Em todas as prisões onde se procede à instrução não se pode dormir um minuto sequer, desde o toque de alvorada até a hora de deitar (em Sukhánovka e noutros cárceres, a tábua em que dormem os presos é recolhida na parede durante o dia; noutros, ainda, não é permitido deitar-se, nem mesmo, estando sentado, fechar os olhos). E os interrogatórios mais importantes são feitos à noite. É algo de automático: quem está sendo submetido a processo não tem tempo de dormir ao menos durante cinco dias da semana (nas noites de sábado para domingo e de domingo para segunda-feira os próprios comissários de instrução procuram descansar).

22) Extensão do processo precedente: a *cadeia rolante dos investigadores*. Não só não o deixam dormir, mas durante três

---

16 *G. M...tch. (N. do A.)*

17 *Entretanto, uma inspeção era de tal modo impensável, nunca tendo tido lugar, que, quando uma comissão entrou na cela do ministro da Segurança do Estado, Abakúmov, já preso em 1953, ele recebeu-a às gargalhadas, considerando-a uma mistificação. (N. do A.)*

ou quatro dias você é interrogado *ininterrupta e alternadamente* por comissários que *se revezam.*

23) O *boxe dos percevejos,* já referido. Num escuro armário de madeira criaram-se centenas de percevejos, milhares talvez. Tira-se o casaco ou a blusa do preso, e logo, provindos das paredes e do teto, caem em cima dele os famintos percevejos. A princípio, o preso luta desesperadamente contra eles, mata-os esmagando-os contra si mesmo, contra as paredes, asfixia-se com o seu cheiro e ao fim de algumas horas, enfraquecido e resignado, deixa-se sugar.

24) Os *calabouços.* Por muito mal que se esteja nas celas, os calabouços são sempre piores; uma vez lá, a cela parece sempre um paraíso. No calabouço o homem fica extenuado pela fome e habitualmente pelo *frio* (em Sukhánovka há calabouços escaldantes). Assim, os calabouços de Lefortovo não são jamais aquecidos, apenas os corredores, e ao longo destes os vigilantes de guarda *andam* de um lado para outro com botas de feltro e casacos forrados de algodão. Quanto ao preso, é despido e deixado em roupa de baixo, e às vezes só de cuecas, devendo permanecer imóvel (devido à falta de espaço) durante três a cinco dias (só ao terceiro lhe servem rancho quente). Nos primeiros minutos fala consigo mesmo: "Não resistirei sequer uma hora". Mas, por uma espécie de milagre, a pessoa ali fica os seus cinco dias, contraindo, talvez, uma doença para toda a vida.

Os calabouços apresentam variantes: a umidade, a água. Já depois da guerra, G. Macha foi mantida no calabouço da prisão de Tchernovits duas horas descalça *com água gelada até os tornozelos:* "Confesse!" (Ela tinha dezoito anos; como davam pena as suas pernas, e quanto tempo teria ainda que viver com elas!)

25) Dever-se-á considerar como uma variante do calabouço o *encerramento de pé num nicho?* Já no ano de 1933, na GPU de Khabárovsk, torturaram assim S. A. Tchebotariov: foi encerrado nu em um nicho de cimento, de tal forma que não podia dobrar os joelhos, nem erguer-se, nem endireitar os braços, nem volver a cabeça. Mais ainda! Começou a cair na cabeça, gota a gota, água fria (que página antológica!...), derramando-se-lhe pelo corpo. Não comunicaram a Tchebotariov, como se compreende, que isso iria durar apenas por vinte e quatro horas. Por terrível ou não que fosse, o caso é que o preso desmaiou e, no dia seguinte, quando descobriram, ele estava

como morto, tendo recuperado os sentidos apenas no leito do hospital. Recobrou a consciência com amoníaco, cafeína e massagens no corpo. Mas demorou muito a lembrar-se como tinha ido parar ali e que lhe tinha sucedido na véspera. Durante todo um mês ficou inutilizado mesmo para os interrogatórios. (Atrevemo-nos a supor que esse nicho e a instalação desse suplício da gota não foram feitos só para Tchebotariov. Em 1949 um meu conhecido de Dniepropetrovsk esteve numa instalação parecida, é certo que sem gotas. Entre Khabárovsk e Dniepropetróvsk, e ao longo de dezesseis anos, não poderemos supor também a existência de outras instalações?)

26) A *fome,* já mencionada entre os efeitos combinados. Não é um meio assim tão raro obter a confissão do preso através da fome. Propriamente falando, o elemento fome, assim como a utilização da noite, faz parte do sistema geral de pressão. O exíguo rancho da prisão, consistindo de trezentos gramas de pão, em 1933, em tempo de paz, de quatrocentos e cinqüenta gramas em 1945, na Lubianka, o jogo da autorização e da proibição de receber pacotes e de fazer vir comida de fora, tudo isso é utilizado absolutamente com todos, é universal. Mas existe uma utilização refinada da fome: por exemplo, Tchulpéniov foi mantido durante um mês a cem gramas diários. Fazendo-o sair da fossa, o Comissário de Instrução Sokolov colocava diante dele uma panela de *borch,* um caldo espesso, meio pão branco cortado em fatias diagonais (isso parece não ter importância, mas Tchulpéniov ainda hoje insiste no fato de o pão estar cortado de forma muito tentadora), e entretanto não lhe dava nada de comer. Como tudo isso é velho, feudal, da idade das cavernas! A única novidade é ser aplicado na sociedade socialista! Outros falam também de processos análogos. É coisa freqüente. Mas nós vamos de novo relatar o caso de Tchebotariov, dado que é o produto de muitas combinações. Fecharam-no durante setenta e duas horas no gabinete do investigador e a única coisa que lhe permitiam era ir à privada. De resto, não o deixavam comer, nem beber (ao lado estava um jarro de água), nem dormir. No gabinete encontravam-se sempre três investigadores. Trabalhavam em três turnos. Um escrevia todo o tempo (em silêncio e sem inquietar em nada o preso!), o segundo dormia num divã e o terceiro andava pelo gabinete e, sempre que Tchebotariov dormitava, espancava-o imediatamente. Depois alternavam as funções. (Talvez eles próprios tivessem sido transferidos para aquela situação de caserna por não darem conta do recado.) E, de repente, levaram comida a Tchebotariov: *borch* ucraniano,

cheio de gordura, uma costeleta com batatas fritas e uma caneca de cristal com vinho tinto. Tchebotariov, que ao longo da sua vida sempre teve aversão ao álcool, não bebeu vinho, a despeito das insistências do investigador (e este não o podia forçar muito, porque isso estragava o jogo). Depois da refeição disseram a Tchebotariov: "E agora assine as declarações que você fez diante de duas testemunhas!", isto é, o que fora redigido em silêncio por um investigador, enquanto o outro dormia e o terceiro velava. Desde a primeira página, constava que Tchebotariov mantinha estreitas relações com todos os mais destacados generais japoneses e que de todos tinha recebido missões de espionagem. Ele se pôs a riscar as folhas. Espancaram-no e puseram-no fora do gabinete. Mas Blaguínin, também das Estradas de Ferro da China Oriental, preso com Tchebotariov, que tinha sofrido o mesmo que ele, bebera o vinho e, em estado de agradável embriaguês, assinara o papel, vindo a ser fuzilado. (Para quem fique três dias sem comer, que efeito faz um só cálice! Quanto mais uma caneca!)

27) O *espancamento,* sem deixar vestígios. Faz-se uso de cassetetes de borracha, malhetes e sacos de areia. É muito doloroso quando batem nos ossos, por exemplo, quando a bota do investigador dá pontapés nas tíbias, onde o osso está mais à flor da pele. Karpúnitch-Braven, comandante-de-brigada, foi espancado durante vinte e um dias consecutivos. (E ainda diz: "Depois de trinta anos, continuam a doer-me todos os ossos e a cabeça".) Ao recordar o que ele e outros passaram, Karpúnitch-Braven enumera cinqüenta e duas formas de tortura. Eis ainda outra: as mãos do preso são apertadas com um aparelho especial, de maneira a que as palmas fiquem planas sobre a mesa, e então golpeiam-lhes com uma régua as articulações — pode-se rugir de dor! Será necessário referir em particular o espancamento dos dentes, até parti-los? (Karpúnitch ficou com oito dentes quebrados[18].) Como qualquer pessoa sabe, um murro no plexo, que tira a respiração, não deixa o menor vestígio. O Coronel Sídorov, em Lefortovo, já depois da guerra, chutava com uma galocha os órgãos genitais de um homem pendurado (os futebolistas que apanharam um pontapé nas virilhas podem avaliá-lo). Nada

---

[18] *Ao secretário do Comitê Regional do Partido da Carélia, G. Kupriánov, partiram-lhe alguns dentes. Uns eram naturais e não entraram em conta, mas outros eram de ouro. Primeiro, deram-lhe um recibo provando que foram entregues ao depósito, para guarda. Depois, aperceberam-se e tiraram-lhe o recibo. (N. do A.)*

existe de comparável a esta dor, e habitualmente perdem-se os sentidos[19].

28) Na NKVD de Novorossisk inventaram umas certas maquinetas para esmagar as unhas. Depois, nos campos de trânsito, vimos muitos prisioneiros de Novorossisk que tinham perdido as unhas.

29) E a *camisa-de-força?*

30) E a *fratura da espinha dorsal?* (Sempre na mesma GPU de Khabarovsk, no ano de 1933.)

31) E o *freio nos dentes* (a "andorinha")? Este é um método da Sukhánovka, mas também conhecido na cadeia de Arkhangelsk (Comissário de Instrução Ívkov, no ano de 1940). Uma toalha comprida é enfiada na boca do prisioneiro (o freio) e depois, pelas costas, atam-se as pontas aos seus calcanhares. Experimente-se ficar assim, com o dorso curvado e rangendo, sem água nem comida, por uns dois dias[20].

Será necessário continuar a fazer esta enumeração? Haverá muito ainda a referir? Que mais não inventarão os ociosos, saciados e insensíveis?...

Irmão! Não censure aqueles que caíram em tais situações, que se mostraram fracos e assinaram o que não deviam... Não lhes atire pedras.

Mas veja-se: não são necessárias essas torturas, nem sequer os métodos "mais suaves" para obter confissões da maioria, para apanhar entre os dentes de ferro os cordeirinhos que não estão precavidos e que se esforçam por regressar aos seus cálidos lares. É demasiado desigual a relação de forças e de situações.

Oh, sob que nova luz nos aparece a nossa vida passada, assim transbordante de perigos, como verdadeira selva africana, quando vista do gabinete do investigador! E nós, que a considerávamos tão simples!

Você, A, e o seu amigo B, conhecendo-se de longos anos e confiando inteiramente um no outro, quando se encontravam falavam ousadamente de política, da pequena e da grande, sem

---

19 *Em 1918, o Tribunal Revolucionário de Moscou julgou o antigo guarda da prisão czarista, Bóndar. Como exemplo* máximo *da sua crueldade, constava da acusação que "uma ocasião espancou um preso político com tal força que lhe rebentou os tímpanos". (Krilenko —* Em cinco anos, *página 16.) (N. do A.)*

20 *N.K.G. (N. do A.)*

que ninguém ouvisse. E vocês não se denunciaram, de maneira alguma.

Mas eis que você, A, foi aprisionado por qualquer razão, apanharam-no pelas orelhas, tiraram-no da manada e o prenderam. E, fosse pelo que fosse (talvez sem ter havido uma denúncia, não sem recear pela sorte dos seus familiares, não sem um pouco de privação de sono, e não sem ter passado pelo boxe), você decidiu deixar-se ir abaixo, mas não denunciando ninguém, acontecesse o que acontecesse! E assinou quatro autos, reconhecendo que era um inimigo jurado do poder soviético, porque contava anedotas sobre o Chefe, desejava que houvesse dois candidatos à escolha nas eleições, entrava na cabina eleitoral com a intenção de riscar o nome do candidato único, embora não houvesse tinta no tinteiro, e além disso, no seu aparelho de rádio, com o comprimento de onda de dezesseis metros, tentava através das interferências escutar emissoras ocidentais. Pode agora estar seguro de pegar uns dez anos, mas tem as costelas inteiras, por enquanto não apanhou nenhuma pneumonia, não entregou ninguém e parece que se livrou inteligentemente. E já diz na cela que, por certo, o seu caso se aproxima do fim.

Mas, atenção! Relendo lentamente o que você escreveu, o juiz de instrução começa a redigir o auto número 5. Pergunta: — Mantinha relações de amizade com B? — Sim. — Era sincero com ele em questões políticas? — Não, não confiava nele. — Mas vocês encontravam-se com freqüência? — Não muita. — Como não? Segundo as declarações dos seus vizinhos, ele estava na sua casa no último mês, em tal, tal e tal data. É verdade? — Bom, pode ser. — Ao mesmo tempo, eles notaram que, como sempre, vocês não bebiam, não faziam barulho, falavam em voz baixa e nada se ouvia no corredor. (Ah! bebam, amigos! partam garrafas! gritem palavrões! isso vos torna de mais confiança!) — Ora, o que é que isso tem a ver? — E você também o visitou, você lhe disse pelo telefone: "Passamos uma tarde agradável". Depois foram vistos na esquina, estiveram meia hora ao frio, de rostos carrancudos, com uma expressão descontente. Justamente, até foram fotografados. (Técnica dos agentes, amigo, técnica dos agentes!) Então, sobre que é que falavam nesses encontros?

Sobre o quê? Eis uma pergunta assustadora! Primeiro pensamento: você se esqueceu daquilo sobre que falavam. Acaso tem a obrigação de se recordar? Está bem, esqueceu-se da primeira conversa. E da segunda também? E da terceira igualmente? E até dessa tarde agradável? E daquela da esquina? E das

conversas com C? E das conversas com D? Não, pensando bem, dizer que "se esqueceu" não é uma saída, é algo impossível de manter. E o seu cérebro, perturbado pela detenção, aturdido pelo terror, confuso pela insônia e pela fome, começa a delirar: como amanhar-se da maneira mais verossímil e pregar uma peça ao comissário de instrução.

Sobre o quê?!... Era bom se falassem sobre hóquei (é em todos os casos o que há de mais seguro, amigos!), e inclusive sobre mulheres e ciência. Mas, então, deve-se repetir tudo (a ciência é assunto que não fica muito longe do hóquei, só que, no nosso tempo, na esfera da ciência tudo é secreto, e pode-se cair sob os tentáculos do *ukaze* sobre a divulgação de segredos). E se na realidade vocês falavam sobre as novas detenções na cidade? Sobre os kolkhozianos (e naturalmente mal, pois não há quem fale bem deles)? Ou sobre a baixa das remunerações das normas de produção? Por que é que vocês falavam assim carrancudos durante uma meia hora, na esquina? Sobre que é que falavam?

Talvez B tenha sido preso (o comissário afirma-lhe que sim, que ele já fez declarações sobre você e que agora vão trazê-lo para acareação). Talvez esteja muito tranqüilo em sua casa, mas para os fins do interrogatório vão arrastá-lo até aqui e confrontá-los um com o outro: por que é que estavam carrancudos na esquina?

Agora você compreendeu, mas já é tarde: a vida é feita de tal modo que, em qualquer ocasião, ao se despedirem, as pessoas devem pôr-se de acordo e recordar-se com exatidão do assunto sobre que falaram nesse dia. Dessa forma, em qualquer interrogatório as declarações coincidirão. Mas vocês não se puseram de acordo! Vocês não imaginaram o que é esta selva!

Dizer que estavam combinando ir juntos à pesca? Mas B dirá que não se tratava de pesca nenhuma, que falavam sobre o ensino por correspondência. Não, em vez de facilitar a investigação, você não faz senão apertar mais o nó: sobre o quê? sobre o quê?

E vem-lhe à cabeça uma idéia — acertada ou nefasta? É necessário falar o mais aproximadamente possível do que se passou na realidade (evidentemente, arredondando todas as arestas e pondo de parte tudo o que for perigoso). Não se diz que uma boa mentira deve sempre roçar a verdade? Por certo que B perceberá e contará algo de semelhante, as declarações coincidirão e você se verá livre deles.

Depois de muitos anos você acabará por compreender que

se tratava de uma idéia completamente insensata e que teria sido muito melhor fazer-se passar pelo mais completo idiota: não me recordo de um só dia da minha vida, ainda que me matem. Mas você já não dormia há três dias. Quase não tinha forças para manter as suas próprias idéias e a imperturbabilidade do seu rosto. Nem tempo para refletir um minuto sequer. E simultaneamente dois comissários de instrução (eles gostam de visitar-se) apertaram você: sobre o quê? sobre o quê?

E afinal você presta declarações: falávamos sobre os kolkhozianos (que não está tudo em ordem, mas depressa se arranjará). Sobre a baixa das remunerações das normas de produção... E que diziam precisamente? Alegravam-se com a baixa? As pessoas normais não podem falar assim, isso é inverossímil. Para que tenha alguma verossimilhança, deve-se dizer: queixávamo-nos um pouco por apertarem as normas.

E o comissário escreve o auto e traduz na *sua língua:* durante este nosso encontro caluniamos a política do Partido e do governo na esfera dos salários.

E, um dia, B o censurará: "Seu palerma! eu tinha dito que estávamos combinando ir juntos à pesca"...

Mas você queria ser mais esperto e inteligente do que o seu comissário! Ter um raciocínio mais rápido e sutil! Ah, os intelectuais! Foi demasiado longe...

Em *Crime e castigo,* Porfiri Petróvitch faz a Razkólhnikov uma observação assombrosa, que só podia desencantar quem passou por estas brincadeiras de gato e rato: "Com vocês, os intelectuais, eu não necessito elaborar a minha versão, vocês próprios a constroem e apresentam já feita". Sim, é mesmo assim! Um intelectual não pode responder com a encantadora incoerência do "malfeitor"* de Tchékhov. Ele esforçar-se-á, sem dúvida, por dar forma a toda a história de que o acusam, por fazê-la mentirosa, mas o mais coerentemente possível.

Ora, o que o comissário-carniceiro apreende não é esta coerência, mas apenas duas ou três frases. Ele sabe, pois, o valor de cada coisa. E nós não estamos preparados para nada!...

Somos educados e preparados desde a juventude para a nossa especialidade, para as obrigações de cidadão, para o serviço militar, para os cuidados com o nosso corpo, para um comportamento conveniente, e mesmo para a compreensão da beleza

---

* *Referência ao julgamento de um camponês que desaparafusa uma porca da linha de ferro para fazer uma rede de pesca.* O malfeitor, *1855. (N. do T.)*

(embora não muito). Mas nem a instrução, nem a educação, nem a experiência nos preparam nunca, por pouco que seja, para a grande prova da vida: a detenção por nada e o interrogatório sobre nada. Os romances, as peças de teatro, os filmes (os seus autores deviam provar eles mesmos a taça de Gulag!) representam-nos aqueles que podemos encontrar no gabinete do comissário de instrução como verdadeiros cavaleiros da verdade e da filantropia, como os nossos próprios pais. E sobre quantas coisas não nos fazem conferências! Forçando-nos até a assistir a elas! Mas ninguém nos faz uma conferência sobre o sentido verdadeiro e o sentido amplo dos códigos penais; sim, e esses mesmos códigos não se encontram à vista nas bibliotecas, não se vendem nos quiosques nem chegam às mãos da juventude despreocupada.

Quase parece uma lenda que, algures, para além dos mares, o réu possa beneficiar-se da ajuda de um advogado. O que significa, no momento mais difícil da luta, ter a seu lado alguém com inteligência clara, que conhece todas as leis!

O princípio da nossa instrução judicial consiste ainda em privar o acusado até do conhecimento das próprias leis.

É-lhe apresentado o termo da acusação... (E a propósito: "Assine". "Eu não concordo com ela." "Assine!" "Mas não sou culpado de nada!")... Você é acusado em conformidade com os artigos 58-10, segunda parte, e 58-11 do Código Penal da República Socialista Soviética Federativa Russa. "Assine!" "Mas que dizem esses artigos? Deixe-me ler o código!" "Eu não o tenho." "Consiga-o do chefe da seção!" "Ele também não o tem ao seu dispor. Assine!" "Mas eu peço-lhe que me mostre!" "Não está determinado que lho mostre, não foi escrito para vocês, mas sim para nós. E a você, não lhe faz falta. Eu explico: estes artigos tratam, precisamente, daquilo de que você é culpado. E, além do mais, você não vai assinar para dizer que concorda, mas para confirmar que leu o termo da acusação, que lhe foi apresentado."

Num dos papéis aparece de repente uma nova combinação de letras: UPK (Código de Processo Penal). Você fica com o pé atrás: em que se diferencia UPK de UK (Código Penal)? Se você teve a sorte de cair em momento de boa disposição do comissário, ele explicará: Código de Processo Penal. Como? Isso significa que não há só um, mas sim dois códigos inteiros que são por você desconhecidos, enquanto é em conformidade com essas leis que o castigam?

...Desde então, passaram-se já dez, quinze anos. E uma densa erva cresceu sobre a sepultura da minha juventude. Cum-

pri a condenação e até a deportação por prazo ilimitado. E, em parte alguma, nem nas seções de "cultura e educação" dos campos de trabalho, nem nas bibliotecas dos distritos, nem sequer nas cidades médias, pude jamais ver com os meus olhos, nem ter nas minhas mãos, nem comprar, nem conseguir, sequer *informar-me* sobre um código de direito soviético[21]! E centenas de presos, conhecidos meus, que passaram pela instrução de processos e pelo tribunal, e em alguns casos estiveram mais de uma vez em campos de trabalho e na deportação, nenhum deles viu ou teve o código nas mãos!

E só quando os dois códigos já viviam os últimos dias da sua existência de trinta e cinco anos, devendo de um momento para o outro ser substituídos — só então eu os vi, os dois irmãos, sem encadernação, o Código Penal e o Código de Processo Penal, num quiosque de jornais do metrô de Moscou (tinham decidido pô-los à venda pela sua inutilidade).

E leio agora enternecidamente. Por exemplo, no Código de Processo Penal:

> "Artigo 136 — O investigador não tem o direito de obter declarações ou a confissão do acusado por meio de violência e ameaças." (Os autores deveriam estar olhando para a água*!)
>
> "Artigo 111 — O juiz de instrução é obrigado a esclarecer as circunstâncias suscetíveis de conduzir à não culpabilidade, bem como as atenuantes da culpa."

("Mas eu estabeleci o poder soviético em outubro!... Eu fuzilei Koltchak!... Eu esmaguei os *kulaks!*... Eu dei ao governo dez milhões de rublos da minha economia!... Eu fui duas vezes ferido na última guerra!... Eu fui condecorado três vezes!"

— *Não é por isso que o processamos!* — ri-se a história pela boca do comissário instrutor. — O que fez de bom não se relaciona com o assunto.)

> "Artigo 139 — O acusado tem o direito de escrever as declarações pelo seu punho e com a sua letra, e de exigir a introdução de emendas no auto escrito pelo comissário de instrução."

---

21 *Aqueles que conhecem a atmosfera da suspeita existente entre nós compreendem por que é que não se podia pedir para consultar um código no Tribunal Popular ou no Soviete Executivo do distrito. O interesse pelo código seria um fenômeno extraordinário: ou você se preparava para cometer um crime, ou para apagar os seus vestígios! (N. do A.)*

* *Olhar para a água: adivinhar o futuro à meia-noite, olhando fixamente para um recipiente com água. (N. do T.)*

(Ah, se eu soubesse disso a tempo! Melhor dizendo: se assim fosse na realidade! Mas é sempre por favor e sempre inutilmente que pedimos ao comissário para não escrever: "As minhas infames e caluniosas invenções" em vez de "as minhas afirmações erradas", "o nosso depósito clandestino de armas" em vez de "a minha navalha ferrugenta".)

Oh, se se ministrasse previamente ao acusado um curso de ciência carcerária! Se se começasse por fazer um ensaio da instrução e só depois tivesse lugar a verdadeira... Com os reincidentes de 1948 já não fizeram todo este jogo da instrução do processo: teria sido em vão. Mas os *novatos* não têm experiência, não têm conhecimento! E não podem aconselhar-se com quem quer que seja.

O isolamento do acusado! Eis outra condição do êxito da instrução! Sobre a vontade solitária e violentada deve cair todo o aparelho destruidor. Desde o momento da detenção, e durante todo o primeiro período de *choque,* o acusado deve estar só: na cela, no corredor, nas escadas, nos gabinetes — ele não deve encontrar-se, onde quer que seja, com um dos seus semelhantes, nem receber o sorriso de ninguém, um olhar de simpatia, um conselho ou um estímulo. Os "Órgãos" tudo fazem para eclipsar dele o futuro e deformar o presente; fazer-lhe crer que todos os seus amigos e familiares foram presos e apanhados com provas materiais; exagerar as possibilidades de repressão contra ele e os seus íntimos, bem como acenar com a competência para conceder o perdão (que os "Órgãos" em geral não têm); ligar a sinceridade do "arrependimento" à brandura da condenação e do regime no campo (nunca houve tal relação). No curto espaço de tempo em que o detido está abalado, atormentado e fora de si, há que obter dele o máximo possível de declarações irremediáveis, que enredar o maior número possível de pessoas de nada culpadas (algumas caem num desânimo tal que até pedem que não lhes leiam o auto em voz alta, pois lhes faltam as forças, que apenas lhes dêem para assinar). E só quando estas são transferidas da cela individual para a coletiva, só então é que com tardio desespero descobrem e percebem como foram ludibriadas.

Como não se enganar num tal duelo? Quem é que não se enganaria?

Dissemos há pouco: "Estar só". Entretanto, nos cárceres superlotados do ano de 1937 (e também nos de 1945) este princípio ideal do isolamento do acusado recém-detido não pôde

ser observado. Logo quase desde as primeiras horas o preso encontrava-se na cela geral, densa e abarrotada.

Mas isto também tinha os seus méritos, que ultrapassavam os inconvenientes. A abundância de gente na cela não só substituía a estreiteza da cela individual, mas surgia também como uma *tortura* de primeira ordem, especialmente valiosa porque se prolongava por dias e semanas inteiras, e sem esforço algum dos comissários de instrução: os presos torturavam os próprios presos! Metiam tantos presos em uma só cela que cada um acabava por não conseguir nem uma pequena parte de solo, que os homens andavam por cima dos homens e nem sequer se podiam mexer, sentando-se sobre as pernas uns dos outros. Assim, na prisão preventiva de Kichiniov, em 1945, numa cela individual metiam *dezoito* homens; em Lugansk, em 1937, *quinze*[22]; e em 1938, numa cela do tipo padrão de Butirki prevista para vinte e cinco pessoas, Ivánov-Razúmnik esteve com *cento e quarenta* (as latrinas estavam tão sobrecarregadas que só permitiam ir uma vez por dia fazer as necessidades, e por vezes só pela noite, o mesmo se passando com o recreio[23]). O mesmo Ivánov calculou que na sala de recepção da Lubianka, o "canil", durante semanas inteiras havia um metro quadrado para *três* homens (calculem a olho o que isso representa e procurem arranjar lugar[24]!). No canil não havia janela nem ventilação, e devido ao calor dos corpos e da respiração a temperatura atingia de quarenta a quarenta e cinco graus(!). Todos se deixavam ficar de cuecas (as roupas de inverno serviam-lhes para se sentarem),

---

[22] *A instauração do processo de alguns deles durou de oito a dez meses. "Certamente Klim nunca esteve numa cela individual como esta", diziam os rapazes (e esteve ele por acaso preso?). Referiam-se a Klim Vorochílov, natural de Lugansk. (N. do A.)*

[23] *Nesse mesmo ano, na prisão de Butirki, os recém-detidos que já tinham passado pelo banho e pelo boxe ficavam durante dias e dias sentados nos degraus das escadas, esperando que saíssem os que iam para a deportação para ter lugar nas celas. T... esteve preso sete anos em Butirki, antes de 1931, e relata que tudo estava abarrotado e havia presos debaixo das camas, deitados no solo asfaltado. Eu estive lá preso sete anos depois, em 1945, e a situação era a mesma. Recentemente recebi de M. K. B...tch um valioso testamento pessoal sobre a superlotação na cadeia de Butirki, no ano de 1918: em outubro desse ano (segundo mês do terror vermelho) ela estava tão repleta que até na lavanderia arranjaram uma cela para setenta mulheres! Quando então que esteve vazia a prisão de Butirki? (N. do A.)*

[24] *Mas isto não é milagre nenhum: no cárcere da Segurança do Estado, em 1948, numa cela de três metros por três, havia permanentemente trinta pessoas! (S. Potápov). (N. do A.)*

os seus corpos nus apertavam-se como uma prensa e devido ao suor alheio a pele sofria de eczema. Assim ficaram durante semanas, sem que os deixassem respirar ou beber água (à exceção do rancho e do chá da manhã[25]).

Se ainda por cima o balde substituía a latrina (ou se, pelo contrário, para fazer as necessidades não havia balde na cela, como em algumas prisões siberianas); se os presos comiam aos quatro numa tigela sobre os joelhos uns dos outros; se constantemente levavam uns para os interrogatórios e os traziam espancados, insones e alquebrados; se o aspecto destes convencia melhor que todas as ameaças do investigador; e se àquele que já há alguns meses não era chamado qualquer morte ou qualquer campo parecia mais leve do que continuar encolhido nesse espaço — não substituiria isso de modo perfeito a solidão, teoricamente ideal? Num tal amontoado humano nem sempre uma pessoa se decide a abrir-se com alguém e nem sempre encontra com quem se aconselhar. E acredita-se mais depressa nas torturas e nos espancamentos não propriamente quando o investigador ameaça, mas quando eles podem ser verificados através das próprias pessoas.

Toma-se conhecimento pelas próprias vítimas de que injetam água salgada em clisteres pela garganta e depois, durante todo um dia, torturam um preso de sede no cárcere (Karpúnitch). Ou esfregam-lhe as costas com um ralador até fazer sangue e depois regam-nas com aguarrás. (O General-de-Brigada Rúdolf Pintsov sofreu uma e outra coisa, e ainda por cima lhe meteram agulhas pelas unhas e as injetaram com água até incharem, exigindo que assinasse um auto em que afirmava que pretendia fazer avançar uma brigada de tanques contra o governo, no desfile de outubro[26].) E através de Aleksándrov, ex-administrador da seção artística da VOES*, que ficou com uma fratura da coluna vertebral e que se inclinava para um lado, sem poder conter as lágrimas, pode saber-se como *batia* (em 1948) o próprio Abakúmov em pessoa.

---

[25] *Duma forma geral, no livro de Ivánov-Razúmnik há muito de superficial e de pessoal, bem como pilhérias fatigantemente monótonas. Mas descreve bem a vida cotidiana, nos anos de 1937-38. (N. do A.)*

[26] *Realmente, ele marchou à cabeça da brigada no desfile, mas, não se sabe por quê, não a fez avançar contra o governo. Isso não é levado em conta. Entretanto, após as costumeiras torturas sofridas, deram-lhe... dez anos, por incitar ao debilitamento do governo. A tal ponto os próprios policiais não acreditavam no seu êxito. (N. do A.)*

* *Sociedade de Relações Culturais com países estrangeiros. (N. do T.)*

Sim, é verdade, o próprio ministro da Segurança do Estado, Abakúmov, não menosprezava, de maneira alguma, esse trabalho rudimentar (era um Suvorov, sempre na primeira linha!), pegando de bom grado, por vezes, no cassetete de borracha. O seu substituto, Riúmin, batia ainda com mais satisfação. Fazia isso em Sukhánovka, no gabinete de "general" do comissário de instrução. O gabinete tem um revestimento que imita nogueira, reposteiros de seda nas janelas e nas portas, e um tapete persa no soalho. Para não estragar toda essa beleza, estende-se por cima do tapete uma passadeira suja, com manchas de sangue. Riúmin é ajudado nos espancamentos, não por um simples guarda, mas por um coronel. "Bom", diz amavelmente Riúmin, acariciando o bastão de borracha de uns quatro centímetros de diâmetro, "você resistiu com honra à prova do sono." (Al...dr D. conseguiu, com astúcia, agüentar-se durante um mês: ele dormia de pé.) "Agora vamos experimentar o cassetete. Aqui ninguém agüenta mais de duas ou três sessões. Dispa as calças e deite-se na passadeira." O coronel senta-se nas costas de A. D. Este prepara-se para *contar* as pancadas recebidas. Ele não sabe ainda o que são as cacetadas no nervo ciático, quando as nádegas emagreceram devido a uma fome prolongada. A pancada não se sente no lugar, mas na cabeça, que parece estalar. Depois do primeiro golpe, o torturado enlouquece de dor e torce as unhas sobre a passadeira. Riúmin continua a bater procurando acertar no local exato. O coronel calca o preso com o seu enorme corpanzil: é um bom trabalho, para quem ostenta galões de três estrelas grandes, ser assistente do poderoso Riúmin! (Depois da sessão o espancado não pode andar e, é claro, não o transportam: arrastam-no pelo soalho. As nádegas incham-lhe logo, e a tal ponto que ele não pode abotoar as calças, mas quase não ficam sinais do espancamento. Sobrevém-lhe uma terrível diarréia e, sentado no balde da cela individual, D. ri às gargalhadas. Tem ainda pela frente a segunda e a terceira sessões, a pele vai estalar-lhe, e Riúmin, exasperado, começará a bater-lhe no abdome, perfurando-lhe o peritônio. Com o aspecto de uma grande hérnia, saem-lhe rolando os intestinos. Conduzem então o preso à enfermaria do cárcere de Butirki, com peritonite, e interrompem provisoriamente as tentativas de obrigá-lo a cometer uma infâmia.)

Eis como podem também torturar você! Depois disso, pode parecer tratar-se simplesmente de uma carícia paternal quando o inquiridor de Kichiniov, Danílov, espanca o Padre Viktor Chipovalnikov com uma tenaz na nuca, arrastando-o pelo ca-

belo (é mais cômodo arrastar assim aos padres; mas os leigos podem também ser puxados pela barba, de um extremo a outro do gabinete; e Richard Okhol, guarda vermelho finlandês, que participara na captura de Sidney Reilly e era chefe de uma companhia durante o esmagamento da insurreição de Kronstadt, é levado com um alicate, ora de um, ora de outro lado, pelas pontas do seu enorme bigode, sendo mantido assim durante dez minutos sem tocar com os pés no solo).

Entretanto, o mais terrível que podem fazer a você é despirem-no da cintura para baixo, colocarem-no de costas no soalho, lhe separarem as pernas e sentarem-se sobre cada uma delas dois ajudantes (do glorioso Corpo de Sargentos). Segurando-lhe as mãos, o comissário — não desdenham de tal tarefa nem mesmo mulheres — coloca-se entre as suas pernas separadas e, com o bico da sua bota (ou sapato) calca-lhe, pouco a pouco, gradualmente, e cada vez com mais força, aquilo que outrora fez de você um homem, enquanto lhe olha nos olhos e repete e torna a repetir as perguntas ou propostas de traição. Se ele não apertar demasiadamente forte e antes do tempo, você tem ainda quinze segundos para gritar que confessa tudo, que está disposto a fazer prender as tais vinte pessoas que exigem de você, ou a caluniar através da imprensa o que você tem de mais sagrado...

E que Deus o julgue, mas não os homens...

— Não há saída! Você tem que confessar tudo! — sopram-lhe aos ouvidos os traidores que foram de propósito colocados na sua cela.

— O raciocínio é simples: você tem de conservar a saúde! — dizem-lhe as pessoas lúcidas.

— Depois não lhe põem outros dentes — concordam aqueles que já não os têm.

— De qualquer forma vão condená-lo, quer você confesse ou não — concluem os que compreendem a essência da questão.

— Aqueles que não assinam são fuzilados! — profetiza ainda alguém sentado a um canto. — Para vingar-se. Para que não fique rasto de como se fez a instrução do processo.

— E se você morre no gabinete, comunicam à família que você está num campo de trabalho, sem direito a correspondência. Que procurem...

E se você é um comunista ortodoxo, destacam um outro ortodoxo para junto de você, o qual, olhando sub-repticiamente, para que os demais não o escutem, começa a cochichar com ardor aos seus ouvidos:

— O nosso dever é apoiar a instrução judicial soviética. A situação é de combate. Nós próprios somos os culpados: fomos demasiado brandos e assim se propagou esta podridão pelo país. Há uma cruel guerra secreta em curso. E aqui, à nossa volta, há inimigos, você não ouve como se exprimem? O Partido não é obrigado a prestar contas a cada um de nós, explicando por que e para quê. Uma vez que o exigem, isso significa que é necessário assinar.

E aparece ainda um outro gênero de ortodoxo:

— Eu assinei a respeito de trinta e cinco pessoas, todos conhecidos meus. E aconselho você a fazer o mesmo: a dar o maior número de nomes, a arrastar com você o maior número possível de gente. Então se tornará evidente que é um absurdo e nos libertarão a todos.

É exatamente disso que os "Órgãos" precisam! A consciência do ortodoxo e os objetivos da NKVD coincidiam, naturalmente. A NKVD necessitava precisamente desse leque em ogiva de homens, dessa sua reprodução ampliada. Era esse o melhor sintoma da qualidade do seu trabalho, ao mesmo tempo que a pista para o lançamento de novos laços. "Cúmplices! Correligionários!" — exigiam de todos com energia. (Diz-se que R. Pálov mencionou como cúmplice o Cardeal Richelieu, cujo nome ficou anotado no auto, e que até o interrogatório de reabilitação, em 1956, ninguém se surpreendera com isso.)

E por falar ainda em ortodoxos: para realizar um tal *expurgo* era preciso um Stálin, mas era também preciso um partido assim. A maior parte dos que estavam no poder até o momento da sua detenção prendiam implacavelmente, aniquilavam obedientemente outros iguais a eles entregando à repressão, por meio da mesma instrução que agora sofriam, qualquer amigo ou companheiro de armas de ontem. E todos os grandes bolcheviques, agora coroados com a auréola de mártires, conseguiram ser carrascos de outros bolcheviques (sem levar em conta que antes disso já tinham sido todos carrascos dos não inscritos em partidos). Talvez o ano de 1937 *tenha sido necessário* para mostrar o pouco que valem essas *concepções do mundo* com as quais tão vigorosamente eles infundiam coragem, revolvendo toda a Rússia, acometendo todas as suas cidadelas, espezinhando todos os seus santuários — a Rússia onde *eles mesmos* nunca foram ameaçados de tal repressão. As vítimas dos bolcheviques entre 1918 e 1936 nunca se portaram de modo tão baixo como os próprios bolcheviques, quando a tormenta os atingiu. Se examinarmos detalhadamente toda a história das prisões e dos pro-

cessos dos anos de 1936-38, a maior repugnância que sentiremos não será perante Stálin nem perante os seus sícaros, mas perante a baixeza moral dos acusados, depois do seu anterior orgulho e intransigência.

...Mas como resistir então, você, que sofre de dor, que é débil, ligado por vivas afeições e não está preparado?...

Que fazer para ser mais forte do que o comissário de instrução e do que todas essas ratoeiras?

É preciso entrar na prisão, sem temer pela sua confortável vida passada. No limiar da cadeia, você deve dizer a si próprio: "A vida acabou, um pouco cedo, mas nada há a fazer. Não regressarei à liberdade. Estou condenado à morte, agora ou pouco mais tarde, mas quanto mais tarde pior, pois quanto mais cedo for menos duro será. Não tenho mais bens. Os meus entes queridos morreram para mim e eu para eles. O meu corpo a partir de hoje é inútil: um corpo estranho. Só o meu espírito e a minha consciência permanecem para mim queridos e importantes".

Face a um preso com tal ânimo a instrução judicial treme!

Só triunfa aquele que renunciou a tudo!

Mas como converter o corpo em pedra?

Veja-se: do círculo de Berdiáiev conseguiram fazer fantoches para o tribunal, mas não do próprio Berdiáiev. Quiseram intentar-lhe um processo, prenderam-no duas vezes, conduziram-no a um interrogatório noturno (em 1922) no gabinete de Dzerjinski. Lá estava igualmente Kámeniev (o que prova que também ele não se eximia à luta ideológica por intermédio da Tcheká). Mas Berdiáiev não se humilhou, não implorou, mas lhe expôs firmemente os princípios morais e religiosos pelos quais não aceitava o poder soviético estabelecido na Rússia — e não só reconheceram a inutilidade do processo, como o puseram em liberdade.

Eis um homem com o seu *ponto de vista!*

N. Stoliárova recorda a sua vizinha na cela de Butirki, no ano de 1937. Era uma velhota. Submetiam-na a interrogatório todas as noites. Dois anos antes, ao passar por Moscou, tinha pernoitado em sua casa o ex-prelado metropolitano, que se evadira da deportação. "Só que não era o ex-prelado, mas o autêntico! É verdade, tive a honra de recebê-lo." "Bem. Para casa de quem ele foi, quando deixou Moscou?" "Eu sei, mas não digo!" (Por intermédio de uma cadeia de crentes, o prelado

tinha fugido para a Finlândia.) Os comissários de instrução alternavam-se e reuniam-se em grupos, ameaçavam com os punhos a velhota. Ela lhes dizia: "Nada conseguirão de mim, mesmo que me cortem em pedaços. Vocês têm medo dos superiores, têm medo uns dos outros, medo até de matar-me. Perderiam o elo. Mas eu não tenho medo de nada! Estou disposta agora mesmo a responder diante de Deus!"

Houve gente assim, gente como essa no ano de 1937, que não voltou do interrogatório à cela, para buscar a trouxa. Que escolheu a sua morte mas não assinou, denunciando quem quer que fosse.

Não se pode dizer que a história dos revolucionários russos nos tenha dado os melhores exemplos de firmeza. Mas não há termo de comparação possível, pois os nossos revolucionários nunca conheceram o que era uma *boa* instrução, com cinqüenta e dois métodos diferentes.

Checkóvski não torturou Rádichiev. E Rádichiev sabia perfeitamente que, segundo os costumes da época, os seus filhos serviriam igualmente como oficiais da guarda, que ninguém lhes faria perder a carreira. E que a propriedade da família Rádichiev não seria confiscada. Contudo, durante uma breve instrução de duas semanas, este homem notável renegou as suas convicções, os seus livros — e pediu clemência.

Nicolau I não pensou em prender as mulheres dos decembristas, ou em obrigá-las a dar gritos no gabinete contíguo, nem em submeter os próprios decembristas a torturas: não teve necessidade disso. Até Rileiev "respondeu longa e sinceramente, sem nada ocultar". E mesmo Pestel sucumbiu e deu os nomes dos seus camaradas (ainda em liberdade) que tinha encarregado de enterrar *Rússkaia Pravda (A Verdade Russa),* bem como o lugar combinado para isso[27]. Foram raros aqueles que, como Lúnin, brilharam pela sua irreverência e desprezo face à comissão investigadora. A maioria mostrou-se incapaz, enredando-se mutuamente, tendo muitos pedido humilhantemente perdão! Zavalíchin lançou toda a culpa sobre Rileiev. E. P. Obolenski e S. P. Trubetskoi apressaram-se mesmo a denunciar Griboiédov, no que Nicolau I não acreditou.

Bakúnin, na sua *Confissões,* autodifamou-se perante Ni-

---

[27] *O motivo foi, em parte, o mesmo que depois com Bukhárin: o interrogatório era feito por irmãos da mesma condição. Daí o seu desejo natural de* explicar *tudo. (N. do A.)*

colau I, e desse modo esquivou-se à pena de morte. Baixeza de espírito? Ou ética revolucionária?

Como deveriam ser dotados de abnegação, à primeira vista, os homens que se dispuseram a matar Alexandre II! Eles sabiam ao que se expunham! Griniévitski compartilhou da sorte do czar e Rissakov ficou vivo e caiu nas mãos do juiz de instrução. E, *nesse mesmo dia,* ele *denunciou* logo os locais de encontro, bem como os participantes da conspiração, e temendo pela sua jovem vida apressou-se a comunicar ao governo mais informações do que as que este podia supor! Engasgou-se de arrependimento e ofereceu-se para "revelar todos os segredos dos anarquistas".

Em fins do século passado e começo do atual, um oficial da polícia *retirava* imediatamente uma pergunta, se o acusado considerava que era inoportuna ou que constituía uma intromissão na sua vida privada. Em 1938, quando em Kresti o velho preso político Zelenski foi espancado com baionetas, tiraram-lhe as calças como a um garoto, e ele rebentou em soluços na cela: "O juiz de instrução czarista nem se atrevia a tratar-me por você!" Eis outro exemplo, que conhecemos através de uma pesquisa contemporânea [28]. Quando os policiais se apoderaram do manuscrito do artigo de Lênin "Em que pensam os nossos ministros", *não puderam* através dele chegar até ao seu autor. "Pelo interrogatório, os policiais, *como era de esperar* (o sublinhado aqui e mais adiante é meu — A. S.), não souberam por Vaneiev (estudante) grande coisa. Ele declarou, *nem mais nem menos,* que os manuscritos que encontraram em seu poder lhe tinham sido entregues para guardar, uns dias antes da busca, todos dentro de um envelope, por uma pessoa *que ele não desejava mencionar.* Ao juiz de instrução *nada mais restou* (Como? E a água gelada até os tornozelos? E os clisteres de água salgada? E a matraca de Riúmin?. . .) senão submeter o manuscrito à análise de peritos." Mas nada encontraram. Parece que Periésvetov apanhou também uns quantos anos, e facilmente poderia enumerar o que lhe restava perante o juiz de instrução, se tivesse diante de si o depositário do artigo "Em que pensam os nossos ministros"!

Como lembra S. P. Mielgunov, tratava-se da prisão czarista, de boa memória, de que os presos políticos se recordam "quase com um sentimento de alegria" [29].

---

[28] Novi Mir, *número 4, de 1962. — R. Periésvetov. (N. do A.)*

[29] *S. P. Mielgunov,* Recordações e páginas de diário. *Fascículo I, Paris, 1964, página 139. (N. do A.)*

Verifica-se aqui um progresso de noções, um critério completamente diferente de apreciação. Assim como os condutores de carros de bois do tempo de Gógol não podem compreender as velocidades dos aviões a jato, tampouco é possível que aquele que nunca passou pela máquina de picar carne de Gulag seja capaz de abranger as verdadeiras possibilidades de uma instrução.

No *Izvéstia* de 24-5-59 podemos ler: "Iúlia Rumiantseva foi levada para o cárcere interior de um campo nazi, a fim de dizer onde estava o seu marido, que tinha fugido do campo de concentração. Ela sabe, mas recusa-se a responder!" Para o leitor pouco atento, eis um exemplo de heroísmo. Mas para o leitor com a experiência amarga do Gulag eis um modelo de inquérito desajeitado. Iúlia não morreu sob as torturas nem foi levada à loucura, mas simplesmente, ao cabo de um mês, bem vivinha, foi posta em liberdade!

Todos esses pensamentos sobre a necessidade de tornar-se de pedra eram-me então completamente desconhecidos. Eu não só não estava disposto a cortar todos os laços íntimos que me uniam ao mundo, mas o simples fato de que, quando da minha detenção, me tiraram uma centena de lápis Faber, como despojos, indignou-me por muito tempo. Examinando mais tarde o meu processo, vi que não tinha motivo para me sentir orgulhoso do que se passou durante a minha prisão. Naturalmente, eu podia ter-me portado com mais firmeza e, provavelmente, sair-me do aperto de maneira mais engenhosa. A ofuscação do cérebro e o desânimo acompanharam-me nas primeiras semanas. Só que estas recordações não me roem de remorsos, pois, graças a Deus, não arrastei ninguém à prisão.

A nossa detenção (minha e de um amigo processado no mesmo caso, Nikolai V.) teve um caráter pueril, embora fôssemos já oficiais da frente. Mantínhamos correspondência durante a guerra de um setor para outro e não podíamos impedir-nos, apesar da censura militar, de manifestar nas cartas o nosso descontentamento político aberto, nem conter as invectivas com que cobríamos o mais sábio dos sábios, cujo nome tinha sido diafanamente posto por nós em código: chamávamos-lhe o Papai Alcaide. (Quando depois, nos cárceres, eu contava o nosso *caso*, a nossa ingenuidade não provocava senão riso e admiração. Diziam-me que não era possível encontrar outros "patos" como nós. Também me convenci disso. Um belo dia, ao ler um estudo

sobre o caso de Aleksandr Uliánov, soube que o seu grupo tinha sido também preso pelo mesmo — imprudências na correspondência —, e que só isso salvou a vida, em 1.º de março de 1887, a Alexandre III[30].

O gabinete do Comissário I. I. Eziépov, que instaurou o meu processo, era de teto alto, espaçoso, claro e com uma grande janela (a Sociedade de Seguros Rússia não o tinha construído para aplicação de torturas). Aproveitando a sua altura de cinco metros, tinham pendurado um retrato de corpo inteiro, de quatro metros, do poderoso soberano, a quem eu, um insignificante grão de areia, tinha votado o meu ódio. O comissário de instrução punha-se às vezes na sua frente e jurava em tom teatral: "Estamos dispostos a dar a vida por ele! Por ele estamos dispostos a atirar-nos debaixo dos tanques!" Perante esse retrato que atingia quase a grandeza de um altar, pareciam míseros os meus balbucios sobre a purificação do leninismo, e eu próprio um sacrílego blasfemo, digno somente da morte.

O conteúdo das nossas cartas dava matéria suficiente, naquele tempo, para nos condenarem. O comissário não tinha, pois, necessidade de inventar coisa alguma a meu respeito, e apenas se esforçava por lançar o laço estrangulador sobre quantos, alguma vez, tivessem mantido correspondência comigo. Eu imprimia com temeridade, e quase com bravata, nas cartas que escrevia aos amigos da minha idade, os meus sediciosos pensamentos, e esses amigos continuavam a corresponder-se comigo! Nas suas cartas de resposta encontravam-se também certas expressões suspeitas[31]. E agora Eziépov, assim como Porfíri Petróvitch, exigia de mim que lhe explicasse tudo de maneira coeren-

---

[30] *Um membro do grupo, Andreiúchkin, tinha escrito uma carta a um seu amigo em Kharkov, em que dizia: "Eu creio firmemente que haverá no nosso país o mais implacável terror, e não num futuro longínquo... O terror vermelho é uma minha idéia favorita... Estou inquieto quanto ao meu destinatário... (não era a primeira carta que ele escrevia! — A. S.) se lhe acontece algo, a mim também pode acontecer, e isso não é desejável, pois arrastarei muita gente ativa atrás de mim". A busca provocada por essa carta prolongou-se por cinco semanas, através de Kharkov, a fim de saber quem a tinha escrito para Petersburgo. O nome de Andreiúchkin só foi descoberto em 28 de fevereiro — e a 1.º de março aqueles que deviam arremessar as bombas foram presos, já com elas, na Avenida Nevski, no próprio momento do atentado! (N. do A.)*

[31] *Por minha causa, por pouco não foi detido então um amigo dos anos da escola. Que alívio me trouxe saber que ele ficou em liberdade! Ora, vinte e dois anos depois, ele escreveu-me o seguinte: "Através das suas obras publicadas depreende-se que você avalia a vida unilateralmen-*

te: se nós escrevíamos aquilo em cartas que passavam pela censura, que poderíamos dizer então cara a cara? Eu não podia convencê-lo de que toda a dureza das minhas expressões se verificava somente nas cartas... E eis que, com o cérebro confuso, devia inventar algo de muito verossímil sobre os encontros com os meus amigos (encontros mencionados na correspondência) que confirmassem o conteúdo das cartas, mantendo-se nos limites da política, sem contudo cair no âmbito do Código Penal. E isso de modo a que essas explicações saíssem da minha garganta como a respiração e convencessem o comissário muito sabido acerca da minha ingenuidade, merecedora de compaixão, e da minha franqueza sem limites.

O principal era que o meu preguiçoso comissário não se dispusesse a examinar aquela maldita carga que eu trazia naquela maldita mala — os apontamentos de um *Diário de guerra*, escrito com um lápis rijo, muito fino, e com letra miúda, e que começavam já a apagar-se em alguns lugares. Estes apontamentos traduziam as minhas pretensões de me tornar escritor. Eu não confiava na força da nossa admirável memória e durante os anos de guerra procurava escrever tudo o que via (isso era ainda o menor mal) e tudo o que *ouvia* das pessoas. Mas os relatos mais naturais do mundo na primeira linha de fogo, aqui, na retaguarda, pareciam sediciosos, e cheiravam a palha úmida aos meus camaradas da frente. E só para que o comissário não fosse transpirar sobre o meu *Diário de guerra* e não arrancasse dele a fibra da raça livre da frente, eu me arrependia o mais que podia e além do necessário, começando a "tomar consciência" de todos os meus erros políticos. Extenuava-me neste caminhar pelo fio da faca, até que percebi que não traziam ninguém para acareação, e que começavam a aparecer sintomas claros do fim da instrução do processo. Até que, no quarto mês, todos os cadernos do meu *Diário de guerra* foram lançados para a boca infernal do fogão da Lubianka, espalhando a casca vermelha de mais um romance morto na Rússia e deixando as borboletas negras da fuligem voar pela mais alta das chaminés.

À sombra desta chaminé passeávamos nós, numa caixa de

---

te... Objetivamente, você passa a ser a bandeira da reação fascista no Ocidente, na República Federal da Alemanha e nos Estados Unidos... Lênin, que você respeita e ama como antes, estou convencido, e também os velhos Marx e Engels o condenariam do modo mais severo. Pense nisto!" Sim, eu penso: ah! que pena que não o tivessem prendido então! Quanto você perdeu!... (N. do A.)

cimento, no telhado da grande Lubianka, ao nível do sexto andar. As paredes subiam ainda até a altura de três homens. Com os ouvidos escutávamos Moscou, as buzinas dos automóveis respondendo umas às outras. Mas víamos unicamente a chaminé, a sentinela de atalaia no sétimo andar e esse infeliz pedaço do céu de Deus ao qual era dado estender-se sobre a Lubianka.

Oh, aquela fuligem! Caía e caía sem cessar, nesse 1.º de maio do após-guerra. E era tanta, tanta, durante cada um dos nossos passeios, que imaginávamos que a Lubianka queimava arquivos de tempos remotos. O meu diário perdido não passou da espiral de um minuto no meio daquela fuligem. E recordei-me de uma ensolarada e gelada manhã de março, em que me encontrava no gabinete do comissário. Ele fazia as suas habituais e grosseiras perguntas; ao tomar notas, deturpava as minhas palavras. O sol brincava na renda desenhada pelo gelo na larga janela, através da qual me dava, por vezes, a tentação de saltar, para resplandecer sobre Moscou ainda que fosse com a minha morte, esmagando-me do quinto andar contra o pavimento, como na minha infância fizera um desconhecido predecessor em Rostov-sobre-o-Don, saltando de uma janela do número 33. Pelos espaços derretidos da vidraça viam-se os telhados moscovitas. Deles subiam alegres rolos de fumo. No entanto eu não olhava para lá, mas sim para o montão de manuscritos que ocupavam todo o centro do gabinete meio vazio de trinta metros e que acabavam de ser atirados ali, ainda por classificar. Nos cadernos, nas pastas de papelão, nas improvisadas encadernações, em pacotes atados e desatados, ou simplesmente em folhas soltas, jaziam os restos mortais do espírito humano sepultado. A altura desse amontoado de papéis ultrapassava a da escrivaninha do comissário de instrução e quase me impedia de vê-lo. A minha compaixão fraternal ia toda para o trabalho daquele homem desconhecido, que tinham detido na noite anterior, e cujo resultado tinha sido assim esbandalhado, no soalho das torturas, aos pés de um retrato de Stálin com a dimensão de quatro metros. Eu estava sentado e meditava: que vida fora do comum tinha sido trazida para cá esta noite, para ser martirizada, esquartejada e por fim incinerada?

Ah, quantos projetos e trabalhos não foram destruídos nesse edifício! Toda uma cultura aniquilada! Ah, fuligem, fuligem das chaminés da Lubianka! O mais ultrajante de tudo é que os nossos descendentes considerarão a nossa geração mais estúpida, mais

incapaz e mais destituída do dom da palavra do que na verdade foi!...

Para traçar uma reta basta marcar dois pontos.

No ano de 1920, como lembra Ehrenburg, a Tcheká propôs-lhe a questão seguinte: "Prove *você* que *não é agente* de Vranguel".

Em 1950, um dos mais destacados coronéis do MGB (Ministério da Segurança do Estado), Fomá Fomitch Geliezov, declarou isto aos detidos: "Nós não nos damos ao trabalho de lhe demonstrar (ao preso) a sua culpabilidade. É ele que tem *de provar-nos* que não teve intenções hostis".

E no espaço que separa estes dois pontos de uma reta primitiva e canibalesca situam-se as recordações incontáveis de milhões de homens.

Que aceleração e simplificação da instrução dos processos, até então totalmente desconhecidas da humanidade! Regra geral os "Órgãos" poupavam-se o trabalho de buscar as provas do delito. O infeliz que acabou de ser preso, temeroso e pálido, sem direito a escrever a ninguém, a chamar quem quer que seja pelo telefone, a quem nada podem trazer de fora, privado do sono, de comida, de papel, de lápis e até de botões, sentado num banco duro a um canto do gabinete, deve *ele mesmo* desencantar e expor perante o ocioso comissário as *provas* de que *não* teve *intenções* hostis! E se não as descobre (onde poderá consegui-las?), ele próprio fornece as provas *aproximadas* da sua culpabilidade!

Conheci um caso de um velho que tinha ficado prisioneiro dos alemães e pôde, contudo, sentado nesse duro banco e agitando os seus magros dedos, provar ao monstruoso comissário que *não* tinha traído a pátria, e mesmo que *não* tinha tido sequer tal intenção! Tratava-se de um caso escandaloso! Mas como? libertaram-no? Não, não o libertaram! Ele contou-me tudo isso no cárcere de Butirki e não na Avenida Tvérski. Ao comissário encarregado da instauração do processo juntou-se outro, e passaram com o velho uma tranqüila noite a trocar recordações, assinando depois, como se fossem duas *testemunhas,* depoimentos segundo os quais o velho faminto e sonolento teria feito perante eles agitação anti-soviética! Se falou sem malícia, não foi escutado sem malícia! Passaram o velho para as mãos de um terceiro comissário. Este retirou a infundada acusação de trai-

ção à pátria, mas aplicou-lhe cuidadosamente os mesmos *dez anos* de prisão, por agitação anti-soviética durante o interrogatório.

Tendo desistido de buscar a verdade, a formação do processo tornou-se, para os próprios comissários, nos casos difíceis, um cumprimento de obrigações de carrasco, e nos casos fáceis, uma simples forma de passatempo, pretexto para receber o soldo.

Mas casos fáceis houve-os sempre — até no célebre ano de 1937. Exemplo: Borodko era acusado de há dezesseis anos ter ido ver os seus pais na Polônia sem levar o passaporte para viajar ao estrangeiro. (Os seus pais viviam a uma distância de dez verstas, mas os diplomatas tinham assinado a entrega à Polônia dessa parte da Bielo-Rússia. Em 1921 as pessoas não estavam habituadas, e passavam, segundo o costume antigo, para o outro lado.) A instrução do processo durou cerca de meia hora: "Fez essa viagem?" "Fiz." "Como?" "Fui a cavalo." Dez anos por atividade contra-revolucionária!

Uma tal rapidez tem algo de semelhante ao movimento stakhanovista, que não encontrou no entanto seguidores entre os bonés-azuis.

Segundo o Código de Processo Penal, a instrução de qualquer processo devia fazer-se no prazo de dois meses, mas havendo complicações era permitido solicitar aos procuradores uma ou várias prorrogações desse prazo por um mês (e naturalmente os procuradores não as recusavam). Seria absurdo gastar em vão a saúde, não aproveitar essas dilatações e, usando a linguagem fabril, não aumentar as próprias normas de trabalho. Tendo despendido forças com a garganta e com os punhos, durante a primeira semana de trabalho de choque de uma instrução, e consumindo a sua vontade e o seu *caráter* (conforme queria Vichinski), os comissários estavam interessados em prolongar cada investigação em que houvesse mais processos velhos e de rotina, e menos novos. Considerava-se simplesmente indecoroso concluir um processo político em dois meses.

O sistema estatal punia-se a si mesmo pela sua falta de confiança e de flexibilidade. Não confiava sequer nos quadros selecionados; mesmo a esses, obrigava-os a marcar a entrada e a saída, e em todo o caso, certamente para controle, a registrar as chamadas dos reclusos para interrogatório. Que restava ao comissário, a fim de assegurar a percentagem necessária para a contabilidade? Chamar qualquer dos processados, sentá-lo num ângulo do gabinete, fazer-lhe qualquer pergunta assustadora, esquecer-se ele mesmo que estava ali, ler longo tempo o jornal,

redigir o relatório para o curso de instrução política, escrever cartas particulares, visitar um colega (deixando em seu lugar um guarda, pedido ao regimento). Tagarelando calmamente no divã com um amigo que tinha vindo visitá-lo, às vezes o comissário dava sinal de si, e olhava com ar de ameaça para o acusado, dizendo: "Aí está um canalha! Um refinado canalha! Mas não importa, gastar *nove gramas* de chumbo com ele não é para lamentar!"

O comissário encarregado do meu caso utilizava também muito o telefone. Assim, ligava para casa e dizia à mulher, olhando para mim de soslaio com os olhos brilhantes, que hoje teria interrogatórios noturnos e que não o esperasse antes da madrugada (o meu coração desfalecia: isso significava que seria interrogado toda a noite!). Mas imediatamente ele discava o número do telefone da amante e em tom de sussurro combinava ir passar a noite com ela ("Que bom, vou poder dormir", pensava eu, aliviado).

Assim, o impecável sistema era subvertido pelos vícios dos seus executores.

Outros investigadores, mais curiosos, gostavam de utilizar tais interrogatórios "vazios" para ampliar a sua experiência de vida: perguntavam ao preso pormenores sobre a frente (acerca daqueles mesmos tanques alemães debaixo dos quais nunca tinham tido oportunidade de deitar-se); sobre os hábitos dos países europeus e ultramarinos onde havia estado; sobre os estabelecimentos comerciais e os artigos que lá se encontravam; e especialmente sobre o funcionamento dos prostíbulos estrangeiros e aventuras diversas com mulheres.

Em conformidade com o Código de Processo Penal, considerava-se que o procurador controlava atentamente a marcha justa de cada processo. Mas ninguém, no nosso tempo, lhe punha a vista em cima antes do chamado "interrogatório com o procurador", o que significava que o processo chegara ao seu termo. Levaram-me também a um interrogatório desses. O Tenente-Coronel Kotov, um louro, impessoal, tranqüilo, gordo, nem mau nem bom, e em geral inexpressivo militar, estava sentado atrás da secretária e, bocejando, examinava pela primeira vez o meu processo. Durante quinze minutos, ainda diante de mim, em silêncio, tomou conhecimento do caso (esse interrogatório era absolutamente inevitável e também não registrado, não tendo sentido examinar o processo noutro momento, fora do presente, e guardar ainda, durante várias horas, os pormenores do caso na

memória). Depois, levantou os olhos indiferentes em direção à parede e, preguiçosamente, perguntou-me o que eu tinha a acrescentar às minhas declarações.

Ele deveria perguntar-me quais as queixas que tinha a fazer sobre a marcha da investigação, se não teria havido violações da minha vontade ou infrações à lei. Mas havia já muito tempo que os procuradores não perguntavam isso. E se perguntassem? Todo esse edifício do ministério, com seus mil gabinetes, bem como os seus cinco mil pavilhões de investigações, vagões, grutas e choças dispersas por toda a União Soviética, não vivia senão da violação da lei, e não seríamos nós que mudaríamos as coisas. Além disso, todos os procuradores algo importantes ocupavam o seu lugar de acordo com a própria segurança do Estado... que deviam controlar.

A sua indolência, o seu temperamento pacífico e o seu cansaço perante esses incontáveis e estúpidos *casos* contagiaram-me um tanto. Solicitei apenas a correção de um absurdo demasiado claro: éramos dois, acusados pela mesma causa, mas a instrução do processo fora feita separadamente (a mim em Moscou, ao meu amigo na frente), e dessa maneira eu ia a julgamento *só,* acusado pelo parágrafo 11.º, ou seja, enquanto *grupo,* enquanto *organização.* Pedi, razoavelmente, para retirar essa inclusão no parágrafo 11.º.

Ele folheou o processo ainda uns cinco minutos, suspirou, abriu os braços e disse: "E então? Uma pessoa é uma pessoa, mas duas já são povo".

E uma pessoa e meia será uma organização?...

Ele tocou o botão da campainha, para me levarem.

Pouco depois, numa tarde de fins de maio, fui chamado a esse mesmo gabinete do procurador, onde havia um relógio de bronze com figuras em cima da placa de mármore da chaminé, convocado pelo comissário de instrução, em aplicação do "206" — assim era denominada, em virtude do respectivo artigo do Código de Processo Penal, a formalidade do exame do processo pelo próprio acusado, que devia apor a sua última assinatura. Não duvidando de que a obteria, o comissário encontrava-se já sentado e redigia o termo da acusação.

Eu abri a capa da grossa pasta e logo na parte inferior, em letra de imprensa, li uma coisa impressionante: que durante a marcha da instrução eu tinha o direito de me queixar por escrito acerca da incorreta condução do processo, e que o comissário

era obrigado a juntar as minhas queixas, por ordem cronológica, aos autos! Durante a marcha da instrução! Mas não no fim dela...

Ah, esse direito não era conhecido por um só dos milhares de presos com os quais estive depois.

Continuei a folhear. Vi fotocópias de cartas minhas com interpretações de idéias completamente deturpadas por comentadores desconhecidos (da espécie do Capitão Líbin). E percebi a mentira hiperbólica com a qual o capitão tinha envolvido as minhas cautelosas declarações. E, finalmente, o absurdo de que eu só era acusado em termos de "grupo"!

— Não estou de acordo. O senhor dirigiu a instrução do processo de forma incorreta — disse eu com pouca decisão.

— Então recomeçaremos tudo desde o princípio! — e apertou os lábios com ar malévolo. — Levamo-lo para um certo lugar onde encerramos os *polizei* *.

E até fez o gesto de estender a mão para recolher o "processo". (Eu, ato contínuo, segurei-o com os dedos.)

Brilhava o entardecer dourado para além das janelas do quinto andar da Lubianka. Era o mês de maio. As janelas do gabinete, como todas as janelas exteriores do ministério, estavam hermeticamente fechadas: nem sequer lhes tinham tirado a calafetagem de inverno, a fim de que o ar cálido e a floração não irrompessem nessas secretas dependências. Do relógio de bronze havia desaparecido o último raio de luz e as horas bateram silenciosamente.

Recomeçar tudo desde o princípio?... Parecia-me mais fácil morrer do que recomeçar tudo desde o princípio. Entretanto, diante de mim abria-se a promessa de uma certa vida. (Se eu tivesse sabido qual!...) E depois havia esse tal lugar onde "encerram os *polizei*". Não valia a pena fazê-lo zangar-se, disso ia depender o tom com que ele escreveria o termo da acusação...

E assinei. Assinei mesmo com o parágrafo 11.º. Desconhecia então a sua gravidade, disseram-me apenas que não aumentava a condenação. E foi por causa do parágrafo 11.º que fui parar num campo de trabalhos forçados. Foi por causa do parágrafo 11.º que, depois da "libertação", fui enviado, sem qualquer sentença, para o desterro perpétuo.

E talvez tenha sido melhor. Sem uma e outra coisa eu não escreveria este livro...

---

* *Em alemão: policiais auxiliares russos recrutados pelas tropas nazis durante a ocupação. (N. do T.)*

O comissário encarregado do meu caso apenas me aplicou a tortura do sono, bem como os expedientes da mentira e da intimidação — métodos completamente legais. Por isso ele não necessitou, para se livrar de responsabilidades, como fazem muitos comissários infames, obrigar-me a assinar, juntamente com o artigo 206, um compromisso de não divulgação: "Eu, abaixo-assinado, comprometo-me, sob pena de sanção (não se sabe segundo que artigo), a não relatar nunca nem a ninguém os métodos da instrução do meu processo".

Em algumas seções regionais da NKVD esta medida era levada a cabo em série: uma fórmula impressa sobre a não divulgação era entregue ao preso para assiná-la juntamente com a sentença da comissão especial por incitação ao enfraquecimento do poder soviético. (E depois, ainda, ao ser libertado, ele devia fazer uma declaração, comprometendo-se a não contar a ninguém o funcionamento dos campos.)

Os nossos hábitos de submissão, a nossa cerviz curvada (ou quebrada) não nos permitiam que recusássemos nem que nos indignássemos com esses métodos de bandidos que querem eliminar os vestígios de seus atos.

Perdemos *a medida da liberdade.* Não temos meios de determinar onde ela começa e onde ela acaba. Somos um povo asiático, e todos os que quiserem nos farão assinar, agora e sempre, esses intermináveis compromissos de não divulgação.

Já nem estamos seguros: temos ou não o direito de contar os acontecimentos da nossa própria vida?

IV OS BONÉS-AZUIS

Ao longo de toda essa trituração, entre os rodízios da grande instituição noturna onde a nossa alma é remoída, enquanto a nossa carne pende, em farrapos, como os andrajos de um mendigo, sofremos demasiado, estamos demasiado absortos na nossa dor para podermos examinar com um olhar translúcido e profético os pálidos *carrascos* da noite que nos atormentam. Um excesso de amargura interior inunda os nossos olhos. Senão, que bons historiadores dos nossos algozes não seríamos! Quanto a eles não se descreverão nunca a si próprios em carne e osso! Mas ai! Cada ex-preso recorda-se pormenorizadamente de toda a instrução do seu processo, de como o oprimiam e de que escória humana se tratava, mas freqüentemente não se lembra nem do nome do comissário, nem sequer pensa sobre tal homem. Assim, eu posso guardar na memória muito mais coisas, e bem mais interessantes, sobre qualquer dos meus companheiros de cela do que sobre o capitão de Segurança do Estado, Eziépov, em frente do qual estive não pouco tempo sentado, no seu gabinete.

Algo nos resta no entanto como lembrança comum e exata: aquela grande podridão, aquele espaço completamente contaminado pela podridão. Passaram-se já dezenas de anos, sem quaisquer acessos de raiva ou de ofensa, com o coração sossegado, mas nós guardamos esta impressão inabalável: a da baixeza moral, da perversidade, do cinismo e da desonra desses homens, talvez desviados.

É conhecido o episódio em que Alexandre II, esse mesmo que foi severamente atacado pelos revolucionários, que sete vezes tentaram assassinar, ao visitar em certa ocasião a Prisão Preventiva de Chpalérnaia (antecessora da Casa Grande), ordenou que o encerrassem na cela individual 227, ali ficando mais de uma hora, pois queria compenetrar-se da situação daqueles que ali mantinha.

Não se pode negar que isso era da parte do monarca um ato moral, uma necessidade ou uma tentativa de enfrentar o assunto espiritualmente.

Mas é impossível imaginarmos qualquer dos nossos comissários, e mesmo Abakúmov e Béria, querendo se meter na pele de um preso, por uma hora que fosse, ficando fechados a meditar numa cela individual.

As funções que executam não exigem deles que sejam pessoas instruídas, com uma cultura e com horizontes largos, e não o são de fato. Pelo seu serviço não têm necessidade de raciocinar logicamente — e não o fazem. No seu trabalho precisam apenas cumprir as diretrizes exata e cruelmente, insensíveis aos sofrimentos — e essa insensibilidade, sim, têm-na eles. Nós, que passamos pelas suas mãos, sentimo-nos sufocar à idéia dessa corporação, privada completamente de noções comuns a todos os homens.

Para quem, senão para os comissários, era claro que os *casos* eram fabricados? Ao sair das suas reuniões, e ao falar entre eles, podiam porventura dizer seriamente que desmascaravam criminosos? E, no entanto, redigiam autos, folhas e mais folhas, sobre a nossa corrupção. Assim, pois, inspiravam-se em um espírito de banditismo: "Morre você hoje, que amanhã serei eu!"

Eles compreendiam que os processos eram falsos e, entretanto, iam fazendo esse trabalhinho ano após ano. Como, então? Esforçavam-se talvez por *não pensar* (mas isto já é uma destruição do homem), aceitando pura e simplesmente que assim tinha que ser: os que lhes enviavam as instruções não podiam estar enganados.

Mas os nazistas diziam o mesmo, recordam-se [1]?

Ou então a Doutrina de Vanguarda é uma ideologia de pedra. O comissário instrutor do sinistro Orokutan (campo de castigo em Kolimá, 1938), deixando-se comover ao obter de M. Lurié, diretor do *combinat* de Krivoi-Rog, a assinatura das declarações que o levariam à segunda condenação no campo, quando ia ser posto em liberdade, disse-lhe: "Você pensa que nos dá alguma satisfação utilizar a 'influência [2]'? Mas devemos fazer aquilo que o Partido de nós exige. Você, velho membro

---

[1] *Ninguém pode esquivar-se a esta comparação: os anos e os métodos são demasiado coincidentes. Mais naturalmente fazia tal comparação quem tinha passado pela Gestapo e pelo Ministério da Segurança do Estado, como Aleksei Ivánovitch Divnitch, exilado e pregador da ortodoxia grega. A Gestapo acusava-o de atividade comunista entre os operários russos na Alemanha, e o Ministério da Segurança do Estado, MGB, de ligações com a burguesia mundial. A conclusão de Divnitch não era favorável ao MGB: torturaram-no lá e cá mas na Gestapo procuravam saber de qualquer modo a verdade, e, quando a acusação resultou sem fundamento, Divnitch foi posto em liberdade. O Ministério da Segurança do Estado não buscava a verdade e não era sua intenção soltar das suas garras ninguém que por ele fora preso. (N. do A.)*

[2] *Maneira delicada de designar as* torturas. *(N. do A.)*

do Partido, sabe lá o que faria no nosso lugar?" E parece que Lurié estava quase de acordo com ele (seria talvez por isso que assinou tão facilmente, pensando no fundo assim?). Eis, justamente, algo que convence.

Mas o mais freqüente era o cinismo. Os bonés-azuis compreendiam muito bem o funcionamento da máquina de picar carne e compraziam-se nela. O Comissário Mironenko, dos campos de Djida (ano de 1944), dizia ao condenado Bábitch, sentindo até orgulho pela construção racional da frase: "A instrução do processo e o julgamento são apenas uma formalidade jurídica e em nada podem mudar-lhes o destino, *prescrito de antemão*. Se é necessário fuzilá-los, ainda que sejam absolutamente inocentes, serão fuzilados de qualquer maneira. Se é necessário absolvê-los, mesmo que sejam efetivamente culpados, serão justificados e absolvidos". O chefe da primeira seção de investigação da Segurança do Estado da Região Ocidental do Casaquistão, Kuchnáriov, exprimiu-se assim perante Adolf Tsivilko: "Por ora não podemos soltar você, que é de Leningrado!" (isto é, um velho militante do Partido).

"Dêem-nos um homem, o *caso* nós o criaremos!" Eis como muitos deles pilheriavam: era este um dos seus ditos. O que para nós era um martírio, era para eles um bom trabalho. A mulher do Comissário Nikolai Grabichenko (Canal do Volga) dizia enternecida às vizinhas: "Kólia é um trabalhador magnífico. Um preso esteve muito tempo sem confessar e entregaram-no a Nikolai. Nikolai conversou uma noite com ele e ele confessou tudo".

Por que é que todos eles se lançaram assim, com uma atrelagem tão fogosa, nessa corrida não pela verdade, mas por *cifras* de indivíduos interrogados e condenados? Porque para eles o *mais cômodo* era não desviar-se da linha geral. Porque essas cifras significavam uma vida tranqüila, um soldo suplementar, condecorações, promoções, a ampliação e a prosperidade dos próprios "Órgãos". Apresentando boas cifras, podiam levar uma boa vida, vagabundear e passar boas noites de farra (o que eles faziam). Números baixos conduziriam ao seu despedimento, à perda da manjedoura, já que Stálin não podia acreditar que num determinado bairro, cidade ou unidade militar deixassem de se encontrar, de repente, inimigos seus.

Desse modo, não era um sentimento de compaixão, mas de ofensa e irritação, que neles brotava contra os presos muito teimosos, que não queriam entrar dentro dos seus números, que não cediam pela tortura do sono, nem pelos calabouços, nem

pela fome! Recusando-se a confessar, eles prejudicavam a situação pessoal do comissário de instrução! Era como se quisessem que *ele* fracassasse! Daí que todos os métodos fossem bons! Guerra é guerra! Um tubo na garganta: beba água salgada!

Privados, pelo tipo das suas atividades e pelo gênero de vida escolhido, da esfera *superior* da existência humana, os servidores da Instituição Azul viviam com tanto mais plenitude e avidez na esfera inferior. E aí eram dominados e dirigidos pelos mais ferozes instintos dessa esfera, que são (além da fome e do sexo) o instinto do *poder* e o instinto do *enriquecimento*. (Especialmente do poder: nas últimas décadas este tornou-se mais importante que o dinheiro.)

O poder é um veneno conhecido desde há milênios. Que nunca ninguém tivesse adquirido um poder material sobre outrem! Mas para quem tem fé em algo superior e tem por isso mesmo a consciência dos seus limites, o poder ainda não é mortal. Só para as pessoas com horizontes limitados é que o poder é um veneno cadavérico. De um contágio desses elas não têm salvação.

Recordam-se de que Tolstói escreve sobre o poder *? Ivan Ilitch exercia funções que lhe davam possibilidade de *conduzir à ruína qualquer pessoa a quem quisesse destruir! Todas as pessoas, sem exceção, estavam nas suas mãos, e mesmo a mais importante podia ser conduzida perante ele como acusada.* (Sim, isto aplica-se aos nossos bonés-azuis! Nada há a acrescentar!) A consciência deste poder ("e a possibilidade de o suavizar" — concede Tolstói, mas isto não se refere de nenhum modo aos nossos rapazes) constituía para ele *o interesse e o atrativo principal das suas funções*.

Que atrativo! Melhor se diria a *embriaguez!* Pois não é uma embriaguez? Você é ainda jovem, você que — diga-se entre parênteses — é quase um menino cheio de ranho; muito recentemente ainda os seus pais preocupavam-se com você, não sabiam onde colocá-lo, e lamentavam que você, tão cretino, não quisesse estudar; mas bastaram três curtos anos *naquela* escola e como você levantou vôo! Como mudou a sua situação na vida! Como mudaram os seus movimentos, o seu olhar e mesmo o seu voltar da cabeça! Está reunido em sessão o Conselho Científico

---

* *Cf. a novela* A morte de Ivan Ilitch. *(N. do T.)*

do Instituto: você entra e todos notam, até estremecem; você não sobe para o lugar do presidente, isso compete ao reitor, mas senta-se a um lado e todos compreendem que você é o mais importante, que é você o chefe da seção especial. Pode ficar sentado cinco minutos e sair, essa é a sua superioridade sobre os professores, pois você pode ser necessário em outro local, para assuntos mais importantes. Mas depois, examinando as suas decisões, basta franzir o sobrolho (ou melhor ainda, os lábios) e dizer ao reitor: "É impossível. Há *considerações*..." E é tudo! Isso não se fará!

Ou então você pertence à seção especial da contra-espionagem, é apenas um tenente, mas um velho e corpulento coronel, comandante de unidade, que se levanta à sua chegada, procura adulá-lo, agradá-lo, e não irá beber com o chefe do Estado-Maior sem convidar você. Não importa que você só tenha duas pequenas estrelas, isso até que é divertido: pois as suas estrelinhas medem-se por uma escala completamente diferente da dos oficiais normais (e às vezes, numa missão especial, permitem a você pregar, por exemplo, as estrelas de major, isso com uma espécie de pseudônimo de convenção). Sobre todo mundo dessa unidade militar, ou dessa fábrica, ou desse distrito, você tem um poder incomparavelmente maior do que o comandante, o diretor ou o secretário do Partido. Eles dispõem da carreira, do salário, da reputação, mas você dispõe da liberdade deles. E ninguém ousará falar a seu respeito nas reuniões, ninguém ousará escrever sobre você nos jornais — não só mal, mas mesmo *bem!* É como se você fosse uma divindade secreta cujo nome não se pode sequer citar! Você existe, todos o sentem, mas é como se não tivesse corpo. E por isso você está acima do poder declarado, desde o momento em que se cobre com o boné azul. O que você faz, ninguém se atreverá a verificá-lo, mas qualquer pessoa está sujeita à sua verificação. Perante os chamados cidadãos comuns (que para você são simplesmente cepos) a atitude mais digna consiste em adotar uma expressão misteriosa de grande penetração. Só você, na verdade, conhece as *considerações especiais,* e ninguém mais. E por isso você tem sempre razão.

Só não se esqueça de uma coisa: você mesmo seria um cepo desses, se não tivesse tido a sorte de se tornar uma peça da engrenagem dos "Órgãos" — esse ser vivo, flexível, completo, que habita no Estado como a tênia no homem. Tudo lhe pertence agora, tudo é para você, mas só com a condição de ser fiel aos "Órgãos"! Eles sempre intercederão por você! Sempre o ajudarão a engolir todo aquele que o ofender! E retirarão qualquer obs-

táculo do seu caminho! Mas seja fiel aos "Órgãos"! Faça tudo o que eles lhe ordenem! São eles que pensam por você e que designam o seu lugar: hoje você pode ser da seção especial e amanhã pode ir ocupar o cadeirão do comissário de instrução, para em seguida ser destacado como etnógrafo para o lago Seliguer[3], em parte também para tratar dos nervos. Depois você será transferido de uma cidade onde já se tornou demasiado famoso para o outro extremo do país, como encarregado para os assuntos da Igreja[4]. Ou passará a ser o secretário responsável da União de Escritores[5]. Não há que se admirar de nada: a verdadeira função e categoria das pessoas sabem-na unicamente os "Órgãos", aos demais deixam-nos simplesmente representar: ali onde se vê um mestre emérito das artes ou um herói do trabalho socialista, sopra-se e ele desaparece[6].

O lugar de comissário requer, naturalmente, trabalho: é necessário ir e vir, de dia e de noite, permanecer sentado horas e horas. Mas não se tem que quebrar a cabeça descobrindo as "provas" (deixe que a quebre o preso), não é preciso se preocupar em saber se ele é culpado: faça como for melhor para os "Órgãos" e tudo estará bem. Dependerá de você a organização do processo da forma mais agradável, sem se cansar muito: é bom tirar algum proveito e também distrair-se. Você esteve sentado durante longo tempo, e subitamente inventou uma nova forma de "influência"! — Eureka! Telefone aos amigos, percorra os gabinetes, conte coisas: que belas gargalhadas! Vamos experimentar, rapazes, em quem? Vejam, é aborrecido encontrar pela frente sempre a mesma coisa, essas mãos trementes, esses olhos suplicantes, essa submissão covarde — oxalá algum oferecesse resistência. "Gosto dos inimigos resistentes! *É agradável quebrar-lhes a espinha*[7]*!*"

E se ele é tão resistente que não cede, se todos os seus métodos não dão resultado? Você se enfurece? Vamos, não retenha a raiva! É uma satisfação imensa, é um vôo de fantasia!

---

3 *1931, Iline. (N. do A.)*

4 *O pérfido Comissário Volkopialov foi encarregado para os assuntos da Igreja na Moldávia. (N. do A.)*

5 *Um outro Iline, Victor Nikolaiévitch, ex-general-de-brigada da Segurança do Estado. (N. do A.)*

6 *"Quem é você?", perguntou o General Serov, em Berlim, ao mundialmente conhecido biólogo Timofeiev-Riessóvski. "E você, quem é?", respondeu sem desconcertar-se, com a sua hereditária audácia cossaca, Timofeiev-Riessóvski. "Ah, você é um cientista?", corrigiu Serov. (N. do A.)*

7 *Foi o que disse a G. G...v o comissário de Leningrado, Chitov. (N. do A.)*

Deixe em liberdade a fúria, não lhe ponha limites! Descarregue as tensões! É em tal estado que se escarra na boca do preso! Que se esfrega o seu rosto numa escarradeira [8]! É em tal estado que se arrastam os padres pelas guedelhas! E que se urina no rosto daqueles que foram postos de joelhos! Depois do acesso de fúria, você se sente um verdadeiro homem!

Ou então você interroga "uma jovem que anda com um estrangeiro [9]". Bem, você diz algumas grosserias e lhe pergunta: "O americano deve tê-la alisado muito bem, não? De que é que você necessitava, havia poucos russos?" E surge-lhe subitamente uma idéia: com esses estrangeiros ela deve ter adquirido alguns conhecimentos. Não se pode perder a ocasião, é uma espécie de missão de serviços lá fora! E com ardor você começa a interrogá-la: *Como era?* Em que posições?... E em que mais outras?... Dê pormenores! E outros detalhes! (Isso poderá servir para mim e vou contá-lo aos rapazes!) A jovem, envergonhada e banhada em lágrimas, diz que isso nada tem a ver com o assunto. "Mas sim, tem que ver! Fale!" Eis o que significa o poder! Ela acaba contando tudo a você, tintim por tintim, se você quiser faz mesmo um desenho e poderá até mostrar com o corpo, não tem outra saída, está nas suas mãos a sua detenção e *a sua pena.*

Você requisitou [10] uma datilógrafa para escrever o interrogatório, mandaram uma bonita e imediatamente você lhe mete a mão nos seios diante do rapazola interrogado [11]. É como se ele não fosse gente, não há por que ter vergonha.

Sim, de quem é que haveria de ter vergonha? Se você gosta de mulheres (e quem é que não gosta delas?), seria idiota se não se aproveitasse da situação. Umas são atraídas pelo seu poder, outras cedem por temor. Se você encontrar uma moça, em qualquer parte, e olhar para ela, será sua, não escapará. Se reparar também numa mulher casada, será sua! Afastar do caminho o marido é coisa que não custa nada [12]. Não, é na verdade necessário experimentá-lo, para saber o que significa um boné-azul! Qualquer coisa que você veja — é sua! Qualquer apartamento que visite — é seu! Qualquer mulher — é sua! Qualquer adver-

---

8 Caso ocorrido com Vassíliev e Ivánov-Razúmnik. (N. do A.)

9 Ester R., ano de 1947. (N. do A.)

10 O Comissário Pokhilko, da Segurança do Estado de Kemerovo. (N. do A.)

11 O estudante Micha B. (N. do A.)

12 Há muito tempo que tenho um assunto para um conto: "A esposa corrompida". Mas, pelo visto, não consigo dispor-me a escrevê-lo. Ei-lo. Refere-se ao fato de que numa unidade militar da Força Aérea do Extre-

sário — é varrido da sua frente! A terra que pisa — é sua! O céu que sobre você paira — é seu, azul como você!

Quanto à ânsia de lucro, é a paixão de todos eles. Como não utilizar esse poder e uma tal falta de controle para enriquecer? Seria necessário ser um *santo!*...

Se nos fosse permitido conhecer o motivo secreto de certas detenções, veríamos com assombro que, sendo a norma geral a de *prender*, a escolha particular de *quem* prender e a sorte pessoal de cada um dependia, em três quartas partes, dos casos da cupidez e da vingança, e em metade desses de cálculos interesseiros da NKVD local (e dos procuradores, naturalmente, não os vamos deixar de lado).

Como começou, por exemplo, a odisséia de dezenove anos de V. G. Vlássov pelo arquipélago? Administrando a cooperativa de consumo local, ele promoveu uma venda de tecidos (que já ninguém comprava...) para o ativo do Partido (que não fosse para o povo, isso não desconcertava ninguém), e a esposa do procurador não pôde comprá-los: ela não se encontrava presente e o procurador considerava desagradável ir fazer compras ao balcão. Ora, Vlássov não teve a idéia de dizer-lhe: "Eu mesmo lhe reservo uma parte" (isso não estava no seu caráter). Mais

---

mo Oriente, antes da Guerra da Coréia, certo tenente-coronel, ao regressar de uma missão de serviço, soube que a sua mulher estava no hospital. O caso era de tal gravidade que os médicos não lho ocultaram: os seus órgãos genitais sofriam de uma lesão, devido a relações anormais. O tenente-coronel precipitou-se para a esposa e conseguiu a confissão dela: tratava-se de um primeiro-tenente da seção especial da sua unidade (parece que por ela correspondido). O marido correu furioso ao gabinete da seção especial, sacou da pistola e ameaçou matá-lo. Mas rapidamente o primeiro-tenente o obrigou a curvar-se e a sair, abatido e em estado lastimoso: ameaçou enviá-lo a apodrecer no mais terrível campo, em que ele chegaria a rezar por uma morte sem sofrimentos. E ordenou-lhe *que recebesse em casa a esposa, tal como estava (algo havia sido deformado sem remédio) e que vivesse com ela, sem se atrever a divorciar-se nem ousar queixar-se — era esse o preço da liberdade! O tenente-coronel cumpriu tudo. (Isto me foi relatado pelo motorista particular desse mesmo agente da seção especial.)*

Casos semelhantes não devem ser poucos: este é um domínio onde se revela particularmente tentador utilizar o poder. Um desses agentes da Segurança do Estado obrigou a filha de um general do Exército (em 1944) a casar-se com ele, sob a ameaça de que, caso contrário, prenderia o pai. A jovem tinha noivo, mas para salvar o pai casou com o agente da Segurança. Durante o breve tempo de casada escreveu um diário, enviou-o ao namorado e depois suicidou-se. (N. do A.)

ainda: o Procurador Russov levou à cantina privada do Partido (havia cantinas dessas nos anos 30) um amigo que não estava autorizado a comer ali (isto é, que tinha uma posição inferior), e o administrador da cantina não permitiu que se servisse a refeição ao amigo. O procurador exigiu de Vlássov que o castigasse, o que Vlássov não fez. Desse modo, ele ofendeu amargamente a NKVD da zona. E foi assim que foi incluído na lista da oposição de direita!...

As considerações e as ações dos bonés-azuis costumam ser tão mesquinhas que é coisa de espantar. O chefe de uma *brigada operacional*, para buscas e detenções, Sentchenko, tirou a um oficial do Exército preso a bolsa de campanha e a prancheta, e usava-as na sua presença. A um outro preso ele furtou, servindo-se dos subterfúgios de um auto, um par de luvas estrangeiras. (Quando a ofensiva prosseguia, eles roíam-se todos por não serem os primeiros a colher troféus.) O agente de contra-espionagem do 48.º Exército, que me deteve, olhava com inveja para a minha cigarreira, que aliás nem sequer era uma cigarreira, mas sim uma caixa qualquer alemã de atraente cor escarlate. E de olho nela, tentou toda uma manobra auxiliar: primeiro, não a incluiu no auto da apreensão ("isto pode ficar com você"), depois ordenou que me revistassem de novo, sabendo perfeitamente que não tinha mais nada nos bolsos. "Ah, vejam só! Tirem-na!" E para que eu não protestasse: "Levem-no para a cela!" (Que policial czarista se atreveria a portar-se assim com um defensor da pátria?) Cada investigador dispunha de determinada quantidade de cigarros para animar os que confessavam e para recompensar os bufos. Alguns, porém, ficavam com todos esses cigarros para eles. Até nas horas de interrogatórios noturnos, pagas por tarifa especial, eles faziam trapaças; observávamos como eles anotavam nos autos mais tempo do que o utilizado ("das tantas às tantas"). O Comissário Fiódorov (estação de Recheta, caixa de correios de campanha n.º 235), numa busca ao apartamento de um cidadão em liberdade, Korzúkhin, roubou, ele mesmo, um relógio de pulso. O Comissário Nikolai Fiódorov Krújkov, durante o cerco de Leningrado, disse a Elizavieta Victórovna Strakhóvitch, mulher do seu acusado K. I. Strakhóvitch: "Necessito de um edredom. Traga-me um!" Ela lhe respondeu: "O quarto onde tenho as coisas de inverno está interditado". Então ele se dirigiu à casa dela e, sem violar o selo de chumbo da Segurança do Estado, desaparafusou o puxador da porta ("Eis como trabalha o Comissariado do Povo para a Segurança do Estado!" — explicou ele prazenteiro) e levou

dali roupa de inverno, metendo de passagem objetos de cristal nos bolsos (Elizavieta, por sua vez, levou também o que pôde e que no fim das contas era dela. "Para você, já chega!", advertiu-a ele, enquanto continuava a servir-se [13]).

O número de casos semelhantes não tem fim: poder-se-iam publicar mil "Livros Brancos" (a começar no ano de 1918), inquirindo sistematicamente junto dos ex-presos e das esposas. Pode ser que tenha havido e haja bonés-azuis que nunca roubaram nada, nem de nada se apropriaram — mas a mim custa-me imaginá-lo, decididamente! Não compreendo, pura e simplesmente, que com os seus pontos de vista algo pudesse contê-los, se uma coisa lhes agradasse. Já nos começos dos anos 30, quando participávamos nas campanhas juvenis e executávamos o primeiro plano qüinqüenal, eles passavam os seus serões em salões à maneira da nobreza do Ocidente, do gênero dos de Konkórdia Iossé, e as suas damas ostentavam toaletes estrangeiras. De onde vinha tudo isso?

E os seus apelidos! Era como se tivessem sido escolhidos em função deles para esse trabalho! Por exemplo, na Segurança do Estado da região de Kemerovo, em começos dos anos 50, havia o Procurador Trútniev (parasita), o chefe da seção de investigação, o Major Chkúrkin (coirão), seu substituto, o Tenente-Coronel Balandi (sopa aguada), e ainda o Juiz de Instrução Skorokhvatov (arrebanhador). Vejam, não é inventado! Todos eles subitamente juntos! (Acerca de Volkopiálov e Grabichenko já nem vale a pena falar *.) Acaso os apelidos não refletem um pouco do que as pessoas são?

E vejam uma vez mais o que é a memória do prisioneiro: I. Korneiev esqueceu-se do apelido daquele coronel da Segurança do Estado, amigo de Konkórdia Iossé (por coincidência, conhecida de ambos), que encontrou no isolamento político de Vladímir. Esse coronel era a personificação conjunta do instinto do poder e do instinto do dinheiro. Em começos de 1945, no tempo das vacas gordas, dos "troféus", ele pediu para ser designado para a seção dos "Órgãos" que, encabeçada pelo

---

13 *Em 1954 essa enérgica e inexorável mulher (o marido tudo perdoou, até a pena de morte, e dissuadiu-a: "Não é preciso!") interveio contra Krújkov no tribunal como testemunha. Como não era o primeiro caso verificado com Krújkov e ele violava os interesses dos "Órgãos", condenaram-no a vinte e cinco anos. Ficaria lá muito tempo? (N. do A.)*

* Volkopiálov *deriva de* volk = *lobo e* pialit = *fitar com os olhos desorbitados.* Grabichenko *tem sua raiz em* grabit = *saquear, pilhar. (N. do T.)*

próprio Abakúmov, controlava toda essa pilhagem, isto é, procurava apoderar-se de tudo o que podia, não para o Estado, mas para si própria (e conseguiu muitos prodígios). O nosso herói limpou vagões inteiros e construiu para si várias casas de campo (uma delas em Klin). Depois da guerra, atingiu tal envergadura que, ao chegar à estação de Novossibirsk, mandou expulsar todos quantos estavam sentados no restaurante, ordenando que lhe trouxessem, para si e para os seus colegas de farra, moças e mulheres, obrigando-as a dançar nuas em cima das mesas. Teria sido perdoado, mas violou outra lei importante, como o fizera Krújkov: agiu contra os *seus*. Não só enganou os "Órgãos" como fez ainda pior: apostou que seduziria as mulheres de alguns dos seus camaradas da seção operacional da Tcheká. Não lhe perdoaram! Foi metido no isolamento político, ao abrigo do artigo 58! Enfureceu-se por se terem *atrevido* a prendê-lo e não duvidava de que o caso seria reparado. (E talvez fosse.)

Esse destino nefasto de se *deterem* a si mesmos não é assim tão raro entre os bonés-azuis. Não há uma verdadeira garantia contra tal, e não se sabe por que eles assimilam mal as lições do passado. Certamente pela falta de inteligência superior, enquanto a inferior lhes segreda: "São raros aqueles a quem isso ocorre, eu escaparei e os meus não vão me desamparar".

Os *seus* procuram, realmente, não o abandonar na desgraça, pois estão ligados por uma convenção tácita: colocar os *deles* em situação privilegiada (o Coronel A. I. Vorobiov foi metido na cadeia especial de Marfinsk, o próprio N. I. Ilin esteve na Lubianka mais de oito anos). Aqueles que são presos individualmente, pelos seus erros pessoais de cálculo, graças a essa prevenção de casta não passam habitualmente mal, e assim se explica a sua cotidiana sensação de impunidade. São conhecidos, porém, alguns casos em que os chefes operacionais dos campos foram obrigados a cumprir penas em campos comuns, onde se encontraram com seus próprios *zeks* (reclusos), e não passaram nada bem (por exemplo, o agente Munchin, que odiava encarniçadamente o artigo 58 e que se apoiava no banditismo, foi metido por este mesmo no fundo dos cárceres). Entretanto, tratando-se de tais casos, não temos meios de os conhecer em detalhe, a fim de poder dar deles uma idéia.

Mas aqueles agentes da Segurança que caem nas *torrentes* (eles têm igualmente as suas *torrentes!...)* arriscam tudo. Uma torrente é um cataclismo natural, mais forte até que os próprios

"Órgãos", e então já ninguém ajuda, com medo de ser ele mesmo arrastado para esse abismo.

No último minuto, se você tem uma boa informação e uma consciência aguda de tchekista, pode ainda furtar-se a essa avalancha, demonstrando que não tem nenhuma relação com ela. Por exemplo, o Capitão Saenko (não aquele carpinteiro tchekista de Kharkov dos anos 1918-19, célebre pelos seus fuzilamentos, perfurações no corpo com o sabre, despedaçamentos de pernas, esmagamentos da cabeça com pesos e halteres e cauterizações [14], mas talvez quem sabe da mesma família...) teve a fraqueza de casar-se por amor com uma funcionária, Kokhánskaia, das Estradas de Ferro da China Oriental. De repente, antes de rebentar a vaga, soube que iam prender os empregados desses serviços ferroviários. Era então o chefe da seção operacional da GPU em Arkhanguelsk. Sem perder um só minuto, que fez ele? *Prendeu a mulher amada!* E ainda por cima não como funcionária das Estradas de Ferro da China Oriental, mas forjando-lhe um *processo*. E não só ficou vivo como foi promovido, tornando-se o chefe da NKVD de Tomsk [15].

Estas *torrentes* surgiam em virtude de uma misteriosa lei de *renovação* dos "Órgãos": um pequeno sacrifício periódico, oferecido para que os que ficavam tomassem a aparência de purificados. Os "Órgãos" deviam mudar mais depressa do que o crescimento normal e o envelhecimento das gerações humanas: certos cardumes da Segurança do Estado deviam entregar as suas cabeças com a inflexibilidade com que o esturjão vai morrer sobre as pedras do rio, para ser substituído por filhotes. Esta lei era bem visível para uma inteligência superior, mas os próprios bonés-azuis não queriam de modo algum reconhecê-la e não se preveniam. E tanto o rei como os tubarões dos "Órgãos", e até ministros, chegada a hora astralmente designada, colocavam as suas cabeças sobre sua própria guilhotina.

Um primeiro cardume arrastou Iágoda atrás de si. Provavelmente muitos daqueles nomes gloriosos, que ainda teremos ocasião de admirar ao falar do canal do mar Branco, foram levados nesse cardume e os seus nomes riscados das linhas poéticas.

O segundo cardume arrastou bem depressa o efêmero Iéjov.

---

14 *Roman Gul,* in *"Dzerjinski". (N. do A.)*

15 *Ainda um bom assunto! Quantos não há aqui! Pode ser que sirva a alguém. (N. do A.)*

Alguns dos melhores cavaleiros de 1937 pereceram nessa vaga (mas é preciso não exagerar, não foram todos, longe disso). O próprio Iéjov foi espancado durante a instrução do processo, apresentando um lastimoso aspecto. Com essas detenções, o Gulag ficou órfão. Simultaneamente a Iéjov foram presos, por exemplo, o chefe da Direção das Finanças, o chefe da Divisão Sanitária e o chefe da Guarda Interior do Gulag [16] — isto é, o chefe de todos os responsáveis pelos campos!

E depois veio o cardume de Béria.

O gordo e presunçoso Abakúmov tropeçou à parte dos outros, separadamente.

Os historiadores dos "Órgãos" (se os arquivos não forem queimados) relatar-nos-ão isso um dia, passo a passo, com cifras e com o brilho dos nomes.

Eu me limitarei aqui apenas a uma pequena parte: a história de Riúmin e de Abakúmov, que conheci casualmente. (Não vou repetir aquilo que tive ocasião de contar sobre eles noutro lugar [17].)

Riúmin, familiar do próprio Abakúmov, que o tinha protegido, apresentou-se a ele em fins de 1952 com a sensacional notícia de que o professor de medicina Etínguer tinha confessado que submetera a tratamento incorreto Jdanov e Cherbakov (com o fim de os matar). Abakúmov negou-se a acreditar, pois conhecia bem tais acusados, e achou que Riúmin ia demasiado longe. (Mas Riúmin pressentia melhor aquilo que Stálin queria!) Para tirar dúvidas, organizaram essa tarde um interrogatório cruzado com Etínguer, e tiraram conclusões diferentes: Abakúmov, a de que não havia nenhum "caso dos médicos", Riúmin, a de que havia. Era necessário fazer verificações uma vez mais, na manhã seguinte, mas por uma dessas maravilhosas particularidades da Instituição Noturna, *Etínguer morreu nessa mesma noite!* Pela manhã, Riúmin, passando por cima de Abakúmov, telefonou ao Comitê Central do Partido e pediu para ser recebido por Stálin! (Penso que não foi esse o seu passo decisivo: o decisivo, depois do qual a sua cabeça já estava em jogo, fora dado na véspera, ao não concordar com Abakúmov, e ao matar talvez Etínguer durante a noite. Mas quem conhece os segredos desses palácios? Pode ser que o contato com Stálin já tivesse sido realizado antes.) Stálin recebeu Riú-

---

[16] *Guarda militarizada. Anteriormente, Polícia Política Interna da República. (N. do A.)*
[17] *No "Primeiro Círculo". (N. do A.)*

min, deu andamento ao caso dos médicos e *prendeu Abakúmov*. Riúmin foi para a frente com o caso, segundo parece, independentemente e a despeito mesmo de Béria! (Há sintomas de que antes da morte de Stálin Béria tinha a sua situação ameaçada, e foi talvez por seu intermédio que Stálin foi liquidado.) Um dos primeiros passos do novo governo foi a renúncia ao caso dos médicos. Então *Riúmin foi preso* (ainda sob o poder de Béria), mas *Abakúmov não foi libertado!* Introduziram-se novas normas na Lubianka, e pela primeira vez em toda a sua existência cruzou os seus umbrais um procurador (D. T. Teriékhov). Riúmin mostrou-se nervoso e servil ("Eu não sou culpado, estou detido sem motivo"), pedindo para ser interrogado. Como era seu costume, comia um bombom, e a uma observação de Teriékhov cuspiu-o na palma da mão, dizendo: "Desculpe!" Quanto a Abakúmov, como já mencionamos, ele riu-se: "É uma mistificação". Teriékhov mostrou-lhe o seu mandado de controle das cadeias internas do Ministério da Segurança do Estado. "Como esse podem fabricar-se quinhentos!", respondeu Abakúmov, recusando-o com a mão. A ele, como "patriota da Instituição", o que mais o ofendia não era que estivesse preso, mas que tentassem prejudicar os "Órgãos", os quais não podiam estar subordinados a nada no mundo! Em julho de 1953, Riúmin foi julgado (em Moscou) e fuzilado. Mas Abakúmov continuou na prisão! No interrogatório ele disse a Teriékhov: "Você tem os olhos demasiado bonitos [18], *terei pena de fuzilá-lo!* Afaste-se do meu caso, e afaste-se por bem". Uma vez, Teriékhov chamou-o e deu-lhe para ler o jornal com o comunicado sobre o desmascaramento de Béria. Isso era então quase uma sensação cósmica. Abakúmov leu o comunicado sem pestanejar, voltou a folha e começou a procurar a página desportiva. Outra vez, assistindo ao interrogatório um importante agente da Segurança do Estado, até há pouco subordinado de Abakúmov, este perguntou-lhe: "Como você pôde permitir que a investigação do caso Béria não fosse realizada pelo Ministério da Segurança do Estado, mas pela Procuradoria? (Continuava lá, na prisão, com o seu boné na cabeça!) E você acredita que eu, ministro da Segurança do Estado, serei *julgado?*" "Sim." "Então enfie um

---

[18] *O que era verdade. D. T. Teriékhov era um homem de força de vontade e audácia fora do comum (os julgamentos o confirmam), e talvez de inteligência viva. Se as reformas de Khruchov tivessem sido mais conseqüentes, Teriékhov ter-se-ia destacado. Assim, no nosso país, não chegam a se formar personalidades históricas. (N. do A.)*

chapéu de coco na cabeça, os "Órgãos" deixaram de existir!..." (Ele, naturalmente, tinha uma visão demasiado pessimista, aquele inculto mensageiro.) Não era o julgamento que Abakúmov temia, quando estava preso na Lubianka, mas sim um envenenamento (mostrando uma vez mais ser um digno filho dos "Órgãos"!). Começou pois a rejeitar toda e qualquer comida da prisão, só comendo ovos, que comprava na cantina. (Aqui faltava-lhe imaginação técnica, ao pensar que um ovo não pode ser envenenado.) Da bem sortida biblioteca da Lubianka só lia livros de... Stálin (que o tinha metido na cadeia...). Isso seria talvez uma ostentação ou um cálculo, prevendo que os partidários de Stálin acabariam por predominar. Mas continuou preso por mais dois anos. Por que é que não o soltaram? A pergunta não é ingênua. A julgar pelos seus crimes contra a humanidade, ele estava manchado de sangue até a cabeça. Mas não era só ele! Os restantes tinham escapado com sorte. O segredo está aqui: há rumores surdos de que, tempos atrás, ele tinha espancado pessoalmente a nora de Khruchov, Linlea Sédaia, esposa do filho mais velho, que, condenado no tempo de Stálin, fora enviado para um batalhão disciplinar, onde morreu. Por isso, tendo sido encarcerado por Stálin, Abakúmov acabou por ser julgado, no tempo de Khruchov, em Leningrado, e fuzilado a 18 de dezembro de 1954[19].

Mas era em vão que ele se preocupava: os "Órgãos" não morreram por isso.

Como diz a sabedoria popular: ao falar do lobo, fale também como o lobo.

Como surgiu essa raça de lobos em meio do nosso povo? É da nossa raiz? É do nosso sangue?

Sim, é.

Para não vestir sem motivo o manto alvo dos justos, interroguemo-nos: se a minha vida se tivesse apresentado diferentemente, ter-me-ia eu convertido num carrasco assim?

É uma pergunta terrível, se quisermos responder a ela honestamente.

---

19 *Eis ainda uma das originalidades desse alto dignitário: vestia-se de civil, e, com o chefe dos seus guarda-costas, Kúznietsov, andava a pé por Moscou, fazendo por extravagância donativos das verbas da Tcheká. Não seriam ressaibos da velha Rússia: esmolas para a salvação da sua alma? (N. do A.)*

Lembro-me do meu terceiro ano da universidade, no outono de 1938. Nós, rapazes do Komsomol, fomos chamados ao comitê de zona uma primeira e uma segunda vez, e quase sem nos consultarem meteram-nos um questionário nas mãos para preenchermos: há já demasiados físicos e matemáticos, a pátria precisa de candidatos à escola da NKVD (de resto, é sempre assim, não são as pessoas que têm necessidade de alguém, mas sim a pátria, e há sempre um burocrata que sabe tudo e fala em seu nome).

Um ano antes esse mesmo comitê de zona tinha-nos aliciado para uma escola de aviação. Também daquela vez nos recusamos (tínhamos pena de deixar a universidade), mas não tão tenazmente como agora.

Um quarto de século depois pode-se pensar: sim, vocês compreendiam perfeitamente como fervilhavam as detenções à sua volta, como eles torturavam nos cárceres e para que lama os arrastavam. Mas não! As corujas voam de noite, e nós éramos dos que desfilávamos de dia, com bandeiras. Como poderíamos saber ou pensar qual a causa das detenções? Que tivessem mudado todos os chefes regionais, isso nos era rigorosamente indiferente. Tinham mandado prender dois ou três professores, mas não era com eles que íamos aos bailes, e, além do mais, assim seria mais fácil fazer exames. Nós, rapazes de vinte anos de idade, marchávamos nas mesmas colunas que os que haviam nascido nos dias da Revolução de Outubro, e esperava-nos o mais radioso futuro.

É difícil descrever o sentimento íntimo, não baseado em qualquer argumento, que nos impedia de aceitar ir para a escola da NKVD. Não era que tal se deduzisse das conferências ouvidas sobre o materialismo histórico: ao contrário, através delas estava claro que a luta contra o inimigo interno era uma frente de combate ardente e uma tarefa honrosa. E isso estava em contradição com a nossa vantagem prática: a universidade provincial nada nos podia prometer além de uma escola rural num rincão afastado e com um exíguo salário, enquanto a escola da NKVD nos prometia rações especiais e um vencimento duas ou três vezes maior. O que sentíamos não podia se traduzir em palavras (e, se as houvesse, não as podíamos comunicar uns aos outros, por temor). Resistia-se em geral não ao nível da cabeça, mas do coração. Podem gritar de todos os lados: "É necessário", e a sua cabeça também pensar: "É necessário!", mas o coração repelir: "Não quero, *enoja-me!* Arranjem-se sem mim, eu não entro nisso!"

É algo que data de há muito, quiçá desde Liérmontov. Daquelas décadas da vida russa em que para uma pessoa decente não havia serviço pior nem mais sujo do que o de agente da polícia secreta, e isso se dizia em voz alta. Mas tudo vem de mais longe ainda. Sem o saber, resgatávamos a liberdade com o que nos restava — moedas de cobre e peças de dez copeques das moedas de ouro deixadas pelos nossos bisavós, nos tempos em que a moral ainda não era considerada relativa e o bem e o mal se diferenciavam simplesmente através do coração.

Contudo, alguns dos nossos rapazes alistaram-se então. Acho que se tivessem exercido uma pressão mais forte nos teriam talvez dobrado a todos nós. Ponho-me a imaginar: se ao começar a guerra eu já tivesse galões quadrados nas lapelas azuis — que teria sido feito de mim? Posso, naturalmente, para ser agradável comigo próprio, dizer que a minha honestidade não teria suportado tal coisa, que me teria recusado e que teria fugido batendo com a porta atrás de mim. Mas deitado na tábua do cárcere, comecei a examinar sucessivamente a minha verdadeira carreira de oficial — e horrorizei-me.

Não me tornei oficial de um dia para o outro, a cabeça ainda atulhada de equações integrais. Antes já havia servido como soldado durante seis meses extenuantes, tendo sentido na própria pele o que significa estar sempre pronto a subordinar-se a pessoas que podem não ser dignas de você. Depois, fui torturado durante mais meio ano na escola do Exército. Deveria pois ter assimilado para sempre a amargura do serviço militar, e guardado a lembrança da minha pele gelada e gretada... Mas não! Como prêmio de consolação deram-me galões com duas estrelinhas, depois com três, quatro, e esqueci tudo.

Talvez conservasse então o amor à liberdade, típico dos estudantes. Mas entre nós ele não existia. Existia, sim, o amor à disciplina e às marchas.

Recordo-me bem que foi a partir da escola de oficiais que experimentei a *alegria da rusticidade:* ser militar e *não refletir; a alegria de refocilar* na vida, tal *como a vivem todos,* segundo é praxe no nosso ambiente militar; a alegria de esquecer certas sutilezas espirituais, incutidas desde a infância.

Na escola militar andávamos constantemente atazanados pela fome, tentando descobrir onde podíamos conseguir um naco a mais, vigilando-nos zelosamente uns aos outros para ver quem se desenrascava melhor. O que mais temíamos era não chegar a ganhar as insígnias (enviavam para Stalingrado aqueles que não terminavam a escola). Instruíam-nos como se fôssemos

feras jovens, a fim de tornar-nos mais furiosos, a fim de que depois tentássemos desforrar-nos em alguém. Não dormíamos o suficiente: depois da hora de silêncio podiam obrigar-nos a que, sob o comando de um sargento, ficássemos sozinhos a marcar passo — isso como castigo. Ou então, pela noite, acordavam todo o pelotão e faziam-no formar em volta de uma bota suja: é ele, esse canalha, que vai agora limpá-la; e enquanto ela não ficar brilhante permanecerão aqui formados.

Na ânsia apaixonada dos galões, ganhávamos um andar felino de oficiais e uma voz metálica de comando.

Finalmente, eis que me puseram os galões! E cerca de um mês depois, formando a bateria na retaguarda, eu já obrigava o meu descuidado praça Berbienov a marcar passo, depois da hora do descanso, sob o comando do insubmisso Sargento Metlin... *(Esqueci,* esqueci sinceramente tudo isto durante anos! Acabo de voltar a lembrar-me agora mesmo, diante desta folha de papel.) E um velho coronel, em inspeção casual, convocou-me e envergonhou-me. Eu (e dizer que já depois de ter feito a universidade!) justifiquei-me: na escola militar assim nos instruíram, o que significava: quais podem ser as considerações de humanidade, uma vez que estamos no Exército?

(Quanto mais nos "Órgãos"...)

O orgulho medra no coração como o toucinho no porco.

Eu lançava aos meus subordinados ordens indiscutíveis, convencido de que não podia haver ordens melhores do que essas. Até na frente de batalha, onde parecia que a morte nos igualava a todos, o meu poder me convenceu rapidamente de que eu era uma pessoa de qualidade superior. Sentado, escutava-os em posição de "sentido". Interrompia, dava instruções. Havia pais e avôs que eu tratava por você (e eles a mim por "o senhor", naturalmente). Mandava-os sob o fogo de canhões ligar os fios partidos, só para que os chefes superiores não me censurassem (assim morreu Andriáchin). Eu comia a minha manteiga e as minhas bolachas de oficial sem pensar muito em saber por que é que isso não era dado também aos soldados. Eu já tinha, naturalmente, um ordenança (que respondia pelo nome nobre de "impedido"), que de uma maneira ou de outra tinha a preocupação de cuidar da minha pessoa e de preparar todas as minhas refeições à parte do rancho dos soldados. (Os comissários de instrução da Lubianka, esses não têm impedidos, é coisa que não se pode dizer deles.) Eu obrigava os soldados a se dobrarem e abrir valas especiais de proteção para mim em cada novo lugar, arrastando para lá os troncos mais fortes de

modo a que eu ficasse bem acomodado e fora de perigo. E reparem, permitam-me, é verdade que na minha bateria também devia haver um lugar de detenção! E no campo, qual podia ser ele? Tratava-se de uma cova, melhor do que a da divisão de Gorokhovets, porque era coberta e se servia lá o rancho de soldado: foi onde esteve Viuchkov, por ter perdido um cavalo, e Pópkov, por cuidar mal da carabina. Permitam-me ainda outra recordação: tinham-me forrado a prancheta com pele alemã (não, não era pele humana, mas do assento do motorista) e faltava uma correia de couro puro; eu me aborreci com isso; subitamente viram uma correia desse gênero, pertencente a um certo comissário político de guerrilheiros (do comitê do Partido da zona) e tiraram-lha: nós somos do Exército, somos superiores! (Recordam-se de Centchenko, agente operacional da Tcheká?) Finalmente, há que recordar o estojo de cigarros de cor vermelho-clara, que eu tanto prezava: não esqueci como mo tiraram...

Eis o que os galões fazem de um homem. Para onde tinham ido as recomendações da minha avó diante do ícone? E para onde tinham voado as minhas ilusões de pioneiro sobre a futura e santa igualdade?

Quando, no posto de comando do chefe de brigada, os agentes da contra-espionagem me arrancaram os malditos galões, me tiraram as correias e me empurraram para meter-me no automóvel, totalmente abandonado à minha sorte, ainda me sentia mortificado ao pensar na degradação que seria passar pela dependência dos telefonistas, pois os soldados não me deviam ver assim!

No dia seguinte ao da minha detenção, comecei a percorrer a minha "Via de Vladímir" *. Dirigiam os presos da seção de contra-espionagem do Exército à frente por etapas. Fizeram-nos ir a pé de Osterod a Brodnitsa.

Quando me tiraram do cárcere para formar, já estavam de pé sete reclusos, dos quais dois aos pares e um só de costas voltadas para mim. Seis deles vestiam capotes militares russos, surrados, que já tinham visto tudo, em cujo dorso se liam em pintura branca indelével estas enormes letras: "SU", o que significava "Soviet Union". Eu já conhecia esse sinal, tinha-o

---

* *"Via de Vladímir" (caminho da deportação): alusão ao itinerário seguido pelos deportados que partiam a pé de Moscou para a Sibéria, no século XIX. (N. do T.)*

visto por mais de uma vez escrito nas costas dos nossos prisioneiros russos, que se arrastavam com ar aflito e culpado ao encontro do seu Exército *libertador*. Embora os libertassem, não havia alegria recíproca nessa libertação: os seus compatriotas olhavam-nos de soslaio e de modo mais sombrio do que aos alemães. E a uma pequena distância da retaguarda eis o que lhes acontecia: eram jogados na prisão.

O sétimo preso era um civil alemão, de terno, sobretudo e chapéu preto. Já passava dos cinqüenta, era alto, de aspecto bem tratado, pele muito branca, habituado à boa comida.

Puseram-me no quarto lugar e um sargento tártaro, chefe da escola, fez um gesto para que eu agarrasse a minha mala, que estava selada, e a levasse dali. Na mala estavam as minhas roupas de oficial e todos os meus escritos confiscados: elementos para a minha condenação.

Como, então, a mala? Ele, o sargento, queria que eu, oficial, agarrasse e levasse a mala? Isto é, um objeto pesado, coisa que era proibida pelo novo regulamento interno? E ao lado, com as mãos vazias, iam seis *soldados rasos?* E um representante da nação vencida?

Não expliquei isso de forma tão complicada ao sargento, mas disse-lhe:

— Sou oficial. Que a leve o alemão.

Nenhum dos presos voltou o rosto ao ouvir as minhas palavras: era proibido voltar-se. Só o que formava par comigo, também SU, me fitou admirado (quando eles deixaram o nosso Exército, ele ainda não era assim).

Mas o sargento da contra-espionagem não se espantou. Embora aos seus olhos eu já não fosse oficial, a sua aprendizagem e a minha coincidiam. Ele chamou o alemão, que não era obrigado a nada, e ordenou-lhe que levasse a minha mala, aproveitando o fato de ele não ter compreendido a nossa conversação.

Todos os restantes, incluindo eu, puseram as mãos atrás das costas (os prisioneiros de guerra não tinham sequer uma sacola, com as mãos vazias tinham saído do país, e com as mãos vazias regressavam), e a nossa coluna de quatro pares de occipitais pôs-se em marcha. Não tínhamos de que falar com os membros da escola e entre nós era terminantemente proibido trocar palavras em marcha, nas paragens ou ao pernoitar... Enquanto acusados, devíamos ir como se nos encontrássemos entre invisíveis tabiques, mergulhados cada um na sua cela individual.

Eram dias de tempo instável de uma primavera prematura. Ora alastrava um tênue nevoeiro e a lama se liquefazia desoladoramente sob as nossas botas, mesmo na estrada sólida. Ora o céu clareava e um sol suavemente amarelado, ainda inseguro na sua dádiva, aquecia as colinas já quase sem neve e nos mostrava um mundo translúcido que era preciso abandonar. Ora se formavam turbilhões hostis que arrancavam às nuvens negras uma neve que nem parecia branca, e nos fustigava friamente o rosto, as costas, as pernas, molhando os capotes e as polainas.

Seis costas pela frente, sempre e sempre seis costas. Havia tempo para observar e voltar a observar a retorcida e disforme marca SU, bem como o negro tecido lustroso das costas do alemão. Havia tempo para refletir sobre a vida anterior e compreender a presente. Mas eu não podia. Já golpeado na fronte com um cassetete, eu não podia compreender.

Seis costas. Nenhum sinal de aprovação nem de condenação no seu balancear.

O alemão cansou-se depressa. Ele mudava a mala de uma mão para a outra, batia no peito, fazia acenos à escolta de que não a podia levar. E então o que ia a seu lado, fazendo par com ele, um prisioneiro de guerra que Deus sabe o que não teria visto no cativeiro alemão (ou então que sabia o que era a piedade), agarrou a mala e levou-a.

Transportaram-na depois também outros prisioneiros de guerra, sem qualquer ordem da escolta. E de novo o alemão.

Mas eu não peguei nela.

E ninguém me disse uma palavra.

Cruzamos no caminho com uma comprida carroça vazia. Os condutores olhavam-nos curiosos e alguns levantavam-se para fixar-nos com olhos de assombro. Compreendi subitamente que a sua agitação e irritação se dirigiam contra mim — eu diferia muito dos restantes: o meu capote era novo, comprido, feito sob medida, os galões não tinham sido arrancados, e com o sol os botões que não tinham sido cortados brilhavam como ouro barato. Via-se perfeitamente que eu era oficial, e que acabavam de me apanhar. Em parte, talvez essa decadência lhes provocasse uma excitação agradável (um reflexo de justiça), mas acontecia antes que as suas cabeças, repletas de palestras políticas, não eram capazes de compreender que pudessem prender o comandante da companhia e decidiram unanimemente que eu pertencia ao *outro* lado.

— Apanharam-no, canalha vlassovista?!... Fuzilem o patife!!! — gritavam excitados pelo ódio os condutores da retaguarda (o patriotismo mais veemente existe sempre na retaguarda), acompanhando esses gritos de um grande número de palavrões.

Eu lhe aparecia como uma espécie de velhaco internacional que houvessem apanhado, e agora a ofensiva na frente marcharia mais depressa, a guerra acabaria antes.

Que lhes podia eu responder? Tinha sido proibido de pronunciar uma só palavra que fosse e além disso teria de explicar a cada um toda a minha vida. Como podia eu dizer-lhes que não era um terrorista? Que era amigo deles? E que era por eles que estava aqui? Pus-me a sorrir... Olhando para eles, sorria-lhes da coluna dos presos em marcha! Mas os meus dentes abertos pareceram-lhes a pior das burlas e gritaram com mais fúria, insultaram-me e ameaçaram-me com os punhos.

Eu continuava a sorrir, orgulhando-me de não ir preso por roubo, nem por traição ou por deserção, mas por ter penetrado, pela força da dedução, nos segredos maldosos de Stálin. Ia sorrindo para lhes dizer que queria e que talvez ainda pudesse corrigir a nossa vida russa.

Entrementes, levavam a minha mala...

Eu nem sequer sentia remorsos! E se o meu vizinho, de rosto abatido, com a barba crescida de duas semanas e os olhos repletos de sofrimento e de experiência, me tivesse censurado então no russo mais claro que houvesse, por eu ter humilhado a dignidade do preso ao pedir ajuda à escolta, por eu ser altaneiro, orgulhoso, *não o teria compreendido!* Simplesmente não teria compreendido *o que* ele me falava. Pois não era eu um oficial?...

Se sete dentre nós tivessem de morrer pelo caminho, e o oitavo pudesse ser salvo pela escolta, o que me impediria de exclamar:

— Sargento! Salve-me! Veja, sou um oficial!...

Eis o que é um oficial, mesmo quando os seus galões não são azuis!

E se ainda por cima são azuis? Se lhe incutiram, além disso, que entre os oficiais ele é a gema? Que depositaram maior confiança nele do que nos outros e que por tudo isso ele deve obrigar o acusado a meter a cabeça entre as pernas, e, uma vez nessa posição, empurrá-lo para o inferno?

E por que não empurrá-lo?

Eu me atribuía a mim mesmo uma abnegação desinteressada. Entretanto, era um carrasco em potência. E se tivesse entrado para a escola da NKVD no tempo de Iéjov, talvez no de Béria eu estivesse preparado para ocupar um tal posto...

Que feche aqui o livro o leitor que espera que ele continue sendo uma acusação política.

Ah, se as coisas fossem assim tão simples! Se num dado lugar houvesse pessoas de alma negra, tramando maldosamente negros desígnios, e se se tratasse somente de diferenciá-las das restantes e de aniquilá-las! Mas a linha que separa o bem do mal atravessa o coração de cada pessoa. E quem destrói um pedaço do seu próprio coração?...

No decurso da vida de um coração esta linha desloca-se dentro dele, ora oprimida por uma alegria maligna, ora libertando espaço para o despontar da bondade. Uma mesma pessoa nas suas diferentes idades e em diferentes situações da vida constitui um ser completamente distinto. Ora próxima do diabo, ora próxima de um santo. Mas o nome não muda, e é a ela que tudo é atribuído.

Sócrates disse: *conhece-te a ti próprio!*

E, perante a cova para a qual já nos dispúnhamos a empurrar os nossos opressores, detemo-nos aturdidos: sim, as coisas sucederam de tal forma que não fomos nós os carrascos, foram eles.

Mas se o pequeno Skurátov tivesse feito apelo a nós, talvez não tivéssemos recusado.

Do bem ao mal há um passo, reza um provérbio.

O que significa que o mesmo acontece do mal ao bem.

Logo que na nossa sociedade se agitou a lembrança das arbitrariedades e das torturas, começaram por todos os lados a explicar, a escrever e a replicar: *lá (no Comitê de Segurança do Estado, no Ministério da Segurança do Estado)* havia também gente *boa*.

Nós conhecemos essa gente "boa": eram aqueles velhos bolcheviques que nos sussurravam "agüente-se", ou inclusive nos passavam um sanduíche, mas que mimoseavam os restantes, indiscriminadamente, com pontapés. E nas esferas superiores do Partido, não haveria gente "boa", humanamente falando?

Em geral, lá não devia haver dessa gente: lá esquivavam-se a admiti-la. Antes do recrutamento, procediam a um exame mi-

nucioso. De resto, a gente "boa" tentava escapar pela astúcia[20]. Aqueles que lá ficavam por equívoco ou se integravam nesse meio ou eram empurrados para ele, acostumando-se e entrando nos eixos. Mas acaso não ficavam mesmo lá?

Em Kichiniov, um jovem tenente da Segurança foi avisar Chipovalnikov um mês antes da sua detenção: parta, parta, que querem prendê-lo! (Seria por iniciativa sua? Ou foi a mãe que o mandou salvar o sacerdote?) Depois da detenção coube-lhe escoltar o Padre Viktor. E dava-lhe pena: por que é que ele não tinha fugido?

Eis outro caso. Eu tinha um chefe de seção, o Tenente Ovssiánikov. Na frente, era a pessoa mais chegada a mim. Durante metade da guerra comemos juntos de uma e mesma marmita e sob o canhoneio comíamos entre as explosões, para que a sopa não esfriasse. Era um moço camponês com uma alma tão pura e sem preconceitos que nem a escola militar nem a oficialidade o corromperam. Ele me tornou mais moderado em muita coisa. Todo o seu poder de oficial o utilizava para uma coisa: para salvaguardar a vida e as energias dos seus soldados (e entre eles havia muitos idosos). Foi através dele que eu soube, pela primeira vez, o que é hoje o campo e o que são os *kolkhozes*. (Ele falava sobre isso sem irritação, sem protesto, com simplicidade, como a água do bosque reflete as árvores e até mesmo os ramos mais minúsculos.) Quando me prenderam, ele comoveu-se, escreveu uma excelente biografia militar minha e levou-a ao general-de-divisão para a assinar. Depois de desmobilizado, procurou, por intermédio de pessoas da família, ver como podia me ajudar (estávamos em 1947, que pouco se diferenciava do ano de 1937!). Por causa dele, eu temia deveras que durante a instrução do meu processo fossem ler o meu *Diário*, pois aí figuravam os seus relatos. Quando fui reabilitado, em 1957, tinha um enorme desejo de encontrá-lo. Lembrava-me do seu endereço na aldeia. Escrevi-lhe uma vez, escrevi-lhe duas e não obtive resposta. Encontrei finalmente uma indicação de que ele tinha acabado o curso do Instituto de Pedagogia de Iaroslavl, de onde me responderam: "Foi enviado para trabalhar nos órgãos da Segurança do Estado". Essa agora! Mas era muito interessante!

---

[20] Durante a guerra, em Riázan, um aviador de Leningrado, depois de sair do hospital, suplicou no dispensário antituberculose: "Encontrem-me uma doença qualquer! Ordenem-me que vá trabalhar para os 'Órgãos'!" Os radiologistas inventaram uma infiltração tuberculosa e imediatamente os da Segurança desistiram. (N. do A.)

Escrevi para o seu endereço da cidade e também não obtive resposta. Passaram-se alguns anos, foi publicado o *Ivan Deníssovitch*. Bem, agora ele vai responder. Nada!... Três anos depois, pedi a um meu correspondente de Iaroslavl para ir vê-lo e entregar-lhe pessoalmente uma carta. O meu correspondente entregou-lhe a carta e escreveu-me: "Sim, parece que ele não leu sequer o *Ivan Deníssovitch*..." E, de fato, para que querem eles saber que sucede depois aos condenados?... Dessa vez Ovssiánikov já não pôde guardar silêncio e respondeu-me: "Depois do instituto convidaram-me a ir trabalhar nos 'Órgãos' e pareceu-me que aqui teria o mesmo êxito. (Ele, êxito?...) Mas não tenho progredido no novo campo de ação, havia coisas que não me agradavam, mas trabalho "sem bordão" e, a não ser por erro, não prejudicarei nenhum camarada. (Eis uma justificação — a camaradagem!) Agora já não penso no futuro".

Eis tudo... Dir-se-ia que ele não recebera as cartas anteriores. Não queria ter encontros (se nos encontrássemos penso que teria escrito melhor este capítulo). Nos últimos anos de Stálin ele já era comissário de instrução. Nessa época aplicavam em série *um quarto de século a cada um*. E como é que tudo isto se conciliou na sua consciência? Como é que ela se ofuscou? Ao recordar o antigo rapaz, puro, abnegado, acaso posso acreditar que tudo seja irrevogável? Que não subsistem nele alguns germes vivos?...

Quando o Comissário Goldman deu a assinar a Vera Kornêieva o artigo 206, ela compreendeu quais eram os seus direitos e começou a estudar minuciosamente o "processo" dos dezessete membros do seu "grupo religioso". Ele enfureceu-se, mas não pôde recusar. Para não fatigar-se com ela, levou-a então para uma grande sala, onde estavam meia dúzia de colaboradores, indo ele embora. Primeiro, Kornêieva leu o seu dossiê, depois foi entabulando conversa e, talvez para matar o aborrecimento dos colaboradores, passou a fazer um verdadeiro sermão em voz alta. (É necessário conhecê-la. Tratava-se de uma pessoa brilhante, de inteligência viva e eloqüente, embora quando estava em liberdade se dedicasse à serralheria, tivesse trabalhado numa estrebaria e como doméstica.) Todos a escutavam com a respiração suspensa, fazendo de vez em quando uma ou outra pergunta. Era para todos uma revelação. O quarto encheu-se e vieram pessoas de outras dependências. Mesmo que não fossem comissários, mas sim datilógrafas, estenógrafas e empregados de escritório, tratava-se no entanto do *seu* ambiente, o dos "Órgãos" no ano de 1946. Não é possível reconstituir aqui o seu

monólogo, mas ela conseguia abordar inúmeros assuntos. Falou sobre os traidores da pátria e por que é que não os houve na guerra patriótica de 1812, sob o regime de servidão, quando era natural então que tivessem surgido! Mas o que mais ela falou foi sobre fé e os crentes. "Antes", dizia ela, "vocês baseavam tudo no desenfrear das paixões ('roube quem o roubou'), e então os crentes eram um estorvo, naturalmente. Mas agora, que vocês querem *construir* e gozar do bem-estar neste mundo, por que é que perseguem os nossos melhores cidadãos? Para vocês eles são o material mais precioso: com efeito, não é preciso controlar os crentes, os crentes não roubam, não têm preguiça de trabalhar. Pensarão vocês em construir uma sociedade justa com os interesseiros e os invejosos? Então, tudo se desmoronará. Por que é que escarnecem da alma das melhores pessoas? Concedam à Igreja uma autêntica separação, mas não toquem nela e nada perderão com isso! Vocês são materialistas? Então confiam no progresso da instrução, que segundo dizem fará dissipar a fé. Mas para que efetuar detenções?" Nesse momento entrou Goldman e quis rudemente interrompê-la. Mas todos lhe gritaram: "Cala a boca!... Cala!... Fala, fala, mulher!" (Como chamar-lhe na verdade? Cidadã? Camarada? Tudo isso era proibido, enredavam-se nas convenções. Mulher! Assim, como Cristo, não se enganariam.) E Vera continuou a falar diante do comissário!!!

Por que é que as palavras de Kornêieva impressionaram tão vivamente uma insignificante presa, esses ouvintes do gabinete da Segurança do Estado?

O próprio D. P. Teriékhov se recorda ainda do seu primeiro condenado à morte: "Tive pena dele". Vejam, esta lembrança vem ainda do fundo do coração. (Mas depois disso já se esqueceu de todos os outros que se seguiram e já perdeu a conta deles[21].)

Por muito glacial que seja o pessoal da vigilância da Casa Grande, deve ainda conservar um ínfimo grão interior da alma,

---

[21] *Eis um episódio passado com Teriékhov. Tentando mostrar-me a justiça do sistema judicial, no tempo de Khruchov, ele bateu energicamente com a mão no vidro da mesa e feriu-se no punho. Chamou imediatamente o pessoal, que se pôs em posição regulamentar, e o oficial chefe da guarda trouxe-lhe iodo e água oxigenada. A conversa continuou durante ainda uma hora e ele manteve impotentemente o algodão molhado sobre o ferimento: acontecia que o seu sangue coagulava mal. Assim lhe parecia demonstrar claramente Deus as limitações do homem! E ele, ele julgava e confirmava as penas de morte dos outros... (N. do A.)*

o menor grão dos grãos. N. P...va conta que certa vez era conduzida ao interrogatório por uma *vigilante* intrépida, muda, indiferente, quando de repente, perto da Casa Grande, começaram a explodir bombas: parecia que iam cair sobre elas. A vigilante lançou-se aterrorizada sobre a prisioneira, abraçando-a, buscando a união e a simpatia humana. Mas cessou o bombardeio. E logo voltou a indiferença anterior: "Ponha as mãos atrás das costas! Avance!"

Claro que isto não é um grande mérito, tornar-se uma pessoa humana em face do horror da morte. Como tampouco é uma prova de bondade o amor aos filhos (ele é "um bom pai", dizem amiúde justificando os patifes). Eis como tecem o elogio do presidente do Supremo Tribunal, I. T. Gólikov: "Gostava de cavar no seu jardim, amava os livros, visitava os alfarrabistas, conhecia bem Tolstói, Korolenko, Tchékhov". E o que é que colheu neles? Quantos milhares de homens desgraçou? Outro exemplo: aquele coronel amigo de Iossé que, mesmo no cárcere, no isolamento político de Vladímir, contava rindo como metia velhos judeus numa cela com gelo, e que em todas as suas depravações só temia que a sua mulher viesse a saber: ela tinha confiança nele, considerava-o nobre e isso era algo que ele estimava. Mas ousaremos encarar esse sentimento como uma ilha de bondade no seu coração?

Por que é que, desde há já dois séculos, eles veneram tão obstinadamente a cor do céu? No tempo de Liérmontov os azuis já existiam: "E vocês, ó fardas-azuis!" Depois foram os bonés-azuis, os galões-azuis, os palas-azuis; ordenaram-lhes que se tornassem menos visíveis e os azuis tudo fizeram para se esconder da gratidão popular, tudo retiraram da cabeça e dos ombros — e ficaram apenas os bonés, franjas estreitas, mas apesar de tudo azuis!

Será só um disfarce?

Ou será que tudo o que é negro deve, mesmo remotamente, comunicar-se com o céu?

Seria belo pensar assim. Mas quando se sabe como, por exemplo, Iágoda se elevava até a santidade... Segundo conta uma testemunha ocular (do círculo de Górki, que nesse tempo era próximo de Iágoda), na propriedade deste, situada nos arredores de Moscou, havia ícones no vestíbulo dos banhos, especialmente para que Iágoda e os seus camaradas, nus, disparassem os seus revólveres contra eles, indo depois banhar-se...

Como compreender isto: tratar-se-á de *malfeitores?* O quê?! Há gente assim no mundo?

Somos tentados a dizer que não, que não pode haver, que não existe. É admissível que, nos contos, se descreva tal gênero de malfeitores às crianças, para maior simplicidade do quadro. Mas quando a grande literatura mundial dos séculos passados inventa com tal exagero figuras profundamente sombrias de malfeitores — quer se trate de Shakespeare, de Schiller ou de Dickens —, isso já nos parece em parte teatro de feira, grosseiro para a nossa percepção contemporânea. O que é essencial é no entanto ver como são descritos esses malfeitores. Eles se reconhecem a si próprios como tais, têm a consciência da podridão da sua alma, raciocinando deste modo: não posso viver sem fazer mal. Vou incitar o meu pai contra o meu irmão! Vou deliciar-me com os sofrimentos das vítimas! Iago menciona claramente os seus desígnios, os seus impulsos sinistros, nascidos do ódio.

Mas as coisas não sucedem assim! Para fazer o mal, o homem deve tê-lo anteriormente reconhecido como um bem ou como uma ação sensata, de acordo com a lei. Tal é, felizmente, a natureza do homem, ele deve buscar a *justificação* das suas ações.

As *justificações* de Macbeth eram débeis e os remorsos roíam-lhe a consciência. Mas Iago era um cordeiro*. Se a fantasia e as forças interiores dos malfeitores shakespearianos se limitavam a uma dezena de cadáveres, era porque eles não tinham *ideologia.*

A ideologia! Ela fornece a desejada justificação para a maldade, para a firmeza necessária e constante do malfeitor. Ela constitui a teoria social que o ajuda, perante si mesmo e perante os outros, a desculpar os seus atos e a não escutar censuras nem maldições, mas sim elogios e testemunhos de respeito. Era assim que os inquisidores se apoiavam no cristianismo, os conquistadores no enfraquecimento da pátria, os colonizadores na civilização, os nazis na raça, os jacobinos (de ontem e de hoje) na igualdade, na fraternidade e na felicidade das gerações futuras.

Graças à *ideologia,* o século XX teve que suportar as malfeitorias de milhões. Isto não se pode negar, nem esconder, nem deixar passar em silêncio. Como nos atrevemos a insistir em que não existiam malfeitores? E quem aniquilou esses milhões? Sem malfeitores não teria havido o arquipélago.

Correu o boato, nos anos 18-20, de que a Tcheká de Petrogrado e de Odessa não fuzilava todos os condenados, mas

---

* *Em russo,* iagnionok: *cordeiro. (N. do T.)*

que com alguns deles (vivos) alimentava as feras dos jardins zoológicos da cidade. Não sei se isso é verdade ou calúnia, se houve casos desses nem quantos. Mas eu não buscaria provas: segundo o costume dos bonés-azuis, eu os convidaria a demonstrar-nos que isso é impossível. Nas condições de fome daqueles anos, onde conseguir alimento para as feras? Tirá-lo da classe operária? Aqueles inimigos, de qualquer modo, tinham que morrer; e por que não manter com a sua morte as feras da República e contribuir assim para a nossa marcha para o futuro? Não é isso acaso racional?

Eis a raia que não se atreve a transpor o malfeitor shakespeariano, mas o malfeitor com ideologia ultrapassa-a e os seus olhos continuam claros.

A física conhece as grandezas ou os fenômenos com limiar. São os que não existem enquanto não é transposto um certo *limiar* conhecido e cifrado pela natureza. Por mais que se projete a luz amarela sobre o lítio este não proporcionará elétrons, mas, se se tratar de uma débil luz azul, ei-los que se libertam (foi transposto o limiar fotoelétrico)! Se se esfriar o oxigênio além dos cem graus negativos, pode-se comprimi-lo com qualquer pressão que o gás se mantém, não cede! Mas, ao transpor os cento e oitenta graus, o líquido flui.

Pelo visto, a maldade é também uma grandeza com limiar. Sim, o homem oscila, debate-se toda a vida entre o bem e o mal, escorrega, cai, levanta-se, volta a cair de novo. Todavia, enquanto não transpõe o limiar da maldade guarda sempre a possibilidade de retorno, e mantém-se nos limites das nossas esperanças. Mas quando, pela densidade dos atos de maldade, ou pelo seu grau, ou pelo poder absoluto que detém, ele transpõe subitamente o limiar, ei-lo que abandonou a humanidade. E talvez sem regresso.

A idéia de justiça compõe-se, aos olhos dos homens, desde a Antiguidade, de duas metades: a virtude triunfa, o vício é punido.

Tivemos a sorte de chegar a viver ainda num tempo em que a virtude, embora não triunfe, não é sempre, apesar de tudo, açulada por cães. À virtude, espancada, combalida, já é permitido entrar com seus andrajos e ficar sentada a um canto, desde que não abra a boca.

Entretanto, ninguém se atreve a pronunciar uma palavra sobre o vício. Sim, mofaram da virtude, mas sem que tenha

havido vício. Se alguns milhões foram lançados pela ladeira, não houve culpados disso. E se alguém faz uma simples alusão: "mas enfim, *aqueles que...*", recebe recriminações de todos os lados. Nos primeiros tempos, amistosamente: "Ora, camarada! para que voltar a abrir velhas feridas[22]?!" E depois a cacete: "Silêncio, sobreviventes! Vocês foram reabilitados!"

Quando, em 1966, na Alemanha Ocidental, foram julgados *oitenta e seis mil* criminosos nazis[23], nós engasgamos de alegria, não lamentamos as páginas dos jornais nem as horas de rádio gastas, e mesmo depois do trabalho ficávamos para assistir a comícios onde votávamos: *É pouco!* Oitenta e seis mil é pouco! E vinte anos é pouco! Há que prosseguir!

Quanto a nós, apenas julgamos (segundo os relatos do Júri Militar do Supremo Tribunal) cerca de *dez homens*.

O que se faz para além do Oder, do Reno, isso nos inquieta. E o que se faz nos arrabaldes de Moscou e por trás dos verdes tapumes dos arredores de Sótchi, o fato de que os assassinos dos nossos maridos e pais andem pelas nossas ruas e lhes cedamos a passagem — isso não nos inquieta, não nos comove, isso é "remexer no passado".

Entretanto, se transpusermos os oitenta e seis mil alemães ocidentais para as nossas proporções, isso significará para o nosso país *um quarto de milhão!*

Não obstante ter passado um quarto de século, não levamos ninguém ao tribunal, receamos abrir as *suas* feridas. E, como símbolo de todos eles, continua a viver até agora na Rua Granóvski, número 3, satisfeito, obtuso, o Molotov, todo ele impregnado do nosso sangue, atravessando nobremente o passeio e sentando-se no seu comprido e espaçoso automóvel.

É um mistério que a nós, os contemporâneos, não nos é possível decifrar: *por que é que* a Alemanha precisou castigar seus malfeitores e a Rússia não precisa? Que caminho de perdição será o nosso, se não é possível purificar-nos desse mal que empeçonha o nosso corpo? O que é que a Rússia poderá ensinar ao mundo?

Nos processos judiciais alemães verificava-se um fenômeno

---

22 *Mesmo a propósito de* Ivan Deníssovitch, *foi exatamente a objeção que levantaram os reformados da Casa Azul: para que reabrir as chagas* daqueles que foram encarcerados nos campos? *Em suma, é a* esses *que se deve poupar! (N. do A.)*

23 *Na Alemanha Oriental não se ouvia falar de tais processos; provavelmente procedeu-se a uma* reeducação, *decidida pela administração do Estado. (N. do A.)*

extraordinário: o réu levava as mãos à cabeça, renunciava à defesa e nada mais pedia ao tribunal. Dizia que a descrição dos seus crimes, citada e registrada perante ele, o fazia transbordar de repugnância e que não desejava mais viver.

Esse é o maior êxito do tribunal: quando o vício é tão reprovado que o próprio criminoso o repudia.

Um país que oitenta e seis mil vezes, do alto do estrado do tribunal, reprovou o crime (e o condenou irreversivelmente na literatura e entre a juventude) purifica-se ano após ano e de degrau em degrau desse mesmo crime.

E nós, que devemos fazer?... Um dia, os nossos descendentes chamarão a várias das nossas gerações de as gerações dos imbecis: primeiro, submissamente, deixamo-nos massacrar aos milhões, depois, com solicitude, amimamos os nossos assassinos na sua velhice feliz.

Que fazer, se a grande tradição do arrependimento russo é para eles incompreensível e ridícula? Que fazer se o terror animal de sofrerem a centésima parte do que causaram aos outros pesa neles mais do que qualquer inclinação para a justiça? Se eles agarram com mãos ávidas a colheita dos bens criados com o sangue dos que pereceram?

É verdade que aqueles que manipulavam a máquina de picar carne, mesmo que fosse em 1937, já não são jovens, já têm de cinqüenta a oitenta anos de idade, e viveram todos os seus melhores anos desafogadamente, bem alimentados, no conforto. Qualquer castigo *eqüitativo* chega tarde, já não lhes pode ser aplicado.

Podemos ser generosos, não os vamos fuzilar, não lhes vamos enfiar água salgada pela garganta, não vamos enchê-los de percevejos, amarrá-los, segundo o método da "andorinha", nem mantê-los durante semanas sem dormir, nem dar-lhes pontapés, nem maltratá-los a "cavalo-marinho", nem apertar-lhes o crânio com um anel de ferro, nem empilhá-los nas celas como se fossem bagagens amontoadas — não vamos fazer-lhes nada do que eles fizeram! Mas perante o nosso país e os nossos filhos estamos obrigados a *procurá-los a todos* e *a julgá-los todos!* A julgá-los não tanto a eles, como aos seus crimes. A procurar que cada um deles diga, pelo menos, em voz alta: "Sim, fui um algoz, um assassino".

E se esta frase for pronunciada *apenas* por um quarto de milhão, para não ficar proporcionalmente atrás da Alemanha Ocidental, será suficiente?

No século XX já não se pode, e isso há decênios, continuar

a confundir as atrocidades, relevando do tribunal o que é "velho", o passado em que "não se deve remexer"!

Devemos condenar publicamente a própria *idéia* da violência de uns homens sobre os outros! Calando o vício, fazendo-o entrar no corpo só para que não saia para o exterior, nós o semeamos, e ele surgirá ainda mil vezes mais forte no futuro. Não castigando, nem sequer censurando os criminosos, não apenas os protegemos na sua velhice insignificante, como também solapamos as bases, para as novas gerações, de qualquer fundamento de justiça. É por isso que elas crescem na "indiferença" e não devido à "debilidade do trabalho educativo". Os jovens compenetram-se da idéia de que a infância nunca é castigada nesta terra, mas é sempre fonte de prosperidade.

Oh, como é desolador, terrível, viver num país assim!

V PRIMEIRA CELA — PRIMEIRO AMOR

Como compreender isto: a cela, e assim de chofre, o amor?... Ah, deve ser isso: durante o cerco de Leningrado fecharam você na Casa Grande? Então tudo se explica: é porque o colocaram lá que você ainda está vivo. Era esse o melhor lugar de Leningrado, e não apenas para os juízes, que também aí viviam e tinham subterrâneos nos gabinetes para o caso de bombardeios. Deixando de lado brincadeiras, enquanto em toda a cidade ninguém se lavava e o rostos estavam cobertos de uma negra camada de poeira, na Casa Grande os presos tomavam duchas quentes de dez em dez dias. É certo que só havia aquecimento nos corredores para os guardas, mas as celas tinham canalização e privadas que funcionavam — e onde é que isso acontecia em Leningrado? A ração de pão era igual à que cabia aos que estavam em liberdade: cento e vinte e cinco gramas diários. Mas ainda serviam, uma vez por dia, sopa de carne de cavalo! e uma vez também sopa de cereais!

Uma vida de cão que o gato invejaria! Mas — e o cárcere? E a longa vigília? Não, não é isso que pode explicar...

Não é isso...

Sente-se, feche os olhos e faça a conta: em quantas celas você esteve durante o cumprimento da pena? É difícil enumerá-las. E em cada uma delas havia gente aos montes... Aqui, só duas pessoas, ali centena e meia. Em algumas, você demorou cinco minutos; noutras, um longo verão.

Mas sempre, entre todas elas, você distingue uma: a primeira cela em que você encontrou pessoas semelhantes, com a mesma sorte predestinada. E nenhuma outra coisa você recordará pela vida afora com tanta emoção, a não ser talvez o primeiro amor. Essas pessoas compartilhavam com você o chão e o ar desse cubo de pedra, nesses dias em que você revivia toda a sua vida sob uma luz nova. E algum dia você ainda se lembrará delas, como se fossem pessoas da família.

De resto, elas eram então a sua única família.

Aquilo que se experimenta na primeira cela da instrução do processo nada tem de semelhante em toda a sua vida *anterior* nem *posterior*. Pouco importa que as prisões existam já há milênios e que continuem a existir outros tantos milênios depois (ousemos pensar que menos...), mas há uma cela única, incom-

parável, e é precisamente essa cela em que você passou o tempo da instrução.

Pode ser que ela fosse horrorosa para um ser humano. Uma caixa cheia de percevejos e de piolhos, sem janela, sem ventilação, sem cama, com o chão sujo, uma caixa denominada KPZ e afeta a um soviete de aldeia, a um posto da milícia, a uma estação da estrada de ferro ou a um porto[1]. (As celas ou as casas de prisão preventiva são das mais espalhadas pela face da terra, onde existem em massa.) Por exemplo, a cela "individual" da cadeia de Arkhangelsk, que tem as vidraças pintadas de óxido de chumbo, para que a mutilada luz divina aí só penetre com cor purpúrea enquanto uma lâmpada de quinze watts arde perpetuamente no teto. Ou a cela "individual" na cidade de Tchoibalsan, onde, numa superfície de seis metros quadrados, catorze homens ficavam durante meses como sardinhas em lata, mudando a posição das pernas encolhidas só por ordem de comando. Ou uma das celas "psiquiátricas" de Lefortovo, como a número 111, pintada de preto, também com uma lâmpada de vinte watts acesa durante vinte e quatro horas, e semelhante quanto ao resto a todas as outras da mesma cadeia: o chão de cimento, a chave da calefação no corredor, em poder do guarda, e sobretudo as longas horas de ruído ensurdecedor (provindo de uma oficina contígua de tubos aerodinâmicos Tsagi, o que custa a acreditar que não seja propositado), ruído que faz a tigela da sopa e a caneca vibrar e mexer-se na mesa, que torna inútil falar, mas que permite que se cante a plena voz sem que o guarda ouça, e que quando cessa dá origem a uma sensação de beatitude superior à liberdade.

Mas não foi aquele solo sujo, nem as paredes tétricas, nem o cheiro do balde que você aprendeu a amar, mas sim às pessoas ao lado das quais você mudava de posição por ordem de comando: algo que entre as almas palpitava, às suas palavras por vezes admiráveis, e aos pensamentos tão livres e flutuantes que de você nasciam e a que agora você já não pode elevar-se mais.

E para chegar a esta primeira cela, quanto lhe custou a abrir caminho! Tinham-no enfiado numa fossa, num boxe ou numa masmorra. Ninguém lhe dizia uma palavra humana, ninguém lançava um olhar humano, e só picavam com uma ponta de ferro o seu cérebro e o seu coração; você gritava, gemia, e eles se riam.

---

[1] *KPZ (DPZ): Cela (ou casa) de prisão preventiva. Não onde se cumpre a condenação mas onde se instrui o processo. (N. do A.)*

Durante semanas ou meses você esteve completamente só entre inimigos e já se despedia do raciocínio e da vida; você já caía sobre o radiador da calefação quebrando a cabeça contra o cano da água[2], quando de repente você voltou a sentir-se vivo e o levaram para junto dos seus amigos. E você recobrou o raciocínio.

Eis o que é a primeira cela!

Você esperava esta cela, sonhava com ela quase como com a libertação, mas tratava-se de um buraco para lançar você numa toca, faziam-no ir de Lefortovo para qualquer lendária e diabólica Sukhánovka.

A Sukhánovka é a mais terrível cadeia do Ministério da Segurança do Estado. É com ela que se ameaçam os nossos irmãos, o seu nome é pronunciado pelos comissários com um silabar maligno. (E quem por lá passou já não pode ser interrogado depois: ou responde com um delírio incoerente ou já não pertence ao número dos vivos.)

A Sukhánovka é o antigo Mosteiro de Santa Catarina, constituído por dois pavilhões: um para os que cumprem a pena e outro para os que estão submetidos ao período de instrução, o último com sessenta e oito celas. Para lá conduzem você em duas horas no carro de presos, e são poucos aqueles que sabem que essa cadeia se encontra a uns quatro quilômetros de Górki-Leninskie * e da antiga propriedade de Zinaida Volkônskaia. As imediações são maravilhosas.

Ao ser recebido ali, o preso é enfiado, para o aturdirem, num calabouço vertical, tão estreito que, se você não tem forças para se manter de pé, não lhe resta senão deixar-se deslizar, apoiando-se nos joelhos, pois não há outra posição. Nesse calabouço guardam-no mais de um dia, a fim de que o seu espírito se submeta. Na Sukhánovka a alimentação é saborosa e delicada, como em nenhum outro lugar do Ministério da Segurança do Estado, pois levam a comida de uma casa de repouso de arquitetos, não tendo uma cozinha especial, daquelas de preparar farelos para porcos. Mas a refeição de um só arquiteto — batatas e croquetes — é repartida por doze presos. Devido a isso, você não só está constantemente morto de fome, como em toda parte, mas também gravemente doente.

As celas foram construídas para dois presos, mas o detido

---

2 *Aleksandr Dóljin. (N. do A.)*

* *A trinta e cinco quilômetros de Moscou. Aí morreu Lênin em 1924. (N. do T.)*

em fase de instrução é mantido freqüentemente sozinho. Elas medem um metro e meio por dois[3]. No solo de pedra estão encravadas duas pequenas cadeiras, em forma de cepos. Sobre cada cepo, quando o guarda abre a fechadura inglesa da parede, cai, às sete da noite (ou seja, à hora do começo dos interrogatórios, pois de dia não se realizam), uma tábua e uma pequena esteira de palha, do tamanho de um colchão de criança. De dia as cadeiras estão livres, mas não permitem que o preso se sente nelas. Sobre quatro tubos verticais estende-se ainda uma espécie de tábua de engomar: a mesa. O postigo está sempre fechado, sendo apenas aberto de manhã pelo guarda durante dez minutos. O pequeno vidro do postigo é reforçado. Nunca há passeio. Só se pode ir à privada às seis da manhã, ou seja, quando o estômago está vazio e não é preciso ainda. De noite nunca é permitido. Para sete celas, há dois guardas, por isso eles o observam tão freqüentemente pelo postigo: o tempo de que necessita um guarda para passar em frente de duas portas e chegar à terceira. É esse o objetivo da silenciosa Sukhánovka: não lhe deixar um minuto de sono, nem uns minutos roubados para a sua vida privada: você está sempre sendo observado, sempre sob o controle da autoridade.

Mas se você travou toda essa luta singular contra a loucura, se resistiu a todas as tentações da solidão, então você merece a sua primeira cela! E agora vai nela reviver com toda a alma.

Se foi ao fundo depressa, se cedeu em tudo e traiu toda

---

3 *Mais exatamente: 1,56 cm x 2,09 cm. Como se sabe isso? É o triunfo do cálculo de um engenheiro de espírito forte, que não foi quebrantado pela cadeia de Sukhánovka, Aleksandr D. Ele não se deixou enlouquecer nem desmoralizar e para isso esforçava-se por fazer cálculos. Em Lefortovo contava os passos e convertia-os em quilômetros, recordando-se de quantos quilômetros eram, segundo o mapa, de Moscou até a fronteira, depois através de toda a Europa e finalmente cruzando o Atlântico. O seu estímulo era o seguinte: regressar mentalmente a casa, à América. Depois de um ano passado na cela solitária de Lefortovo tinha descido ao fundo do Atlântico, quando o levaram para a Sukhánovka. Aqui, pensando que poucos seriam os que falariam mais tarde desta cadeia (o nosso relato é todo dele), inventou um processo de medir a cela. No fundo da tigela leu a fração da prisão 10/22 e compreendeu que "10" significava o diâmetro do fundo e "22" o diâmetro do bordo. Depois tirou um fio da toalha e com ele fez um metro, que lhe permitiu medir tudo. Inventou a seguir como dormir de pé, apoiando um joelho na cadeira, de maneira que o guarda tivesse a impressão de que tinha os olhos abertos. E só por isso não enlouqueceu. (Riúmin manteve-o um mês "sem dormir".) (N. do A.)*

gente, também está maduro agora para a sua primeira cela, embora fosse melhor para você não viver até esse instante feliz, mas sim morrer vitorioso na masmorra, sem assinar uma só folha.

Pela primeira vez você não vai encontrar inimigos. Pela primeira vez vai ver seres vivos [4], que seguem um caminho igual ao seu e aos quais você pode se unir pela radiosa palavra *nós*.

Sim, esta palavra que você talvez em liberdade desprezou, quando com ela queriam substituir a sua personalidade ("Nós somos todos como um só homem!... Nós estamos profundamente indignados!... Nós exigimos!... Nós juramos!..."), apresenta-se agora como deliciosa: você não está só no mundo! Existem ainda criaturas com espírito: *pessoas!*

Depois de quatro dias de duelo com o comissário instrutor, e tendo esperado que eu, já cego pela ofuscante luz elétrica, me deitasse na cela, depois da hora de silêncio, o guarda começou a abrir a porta. Eu ouvia tudo, mas antes que ele dissesse: "Levante-se! Ao interrogatório!", eu queria ficar deitado por três centésimos de segundo que fosse, com a cabeça sobre a almofada, sonhando que dormia. No entanto, o guarda desviou-se da frase habitual e disse: "Levante-se! Dobre a cama!"

Confuso, enfurecido, pois esse era o momento mais precioso, enrolei as meias, calcei as botas, vesti o capote, pus o boné de inverno e com uma braçada agarrei o colchão da cela. O guarda, andando na ponta dos pés e fazendo-me constantemente sinais para eu não fazer barulho, levou-me por um corredor silencioso como um túmulo até o quarto andar da Lubianka. Passamos junto da mesa do chefe do setor de isolamento, em frente dos números reluzentes das celas e dos quebra-luzes de cor esverdeada. Ele abriu-me a cela número 67. Entrei e fechou-a imediatamente atrás de mim.

Embora tivessem decorrido apenas uns quinze minutos depois da hora do silêncio, os presos têm um tempo tão incerto e frágil de sono que os habitantes da cela 67 já dormiam, quando cheguei, nas suas camas de metal, com as mãos por cima da

---

[4] *Se você esteve na Casa Grande, durante o cerco de Leningrado também, podia tratar-se de antropófagos: pessoas que, além de comer carne humana, tinham feito comércio com fígado de autopsiados. Não se sabe por quê, eles eram mantidos pelo Ministério da Segurança do Estado, juntamente com os presos políticos. (N. do A.)*

manta[5]. Ao ouvirem o ruído da porta abrindo-se, os três estremeceram e instantaneamente levantaram a cabeça. Eles também esperavam que chamassem algum deles para o interrogatório.

E essas três cabeças levantadas e assustadas, esses três rostos com a barba por fazer, pálidos e enrugados, pareceram-me tão humanos, tão queridos, que fiquei de pé abraçando o colchão e sorrindo de felicidade. E eles também sorriram. E que expressão era aquela, que eu já tinha esquecido ao cabo de uma semana!

— Você vem da liberdade? — perguntaram-me. (É essa a primeira pergunta habitualmente feita a um novato.)

— Não — respondi eu. (É essa a resposta habitualmente dada pelo novato.)

Deviam pensar por certo que eu era um preso recente, e portanto que vinha da *liberdade*. Mas eu, após noventa e seis horas de investigação, não considerava de modo nenhum que vinha "da liberdade". Não era já porventura um preso experiente?... Contudo, eu vinha efetivamente *da liberdade!* Um velho sem barba, com as sobrancelhas negras muito vivas, já me perguntava novidades militares e políticas. Era impressionante! Embora estivéssemos nos últimos dias de fevereiro, eles nada sabiam da conferência de Ialta, nem do cerco da Prússia Oriental, nem em geral da nossa ofensiva sobre Varsóvia, em meados de janeiro, nem sequer da retirada deplorável dos Aliados, em dezembro. Segundo as ordens dadas, no período da instrução do processo os presos nada deviam saber do mundo exterior — e eles de fato nada sabiam!

Eu estava disposto a passar metade da noite a contar-lhes tudo isso com orgulho, como se essas vitórias e conquistas fossem obra das minhas mãos. Mas, nisto, o guarda de plantão trouxe a minha cama e foi preciso colocá-la sem fazer barulho.

---

5 *Gradualmente, nas prisões internas da GPU, da NKVD e do Ministério da Segurança do Estado, inventavam-se diversas medidas opressivas, que se acrescentavam às já existentes nas antigas cadeias. Os que estiveram detidos nesta mesma prisão em começos dos anos 20 não conheceram estas medidas. Apagava-se a luz então à noite, como fazem as pessoas humanas normais. Mas começaram a deixar a luz acesa com o fundamento lógico de verem os presos em qualquer momento (quando a acendiam de noite, para a revista, era ainda pior). Também foi ordenado que os presos mantivessem as mãos por cima da manta para que não se pudessem enforcar, esquivando-se assim à instrução justa. Em seguida uma verificação experimental permitiu concluir que no inverno as pessoas sempre querem esconder as mãos debaixo da roupa para se aquecerem, e por isso a medida foi definitivamente aprovada. (N. do A.)*

Fui ajudado por um rapaz da minha idade, também militar: o seu casaco e o seu boné estavam pendurados na coluna da cama. Ainda antes do velhote ele tinha-me feito uma pergunta, não sobre a guerra, mas para saber se eu tinha tabaco. Por muito aberta que eu tivesse a alma para os meus novos amigos, e por poucas palavras que tivesse proferido nuns quantos minutos, pressenti algo de estranho neste companheiro de idade e de frente, e logo me fechei perante ele para sempre.

(Eu não conhecia ainda a palavra "dedo-duro", nem sabia que em cada cela devia haver um. Dum modo geral, não tinha tido tempo de refletir nem de chegar à conclusão de que essa pessoa, Gueorgui Kramarenko, não me agradava. Mas já tinha funcionado em mim o comutador moral, o detector, e fechara-me para sempre a esse homem. Não teria feito menção deste caso se ele fosse único. Aconteceu porém que o funcionamento desse detector dentro de mim, passei a senti-lo rapidamente como uma qualidade natural e permanente, com assombro, excitação e inquietude. Passaram-se os anos, deitei-me nas mesmas tábuas, marchei nas mesmas formações, trabalhei nas mesmas brigadas com muitas centenas de pessoas, e sempre este detector misterioso, cuja criação não era um mérito meu, funcionava antes de que eu me lembrasse dele, sob o aspecto de um rosto humano, de uns olhos, dos primeiros sons de uma voz — e eu abria-me a essa pessoa completamente, ou só por uma fenda, ou então fechava-me hermeticamente. Tudo dava sempre tão certo que todas as preocupações dos agentes de segurança com as equipes de bufos passaram a parecer-me coisa de pigmeus: pois aquele que está disposto a ser traidor revela-o sempre claramente no rosto e na voz; pode haver quem o dissimule habilmente, mas a falsidade nota-se. E, pelo contrário, o detector ajudava-me a diferenciar aqueles a quem poucos minutos depois de conhecê-los podia revelar os segredos e as intimidades mais ocultas, pelas quais podem cortar-nos as cabeças. Assim, passei oito anos de prisão, três de desterro, e ainda mais seis de escritor clandestino — que não foram os menos perigosos — e em todos esses dezessete me abri sem refletir a dezenas e dezenas de pessoas, sem ter dado um só passo em falso! Nunca li em parte nenhuma nada sobre isto e deixo-o aqui à consideração dos amantes de psicologia. Penso que estes dispositivos morais existem em muitos de nós, mas que nós mesmos, homens de um século demasiado técnico e intelectual como somos, desprezamos esta maravilha e não a deixamos desenvolver-se.)

Colocamos a cama no lugar e então eu teria podido co-

meçar o meu relato (naturalmente baixinho e deitado, para não ir agora, deste bem-estar, parar de novo no calabouço), mas o terceiro habitante da cela, de meia-idade, já de cabelos grisalhos na cabeça pelada, olhando-me com um olhar nada satisfeito, disse com aquela rudeza que caracterizava os do norte:

— Amanhã. A noite é para o sono.

E era o mais razoável. Qualquer de nós, em qualquer momento, podia ser conduzido ao interrogatório e ser lá mantido até as seis da manhã, hora em que o comissário vai dormir, e aqui isso era proibido.

Uma noite de sono tranqüilo era mais importante do que o destino de todos os planetas!

E havia ainda algo de estranho, difícil de captar imediatamente, mas que intuíra desde as primeiras frases do meu relato, sem que entretanto me fosse possível formulá-lo assim tão depressa: a sensação de que tinha começado (com a detenção de cada um de nós) uma permutação completa dos pólos ou uma rotação de cento e oitenta graus de todos os conceitos, que fazia com que aquilo que tão entusiasmado começara a contar talvez para *nós* não fosse nada alegre.

Eles voltaram-se, cobriram os olhos com lenços que os protegiam da lâmpada de duzentos watts, enrolaram numa toalha a mão que esfriava por cima da manta, esconderam a outra, como fazem os ladrões, e adormeceram.

Eu deitei-me, transbordando de alegria por estar entre outros homens. Uma hora antes não podia calcular que me levariam para junto de alguém. Podia acabar a vida com uma bala na nuca (o comissário prometia-me isso constantemente), sem ver quem quer que fosse. Sobre mim ainda pairava, como anteriormente, a instrução do processo, mas ficava já muito para trás! No dia seguinte iria falar-lhes (não sobre o meu *caso,* naturalmente), e eles falariam também — que interessante iria ser o dia seguinte, um dos melhores dias da minha vida! (Uma consciência clara aflorara em mim muito antes; a de que a cadeia não era para mim um abismo, mas a viagem mais importante da minha vida.)

A mais insignificante coisa na cela suscitava o meu interesse: o sono tinha-se desvanecido e quando o guarda não olhava pelo postigo eu observava simultaneamente. Ali, no cimo de uma das paredes, havia uma cavidade do tamanho de três tijolos e dela pendia uma cortina azul de papel. Os meus companheiros tiveram tempo de esclarecer-me: "Sim, é uma janela, na cela há uma janela! E a cortina é uma camuflagem contra os ataques

aéreos". No dia seguinte haveria uma luz débil, e pelo meio-dia apagariam a forte lâmpada por uns minutos. O que isso significava! Viver de dia com a luz do dia!

Na cela há ainda uma mesa. Sobre ela, no lugar mais visível, um bule, um jogo de xadrez e um monte de livros. (Eu não sabia ainda por que é que tudo estava no lugar mais visível. Era uma vez mais o regulamento da Lubianka. A cada olhadela que de minuto a minuto lançava através do postigo, o guarda devia convencer-se de que não havia abusos com estas liberdades da administração: de que com o bule não furavam as paredes; de que ninguém engolia o xadrez, arriscando-se a prestar contas e a deixar de ser cidadão da URSS; de que ninguém se dispunha a queimar os livros com a intenção de pôr fogo na cadeia. E os óculos pertencentes aos presos eram considerados como uma arma tão perigosa que, mesmo de noite, não podiam ficar em cima da mesa, e a administração recolhia-os até a manhã seguinte.)

Que vida tão confortável! Xadrez, livros, cama de molas, bons colchões, roupa limpa. Em toda a guerra não me recordo de ter dormido assim. O soalho era encerado. Podiam-se dar quase quatro passos de passeio, da janela à porta. Não. Esta prisão política central era um verdadeiro sanatório.

E não caíam bombas... Eu recordava-me ora do seu chapinhar sobre as nossas cabeças, ora do seu silvo crescente e do ruído da explosão. E como as minas zumbiam docemente! Como tudo estremecia quando esses quatro centímetros cúbicos *rangiam!*

Lembrava-me da umidade do lodo dos arredores de Vormdit, onde me tinham prendido e onde os nossos se arrastavam agora pela lama e pela neve fundente, para não deixar os alemães romperem o cerco.

Que vão para o diabo! Se não querem que eu lute, pois bem, tanto faz!

Entre os inúmeros valores de que perdemos a noção, há ainda este: o grande mérito daqueles que, antes de nós, falaram e escreveram em russo. É estranho que eles quase não sejam descritos na nossa literatura anterior à Revolução. Só raramente chega até nós o seu alento, ora através de Tsvetáieva, ora de "Mater Maria"[6]. Eles tinham visto demasiadas coisas para escolher uma só. Aspiravam demasiado às alturas para

---

[6] *Maria Skobtsova, autora de* Recordações sobre Blok. *(N. do A.)*

fincarem os pés firmemente na terra. Antes do desmoronar da sociedade havia uma categoria de homens pensantes — e só pensantes. Como foram votados ao ridículo! Como faziam paródias sobre eles! As pessoas de intenções e atos retilíneos pareciam tê-los atravessados na garganta. Não encontravam outra palavra para os rebaixar senão *podridão*.

Dado que estes homens eram uma flor precoce, de aroma demasiado sutil, colocaram-nos debaixo da máquina de ceifar.

Na sua vida individual eles eram particularmente vulneráveis: não se curvavam, não fingiam, não se portavam bem, cada palavra sua era uma opinião, um impulso, um protesto. São esses precisamente os que a máquina de ceifar escolhe. São esses precisamente que a debulhadora tritura[7].

Eles passaram por estas mesmas celas. Mas das paredes das celas foram arrancando desde então o papel, estucaram-nas, caiaram-nas e pintaram-nas mais de uma vez — e as paredes das celas nada nos restituíram do passado (pelo contrário, com os microfones elas estendiam a orelha para escutar-nos). Sobre os antigos ocupantes dessas celas, as conversas que aqui tinham lugar, os pensamentos com que partiam daqui para o fuzilamento e para Solóvki, não há nada escrito nem dito; e um livro desses, que valeria quarenta vagões da nossa literatura, certamente já não será mais escrito.

Entretanto, aqueles que ainda estão vivos contam-nos toda uma série de ninharias: que antigamente havia camas de madeira e que os colchões estavam cheios de palha; que antes de terem posto as "mordaças" nas janelas os vidros haviam já sido pintados de giz até em cima, a partir dos anos 20; e que as "mordaças" existiam seguramente já em 1923 (quando nós unanimemente as atribuíamos a Béria). Segundo dizem, a comunicação entre as celas por meio de pancadas nas paredes ainda se fazia livremente nos anos 20: respeitava-se, de certo modo, a absurda tradição dos cárceres czaristas de que, se os presos não se comunicavam assim, o que deviam eles fazer? Mais ainda: durante toda a década de 20, a maioria dos guardas daqui eram lituanos (vindos dos regimentos de atiradores, com algumas exceções), e a comida também era distribuída por gordas e altas mulheres lituanas.

Trata-se talvez de banalidades, mas elas dão o que pensar.

---

[7] *Hesito em dizê-lo, mas nos anos 70 deste século estes homens parecem emergir de novo à superfície. É assombroso. Quase não se podia esperar isto. (N. do A.)*

A mim era-me muito necessária esta estada na cadeia política mais importante da União, e agradeço por me terem levado a ela; pensava muito sobre Bukhárin e queria fazer uma idéia de tudo isso. No entanto, tinha a impressão de que não éramos mais do que o resto da debulha e de que para nós qualquer prisão *interior* regional servia [8]. Esta era uma honra demasiado grande.

Mas com aqueles que vim encontrar não era possível aborrecer-se. Havia a quem escutar e com quem fazer comparações.

Aquele velho com as sobrancelhas negras (aos sessenta e três anos de idade, não era, de resto, completamente velho) chamava-se Anatóli Ilitch Fastenko. Era ele que enchia a nossa cela da Lubianka, tanto como guardião das tradições dos velhos cárceres russos como pela história viva que contava das revoluções russas. Com tudo o que tinha conservado na memória, ele podia analisar todo o passado e todo o presente. Homens assim não somente são valiosos numa cela como são raros no conjunto da sociedade.

O apelido de Fastenko foi extraído por nós, aqui mesmo na cela, de um livro que veio parar nas nossas mãos, sobre a revolução de 1905. Fastenko era um social-democrata tão arcaico que parecia ter deixado de o ser.

Em 1904, rapaz ainda, tinha sido condenado pela primeira vez, mas, em razão do "manifesto" de 17 de outubro de 1905, foi posto em liberdade [9].

(Era interessante o seu relato sobre as condições daquela anistia. Naqueles anos, como se compreende, não havia quaisquer "mordaças" nas janelas dos cárceres, nem havia ainda noção delas, e das celas da prisão de Biélaia Tserkov, onde Fastenko

---

8 Prisão interior: *mais propriamente, prisão da Segurança do Estado. (N. do A.)*

9 *Quem dentre nós, pelas histórias da instrução primária e pelo* Curso breve *(de história do Partido), não aprendeu e não decorou que este "manifesto infame e provocador" foi uma injúria à liberdade, que o czar tinha ordenado: "liberdade para os mortos e prisão para os vivos"? Pois essa citação enigmática é falsa. Em virtude de tal manifesto eram permitidos* todos *os partidos políticos, convocada a Duma e concedida uma anistia completa e inteiramente ampla (que ela tivesse sido forçada, isso é outra questão). Por ele foram libertados nada mais nada menos do que* todos *os presos políticos, sem exceção, independentemente da sentença e da natureza da condenação. Só não abrangia os presos comuns. A anistia stalinista de 7 de julho de 1945 (é verdade que não forçada) procedeu precisamente ao contrário: todos os presos políticos continuaram no cárcere. (N. do A.)*

estava detido, os presos podiam ver livremente o pátio da prisão, os que chegavam e os que saíam, bem como a rua, conversando em voz alta com qualquer pessoa do exterior. E eis que, já no dia 17 de outubro, os que estavam em liberdade, tendo conhecimento da anistia pelo telégrafo, comunicaram a notícia aos presos. Os políticos começaram a arrebatar-se de alegria, a quebrar as vidraças das janelas, as portas, e a exigir do chefe da prisão a sua liberdade imediata. Houve quem fosse espancado com botas? Encerrado num calabouço? Algumas celas foram privadas de livros ou de cantina? De maneira nenhuma! O chefe da prisão, atrapalhado, corria de cela em cela, suplicando: "Senhores! Rogo-lhes que sejam sensatos! Eu não tenho direito de libertá-los com base no comunicado telegráfico. Tenho de receber instruções diretas do meu chefe de Kíev. Por favor, têm de passar ainda aqui a noite". E, realmente, ainda os retiveram barbaramente todo um dia[10]!...)

Ao serem postos em liberdade, Fastenko e os seus camaradas lançaram-se logo na revolução. Em 1906, Fastenko foi condenado a oito anos de trabalhos forçados, o que significava: quatro anos com grilhões e quatro anos de deportação. Os primeiros quatro cumpriu-os na central de Sebastópol, onde por sinal nesse período se verificou uma evasão em massa de presos, organizada do exterior com a cooperação dos partidos revolucionários: social-revolucionários, anarquistas e social-democratas. Por meio da explosão de uma bomba foi aberta uma brecha na parede da cadeia, pela qual podia passar um homem a cavalo, e duas dezenas de presos (não todos os que o desejavam, mas só os que haviam sido designados pelos respectivos partidos para a fuga e munidos com pistolas de antemão através dos guardas) lançaram-se pela brecha e, com exceção de um, conseguiram fugir todos. O próprio Anatóli Fastenko não recebeu ordem do Partido Operário-Social Democrata Russo para se evadir, mas sim para distrair os guardas e armar confusão.

Em contrapartida, esteve pouco tempo na deportação, no Ienissei. Comparando o seu relato (e mais tarde os de outros sobreviventes) com o fato deveras conhecido de que os nossos revolucionários se evadiam às centenas da deportação, a maior parte dos quais para o estrangeiro, chega-se à conclusão de que

---

10 *Depois da anistia stalinista, como se relatará adiante, os beneficiados foram retidos mais dois ou três meses e obrigados a* fixarem-se *(isto é, a fixar residência onde lhes impuseram), mas ninguém considerou isso arbitrário. (N. do A.)*

da deportação czarista somente não fugiam os preguiçosos, tão fácil isso era. Fastenko foi dos que "fugiram", ou seja, saiu simplesmente do lugar do desterro, sem passaporte. Dirigiu-se a Vladivostok, esperando partir de barco com o auxílio de um conhecido. Não conseguiu, não se sabe por quê. Então, sempre sem passaporte, cruzou tranqüilamente de trem toda a Mãe-Rússia, viajando até a Ucrânia, onde era bolchevique clandestino e onde tinha sido preso. Ali deram-lhe um passaporte de outra pessoa e ele se dirigiu para a fronteira austríaca, a fim de atravessá-la. Esta empresa era considerada pouco perigosa e Fastenko estava tão pouco acostumado à perseguição que manifestou uma despreocupação surpreendente: ao atingir a fronteira e ao dar o seu passaporte ao funcionário da polícia, apercebeu-se de repente de que *não se recordava* do seu novo nome! Que fazer? Os passageiros eram uns quarenta e o funcionário já tinha começado a chamá-los. Fastenko fingiu que estava dormindo. Ouvira entregar todos os passaportes e que tinham chamado diversas vezes por um tal Makárov, sem ter a certeza de se tratar dele. Finalmente, o dragão do regime imperial inclinou-se para o clandestino e, amavelmente, tocou-lhe no ombro: "Senhor Makárov! Senhor Makárov! Por favor, o seu passaporte!"

Fastenko viajou até Paris. Ali conheceu Lênin e Lunatchárski, e na escola do Partido, em Longjumeau, desempenhou tarefas administrativas. Ao mesmo tempo, estudou francês e, observando a vida à sua volta, teve vontade de conhecer mundo. Antes da guerra, foi para o Canadá, onde trabalhou como operário, e esteve nos Estados Unidos. O tipo de vida despreocupada que reina nesses países surpreendeu Fastenko e ele tirou a conclusão de que nesses países não haveria jamais uma revolução proletária, sendo pouco provável que ela aí fosse necessária.

Mas aqui, na Rússia, ela teve lugar — e antes mesmo de que a esperassem —, essa tão impacientemente desejada revolução, e todos regressaram. Depois houve ainda outra revolução. Fastenko já não sentia o mesmo impulso que antes por essas revoluções. Mas regressou, submetendo-se à lei que impede as aves de transmigrar [11].

---

[11] *Pouco depois de Fastenko ter regressado à pátria, também regressou um amigo seu refugiado do Canadá, ex-marinheiro do* Potemkin, *que se convertera num próspero fazendeiro. Ele vendeu a sua fazenda e o seu gado, e com o dinheiro e um trator novinho em folha voltou à terra querida, para ajudar a construir o almejado socialismo. Inscreveu-se numa das primeiras comunas e ofereceu o trator. Deixavam qualquer pessoa*

Muita coisa era então ainda inacessível a Fastenko. Para mim, dir-se-ia que o mais importante e admirável nesse homem era o fato de ter conhecido pessoalmente Lênin, mas ele próprio recordava isso de modo completamente frio. (O meu estado de ânimo continuava a ser este: se alguém na cela tratava Fastenko simplesmente pelo patronímico, sem o nome, dizendo por exemplo: "Ilitch, hoje não leva o balde da latrina?", eu me irritava, zangava-me, parecia-me isso um sacrilégio, não só pela combinação dessas palavras, mas por me parecer um sacrilégio chamar Ilitch * a quem quer que fosse, com exceção de uma única pessoa na terra!) Por essa razão havia muitas coisas que Fastenko não me podia explicar como desejaria.

Ele dizia-me claramente em russo: "Não crie ídolos!" Mas eu não o compreendia!

Ao ver a minha exaltação, ele repetia-me insistentemente, por mais de uma vez: "Você é matemático, para você é imperdoável esquecer Descartes: deve-se submeter tudo à dúvida! Tudo!" "Como, tudo?" "Bem, nem tudo!" A mim parecia-me que já tinha submetido a dúvidas bastantes coisas. Bastava!

Ou então dizia: "Quase já não há velhos presos políticos, eu sou um dos últimos. Os velhos deportados políticos foram todos aniquilados e a nossa associação foi dissolvida logo nos anos 30". "Mas por quê?" "Para que não nos reuníssemos e não discutíssemos." Embora estas simples palavras, ditas em tom tranqüilo, fossem de bradar aos céus, de quebrar as vidraças, eu as compreendia só como se tratando de outra malvadez de Stálin. Um fato penoso, mas sem raízes.

Está inteiramente provado que nem tudo o que entra nos nossos ouvidos consegue penetrar na consciência. O que não vai no sentido do nosso estado de ânimo perde-se, ora nos ouvidos, ora depois dos ouvidos, mas perde-se. Acontece que, embora

---

trabalhar nesse trator, de qualquer maneira, e por causa disso ele ficou logo estragado. O ex-marinheiro via aquilo tudo bem diferente do que o havia imaginado vinte anos antes. O trabalho era dirigido por pessoas que não tinham capacidade para dirigir; mandavam fazer coisas que, para um fazendeiro zeloso, eram um verdadeiro disparate. Por outro lado, ele tinha perdido as suas energias, gasto a sua roupa e pouco lhe restava dos dólares canadenses que trocara por rublos em papel. Suplicou que o deixassem sair com a família, atravessou a fronteira tão pobre como quando fugira do Potemkin, *cruzou o oceano como então, enquanto marinheiro (não tinha dinheiro para o bilhete), e começou no Canadá de novo a sua vida, como trabalhador assalariado do campo. (N. do A.)*

* *"Ilitch" era o patronímico de Vladímir Ilitch Uliánov (Lênin). Dizer só "Ilitch" é uma expressão de grande respeito. (N. do T.)*

me lembre perfeitamente de numerosos relatos de Fastenko, as suas reflexões se imprimiram vagamente na minha memória.

Ele indicou-me diversos livros que me aconselhava muito a procurar ler um dia em liberdade. Ele mesmo, devido à sua idade e à sua saúde, já não contava demorar-se entre os vivos e achava satisfação na esperança de que eu viesse um dia a recolher os seus pensamentos. Tomar notas era impossível, e mesmo sem isso já havia muitas coisas a recordar da vida da prisão, mas os títulos que mais se aproximavam dos meus gostos de então, não os esqueci: *Considerações inoportunas,* de Górki (que eu nessa altura tinha em alta estima, pois superava todos os clássicos russos pelo simples fato de ser escritor proletário), e *Um ano na pátria,* de Plekhánov.

Hoje, quando leio isto num escrito de Plekhánov, datado de 28 de outubro de 1917:

> *...Se me entristecem os acontecimentos dos últimos dias, não é porque eu não deseje o triunfo da classe operária na Rússia, mas precisamente porque o anseio com todas as forças da minha alma... (Convém) recordar a observação de Engels de que para a classe operária não pode haver maior desgraça do que a tomada de poder político quando ainda não está preparada para isso; essa (tomada de poder) vai obrigá-la a retroceder para posições muito anteriores às conquistadas em fevereiro e em março deste ano*[12]*...*

é como se reconstituísse, claramente, o pensamento de Fastenko.

Quando ele regressou à Rússia, tendo em consideração a sua velha atividade clandestina, insistiam em promovê-lo, e ele poderia ter ocupado um posto importante — mas ele não quis, preferia um modesto lugar no jornal *Pravda* e depois outro lugar mais modesto ainda, indo finalmente parar no truste municipal Mosgoroformlenie (publicidade em painéis da cidade de Moscou), onde trabalhou completamente na sombra.

Eu me surpreendia: por que esse caminho tão evasivo? Ele, incompreensivelmente, respondia: "Cão velho não se acostuma à coleira".

Vendo que nada se podia fazer, Fastenko guardava simplesmente o desejo bem humano de continuar vivo. Tinha já

---

[12] *Plekhánov, "Carta aberta aos operários de Petrogrado" (jornal* Unidade *de 28-10-1917). (N. do A.)*

passado a receber uma pequena e tranqüila aposentadoria (naturalmente, não como personalidade do Partido, pois isso despertaria a lembrança de ter sido pessoa chegada a muitos fuzilados), e assim poderia ter sobrevivido até 1953. Mas, por desgraça, prenderam um vizinho do mesmo apartamento, o escritor L. S...v, libertino e permanentemente embriagado, num dia em que tomara uns copos a mais e se jactanciara de possuir uma pistola. Pistola é sinônimo de terror, e Fastenko, com o seu velho passado de social-democrata, era um terrorista acabado. E eis que, agora, o comissário punha em *realce* o seu terrorismo, ao mesmo tempo, é claro, que o acusava de estar a serviço da espionagem francesa e canadense e de ter sido informante da polícia czarista[13]. Em 1945, em troca do seu gordo ordenado, um gordo comissário compulsava seriamente os arquivos provinciais da polícia secreta e redigia autos perfeitamente sérios acerca de interrogatórios onde figuravam nomes clandestinos, palavras de ordem, encontros e reuniões do ano de 1903.

E a sua velha mulher (não tinham filhos), a cada dez dias, como era permitido, mandava a Anatóli Ilitch as encomendas que estavam dentro das suas possibilidades: um pedaço de pão negro de uns trezentos gramas (comprado no mercado a cem rublos o quilo!) e uma dúzia de batatas cozidas, sem pele (no controle elas eram perfuradas com uma sovela). O aspecto dessas míseras encomendas — que na realidade eram sagradas — despedaçava o coração.

É quanto mereceu um homem por sessenta e três anos de honradez e de dúvidas!

As quatro camas da nossa cela deixavam entre si um espaço para a mesa. Mas alguns dias depois de eu ter chegado meteram lá um quinto preso e a cama ficou atravessada ao meio.

Trouxeram esse novato uma hora antes da alvorada, no momento em que o sono é mais doce, e três dentre nós não levantamos sequer a cabeça, apenas Kramarenko, que saltou da cama para conseguir um pouco de tabaco (e talvez alguma informação para o comissário). Eles começaram a falar baixinho

---

13 *Era esse um tema preferido de Stálin: atribuir a cada preso do seu partido (e em geral a cada velho revolucionário) a acusação de ter estado a serviço da polícia czarista. Seria pela sua intolerável desconfiança? Ou... por um sentimento interior?... Ou ainda por analogia?... (N. do A.)*

e nós procurávamos não escutar, mas não se podia deixar de ouvir a voz sussurrante do novato: ela era tão forte, alarmada e tensa, quase mesmo chorosa, que se podia pensar que na nossa cela tinha dado entrada um drama fora do comum. O novato perguntava se havia muitos condenados ao fuzilamento. De qualquer modo, sem voltar a cabeça *pedi-lhes* que falassem mais baixo.

Quando, ao toque da alvorada, todos nos levantamos (ficar na cama era expor-se a ir parar no calabouço), vimos um general! É verdade que ele não tinha qualquer distintivo, nem sequer insígnias descosturadas ou desabotoadas. Mas o seu casaco magnífico, o dólmã de seda e toda a sua figura e o seu rosto indicavam tratar-se sem sombra de dúvida de um general, um general qualquer, um simples brigadeiro, mas infalivelmente um general completo. Era baixo, roliço, de costas largas e ombros salientes. Se o seu rosto era gorducho, isso não lhe dava um ar bonacheirão, mas sim importante, como se fosse um atributo de superioridade. O seu rosto não terminava, é certo, pela parte superior, senão pela inferior, com uma mandíbula de buldogue, sendo aí que se concentravam toda a energia, força de vontade e autoritarismo que lhe tinham permitido atingir essa patente numa idade ainda pouco avançada.

Quando se fizeram as apresentações, descobrimos que L. V. Z. era ainda mais jovem do que aparentava, pois ia fazer trinta e seis anos ("se não me fuzilarem"), e, o que é mais surpreendente, não era no fim de contas nenhum general, nem sequer um coronel, ou qualquer espécie de militar, mas sim um *engenheiro!*

Engenheiro?! Fui educado precisamente no meio de engenheiros e recordo-me bem dos engenheiros dos anos 20: tinham aquela mentalidade aberta e irradiante, aquele humor livre e inofensivo, aquela facilidade e largueza de idéias que lhes permitiam passar desembaraçadamente de uma esfera a outra da engenharia, e mesmo da técnica às questões sociais e à arte. Além disso, possuíam uma formação esmerada, gostos refinados e facilidade de palavra, evitando as expressões vulgares: uns dedicavam-se um pouco à música, outros à pintura, e todos tinham uma marca qualquer de espírito impressa no rosto.

Em começos dos anos 30 perdi o contato com esse meio. Depois eclodiu a guerra. E eis que surgia ante mim um *engenheiro*. Daqueles que vieram substituir os que tinham sido exterminados.

Uma vantagem não se lhe podia negar: era muito mais

entroncado, mais cheio por dentro do que os outros. Conservava a força dos ombros e das mãos, embora há muito não lhe fossem necessárias. Liberto do fardo vão da amabilidade, olhava bruscamente, falava de maneira terminante, sem esperar sequer que pudesse haver objeções. Tinha crescido diferentemente dos outros e trabalhado também de maneira diferente.

O seu pai era lavrador, lavrando a terra no sentido mais literal e real do termo. Liónia Z. era um desses desgrenhados e ignorantes jovens camponeses, com a perda de cujos talentos Bielinski e Tolstói tanto se afligiam. Sem ser nenhum Lomonóssov nem ter por si mesmo chegado à Academia, era talentoso, mas teria tido que continuar a lavrar a terra se não tivesse havido a Revolução. Por certo acabaria de enriquecer, já que era vivo e inteligente, e talvez se tivesse convertido num comerciante.

Na era soviética ingressou no Komsomol, e foi a sua atividade de militante que, superando os outros talentos, o arrancou da ignorância e da rudeza da aldeia e o levou, como um foguete, através da faculdade operária até à Academia Industrial. Foi em 1929 que lá entrou, precisamente quando levavam como gado os *outros* engenheiros para o Gulag. Os soviéticos tinham necessidade de criar urgentemente engenheiros deles, conscientes, cem por cento leais, que não só fizessem o seu trabalho, mas se ocupassem de toda a produção, isto é, se tornassem verdadeiros *business men*. Era um momento em que os célebres *postos de comando* na indústria soviética, ainda por construir, estavam vagos. E o destino da sua produção era ocupá-los.

A vida de Z. tornou-se uma sucessão de êxitos, uma grinalda subindo para as alturas. Nesses anos extenuantes de 1929 até 1933, quando a guerra civil era travada não com carros equipados de metralhadoras mas com cães policiais, quando bandos de homens famintos se arrastavam para as estações ferroviárias, na esperança de ir para a cidade, onde havia pão — mas como não lhes davam bilhetes e eles não sabiam como partir iam morrer numa massa resignada de botas e samarras junto dos tapumes das estações —, nesses anos Z. não só não sabia que os habitantes das cidades recebiam o pão racionado, mas tinha uma bolsa de *estudante* de novecentos rublos (um operário não qualificado recebia então sessenta). O seu coração não sofria pela aldeia, onde tinha sacudido a poeira dos sapatos: a sua nova vida decorria já aqui, entre os vencedores e os dirigentes.

Não teve sequer tempo de ser chefe de equipe: imediatamente puseram sob as suas ordens dezenas de engenheiros, mi-

lhares de operários: era o engenheiro-chefe das grandes construções dos arrabaldes de Moscou. Desde o começo da guerra ele ficou, naturalmente, isento de serviço militar, evacuando com toda a direção central para Alma-Atá, dirigindo maiores construções ainda sobre o rio Íli, com a diferença de que agora ali só trabalhavam presos. O aspecto desses insignificantes homúnculos incomodava-o muito pouco, não o fazia refletir, ele não lhes prestava atenção. Naquela órbita brilhante em que se movia só eram importantes as cifras do cumprimento do plano. Bastava-lhe indicar o local de trabalho, o campo, o contramestre, e eles, com os seus meios, que se desenrascassem para executar as normas: quantas horas trabalhavam e como se alimentavam, nesses detalhes ele não entrava.

Os anos de guerra no fundo da retaguarda foram os melhores anos da vida de Z.! Tal é a propriedade inevitável e geral da guerra: quanto mais amargura ela concentre num pólo, tanto mais alegrias liberta no outro. Z. tinha não apenas uma mandíbula de buldogue mas também uma rápida, engenhosa e experiente garra. Adaptou-se rápida e sabiamente ao novo ritmo de guerra da economia nacional: "Tudo para a vitória, arrancar para a frente que tudo passará por conta da guerra!" Só fez uma concessão a esta: renunciou aos ternos e às gravatas e, vestido de cor cáqui, mandou fazer umas botas de pele de bezerro e um dólmã de general, o mesmo com que chegou ali, junto de nós. Era a moda, assim andava como toda a gente, não suscitava irritação nos inválidos nem os olhares reprovadores das mulheres.

Mas, quanto às mulheres, estas olhavam-no freqüentemente de outro ponto de vista: dirigiam-se a ele para alimentar-se, aquecer-se e divertir-se. Um dinheirão louco, o que corria pelas suas mãos: a sua carteira estava abarrotada, gastava notas de dez rublos como se fossem copeques, e as de mil como rublos. Z. não era avaro, não economizava, não contava. Só contava as mulheres que passavam pelas suas mãos, e sobretudo aquelas a quem tirava o cabaço; essa estatística era o seu esporte. Na cela afirmava-nos que a detenção o tinha interrompido lamentavelmente, quando já perfazia duzentas e noventa e poucas, impedindo-o por desgraça de ter atingido as trezentas. Como era no tempo de guerra, as mulheres estavam sós, e além do poder do dinheiro ele tinha uma energia viril, à Rasputin, o que não era difícil de acreditar. Ele dispunha-se, gostosamente, a relatar tudo, episódio atrás de episódio, mas os nossos ouvidos não estavam abertos para isso. Embora nenhum perigo o amea-

çasse, era convulsivamente que ele (um pouco à maneira dos mariscos que se tiram de um prato, se roem, se chupam e se deitam fora para apanhar outros) agarrava nos últimos anos de liberdade todas essas mulheres, espremendo-as e pondo-as de parte.

Que acostumado ele estava à ductilidade da matéria, na sua carreira de javali selvagem! (Em horas de grande agitação desarvorava pela cela exatamente como um potente javali, capaz de derrubar um carvalho que se lhe atravessasse nas suas correrias.) Que acostumado ele estava a que entre os dirigentes todos fossem do seu tipo, tudo se podendo sempre conciliar, arranjar, dissimular! Tinha-se esquecido de que, quanto maior são os êxitos, maior é a inveja. Como acabava de saber pela instrução do processo, no seu dossiê figurava já uma anedota do ano de 1936, contada despreocupadamente num grupo de amigos embriagados. Depois foram-se filtrando pequenas denúncias e testemunhos de agentes (as mulheres tinham que ser levadas aos restaurantes, e quem é que lá não o vê?). Uma dessas denúncias era a de que, em 1941, não se apressara a partir de Moscou, esperando os alemães (efetivamente, ele demorara-se lá então, mas parece que por causa de uma mulher). Z. prestava atenção a que as suas operações econômicas decorressem com honestidade, mas não se lembrou de que ainda existia o artigo 58. E, apesar de tudo isso, esse bloco teria podido resistir durante longo tempo, se por presunção não tivesse recusado a um certo procurador material de construção para uma casa de campo. Aqui o seu caso despertou do sono, estremeceu e começou a rolar. (Mais um exemplo que prova que as causas judiciais começam pelos interesses egoístas dos azuis...)

O horizonte intelectual de Z. era deste gênero: considerava que existia uma língua *americana;* na cela, durante dois meses, não leu um só livro, nem sequer uma página inteira, e se leu um parágrafo ou outro foi unicamente para se distrair dos tristes pensamentos do processo. Pelas suas conversas, compreendia-se perfeitamente que em liberdade ainda lia menos. Conhecia Púchkin apenas como herói de anedotas escabrosas e julgava que Tolstói devia ser deputado do Soviete Supremo *.

Mas, em compensação, não seria ele cem por cento um leal comunista? Mas, em compensação, não seria ele um desses

---

* *Alusão a uma confusão feita por Z. entre Leão Tolstói, autor de* Guerra e paz, *e Alexei Tolstói, escritor soviético, que ele só conhecia no entanto como deputado. (N. do T.)*

proletários conscientes, educados para substituir Paltchinski e Von Mekk? Por muito estranho que pareça, não! Certa vez, discutindo acerca da marcha da guerra, eu disse que, desde o primeiro dia, nem um instante sequer duvidava da nossa vitória sobre os alemães. Ele olhou-me bruscamente e não acreditou: "Mas como?" — e levou as mãos à cabeça: "Ai, Sacha, Sacha, pois eu estava convencido de que os alemães venceriam! E foi isso o que me perdeu!" Pois é! Ele era um dos "organizadores da vitória", mas todos os dias ia acreditando nos alemães e os aguardava inevitavelmente! Não porque gostasse deles, mas simplesmente porque conhecia bem a nossa economia (naturalmente, eu não a conhecia, mas tinha fé).

Todos nós, na cela, estávamos de humor triste, mas ninguém se desmoralizou tanto, nem encarou a sua detenção tão tragicamente como ele. Junto de nós ele habituou-se à idéia de que não o esperavam mais do que uns *dez anos* de prisão, e de que durante esses anos no campo ele seria naturalmente um capataz e não conheceria as agruras, como não as conhecera no passado. Mas isso não o consolava um mínimo que fosse. Estava demasiado acabado pelo fracasso de uma vida tão excelente: pois só há uma vida na terra, e por nada mais ele se tinha interessado ao longo dos seus trinta e seis anos de existência! Mais de uma vez, sentado na sua cama, diante da mesa, com o rosto gorducho apoiado nas suas curtas e grossas mãos, com os olhos perdidos e enevoados, ele começava a cantarolar em voz baixa:

Esquecido; abandonado,
na minha mocidade
fiquei desamparado...

E nunca podia prosseguir! Chegando aqui, explodia em prantos. Toda a grande força que dele brotava, mas que não o podia ajudar a derrubar as paredes, era convertida assim em piedade por si mesmo.

E também pela mulher. Esta, há muito por ele não amada, levava-lhe agora a cada dez dias (com mais freqüência isso não era permitido) abundantes pacotes de pão branco, manteiga, caviar vermelho, carne de vitela e esturjão. Ele dava-nos a cada um de nós um sanduíche e um cigarro, inclinava-se sobre os seus manjares expostos (que contrastavam pelo seu aroma e pelas suas cores com as batatas furadas do velho revolucionário

clandestino) e novamente as lágrimas lhe caíam. Em voz alta, ele recordava as lágrimas da esposa, anos inteiros de lágrimas: ora pelas missivas das amantes, encontradas nos bolsos, ora por umas calcinhas metidas à pressa no sobretudo, dentro do automóvel, e esquecidas. E quando a piedade que sentia por si mesmo lhe fazia cair a couraça da energia maldosa, perante nós surgia um homem perdido e evidentemente bom. Eu me surpreendia de que ele pudesse chorar assim. O estoniano Arnold Susi, nosso companheiro de cela, com alguns cabelos grisalhos, explicava-me: "A crueldade faz aumentar obrigatoriamente o sentimentalismo. É a lei da compensação. Nos alemães, por exemplo, esta combinação é até uma característica nacional".

Mas Fastenko, pelo contrário, era o homem mais animoso da cela, embora pela sua idade ele fosse o único que não podia contar já sobreviver nem regressar à liberdade. Abraçando-me pelos ombros, dizia-me:

> Resistir *pela verdade, isso o que é!*
> *pela verdade você está* preso!

Ou então ensinava-me a entoar a sua canção, uma canção de deportados:

> *Se é preciso dar a vida*
> *No fundo das prisões ou das minas,*
> *Tudo irá frutificar*
> *Nas gerações que hão de vir!*

Tenho fé nisso! E oxalá estas páginas ajudem a concretizar essa fé!

Os dias de dezesseis horas na nossa cela eram pobres de acontecimentos exteriores, mas tão cheios de interesse que para mim, por exemplo, dezesseis minutos de espera por um ônibus me parecem mais aborrecidos. Embora não haja fatos dignos de atenção, quando vem a noite suspira-se porque faltou tempo, porque passou mais um dia. Os acontecimentos são mínimos, mas, pela primeira vez na vida, aprende-se a vê-los com um vidro de aumento.

As horas mais tristes do dia são as duas primeiras: desde que ouvimos o ruído da chave na fechadura (na Lubianka não

há "manjedoura" [14], e para a ordem de "pôr-se de pé" é também preciso abrir a porta), saltamos para o chão sem demora, fazemos as camas e sentamo-nos nelas sem esperanças, inutilmente, e ainda privados de luz elétrica. Este forçado despertar matinal às seis horas, quando o cérebro ainda está embotado pelo sono e o mundo parece todo ele desagradável e a vida vazia de perspectivas, não havendo na cela um sorvo de ar respirável, é particularmente absurdo para aqueles que passaram a noite no interrogatório e só há pouco puderam dormir. Mas não tente fazer manobras! Se você procura cochilar um pouco, apoiando-se nas paredes ou pondo os cotovelos sobre a mesa, como se estivesse debruçado sobre o xadrez ou inclinado sobre um livro ostensivamente aberto em cima dos joelhos, darão uma pancada de advertência com a chave na porta, ou ainda pior: a porta que normalmente se fecha com um cadeado barulhento é aberta sem ruído (estão bem treinados nisso, os guardas da Lubianka), e, como uma rápida e silenciosa sombra, como um espírito deslizando das paredes, o terceiro-sargento dá três passos na cela e, se o encontra adormecido, você pode ir parar no calabouço, ou então lhe tiram o livro, senão mesmo toda a cela fica privada do passeio. Cruel injustiça, este castigo geral, mas está inscrito em letras impressas no regulamento da prisão, e você não precisa senão lê-lo, pois se encontra afixado em cada cela. Além disso, se precisa de óculos, para ler nessas duas horas que lhe tiram o ânimo, você não poderá pôr a vista em cima dos livros, nem sequer do santo regulamento, pois os óculos que tiraram de noite são ainda perigosos para você, durante esse período. Nessas duas horas ninguém vem trazer nada à cela, ninguém entra nela, nem faz perguntas sobre nada, não se chama ninguém: os comissários ainda dormem docemente, os chefes da prisão estão ainda voltando a si, e só os guardas *(vertukhai)* se mantêm acordados e se inclinam a cada minuto sobre a abertura do postigo [15].

Mas uma operação tem lugar nessas duas horas: ir à latrina. Desde a alvorada o guarda fez uma importante comuni-

---

[14] *Grande postigo aberto na porta da cela, abrindo-se de modo a formar uma mesa, e por onde os guardas falam, distribuem a comida e convidam os presos a assinar os diversos documentos da prisão. (N. do A.)*

[15] *No meu tempo tal palavra já estava muito difundida. Diziam que ela procedia dos guardas ucranianos:* "Stói tá nié vertukhais!" *Mas há que recordar também a palavra inglesa que significava carcereiro* (turnkey: *"volta a chave"). Talvez, na Rússia,* vertukhai *seja "aquele que dá a volta à chave"* (vertit kliutch). *(N. do A.)*

cação: designar quem é que da cela está hoje incumbido de tirar o balde da latrina. (Nas prisões banais, comuns, os presos têm tanta liberdade e autonomia que são eles próprios que decidem esta questão. Mas na prisão política central tal assunto não pode ser deixado à espontaneidade.) E depressa todos formam fila indiana, com as mãos atrás das costas, seguindo à frente o responsável, que leva contra o peito o balde de oito litros com tampa. Lá, no objetivo, encerram-nos de novo, não sem antes nos entregarem tantas folhinhas de papel do tamanho de dois bilhetes de trem quantos são os presos. (Na Lubianka estas folhinhas não são interessantes: elas são brancas. Mas há cadeias tão atraentes que dão fragmentos de livros impressos. Que maravilhosa leitura! Adivinhar *de onde* são extraídos, ler dos dois lados, assimilar o conteúdo, aproveitar o estilo — mesmo com palavras cortadas isso é possível! — e permutá-los com os camaradas. Em alguns lugares dão recortes da *Granat,* outrora uma enciclopédia de vanguarda, ou então, é horrível dizê-lo, de *clássicos,* mas não, de modo algum, literários. . . A visita à latrina converte-se num ato de conhecimento.)

Mas não é caso para rir. Trata-se de uma grosseira necessidade, à qual não é permitido aludir na literatura (embora já se tenha dito com imortal leviandade: "Bendito aquele que pela manhã. . ."). Neste começo do dia, que parece tão natural, já na prisão se estendeu uma armadilha ao preso, que durará todo o dia, e, o que é mais ultrajante, uma armadilha ao seu espírito. Devido ao estado de imobilidade e à mesquinhez da alimentação, depois do impotente momento de torpor, ainda não se está, ao levantar-se, em condições de ajustar contas com a natureza. E eis que lhe mandam voltar rapidamente e o fecham até as seis horas da tarde (em algumas prisões até o dia seguinte pela manhã). Agora você tem de se preocupar com a aproximação do interrogatório diurno e com os outros acontecimentos do dia, tal como encher-se com o rancho, a água e a sopa aguada, mas já ninguém o deixará ir a esse excelente local a cuja facilidade de acesso os homens *livres* não sabem dar o valor devido. Essa extenuante e vulgar necessidade pode assaltá-lo todos os dias e logo a seguir à visita da manhã à latrina, e depois torturá-lo todo o dia, apertá-lo, privá-lo da liberdade de conversar, de ler, de pensar e até de ingerir a fraca comida.

Às vezes discute-se nas celas qual a origem do regulamento da Lubianka ou de qualquer outra prisão: se se trata de uma crueldade calculada ou se tudo resultou simplesmente assim. Eu penso que resultou simplesmente assim. A alvorada foi natural-

mente um cálculo malévolo, mas muito do restante aconteceu mecanicamente (como numerosas crueldades da nossa vida em geral), sendo depois reconhecido pela cúpula como útil e aprovado. Os turnos mudam às oito da noite e às oito da manhã, e é assim mais cômodo levar os presos à latrina ao fim do turno. (Deixar ir lá um ou outro, isoladamente, durante o dia, implicaria preocupações e precauções excessivas, da parte dos guardas, e eles não são pagos para isso.) Outro tanto se passa com os óculos: para que preocupar-se com isso desde a alvorada? Antes de terminar o turno da noite, devolvem-nos.

E eis que começam a distribuí-los: ouve-se abrir as portas. Pode-se saber se alguém usa óculos na cela vizinha (ora, o seu companheiro de processo não os usa; mas não nos atrevemos a bater na parede, pois quanto a isso são muito severos). Mas já nos restituíram também os nossos. Fastenko só pode ler com eles, e Susi usa-os permanentemente. Repare, ele deixou de apertar os olhos depois de pô-los. Com os seus óculos de tartaruga, formando uma linha reta sobre os olhos, o seu rosto torna-se de repente mais severo, penetrante, tal como podemos imaginar o rosto de uma pessoa culta no nosso século. Muito antes da Revolução ele estudava em Petrogrado, na Faculdade de História e Filologia, e durante os vinte anos de independência da Estônia conservou toda a pureza do seu idioma russo. Depois, já em Tartu, completou os seus estudos jurídicos. Além da língua materna, o estoniano, domina o inglês e o alemão, e durante todos estes anos leu regularmente o *Economist* londrino, as recensões científicas da revista alemã *Bericht,* estudando também as constituições e códigos de diversos países. Aqui, na nossa cela, ele representa digna e discretamente a Europa. Foi um notável advogado da Estônia e chamavam-lhe o *"Kuldsuu"* (boca de ouro).

No corredor há de novo movimento: outro parasita com uma bata escura — um rapaz forte, que não está na frente de batalha — trouxe-nos numa travessa as cinco rações de pão e as dez porçõezinhas de açúcar. O nosso dedo-duro anda em torno delas: embora, inevitavelmente, as fôssemos agora tirar à sorte (tem importância saber se se trata da côdea, qual a quantidade de pedaços necessários para fazer o peso, se o miolo está grudado à côdea: é a sorte que decide qual a divisão [16]), o dedo-duro

---

[16] *Mas onde é que isto não se faz? Desde há longos anos que o povo sofria de fome. E todas estas repartições de rações se faziam também no Exército. E os alemães, ouvindo-nos das suas trincheiras, parodiavam-nos: "Para quem esta ração? Para o responsável político!" (N. do A.)*

quer sopesar tudo e, quando mais não seja, ficar com restos de moléculas de açúcar e de pão nas suas mãos.

Estes quatrocentos e cinqüenta gramas de pão com o miolo cheio de umidade pantanosa, pois metade é de batata, são a nossa *muleta* e o mais importante acontecimento cotidiano. É a vida que começa! É o dia que começa, que só agora começa! Cada um tem uma multidão de problemas: terá repartido judiciosamente ontem a sua ração? deverá cortá-la com um fio? esperar o chá ou comê-la agora? deixar parte dela para a ceia ou comê-la toda no almoço? e qual a quantidade?

Além de todas estas pobres vacilações, que longas discussões ainda (soltou-se-nos a língua, com o pão já somos gente!) provocam estes gramas de pão na mão, feito mais de água do que de cereal! (Fastenko, entretanto, explica que é este mesmo pão que os trabalhadores de Moscou comem agora.) Mas haverá nele mesmo farinha? De que mistura foi feito? (Em cada cela há uma pessoa entendida em misturas, pois quem não comeu pão assim nestas décadas?) Começam os devaneios e as recordações. Que pão tão branco se cozia ainda nos anos 20! Um pão redondo, esponjoso, poroso, com a côdea de cima dourada, acastanhada, gordurosa, e a de baixo com cinza, com um pouco de carvão do forno. Pão que acabou irremediavelmente! Aqueles que nasceram nos anos 30 nunca saberão, em geral, o que é *pão!* Mas, alto, amigos! este é um tema proibido! Já tínhamos combinado que não diríamos nem uma palavra sobre comida!

De novo um movimento no corredor: distribuem o chá. Outro brutamontes com a bata escura e baldes. Colocamos o nosso bule no corredor, e ele, do balde sem bico, despeja o chá para o bule, entornando-o ao lado na passadeira. E todo o corredor está encerado como um hotel de primeira classe [17].

Eis toda a nossa alimentação. Os alimentos quentes virão um atrás de outro, à uma e às quatro da tarde, e depois horas de

---

17 De Berlim, veio juntar-se a nós o biólogo Timoféiev-Ressovski, a quem já nos referimos. Nunca ninguém se sentia tão ofendido como ele, na Lubianka, por esses derramamentos no solo. Via nisso um sintoma profissional da falta de interesse dos carcereiros (bem como de todos nós) pelo que fazem. Multiplicou vinte e sete anos de existência da Lubianka por setecentas e trinta vezes ao ano, em cento e onze celas, e indignou-se por se ter achado mais fácil derramar água fervida dois milhões cento e oitenta e oito mil vezes no chão e enxugá-la com um trapo, do que fazer baldes com bico. (N. do A.)

lembranças. (Isso não é também por crueldade: o pessoal da cozinha necessita despachar-se depressa e sair o quanto antes.)

Nove horas. Ronda da manhã. Muito antes ouve-se dar voltas particularmente ruidosas às chaves, pancadas particularmente fortes nas portas, e um dos tenentes de plantão dos andares entra, dá dois passos na cela, empertigado, quase em posição de "continência", e observa-nos severamente, todos já de pé. (Nós não ousamos lembrar que os políticos tinham o direito de não se levantar.) Contar quantos somos não é grande trabalho, basta uma olhadela, mas esse instante é uma prova para os nossos direitos, pois, se temos alguns direitos, não os conhecemos, e se não os conhecemos ele deve escondê-los de nós. Toda a força da aprendizagem da Lubianka reside na completa mecanização: nem expressões, nem entoações, nem uma palavra a mais.

Todos os direitos que nós conhecemos são os de petição escrita para o conserto do calçado e para ir ao médico. Mas, se o chamarem ao médico, você não se regozijará, e o que irá surpreendê-lo será antes de mais nada essa mecanização própria da Lubianka. O olhar do médico não exprime preocupação, nem sequer revela simples atenção. Ele não pergunta: "De que se queixa?", pois aqui se é avaro de palavras e não se pode pronunciar esta frase sem lhe dar ênfase. Lança apenas: "Queixas?" Se você começa a se espraiar, tentando explicar a doença, ele o interrompe: "Está bem. Um dente? Extrai-se. Ou então põe-se arsênico. Curas? Aqui não se fazem". (Isso aumentaria o número de visitas e criaria um ambiente quase humano.)

O médico da prisão é o melhor auxiliar do comissário e do verdugo. Se o preso que está sendo espancado volta a si, ainda por terra, ouve a voz do médico: "Podem continuar, o pulso está normal". Depois de cinco dias de calabouço frio, o médico examina o corpo nu e entorpecido e diz: "Podem continuar". Se o espancarem até a morte, ele assina um certificado de óbito: morte por cirrose no fígado, por enfarte. Se o chamam urgentemente para assistir um moribundo na cela, ele não se apressa. E aquele que se comportar de outra maneira — esse não é mantido nas nossas prisões. O Dr. F. P. Gaaz não poderia trabalhar aqui.

Mas o nosso dedo-duro está mais bem informado sobre os seus direitos (segundo diz, arrasta-se há onze meses a instauração do seu processo; os interrogatórios não têm lugar senão de dia). Ei-lo que chama e pede uma entrevista para falar ao chefe da prisão. Como, ao chefe de toda a Lubianka? Sim. E

inscrevem-no. (E pela noite, depois da hora do silêncio, quando todos os comissários estão nos respectivos gabinetes, chamam-no e regressa provido de tabaco. É um trabalho grosseiro, naturalmente, mas por enquanto não inventaram nada melhor. Passar sistematicamente à utilização de microfones é uma enorme despesa: não se pode escutar dias inteiros cento e onze celas. Que se há de fazer! Os dedos-duros ficam mais baratos e serão ainda utilizados por muito tempo. Mas é difícil a Kramarenko agüentar conosco. Às vezes fica suando, do esforço de escutar as nossas conversas, e pela sua expressão vê-se que não compreende.)

Outro direito ainda: a liberdade de entregar requerimentos por escrito (em troca da liberdade de imprensa, de reunião e de votação que perdemos ao deixar a vida livre!). Duas vezes por mês o guarda que está de plantão de manhã pergunta: "Quem deseja escrever solicitações?" E inscreve todos os que manifestam tal desejo. No meio do dia você é chamado para um cubículo separado e fecham-no. Aí você pode escrever a quem quiser: ao Pai dos Povos, ao Comitê Central do Partido, ao Soviete Supremo, ao Ministro Béria, ao Ministro Abakúmov, ao procurador geral, à Central Militar, à Direção da Prisão, à Seção de Instrução Judicial; e você pode se queixar da detenção, do comissário, do chefe da prisão! Em qualquer caso, o seu pedido não terá êxito algum, nem sequer será arquivado, e o mais alto responsável que o vai ler será o seu comissário de instrução. Entretanto, você nada conseguirá demonstrar. Mais ainda: ele *não o lerá* sequer, porque não pode lê-lo quem quer que seja. Nesse pedaço de papel de sete por dez centímetros, um pouco maior do que o que lhe entregam de manhã para a latrina, mal se pode arranhar com uma caneta quebrada ou munida duma pena torcida, metida num tinteiro cheio de água e de farrapos, as letras: "Requeri. . ." Imediatamente elas se apagam no papel grosseiro e ". . .mento" não caberá sequer na linha, enquanto do outro lado da folha a tinta transpassou.

Pode ser que ainda haja outros direitos, mas o guarda de plantão silencia-os. Talvez você não perca muito desconhecendo-os.

A ronda acaba de passar. O dia começa. Já chegam os comissários. O guarda chama-os com enorme mistério: ele diz apenas a primeira letra do seguinte modo: "Quem começa por *cê?*", "quem começa por *efe?*", ou ainda, "quem começa por *a?*" Vocês devem dar provas de prontidão e apresentar-se como vítimas. Esta regra foi adotada contra possíveis erros dos guar-

das: chamar alguém pelo nome numa cela indevida, e assim nós ficarmos sabendo quem está preso. Mas, mesmo separados e dispersos por toda a cadeia, nós não estamos privados de notícias entre as celas: ao darem entrada mais presos, baralham-nos, e cada um dos que são transferidos leva para a nova cela toda a experiência adquirida na antiga. Assim, estando no quarto andar sabemos tudo acerca das celas subterrâneas e dos boxes do primeiro andar, acerca da escuridão do segundo, onde se encontram agrupadas as mulheres, acerca da instalação de duas galerias no quinto e acerca da cela de número mais alto no quinto andar: a cento e onze. Em frente da cela onde eu estava encontrava-se o escritor de histórias infantis Bondárin, que até então tinha estado no andar das mulheres, com um correspondente polaco, que por sua vez tinha estado com o Marechal-de-Campo von Paulus — e todos os pormenores sobre Paulus também nós conhecíamos *.

Passado o período das chamadas para os interrogatórios, para aqueles que ficavam na cela abria-se um longo e agradável dia, rico de possibilidades e não demasiado obscurecido pelas obrigações. Estas podem caber-nos mais duas vezes por mês, como por exemplo a de desinfetar as camas com um aparelho de soldar (na Lubianka os fósforos são categoricamente proibidos, e para fumar um cigarro temos de ter a paciência de levantar o dedo diante do postigo, pedindo fogo ao guarda, mas quanto aos aparelhos de soldar, não, são-nos confiados tranqüilamente). Também nos pode caber uma espécie de direito, mas que muito se parece com uma obrigação: uma vez por semana chamam-nos um por um ao corredor e ali, com uma máquina de cortar o cabelo, não afiada, fazem-nos a barba. Outra obrigação é a de pôr a brilhar o soalho da cela. (Z. esquiva-se sempre a esse trabalho, que considera humilhante, como qualquer outro.) Fatigamo-nos muito, devido à fome, senão esta tarefa poderia inscrever-se talvez até entre os direitos, tão alegre e sadia ela é! Com os pés descalços, a escova de lustro para diante e o tronco para trás, e inversamente de diante para trás, de trás para diante, não se preocupe com mais nada! O soalho fica brilhando como um espelho! Uma prisão à Potemkin!

De resto, já não estamos tão apertados, como na nossa antiga cela número 67. Em meados de março veio juntar-se a

---

* *Von Paulus, general alemão, aprisionado na operação de Stalingrado. (N. do T.)*

nós um sexto companheiro, e como aqui se desconhecem os beliches e não existe o costume de dormir no chão, mudaram-nos, com toda a equipe, para a linda cela número 53. (Recomendo muito a quem nunca lá esteve que a visite!) Não é uma cela! É um palácio tranqüilo, destinado a dormitório para viajantes célebres! A Sociedade de Seguros Rússia[18], sem olhar as despesas de construção, levantou nesta ala um andar da altura de cinco metros. (Que belos beliches de quatro andares aí teria construído o chefe da contra-espionagem da frente, metendo lá de forma garantida uns cem homens!) E a janela! Alçando-se sobre o parapeito, o guarda quase não chega ao postigo, e uma só das vidraças poderia servir de janela para todo um quarto. Apenas as folhas de aço cravadas da "mordaça" nos fazem recordar que não estamos num palácio.

De qualquer maneira, nos dias claros, por cima dessa "mordaça", chega até nós, vindo do poço do pátio da Lubianka, e refletido por qualquer vidraça do sexto ou do sétimo andar, um pálido raio de sol. Um verdadeiro coelhinho *, este raio de sol, um ser vivo e querido! Acompanhamos carinhosamente o seu deslizar pela parede, cada passo seu está repleto de sentido, augura a aproximação do passeio, conta uma a uma as várias meias horas que faltam para o almoço, e antes de esta chegar desaparece dentre nós.

Desse modo, eis todas as nossas possibilidades: passear, ler um livro, trocar impressões sobre o passado, escutar e aprender, discutir e educar-se! E como recompensa haverá ainda um almoço de dois pratos! Incrível!

Para os presos dos três primeiros andares da Lubianka o passeio é desagradável: colocam-nos num pequeno pátio inferior úmido, no fundo de um estreito poço entre os edifícios da cadeia. Pelo contrário, os presos do quarto e do quinto andares são levados para um ninho de águias, para um telhado do quinto andar. É verdade que o chão é de cimento, que as paredes são de concreto, tendo a altura de três homens, e havendo junto

18 *Esta sociedade adquiriu um pedaço de terra moscovita propenso ao sangue: do outro lado da Rua Furkassóvski, perto da casa de Rostoptchin, foi massacrado o inocente Verechaguin, 1812, e em frente da grande Lubianka vivia (e assassinava os seus servos) a criminosa Saltitchikha.* (Por Moscou, *redação de N. A. Gueinik e outros, Moscou, Editora Sabachnikov, 1917, página 231.) (N. do A.)*

* *Ambigüidade conotativa, que permite a Soljenítsin fazer um jogo de significantes e de significados. Em russo* zaitchik *significa "raio de sol", enquanto o seu diminutivo,* zaitchónok, *significa "coelhinho". (N. do T.)*

elas um guarda desarmado, bem como, de vigia na torre, uma sentinela de arma automática, mas o ar é autêntico e autêntico é o céu! "Mãos atrás das costas! Filas de dois! Não conversar! Não parar!" Só se esqueceram de proibir que se levante a cabeça! E você, naturalmente, a levanta. Aqui se pode ver, já não o reflexo, já não a imagem indireta, mas o próprio sol! O próprio sol eternamente vivo! Ou o seu derramar dourado através das nuvens primaveris.

A primavera promete a todos a felicidade, mas ao preso ainda dez vezes mais! Oh! O céu de abril! Não importa que eu esteja na prisão! A mim, certamente, não me fuzilam. Em troca hei de tornar-me aqui mais inteligente! Hei de compreender muita coisa, ó céu! Corrigirei ainda os meus erros, não perante *eles,* mas perante você, céu! Aqui dei-me conta deles e hei de repará-los!

Chega até nós, como provindo de uma cova profunda e longínqua, da Praça Dzerjinski, o ininterrupto e rouco coro terrestre das buzinas dos automóveis. Para aqueles que marcham ao som dessas buzinas elas devem parecer-lhes as trompas do triunfo, mas daqui se vê claramente a sua insignificância.

Vinte minutos apenas de passeio, mas quantas preocupações em torno dele, para quanta coisa deve-se buscar tempo!

Em primeiro lugar, é muito interessante, enquanto levam você para lá e o trazem de volta, compreender a disposição de toda a cadeia, ver para onde dão estes minúsculos pátios suspensos, a fim de que algum dia, quando estiver em liberdade, você possa atravessar a praça e saber onde passeava. No caminho damos muitas voltas e eu invento este sistema: desde a cela, contar cada volta para a direita como se fosse mais um e cada volta para a esquerda como se fosse menos um. Por muito rapidamente que nos façam dar as voltas, não é necessário apressar-se a *representar* o percurso, bastando ter tempo para contar a totalidade. E se, pelo caminho, através de alguma janela da escada, você percebe o dorso das náiades da Lubianka, que se encostam a pequenas torres com colunas dominando a mesma praça, e você se recorda do número de voltas atingido nessa altura, pode depois na cela orientar-se e saber para onde dá a nossa janela.

Em seguida, no passeio, é preciso simplesmente respirar, concentrando-se o mais possível.

E também, nessa solidão sob a claridade do céu, imaginar a sua luminosa vida futura, sem pecados nem erros.

Mas é ainda aí, acima de tudo, o lugar mais propício para

falar sobre temas pungentes. Embora no passeio seja proibido conversar, isso não importa, é necessário saber fazê-lo, precisamente porque aí ninguém nos ouve, nem o dedo-duro, nem os microfones.

Durante o passeio, eu e Susi procuramos formar um par. Falamos igualmente na cela, mas o mais importante gostamos de deixá-lo para o passeio. No primeiro dia, não coincidimos, mas pouco a pouco começamos a ajustar-nos, e ele já teve tempo de me dizer muitas coisas. Com ele, adquiro uma aptidão nova: a de, paciente e conseqüentemente, aceitar tudo aquilo que nunca figurou nos meus planos e que, aparentemente, não tinha relação alguma com a linha claramente traçada da minha vida. Desde a infância eu sei, não sei como, que o meu fim é a história da Revolução Russa, e que o resto não me diz inteiramente respeito. Para a compreensão da Revolução Russa há muito tempo que de nada mais necessito além do marxismo: todos os corpos estranhos que se apegaram a mim, cortei-os e voltei-lhes as costas. Mas o destino conduziu-me para junto de Susi, que evoluiu numa esfera absolutamente diferente. Agora, ele me fala com entusiasmo tudo o que é a sua vida, e esse tudo é a Estônia e a democracia. Apesar de nunca antes me ter passado pela cabeça interessar-me pela Estônia, e ainda menos pela democracia burguesa, eu o escuto, escuto os seus relatos apaixonados sobre os vinte anos de liberdade desse pequeno povo laborioso, pouco barulhento, de homens de grande estatura e de um natural lento e sério; escuto-o a expor-me os princípios da constituição estoniana, inspirados na melhor experiência européia, e como ela funcionava no seu Parlamento de uma só Câmara, composta de cem deputados; e sem saber *por que* começo a gostar de tudo isso, tudo isso começa a sedimentar-se na minha experiência [19]. Ponho-me a penetrar com interesse na sua história trágica: entre dois grandes martelos, o teutônico e o eslavo, está exposta desde tempos imemoriais a pequena bigorna estoniana. Sobre ela ambos assestaram as suas pancadas, ora do Oriente, ora do Ocidente, alternadamente, não se vendo um fim para esta alternativa, como não se vê ainda hoje. É conhecida (ou melhor, completamente desconhecida...) a história de como nós quisemos tomá-la irrefletidamente de assalto no ano de 1918, sem que ela o permitisse. Em seguida, Iude-

---

[19] *Susi falará depois de mim nestes termos: "Era uma estranha mistura de marxista e de democrata". Sim, estes dois aspectos uniram-se então em mim de forma extravagante. (N. do A.)*

nitch desprezou os seus habitantes como se fossem finlandeses, e nós os tratamos como bandidos brancos. Quanto aos estudantes da Estônia, inscreveram-se como voluntários. Assestaram-lhe mais pancada em 1940, em 41 e em 44. Uma parte dos filhos desse povo foi apanhada pelo Exército russo, a outra pelo Exército alemão e a restante fugiu para o bosque. Os velhos intelectuais de Tálin discutiam como sair desse maldito círculo, afastar-se de qualquer maneira e viver uma vida própria (por suposição ter Tiif como primeiro-ministro, e como ministro da Educação Nacional, digamos, Susi). Mas nem Churchill nem Roosevelt se preocuparam com eles e, em troca, tiveram a solicitude do "tio Jo" *. Mal as nossas tropas entraram no país, todos esses sonhadores foram colhidos na primeira noite nos seus apartamentos de Tálin. Agora todos eles, uns quinze, se encontram na prisão moscovita da Lubianka, cada um em celas diferentes e acusados, através do artigo 58, do criminoso desejo de autodeterminação.

O regresso à cela constitui sempre uma pequena detenção. Até na nossa cela de luxo o ar parecia pesado, depois do recreio. Ah, como seria bom petiscar algo! Mas não se pode pensar, nem vale a pena pensar nisso! Ai dele, se algum dos que recebiam pacotes de casa, sem qualquer tato, se pusesse a mostrar a sua comida, fora de hora, e começasse a comer. Tanto melhor, isso nos faria aguçar o nosso autodomínio! Ai do autor de um livro se, pregando-lhe uma peça, se põe a descrever pormenorizadamente o sabor da comida! Fora com esse livro! Fora com Gógol! Fora também com Tchékhov, fora! Há neles demasiada comida! "Não tinha fome, mas, de qualquer maneira, foi comendo (o filho da mãe!) uma porção de vitela, e bebeu cerveja." O que é preciso é uma leitura espiritual. Dostoiévski, por exemplo, eis quem os presos devem ler! Mas, permitam-me, esta passagem é dele: "As crianças passavam fome, já há alguns dias nada viam além de pão e *lingüiça*".

Mas a biblioteca é o ornato da Lubianka. É certo que a bibliotecária é algo repulsiva: uma moça loura tipo cavalona, que tudo faz para não parecer bonita, com o seu rosto tão empoado que parece a máscara de uma boneca imóvel, de lábios violáceos e de sobrancelhas negras, depiladas. (Para falar a verdade, isso diz respeito a ela, mas ser-nos-ia mais agradável se nos aparecesse uma jovem vistosa. Talvez o chefe da Lubianka

---

* *Assim Roosevelt chamava Stálin na sua ausência. (O primeiro nome de Stálin era Iossif, José.) (N. do T.)*

tivesse levado tudo isso em conta.) Mas que maravilha: a cada dez dias, vindo buscar os livros, vai satisfazendo os nossos pedidos! Ela escuta com essa mecanização inumana da Lubianka, sem se poder compreender se ouviu bem os nomes e os títulos, ou mesmo as nossas palavras. Depois sai. Nós passamos várias horas entre a inquietação e a alegria. Durante esse tempo são folheados e verificados todos os livros que nos foram entregues: procura-se ver se encontramos picadas ou pontos debaixo das letras (esse é um processo de correspondência dentro da prisão), ou se assinalamos com a unha as passagens de que mais gostamos. Inquietamo-nos com isso, embora não sejamos culpados de nada. Eles podem vir e dizer que foram descobertos pontos, e como sempre terão razão, como sempre não terão necessidade de provas e ficaremos privados durante três meses de livros, se é que não transferem toda a cela para os calabouços. E são estes os melhores e os mais radiosos meses de prisão, enquanto não nos enterram na cova de um campo de trabalho! Como é doloroso ter de passar sem livros! Nós não tememos apenas, estremecemos, tal como na adolescência, ao mandar uma carta de amor e ao esperar a resposta. Virá ou não? E qual será?

Finalmente, trazem os livros, o que condicionará os dez dias que se vão seguir: iremos intensificar mais a leitura ou então, se não têm interesse, devolvemo-los, passando a falar mais. Trazer tantos livros quantas pessoas há na cela é o cálculo de um cortador de pão, e não de uma bibliotecária: não um para cada, mas seis para seis. As celas onde há muitos presos é que ganham com isso.

Às vezes a bibliotecária cumpre os nossos pedidos maravilhosamente! Mas outras, desdenha-os e, contudo, isso torna-se interessante. Porque a própria biblioteca da Lubianka é única no gênero. Certamente os livros provêm de bibliotecas particulares apreendidas; bibliófilos que os colecionaram já entregaram a alma a Deus. Mas o principal é que, tendo censurado e castrado em geral durante décadas todas as bibliotecas do país, a Segurança do Estado se esqueceu de fazer isso no seu próprio seio: e, aqui, seu covil, podia-se ler Zamiátin, Pílniak, Panteléimon Románov e qualquer volume de Merejkóvski. (Alguns pilheriavam, dizendo: "Consideram-nos acabados, é por isso que nos dão para ler o que é proibido". Eu penso que as bibliotecárias da Lubianka não tinham idéia do que nos emprestavam: tratava-se de preguiça e de ignorância.)

Nas horas que precedem às refeições lê-se muito. Mas uma frase pode fazer você saltar, correr da janela para a porta, da

porta para a janela. Você sente desejo de mostrar a alguém o que leu, o que daí se depreende, e surge uma discussão. As discussões são também agudas, nesse tempo!

Freqüentemente enredávamo-nos em discussões, eu e Iúri E.

Naquela manhã de março, quando nos transferiram os cinco da cela para o palácio número 53, colocaram ali conosco um sexto preso.

Ele entrou como uma sombra, sem tocar com as botas no chão. Entrou, mas, inseguro de poder suster-se de pé, apoiou as costas contra a coluna da porta. Na cela já não estava acesa a lâmpada, e a luz matinal era nebulosa; entretanto, o novato não olhava com os olhos abertos, semicerrando-os. E não dizia palavra.

O tecido do seu casaco militar e das suas calças não permitia incluí-lo nem no Exército soviético, nem no alemão, nem no polaco, nem no inglês. A forma do seu rosto era alongada e pouco tinha de russo. E que magro estava! De tão esguio, parecia mais alto.

Fizeram-lhe perguntas em russo, mas não respondeu. Susi interrogou-o em alemão: tampouco respondeu. Dirigiu-se em seguida a ele em inglês, manteve-se calado. Gradualmente, no seu rosto amarelado e extenuado de semicadáver foi despontando um sorriso, um sorriso como nunca tinha visto em toda a minha vida!

"Gen-te" — pronunciou, como se voltasse a si mesmo depois de um desmaio ou como se tivesse passado a noite à espera do fuzilamento. E estendeu a sua débil e esquálida mão. Nela segurava uma pequena trouxa. O nosso dedo-duro tinha já compreendido do que se tratava, apressou-se a agarrá-la e desatou-a sobre a mesa. Havia ali uns duzentos gramas de tabaco, e ele enrolou-o logo num cigarro de grande tamanho para si.

Foi assim que apareceu entre nós Iúri Nikoláievitch E., depois de ter sido mantido durante três semanas num calabouço subterrâneo.

Durante o período das escaramuças nas Estradas de Ferro da China Oriental, em 1929, cantava-se em todo o país a canção:

Varrendo com o seu peito de aço os inimigos
A 27 monta a guarda.

O comandante da artilharia da Divisão 27 de Atiradores, constituída ainda no tempo da guerra civil, era o oficial do

antigo Exército czarista, Nikolái E. (eu me recordava deste nome; tinha-o visto entre os autores do nosso Manual de Artilharia). Num vagão de mercadorias da linha de transporte de passageiros, ele percorria, com sua inseparável esposa, o Volga e o Ural, ora para leste, ora para oeste. Nesse vagão passou os seus primeiros anos igualmente o seu filho Iúri, nascido em 1917, contemporâneo da Revolução.

Desde essa época longínqua do seu país, radicou-se na Academia de Leningrado, onde vivia desafogadamente e como uma personalidade importante, tendo o seu filho terminado a escola preparatória de oficiais. Durante a guerra finlandesa, quando Iúri ardia no desejo de lutar pela pátria, os amigos do pai enviaram-no como ajudante para o Estado-Maior do Exército. Iúri não teve oportunidade de arrastar-se até as fortificações finlandesas, nem de cair dentro do cerco da contra-espionagem, nem de enregelar-se na neve sob as balas dos franco-atiradores. Mas a Ordem da Bandeira Vermelha — não qualquer outra! — veio cair-lhe delicadamente no peito. Assim terminou a guerra finlandesa com a consciência de nela ter tido um comportamento justo e útil.

Mas não pôde passar tão bem a guerra seguinte. A bateria que estava sob o seu comando viu-se cercada na zona de Luga. Andaram à deriva, caçaram-nos e aprisionaram-nos. Iúri foi parar no campo de concentração alemão dos oficiais na zona de Vílnius.

Na vida de cada um há sempre um acontecimento que se torna decisivo para o seu destino, para as suas convicções e as suas paixões. Os dois anos que passou nesse campo abalaram Iúri. O que era esse campo não seria possível exprimi-lo com simples palavras, nem analisá-lo com silogismos: era um campo aonde se ia para morrer, e quem não morria devia tirar certas conclusões.

Quem podia sobreviver eram os *ordners,* polícias internos do campo, recrutados entre os nossos. Como se compreende, Iúri não se tornou *ordner.* Podiam sobreviver ainda os cozinheiros e também os intérpretes; esses eram procurados. Ele, que dominava perfeitamente o alemão, ocultou tal fato. Viu logo que, enquanto intérprete, teria de entregar os seus. Podia adiar a sua morte abrindo covas, mas havia outros mais fortes e mais habilidosos do que ele. Iúri declarou que era pintor. Efetivamente, no âmbito da sua educação multiforme, recebera lições de pintura, e não pintava mal a óleo. Só o

desejo de seguir a carreira do pai, de que sentia orgulho, o impediu de freqüentar a escola de belas-artes.

Juntamente com um velho pintor (lamento não recordar o seu nome), levaram-no para uma cabina isolada numa barraca, e ali Iúri pintava de graça para os comandantes alemães uma série de quadros: o banquete de Nero, um coro de elfos. Em troca, levavam-lhe comida. Aquela beberagem pela qual os oficiais prisioneiros faziam fila, com as suas marmitas, às seis da manhã, enquanto os *ordners* lhes batiam com paus e os cozinheiros com seus colherões. Beberagem essa que era insuficiente para manter um homem com vida. À tarde, Iúri, da janela da cabina, visualizava o único quadro para o qual lhe dera vocação a arte do pincel: a névoa pairando sobre o prado junto do pântano, o prado cercado de arame farpado, com um sem-número de fogueiras ardendo, e à volta das fogueiras o que restava dos antigos oficiais russos: seres agora semelhantes a feras, roendo os ossos de cavalos mortos, fazendo bolachas de cascas de batata, fumando esterco e remexendo-se todos devido aos piolhos. Nem todos esses bípedes tinham ainda morrido. Nem todos tinham perdido ainda o dom do discurso coerente e, sob os reflexos purpúreos das fogueiras, via-se como uma inteligência tardia despontava naqueles rostos que remontavam ao homem de Neanderthal.

A boca tornava-se amarga! A vida que Iúri conservava já nem lhe era desejada em si mesma. Ele não é daqueles que aceitam facilmente esquecer. Não, há de sobreviver e tirar conclusões.

Já todos eles sabem que a questão não depende dos alemães, ou apenas dos alemães, e que entre os prisioneiros de numerosas nacionalidades só os soviéticos vivem e morrem assim: ninguém tem uma situação pior. Os polacos e os iugoslavos, inclusive, são tratados de modo muito mais suportável. Quanto aos ingleses e aos noruegueses, estão inundados de pacotes da Cruz Vermelha Internacional e enviados pela família, não indo simplesmente receber o racionamento alemão. Se os acampamentos ficam ao lado uns dos outros, os Aliados, por bondade, arremessam-nos esmolas através do arame farpado, e os nossos lançam-se a elas como sete cães a um osso.

São os russos que suportam toda a guerra, são os russos que têm esse destino. Por quê?

Daqui e dali vão chegando as explicações: a URSS não reconhece a Conferência de Haia sobre os prisioneiros de guerra, assinada pela Rússia, isto é, não assume nenhuma obrigação quanto

ao tratamento dos prisioneiros e não pretende defender os seus que caíram no cativeiro[20]. A URSS não reconhece a Cruz Vermelha Internacional. A URSS não reconhece os seus soldados de ontem: não lhe convém prestar-lhes ajuda no cativeiro.

O coração do nosso contemporâneo entusiasta da Revolução de Outubro gela-se. Ali, na cabina da barraca, entra em conflito e discute com o velho pintor (até então, Iúri tinha dificuldade em admitir aquilo, mas o velho ia pondo a verdade a nu, camada após camada). O quê? Stálin? Não será exagerado atribuir tudo a Stálin, às suas mãos tão curtas? Todo aquele que só tira meias conclusões não tira geralmente conclusão nenhuma. E os outros? Os que cercavam Stálin, os que planavam mais abaixo, e os que, distribuídos por toda a pátria, tinham permissão de falar em seu nome?

E como se há de reagir com justiça quando a nossa mãe nos vendeu aos ciganos, ou, pior ainda, nos atirou aos cães? Acaso continua a ser mãe? Se a nossa mulher anda correndo as ruas, acaso estamos ligados ainda a ela por fidelidade? A pátria que traiu os seus soldados é porventura uma pátria?

...Como tudo se transformou para Iúri! Ele admirava o pai — e passou a amaldiçoá-lo. Pela primeira vez, pensou que ele tinha traído, na realidade, o juramento do Exército em que se criara, e isso para estabelecer este mesmo regime, que traía agora os seus próprios soldados. E por que é que o juramento de Iúri o devia vincular a um regime assim traidor?

Quando, na primavera de 1943, chegaram ao campo os recrutadores das primeiras "legiões" bielo-russas, um ou outro alistou-se para se salvar da fome. Mas E. fê-lo com firmeza e lucidez. Não se demorou muito tempo na legião: quando lhe arrancaram a pele, não há por que chorar pela lã. Iúri deixou de ocultar o seu conhecimento da língua germânica, e logo um certo *chefe* alemão, dos arredores de Kassem, que tinha sido designado para criar uma escola de espiões de formação acelerada, o recrutou como seu braço direito. Assim começou um deslize que Iúri não tinha previsto, assim se foi operando uma mudança. Iúri ardia no desejo de libertar a sua pátria e puse-

---

20 *Só em 1955 reconhecemos esta conferência. De resto, já em 1915 Mélgunov nota no seu diário que corre o* boato *de que a Rússia não permite que se preste ajuda aos seus soldados prisioneiros na Alemanha, e que eles vivem pior que todos os outros prisioneiros aliados. Isso para que não haja* boatos *sobre a boa vida dos prisioneiros e estes não se entreguem tão gostosamente. Há certa continuidade de idéias. (S. P. Mélgunov,* Recordações e diários, *volume I, Paris, 1964, páginas 199 e 203.) (N. do A.)*

ram-no a preparar espiões alemães para combater os seus. Onde estava o limite?... A partir de que momento não se pode ir demasiado longe? Iúri passou a ser tenente do Exército alemão. Fardado de alemão, ele percorria toda a Alemanha, ia a Berlim, visitava os emigrados russos, lia os livros que antes não lhe eram acessíveis: Búnin, Nabokov, Aldanov, Amfiteátrov... Iúri esperava que em todos eles, em Búnin, por exemplo, brotasse a cada página o sangue das feridas vivas da Rússia. Mas o que é que sucedia? Em que dilapidavam eles a sua inapreciável liberdade? Uma vez mais, descrições do corpo feminino, da explosão das paixões, do pôr do sol, da beleza das cabeças nobres, bem como anedotas já gastas dos anos longínquos. Eles escreviam como se nenhuma revolução se tivesse verificado na Rússia ou como se fosse já demasiado inacessível a eles explicá-la. Deixavam aos jovens o cuidado de se orientar na vida. Assim se agitava Iúri: tinha ânsia de ver, de conhecer e, entrementes, segundo a tradição russa, afogava cada vez mais a sua confusão no vodca.

O que era aquela escola de espionagem? Nada tinha de uma escola verdadeira, naturalmente. Em seis meses só lhes puderam ensinar a dominar o pára-quedas, a fazer uso de explosivos e a transmitir mensagens pelo rádio. Não confiavam muito neles, porém. Lançavam-nos a pretexto de insuflar ânimo. Mas para os moribundos prisioneiros de guerra russos, abandonados sem esperança, essas escolazinhas, na opinião de Iúri, eram uma boa saída: os rapazes comiam, vestiam roupas novas, e ainda por cima recheavam os bolsos de dinheiro soviético. Tanto os alunos como os professores fingiam que tudo se passaria como o previsto: que na retaguarda soviética fariam espionagem, dinamitariam os objetivos designados, estabeleceriam ligações pelo código do rádio e regressariam outra vez. No entanto, através dessa escola eles queriam simplesmente escapar à morte e ao cativeiro, desejando ficar vivos, mas não ao preço de dispararem contra os seus na frente[21]. Faziam-nos passar a linha de frente, e logo adiante a liberdade de escolha dependia do seu caráter e da sua consciência. Imediatamente todos aban-

---

21 *Naturalmente, os nossos investigadores não admitiam tais razões. Que direito tinham eles de viver, quando as famílias dos privilegiados, na retaguarda soviética, mesmo sem isso viviam bem? Não se lhes reconheceu nenhuma atenuante pelo fato de se recusarem a pegar na carabina alemã. Devido ao seu falso jogo de espionagem, aplicaram-lhes o grave artigo 58-6, com a agravante da intenção de diversionismo. Isto significava guardá-los na cadeia até a morte. (N. do A.)*

donavam os explosivos e o rádio. A diferença consistia apenas nisto: uns entregavam-se sem mais às autoridades (como este "espião" de nariz chato, encontrado no serviço de contra-espionagem do Exército), outros iam para a farra com o dinheiro. Nunca nenhum deles voltou atrás, através da frente, para entregar-se novamente aos alemães.

Mas um belo dia, no Ano Novo de 1945, um rapaz regressou, informando que tinha realizado a tarefa (fossem lá verificá-lo!). Era fato invulgar. O chefe não teve dúvidas de que ele tinha sido enviado pela contra-espionagem Smerch e decidiu fuzilá-lo (é esse o destino de um espião escrupuloso!). Mas Iúri insistiu em que, pelo contrário, era necessário condecorá-lo e apresentá-lo aos alunos. Ora, o espião acabado de regressar propôs a Iúri que fossem beber uns copos e, todo corado, inclinando-se para a mesa, segredou-lhe: "Iúri Nikoláievitch! O comando soviético promete-lhe o perdão se você se passar agora para nós".

Iúri estremeceu. O seu coração já endurecido, que a tudo tinha renunciado, encheu-se de calor. A pátria? Era maldita, injusta, mas de todas as maneiras querida! Concediam-lhe o perdão?... E poderia regressar à família? E passear por Kamennoostrovski? Pois bem, realmente somos russos! Se nos perdoam, voltaremos e hão de ver como ainda seremos bons cidadãos!... Esse ano e meio passado desde que saíra do campo não proporcionara a felicidade a Iúri. Ele não se arrependia, mas não via nenhum futuro diante de si. Reunindo-se, para beber vodca, com outros russos, tão falhos de arrependimento como ele, sentiam todos claramente que lhes faltava um ponto de apoio, que de todas as maneiras a vida deles era falsa. Os alemães os manejavam como queriam. Agora que a guerra estava abertamente perdida para eles, tinha aparecido a Iúri uma saída: o chefe gostava dele e disse-lhe que possuía uma propriedade na Espanha, para onde, logo que o império ardesse, eles escapariam os dois. E eis que, sentado diante dele, estava um compatriota embriagado, e, arriscando a vida ele próprio, o tentava através da mesa: "Iúri Nikoláievitch? O comando soviético aprecia a sua experiência e os seus conhecimentos e quer utilizá-los para conhecer a organização da contra-espionagem alemã..."

As vacilações roeram E. durante duas semanas. Mas quando, depois da ofensiva soviética para lá do Vístula, devia transferir a sua escola para o interior, ele ordenou que dessem a volta por uma tranqüila granja polaca, mandou formar os alunos da escola e declarou: "Eu passo para o lado soviético!

Cada um é livre de escolher!" E estes inexperientes aprendizes de espiões, ainda com leite no nariz, que uma hora antes eram leais ao Reich alemão, bradaram entusiasmados: "Hurra! Também nó... ó...ós!" (Eles saudavam os seus futuros trabalhos forçados...)

Então, a sua escola de espionagem ocultou-se até a chegada dos tanques soviéticos e depois veio a contra-espionagem Smerch. Iúri não voltou a ver os seus rapazes. Isolaram-no durante dez dias e obrigaram-no a descrever toda a história da escola, os programas, as tarefas diversionistas. Ele pensava realmente que a sua "experiência e conhecimentos"... que se discutia mesmo o problema da sua ida a casa, para visitar a família.

E só na Lubianka ele compreendeu que mesmo em Salamanca estaria mais perto do rio Nievá... Podia ficar aguardando o fuzilamento, ou então uma sentença de vinte anos.

A esfumada imagem da terra pátria faz com que uma pessoa se deixe enganar irremediavelmente... Assim como um dente não cessa de doer enquanto não se tratar o seu nervo, também nós, evidentemente, não deixamos de sentir o apelo da pátria até ao dia em que engolimos o arsênico. Os lotófagos da *Odisséia* conheciam certa flor de lótus, apropriada para isso...

Iúri esteve três semanas na nossa cela. Durante todo esse tempo discutimos com ele. Eu dizia que a nossa Revolução era magnífica e justa e que apenas tinha sido horrível a sua deformação em 1929. Ele me olhava com pena e mordia os lábios nervoso: antes de empreender a Revolução devia-se ter limpado o país dos percevejos! (Nisto, havia estranhamente uma certa coincidência com Fastenko, embora procedessem de pontos de partida diferentes.) Eu dizia que durante longo tempo só pessoas de intenções sublimes e totalmente abnegadas tinham dirigido as questões importantes no nosso país. Ele afirmava que eram da mesma têmpera de Stálin, desde o começo. (Sobre o fato de que Stálin era um bandido não divergíamos.) Eu tinha uma grande estima por Górki. Que espírito tão lúcido! Que concepções tão justas! Que notável artista! Ele me interrompia: era uma personalidade insignificante e aborrecida! Ele inventou a si mesmo, da mesma forma que inventou os seus heróis. Todos os seus livros são inventados do começo ao fim. Liev Tolstói, esse sim, é o rei da nossa literatura!

Por causa dessas discussões diárias, acaloradas devido à

nossa juventude, não soubemos aproximar-nos e observar-nos mais, em vez de nos negarmos um ao outro.

Levaram-no da cela e desde então, por mais que tenha perguntado, ninguém me soube dar notícias dele na cadeia de Butirki e ninguém o encontrou nos cárceres de trânsito. Até os soldados rasos de Vlássov desapareceram sem deixar vestígios (provavelmènte debaixo da terra), e até agora alguns deles não possuem documentos para sair dos recônditos cantos do norte. O destino de Iúri E. não era o de um soldado raso.

Finalmente, chegou a comida da prisão. Muito antes, ouvíamos o alegre tilintar no corredor, depois traziam-nos, no estilo de restaurante, uma travessa para cada um, com dois pratos de alumínio (não havia tigelas): uma colherada de sopa e outra de papas aguadas e sem gordura.

Durante as primeiras emoções, ao acusado nada lhe entra pela garganta. Alguns, durante dias, não tocam no pão e não sabem onde metê-lo. Mas o apetite, gradualmente, vai regressando, e depois a sensação de fome permanente conduz à avidez. Com o tempo, se a gente consegue moderar-se, adapta-se à frugalidade e a pouca alimentação que aqui nos dão consegue chegar a ser suficiente. Para isso é necessária uma autoeducação: perder o hábito de olhar de soslaio para quem come algo mais, pôr de parte as conversas sobre a comida, habituais nas prisões mas perigosas para o estômago, elevando-se o mais possível às altas esferas. Na Lubianka isto é facilitado pela licença de ficar deitado duas horas depois do almoço, o que é ainda algo que lembra a maravilha de uma casa de repouso. Deitamo-nos de costas voltadas para a fenda da porta, abrimos um livro para disfarçar e dormitamos. Propriamente falando, é proibido dormir, e os guardas espreitam com insistência para ver se voltamos as folhas do livro, mas habitualmente a estas horas não costumam bater na porta. (A explicação deste humanitarismo reside no fato de que aqueles que estão proibidos de descansar se encontram nessa altura no interrogatório diurno. Para os teimosos, que não assinam os autos e não reconhecem as culpas, o contraste é maior: quando regressam, a hora de descanso já está findando.)

O sono é o melhor remédio contra a fome e contra a depressão: o organismo não se desgasta e o cérebro não faz passar e repassar os erros cometidos.

Entretanto, chega a hora do jantar: mais outra colherada de papas. A vida apressa-se a oferecer a você todos os seus dons.

Agora, faltam de cinco a seis horas até o aviso do silêncio e você nada leva à boca, mas isso já não é tão terrível: é fácil acostumar-se a não desejar comer de noite — processo desde há muito conhecido pela medicina militar: nos regimentos de reserva também não dão de comer à noite.

Então aproxima-se a hora de ir à latrina, pela qual é provável que você tenha esperado e estremecido todo o dia. Que aliviado fica de repente todo mundo! Como de repente se simplificam todos os grandes problemas. Já notaram isso, não é verdade?

Ah! As noites imponderáveis da Lubianka! (Contudo, imponderáveis somente se não o aguarda o interrogatório noturno...) É como se o corpo não tivesse peso, satisfeito com as papas na exata medida que permita à alma deixar de sentir a sua opressão. Que leves e livres pensamentos! Parece que nos elevamos até as alturas do Sinai, e que ali, dentre as chamas, nos surge a aparição da verdade. Sim, devia ser com isto que sonhava Púchkin:

Quero viver, para pensar e sofrer!

E nós sofremos e pensamos, mas nada mais há na nossa vida. Que fácil se tornou atingir esse ideal...

Naturalmente, discutimos à noite, distraindo-nos na partida de xadrez com Susi e com os livros. Entramos de novo mais fogosamente em choque com E., pois os problemas são mais explosivos: por exemplo, a questão do fim da guerra. E eis que o guarda entra na cela, sem palavras e sem expressão, baixando a cortina azul de camuflagem da janela. Agora, por trás da cortina, a Moscou noturna começa a disparar salvas de artilharia *. Não vemos o fogo no céu, como não vemos o mapa da Europa, mas tentamos imaginá-lo nos seus pormenores, adivinhando quais as cidades tomadas. Iúri, particularmente, fica furioso com essas salvas. Invocando o destino para corrigir os erros por ele cometidos, afirma que a guerra não acaba de modo algum, que é agora que o Exército Vermelho e os anglo-americanos vão atirar-se uns contra os outros, e só então começará a verdadeira guerra. A cela manifesta um ávido interesse por esse presságio. E como terminará? Iúri assegura que com uma ligeira derrota do Exército Vermelho (e portanto com a nossa libertação ou o nosso fuzilamento). Aqui eu protesto e

---

* *Estas salvas destinavam-se a comemorar as vitórias do Exército soviético, sendo por vezes acompanhadas de fogos de artifício. (N. do T.)*

discutimos furiosamente. Os seus argumentos consistem em que o nosso Exército está deveras extenuado, sangrado, mal abastecido, e sobretudo que contra os Aliados já não combaterá com tal firmeza. Pelo exemplo das unidades que conheço, eu afirmo que o Exército não se encontra tão extenuado assim, que acumulou experiência e que atualmente está repleto de força e de fúria, indo nessa hipótese despedaçar os Aliados melhor ainda do que aos alemães. "Nunca!", grita (mas em tom de murmúrio) Iúri. "E as Ardenas?", grito eu (também semimurmurando). Fastenko intervém, ridicularizando-nos, dizendo que não compreendemos o Ocidente, que não há quem obrigue agora as tropas aliadas a lutar contra nós.

E todavia, à noite, sentimos menos desejo de discutir do que de ouvir algo de interessante e até de conciliador, falando todos cordatamente.

Um dos temas preferidos na prisão é a conversa sobre as tradições carcerárias, sobre *como eram as coisas antes.*

Fastenko encontra-se entre nós e por isso ouvimos esses relatos de primeira fonte. O que mais nos comove é que antes ser preso político era um motivo de orgulho. Não somente as famílias não renegavam o preso, como também muitas jovens desconhecidas, fazendo-se passar por noivas, conseguiam fazer-lhe visitas. E a velha e universal tradição do envio de embrulhos nas festas? Ninguém na Rússia começava a festejar a Páscoa sem levar pacotes a desconhecidos presos, destinados ao consumo na prisão. Eram presuntos de Natal, pastéis de massa, empadões. Qualquer pobre velhota levava uma dezena de ovos pintados, partindo com o coração mais aliviado. Onde desapareceu esta bondade russa? Foi substituída pela *consciência política.* Que transformação brusca e irrevogável aterrorizou assim o nosso povo, ao ponto de o desabituar de manifestar o seu desvelo pelos que sofrem? Agora isso seria considerado como algo de desvairado. Que se tente propor em qualquer instituição uma angariação de fundos para a festa dos presos da cadeia local! Isso será tomado quase como uma insurreição anti-soviética! Até que grau chegou a nossa ferocidade!

E que representavam esses presentes festivos para os presos? Acaso só uma comida saborosa? Não. Eles traduziam o cálido sentimento de que os que estavam em liberdade pensavam neles, preocupavam-se com eles.

Fastenko conta-nos que mesmo no período soviético existiu a Cruz Vermelha Política. Já não digo que seja impossível para nós acreditar nisso, mas torna-se-nos difícil imaginá-

lo. Ele explica-nos que E. P. Pechkova *, utilizando a sua imunidade pessoal, viajava ao estrangeiro, angariava dinheiro (em nosso país não poderia angariar muito), sendo depois comprados aqui artigos para os presos políticos que não tinham família. Para todos os políticos? Aqui cumpria esclarecer: não, não para os contra-revolucionários (por exemplo, os engenheiros, os religiosos), mas só para os antigos membros de partidos políticos. Ah! bom! Era preciso tê-lo dito!... Mas, de resto, a própria Cruz Vermelha, à exceção de E. P. Pechkova, foi encarcerada...

Outro tema de que é agradável falar à noite, quando não se está à espera de um interrogatório, é a libertação. Sim, diz-se que se verificam casos surpreendentes quando alguém é libertado. Levaram da nossa cela Z., "com os seus objetos pessoais". Teria ele ficado de um momento para o outro em liberdade? A formação do processo não podia terminar tão depressa. (Dez dias depois, ei-lo que regressa: levaram-no para Lefortovo. Aí, pelo visto, ele começou rapidamente a *assinar,* e trouxeram-no outra vez para cá.) "Se acaso o puserem em liberdade — escute, o seu caso, você mesmo o diz, é uma bagatela —, então prometa-me que irá ver a minha mulher, e como prova disso ela que me mande num pacote, digamos, duas maçãs..." "Agora não há maçãs em parte nenhuma." "Então três biscoitos." "Pode suceder que não haja biscoitos em Moscou." "Bom, então servem quatro batatas." (Fato extraordinário e admirável: levaram efetivamente N. e, como fora combinado, M. recebeu quatro batatas! Isso prova que foi libertado. "Ora, o seu caso é muito mais sério do que o meu, pode ser que também me soltem depressa..." Mas aconteceu simplesmente que a mulher de M. deixou cair a quinta batata da bolsa, enquanto N. já se encontra no porão do barco que segue rumo a Kolimá.)

Assim vamos conversando sobre toda a espécie de coisas, recordamos casos divertidos, e você se sente bem e alegre entre pessoas interessantes que não faziam parte da sua vida, que não faziam parte do seu círculo de preocupações. E, entretanto, já passou a silenciosa ronda noturna, levaram os óculos e a lâmpada deu sinal três vezes. Isso significa que dentro de cinco minutos será dado o toque de silêncio!

Depressa, depressa, agarremos a manta! Assim como na frente você não sabe se uma rajada de projéteis vai se abater sobre você de um minuto para o outro, não podemos saber também aqui qual é a nossa noite fatal de interrogatório. Deita-

---

* *Primeira mulher de Górki. (N. do T.)*

mo-nos, pomos um braço por cima da manta e esforçamo-nos por afugentar os pensamentos da cabeça. Dormir!

Foi num momento assim de uma noite de abril, pouco depois de nos termos despedido de E., que se ouviu o ruído da fechadura. Os corações oprimiram-se: quem irão levar? Agora o guarda vai dizer: "Quem começa por *S!*", "quem começa por *Z!*" Mas o guarda não abriu a boca. A porta descerrou-se. Levantamos as cabeças. À entrada estava um novato: magrinho, jovem, com uma roupa azul e um boné azul-escuro. Nada trazia consigo. Olhava, confuso, à sua volta.

— Qual é o número desta cela? — perguntou inquieto.

— Cinqüenta e três.

Ele estremeceu.

— Você vem da rua? — perguntamos.

— Não... — abanou com ar sofredor a cabeça.

— Quando você foi preso?

— Ontem de manhã.

Rimos às gargalhadas. Ele tinha um rosto simplório, suave, com as pestanas quase brancas.

— E por quê?

(É uma pergunta pouco honesta, de que não há que esperar resposta.)

— Não sei... Uma ninharia...

Todos respondem assim, todos estão presos devido a uma ninharia. E sobretudo ninharia para o próprio acusado.

— Mas, no entanto?

— Escrevi um apelo. Ao povo russo.

— O quê-ê-ê??? ("Ninharias" dessas ainda não tínhamos encontrado!)

— Irão fuzilar-me? — perguntou ele, alongando o rosto. E apertava entre as mãos a pala do boné que tinha tirado.

— Não, provavelmente não — tranqüilizamo-lo. — Agora não fuzilam ninguém. Você pegará uns *dez anos,* com certeza.

— É operário? Empregado? — perguntou o social-democrata, fiel ao princípio de classe.

— Operário.

Fastenko estendeu a mão e, solenemente, disse, voltando-se para mim:

— Aí tem, A. I., o estado de espírito da classe operária!

E voltou-se para o outro lado, disposto a dormir, supondo que não era necessário ir mais longe nem havia mais que escutar.

Mas enganou-se.

— Como isso, um apelo, assim sem mais nem menos? Em nome de quem?

— Em meu próprio nome.

— Mas quem é você?

O novato sorriu, como se se sentisse culpado: — O Imperador Mikhail.

Uma faísca saltou entre nós. Levantamo-nos ainda nas camas e olhamos para ele. O seu rosto magro e tímido não tinha qualquer parecença com o rosto de Mikhail Románov. Nem a idade...

— Amanhã, amanhã, agora é preciso dormir! — disse severamente Susi.

Dormimos gozando antecipadamente a certeza de que as duas primeiras horas da manhã, antes da distribuição do pão, não iam ser aborrecidas.

Trouxeram também ao imperador uma cama, um colchão, e ele deitou-se em silêncio, perto do balde da latrina.

No ano de 1916 entrou na casa de Biélov, maquinista de locomotivas em Moscou, um velho corpulento e desconhecido de barba ruiva, e dirigiu-se à devota esposa: "Pelaguéia! Tu tens um filho de um ano. Guarda-o para Deus. Quando soar a hora, voltarei de novo". E saiu.

Quem fosse esse velho, Pelaguéia não o sabia, mas ele falou de forma tão clara e ameaçadora que as suas palavras venceram o coração maternal. E cuidou dessa criança mais do que à menina dos seus olhos. Viktor cresceu sossegado, obediente, devoto, tendo freqüentemente aparições de anjos e da Virgem. Depois as visões tornaram-se mais espaçadas. O velho não voltou a aparecer. Viktor aprendeu a profissão de motorista; em 1936 assentou praça no Exército e levaram-no para Birobidjan, onde serviu numa companhia motorizada de transporte. Não era muito desembaraçado, mas talvez devido à sua doçura e suavidade, tão impróprias a um motorista, encantou uma das moças recrutadas para o trabalho e atravessou-se no caminho do seu chefe de seção, que a tinha de olho. Nesse período de manobras chegou ali o Marechal Bliúkher, e o motorista deste adoeceu gravemente. Bliúkher ordenou ao chefe da companhia que lhe enviasse o seu melhor motorista; este chamou o chefe da seção, que logo pensou em mandar ao marechal o seu rival Biélov. (No Exército sucede freqüentemente assim: é promovido não aquele que o merece, mas aquele de quem se querem livrar.)

Além disso, Biélov não era bebedor, sendo cumpridor do trabalho, e não o deixaria ficar mal.

Bliúkher gostou de Biélov e ficou com ele. Bem depressa, invocando-se qualquer razão plausível, Bliúkher foi chamado a Moscou (desse modo, antes de proceder à sua detenção, tiraram o marechal do Extremo Oriente, que lhe era fiel) e levou consigo o seu motorista. Depois de ter perdido o seu superior, Biélov ficou na garagem do Krêmlin, começando a conduzir ora Mikháilov (dirigente do Komsomol), ora Lozóvski e alguns outros, e finalmente Khruchov. Foi então que Biélov pôde observar muitas coisas: banquetes, costumes, medidas de segurança (de que nos contou pormenores). Como representante do simples proletariado moscovita, Biélov assistiu então ao processo contra Bukhárin, que teve lugar na Casa dos Sindicatos. Entre todos os seus patrões apenas se referiu com calor a Khruchov, pois só em sua casa o motorista se sentava à mesa da família e não separadamente, na cozinha; nesses anos, só aí ainda se conservava a simplicidade operária. O alegre Khruchov também votou simpatia a Viktor Aleksêievitch, e ao fazer uma viagem em 1938 à Ucrânia convidou-o com insistência a ir com ele. "Não teria deixado Khruchov em toda a minha vida", dizia Viktor Aleksêievitch. Mas algo o reteve em Moscou.

Em 1941, pouco antes do começo da guerra, teve uma pausa no seu trabalho na garagem do governo e, sem a sua proteção, foi mobilizado imediatamente pelo comissariado da guerra. Entretanto, pela sua pouca saúde, não o mandaram para a frente de batalha, mas para um batalhão de trabalho: primeiro enviaram-no a pé a Inza, depois puseram-no a abrir trincheiras e a construir estradas. Depois da vida descuidada e farta que tinha levado nos últimos anos isso foi para ele um golpe doloroso, como se lhe fizessem dar com o focinho em terra. Passou muitas necessidades e amarguras e constatou, olhando à sua volta, que o povo não só não tinha passado a viver melhor do que antes da guerra, como tinha mesmo empobrecido. Esteve quase à morte, conseguindo licenciar-se por doença, e regressou a Moscou, tendo-se novamente aqui empregado: passou a ser o motorista de Cherbakov[22] e a seguir do Comissário do Povo

---

22 *Ele relatava que o obeso Cherbakov, quando chegava ao Sovinformburo (Escritório de Informação), não gostava de ver gente, e assim todos os seus colaboradores sumiam das dependências pelas quais ele devia passar. Resfolegando, devido à sua gordura, ele punha-se de quatro e dava a volta ao tapete. Desgraçado de todo o Sovinformburo se ali descobrisse pó. (N. do A.)*

do Petróleo, Sedin. Mas Sedin fez um desfalque (trinta e cinco milhões, nem mais nem menos), e afastaram-no em silêncio desse cargo. Biélov, sem saber por quê, ficou novamente sem trabalho junto dos chefes. Empregou-se como motorista de uma empresa de transportes e nas horas de folga fazia trabalho ilegal conduzindo passageiros a Krásnaia Pakhrá (bairro moscovita).

Mas os seus pensamentos já estavam fixos noutra coisa. Em 1943, estando um dia em casa da mãe, que tinha ido lavar e buscar água na fonte com os baldes, abriu-se de repente a porta e entrou um velho corpulento e desconhecido, com a barba branca. Benzeu-se em frente ao ícone, olhou com ar severo para Biélov e disse-lhe: "Saúde, Mikhail! Que Deus te abençoe!" "Eu me chamo Viktor", respondeu Biélov. "Mas passarás a ser Mikhail, imperador da Santa Rússia!", insistiu o velho. Nisto entrou a mãe e ficou paralisada de pavor, derramando a água dos baldes: era o mesmo velho que viera vinte e sete anos antes, encanecido, mas ele mesmo. "Que Deus te guarde, Pelaguéia, soubeste conservar o teu filho", acrescentou o velho. E chamou ao lado o futuro imperador, como um patriarca que o instalasse já no trono. Fez então saber ao emocionado jovem que em 1953 haveria uma mudança de poder e que ele seria o imperador de toda a Rússia[23] (eis a razão por que o número 53 da cela tanto o assombrou!), tendo para isso, a partir do ano de 1948, que começar a reunir as suas forças. O velho não lhe ensinou como reunir as forças e saiu. Viktor Alekséievitch não tinha tido tempo de lhe perguntar.

Agora tinha perdido para sempre a tranqüilidade e a simplicidade da vida! Talvez outro qualquer tivesse retrocedido perante uma idéia fora das suas possibilidades, mas Viktor, precisamente, que tivera ocasião de acercar-se dos personagens mais altos, que vira de perto os Mikháilov, os Cherbakov, os Sedin, que escutara o que contavam outros motoristas, tinha ficado convencido de que nada havia neles de extraordinário, antes pelo contrário.

O czar novamente ungido, doce, avisado, sensível como Fiódor Ioannóvitch, o último dos Riúrik, sentiu sobre si o peso do chapéu de Monomakha *. A miséria e a dor do povo que

---

[23] *Com o pequeno erro de ter confundido o motorista com o que era conduzido dentro do automóvel, o profético velho quase não se enganou! (N. do A.)*

* *Atributo dos czares da Moscóvia, desde Ivan, o Terrível. Tornou-se o símbolo do poder, depois de um verso célebre do* Boris Godunov, *de Púchkin. (N. do T.)*

via à sua volta, pelas quais até o momento não se sentira culpado, começavam a pesar agora sobre os seus ombros, e seria ele o responsável se elas se prolongassem. Pareceu-lhe estranho ter que esperar até 1948, e logo no outono desse mesmo ano de 1943 escreveu o seu primeiro manifesto dirigido ao povo russo, que leu a quatro operários da garagem do Comissariado do Petróleo...

...Desde a manhã rodeamos Viktor Aleksêievitch, que nos contou isto tudo resumidamente. Nós ainda não tínhamos percebido a sua simplicidade infantil, estávamos absorvidos pelo seu invulgar relato, e — a culpa foi nossa! — não tivemos tempo de o avisar acerca do dedo-duro. Tampouco nos passou pela cabeça que tudo o que ele ingenuamente tinha contado não era ainda do conhecimento do comissário de instrução! Depois de terminado o relato, Kramarenko começou a pedir "para ir ao chefe da prisão pedir tabaco", ou ao médico, mas o que é certo é que bem depressa o chamaram. E ele denunciou esses quatro operários do Comissariado do Petróleo, sobre os quais ninguém nunca saberia nada... (No dia seguinte, após o interrogatório, Biélov assombrou-se de como é que o comissário podia tê-los conhecido. Foi aqui que nós nos apercebemos...) ...Os operários do Comissariado do Petróleo tinham lido o manifesto, estiveram de acordo — e *nenhum denunciou* o imperador! Mas ele próprio compreendera que era cedo! que era cedo demais! E tinha queimado o manifesto.

Um ano se passara. Viktor Aleksêievitch trabalhava como mecânico na garagem de uma empresa de transporte. No outono de 1944, escreveu novamente um manifesto e distribuiu-o a *dez* pessoas, motoristas e serralheiros. Todos estiveram de acordo! *e nenhum o entregou!* (Tratando-se de dez pessoas, não haver uma que o fizesse, naqueles tempos de denúncias, era um fenômeno raro! Fastenko não se tinha enganado nas suas conclusões quanto ao "estado de espírito da classe operária".) É certo que o imperador lançava mão de ingênuos subterfúgios: fazia alusões insinuando que tinha uma forte mão no governo que o apoiava e prometendo aos seus partidários missões de serviço para unificação das forças monárquicas no interior do país.

Decorreram meses. O imperador abriu-se a duas moças da mesma garagem. Aqui o caso já não caiu em saco sem fundo. As moças estavam ideologicamente à altura! E logo o coração de Viktor Aleksêievitch se oprimiu, farejando desgraça. No domingo depois da Anunciação, quando caminhava pelo mercado, levando o manifesto consigo, um velho operário, que era um dos

seus correligionários, encontrou-o e disse-lhe: "Viktor, você devia queimar por enquanto esse papel, não acha?" E Viktor sentiu com acuidade que o tinha escrito demasiado cedo! "Vou agora mesmo queimá-lo, você tem razão." E dirigiu-se para casa. Mas dois jovens simpáticos abordaram-no ali mesmo, no mercado: "Viktor Aleksêievitch! Venha conosco!" E num automóvel ligeiro levaram-no para a Lubianka. Aqui, foram tão precipitados que não o revistaram, conforme o ritual costumeiro, e houve um momento em que o imperador quase chegou a destruir o seu manifesto, na latrina. Mas pensou que assim o pressionariam ainda mais: aonde, aonde é que iam levá-lo? Fizeram-no subir imediatamente no elevador, levando-o perante um general e um coronel, e o general arrebatou-lhe, com a sua própria mão, o manifesto do seu bolso abarrotado.

Entretanto, bastou um só interrogatório para que a Grande Lubianka ficasse sossegada: constataram nada haver de terrível. Fizeram dez detenções na garagem da empresa de transporte e quatro na do Comissariado do Petróleo. Entregaram logo o processo ao coronel e este riu-se ao analisar o apelo:

— Sua Majestade escreveu aqui: "Darei instruções ao meu ministro da Agricultura para que na primavera dissolva os *kolkhozes*". Mas como vai dividir o inventário agrícola? Isto não foi previsto... Depois escreveu: "Intensificarei a construção de moradias e alojarei cada pessoa perto do seu lugar de trabalho... aumentarei os salários dos operários..." E com que dinheiro, Sua Majestade? Veja, o dinheirinho tem de ser impresso a máquina! visto que quer suprimir *os empréstimos!*... "Varrerei o Krêmlin da face da terra." Mas onde vai instalar o seu governo? Servir-lhe-ia, por exemplo, o edifício da Grande Lubianka? Não deseja ir visitá-lo?...

Os jovens comissários vieram também para se rir do imperador de toda a Rússia. Além da piada, nada mais constataram de importante.

Nós mesmos, na cela, nem sempre podíamos conter o riso. "Não se esquecerá de nós em 1953, espero", dizia Z. piscando-nos o olho.

Todos se riam dele...

Viktor Aleksêievitch, simplório, de sobrancelhas brancas e com calos nas mãos, ao receber as batatas cozidas de sua infeliz mãe Pelaguéia, oferecia-as a nós sem distinguir o *teu* e o *meu:* "Comam, comam, camaradas..."

E sorria com timidez. Ele compreendia perfeitamente como

era ridículo e fora de tempo ser imperador de toda a Rússia. Mas que fazer, se a eleição do Senhor se tinha detido nele?!

Bem depressa o levaram da nossa cela[24].

Nas vésperas do 1.º de Maio tiraram a camuflagem das janelas. A guerra, pelo visto, acabara.

Aquela tarde na Lubianka estava tranqüila como nunca, era quase como um segundo dia de Páscoa: as festas entrecruzavam-se. Todos os comissários passeavam por Moscou, não tendo chamado ninguém para interrogatórios. No meio do silêncio ouviu-se no entanto alguém protestar contra alguma coisa. Levaram-no da cela para a masmorra (pelo ouvido determinávamos a disposição de todas as portas) e espancaram-no durante longo tempo. Por entre o ameaçador silêncio ouvia-se nitidamente cada arrochada no corpo mole e na boca engasgada.

No dia 2 de maio dispararam trinta salvas, o que significava tratar-se de uma capital européia tomada. Havia ainda duas por tomar: Praga e Berlim. Restava saber qual das duas era.

Em 9 de maio trouxeram-nos o almoço juntamente com a ceia, como apenas se fazia na Lubianka no 1.º de Maio e em 7 de Novembro *.

Só por isso nos apercebemos do fim da guerra.

Pela noite dispararam ainda trinta salvas. Já não havia mais capitais para tomar, segundo parecia. E nessa mesma noite ouviu-se outra saudação, parece que de quarenta salvas. Era já o fim dos fins.

Por sobre a "mordaça" da nossa janela, das outras celas da Lubianka e de todas as cadeias da capital, nós, antigos prisioneiros de guerra e antigos combatentes, contemplávamos Moscou, repleta de fogos de artifício e cruzada pelos raios dos refletores.

Boris Gammerov, jovem antitanquista, desmobilizado por invalidez (com uma ferida incurável nos pulmões) e preso com um grupo de estudantes, encontrava-se essa noite numa super-

---

24 Quando me apresentaram a Khruchov, em 1962, tinha na ponta da língua para dizer-lhe: "Nikita Serguêievitch! Temos um conhecido comum". Mas disse-lhe outra frase mais necessária, da parte dos antigos presos. (N. do A.)

* *Aniversário da Revolução de Outubro: 7 de novembro, no nosso calendário, corresponde a 23 de outubro no calendário gregoriano. (N. do T.)*

lotada cela de Butirki, onde metade dos presos eram ex-prisioneiros e ex-soldados da frente. Ele descreveu a última das salvas numa concisa oitava, alinhando os versos mais prosaicos: como se deitaram nas tábuas e se cobriram com os capotes; como acordaram com o barulho, ergueram a cabeça e olharam de soslaio a "mordaça": "Ah! as salvas", voltando a deitar-se:

E de novo se embrulharam nos capotes.

Nesses mesmos capotes cheios de lama das trincheiras ou de cinza dos acampamentos, e perfurados por estilhaços de metralha alemã.

Não era para nós, essa vitória. Não era para nós, essa primavera.

VI AQUELA PRIMAVERA

Em junho de 1945, chegavam até às janelas da cadeia de Butirki, todas as manhãs e todas as noites, vindos de não muito longe, os sons metálicos das orquestras da Rua Léssnaia ou da Novoslobódskaia. Executavam só marchas, que repetiam vezes sem conta.

E nós ficávamos de pé junto das janelas abertas, embora não em toda a largura, da prisão, por trás das "mordaças" verde-escuras dos vidros, escutando. Eram unidades militares que desfilavam? Ou operários que dedicavam com satisfação o seu tempo livre a marcar passo? Não sabíamos, mas chegava-nos já o rumor de que se preparava uma grande parada da vitória, na Praça Vermelha, marcada para 22 de junho — quarto aniversário do início da guerra.

As pedras que tinham servido de alicerce gemiam e afundavam, e não eram elas que deviam coroar o edifício. Mas até figurar dignamente nos alicerces era recusado àqueles que, absurdamente abandonados, tinham recebido na sua fronte e no seu peito os primeiros golpes dessa guerra, impedindo a vitória alheia:

"Que são para o traidor os acordes da glória?" *

Essa primavera de 1945 foi, antes de tudo, nas nossas cadeias, a primavera dos *prisioneiros* russos. Eles passavam pelas prisões da União, densos e invisíveis cardumes cinzentos, como se fossem arenques no oceano. Na primeira ponta desse cardume apareceu-me Iúri E. Mas agora eu estava envolto, de todos os lados, pelo seu movimento coeso e seguro, como se tivesse já um destino marcado.

Nem só os prisioneiros passaram por essas celas: por elas fluiu a torrente de todos aqueles que tinham estado na Europa: os emigrados da guerra civil; os alemães do leste, da nova Alemanha; os oficiais do Exército Vermelho que eram demasiado bruscos e ousados nas suas conclusões, de modo que Stálin temia que eles pensassem trazer da campanha na Europa a liberdade européia, como já tinha acontecido cento e vinte anos antes. Contudo, o que mais havia era gente da minha geração, ou mais

* *Verso de Aleksandr Blok. (N. do T.)*

exatamente contemporânea de Outubro, nascida com a Revolução triunfante em 1917, e que sem qualquer dúvida tinha participado nas manifestações do vigésimo aniversário, constituindo, pela sua idade, no começo da guerra, precisamente o quadro de oficiais do Exército que foi disperso em algumas semanas.

Assim, essa angustiante primavera das prisões converteu-se, ao som das marchas da vitória, na primavera do ajuste de contas com a minha geração.

Éramos nós aqueles a quem cantavam no berço: "Todo o poder aos sovietes!" Éramos nós que estendíamos as nossas mãos infantis, queimadas do sol, para as cornetas de pioneiros, e que, à exclamação de "Estejam preparados!", respondíamos saudando: "Sempre preparados!" Éramos nós que introduzíamos armas em Buchenwald e que ali mesmo ingressávamos no Partido Comunista. E agora encontrávamo-nos entre os outros só porque tínhamos escapado com vida [1].

Já quando cortávamos a Prússia Oriental em duas eu vi as colunas desalentadas dos prisioneiros que regressavam, os únicos que tinham um ar carregado, quando à nossa volta todos nos alegrávamos, e já então a sua tristeza me deixou estupefato, embora eu não soubesse ainda qual a sua causa. Eu me aproximei dessas colunas espontaneamente formadas. (Para que colunas? E por que iam formados? Ninguém os obrigava a isso. Os prisioneiros de guerra de todas as nações regressavam em debandada! Mas os nossos queriam voltar o mais submissamente possível. . .) Eu usava então os galões de capitão: com eles postos, não seria possível saber por que vinham tão tristes. Mas eis que o destino me atirara também a mim para o rasto desses prisioneiros. Eu já tinha feito com eles o caminho da seção de contra-espionagem até a frente e ali tinha escutado pela primeira vez seus relatos, ainda não muito claros para mim. Só depois Iúri E. me explicou tudo, e agora, debaixo das cúpulas de tijolo vermelho do castelo de Butirki, eu sentia que essa história de alguns milhões de prisioneiros russos me atravessava para sempre, como um alfinete a uma barata. A própria história de como eu fui parar na prisão me pareceu fútil, esqueci de lamentar-me acerca dos galões arrancados. Lá, para onde tinham ido os meus companheiros de geração, só por casualidade é que eu não havia estado. Compreendi que o meu dever era meter os

---

[1] *Os cativos de Buchenwald que tinham ficado vivos* eram precisamente por isso *metidos em campos: "Como é que você pôde escapar vivo de um campo de extermínio? Aqui há dente de coelho!" (N. do A.)*

ombros a um dos cantos do seu fardo comum e levá-lo até ao fim, enquanto não me esmagassem. Sentia agora como se junto desses rapazes pudesse ter sido aprisionado na travessia da ponte do Solovióvski, no cerco de Kharkov, nas canteiras de Kertch; como se com as mãos atrás das costas tivesse levado o meu orgulho soviético para trás do arame farpado do campo de concentração; como se tivesse ficado no frio horas e horas na fila, para obter uma colherada de *kava* (estimulante substituto do café) gelado, e me convertesse num cadáver ainda antes de chegar à caldeira do campo de oficiais número 68 (Suvalki). Era como se tivesse aberto com as mãos e com a tampa da marmita uma cova em forma de sino (mais estreita em cima) a fim de não passar o inverno sob um céu aberto, e um prisioneiro transformado em animal feroz se arrastasse até mim, para morder a carne do meu braço que ainda não se congelara. Era como se dia após dia, com a consciência aguçada pela fome, na barraca dos tifosos e junto do arame farpado do campo vizinho dos ingleses, uma idéia clara penetrasse no meu cérebro moribundo: que a Rússia soviética renunciava aos seus filhos agonizantes. "Os filhos orgulhosos da Rússia" tinham sido úteis a ela enquanto se lançavam sob os tanques, enquanto ainda se podiam levantar para o ataque. Mas encarregou-se de alimentá-los no cativeiro? Para quê? Eram bocas a mais, e supérfluas. E testemunhas supérfluas de vergonhosas derrotas.

Às vezes queremos mentir, mas a língua não nos permite. Esses homens foram declarados traidores, mas um erro lingüístico foi então cometido, tanto pelos juízes como pelos procuradores e os investigadores. E os próprios acusados, todo o povo e os jornais repetiram e transcreveram esse erro, revelando involuntariamente a verdade: quiseram declará-los traidores da pátria, mas ninguém, falando ou escrevendo, inclusive nos documentos judiciais, os tratou senão como "traidores pela pátria".

Está tudo dito! Eles não foram traidores *dela,* mas sim *por ela* atraiçoados. Não foram eles, os infelizes, que traíram a pátria, mas a calculista pátria que os traiu, e diga-se mesmo por *três vezes.*

A primeira vez, grosseiramente, no campo de batalha, quando o governo querido da pátria tudo tinha feito para perder a guerra: destruído as linhas de fortificações, exposto a aviação a ser destroçada, desmontado os tanques e a artilharia, privado o país de generais competentes e proibido os exércitos de resistirem. Os prisioneiros de guerra foram precisamente aqueles

que apararam com os seus corpos o golpe e detiveram o Exército alemão [2].

Pela segunda vez a pátria traiu-os malvadamente, abandonando-os à morte no cativeiro.

E agora, pela terceira vez, ela atraiçoa-os desavergonhadamente, atraindo-os com amor maternal ("A pátria perdoou-os! A pátria chama-os!") e lançando-lhes o laço estrangulador logo que transpõem a fronteira [3].

Inúmeras foram as infâmias que se cometeram e ao longo de mil e cem anos de existência do nosso Estado! Mas terá havido alguma mais gigantesca do que esta, de que foram vítimas muitos milhões: trair os seus filhos e declará-los traidores?!

E com que facilidade os excluímos das nossas contas! Traíram! Opróbrio! Deve-se riscá-los! *Riscou-os* mesmo antes de nós o nosso Pai: ele lançou a flor da intelectualidade moscovita para a máquina de picar carne de Viazma, com carabinas Verdan de 1866, e na proporção de uma para cada cinco homens. (Que outro Liev Tolstói irá fazer reviver perante nós *essa nova* Borodino?) E com um torpe movimento do seu curto e grosso dedo, o Grande Estrategista, sem outro motivo que não fosse publicar no Ano Novo um comunicado de grande efeito, mandou, em dezembro de 1941, *cento e vinte mil* dos nossos soldados — quase tantos russos quantos havia nas proximidades de Borodino — atravessarem o estreito de Kertch e entregou-os todos sem combate aos alemães.

E contudo, não se sabe por quê, o traidor não é ele, mas sim os soldados.

(Com que facilidade nos deixamos arrastar por denominações preconcebidas, com que facilidade estivemos de acordo em considerar esses abnegados soldados como traidores! Numa das celas de Butirki encontrava-se, nessa primavera, o velho Lebediev, um metalúrgico que tinha o título de professor, e que pelo seu aspecto exterior mais parecia um vigoroso trabalhador do último ou do antepenúltimo século, empregado nas fábricas de

---

[2] *Agora, depois de vinte e sete anos, veio à luz o primeiro trabalho honesto sobre este assunto (P. G. Grigorienko* — Carta à revista Problemas da História do Partido Comunista da URSS — samizdat, *1968). Daqui por diante eles se multiplicarão, nem todas as testemunhas morreram e brevemente ninguém classificará o governo de Stálin senão como o governo da loucura e da traição. (N. do A.)*

[3] *Era um dos maiores criminosos de guerra, o ex-chefe da espionagem do Exército Vermelho, Coronel-General Golikov, que dirigia então a manobra de atração e deglutição dos repatriados. (N. do A.)*

Demidov. Era espadaúdo, de fronte ampla, com barba à Pugatchov e com uma mão tão potente que era capaz de levantar um peso de cem quilos. Na cela vestia uma bata de trabalho cinzenta sobre a roupa de baixo branca, era pouco asseado, e podia parecer um trabalhador auxiliar da cadeia, enquanto não se sentava para ler e a forte e costumada majestade de pensamentos não lhe iluminava o rosto. Freqüentemente os presos reuniam-se à sua volta. Era sobre metalurgia que ele menos falava, mas com a sua voz de baixo explicava que Stálin era um cão de fila tão feroz como Ivan, o Terrível: "Fuzilem! Estrangulem! Não dêem tréguas!", e que Górki era um idiota e um charlatão que justificava os verdugos. Eu sentia entusiasmo por Lebediev: era como se todo o povo russo se personificasse perante mim no seu forte dorso, donde se erguia uma cabeça inteligente, nessas mãos e pernas de lavrador. Ele tinha já meditado tanto! Eu aprendia com ele a compreender o mundo! E, de repente, cortando o vozerio com a mão, fez atroar a sua voz, dizendo que os presos segundo o *1-b* eram traidores da pátria e que não podiam ser perdoados. Ora, todas as enxergas à nossa volta estavam ocupadas por presos do *1-b*. Que ultrajante isso foi para os rapazes! O velho fazia vaticínios seguros em nome da Rússia, da terra e do trabalho, e era para eles difícil e vergonhoso terem de defender-se a si próprios desta nova acusação. A defesa deles perante o velho coube a mim e a dois rapazes condenados pelo "parágrafo décimo". Até que grau de obscurantismo consegue chegar a monótona mentira do Estado: mesmo os mais dotados de nós só são capazes de abranger aquela parte da verdade em que meteram o seu próprio nariz[4].

Foram tantas as guerras que a Rússia travou (melhor seria que fossem menos...) e acaso houve muitos traidores nessas guerras? Constatou-se, por acaso, que a traição se enraizasse no

---

[4] *Vitkóvski descreve tudo isso de forma mais ampla (nos anos 30), mostrando como era surpreendente que os falsos "sabotadores", compreendendo que eles mesmos não eram culpados, justificassem que se metessem na prisão os militares e os religiosos. Quanto aos militares, sabendo que eles próprios não estavam ao serviço da espionagem estrangeira nem destruíam o Exército Vermelho, acreditavam piamente que os engenheiros eram sabotadores e que os religiosos eram dignos de extermínio. O homem soviético raciocinava na prisão deste modo: eu, pessoalmente, estou inocente, mas para com eles, para com os inimigos, são bons todos os métodos. A lição da investigação e da cela não instruiu em nada esta gente e mesmo condenados conservavam todos a cegueira* da rua: *a crença cega em todas as conspirações, envenenamentos, sabotagens e atos de espionagem. (N. do A.)*

espírito do soldado russo? Mas eis que, na mais justa das guerras, descobriram-se subitamente milhões de traidores entre a gente simples do povo. Como compreender isto? Como explicá-lo?

Ao nosso lado combatera, contra Hitler, a Inglaterra capitalista, onde tão eloqüentemente Marx descreveu a miséria e os sofrimentos da classe operária; e por que é que entre eles, nesta guerra, se revelou um único traidor célebre, o comerciante "Lord Haw-Haw", enquanto no nosso país houve milhões?

É terrível abrir a boca para dizê-lo, mas talvez a causa resida, apesar de tudo, no regime...

Até agora havia um antigo provérbio que justificava assim a prisão: "O prisioneiro pode ainda gritar, mas o morto nunca". Sob o Czar Aleksei Mikháilovitch, àquele que sofria o *cativeiro* era dado o título de *nobre!* Fazer trocas de prisioneiros, acarinhá-los e reconfortá-los era um dever da sociedade depois de *todas* as guerras. Cada fuga do cativeiro era glorificada como um gesto do mais elevado heroísmo. Durante o decurso da Primeira Guerra Mundial fizeram-se na Rússia coletas de fundos para auxílio aos nossos prisioneiros e as nossas religiosas obtinham licença para ir à Alemanha visitá-los. Em cada número de jornal se lembrava aos leitores que havia compatriotas seus que sofriam num vil cativeiro. Todos os povos do Ocidente fizeram o mesmo nesta última guerra: as encomendas, as cartas e o apoio de todos iam fluindo através dos países neutros. Os prisioneiros de guerra ocidentais não se humilhavam a estender a mão para a marmita alemã e dirigiam-se com desprezo à guarda nazi. Os governos tomavam em consideração os seus combatentes que tinham sido aprisionados, contando-lhes os anos de serviço e assegurando-lhes promoções imediatas, e até o soldo.

Só os combatentes do Exército Vermelho (caso único no mundo) *não constituíam prisioneiros!* Era o que estava escrito nos regulamentos ("Ivan não é prisioneiro", assim gritavam os alemães das suas trincheiras). Mas quem podia imaginar todo o conteúdo desta idéia?! Há guerra, há morte, mas não há prisioneiros! Aí está uma descoberta! Eis o que isso significa: vá e morra, que nós continuamos a viver. Mas se, mesmo tendo perdido as duas pernas, você regressou vivo do cativeiro, de muletas (caso do leningradense Ivánov, chefe de seção de metralhadoras na Guerra da Finlândia, que esteve depois preso no campo de Ustvim), nós vamos condená-lo.

Só o nosso soldado, rejeitado pela pátria, e o mais insignificante de todos aos olhos dos inimigos e dos aliados, se arrastava para receber a beberagem de porcos que davam nos pátios inte-

riores do III Reich. Só para ele estava hermeticamente fechada a porta de casa, embora as almas jovens procurassem não acreditar: existia um certo artigo *58-1-b,* segundo o qual, em tempo de guerra, não havia pena mais suave do que o fuzilamento! Porque não quis morrer de uma bala alemã, o soldado russo devia, depois do cativeiro, morrer de uma soviética! Aos outros, as balas inimigas; a nós, as balas dos nossos.

(De resto, é ingênuo dizer: por que não... Nunca os governos de qualquer época foram de modo algum moralistas. Eles nunca prenderam nem castigaram as pessoas *por* algo. Eles prenderam e castigaram-nas *para que não* fizessem algo! Se todos esses prisioneiros foram presos não foi *por* traição à pátria, pois até mesmo para um idiota se tornava claro que só os vlassovistas podiam ser julgados por traição. Foi, sim, *para que* eles *não* falassem da Europa entre os seus conterrâneos, na aldeia. Aquilo que não se vê não dá volta à cabeça...)

E assim, quais os caminhos que se abriam ante o prisioneiro russo? *Legal,* um só: jazer por terra e deixar-se pisar. Para viver, cada erva empurra seu caule débil. Mas você se estende e se deixa pisar. Embora com atraso, morra agora, já que não pôde morrer no campo de batalha, e nesse caso não o julgaremos.

Os combates dormem.
Disseram a última palavra.
E pelos séculos hão de ter razão.

Em conseqüência, todas as outras vias que possa imaginar o seu desesperado cérebro, todas elas conduzirão você ao choque com a lei.

A evasão para a pátria, rompendo as cercas do campo, passando através de metade da Alemanha e depois cruzando a Polônia ou os Bálcãs, conduzia-o à Smerch, seção de contra-espionagem, e ao banco dos réus: como é que você fugiu, quando os outros não conseguem fugir? Há aqui algo de obscuro! Confesse, canalha, com que *missão* o mandaram (Mikhail Burnatsiev, Pável Bondarenko, e muitos, muitos mais[5]).

[5] *Na nossa crítica tornou-se regra escrever que Cholokhov, na sua imortal narrativa* O destino de um homem, *contou a "verdade amarga" sobre "este aspecto da nossa vida", "revelou" o problema. Vemo-nos obrigados a observar que em tal narrativa, em geral muito frouxa, onde as páginas da guerra são pálidas e falhas de convicção (o autor pelo visto não conhecia a última guerra), onde os alemães são descritos de forma estereotipada e pseudopopular, até cair na anedota (só a esposa do herói está*

A fuga para o lado dos guerrilheiros ocidentais, para juntar-se às forças da Resistência, não fazia senão protelar a hora de responder perante o tribunal, e tornava-se mais perigosa ainda: tendo vivido livremente entre a população européia, você podia ter-se deixado contagiar por um espírito muito prejudicial. E se você não tinha medo de fugir, e em seguida de lutar, é porque você era homem decidido, e duplamente perigoso, uma vez de regresso à pátria.

Você deveria ter continuado a viver no campo à custa dos seus compatriotas e camaradas? Converter-se em polícia, chefe, ajudante dos alemães e da morte? A lei stalinista não lhe aplicaria por isso uma pena mais severa do que pela participação nas forças da Resistência: o artigo é o mesmo, a condenação é a mesma (e pode-se adivinhar por quê: um homem desses é menos perigoso!). Mas uma lei íntima, enraizada em nós, proibia inexplicavelmente esse caminho a todos, com exceção da escória.

Pondo de lado estas quatro vias, difíceis ou inadmissíveis, restava uma quinta: esperar os engajadores, esperar que eles o recrutassem.

Às vezes, por felicidade, chegavam alguns alemães das zonas rurais e engajavam trabalhadores braçais agrícolas para os lavradores, e havia firmas que escolhiam engenheiros e operários. Segundo o imperativo superior stalinista, você devia negar que

---

bem apresentada, mas ela é uma pura cristã tirada de Dostoiévski), pois bem, em tal narrativa sobre o destino de um prisioneiro de guerra, o verdadeiro problema do cativeiro está oculto ou deturpado: *1) Foi escolhido um dos casos menos criminosos: o de um prisioneiro que perdeu a memória para torná-lo "indiscutível", esquivando toda a intensidade do problema. (E se ele se tivesse entregue com plena consciência, como se verificou na maioria dos casos, que teria sucedido então?) 2) O principal problema do cativeiro está apresentado de tal forma que não foi a pátria que nos abandonou, que renunciou a nós, que nos maldisse (sobre isso Cholokhov não escreve uma palavra), quando foi precisamente* isso *que criou uma situação sem saída. Tudo se passa como se entre nós tivessem surgido traidores. (Mas se é essa a explicação fundamental, então que se explique também de onde é que eles saíram, após um quarto de século de uma Revolução apoiada por todo o povo.) 3) Foi inventada uma fantástica evasão do cativeiro, digna de um romance policial, com uma porção de detalhes dificilmente compreensíveis, para que não surgisse o obrigatório e inevitável formalismo da recepção do prisioneiro: a contra-espionagem Smerch e o campo de verificação e filtragem. Sokolov não só não é encerrado atrás da rede de arame farpado, como a instrução estipula, mas — que anedota! — o coronel ainda lhe concede um mês de licença! (Isto é, ele fica com liberdade para cumprir a sua eventual missão de espionagem fascista... (N. do A.)*

era engenheiro, ocultar que era um operário qualificado. Sendo construtor ou eletricista, você conservaria a pureza patriótica se ficasse cavando a terra, apodrecendo ou rebuscando nas lixeiras. Então, por uma traição *pura* à pátria, você poderia ter certeza, de cabeça orgulhosamente erguida, de apanhar uns dez anos, mais cinco de "mordaça". Assim, por uma traição à pátria, agravada pelo trabalho para o inimigo na sua especialidade, apanharia de cabeça baixa... os mesmos dez anos mais cinco de "mordaça"!

Tal era a filigrana de hipopótamo em que Stálin tanto se distinguiu!

Outras vezes chegavam engajadores de caráter completamente diverso: russos que em geral tinham sido ainda há pouco comissários políticos vermelhos, pois os guardas brancos não faziam esse trabalho. Os engajadores convocavam um comício no campo, insultavam o regime soviético e faziam apelo à inscrição nas escolas de espionagem ou nas unidades vlassovistas.

Aqueles que nunca passaram fome, como a passavam os nossos prisioneiros de guerra, que nunca caçaram morcegos, como eles faziam aos que voavam sobre o campo, nem cozeram as solas velhas das botas, dificilmente poderão compreender que força material irresistível adquire qualquer apelo, qualquer argumento, quando por trás dele, por trás das portas do campo, se vê fumegar uma cozinha de campanha e a todos os que estão de acordo dão de comer até encherem a barriga — uma só vez que seja! uma vez mais que seja na vida!

Mas, além das fumegantes papas de cereal, os apelos do engajador acenavam com a miragem da liberdade e de uma vida verdadeira aonde quer que se destinassem! Aos batalhões de Vlássov. Aos regimentos de cossacos de Krásnov. Aos batalhões de trabalho para cimentar o futuro muro do Atlântico. Aos fiordes noruegueses. Às areias da Líbia. Aos *hiwi* — *Hilfswillige* —, auxiliares voluntários da Wehrmacht alemã (havia uns doze *hiwi* em cada companhia alemã). Ou ainda à polícia rural, para perseguir e caçar guerrilheiros (dos quais muitos haveriam de ser também abandonados pela pátria). Aonde quer que fosse, pouco importava, desde que não ficassem ali morrendo aos poucos como gado abandonado.

A um homem que levamos ao extremo de mastigar morcegos, *nós mesmos* o dispensamos de qualquer dever, não só perante a pátria, mas também perante a humanidade.

E aqueles dentre os nossos rapazes que saíram dos campos de prisioneiros para se inscrever nos breves cursos para espiões não tiravam ainda as conclusões últimas do abandono a que estavam votados, e atuavam ainda de forma extraordinariamente patriótica. Encaravam isso como o recurso mais fácil para escaparem do campo. Quase todos tinham como idéia o projeto de irem entregar-se, logo que fossem lançados pelos alemães para o lado russo, às autoridades soviéticas, com armas, bagagens e instruções, rindo-se juntamente com o bondoso comando dos idiotas dos alemães, vestindo as suas fardas do Exército Vermelho e voltando com ânimo combativo às fileiras. Gostaria que dissessem *se humanamente seria de esperar outra coisa, e como é que poderia ser de outro modo.* Eram rapazes sinceros, pude ver muitos deles, de rostos bolachudos, nada complicados, com um sotaque simpático de Viatka ou de Vladímir. Engajavam-se voluntariosos na espionagem, com apenas quatro ou cinco anos de escola rural, sem nenhum hábito de lidar com a bússola ou com o mapa.

Assim, poderia parecer que essa era a única forma adequada que eles tinham de sair dessa situação. Poderia parecer que a empresa do comando alemão era dispendiosa e absurda. Mas não! Hitler jogava em sintonia com o caráter do déspota seu irmão. A mania da espionagem era um dos traços fundamentais da loucura stalinista. Stálin vivia obcecado pela idéia de que o seu país estava cheio de espiões. Todos os chineses que habitavam o extremo oriente soviético foram condenados segundo o artigo 58-6, conduzidos aos campos do norte, e lá desapareceram. O mesmo destino teriam conhecido os chineses que participaram na guerra civil, se não tivessem partido antecipadamente. Centenas de milhares de coreanos foram exilados para o Casaquistão sob a mesma suspeita, recaindo em bloco sobre quase todos eles. Todos os soviéticos que alguma vez tivessem estado no estrangeiro, que alguma vez tivessem diminuído o passo perto de um hotel da Inturist, que alguma vez tivessem sido fotografados ao lado de alguém com uma fisionomia estrangeira, ou tivessem fotografado um edifício da cidade (por exemplo, as Portas Douradas em Vladímir) eram acusados de igual crime. Aqueles que olhavam com demasiada insistência para uma linha férrea, para a ponte de uma estrada ou para a chaminé de uma fábrica eram também vítimas dessa acusação. Todos os inúmeros comunistas estrangeiros que desapareceram na União Soviética, quer fossem altos ou pequenos funcionários do Komintern, sem distinção de pessoas, eram acusados antes

de mais nada de espionagem[6]. E os atiradores lituanos, que tinham sido as baionetas mais leais durante os primeiros anos da Revolução, ao serem detidos em massa no ano de 1937 foram igualmente acusados de espionagem! Stálin parece ter invertido e multiplicado a célebre frase da coquete Catarina, a Grande: ele preferia fazer apodrecer novecentos e noventa e nove inocentes a deixar escapar um só espião, ainda que insignificante. Assim, que confiança se podia ter nos soldados russos que tinham estado realmente nas mãos da espionagem alemã?! E que alívio para os carrascos do Ministério da Segurança do Estado se milhares e milhares de soldados lançados para a Europa não ocultavam terem sido recrutados voluntariamente para a espionagem! Que evidente confirmação dos prognósticos do mais Sábio dos Sábios! Vamos, vamos, imbecis! O artigo e a recompensa, que merecem há muito, há muito estão preparados!

Mas é oportuno levantar esta questão: houve, entretanto, aqueles que não aceitaram nenhum engajamento, que não trabalharam nenhures na sua especialidade para os alemães, que não foram denunciantes, *passando toda a guerra no campo de prisioneiros, sem pôr o nariz para fora,* e que, apesar de tudo, ficaram vivos, por incrível que pareça! Por exemplo, os engenheiros eletricistas Nikolai Andrêievitch Semiónov e Fiódor Fiódorovitch Kárpov, que fabricavam isqueiros com os restos de ferro velho, e assim faziam uns biscates. Será possível que a pátria não tenha perdoado também a eles, pelo fato de terem caído prisioneiros?

Não, não lhes perdoou! Conheci Semiónov e Kárpov na cadeia de Butirki, quando ambos já tinham recebido o que lhes competia por lei... Quantos anos? O leitor perspicaz já sabe: *dez anos, mais cinco de "mordaça"*. E, sendo magníficos engenheiros, eles *rejeitaram* a proposta alemã de trabalhar na sua especialidade! Em 1941 o Tenente Semiónov tinha marchado como *voluntário* para a frente. E em 1942 tinha ainda um *coldre vazio* em vez de uma pistola (o comissário não compreendia por que é que ele não deu cabo da cabeça com o coldre). Evadiu-se *três vezes*. Em 45, depois da libertação do campo, incorporou-se à equipagem de um tanque nosso (de tropas de desembarque aéreo) e *tomou Berlim,* recebendo a Ordem da Estrela

---

[6] *Iossif Broz Tito escapou por um triz a esse destino. Mas Popov e Taniev, companheiros de Dmítrov no processo de Leipzig, foram ambos condenados. Stálin preparava outro destino para Dmítrov. (N. do A.)*

Vermelha. E no fim de tudo isso, foi preso definitivamente, apanhando uma *condenação*. Eis o espelho da nossa Nêmesis.

Poucos prisioneiros de guerra cruzaram a fronteira soviética como pessoas livres, e se na confusão algum conseguiu escapulir-se, foi apanhado depois, logo a partir dos anos 1946-47. Uns eram presos nos centros de concentração na Alemanha. Outros não eram oficialmente presos, segundo parecia, mas na fronteira levavam-nos em vagões de mercadorias, sob escolta, para um dos inúmeros campos de controle e filtragem dispersos por todo o país. Esses campos eram muito semelhantes aos campos de trabalho, com a diferença de que os que ali se encontravam ainda não tinham sido condenados e deviam receber a sentença no campo. Todos esses campos de controle e filtragem estavam adstritos a alguma fábrica, mina ou obra de construção, e os antigos prisioneiros de guerra, ao avistarem a pátria, através dessa rede de arame farpado igual à que tinham conhecido na Alemanha, podiam adaptar-se desde o primeiro dia à jornada de trabalho de dez horas. Nas horas livres, à tarde ou à noite, eram interrogados; para isso havia no campo de controle e filtragem um elevado número de comissários instrutores e de funcionários da Segurança. Como sempre, a instrução partia do princípio de que você era evidentemente culpado. Sem sair da rede de arame farpado, você devia demonstrar que *não* o era. Devia basear-se, para isso, em testemunhas: outros prisioneiros de guerra, que podiam não estar nesse campo, mas numa região afastada. Os agentes operacionais de Kemerovo enviavam as perguntas aos de Solikamsk e eram estes que interrogavam as testemunhas e enviavam as suas respostas, fazendo por sua vez novas perguntas, o que dava lugar a que você fosse também interrogado como testemunha. É certo que o esclarecimento do caso podia prolongar-se por um ano ou dois, mas a pátria nada perdia com isso, pois todos os dias você ia extraindo o seu carvão. E se alguma das testemunhas não depunha nos termos requeridos, ou já não se encontravam testemunhas vivas, você não tinha senão que culpar-se a si mesmo: você era automaticamente catalogado como traidor da pátria, e o tribunal aplicava, sem reunir-se em sessão formal, os seus *dez anos*. No caso de que, por mais voltas que desse, não conseguissem provar que efetivamente você havia servido aos alemães, e sobretudo que você não tinha tido tempo de ver em carne e osso os americanos e os ingleses (quando a libertação do cativeiro não fora feita por nós, mas por *eles*, isso era uma circunstância fortemente agravante), então os agentes operacionais decidiam que grau de isolamento você merecia.

Alguns recebiam ordem de mudar de lugar, de residência (isto altera sempre a relação do homem com o meio ambiente, tornando-o mais vulnerável). A outros propunham nobremente que trabalhassem na guarda militarizada de um campo: ficando aparentemente livre, a pessoa perdia toda e qualquer liberdade individual, sendo enviada para um rincão distante. A outros apertavam-lhes a mão e, embora por se terem simplesmente constituído prisioneiros merecessem o fuzilamento, deixavam-nos humanitariamente ir para casa. Mas a sua alegria era prematura! Adiantando-se a eles, através dos canais secretos das seções especiais, o seu *processo* já tinha chegado à terra. Esses indivíduos tinham deixado, de todas as maneiras, de ser dos *nossos*, e por ocasião da primeira detenção em massa, por exemplo a de 1948-49, eram presos com fundamento no parágrafo concernente à agitação, ou em outro qualquer que considerassem conveniente. Estive preso com algumas dessas pessoas.

"Ah, se eu soubesse!...", era esse o principal estribilho nas celas da prisão daquela primavera. Se soubesse que iam me receber assim! Que me enganavam assim! Que era este o destino! Teria eu acaso regressado à pátria? De modo nenhum! Ter-me-ia arranjado para alcançar a Suíça, a França! Teria ido para além-mar! para além do oceano! para além de três oceanos[7].

Os mais sensatos retificavam: o erro tinha sido cometido antes! Em 1941 não devíamos nos colocar na primeira linha. Diz o refrão: se você sabia, não fosse à guerra. Era melhor instalar-se na retaguarda desde o começo, comodamente. Hoje, os que assim fizeram são heróis. Outros diziam que o mais acertado teria sido ainda desertarem, pois teriam salvo a pele e apanhado não dez anos, mas oito ou sete; e no campo não os teriam es-

---

[7] *Entretanto, mesmo quando os prisioneiros* sabiam, *procediam freqüentemente da mesma forma. Vassíli Aleksándrov foi prisioneiro na Finlândia. Ali o descobriu um velho comerciante petersburguês, que se certificou do seu nome e sobrenome e lhe disse: "Em 1917 fiquei devendo ao seu pai uma grande quantia em dinheiro e não me foi possível pagar-lhe. Digne-se, pois, recebê-la". A antiga dívida pela descoberta! Aleksándrov, depois da guerra, foi acolhido nos círculos dos emigrados russos. Ali encontrou também uma jovem, por quem se apaixonou. O futuro sogro, para sua edificação, deu-lhe a ler a coleção completa do* Pravda *entre 1918 e 1941, sem edulcorações nem correções. Ao mesmo tempo contou-lhe, mais ou menos, a história das torrentes, tal como fiz no capítulo segundo. E contudo... Aleksándrov deixou a namorada, a abundância, regressou à URSS e apanhou, como facilmente se adivinhará,* dez anos, mais cinco de "mordaça". *Em 1953, num campo especial, ele se considerava satisfeito por se ter colocado bem como general-de-brigada... (N. do A.)*

corraçado de lugar algum, pois o desertor não é um inimigo, nem um traidor, nem um político, mas sim um dos nossos, um *comum*. As discrepâncias eram vivas: em compensação os desertores vão ficar todos esses anos na cadeia a apodrecer! Eles não os perdoam, mas para nós logo haverá uma anistia e nos soltarão a todos. (Então não se conhecia ainda o privilégio essencial dos desertores!. . .)

Aqueles que tinham sido apanhados em casa ou no Exército Vermelho, segundo o parágrafo 10, tinham-nos inveja! Que diabo! Por *esse mesmo preço* (por esses mesmos *dez anos)* quanta coisa interessante podíamos ter visto, como esses rapazes! Onde não estiveram eles! E nós rebentaremos assim num campo, sem nada mais ter conhecido do que a escada fedorenta de casa. (Entretanto, esses mesmos que eram abrangidos pelo 58-10 quase não ocultavam o seu feliz pressentimento de que seriam os primeiros beneficiados da anistia.)

Só os vlassovistas não suspiravam: "Ah, se eu soubesse!" (porque eles sabiam ao que se expunham). Não esperavam qualquer perdão, não esperavam nenhuma anistia.

Já antes do nosso encontro na prisão eu tinha conhecimento da sua existência, tendo ficado perplexo.

Foram primeiro pequenas folhas de papel, muitas vezes molhadas pela chuva e secadas pelo sol, perdidas entre as ervas altas, que há três anos não eram ceifadas, da zona próxima da frente. Nelas se comunicava a criação, em dezembro de 1942, de um certo "comitê russo" de Smolensk, que não se sabia bem se pretendia ser uma espécie de governo russo ou não. Pelo visto, isso não tinha ainda sido decidido pelos próprios alemães. E, por isso, o indeciso comunicado parecia até uma invenção pura e simples. Essas folhinhas reproduziam o retrato do general Vlássov, bem como a sua biografia. Tanto quanto se podia ver na nebulosa fotografia o seu rosto dava-lhe um aspecto de pessoa bem sucedida e bem tratada, como todos os generais da nova formação. (Disseram-me depois que não era assim e que Vlássov tinha antes uma figura mais parecida com a de um general do Ocidente: alto, magro, com óculos de aro de tartaruga.) Mas, a julgar pela biografia, esse ar de sucesso parecia confirmar-se: a sua folha de serviço não tinha sido manchada pela guerra de 1937 nem por ter sido conselheiro militar de Chiang Kai-chek. A primeira comoção da sua vida verificou-se

quando o Segundo Exército de Choque, que comandava, foi torpemente deixado morrer de fome, quando estava cercado[8]. Mas em que frases dessa biografia se podia acreditar?

---

[8] *Segundo o que se pode hoje estabelecer, Andrei Andrêievitch Vlássov não terminou os estudos do seminário de Nijninovgórod devido à Revolução, sendo mobilizado pelo Exército Vermelho em 1919, e tendo feito a guerra como simples soldado. Na frente meridional, lutando contra Deníkin e Vranguel, foi promovido a chefe de seção, e depois, de companhia. Nos anos 20 terminou o curso da Academia Militar Vístrel; em 1930, tornou-se membro do Partido Comunista (bolchevique); em 1936, já com a patente de comandante de regimento, foi enviado como conselheiro militar à China. Não estando aparentemente ligado aos altos círculos militares e partidários, veio a encontrar-se naturalmente naquele "segundo escalão" stalinista, que foi promovido para substituir os generais-de-exército, os generais-de-divisão e os generais-de-brigada massacrados. Em 1938, recebe o comando de divisão, e em 1940, no momento em que são atribuídas as "novas" (ou antes velhas) patentes, é promovido a brigadeiro. Como se pode concluir pelo que se seguiu, entre aquela fornada de generais, onde havia muitos completamente torpes e inexperientes, Vlássov era um dos mais competentes. A 99.ª Divisão de Infantaria, que ele instruiu e preparou a partir do verão de 1940, não foi colhida de surpresa pela agressão hitlerista, pelo contrário: no meio da nossa retirada geral para o oriente, ela avançou para o ocidente, e arrebatou Peremichl, que resistiu durante seis dias. Após uma breve passagem pelo posto de comandante-de-corpo o Tenente-General Vlássov comandava já em 1941, na zona de Kíev, o 37.º Exército. Tendo rompido o longo cerco de Kíev, em dezembro de 1941 comandava na zona de Moscou o 20.º Exército, que numa contra-ofensiva vitoriosa em defesa da capital (tomada por Solnetchnogorsk) é mencionado no comunicado de guerra do Sovinformburo, de 12 de dezembro (a ordem de enumeração dos generais era esta: Júkov, Leliuchenko, Kúznietsov, Vlássov, Rokossóvski, Góvorov...). Com o ímpeto característico desses meses, conseguiu tornar-se o vice-comandante-em-chefe da frente de Vólkhov (do General Merietskov) e receber sob o seu comando o 2.º Exército de Choque, tendo iniciado à frente dele, em 7 de janeiro de 1942, a tentativa de romper o cerco de Leningrado, avançando através do rio Vólkhov em direção a noroeste. Essa operação combinada tinha sido concebida para partir de vários lados, incluindo Leningrado, e nela deviam tomar parte, em datas coordenadas, os 54.º, 4.º e 52.º exércitos. Mas esses três exércitos não se mexeram a tempo, devido à falta de preparação, ou então estacaram rapidamente (não sabíamos ainda planejar operações tão complexas e, o que é mais importante, abastecê-las). O 2.º Exército de Choque avançou com êxito e em fevereiro de 1942 penetrou setenta e cinco quilômetros dentro do dispositivo alemão! E a partir desse momento, os aventureiros do comando supremo stalinista não encontraram nem reforços humanos, nem reservas de munições para mandar em sua ajuda (foi com essas reservas que se iniciou a ofensiva!). Deste modo ficou Leningrado cercada, sem saber exatamente o que se passava em Novgórod. Em março os caminhos de inverno eram ainda transitáveis, mas a partir de abril passaram a ser impraticáveis em toda essa zona pantanosa por onde tinha avançado o 2.º Exército de Choque, que ficou sem nenhum acesso*

Olhando para a fotografia não era de crer tratar-se de um homem fora do comum ou que há muito sofresse profundamente pela Rússia. Já as pequenas folhas volantes que comunicavam a criação do ROA (Exército Russo de Libertação) não só estavam escritas num mau russo, como também com um espírito estrangeiro, claramente germânico e até alheio à questão; em compensação gabava-se com grosseira jactância da fartura de papas de cereal existente entre eles e o caráter galhofeiro dos seus soldados. Não se chegava a acreditar na existência desse exército, e, se existia realmente, como falar dele com tão bom humor? . . . Só os alemães podiam mentir assim[9].

Que havia realmente russos contra nós e que eles se batiam com mais dureza do que qualquer SS, bem depressa o constataríamos. Em junho de 1943, na zona de Orel, um destacamento de russos, com farda alemã, defendeu, por exemplo, Sobakinskie-Vissielki. Bateram-se todos com tal desespero que se diria

---

para abastecimento, não podendo receber ajuda aérea. O Exército encontrou-se sem víveres *e, em tal situação,* recusaram *a Vlássov* autorização para retroceder! *Após dois meses de fome e de morte lenta (os soldados contaram-me mais tarde, nas celas da cadeia de Butirki, que raspavam os cascos dos cavalos já putrefatos, cozendo e comendo essas raspaduras) começou a 14 de maio uma ofensiva concêntrica dos alemães contra o Exército cercado (no ar, como se compreenderá, viam-se apenas aparelhos alemães!). E só então (como que por zombaria) foi recebida autorização de retroceder para cá do Vólkhov . . . Houve ainda tentativas desesperadas para romper o cerco, até começos de julho! Assim pereceu (repetindo o destino do 2.º Exército de Samsónov, lançado tão loucamente para a fornalha) o 2.º Exército de Vlássov. Neste caso, naturalmente, houve traição da pátria! Neste caso, naturalmente, verificou-se um abandono egoísta e cruel! Mas da parte de Stálin. A traição não consiste necessariamente em vender-se por dinheiro. A ignorância e a incúria na preparação da guerra, o desconcerto e a covardia no seu começo, o sacrifício insensato de exército e corpos de exércitos, com o único fim de salvar o uniforme de marechal — haverá traição mais amarga do comando supremo? Diferentemente de Samsónov, Vlássov não se suicidou. Depois do desastre do seu exército, andou errante por florestas e pântanos e entregou-se em 6 de julho, na zona de Siversk. Ele foi transferido para o quartel-general alemão, nas proximidades de Letzen (Prússia Oriental), onde vieram a encontrar-se alguns generais aprisionados e o Comissário-de-Brigada G. N. Jílenkov, que antes trabalhara com sucesso no posto de secretário do Partido de um dos bairros de Moscou. Eles tinham já manifestado a sua discordância em relação à política do governo de Stálin. Mas faltava uma personalidade: essa personalidade foi Vlássov. (N. do A.)*

[9] *Realmente, até quase ao fim da guerra não houve nenhum Exército Russo de Libertação (ROA). O nome e a braçadeira com o escudo foram inventados por um alemão de origem russa, o Capitão Schtrik-Schtrikfeldt,*

que eles próprios tinham construído a aldeia. Um deles foi encurralado numa adega, e tendo-se lançado para lá granadas de mão manteve-se silencioso, mas logo que assomaram para descer abriu novamente fogo com a metralhadora automática. Só quando se arremessou uma granada antitanque contra ele se soube que na adega havia uma cova onde se enfiava, protegendo-se das granadas antiinfantaria. Pode-se fazer, pois, uma idéia do grau de ensurdecimento, de contusões e de desespero com que continuava a lutar.

Esses russos defenderam, por exemplo, a inabalável base

---

na Ostpropaganda-Abteilung. (Insignificante pelo seu posto, tinha no entanto influência e procurava convencer a camarilha hitlerista da necessidade de uma aliança germano-russa, e de atrair os russos à colaboração com a Alemanha. Uma empresa vã pelos dois lados! Ambos buscavam tão-só os meios a empregar para enganar um ao outro. Mas os alemães ocupavam para isso uma posição mais alta e os oficiais de Vlássov tinham de seu apenas a fantasia no fundo do desfiladeiro.) Não existia um tal exército, mas sim formações anti-soviéticas compostas de cidadãos soviéticos recentes, que começaram a constituir-se desde os primeiros meses da guerra. Os primeiros a apoiar os alemães foram os lituanos (pois num só ano tínhamos-lhes feito um sem-número de patifarias!); em seguida, foi formada por voluntários ucranianos uma divisão de SS — Galítsia; mais tarde, houve destacamentos de estonianos; no outono de 1941 apareceram companhias de segurança na Bielo-Rússia; e na Criméia um batalhão tártaro. (Tudo isso foi semeado por nós próprios! Por exemplo, na Criméia — com a torpe perseguição movida ao longo de duas décadas contra as mesquitas, fechando-as e destruindo-as, isto enquanto a clarividente conquistadora Catarina concedia verbas do Estado para a construção e a ampliação de mesquitas. Os hitleristas, ao chegarem ali, aperceberam-se disso e protegeram-nas.) Posteriormente apareceram do lado alemão destacamentos caucasianos e combatentes cossacos (mais do que um corpo de cavalaria). No primeiro inverno da guerra começaram a formar-se seções e companhias de voluntários russos, mas o comando alemão desconfiava muito dessas formações, colocando à sua frente sargentos e tenentes alemães (só os cabos podiam ser russos), sendo também as ordens de comando dadas em alemão ("Achtung!", "Halt!"* e outras). Mais consideráveis, e já completamente constituídas por russos, foram as seguintes: a brigada de Lokt, na província de Briansk, a partir de novembro de 1941 (o professor local de construções mecânicas, K. P. Voskobóinikov, fundou o Partido Nacional Russo do Trabalho, com um manifesto dirigido aos cidadãos do país e a bandeira de São Jorge, o Vitorioso); a unidade formada na localidade de Ossintorf, na zona de Orcha, a partir de começos de 1942, sob a direção de emigrados russos (apenas uma pequena corrente de emigrados aderiu a esse movimento, não ocultando no entanto os seus sentimentos antialemães, o que possibilitou muitas fugas para o lado soviético e até a passagem de todo um batalhão, depois do que foram postos de lado pelos alemães); e as unidades de Guil, nos arredores de Liublin, a partir do verão de 1942 (V. V.*

do Dniepr, ao sul de Tursk. Durante duas semanas desenrolaram-se ali combates infrutíferos por umas centenas de metros: combates ferozes, sob um frio não menos feroz (dezembro de 1943). Nessa endemoninhada batalha invernal, que durou muitos dias, e em que tanto nós como eles envergávamos camuflagens brancas para encobrir o capote e o boné, contaram-me que na zona de Málie-Koslovítchie se registrou o seguinte caso: ao avançar aos saltos entre os pinheiros, dois combatentes perderam-se e deitaram-se lado a lado no solo, já sem compreender exatamente contra quem disparavam nem sobre o quê. As armas automáticas de ambos eram soviéticas. Dividiram as balas entre si, elogiaram-se um ao outro, pronunciaram palavrões e juras contra o óleo das metralhadoras que se congelava. Finalmente, deixaram completamente de disparar, decidiram fumar, tiraram os capuzes brancos da cabeça — e só então viram a águia e a estrelinha nos bonés um do outro. Deram um salto! As armas não disparavam. Agarraram-nas pelo cano, como cajados, e começaram a perseguir-se um ao outro: aqui já não se tratava de política, nem da mãe-pátria, mas simplesmente da desconfiança primitiva dos homens das cavernas: se o poupo, ele me mata.

Na Prússia Oriental, a uns quantos passos de mim, conduziam, pela beira da estrada, três prisioneiros que eram precisamente vlassovistas, quando passou atroando um tanque T-34. De repente, um dos prisioneiros deu um salto de andorinha e caiu sob o tanque. O tanque desviou-se, mas uma das extremidades da cremalheira esmagou o prisioneiro. Já esmagado, este contorcia-se e da boca saía-lhe uma espuma vermelha. E podia-se compreendê-lo! Tinha preferido uma morte de soldado a ser enforcado numa prisão.

Não lhes foi deixada a possibilidade de escolha. Não lhes foi deixada a possibilidade de lutar de outra maneira. Não lhes restou outra forma mais econômica de lutar poupando-se a si próprios. Se um prisioneiro "puro" e simples já era por nós con-

---

Guil, membro do Partido Comunista bolchevique e segundo parece judeu, não só escapou incólume do cativeiro como, apoiado por outros prisioneiros, se tornou chefe do campo de Suvalki, propondo aos alemães a criação da União de Combate dos Nacionalistas Russos). Entretanto, em tudo isso não havia nenhum Exército Russo de Libertação (ROA), nem Vlássov. As companhias sob comando alemão foram enviadas, a título de experiência, para a frente russa, enquanto as unidades russas foram utilizadas contra os guerrilheiros de Briansk e de Orcha e contra os resistentes polacos. (N. do A.)

siderado como um imperdoável traidor da pátria, que sucederia então àqueles que empunharam as armas do inimigo? O comportamento dessas pessoas, no nosso simplismo propagandístico, era explicado: 1) por traição (biológica? que corria no sangue?) e 2) por covardia. Em todo caso, tratava-se de tudo menos de covardia! Os covardes encostam-se onde haja indulgência, condescendência. Mas que podia conduzi-los, aos destacamentos vlassovistas da Wehrmacht, senão a última extremidade, o ilimitado desespero, o insaciável ódio ao regime soviético, o desprezo pela própria integridade física? Eles sabiam que não podiam nem contar com a mais remota margem de perdão! Nos nossos campos de prisioneiros fuzilavam-nos logo que ouviam da sua boca a primeira palavra compreensível de russo. No cativeiro soviético, como no cativeiro alemão, eram os russos os mais maltratados.

De um modo geral esta guerra revelou-nos que o que há de pior na terra é ser russo.

Recordo-me, envergonhado, de como na limpeza (isto é, no saque) do cerco de Bobrúisk eu seguia pela estrada, no meio de caminhões e outros veículos destruídos e tombados. Entre o rico espólio que se espalhava pelos baixios onde se tinham atascado as carroças e carros, andavam à solta enormes cavalos alemães. De repente, ouvi um grito de socorro: "Senhor capitão! Senhor capitão!" — gritava-me, pedindo ajuda, num russo perfeito, um homem que marchava a pé, com calças alemãs, nu da cintura para cima, todo ensangüentado no rosto, no peito, nos ombros e nas costas, enquanto um sargento da seção especial, montado a cavalo, o fazia correr diante de si às chicotadas e o empurrava com o cavalo. Ele lhe batia com a chibata sobre o corpo despido, sem o deixar voltar-se nem pedir auxílio. Perseguia-o e açoitava-o, causando-lhe novas esfoladuras roxas na pele. Não, não se tratava da guerra púnica, nem da guerra greco-persa! Qualquer oficial de qualquer exército da terra, que tivesse algum poder, devia pôr termo àquela tortura ilegal. De qualquer exército, sim, mas do nosso?... Com o feroz e absoluto maniqueísmo a que reduzíamos a humanidade? *(Quem não é por nós, está contra nós, etc.* — é merecedor apenas do nosso desprezo e do aniquilamento.) Assim, eu me *acovardei* a defender um vlassovista perante um agente da seção especial, *nada disse e nada fiz, passei de largo, como se nada tivesse ouvido,* com medo de que essa peste, reconhecida por todos, se transmitisse a mim (e se, de um momento para o outro, esse vlassovista

fosse um criminoso qualquer?... e se, de um momento para o outro, esse sargento da seção especial pensasse que eu...? e se, de um momento para o outro...?). De resto, as coisas eram bem mais simples, para quem conhecesse a situação de então no Exército: acaso um elemento da seção especial daria ouvidos a um capitão?

E, com o seu rosto selvagem, o sargento continuou a açoitar e a perseguir o homem indefeso, como se se tratasse de um animal.

Esse quadro ficou para sempre gravado em mim. Ele é quase o símbolo do arquipélago, e poderia figurar na capa do livro.

E tudo isso eles o pressentiam e sabiam de antemão, mas isso não os impedia de coserem na manga esquerda da farda alemã o escudo com o debrum branco, azul e vermelho, e, sobre campo de Santo André *, as iniciais ROA [10].

---

* *Branco, com uma cruz de Santo André em azul. (N. do T.)*

10 *Essas iniciais eram cada vez mais conhecidas, embora, como anteriormente, não houvesse nenhum exército; todas as unidades estavam dispersas, subordinadas a diferentes comandos, e os generais vlassovistas jogavam cartas em Dalemdorf, nos arredores de Berlim. A brigada de Voskobóinikov, e depois da sua morte, de Kaminski, em meados de 1942, contava com cinco regimentos de infantaria de dois mil e quinhentos a três mil homens cada, aos quais há que acrescentar os servidores das peças de artilharia, um batalhão blindado de duas dezenas de tanques soviéticos e uma divisão de artilharia com três dezenas de canhões. (O comando era constituído por oficiais prisioneiros de guerra e as tropas, em grau considerável, por voluntários naturais de Briansk.) Essa brigada foi incumbida de defender a zona contra os guerrilheiros... Com esse mesmo fim, no verão de 1942, foi transferida da Polônia para Moguiliov a brigada de Guil-Blajévitch, que se tinha destacado pela sua crueldade contra os polacos e os judeus. Em começos de 1943 o seu comando se recusou a subordinar-se a Vlássov, censurando-o porque no seu anunciado programa não figurava a "luta contra o judaísmo mundial e os comissários judaizantes"; foram justamente os elementos dessa brigada (os "rodionovistas", dado ter Guil adotado o nome de Rodionov) que em agosto de 1943, quando começou a definir-se a derrota de Hitler, trocaram a sua bandeira negra com uma caveira prateada pela bandeira vermelha e proclamaram num vasto "território guerrilheiro" o poder soviético, na parte nordeste da Bielo-Rússia. (Sobre esse "território guerrilheiro", sem se esclarecer onde tinha aparecido, muito se escreveu então nos nossos jornais. Mais tarde todos os rodionovistas que escaparam com vida foram presos.) E quem lançaram os alemães contra os rodionovistas? A brigada de Kaminski! (Em maio de 1944 treze divisões foram mobilizadas para liquidar o "território guerrilheiro".) Era assim que os alemães compreendiam essas efígies tricolores: São Jorge, o Invencível, sobre fundo de Santo An-*

Os habitantes das regiões ocupadas desprezavam-nos por serem mercenários alemães; e os alemães, pelo seu sangue russo. Os seus míseros jornais eram submetidos à tesoura da censura alemã: a Grande Alemanha e o Führer. E assim nada mais restava aos vlassovistas do que lutar até a morte e nos momentos de ócio encharcar-se em vodca e mais vodca. Uma *completa perdição,* tal foi a sua existência durante todos os anos de guerra no estrangeiro, sem terem jamais outra saída.

Hitler e os que o rodeavam, retrocedendo já por toda parte, às vésperas da derrota, não podiam no entanto superar a sua inabalável desconfiança perante as unidades russas isoladas, nem decidir-se pelas divisões integralmente russas, por uma sombra sequer de uma Rússia independente, que não lhes fosse submetida. Só no estertor do naufrágio, em novembro de 1944, foi permitido (em Praga) um último espetáculo: a convocação de todos os grupos nacionais russos, unificados por um "comitê de libertação dos povos da Rússia", bem como a publicação de um manifesto (bastardo, como das outras vezes, pois nele não se permitia pensar na Rússia fora da Alemanha, fora do nazismo). Vlássov tornou-se o presidente deste comitê. Só no outono de 1944 começaram a formar-se divisões vlassovistas, integralmente

---

dré. O russo e o alemão eram mutuamente intraduzíveis, inexprimíveis, incompatíveis. Pior ainda: em outubro de 1944 os alemães enviaram a brigada de Kaminski (juntamente com as unidades muçulmanas) para esmagar a insurreição de Varsóvia. Enquanto uns russos se deixavam traiçoeiramente adormecer do outro lado do Vístula, contemplando com binóculos o massacre de Varsóvia, outros estrangulavam a insurreição. Não teriam os polacos sido suficientemente maltratados pelos russos, no século XIX, para ainda neles se cravarem os seus alfanjes, no século XX? (Mas isso seria tudo? seriam os últimos?) Mais clara parecia ser a existência do batalhão de Ossintorf, transferido para a zona de Pskov. Era formado por cerca de seiscentos soldados e duzentos oficiais, sob o comando de emigrantes (I. K. Zakhárov, Lamsdorf), a sua farda era russa, a sua bandeira branca, azul e vermelha. O batalhão, ampliado para um regimento, tinha sido preparado para ser lançado em pára-quedas da linha de Vologda-Arkhanguelsk, com o objetivo de atingir o ninho de campos de trabalho que se encontravam situados nesses lugares. Ígor Zakhárov conseguiu durante todo o ano de 1943 impedir que a sua unidade fosse enviada contra os guerrilheiros. Então destituíram-no, desarmaram o batalhão e meteram-no num campo, enviando-o depois para a frente ocidental. Tendo posto de lado, esquecido, e não tendo necessidade de voltar a recordar o projeto inicial, no outono de 1943, os alemães tomaram a decisão de enviar carne de canhão russa... para o baluarte Atlântico, contra a Resistência francesa e italiana. Os vlassovistas que tinham conservado algum sentido político ou alguma esperança perderam-nos. (N. do A.)

russas [11]. Provavelmente os especialistas políticos alemães supunham que os operários russos *(ostarbeiter)* iriam escolher aquele momento para pegar em armas. Mas o Exército Vermelho já se encontrava no Vístula e no Danúbio... E por ironia, como se quisessem confirmar a previsão dos alemães mais míopes, as divisões vlassovistas, ao executarem a sua primeira e última ação independente, assestaram um golpe... contra os alemães! No meio do desmoronamento geral, e já sem qualquer contato com o *Oberkommando,* Vlássov reuniu em fins de abril as suas duas divisões e meia, nas proximidades de Praga. Ali soube que o general das SS, Steiner, se preparava para destruir a capital tcheca, para não a entregar intacta. E Vlássov ordenou às suas divisões que se passassem para o lado dos tchecos sublevados. E todos os ultrajes, toda a amargura e toda a raiva acumulados perante os alemães nesses três cruéis e estúpidos anos, os esforçados peitos russos voltaram agora contra eles: surgindo de um lado inesperado, desalojaram-nos de Praga. (Terão todos os tchecos compreendido depois quais foram os russos que lhes salvaram a cidade? A nossa história está deturpada, pretendendo-se que Praga foi salva pelos combatentes soviéticos, quando eles não puderam chegar a tempo.)

Depois, o exército de Vlássov começou a retroceder para o lado dos americanos, para a Baviera: toda a sua esperança estava posta agora nos Aliados, no que pudessem vir a ser-lhes úteis. Assim ganharia no fim de contas um sentido a sua prolongada suspensão na corda da forca alemã. Mas os americanos receberam-nos com uma muralha armada e obrigaram-nos a entregar-se às mãos dos soviéticos, como tinha sido previsto na Conferência de Ialta. E nesse mesmo mês de maio, na Áustria, Churchill deu também um passo de aliado leal (que pela nossa habitual modéstia não foi divulgado entre nós), entregando ao comando soviético um corpo cossaco de noventa mil homens [12],

---

[11] *A primeira divisão (formada a partir da "Brigada Kaminski"), comandada por S. K. Buniatchenko; a segunda, sob as ordens de Zverev (antigo comandante de Kharkov), a metade da terceira, os primeiros elementos da quarta, e o destacamento de aviação de Maltsev. Não se havia autorizado mais de quatro divisões. (N. do A.)*

[12] *A maneira como esta entrega foi feita teve o caráter pérfido tradicional da diplomacia inglesa. O fato era que os cossacos estavam dispostos a bater-se até a morte ou a partir para outro lado do oceano, mesmo que fosse para o Paraguai ou para a Indochina, desde que não tivessem de entregar-se vivos. Por isso os ingleses propuseram primeiramente aos cossacos que depusessem as armas sob o pretexto de unificação. Depois, chamaram os oficiais separadamente dos soldados, para uma pretensa conferência*

bem como muitos carros repletos de velhos, crianças e mulheres, que não desejavam regressar às margens dos rios cossacos pátrios. (O grande homem, cujos monumentos com o tempo cobrirão toda a Inglaterra, decidiu também entregá-los à morte.)

Além das divisões vlassovistas, apressadamente constituídas, não poucas seções militares russas continuavam a azedar nas profundidades do Exército alemão, sob uniformes que não se distinguiam das fardas alemãs. Elas terminaram a guerra em diversos setores e de maneiras diferentes.

Alguns dias antes da minha detenção, eu próprio fiquei debaixo do fogo dos vlassovistas. Havia igualmente russos dentro do cerco por nós montado na Prússia Oriental. Uma noite de fins de janeiro, parte deles tentou abrir caminho para o ocidente, através das nossas posições, sem preparação de artilharia, silenciosamente. Na ausência de uma linha de frente contínua, eles infiltraram-se rapidamente e apanharam em tenaz o meu goniômetro que estava numa posição avançada, de modo que tive dificuldade em retirá-lo pelo último caminho que nos restava. Mais tarde voltei lá, por causa de uma máquina avariada, e ao amanhecer vi como, agrupando-se na neve com a sua camuflagem branca, se levantaram subitamente e se lançaram ao grito de "Hurra!" sobre as posições de fogo da nossa divisão de canhões de 152 milímetros junto de Adlig Schwenkitten, cobrindo de granadas doze canhões pesados sem permitir-lhes dar um só

---

sobre os destinos do Exército, a realizar-se na cidade de Judenburg, na zona de ocupação inglesa; mas, na noite anterior, tinham cedido secretamente essa cidade às tropas soviéticas. Quarenta ônibus com oficiais, desde os comandantes de companhias até o General Krásnov, passando pelo alto viaduto, desceram diretamente para o semicerco de carros profissionais, em torno dos quais já se encontravam as escoltas com as listas. E o caminho de regresso estava barrado por tanques soviéticos. Nem sequer podiam suicidar-se, com um tiro ou apunhalando-se: todas as armas tinham sido confiscadas. Alguns lançavam-se do viaduto sobre as pedras da estrada. Depois, por meio do mesmo estratagema, os ingleses entregaram os soldados, metidos em trens (como se fossem reunir-se aos seus oficiais, para receber as armas). Nos seus países, Roosevelt e Churchill são considerados modelos de lucidez política. Entre nós, nas discussões travadas nas prisões russas, sobressaía com assombrosa evidência a sua miopia sistemática e até a sua estupidez. Como puderam eles, na passagem de 1941 para 1945, não assegurar nenhuma garantia de independência para a Europa Oriental? Como puderam eles, em troca do ridículo joguete das quatro zonas de Berlim (que se tornaram o seu futuro calcanhar de Aquiles), abandonar as vastas regiões da Saxônia e da Turíngia? E qual foi a razão militar e política que os levou a atirar para as mãos de Stálin, isto é, para a morte, algumas centenas de milhares de cidadãos soviéticos armados, que decididamente não queriam se

tiro. Sob o fogo das suas balas, o nosso último grupo correu três quilômetros através da terra nevada, até a ponte sobre o rio Passarge. E ali foram detidos.

Pouco depois eu fui preso. E eis que na véspera da parada da vitória estávamos presos agora todos juntos, nas celas da cadeia de Butirki. Eu acabava de fumar o cigarro deles e eles o meu, e lado a lado carregávamos o balde-latrina.

Uma grande parte dos vlassovistas, assim como dos "espiões baratos", eram muito jovens, tendo nascido entre 1915 e 1922, e pertencendo portanto à "desconhecida geração juvenil" que em nome de Púchkin se tinha apressado a saudar o inquieto Lunatcharski. A maioria fora lançada nas formações militares pela mesma vaga casual que, no campo vizinho, arrastara os seus camaradas à espionagem: tudo dependia do engajador que se apresentava.

Os agentes de recrutamento explicavam-lhes com zombaria — com zombaria é uma maneira de dizer, pois tratava-se da verdade: "Stálin renunciou a vocês! Stálin pouco se importa com vocês!"

A lei soviética colocara-os fora da lei, mesmo antes de eles se terem colocado fora dela.

E eles engajaram-se... Uns, apenas para sair do campo da morte. Outros, com o fito de passarem para o lado dos guerrilheiros (e muitos passaram, tendo combatido depois ao lado deles, mas segundo o critério stalinista isso em nada atenuava a sua condenação). Entretanto, em alguns deles tinha calado fundo a dor sofrida pelo vergonhoso ano de 1941, a consternação da derrota após tantos anos de jactância; e havia alguns que consideravam Stálin como o maior culpado desses inumanos campos de concentração. Também eles sentiram o desejo de dizer quem eram e qual tinha sido a sua terrível experiência: que constituíam uma partícula da Rússia e queriam influir no seu futuro, não sendo um joguete dos erros alheios.

---

entregar? Diz-se que desse modo eles pagavam a participação direta de Stálin na guerra contra o Japão. Possuindo já a bomba atômica, isso equivalia a pagar a Stálin para que ele renunciasse não só a ocupar a Mandchúria, mas a fortalecer Mao Tsé-tung na China e Kim Il Sung em metade da Coréia!... Não se tratava, por acaso, de um indigente cálculo político? Mais tarde, quando foi desalojado Mikollajczyk, quando desapareceram Benes e Masaryk, quando foi bloqueada Berlim, abandonada às chamas e asfixiada Budapeste, quando conservadores tiraram os pés de Suez, será possível que os que entre eles não têm a memória curta não se tenham recordado sequer do episódio dos cossacos? (N. do A.)

Mas o destino riu-se deles ainda mais amargamente, e eles se tornaram peões ainda mais minúsculos. Com uma obtusa miopia e fatuidade, os alemães só lhes permitiam que morressem pelo Reich, mas não que pensassem sobre um destino russo independente.

Até os Aliados estendiam-se duas mil verstas — e, de resto, como seriam esses Aliados?. . .

A palavra "vlassovista" soa entre nós como algo parecido com "impureza", dando a impressão de que sujamos a boca só por pronunciá-la, e por isso ninguém se atreve a proferir duas ou três frases cujo sujeito seja "vlassovista".

Mas a história não se escreve assim. Agora, decorrido já um quarto de século, quando a maioria deles pereceu nos campos, e os que permanecem vivos acabam os seus dias no extremo norte, eu quis, através destas páginas, lembrar que, para a história mundial, se trata de um fenômeno bastante inédito que várias centenas de milhares de jovens[13], na casa dos vinte e trinta anos, tenham empunhado as armas contra a sua própria pátria, em aliança com o seu pior inimigo. Talvez seja necessário refletir: quem será o mais culpado, essa juventude ou a pátria encanecida? É algo que não se pode explicar por uma propensão biológica à traição, devendo existir para isso causas sociais.

Porque, como diz o velho adágio: *não é devido à forragem que os cavalos relincham.*

Imaginem um quadro assim: um descampado e, correndo desvairadamente por ele, cavalos abandonados e famintos.

Naquela primavera havia ainda nas celas numerosos emigrados russos.

Isso tinha quase uma aparência de sonho: o retorno da história. Há muito tinham sido escritos e fechados os volumes da guerra civil, resolvidos os seus problemas, inseridos os seus acontecimentos na cronologia dos manuais. Os líderes do movimento branco já não eram nossos contemporâneos na terra, mas sim fantasmas de um passado delido. Os emigrados russos, mais cruelmente dispersos do que as tribos de Israel, na nossa maneira soviética de ver, se ainda por acaso arrastavam a sua existência, era como pianistas em desagradáveis restaurantes, como lacaios,

---

13 *Esse era o número de cidadãos soviéticos na Wehrmacht, nas formações pré-vlassovistas, nas vlassovistas, nas cossacas, muçulmanas, unidades e destacamentos bálticos. (N. do A.)*

lavadeiras, pedintes, morfinômanos, cocainômanos, cadáveres vivos. Até 1941, quando veio a guerra, nenhum indício transparecia nos nossos jornais, na nossa literatura e na nossa crítica literária (e não seriam os nossos saciados mestres que no-los dariam a conhecer), capaz de nos fazer suspeitar que a Rússia do estrangeiro constituía um grande mundo espiritual; que aí se ia desenvolvendo uma filosofia russa original, onde se distinguiam os nomes de Búlgakov, Berdiáiev e Lósski, que a arte russa cativava o mundo, com um Rachmaninov, um Chaliápin, um Benois, um Diaguílev, uma Pávlova, ou o coro dos Cossacos do Don, de Járov; que aí se realizavam profundas pesquisas sobre Dostoiévski (enquanto no nosso país ele era então amaldiçoado); que existia um extraordinário escritor chamado Nabókov-Sírin, que Búnin ainda vivia e nos últimos vinte anos ainda continuava a escrever; que se publicavam revistas de arte, eram dados espetáculos, se reuniam congressos de associações regionais onde se fazia ouvir a palavra russa; que os homens emigrados não tinham perdido a possibilidade de desposar mulheres emigradas e que estas lhes davam filhos, ou seja, contemporâneos nossos.

As idéias espalhadas no nosso país acerca dos emigrados eram tão falsas que se se realizasse um inquérito para saber ao lado de quem estavam os emigrados russos, na Guerra Civil Espanhola e na Segunda Guerra Mundial, todos a uma voz responderiam: "Por Franco! Por Hitler!" Nem agora no nosso país se sabe que a grande maioria dos emigrados brancos combateram ao lado dos republicanos. Que as divisões vlassovistas e o corpo cossaco de Von Pannevits (krasnovista) eram compostos de cidadãos soviéticos e de nenhum modo de emigrados: estes não foram atrás de Hitler, sendo casos isolados os de Merejkóvski e Guíppius, que se puseram ao lado dos alemães. Parece algo de anedótico, mas não é: o próprio Deníkin tentou lutar ao lado da União Soviética contra Hitler, e Stálin esteve um momento quase a ponto de o deixar regressar à pátria (não como força de combate, é claro, mas como símbolo da unidade nacional). No período da ocupação da França um elevado número de emigrados russos, velhos e jovens, aderiram ao movimento da Resistência, e depois da libertação de Paris acorreram em vaga ao Consulado soviético, entregando uma solicitação para regressar à pátria. Não importava que Rússia fosse, era a Rússia! Eis a sua palavra de ordem. E assim eles demonstravam que não mentiam quando já antes afirmavam seu amor a ela. (Nas prisões, nos anos 1945-46, eles eram quase felizes, pois essas grades e esses guardas eram russos; eles observavam com espanto como

as crianças russas coçavam a nuca: "E para que diabo viemos? Não tínhamos espaço suficiente na Europa?")

Mas, de acordo com essa mesma lógica stalinista, segundo a qual se devia meter num campo de trabalho todo cidadão soviético que tivesse vivido no estrangeiro, como poderiam escapar a esse destino os emigrados? Nos Bálcãs, na Europa central, em Karbin, logo à chegada das tropas soviéticas eles eram presos: apanhavam-nos nas casas e nas ruas, exatamente como os nossos. No início só deitavam a mão aos homens, e não a todos, apenas àqueles que tinham manifestado as suas idéias políticas. (As suas famílias iam depois por etapas para as zonas de deportação russas, sendo algumas deixadas na Bulgária ou na Tchecoslováquia.) Na França recebiam-nos com honras e flores, concedendo-lhes a cidadania soviética e transportando-os com conforto para a pátria, mas aqui logo os varriam. As coisas levaram mais tempo com os emigrados de Xangai: as mãos soviéticas não chegaram até lá em 1945. Mas um representante plenipotenciário do governo soviético apresentou-se e tornou público um *ukase* do Presidium do Soviete Supremo, que concedia o perdão a todos os emigrados! Como não acreditar? É impossível que o governo minta! (Que houvesse ou não esse *ukase,* isso em nada atrapalhava os "Órgãos".) Os emigrados de Xangai manifestaram o seu júbilo. Convidaram-nos a levar os objetos que quisessem e tanto quanto quisessem (alguns levaram automóveis, que podiam ser úteis à pátria), a instalar-se onde desejassem na União Soviética, a trabalhar, naturalmente, em qualquer especialidade. Foram transportados de Xangai em barcos. Mas já o destino dos barcos foi diferente: não se sabia por quê, em alguns deles não davam de comer. Diferente foi também o destino dos emigrados que desembarcaram no porto de Nakhodka (um dos principais pontos de passagem para o Gulag). Quase todos foram carregados em trens de mercadorias, como reclusos. Somente não havia ainda uma escolta rigorosa nem cães. Alguns foram conduzidos para lugares habitados, inclusive cidades, e efetivamente ali os deixaram viver de dois a três anos. Outros foram levados em trens imediatamente para campos de trabalho, algures no Volga, e lançados de um alto declive, em plena floresta montanhosa, juntamente com pianos pintados de branco e vasos de plantas. Nos anos de 1948-49, os repatriados do Extremo-Oriente que continuavam vivos foram todos massacrados.

Quando eu era um garoto de nove anos lia, com mais prazer do que os livros de Júlio Verne, as brochuras azuis de V. V. Chúlguin, que eram então vendidas tranqüilamente nos nossos

quiosques. Era uma voz vinda de um mundo tão afastado que nem com a mais assombrosa fantasia eu podia supor que menos de vinte anos depois os passos do seu autor se cruzariam com os meus numa invisível linha ponteada pelos silenciosos corredores da Grande Lubianka. É certo que não foi nessa época distante que o encontrei em carne e osso, mas somente vinte anos mais tarde. Entretanto, naquela primavera de 1945, tive tempo de observar numerosos emigrados, jovens e velhos.

Foi-me dada a oportunidade de passar juntamente com o Capitão de Cavalaria Borch e o Coronel Mariúchkin, numa inspeção médica, e a imagem lamentável dos seus corpos nus, enrugados, de uma cor amarelo-escura (não já propriamente corpos, mas alforjes de peles), ficou gravada nos meus olhos. Foram presos cinco minutos antes de serem enterrados, trazidos para Moscou de milhares de quilômetros de distância, e aqui, em 1945, da maneira mais séria do mundo, fizeram-lhes um interrogatório sobre... a sua luta contra o poder soviético em 1919!

Habituamo-nos tanto à acumulação de injustiças nos processos judiciais que deixamos de diferenciar os seus graus. Este capitão de cavalaria e este coronel foram dos quadros militares do Exército russo czarista. Já tinham mais de quarenta anos de idade e serviam há uns vinte anos quando o telégrafo transmitiu o comunicado de que em Petrogrado tinham derrubado o imperador. Durante duas décadas eles foram fiéis ao juramento czarista, e agora, contra as suas convicções (e talvez murmurando por dentro: "Que a peste caia sobre você e que o diabo o carregue") prestaram ainda juramento ao governo provisório. Nunca mais ninguém os convidou a prestar juramento a quem quer que fosse, uma vez que o Exército tinha sido completamente desbaratado. Eles não gostavam de um regime sob o qual se arrancavam galões e matavam oficiais, e naturalmente uniram-se à outros oficiais para lutar contra esse regime. Era também natural que o Exército Vermelho lutasse contra eles e os jogasse ao mar. Mas num país onde existia ainda que fosse um embrião de pensamento jurídico, quais poderiam ser os fundamentos para os *julgar,* e ainda por cima ao cabo de um quarto de século? (Durante todo esse tempo eles tinham vivido como simples particulares: Mariúchkin, até a sua detenção; e quanto a Borch, é verdade que o encontraram numa caravana cossaca, na Áustria, mas não precisamente numa unidade armada, e sim entre os velhos e as mulheres.)

Entretanto, em 1945, no próprio centro do nosso aparelho judiciário, acusaram-nos cumulativamente: de atos destinados à

derrubada do poder dos sovietes de operários e camponeses; de *invasão* armada do território soviético (isto é, de não terem partido imediatamente da Rússia, que em Petrogrado tinha proclamado o poder soviético); de prestação de ajuda à burguesia internacional (que nem em sonhos nem em espírito tinham visto); de terem servido os governos contra-revolucionários (ou seja, os seus generais, aos quais tinham estado sempre subordinados). E todos estes pontos (1-2-4-13) do artigo 58 correspondiam a um código aprovado no... ano de 1926, isto é, seis a sete anos *depois do termo* da guerra civil! (Exemplo clássico e desavergonhado de aplicação retroativa da lei!) Além disso, o artigo 2.º do Código indicava que ele se aplicava *unicamente* aos cidadãos presos no território da República Socialista Federativa Soviética Russa. Mas a mão direita da Segurança do Estado arrancava tanto os que eram *não*-cidadãos, como os habitantes de todos os países da Europa e da Ásia[14]! Quanto à prescrição, já nem sequer falamos: estava flexivelmente previsto que em relação ao artigo 58 ela não se aplicava. ("Para que remexer no passado?...") A prescrição era reservada aos nossos verdugos caseiros, que aniquilaram sistematicamente mais compatriotas do que toda a guerra civil.

Mariúchkin era ainda capaz de se recordar de tudo claramente, relatando os pormenores da sua evacuação de Novorossisk. Mas Borch estava como se tivesse retornado à infância, contando simploriamente como acabava de festejar a Páscoa na Lubianka: durante toda a semana desde os Ramos até a Paixão, apenas comera metade da ração de pão; a outra guardava-a, e trocava gradualmente pão duro por pão mole. Desta forma, com o que tinha jejuado, juntou o pão de sete dias e banqueteou-se durante os três dias de Páscoa.

Não sei, precisamente, que espécie de guardas brancos foram eles durante a guerra civil: se pertenciam à categoria — que constituía a exceção — dos que enforcavam sem julgamento um entre cada dez operários e espancavam os camponeses, ou à da maioria dos soldados. Que agora os processassem e julgassem aqui, não constituía uma prova material nem um argumento. Mas se, até esse momento, durante um quarto de século, tinham vivido não como honrosos aposentados mas como proscritos

---

14 Assim, não há nenhum presidente africano que possa estar seguro de que, dentro de dez anos, não publiquemos uma lei pela qual o julguemos pelos seus atos de hoje. Os chineses, em todo o caso, o farão desde que os deixem chegar lá. (N. do A.)

sem lar, talvez seja difícil encontrar ainda fundamentos morais para julgá-los. Esta é uma dialética que Anatole France dominava, mas que nos é completamente inacessível. Segundo Anatole France, o mártir de ontem deixa de ser justo hoje, desde o primeiro instante em que a camisa vermelha se lhe pegue ao corpo. E vice-versa. Mas não nas biografias do nosso tempo revolucionário: se a mim montaram durante um ano quando eu deixei de ser potro, agora toda a vida me chamarei cavalo, embora há muito sirva como cocheiro.

O Coronel Konstantin Konstantínovitch Iássevitch diferenciava-se muito dessas impotentes múmias de emigrantes. Para ele o fim da guerra civil não significou certamente o fim da luta contra o bolchevismo. Com que meios ele pôde lutar, onde e como, isso ele não me contou. Mas ele tinha a impressão de se encontrar ainda no serviço ativo, mesmo agora, aqui na cela. Enquanto o caos e as seqüências descontínuas e incertas de idéias reinavam na maioria das nossas cabeças, ele, aparentemente, tinha uma opinião clara e precisa sobre o que nos rodeava, e a clareza das suas posições na vida conferia ao seu corpo uma permanente energia, elasticidade e dinamismo. Não tinha menos de sessenta anos, a sua cabeça era inteiramente calva, já sofrera a instrução do processo (esperava a sentença, como todos nós) e não recebia, naturalmente, ajuda de parte alguma, mas conservava a sua juventude e mesmo a sua pele rosada. Em toda a cela ele era o único que fazia ginástica pela manhã e se borrifava com água da torneira (todos nós poupávamos, pelo contrário, as calorias do rancho carcerário). Ele não deixava passar o instante em que entre as camas ficava um espaço livre e nesses cinco ou seis metros andava de um lado para o outro, com passo preciso e costumeiro, as mãos cruzadas sobre o peito e os olhos claros e juvenis trespassando as paredes.

Justamente porque nós nos surpreendíamos com o que sucedia à nossa volta e para ele nada contradizia a sua expectativa, ele era na cela um ser completamente isolado.

Só um ano depois eu pude avaliar e compreender a sua conduta na prisão: fui parar de novo em Butirki e numa das setenta celas encontrei jovens do mesmo processo de Iássevitch, com sentenças de dez e de quinze anos. Eu não sei por quê, eles tinham em suas mãos o texto da condenação de todo o grupo, batido a máquina sobre um papel de cigarros. O primeiro da lista era Iássevitch, e a sua sentença era o fuzilamento. Eis pois o que ele via através das paredes, com os seus olhos não envelhecidos, andando da mesa para a porta e vice-versa. Mas a

sua consciência, que não se arrependia de seguir o caminho justo, proporcionava-lhe uma força extraordinária.

Entre os emigrados encontrava-se Ígor Tronko, da minha geração. Travamos amizade. Ambos estávamos enfraquecidos, chupados, com a pele amarelada e cinzenta recobrindo os ossos. (Por que é que nos deixáramos abater tanto? Penso que devido ao desconcerto espiritual.) Tanto eu como ele éramos magros e altos. Agitados pelos impulsos do vento estival, no pátio de recreio de Butirki andávamos sempre um ao lado do outro, com um passo cuidadoso de velhos, discutindo as nossas vidas paralelas. Nascemos no mesmo ano, no sul da Rússia. Ainda mamávamos quando o destino remexeu na sua velha bolsa e me estendeu uma palhinha curta e a ele uma comprida. A sua sina atirou-o para lá dos mares, embora o seu pai, pretenso guarda branco, fosse um simples e modesto telegrafista.

Para mim era deveras interessante imaginar através da vida dele toda a minha geração de compatriotas que ali se encontrava. Eles tinham sido criados sob uma boa proteção familiar, com modesto desafogo ou mesmo com dificuldades. Eram todos muito bem-educados e, de acordo com os seus meios, instruídos. Cresceram sem conhecer o medo nem a repressão, embora um certo peso dos dirigentes das organizações de brancos se exercesse sobre eles, enquanto não se tornaram adultos. Cresceram de tal modo que os vícios do século que envolviam toda a juventude européia (elevada criminalidade, atitude leviana perante a vida, falta de reflexão) não os atingiram, pois desenvolveram-se à sombra da indelével desgraça das suas famílias. Em todos os países onde tinham estado só reconheciam a Rússia como a sua pátria. A sua formação espiritual, beberam-na na literatura russa, tanto mais amada porque para eles era essa literatura que representava a mãe-pátria, porque para eles a mãe-pátria não existia como um fato geográfico e físico palpável. As publicações contemporâneas eram-lhes mais acessíveis do que a nós, mas precisamente as edições soviéticas quase não chegavam até eles, e sentiam essa lacuna de um modo agudo, parecendo-lhes que, por isso, não podiam compreender o que havia de mais importante, o que havia de mais elevado e belo na Rússia soviética. Tudo o que conheciam tinha para eles um ar de deturpação, de mentira, de algo incompleto. As idéias que tinham sobre a nossa vida autêntica eram das mais pálidas, mas a saudade da pátria era tal que se no ano de 1941 tivessem feito apelo a eles, todos teriam acorrido ao Exército Vermelho e mesmo mais dispostos a morrer do que a ficar vivos. E aos vinte e cinco ou

vinte e sete anos esta juventude já formulava e defendia com firmeza vários pontos de vista, que não coincidiam com as opiniões dos velhos generais e políticos. Assim, o grupo de Ígor era partidário de "nada decidir *a priori*". Eles afirmavam que, não tendo compartilhado com a pátria toda a complexa gravidade das décadas anteriores, ninguém tinha o direito de decidir sobre o futuro da Rússia, nem sequer de propor algo, mas somente de regressar e oferecer as suas energias para aquilo que o povo decidisse.

Passávamos longo tempo deitados um ao lado do outro nas celas. Eu aprendi o quanto pude do seu mundo, e este encontro esclareceu-me (o que depois outros encontros confirmaram) que se sumira pela vala de escoamento da guerra civil uma parte considerável das nossas forças espirituais, privando-nos de um ramo importante da cultura russa. E todos os que a amam verdadeiramente aspirarão à reunificação dos dois ramos — o da metrópole e o do estrangeiro. Só então ela atingirá a plenitude, só então ela poderá desenvolver-se sem entraves.

Eu sonho viver até esse dia.

O homem é débil, débil. No fim das contas, até os mais obstinados de nós desejavam o perdão, nessa primavera, estando dispostos a renunciar a muito por um pouquinho mais de vida. Circulava a seguinte anedota: "A sua última palavra, acusado!" "Peço que me enviem para onde quiserem, contanto que haja lá o poder soviético! E sol..." Não estávamos ameaçados de ver-nos privados do poder soviético, mas de ver-nos privados do sol... Ninguém queria ir para as regiões polares, onde havia o escorbuto, a distrofia. E, não se sabe por quê, espalhou-se em particular nas celas a lenda sobre o Altai. Aqueles poucos que alguma vez lá tinham estado, mas sobretudo aqueles que nunca lá estiveram, sugeriam aos companheiros de cela sonhos harmoniosos: que belo país é o Altai! Tem a vastidão da Sibéria e um clima suave! Margens cheias de trigais e rios de mel! Estepes e montanhas! Rebanhos de ovelhas, caça, pesca! Populosas e ricas aldeias[15]...

---

15 *Dessa maneira, os prisioneiros revivem o velho sonho do Altai, outrora muito difundido entre os camponeses. No Altai estendiam-se as terras chamadas do "gabinete de Sua Majestade"; durante muito tempo elas permaneceram mais inacessíveis aos imigrantes que o resto da Sibéria. Mas era justamente para lá que os camponeses procuravam ir (e era lá que se instalavam). É essa a origem dessa lenda tão antiga. (N. do A.)*

Ah! Se fosse possível refugiar-se nessa paz! Ouvir o canto claro e sonoro do galo sob um ar límpido! Acariciar o focinho de um cavalo sério e bonacheirão! E que vão para o diabo todos os grandes problemas, que quebre com eles a cabeça alguém mais estúpido do que eu! Repousar ali das injúrias do investigador, desse fastidioso desenrolar de toda a sua vida, do barulho das fechaduras da prisão, do asfixiante ar viciado da cela. A vida que nos é dada é tão pequena, tão curta! E nós a expomos criminosamente a uma metralhadora qualquer e nos imiscuímos com ela, assim pura, no sórdido lixo da política! Lá, no Altai, eu viveria na mais baixa e obscura cabana do extremo da aldeia, na orla do bosque. E iria ao bosque não para apanhar lenha seca ou cogumelos, mas simplesmente para errar entre as árvores, de que abraçaria os troncos: meus queridos! de nada mais preciso!...

A própria primavera exortava à clemência: a primavera do fim de uma tão monstruosa guerra! Nós, presos, víamos que éramos milhões a fluir pelos cárceres e que muitos milhões mais ainda nos iam acolher nos campos. É impossível que se deixem assim tantos milhões de pessoas na prisão após a maior vitória mundial! Devem simplesmente reter-nos para nos dar uma severa advertência, para que não nos esqueçamos. Naturalmente haverá uma grande anistia, e bem depressa nos porão em liberdade. Alguns até juravam ter lido no jornal que Stálin, respondendo a um correspondente americano (Nome? Não me lembro...), disse que depois da guerra haveria uma anistia no nosso país como o mundo nunca vira. A um outro tinha sido *o próprio comissário* que lhe tinha garantido que bem depressa dariam uma anistia geral. (Esses boatos eram vantajosos para os comissários, para afrouxarem a nossa vontade: que um raio os leve, assinaremos o que quiserem, de todas as maneiras, não é por muito tempo!)

Mas *para que haja clemência é necessário que a razão prevaleça!* Isto é válido para toda a nossa história, e por muito tempo ainda.

Nós não escutávamos os poucos prisioneiros lúcidos que havia entre nós, os quais grasnavam que nunca ao longo de um quarto de século tinha havido uma anistia para os presos políticos nem jamais haveria. Encontrava-se sempre na cela alguém para sair com esta resposta: "Sim, em 1927, por ocasião do décimo aniversário da Revolução, todas as cadeias ficaram vazias e sobre elas *flutuavam bandeiras brancas!*" Esta sur-

preendente visão das bandeiras brancas nas prisões — e por que brancas? — comovia particularmente o coração [16]. Repelíamos os mais sensatos, que explicavam que nós estávamos presos aos milhões precisamente porque tinha acabado a guerra: na frente já não fazíamos falta, na retaguarda éramos perigosos, e nas longínquas obras de construção não se assentava um tijolo sem nós. (Não tínhamos suficiente espírito de abdicação de nós próprios para penetrar nos cálculos, se não malévolos, pelo menos econômicos de Stálin: quem é que, depois de desmobilizado, quereria deixar a família, o lar, e partir para Kolimá, para Vorkut, para a Sibéria, onde não havia ainda caminhos nem casas? Isto era quase uma tarefa da Comissão de Planejamento do Estado: fornecer ao Ministério do Interior o número de homens a prender.) Uma anistia! Uma generosa e ampla anistia, nós a esperávamos ansiosamente! Diz-se que na Inglaterra, até no aniversário da coroação, isto é, todos os anos, dão anistia!

Foram anistiados numerosos presos políticos pelo tricentenário da dinastia dos Romanov *. Seria possível que tendo obtido agora uma vitória da escala de um século, e mesmo mais, o governo stalinista fosse tão mesquinho e vingativo, que se mostrasse incapaz de esquecer os passos em falso e os deslizes de cada um dos seus mais insignificantes cidadãos?...

Há uma verdade simples, mas que é necessário experimentar na própria carne: benditas sejam não as vitórias nas guerras, mas as derrotas! As vitórias são necessárias para os governos, as derrotas são necessárias para os povos. Depois das vitórias ambiciona-se ainda novas vitórias, depois das derrotas quer-se a liberdade, e habitualmente consegue-se: os povos precisam das derrotas como certas pessoas precisam de sofrimentos e de desgraças: elas obrigam a aprofundar a vida interior e a elevar o espírito.

---

* *Em 1913. (N. do T.)*

[16] *A coletânea* Das prisões às instituições educativas, *na página 396, dá a seguinte cifra: por ocasião da anistia de 1927 foram libertados 7,3% do total dos reclusos. Pode-se acreditar nisto. É um número muito mesquinho para o décimo aniversário da Revolução. Dos políticos, libertaram as mulheres com os filhos, e aqueles a quem faltava cumprir uns meses. Na cadeia de isolamento de Verkhne-Ural, por exemplo, entre duzentos presos libertaram uma dúzia. Mas arrependeram-se inclusive dessa mísera anistia e começaram a protelá-la: alguns foram retidos na prisão e a outros, em vez de dar-lhes libertação incondicional, deram-lhes uma libertação "reduzida" (residência fixa). (N. do A.)*

A vitória de Poltava* foi uma desgraça para a Rússia: ela arrastou consigo dois séculos de grandes tensões, de devastações, de opressão e de novas e novas guerras. Pelo contrário, a derrota de Poltava foi salutar para os suecos: tendo perdido o gosto de lutar, os suecos tornaram-se o povo mais florescente e livre da Europa [17].

Nós estamos tão acostumados a orgulhar-nos da nossa vitória sobre Napoleão que perdemos de vista que foi precisamente devido a ela que a libertação dos camponeses não se realizou cinqüenta anos antes; e que foi justamente graças a ela que o trono se fortaleceu e esmagou os decembristas. (Quanto à ocupação francesa, ela não foi uma realidade para a Rússia.) Já a Guerra da Criméia e as guerras contra o Japão e a Alemanha ** nos proporcionaram liberdades e revoluções.

Nessa primavera tínhamos fé na anistia, mas nisso não éramos originais. Falando com velhos presos compreendia-se pouco a pouco que esta sede de clemência, esta fé na clemência, nunca abandonam os cinzentos muros das cadeias. Década após década, as diferentes torrentes de presos sempre esperaram e sempre tiveram fé: ora na anistia, ora num novo código, ora numa revisão do processo (e os boatos eram sempre, com habilidade e cautela, suscitados pelos "Órgãos"). Cada aniversário da Revolução, cada aniversário de Lênin, do Dia da Vitória, do Exército Vermelho ou da Comuna de Paris, cada plano qüinqüenal e cada sessão plenária do Supremo Tribunal — tudo a imaginação dos presos fazia coincidir com a tão esperada descida do anjo da libertação! E quanto mais selvagens eram os acusados, quanto mais homéricas e frenéticas eram as torrentes de prisioneiros, tanto mais nascia neles, não a lucidez, mas sim a fé na anistia!

Todas as fontes de luz se podem comparar, num ou noutro grau, com o sol. Só o sol não se pode comparar com coisa alguma. Do mesmo modo, todas as esperanças do mundo podem ser comparadas à espera de uma anistia, mas a espera de uma anistia a nada se pode comparar.

Na primavera de 1945, a cada novato que chegava à cela a primeira coisa que se perguntava era se ele tinha ouvido algo

---

* *Conseguida por Pedro, o Grande, sobre Carlos XII da Suécia, em 1709. (N. do T.)*

17 *Talvez só no século XX, se acreditarmos no que se diz, a sua abundância estagnante o tenha conduzido à crise moral. (N. do A.)*

** *Respectivamente em 1853-1856, 1904-1905, 1914-1917. (N. do T.)*

sobre a anistia. E se de uma cela levavam dois ou três presos *com as suas coisas,* os peritos logo começavam a confrontar os seus *processos* e sabiamente concluíam que eram dos *mais graves,* sendo por isso que os punham em liberdade. *Tudo começava!* Na latrina e no banheiro, que eram os postos de correio dos presos, por toda a parte os nossos ativistas buscavam vestígios e escritos sobre a anistia. E de súbito, no célebre vestíbulo roxo do banheiro de Butirki, nós lemos, em começos de julho, a enorme profecia escrita com sabão sobre os azulejos de cor violeta, a uma altura superior à estatura de um homem (alguém tinha subido aos ombros de outro, para que demorassem mais tempo a apagar a inscrição): "Hurra!!! Em 17 de julho sairá uma anistia [18]!"

Quanto regozijo houve entre nós! (Se não tivessem a certeza não teriam escrito aquilo!) Tudo o que palpitava, pulsava, vibrava no nosso corpo ficou paralisado de alegria, ao pensarmos que a porta se ia abrir...

Mas — *para que haja clemência é necessário que a razão prevaleça!*

Em meados desse mês de julho, o guarda do corredor mandou um velho da nossa cela lavar as latrinas, e ali, cara a cara (diante de testemunhas não se teria atrevido) perguntou-lhe compadecidamente, olhando para a sua cabeça grisalha: "Por qual artigo você está preso, velhote?" "Pelo 58!", alegrou-se o velho, por quem choravam em casa três gerações. "Você não está incluído nele...", suspirou o guarda. "Besteira!", concluíram na cela. O guarda é um analfabeto.

Nessa cela encontrava-se um jovem de Kíev, Valentin (não me recordo do seu sobrenome), de olhos grandes e bonitos, que pareciam de mulher, estando aterrorizado com o processo. Ele tinha sem dúvida muita intuição, talvez só devido àquele estado de excitação. Por mais de uma vez, ao passear de manhã pela cela, ele indicava: "Hoje levam você e você, eu sonhei com isso". E levavam-nos! Precisamente a eles! Entretanto, a alma do preso é tão inclinada ao misticismo que ele acolhe os vaticínios quase sem assombro.

No dia 27 de julho Valentin aproximou-se de mim e disse: "Aleksandr! Hoje vamos os dois". E contou-me um sonho

---

18 E eles tinham se enganado só um pouco, os canalhas! Para maiores detalhes sobre a grande anistia stalinista de 7 de julho de 1945, cf. Parte III, capítulo 6. (N. do A.)

onde figuravam todos os elementos dos sonhos carcerários: uma ponte por cima de um rio turvo e uma cruz. Comecei a preparar-me e não foi em vão: depois da água fervida da manhã, chamaram-nos. Os companheiros da cela despediram-se ruidosamente de nós, desejando-nos sorte, pois muitos afirmavam que íamos ser postos em liberdade (o que resultaria do confronto dos nossos processos; ambos pouco graves).

Você pode não acreditar nisso, pode permitir-se ser cético, repeli-lo com gracejos, mas umas tenazes ardentes, das mais abrasadoras da terra, apertam de repente a sua alma: e se for verdade?...

Juntaram vinte pessoas de celas diferentes e levaram-nas primeiramente ao banho (em cada mudança da vida de um preso ele deve, antes de tudo, passar pelo *banho).* Ali estivemos algum tempo, cerca de uma hora e meia, entregues a conjeturas e a divagações. Depois do vapor do banho, reconfortados, passamos pelo jardim cor de esmeralda do pátio de Butirki, onde ensurdecedoramente chilreavam os pássaros (talvez fossem apenas pardais); o verde intenso dessas árvores parecia insuportável aos olhos desabituados da luz. Nunca a minha vista apreendeu com tanta força o verde da folhagem como naquela primavera! E nunca tinha visto nada na vida mais parecido com o paraíso do que aquele jardinzinho de Butirki, que não se levava mais de trinta segundos para atravessar, pelo passeio asfaltado [19]!

Conduziram-nos à *estação* de Butirki (lugar de recepção e de envio dos presos, cujo nome é muito certo, pois, além do mais, o vestíbulo principal é muito parecido com o de uma boa estação) e puseram-nos num cárcere grande, espaçoso. Havia aí uma semi-escuridão e ar fresco: a única e minúscula janela ficava muito alta e não tinha "mordaça". Ela dava justamente para aquele ensolarado jardim. Através de um caixilho aberto, ouvia-se o piar ensurdecedor dos pássaros e no vão da janela balançava um raminho verde-claro, prometendo a todos nós a liberdade e a casa. (Vejam! Nunca havíamos estado num boxe tão bom! — não era por casualidade!)

---

19 Vi ainda um jardim parecido, que era menor, mas em compensação mais íntimo, muitos anos depois, como excursionista, no bastião de Trubetskoi, na Fortaleza de São Pedro e São Paulo. Os excursionistas surpreendem-se diante dos tenebrosos corredores e celas, mas eu pensei que tendo para passeio um tal jardinzinho os prisioneiros não eram pessoas inteiramente perdidas no mundo. A nós, levavam-nos a passear só em mortos becos de pedra. (N. do A.)

E todos nós dependíamos da OSO[20]! Acontecia que estávamos presos por uma ninharia.

Durante três horas, ninguém nos molestou, ninguém abriu a porta. Nós andávamos, andávamos e andávamos pelo boxe, até que, fatigados, nos sentávamos nos bancos de pedra. E o raminho balançava, balançava, saudando-nos através do postigo, enquanto pardais respondiam uns aos outros endiabradamente.

Subitamente os gonzos da porta rangeram e chamaram um dos nossos, um pacato contabilista, de trinta e cinco anos. Ele saiu. A porta fechou-se. Pusemo-nos a correr mais rapidamente ainda dentro da nossa "caixa"; sufocávamos.

Novo estrondo. Chamaram outro e fizeram entrar o anterior. Lançamo-nos sobre ele. Mas não parecia o mesmo! A vida se tinha paralisado no seu rosto. Os seus olhos abertos estavam cegos. Com movimentos incertos, ele mexia-se vacilantemente pelo liso chão da cela. Estaria contundido? Tê-lo-iam espancado com uma tábua de engomar?

"Então? Então?", perguntamos angustiados. (Se ele não vem da cadeira elétrica devem no mínimo ter-lhe comunicado a pena de morte.) Com voz de quem anuncia o fim do mundo, o contabilista disse:

— Cinco!!! Anos!!!

E de novo os gonzos da porta rangeram: voltavam tão rapidamente que dava a impressão de os terem levado à latrina para fazer uma pequena necessidade. Este regressou radiante. Pelo visto, anunciaram-lhe a liberdade.

— Então? Então? — juntamo-nos à volta do que regressara com esperança. Ele fez um movimento com o braço, sufocando de riso:

— Quinze anos!

Era demasiado absurdo para acreditarmos assim de chofre.

---

20 *Conferência especial de deliberação da Administração Política do Estado — GPU-NKVD. (N. do A.) Cf. capítulo seguinte. (N. do T.)*

VII NA SEÇÃO DE MÁQUINAS

Na cela vizinha à *estação* de Butirki, conhecida como a da *busca* (ali se revistavam os recém-detidos, havendo um espaço suficiente para que cinco ou seis guardas pudessem controlar numa só rodada uns vinte presos), não havia mais ninguém, encontrando-se vazias as grosseiras mesas da inspeção. Só a um lado, sob uma lâmpada, estava sentado diante de uma pequena mesa um elegante major da NKVD, de cabelos pretos. A expressão dominante em seu rosto era de paciente aborrecimento. Ele perdia o seu tempo em vão, enquanto traziam e levavam presos um por um. As assinaturas podiam ser recolhidas muito mais depressa.

Ele apontou-me um banco situado na sua frente, do outro lado da mesa, e verificou o meu nome. À direita e à esquerda dos tinteiros, à frente dele, viam-se pequenas pilhas de papéis brancos, todos iguais, da dimensão de metade de uma folha de papel de máquina e de formato igual ao dos que nas administrações das casas de habitação nos entregam como faturas de combustível, ou então ao dos requerimentos para a aquisição de artigos de escritório, nas repartições. Ao folhear a pilha da direita, o major encontrou um boletim que me dizia respeito. Tirou-o, leu-o com indiferença, numa voz precipitada (eu compreendi que me condenavam a oito anos), e pôs-se logo a anotar com a caneta no reverso que o texto me tinha sido comunicado em tal data.

O meu coração nem sequer teve uma leve palpitação a mais, tão banal era tudo. Seria possível que fosse essa a minha verdadeira sentença, que iria constituir uma reviravolta decisiva na minha vida? Eu queria emocionar-me, viver todos os sentimentos próprios desse momento — mas não pude, de modo algum. O major estendia-me já o verso da folha. E ali tinha ao meu alcance a caneta de sete·copeques, com uma pena ruim, que pescou um farrapo de papel no tinteiro.

— Não, quero lê-la eu próprio.

— Acaso vou enganá-lo? — replicou preguiçosamente o major. — Bem, leia.

E, sem vontade, soltou a folhinha da mão. Eu a voltei e, propositadamente, olhei-a com todo o vagar, não apenas palavra por palavra, mas letra por letra. Estava escrita a máquina, mas o que eu tinha sob os olhos não era o original, e sim uma cópia:

Extrato
do despacho da comissão especial da NKVD da URSS, de 7 de julho de 1945[1]*, n.º...*

Tudo isto era sublinhado com um traço ponteado e dividido também com um ponteado vertical:

Tendo Examinado:	*Decidiu-se:*
Acusação contra (nome, data e lugar de nascimento).	*Aplicar a (nome do interessado) por agitação e tentativa de uma organização anti-soviética 8 (oito) anos de campo correcional de trabalho.*
Cópia fiel.	*O Secretário.........*

Deveria eu limitar-me simplesmente a assinar e a sair silenciosamente? Olhei para o major: iria ele dizer-me qualquer coisa, explicar-me algo? Não, não se dispunha a isso. Tinha já feito sinal com a cabeça ao guarda, para entrar o seguinte.

Para emprestar ao momento um pouco de gravidade, perguntei-lhe em tom trágico:

— Mas isto é horrível! Oito anos! Por quê?

As minhas palavras soaram falsas a mim mesmo: nem eu nem ele sentíamos que era horrível.

— Aqui — indicou-me o major, uma vez mais.

E eu assinei. Não tinha outra alternativa.

— Então, permita-me que escreva aqui mesmo um recurso de apelação. A sentença é injusta.

— Faça-o nos termos legais — disse mecanicamente com a cabeça o major, colocando o meu papelzinho na pilha da esquerda.

— Passe! — ordenou-me o guarda.

E eu *passei*.

(Faltou-me engenho. Gueorgui Tenno, a quem, é verdade, apresentaram um papelzinho com vinte e cinco anos, respondeu assim: "Mas trata-se de prisão perpétua! Antes, quando uma pessoa era condenada a prisão perpétua, rufavam os tambores e convocava-se a multidão. Mas aqui é como se se tratasse de assinar o recebimento de um pedaço de sabão: vinte e cinco anos! O próximo!"

Arnold Rappoport agarrou na caneta e escreveu no verso: "Protesto categoricamente contra esta sentença ilegal e terrorista, e exijo imediatamente a minha libertação". O funcionário

[1] *Reunida no próprio dia da anistia: o trabalho era urgente. (N. do A.)*

esperou primeiro com paciência, mas ao ler o que escrevera enfureceu-se e rasgou o papel que continha a decisão. Isso não tinha importância, a sentença continuava em vigor: aquilo era uma cópia.

Mas Vera Kornêieva esperava uns *quinze anos* e viu com entusiasmo que no seu papelzinho somente estava escrito *cinco*. Riu-se com o seu riso luminoso e apressou-se a assinar, para que não se arrependessem. O oficial teve dúvidas: "Mas você compreendeu o que eu lhe li?" "Sim, sim, muito obrigada! Cinco anos em campos de trabalho correcionais!"

Quanto ao húngaro Ruzcas Janos, leram em língua russa, e sem tradução, num corredor, a sentença de *dez anos* de prisão. Ao assinar, ele não compreendeu que se tratava da sentença. Tinha esperado longo tempo o julgamento e só mais tarde, no campo, ao ter uma idéia confusa do seu caso, suspeitou que tivesse sido assim.)

Regressei à cela sorrindo. Estranhamente, sentia-me de minuto em minuto mais alegre e aliviado. Todos voltavam com dez anos, inclusive Valentin. A pena infantilmente mais baixa de todo o nosso grupo tinha sido a do contabilista, que perdera o juízo (e que até o momento continuava sentado sem dar sinal de si). Depois da dele, a menor era a minha.

Entre as pinceladas de sol, via-se ainda aquele raminho do outro lado da janela, balanceando alegremente à leve brisa de junho. Nós falávamos com animação. Aqui e ali o riso brotava com freqüência. Ríamo-nos por tudo se ter passado bem; ríamos do perturbado contabilista; ríamos das nossas esperanças matinais e de como se tinham despedido de nós na cela, de como nos tinham encomendado pacotes convencionais: quatro batatinhas! Dois biscoitos!

— Mas sim, haverá uma anistia! — afirmavam alguns. — Isto é simplesmente pró-forma, para assustar-nos, para que nos fique na memória. Stálin disse isso mesmo a um correspondente americano...

— Qual o nome desse correspondente?

— Não sei...

Nesse momento ordenaram-nos que apanhássemos nossas coisas, que formássemos dois a dois, e levaram-nos de novo por esse maravilhoso jardinzinho, inundado pela luz de verão. Para onde? Para o *banho!* Uma vez mais.

Isso nos provocou gargalhadas. Mas que cabeçudos! Despimo-nos entre risos, enquanto penduravam as nossas roupas nos mesmos ganchos e as levavam para a mesma desinfecção,

como tinham feito essa manhã. Galhofando, recebemos um pedaço de sabão ruim e passamos ao longo e barulhento banho, para nos lavar dos nossos pecados de criança. Ali despejamos e voltamos a despejar água quente e pura sobre nós, chapinhando tanto como estudantes que fossem ao banho depois do último exame. Esse riso era purificador, aliviador, e não, segundo penso, doentio. Era uma defesa viva e salutar do organismo.

Ao enxugar-se, Valentin disse-me com ar tranqüilizador e pacífico:

— Não importa, ainda somos jovens, ainda temos tempo de viver. O principal *agora* é não dar passos em falso. Quando chegarmos ao campo, *nem uma palavra* com quem quer que seja, para que não caiam sobre nós novas condenações. *Trabalharemos honradamente,* e, quanto ao resto, *calar, calar.*

Tanta era a fé que punha nesse programa, tanta era a esperança que tinha este inocente grão apanhado entre as pedras de moer stalinistas! Sentíamos vontade de estar de acordo com ele, de cumprir comodamente a sentença e de varrer depois da cabeça tudo o que tínhamos sofrido.

Mas uma sensação começou a emergir de dentro de mim: se para viver é preciso *não viver* — então para quê?

Não se pode dizer que as comissões especiais tivessem sido inventadas depois da Revolução. Já Catarina II mimoseara o indesejável jornalista Nóvikov com quinze anos, por meio do que mais tarde se chamaria uma comissão especial, pois não o entregou aos tribunais. E todos os imperadores desterravam também paternalmente os que não gozavam das suas boas graças, sem julgamento. Nos anos 60 do século XIX teve lugar uma reforma radical do sistema judiciário. Era como se começasse a se delinear algo que aos governantes e aos súditos aparecia como uma visão jurídica da sociedade. Entretanto, nos anos 70 e 80, Korolenko revela casos de repressão administrativa, em vez de condenações judiciais. Ele próprio, em 1876, com mais dois estudantes, foi deportado sem julgamento, por despacho de um camarada ministro dos domínios estatais (caso típico de deliberação de uma comissão especial). Ainda sem julgamento, foi deportado uma segunda vez, juntamente com um irmão, para Glázov. Korolenko cita o caso de Fiódor Bogdan, delegado camponês, que chegou a falar com o czar e depois foi deportado; de Piánkov, absolvido pelo tribunal, e que foi exilado por ordem superior; e o de muitas outras pessoas. Vera Zassúlitch, numa

carta escrita da emigração, explicava que não era ao tribunal que se subtraía, mas sim a uma repressão administrativa, sem julgamento.

Deste modo, a tradição ia traçando uma linha ponteada; mas ela era demasiado frouxa, boa para uma nação asiática em letargia, e não para um país que queria dar um grande salto à frente. E depois havia ainda a ausência de responsabilidade pessoal: *quem* era essa comissão especial? Ora o czar, ora o governador, ora o camarada ministro. Perdão, mas que falta de envergadura, se se podem *enumerar* os nomes e os casos.

A envergadura, essa começou a partir dos anos 20, quando, passando por cima dos tribunais, criaram-se as *tróikas,* funcionando *permanentemente.* Inicialmente falava-se delas com orgulho ostensivo. A *tróika* da GPU! Os nomes dos seus membros não eram ocultos, fazia-se até a sua publicidade. Quem não conhecia em Solóvki a célebre *tróika* moscovita: Gleb Boquii, Vul e Vassíliev?! E era bem apropriada, essa palavra *tróika!* Ela evoca um pouco o som dos guizos sob o arco do cavalo de tiro, a pândega carnavalesca e um certo mistério. Por que *tróika?* Que significa isso? Um tribunal, na verdade, não é propriamente um quarteto! E uma *tróika* não é também um tribunal! O que há de mais misterioso nela é que se reúne na ausência do acusado... Nós não estivemos lá, nada vimos, só nos estenderam um papelzinho: e assine! A *tróika* tornou-se mais terrível do que os tribunais revolucionários. Um belo dia, ela isolou-se, encobriu-se, encerrou-se num gabinete à parte e os nomes dos seus membros tornaram-se secretos. Assim nos habituamos à idéia de que os da *tróika* não bebem, não comem, nem vivem entre gente humana. E uma vez que se retiraram para deliberar, desaparecendo para sempre, é só através das datilógrafas que nos chegam as sentenças. (E com ordem de devolução: esse documento não pode ser deixado nas nossas mãos.)

Essas *tróikas* (para o que der e vier, escrevemos o seu nome no plural; é como se se tratasse de uma divindade: nunca se sabe onde situá-la) respondiam à manifestação de uma insistente necessidade: uma vez presas as pessoas, já não se podia deixá-las regressar à liberdade (tratava-se no fundo de uma espécie de Seção de Controle Técnico da GPU, destinada a impedir que houvesse *sucata).* E se por acaso acontecia que o preso era inocente, não podendo ser processado de forma alguma, então, através da *tróika,* recebia o seu "menos trinta e dois" (proibição de residência em trinta e duas cidades capitais de província) ou

uma deportaçãozinha de dois a três anos. E ei-lo marcado para sempre com um sinal indelével: para o futuro seria um "reincidente".

(Que o leitor nos perdoe: veja, embrulhamo-nos de novo no oportunismo de direita, com o conceito de "culpa", com a oposição entre "culpado" e "não culpado". No entanto, já nos foi explicado que a *questão não reside na culpa pessoal mas na periculosidade social:* tanto se pode prender um inocente se ele é socialmente um estranho, como soltar um culpado se ele é socialmente conhecido. Mas em nós, que não recebemos uma instrução jurídica, isso é desculpável, pois o próprio código de 1926, sob o qual vivemos como debaixo da proteção de um pai, durante vinte e cinco anos, foi criticado também pelo seu "ponto de vista inadmissivelmente burguês", pela sua "posição de classe insuficiente", por uma certa "ponderação burguesa na dosagem da pena em função da gravidade do ato cometido[2]".)

Não é a nós que competirá escrever a apaixonante história deste órgão. Como é que a *tróika* se converteu em comissão especial? Quando é que foi mudada a sua denominação? Havia comissões especiais nas cidades de província ou só na capital? E quem é, entre os nossos grandes e orgulhosos dirigentes, que fazia parte dela? Com que freqüência e com que duração se reunia? Com chá ou sem ele? E o que é que acompanhava o chá? Como se desenrolavam as discussões? Falava-se sobre a questão ou nem sequer se falava? Nada escrevemos acerca disso porque não sabemos. Só ouvimos dizer que na sua essência a OSO era uma trindade, e embora nos seja impossível mencionar os nomes desses três zelosos assessores, sabemos entretanto quais eram os três órgãos que estavam lá representados pelos seus delegados permanentes: um era o Comitê Central do Partido; outro, o Ministério da Segurança do Estado; e o terceiro a Procuradoria. No entanto, não será de modo nenhum de admirar se algum dia soubermos que não havia quaisquer reuniões, mas apenas um quadro de experientes datilógrafas que, sob a direção de um administrador, elaboravam extratos de processos verbais: inexistentes. Quanto às datilógrafas, estamos certos de sua existência, podemos garanti-lo!

Até 1924 a competência das *tróikas* limitava-se às penas de três anos; a partir de 1924 foi ampliada para cinco anos; a partir de 1937 a OSO aplicava *dez anos;* e, a partir de 1948, *um quarto de século.* Há quem ateste (Tchavdárov) que durante

---

[2] *Coletânea* Das prisões às instituições educativas. *(N. do A.)*

os anos de guerra a OSO aplicava, igualmente, o fuzilamento. Não seria nada de extraordinário.

Não sendo mencionada em parte alguma, nem na Constituição, nem no Código, a OSO acabou, entretanto, por ser a máquina de almôndegas mais cômoda: dócil e pouco exigente, não necessitava da lubrificação das leis. O Código era uma coisa e a OSO outra, rodando facilmente, sem precisar desses duzentos e cinqüenta artigos, sem utilizá-los nem mencioná-los nunca.

Como se dizia por pilhéria no campo: os tribunais não servem para *nada;* há a comissão especial.

Compreende-se que, por comodidade, fosse também necessária uma espécie de código, mas com tal fim a OSO elaborou para si mesma os seus artigos-siglas, facilmente operacionais (não era preciso quebrar a cabeça e andar atrás das formulações do Código), as quais pelo seu número limitado seriam acessíveis à memória de uma criança (parte deles já os mencionamos): ASA — Agitação Anti-Soviética; KRD — Atividade Contra-Revolucionária; KRTD — Atividade Contra-Revolucionária Trotskista (a simples letra T agravava muito a vida do *zek* no campo); PCh — Presunção de Espionagem (se a espionagem ultrapassava a mera suspeita, era entregue ao tribunal); SVPCh — Relações Conducentes(!) à Suspeita de Espionagem; KRM — Opiniões Contra-Revolucionárias; VAS — Incubação de Espírito Anti-Soviético; SOE — Elemento Socialmente Perigoso; SVE — Elemento Socialmente Prejudicial; PD — Atividade Criminosa (aplicada particularmente aos ex-reclusos dos campos, se de nada mais podiam ser acusados).

E, finalmente, com grande amplitude: TChC — Membros da Família (condenados por um dos itens anteriores).

Não esqueçamos que estes artigos-siglas não se repartiam de maneira uniforme pelas pessoas e pelos anos, mas, como os artigos do Código e os parágrafos dos *ukazes,* manifestavam-se por epidemias súbitas.

E há que prevenir ainda: a OSO não pretendia, de maneira nenhuma, proferir uma *sentença* contra qualquer pessoa! Ela não aplicava penas: *impunha uma sanção administrativa* — e era tudo. Naturalmente, gozava pois de uma inteira liberdade jurídica!

Mas embora a sanção administrativa não pretendesse tornar-se uma sentença judicial, ela podia atingir vinte e cinco anos, e incluir: a cassação de títulos e de condecorações; o confisco de todos os bens; a reclusão carcerária; a privação do direito de correspondência. E uma pessoa desaparecia da face da terra

com maior segurança do que pelo processo primitivo da sentença judicial.

Outra vantagem importante da OSO era ainda a de que a sua decisão não tinha recurso: não havia a quem apelar; não existia nenhuma instância, nem superior nem inferior a ela. Estava subordinada unicamente ao ministro do Interior, a Stálin e a Satanás...

O grande mérito da OSO era a sua rapidez: esta era limitada apenas pela técnica da datilografia.

Finalmente, a OSO não tinha necessidade de ver o acusado frente a frente (descongestionando assim os transportes intercarcerários), nem sequer exigindo a fotografia dele. No período em que as cadeias estavam completamente abarrotadas, havia ainda a comodidade de que o recluso, uma vez instaurado o processo, podia não ter de ocupar o seu lugar na cadeia, não comer de graça o seu pão, sendo enviado imediatamente para o campo, e trabalhando honradamente. A leitura da cópia do *extrato,* ele podia fazê-la muito mais tarde.

Em casos privilegiados, acontecia descarregarem os reclusos dos vagões na estação de destino e aí, perto da linha, mandarem-nos pôr-se de joelhos (para evitar fugas e como se fosse para rezar pela OSO), sendo-lhes imediatamente lida a condenação. As coisas podiam passar-se ainda de outra maneira: os que chegaram a Periebori por etapas, no ano de 1938, não conheciam os artigos pelos quais eram acusados, nem as penas, mas o escrevente que os recebia já tinha conhecimento deles e encontrava-os logo na lista: SVE, cinco anos (nessa época fez-se sentir uma necessidade urgente de mão-de-obra para a construção do canal de Moscou).

Mas outros havia que trabalhavam durante muitos meses sem conhecerem as condenações. Mais tarde (conta I. Dobriak) formaram-nos solenemente, não num dia qualquer, mas no 1.º de maio de 1938, com as bandeiras vermelhas içadas, e comunicaram-lhes as penas ditadas pela *tróika* da região de Stalino (o que mostra que a OSO se descentralizava em períodos de tensão): e couberam de dez a vinte anos a cada um. O meu general-de-brigada, Siniebriúkhov, nesse mesmo ano de 1938, foi transferido, com toda uma composição ferroviária de presos por julgar, de Tcheliabinsk para Tcheriepovets. Passaram-se meses e os *zeks* continuavam trabalhando ali. De repente, no inverno, num dia de descanso (repararam por que é que escolhiam um tal dia? Por que é que ele era vantajoso para a OSO?), mandaram os presos formar no pátio, sob um frio rigorosíssimo, e um tenente itine-

rante apresentou-se: tinha sido enviado para comunicar-lhes as decisões da OSO. Mas aconteceu que não era mau rapaz, e, olhando de soslaio o calçado roto deles e o sol entre os postes gelados, disse simplesmente:

— No fim de contas, rapazes, para que é que vão ficar aqui a enregelar? Basta que saibam que a OSO deu dez anos a quase todos vocês, sendo raros, muito raros aqueles que apanharam oito. Compreendido? Podem dispersar...

Em face de uma tão franca mecanização da comissão especial, para que, então, os tribunais? Para que os carros de cavalos, quando há atualmente automóveis bem mais silenciosos, dos quais não se pode saltar? Para não desempregar os juízes?

Pela boa razão de que não é decente, para um Estado democrático, não ter tribunais. Em 1919, o VIII Congresso do Partido incluía no seu programa: fazer o possível no sentido de que *toda a população trabalhadora, sem exceção, seja chamada ao exercício das funções judiciais*. Toda, "sem exceção", não foi possível, pois o exercício da justiça é muito delicado, mas tampouco ficamos completamente privados de tribunais!

Entretanto, os nossos tribunais políticos — os tribunais especiais de região e os tribunais militares (e por que tribunais militares em tempos de paz?), bem como, evidentemente, os tribunais supremos — procuram seguir unanimemente o exemplo da OSO e não se perder também nos processos judiciais públicos e nos debates contraditórios entre as partes.

A sua primeira e principal característica reside em que são a portas fechadas. E a portas fechadas, antes de mais nada, para sua comodidade.

Já nos habituamos de tal forma a que milhões e milhões de pessoas sejam julgadas em sessões secretas, já nos familiarizamos tanto com isso, que por vezes há mesmo filhos, irmãos ou sobrinhos do acusado que ainda replicam convictamente, com o espírito mistificado: "E o que você quer mais? Isso significa que o caso está seguramente *relacionado*... Os inimigos viriam a saber! Não se pode..."

Assim, temendo que "os inimigos saibam", metemos a nossa própria cabeça entre os joelhos. Quem é que atualmente, na nossa pátria, além dos vermes dos livros, se lembra de que Karakozov, que abriu fogo contra o czar, teve um defensor? Que Jeliábov e todos os populistas do grupo Vontade do Povo foram julgados publicamente, sem se ter medo de que "os turcos pu-

dessem saber"? Que Vera Zassúlitch, que tinha disparado, para empregarmos a nossa terminologia, contra o chefe da administração de Moscou do Ministério da Segurança do Estado (embora a bala passasse ao lado da cabeça, sem ter acertado), não somente não foi aniquilada na câmara de torturas, como também não a julgaram a portas fechadas, mas sim num tribunal *público,* sendo *absolvida* pelos jurados (não por uma *tróika)* e partindo em triunfo numa carruagem?

Com tais comparações não quero dizer que na Rússia tenha havido alguma vez uma justiça perfeita. Provavelmente, uma justiça digna desse nome é o fruto acabado de uma sociedade amadurecida. Ou então há que ser o Rei Salomão. Vladímir Dal observa que na Rússia anterior às reformas "não havia um só provérbio de elogio aos tribunais". Isso significa alguma coisa! Parece que não houve tempo de criar um só ditado elogioso para os chefes das administrações czaristas locais. Contudo, a reforma judicial de 1864 fez enveredar ao menos a parte urbanizada da nossa sociedade pelo caminho conducente ao modelo inglês, que Hertzen tanto admirou.

Ao relatar isto não esqueço tampouco as críticas de Dostoiévski contra os nossos tribunais de jurados (no *Diário de um escritor):* o abuso da eloqüência dos advogados ("Senhores jurados! que mulher seria ela se não anavalhasse a sua rival?... Senhores jurados! qual de vós não teria lançado a criança pela janela afora?..."); o impulso de momento do júri pode pesar mais do que a sua responsabilidade cívica. Mas Dostoiévski antecipava-se muito, em espírito, à nossa vida, e o que ele temia *não era aquilo* que havia que temer! Ele considerava o julgamento público como uma conquista definitiva!... (E quem é que, entre os seus contemporâneos, podia acreditar na OSO?) Alhures ele escreve: "É melhor enganar-se na clemência do que na punição". Oh, sim, sim, sim! mil vezes sim!

O abuso da eloqüência é uma doença de que sofre não só uma justiça nascente, mas de um modo mais amplo mesmo uma democracia adulta (adulta, mas não consciente dos seus fins morais). A própria Inglaterra nos dá exemplos de como, para impor a preponderância do seu partido, o líder da oposição não hesita em atribuir ao governo um agravamento da situação no país maior do que na realidade existe.

O abuso da eloqüência é um mal. Mas, então, que palavra utilizar contra o abuso do secretismo? Dostoiévski sonhava com um tribunal em que tudo o que se revelasse necessário *para a defesa* do acusado fosse expresso pelo *procurador.* Quantos sé-

culos se deverá ainda esperar para isso? A nossa experiência social enriqueceu-nos imensamente, entretanto, com *advogados* que *acusam* o acusado ("Como honesto cidadão soviético que sou, como verdadeiro patriota, não posso deixar de sentir repugnância perante a análise destes crimes...").

E como é bom participar de uma audiência a portas fechadas! Não é necessária a toga e pode-se arregaçar as mangas. Como é fácil trabalhar assim! Nem microfones, nem correspondentes de jornais, nem público. (Mas sim, há um público: *os comissários de instrução.* Por exemplo, no tribunal da região de Leningrado, eles vinham de dia ver como se portavam os seus constituintes, e depois, de noite, visitavam na prisão aqueles que era preciso chamar à ordem[3].)

A segunda característica essencial dos nossos tribunais políticos é a exatidão no trabalho, ou seja, a predeterminação das sentenças[4], o que significa que os juízes sabem sempre o que exigem os chefes (é para isso que existem os telefones!). À imagem da OSO, há igualmente sentenças escritas a máquina de antemão, apenas tendo-se que inserir a mão o nome e o sobrenome do acusado. E se algum Stakhóvitch grita na sessão do tribunal: "Eu não podia ter sido recrutado por Ignátov, pois nessa época eu tinha dez anos de idade!", o presidente do Tribunal (da Circunscrição Militar de Leningrado, 1942) limita-se a grasnar: "Proíbo-o de caluniar a contra-espionagem soviética!" Já está tudo decidido há muito: todo o grupo de Ignátov deve ser fuzilado. E só por acaso é que foi incluído no grupo um tal Lípov: *ninguém o conhece* e ele *não conhece ninguém.* Bom, de acordo, Lípov é condenado a dez anos.

Como a predeterminação das sentenças torna menos espi-

---

3 *Grupo de TCh. (N. do A.)*

4 *A mesma coletânea* Das prisões às instituições educativas *nos proporciona elementos para ver que a predeterminação das sentenças é coisa velha, pois já nos anos de 1924-29 as sentenças dos tribunais eram dadas apenas em função de considerações econômico-administrativas. A partir de 1924, devido ao* desemprego *evidente no país, os tribunais diminuíram as penas de trabalhos correcionais, cumpridos em casa, e aumentaram as de breves períodos de prisão (trata-se, naturalmente, de delitos comuns). Isso teve como conseqüência a superlotação das cadeias por presos com penas inferiores a seis meses e a insuficiência de mão-de-obra nas colônias de trabalho. Em começos de 1929, o Comissariado do Povo da Justiça, na sua circular n.º 5,* criticou *a aplicação de penas curtas, e em 6-12-29 (na véspera do 12.º aniversário da Revolução, quando ia se iniciar a edificação do socialismo), por resolução do Comitê Executivo do Conselho de Comissários do Povo, foi simplesmente* proibido *aplicar penas de prisão inferiores a um ano! (N. do A.)*

nhoso o caminho do tribunal! Não é tanto já o alívio do cérebro, a não necessidade de pensar, quanto o alívio moral: você não tem que se torturar pensando em que pode se enganar na sentença e deixar órfãos os seus filhos. E até no caso de um juiz tão encarniçado como Ulrich — quantos fuzilamentos importantes não foram proferidos pela sua boca! —, a predeterminação predispõe à bondade. No ano de 1945, o Colégio Militar julga o caso dos "separatistas estonianos". É o baixinho, gorducho e bonacheirão Ulrich que preside. Ele não deixa passar nenhuma ocasião de gracejar, não só com os seus colegas, mas também com os reclusos. (Isso é que é humanismo! Eis uma nova característica, onde já se viu isso?) Ao saber que Susi é advogado, diz-lhe sorrindo: "Enfim a sua profissão vai ser-lhe útil!" Mas o que é que na realidade os separa? Para que exasperar-se? O tribunal segue uma ordem agradável: reúne-se na mesa dos juízes, e no momento propício faz-se um bom intervalo para o almoço. Quando a noite chega, é necessário ir *deliberar*. Mas quando é que se viu deliberar de noite? Deixam os reclusos sentados a noite inteira na sala e vão para casa. Pela manhã chegam, todos fresquinhos, barbeados, e às nove da manhã anunciam: "Levantem-se, está aberta a audiência!" E aplicam *dez anos* a cada um.

E se vierem dizer-nos que pelo menos a OSO não é hipócrita, enquanto aqui o fingimento é a regra, pois bem, não, decididamente não podemos aceitar isso! Decididamente!

Finalmente, a terceira característica é a dialética (antes, grosseiramente, dizia-se: "A lei é como o timão de uma carroça, volta-se para o lado onde se quer ir"). O Código não pode ser uma pedra que barre o caminho do juiz. Os artigos do Código já têm dez, quinze, vinte anos de vida, e esta se escoa rapidamente. Como disse Fausto:

> *O mundo todo muda e anda para a frente,*
> *Por que deveria eu manter a palavra?*

Todos os artigos foram recobertos de interpretações, de indicações, de instruções. Se os atos do acusado não estão previstos no Código, ele pode ser julgado ainda: por *analogia* (que imensas possibilidades!); simplesmente pela sua *origem* (art. 7-35: por pertencer a um meio socialmente perigoso[5]; por ter

[5] *Na República da África do Sul, o terror chegou nos últimos anos ao ponto de que cada negro* suspeito *pode ficar preso, sem instrução nem julgamento, por três* meses!... *Vê-se logo onde está a fraqueza: por que não de três a dez anos? (N. do A.)*

relações com pessoas perigosas[6] (não pode haver maior amplitude: que pessoa é perigosa e em que consistem essas relações, isso só o tribunal sabe).

Mas não há que levantar objeções quanto à exatidão das leis promulgadas. Em 13 de janeiro de 1950 saiu o *ukaze* sobre a restauração da pena de morte (embora se possa pensar que ela nunca tenha desaparecido das masmorras de Béria). Aí se escrevia: podem ser executados os *sabotadores* e *diversionistas*. Que significava isso? Não se especificava. Iossif Vissariónovitch Stálin preferia não dizer, mas insinuar. Tratar-se-ia unicamente dos que dinamitam as estradas de ferro? Não se indicava. "Diversionista" já sabemos há muito o que é: aquele cuja produção é de má qualidade. Mas o que é um *sabotador?* Por exemplo, aquele que em conversas no ônibus *atentou* contra a autoridade do governo? Ou aquela que casou com um estrangeiro? Acaso ela não *atentou* contra a grandeza da nossa pátria?...

Mas não é o juiz quem julga: o juiz só recebe o vencimento. Quem julga são as instruções oficiais! As instruções de 1937 eram: dez anos, vinte anos, fuzilamento. As instruções de 1943: vinte anos de trabalhos forçados, forca. As instruções de 1945: a todos em geral dez anos de prisão, mais cinco de privação de direitos cívicos (o que era um meio de recrutar mão-de-obra para o Terceiro Plano Qüinqüenal[7]). As instruções de 1949: a todos em geral vinte e cinco anos de prisão[8].

A máquina estampa as sentenças. Entretanto, um preso é privado de todos os direitos desde que lhe cortam os botões, ao cruzar os umbrais do Ministério da Segurança do Estado, e já não pode evitar uma *condenação*. E os *funcionários* judiciais estão de tal modo habituados a isso que cometeram uma enorme gafe no ano de 1958: publicaram nos jornais o projeto das novas "Bases do sistema penal da URSS" e *esqueceram-se* de inserir um ponto sobre a *possibilidade* de uma sentença de absolvição! O órgão do governo[9] repreendeu-os, mas em tom brando: *"Isso*

---

[6] *Isso nós ignorávamos. Foi relatado no jornal* Izvéstia, *em julho de 1957. (N. do A.)*

[7] *Como lhes gritou Babaiev, um preso de direita: "Podem aplicar-me, se quiserem, trezentos anos de mordaça (privação de direitos). Enquanto viver não votarei por vocês, ó meus benfeitores!" (N. do A.)*

[8] *E assim um verdadeiro espião (Schultz, Berlim, 1948) pode apanhar uns dez anos, mas não uma pessoa que nunca o tenha sido, como Günther Waschkau, que foi condenado a vinte e cinco, segundo parece, na torrente de 1949. (N. do A.)*

[9] Izvéstia, *10 de setembro de 1958. (N. do A.)*

pode dar a impressão de que os nossos tribunais só proferem sentenças condenatórias".

Ponhamo-nos na pele dos juristas: por que é que, propriamente falando, os tribunais devem ter *duas* saídas, se as *eleições* gerais se realizam com *um só* candidato? A sentença de absolvição é um absurdo econômico! Isso significa que os informantes, os agentes operacionais, os investigadores, os procuradores, os carcereiros e a escolta, todos trabalharam em vão!

Eis um exemplo simples e típico de um processo no tribunal militar. Em 1941, as seções de agentes operacionais tchekistas tinham por missão exercer uma atividade de vigilância entre as nossas tropas inativas que se encontravam na Mongólia. O médico militar Losóvski, que tinha ciúmes dos sentimentos de uma mulher para com o Tenente Pável Tchulpeniov, fez a este três perguntas: 1) "Por que é que lhe parece que retrocedemos frente aos alemães?" (Tchulpeniov: "Eles têm mais recursos técnicos e mobilizaram-se antes". Losóvski: "Não, trata-se de *um ardil, armamos-lhes uma cilada".)* 2) "Confias na ajuda dos aliados?" (Tchulpeniov: "Confio em que nos ajudarão, mas não desinteressadamente". Losóvski: "Engano, não nos ajudarão em nada".) 3) "Por que é que transferiram Vorochílov para o comando da frente noroeste?"

Tchulpeniov respondeu e não voltou a pensar na conversa. Mas Losóvski redigiu uma denúncia. Tchulpeniov foi chamado à seção política da divisão e expulso do Komsomol: por espírito derrotista, por enaltecer a técnica alemã e por minimizar a estratégia do nosso comando militar. Neste caso, quem mais discursou foi o secretário do Komsomol, Kaliáguin (nos combates de Khalkhin-Gol, em presença de Tchulpeniov, ele mostrara-se covarde e agora tinha ocasião de afastar do seu caminho para sempre uma testemunha).

Ei-lo preso. Tem uma única acareação com Losóvski. *Não é discutida* a conversa anterior entre os dois. Apenas fazem a Losóvski uma pergunta: "Conhece este homem?" "Sim." "Testemunha, pode retirar-se." (O investigador teme que a acusação se desmorone [10].)

Abatido por ter passado um mês na fossa, Tchulpeniov comparece perante o Tribunal da 36.ª Divisão Motorizada. Estão

[10] Losóvski é agora candidato a doutor em ciências médicas. Vive em Moscou. Tudo lhe corre bem. Tchulpeniov é condutor de ônibus. (N. do A.)

presentes o comissário da divisão, Lebiédev, e o chefe da seção política, Slessariev. A testemunha Losóvski nem sequer é convocada a vir depor ao tribunal. (No entanto, para formalização das falsas provas, já depois do julgamento, são recolhidas as assinaturas de Losóvski e do comissário Serióguin.) Perguntas do tribunal: "Teve alguma conversa com Losóvski? Que lhe perguntou ele? Que respondeu você?" Tchulpeniov responde ingenuamente, não compreendendo ainda do que é culpado: "Mas há tanta gente que diz isso!" Reflexo automático do tribunal: "Quem, precisamente? Diga nomes". Mas Tchulpeniov não é da raça deles! E tem uma última palavra: "Peço ao tribunal para comprovar uma vez mais o meu patriotismo, dando-me uma tarefa em que tenha de arriscar a vida!" E numa atitude de paladino sincero: "A mim e a quem me denunciou, ambos juntos!"

Ah! Isso não! Esses costumes cavalheirescos, devemos extirpá-los do nosso povo. Losóvski deve receitar pílulas; Serióguin, educar combatentes[11]. Acaso é importante saber se você vai morrer ou não? O importante é que *nós* sejamos vigilantes. Saíram, fumaram, regressaram: dez anos de prisão e três de perda de direitos cívicos.

Casos desses, durante a guerra, houve-os em cada divisão (de outra maneira teria ficado caro manter os tribunais militares). E o número de divisões que havia no total, poderá o leitor procurá-lo.

Todas as sessões dos tribunais militares se assemelham de modo sinistro. Tão sinistro como a falta de responsabilidade pessoal e a insensibilidade dos juízes, que parecem ter luvas de borracha. As sentenças são fabricadas em série.

Todos têm um ar sério, mas compreendem que isto é uma palhaçada, e melhor do que ninguém os rapazes da escolta, que são mais simples. No campo de trânsito de Novossibirsk, em 1945, a escolta toma conta dos presos, fazendo a comunicação, por uma lista, da *pena*. "Fulano de tal!" "58-1-a, vinte e cinco anos." O chefe da escolta interessa-se: "Por que é que lhe deram tanto?" "Ora, por nada." "Você mente! *Por nada dão só dez!*"

Quando o tribunal tem pressa, a "sessão" dura um minuto: entrar e sair. Quando a jornada de trabalho no tribunal ocupa dezesseis horas seguidas, da porta da sala de sessões vê-se uma

---

11 Victor Andrêievitch Serióguin reside atualmente em Moscou, trabalhando numa empresa de serviços públicos. Vive bem. (N. do A.)

toalha branca, a mesa servida e travessas com frutas. Se não têm muita pressa, gostam de ler a sentença "com psicologia": "...decidiu... condenar o réu à pena máxima..." Pausa. Os juízes olham o condenado nos olhos: é interessante ver como ele agüenta, o que é que ele sente agora. "...mas, levando em conta seu sincero arrependimento..."

Todas as paredes da sala de espera do tribunal estão riscadas com pregos e a lápis: "Condenaram-me ao fuzilamento", "condenaram-me a um quarto de século", "deram-me dez anos". Não apagam as inscrições: elas são edificantes. Trema, dobre-se e não pense que você pode mudar algo com o seu comportamento. Mesmo que você pronuncie um discurso como *Demóstenes* em sua defesa na sala vazia, diante de um punhado de inquiridores (Olga Sliosberg, no Supremo Tribunal, em 1936), isso não servirá de nada. Mas pode aumentar a pena, de dez anos para fuzilamento — isso pode. Por exemplo, se você lhes grita: *"Vocês são uns fascistas!* Envergonho-me de ter pertencido durante vários anos ao partido de vocês!" (Nikolai Semiónovitch Daskal, Tribunal Especial do Território de Azov e do Mar Negro, presidente Khólik, Maicop, 1937), eles lhe instauram um novo *processo,* e então dão cabo de você.

Tchávdarov conta um caso em que no tribunal os réus, subitamente, se recusaram a continuar as suas falsas confissões, feitas durante a instrução do processo. E que aconteceu? Se houve uma pausa para o rever, foi apenas de uns poucos segundos. O procurador exigiu uma suspensão da sessão, sem explicar para quê. Da prisão acudiram a toda pressa os investigadores e os seus ajudantes carrascos. Todos os acusados, distribuídos pela cela, foram de novo bem sovados, e prometeram-lhes, numa segunda suspensão, dar-lhes ainda mais. O intervalo terminou. O juiz interrogou uma vez mais a todos e eles então se reconheceram culpados.

Aleksandr Grigórievitch Karétnikov, diretor do Instituto de Investigação Científica sobre os Têxteis, demonstrou uma notável habilidade. No próprio momento da abertura da sessão do Colégio Militar do Supremo Tribunal, comunicou, através dos guardas, que queria fornecer provas *suplementares.* Isso, naturalmente, interessava. O procurador o chamou. Karétnikov mostrou-lhe a sua clavícula purulenta, fraturada pelo investigador com um banco, e declarou: "Assinei tudo sob torturas". O procurador arrependeu-se pela sua avidez em obter provas *suplementares,* mas já era tarde. Essa gente só é corajosa enquanto constitui uma peça invisível da máquina geral em funcionamento.

Mas quando sobre ela recai uma responsabilidade pessoal, quando um raio de luz incide diretamente sobre ela, logo empalidece, compreendendo que não é ninguém e que pode escorregar em qualquer casca de banana. Assim, Karétnikov embaraçou o procurador e este não ousou encobrir o assunto. Ao recomeçar a sessão do Tribunal Militar, Karétnikov repetiu tudo... Então o tribunal retirou-se para efetivamente discutir! Mas a sentença que devia pronunciar podia ser só de absolvição, e por conseguinte teriam que pô-lo em liberdade. Desse modo... *não foi pronunciada sentença alguma!*

Como se nada tivesse acontecido, colocaram Karétnikov novamente na prisão. Curaram-no e guardaram-no três meses. Chegou um novo investigador, muito amável, redigiu uma nova ordem de detenção (se o colégio não se tivesse curvado, Karétnikov poderia ter ficado em liberdade pelo menos esses três meses) e fez novamente as perguntas do primeiro comissário. Karétnikov, pressentindo a liberdade, agüentou-se firmemente e não se reconheceu culpado de nada. E que sucedeu?... Foi condenado a oito anos pela comissão especial (OSO).

Este exemplo chega para demonstrar, respectivamente, as possibilidades do preso e da OSO. Já Derjávin escrevia:

> *Pior do que um bandoleiro, só um tribunal falso*
> *Onde dorme a lei, o juiz é nosso inimigo.*
> *O pescoço do cidadão, sem abrigo,*
> *Estende-se para o cadafalso.*

Mas só excepcionalmente no Colégio Militar do Supremo Tribunal sucediam fatos tão desagradáveis. Era muito raro vê-lo esfregar os olhos embaciados para observar de perto um soldadinho detido. Em 1937, A. D. P., engenheiro eletricista, foi arrastado até o quarto andar, e subiu correndo a escada, puxado pelo braço por dois agentes da escolta (o elevador certamente funcionava, mas os presos chegavam com tanta freqüência que, se o utilizassem, nem os funcionários teriam podido subir). Cruzaram com um preso que já havia sido condenado entrando de rompante pela sala. O Tribunal Militar tinha tanta pressa que nem sequer se sentaram, permanecendo os três assim de pé. Respirando com dificuldade (por se ter debilitado nos interrogatórios), R. disse o seu nome, sobrenome e patronímico. Sussurraram algo, olharam-se entre si e Ulrich — sempre fiel a si mesmo! — declarou: "Vinte anos!" Levaram-no correndo e correndo trouxeram o seguinte.

Foi como num sonho: em fevereiro de 1963 eu tive que subir por essa mesma escada, mas com a amável companhia de um coronel da organização do Partido. E na sala cercada de uma colunata circular, onde dizem que se reúne o plenário do Supremo Tribunal da União, à volta de uma enorme mesa em forma de ferradura, que tem no interior dela ainda uma outra redonda com sete cadeiras antigas, fui ouvido por setenta magistrados do Colégio Militar, esse mesmo que noutros tempos condenou Karétnikov, R. e muitos outros. . . E eu lhes disse: "Que dia tão memorável! Tendo sido condenado primeiro a um campo de trabalhos forçados e depois ao desterro perpétuo, nunca os meus olhos tinham visto um só juiz, e agora vejo-os a todos, senhores, reunidos aqui juntos!" (E era também a primeira vez que eles viam um *zek* vivo, com olhos arregalados.)

Mas acontecia que não eram eles! Sim, agora eles afirmavam que não eram eles! Asseguravam-me que os outros já não estavam lá. Alguns tinham saído com uma honrosa reforma, os restantes tinham sido destituídos. (Ulrich, o mais notável dos verdugos, fora deposto ainda no tempo de Stálin, em 1950, por. . . ser lerdo!) Podiam-se contar pelos dedos das mãos os que foram julgados, inclusive no tempo de Khruchov, e *esses,* do banco dos réus, ameaçavam: "Hoje você nos julga, mas amanhã seremos nós que julgaremos você, tome cuidado!" Mas, como todos os empreendimentos de Khruchov, este movimento, de início tão enérgico, foi depois por ele bem depressa esquecido, abandonado, não chegando a provocar mudanças irreversíveis, e ficando portanto nos limites do sistema anterior.

Os veteranos da jurisprudência evocavam agora, a várias vozes, as suas memórias, fornecendo-me involuntariamente elementos para este capítulo. (E se eles se dispusessem a publicar essa memória? Mas os anos vão passando, já passaram mais cinco e as coisas não se esclareceram.) Eles recordavam como nas conferências do tribunal os juízes se *orgulhavam* de terem *conseguido* não aplicar o artigo 51 do Código sobre as circunstâncias atenuantes, e de terem, dessa forma, *conseguido* condenar a vinte e cinco anos em vez de dez! E que humilhante, a *submissão dos tribunais aos "Órgãos"*. Às mãos de certo juiz chegou o seguinte processo: um cidadão que regressara dos Estados Unidos afirmava caluniosamente que havia ali boas estradas para automóveis. E nada mais. No *processo* era tudo o que figurava! O juiz atreveu-se a devolver a causa para que a investigação prosseguisse com o *objetivo* de conseguir "material anti-soviético de pleno valor", ou seja, para que esse preso fosse torturado e es-

pancado. Mas esse nobre objetivo não foi levado em conta pelos comissários e estes responderam-lhe coléricos: "Você não confia nos nossos 'Órgãos'?" O juiz foi transferido como secretário do tribunal para Sakhalina! (No tempo de Khruchov tudo era mais suave: os juízes "que cometiam faltas" eram mandados... imaginem! trabalhar como *advogados*[12]*!)* E a procuradoria curvava-se da mesma maneira perante os "Órgãos". Quando em 1942 se divulgaram, com indignação, os abusos de Riúmin na contra-espionagem do mar do Norte, a procuradoria não se atreveu a intervir com o seu poder, mas limitou-se a informar *respeitosamente* Abakúmov de que os seus rapazes faziam travessuras. Abakúmov tinha motivos para considerar os "Órgãos" como o sal da terra! (Foi então que ele, depois de chamar Riúmin, o promoveu, para desgraça sua.)

O tempo não chegou, senão eles me teriam contado dez vezes mais coisas. Mas o que me disseram dá para refletir. Se os tribunais e a procuradoria eram só peões nas mãos do ministro da Segurança do Estado, talvez não seja necessário escrever um capítulo à parte sobre eles.

Eles contavam-me tudo da melhor forma que podiam, enquanto eu os examinava com assombro. Estes eram homens! *Homens* completos! Chegavam mesmo a sorrir! Eles explicavam sinceramente como tinham desejado sempre o bem. Mas, e se tudo desse uma volta tal que eles tivessem de julgar-me outra vez? Aqui, nesta mesma sala? (Mostraram-me a sala principal.)

Bom, condenar-me-iam também.

Qual nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? Os homens ou o sistema?

Durante vários séculos existiu entre nós o provérbio: não tema a lei, tema os juízes.

Mas, a mim, parece-me que a *lei* foi mais além que os homens, que os homens ficaram para trás na ferocidade. Chegou a hora de inverter esse provérbio: não tema os juízes, tema a *lei*.

A de Abakúmov, naturalmente.

E ei-los que sobem à tribuna, discutindo *Um dia na vida de Ivan Deníssovitch*. Afirmavam, regozijando-se, que esse livro lhes aliviou a consciência (pelo menos é o que dizem...). Reconhecem que eu apresentei um quadro muito suave, que *cada um* deles conhece campos de trabalho mais terríveis. (Assim, eles

---

12 Izvéstia, *9-6-64. Eis uma interessante concepção da defesa judicial!... Em 1918, Lênin exigia que se excluíssem do Partido os juízes que aplicassem sentenças demasiado leves. (N. do A.)*

sabiam?...) Dentre os setenta homens que estavam sentados à volta da ferradura, alguns dos que intervieram mostraram-se conhecedores de literatura, e inclusive leitores de *Novy Mir**, ansiando por reformas, dando opiniões animadas sobre as nossas chagas sociais, sobre o modo como o campo foi votado ao abandono...

Continuo sentado e penso: se a primeira e minúscula gota de verdade explodiu como uma bomba psicológica, o que sucederá no nosso país quando a verdade se precipitar em torrentes? E há de precipitar-se inevitavelmente.

---

* *Revista literária inconformista, dirigida por A. Tvardúvski, que publicou* Um dia na vida de Ivan Deníssovitch, *no tempo de Khruchov, voltando a ter de novo dificuldades com a censura após a destituição deste e a normalização então imposta pelos setores conservadores do regime. (N. do T.)*

VIII A LEI-CRIANÇA

Nós tudo esquecemos. Guardamos na memória não o que foi, não os fatos históricos, mas apenas essa linha tracejada que quiseram gravar em nós com uma broca persistente.

Não sei se isto é um traço comum a toda a humanidade, ou só ao nosso povo. É em todo caso uma característica lamentável, que tem talvez origem na sua bondade. Mas lamentável, apesar de tudo. Ela nos entrega, como uma presa, nas mãos dos mentirosos.

Assim, se exigem que não recordemos sequer os processos públicos, então não os recordamos. Embora se tenham desenrolado às escâncaras, embora os jornais deles tenham falado, e como não no-los meteram insistentemente no crânio, não os recordamos. (A cavidade do cérebro enche-se exclusivamente daquilo que transmitem todos os dias pelo rádio.) Não me refiro à juventude, que naturalmente não tem conhecimento disso, mas aos contemporâneos daqueles processos. Peçam a um homem de idade mediana para enumerar quais foram os julgamentos públicos de grande repercussão e ele se lembrará do de Bukhárin e do de Zinóviev. E ainda, franzindo a testa num esforço de memória, do do Partido Industrial. E é tudo, para ele não houve mais processos públicos.

Ora, eles começaram logo depois da Revolução. Já em 1918 tinham lugar em abundância nos nossos tribunais. E isso quando ainda não havia nem leis, nem códigos e os juízes só podiam referir-se às necessidades do poder operário e camponês. Eles abriam caminho — como então se pensava — a uma legalidade audaciosa. Um dia alguém escreverá a sua história pormenorizada, mas nós não pretendemos incluí-la na nossa pesquisa.

Entretanto, não é possível prescindir de um breve resumo. Somos obrigados a sondar certas ruínas calcinadas que remontam àquela névoa matinal, docemente rosada.

Nesses anos dinâmicos não chegavam a enferrujar-se nas bainhas os sabres da guerra, nem tampouco esfriavam nos coldres os revólveres do castigo. Foi mais tarde que se tentou encobrir as execuções à noite nas masmorras, bem como os disparos na nuca. Já em 1918 o conhecido tchekista de Riázan, Stelmakh, organizava fuzilamentos em pleno dia no pátio, de maneira que os condenados à morte, que estavam à espera, pudessem ver tudo das janelas da prisão.

Existia então um termo oficial: *justiça extrajudicial*. Não porque não houvesse tribunais, mas sim porque havia a Tcheká [1]. Porque assim era mais eficaz. Os tribunais funcionavam, processavam e aplicavam penas, mas deve-se recordar que, paralelamente a eles e independentemente deles, exercia-se, por outro lado, a repressão à margem do aparelho judiciário. Como imaginar as suas dimensões? M. I. Látsis, na sua popular coletânea sobre a atividade da Tcheká [2], informa que só um ano e meio (1918 e metade de 1919) e em apenas vinte províncias da Rússia Central ("as cifras aí apresentadas estão *longe de ser completas* [3] precisa ele, em parte por modéstia) foram fuziladas pela Tcheká (isto é, sem julgamento, fora dos tribunais) 8 389 (oito mil, trezentas e oitenta e nove [4]!) pessoas, foram descobertas 412 organizações contra-revolucionárias (cifra fantástica, se conhecermos a incapacidade para a organização que revelamos ao longo da nossa história, além da desunião geral e da decadência espiritual daqueles anos), e houve ao todo 87 000 presos [5]. (Mas este último número parece baixo demais.)

Qual o termo de referência que permite uma comparação? No ano de 1907, um grupo de dirigentes de esquerda publicou uma coletânea de artigos "contra a pena de morte [6]", onde era apresentada [7] uma lista com o nome de todos os condenados à morte desde 1826 até 1906. Os autores advertiam que ela era ainda incompleta (entretanto não mais incompleta que a de Látsis e suas cifras sobre a guerra civil). Essa lista abrange 1 397 nomes, dela devendo deduzir-se 233 pessoas às quais foi comutada a pena e 270 que não foram encontradas (fundamentalmente, insurretos polacos que fugiram para o Ocidente). Restam 894 pessoas. Uma tal cifra, num período de oitenta anos, não resiste à comparação com a de Látsis em apenas um ano e meio, a qual não se refere ainda a todas as províncias. É verdade que os autores da referida coletânea nela apresentam outra estima-

---

[1] *Este frangote com um bico duro foi chocado por Trótski: "A intimidação é uma poderosa arma política, e é necessário ser tartufo para não compreender isso". E Zinóviev se regozijava, não prevendo ainda o seu fim: "A sigla GPU, assim como a Tcheká, são as mais populares em escala mundial". (N. do A.)*

[2] *M. I. Látsis,* Dois anos de luta na frente interna. *Editora do Estado, 1920. (N. do A.)*

[3] *Idem, ibidem, página 74. (N. do A.)*

[4] *Idem, ibidem, página 75. (N. do A.)*

[5] *Idem, ibidem, página 76. (N. do A.)*

[6] *Idem, ibidem, sob a redação de Guernette, segunda edição. (N. do A.)*

[7] *Idem, ibidem, páginas 385-423. (N. do A.)*

tiva, segundo a qual foram condenadas à morte (embora não tenham talvez sido executadas), só no ano de 1906, 1 310 pessoas, o que perfaz ao todo, a partir de 1826, 3 419 pessoas. Estava-se precisamente no auge da célebre reação de Stolípin e sobre ela dispomos ainda de um número[8]: 950 execuções em seis meses (foi essa a duração dos tribunais militares stolipinianos). Coisa horrível esta, mas que, pelos nossos endurecidos nervos, não chega a abalar-nos: a nossa cifra, se a calcularmos proporcionalmente a meio ano, é ainda *três vezes mais elevada* — e isto só em vinte províncias, *sem incluir os tribunais civis e militares.*

Os tribunais atuavam já por sua conta em novembro de 1917. Apesar da falta de tempo disponível foram editados em sua intenção, em 1919, os *Princípios orientadores do direito penal da República Socialista Federativa Soviética Russa* (não os lemos, pois não os conseguimos obter, mas sabemos que previam a "privação de liberdade por tempo indefinido", ou seja, até nova ordem).

Havia tribunais de três tipos: populares, distritais e revolucionários.

Os tribunais populares ocupavam-se dos assuntos criminais e de pequenos casos. Não podiam condenar ao fuzilamento. Até julho de 1918, conservava-se ainda na justiça a herança dos socialistas-revolucionários: os tribunais populares, dá vontade de rir ao dizê-lo, não podiam aplicar penas superiores a *dois* anos. Só por intervenção especial do governo é que algumas sentenças particularmente brandas podiam ser elevadas até *vinte anos*[9]. A partir de julho de 1918 permitiu-se aos tribunais populares aplicar penas de *cinco* anos. Quando já se tinham acalmado todas as ameaças de guerra, em 1922, os tribunais populares obtiveram o direito de condenar até *dez* anos, perdendo em compensação o direito de condenar a *menos* de seis meses.

Os tribunais de distrito e os tribunais revolucionários tinham permanentemente o direito de aplicar a pena de fuzilamento, mas por um curto espaço de tempo estiveram privados dele: os tribunais de distrito em 1920, e os tribunais revolucionários em 1921. Há aqui engrenagens muito delicadas, que só podem ser examinadas em detalhe por um historiador daquela época.

---

8 *Revista* Bilóie, *número 2, 14-2-1907. (N. do A.)*
9 *Ver Parte III, capítulo 1. (N. do A.)*

Esse historiador talvez descubra documentos, talvez descortine longos rolos de sentenças dos tribunais e consiga estatísticas. (Embora isso seja pouco provável. O que não foi destruído pelo tempo e pelos acontecimentos terá sido destruído pelas pessoas interessadas.) Mas nós só sabemos que os tribunais revolucionários não descansavam, que julgavam sem parar. Que cada cidade tomada no curso da guerra civil ficava assinalada não somente pela fumaça das armas no pátio da Tcheká mas também pelas sessões noturnas dos tribunais. E que para receber uma bala não era indispensável ser um oficial branco, um senador, um grande proprietário, um frade, um democrata constitucional, um social-revolucionário ou um anarquista. Bastava ter umas mãos brancas e macias, sem calos: isso era mais que suficiente, nesses anos, para ser conduzido ao fuzilamento. É fácil adivinhar que em Ijevsk ou Botkinsk, Iaroslavl ou Muroma, Kozlov ou Tambov as revoltas custavam também caro às mãos calosas. Nesses emaranhados — os da *justiça extra-judicial* e os dos tribunais —, se alguma vez vierem a se desdobrar perante os nossos olhos, o mais surpreendente será a cifra de simples camponeses, dado terem sido inúmeras as agitações e insurreições do campesinato entre 1918 e 1921, embora elas não ilustrem as gravuras coloridas da *História da Guerra Civil,* e ninguém tenha fotografado nem filmado essas multidões excitadas, com estacas, forquilhas e machados, que arremetiam contra as metralhadoras e depois, com as mãos atadas, pagavam à razão de *um por dez* nas filas alinhadas para o fuzilamento. Assim, a insurreição de Sapojok é recordada apenas em Sapojok, e a de Pitelino em Pitelino. Através da citada coletânea de Látsis conhecemos o número de insurreições esmagadas nesse ano e meio em vinte províncias: 344 [10]. (As insurreições camponesas já em 1918 eram designadas como sendo "de *kulaks*", pois os *camponeses* não podiam revoltar-se contra o poder operário-camponês! Mas como explicar que de cada vez se levantassem não três isbás numa aldeia, mas toda a aldeia em peso? Por que é que a massa de camponeses pobres, com as suas forquilhas e machados, não matava os *kulaks* sublevados, mas juntamente com eles se lançava contra as metralhadoras? Látsis: "Os outros camponeses eram obrigados — pelos *kulaks* — com promessas, calúnias e ameaças a tomar parte nessas insurreições [11]". Bom, mas seriam essas promessas mais aliciantes do que as palavras de ordem do comitê

---

10 M. I. Látsis, página 75. (N. do A.)
11 Idem, página 70. (N. do A.)

dos camponeses pobres? E essas ameaças mais terríveis do que as metralhadoras das *unidades* da TChON [12]?)

E quantas pessoas foram, por um mero acaso, sim, por um mero acaso, esmagadas por essas mós, cujo aniquilamento constitui a outra face inevitável de qualquer revolução que utiliza a força?

Eis o relato, feito por uma testemunha ocular, de uma sessão do tribunal revolucionário de Riázan, em 1919, no processo contra o tolstoiano I.I.:

Após ter sido decretada a mobilização geral obrigatória para o Exército Vermelho (um ano depois das palavras de ordem: "Abaixo a guerra! As baionetas em terra! Para casa!"), só na província de Riázan, até setembro de 1919, foram "apanhados e enviados para a frente 54 697 desertores [13]", além de uns quantos fuzilados *in loco* para exemplo. I.I. não desertou, mas negou-se abertamente ao cumprimento do serviço militar, por considerações religiosas (objeção de consciência). Ele foi mobilizado à força, mas no quartel não pegava em armas nem fazia instrução. Indignado, o comissário da unidade entregou-o à Tcheká, com uma nota: "Não reconhece o poder soviético". Interrogatório. Três homens atrás de uma mesa, com um revólver diante de cada um deles. "Heróis como você já vimos muitos. Coloque-se de joelhos! Aceite imediatamente ir combater, senão fuzilamos você aqui mesmo!" Mas I.I. mantém-se firme: ele não pode bater-se, é partidário do cristianismo livre. O seu caso é entregue ao tribunal revolucionário.

A audiência é pública. Na sala há umas cem pessoas. O advogado é velho e amável. O acusador público (a palavra "procurador" foi proibida até 1922), Nikólski, é também um velho jurista. Um dos jurados tenta explicar ao réu o seu ponto de vista ("Como é que você, sendo um representante do povo trabalhador, pode compartilhar as idéias do aristocrata Conde Tolstói?"). O presidente do tribunal o interrompe e não o deixa explicar-se. É travada uma discussão.

Um jurado: "Você não quer matar e tenta dissuadir os outros. Mas os brancos começaram a guerra e você nos impede de defender-nos. Enviá-lo-emos para Koltchak e aí pode preconizar a não-violência!"

I.I.: — Irei para onde me enviarem.

O acusador: — O tribunal não tem que se ocupar de quais-

---

12 *Unidades de Missão Especial (TChON). (N. do A.)*

13 *M. I. Látsis, página 74. (N. do A.)*

quer atos penais, mas unicamente de atos contra-revolucionários. Dado o corpo de delito, requeiro que este caso seja entregue aos tribunais populares.

O presidente: — O quê? Atos? Vejam lá, que legista! Nós nos regemos não pelas leis, mas pela nossa consciência revolucionária!

O acusador: — Insisto em que transcrevam o meu requerimento na ata.

O defensor: — Eu me associo ao acusador. A causa deve ser julgada num tribunal comum.

O presidente: — Que velho idiota! Onde o foram buscar?

O defensor: — Há quarenta anos que exerço a advocacia e é a primeira vez que ouço uma tal ofensa. Insiram-na na ata.

O presidente (rindo-se): — Inserimos! Inserimos!

Risos na sala. O tribunal retira-se para deliberar. Ouvem-se gritos de desacordo na sala de debates. Voltam com a sentença: *fuzilamento!*

Na sala há um murmúrio de indignação.

O acusador: — Protesto contra a sentença e vou apelar para o Comissariado da Justiça!

O defensor: — Associo-me ao acusador!

O presidente: — Evacuem a sala!!!

Os membros da escolta reconduzem I.I. à prisão e aí lhe dizem: "Se todos fossem como você, irmão, seria bom! Não haveria nenhuma guerra, nem brancos, nem vermelhos!" De regresso ao quartel reúnem uma assembléia de soldados vermelhos. Censuram a sentença. Redigem um protesto para enviar a Moscou.

Esperando cada dia a morte, e observando diariamente da janela os fuzilamentos, I.I. esperou trinta e sete dias. Chegou enfim a comutação da sentença: *quinze anos de cadeia em regime especial de isolamento.*

Este é um exemplo edificante. Embora a lei revolucionária tenha vencido, em parte, quantos esforços isso exigiu do presidente do tribunal! Quanta perturbação, quanta indisciplina e falta de consciência política! A acusação fazendo causa comum com a defesa, os da escolta metendo-se num assunto que não lhes diz respeito e enviando um protesto! Ah! não é fácil instaurar a ditadura do proletariado, nem a nova justiça! Como é de se supor, nem todas as sessões decorriam com uma disciplina tão relaxada, mas tampouco esta foi a única! Quantos anos terão de passar ainda até que tudo se esclareça, ganhe um rumo e se consolide a linha necessária; até que a defesa não faça mais que

um todo com a acusação e o tribunal, e com eles faça causa comum o processado, e com estes enfim façam causa comum as resoluções das massas!

Observar este caminho ano após ano será uma grata tarefa para o historiador, mas como avançaremos nós no meio desse nevoeiro cor-de-rosa? Os fuzilados não falam, os desaparecidos não falam. Nem os réus, nem os advogados, nem a escolta, nem os espectadores. Mesmo que eles estejam vivos, não nos deixam ir à sua procura.

Pelo visto, só a *acusação* nos pode ajudar.

Chegou até nós, por intermédio de pessoas de boa vontade, um exemplar não destruído de uma coletânea dos discursos de acusação do violento revolucionário N. V. Krilenko, primeiro comissário do povo para a defesa, primeiro comandante supremo, que teve mais tarde a iniciativa das seções dos Tribunais Extraordinários do Comissariado do Povo da Justiça (preparavam-se para lhe dar o posto de tribuno, mas Lênin suprimiu esse posto [14]), e que foi o glorioso acusador dos maiores processos, até ser mais tarde desmascarado como um encarniçado inimigo do povo [15]. Se de qualquer modo quisermos levar a cabo o nosso breve resumo dos processos públicos, se nos domina a tentação de respirar o ar judicial dos primeiros anos após a Revolução, é necessário saber ler este livro. Não dispomos de outro. E tudo o que falta, tudo o que diz respeito às províncias, deve-se completá-lo mentalmente.

Evidentemente, teríamos preferido ver as notas estenografadas desses processos, ouvir as dramáticas vozes sepulcrais desses primeiros réus e advogados, quando ainda ninguém podia prever que uma engrenagem implacável iria tragar tudo isso, juntamente com os tribunais revolucionários.

Entretanto, Krilenko esclarece que publicar notas estenografadas *"era incômodo, por uma série de considerações técnicas*[16]*"*. Mais cômodos eram os seus discursos de acusação e as sentenças dos tribunais, que já então coincidiam plenamente com as exigências do acusador.

Segundo ele, os arquivos do Tribunal de Moscou e do Supremo Tribunal Revolucionário (em 1923) "não estavam de

---

14 *Lênin, quinta edição, volume 36, página 210. (N. do A.)*

15 *N. V. Krilenko,* Durante cinco anos... *(1918-22). Discursos de acusação pronunciados nos maiores processos instituídos no Tribunal de Moscou e no Supremo Tribunal Revolucionário. Editora do Estado. 1923. Tiragem, sete mil exemplares. (N. do A.)*

16 *Idem, ibidem, página 4. (N. do A.)*

modo algum em ordem... Em toda uma série de causas o estenograma... estava escrito de forma tão incompreensível que foi necessário eliminar páginas inteiras, ou restabelecer o texto de memória"(!) E "uma série de grandes processos" (entre os quais o da insurreição dos socialistas-revolucionários de esquerda e o do Almirante Chástni) "decorreram em geral sem estenograma[17]".

É estranho. A condenação dos socialistas-revolucionários de esquerda não era um fato insignificante: depois das revoluções de fevereiro e outubro, era a terceira modificação decisiva da nossa história, a passagem para um sistema de partido único no governo. E não foram poucas as execuções. Mas não se fez nenhuma ata estenografada.

E a "conspiração militar" de 1919 "foi liquidada pela Tcheká, através de meios de repressão extrajudiciais[18]", tanto mais quanto "foi demonstrada a sua existência[19]". (Foram então presos mais de mil homens[20] — dever-se-ia instaurar processos a todos?)

Assim, tente alguém agora descrever ordenadamente e em detalhes os processos judiciais daqueles anos...

Conhecemos no entanto alguns princípios essenciais. Por exemplo, o acusador principal indica-nos que o Executivo do Comitê Central tem o direito de intervir em qualquer causa judicial. "O Executivo do Comitê Central tem um direito ilimitado de anistiar e *castigar* segundo o seu parecer[21]" (o grifo é meu — A. S.). Por exemplo, uma sentença de seis meses podia ser transformada em dez anos (e, como o leitor compreenderá, para isso não se reunia todo o Executivo, bastando que a sentença fosse emendada, por exemplo, por Svérdlov no seu gabinete). Tudo isto, explica Krilenko, "diferencia com vantagem o nosso sistema da falsa teoria da separação de poderes[22]" da teoria acerca da independência do poder judicial. (Acertadamente, repetia Svérdlov: "É bom que entre nós os poderes legislativo e executivo não estejam separados, como no Ocidente, por uma parede surda. Todos os problemas *se podem resolver rapidamente*". Especialmente por telefone.)

É com a maior franqueza e exatidão que são formuladas,

---

17 *Idem, ibidem, página 4-5. (N. do A.)*
18 *Idem, ibidem, página 7. (N. do A.)*
19 *Idem, ibidem, página 44. (N. do A.)*
20 *Látsis,* Dois anos..., *página 46. (N. do A.)*
21 *Krilenko,* Durante cinco anos..., *página 13. (N. do A.)*
22 *Idem, ibidem, página 14. (N. do A.)*

nos discursos judiciais pronunciados por Krilenko, *as tarefas gerais do Tribunal Soviético:* o tribunal era "simultaneamente o *criador do direito* (grifo de Krilenko)... e o *instrumento da política*[23]" (grifo meu — A. S.).

Criador do direito na medida em que durante quatro anos não houve código algum: os códigos czaristas foram atirados fora e não tínhamos elaborado ainda os nossos. "E que não venham dizer-me que os nossos tribunais penais devem aplicar exclusivamente as normas escritas existentes. Vivemos um processo revolucionário[24]..." "Num tribunal revolucionário não devem renascer as sutilezas e os casuísmos jurídicos... Criaremos um direito novo e *normas éticas novas*[25]." "Por muito que falem das leis eternas do direito, da justiça, etc., etc., nós bem sabemos... como elas nos custaram caro[26]."

(Se as *suas* condenações forem comparadas com as *nossas,* talvez não se revelem tão caras. Talvez seja um pouco mais confortável a justiça eterna...)

Já que são desnecessárias as sutilezas jurídicas, não há por que determinar se o réu é culpado ou não: o conceito de *culpabilidade* é um velho conceito burguês, agora extirpado[27].

Pela boca do Camarada Krilenko, ficamos sabendo que os tribunais revolucionários *não são do tipo que existia antes.* Noutra ocasião, ouvimo-lo afirmar que o tribunal, *de um modo geral, não é um tribunal de justiça:* "Um tribunal revolucionário é um órgão da luta da classe operária contra os seus inimigos" e deve atuar "tendo em vista os interesses da Revolução... levando em conta *os resultados mais desejáveis* para as massas operárias e camponesas[28]" (o grifo é meu — A. S.).

Os homens não são homens, mas sim "os portadores determinados de determinadas idéias[29]". "Sejam quais forem as qualidades individuais (do réu), só lhe pode ser aplicado um método de avaliação: o critério do interesse da classe[30]."

O que quer dizer que você só tem o direito de existir se isso for conveniente para a classe operária. Entretanto, "se esta

---

23 *Idem, ibidem, página 3. (N. do A.)*
24 *Idem, ibidem, página 408. (N. do A.)*
25 *Idem, ibidem, página 22. O grifo é meu. (N. do A.)*
26 *Idem, ibidem, página 505. (N. do A.)*
27 *Idem, ibidem, página 318. (N. do A.)*
28 *Idem, ibidem, página 73. (N. do A.)*
29 *Idem, ibidem, página 83. (N. do A.)*
30 *Idem, ibidem, página 79. (N. do A.)*

conveniência exigir que uma espada punitiva caia sobre a cabeça do réu, então nenhum discurso (isto é, os argumentos dos advogados, etc. etc....), por mais persuasivo que seja, o ajudará[31]". "No nosso tribunal revolucionário não fazemos caso nem dos artigos nem das circunstâncias atenuantes; devemos partir de considerações de utilidade[32]."

Naqueles anos houve muitos a quem sucedeu isto: depois de terem vivido tranqüilamente, descobriram de repente que a sua existência não era *conveniente*.

Daqui se deve inferir que sobre o acusado não recai propriamente o peso do que já fez, mas do que ele *poderá* fazer, se não for agora fuzilado. "Nós nos defendemos não só do passado, mas também do futuro[33]."

As declarações do Camarada Krilenko são claras como a água. Elas fazem emergir com relevo este período judicial. Através das evaporações primaveris anuncia-se já a transparência diáfana do outono. Será necessário ir mais longe nessa análise, folhear processo após processo? Estas declarações serão inexoravelmente aplicadas.

Feche os olhos e imagine uma pequena sala de audiência. Ainda não está pintada de ouro. Os fervorosos membros do tribunal usam bonés simples, são magros, ainda não atingidos pelo excesso de comida. Quanto à *autoridade acusadora* (assim gostava de chamá-la Krilenko), veste um casaco de civil, desabotoado; pela abertura do pescoço vê-se uma camiseta de marinheiro, com riscas brancas e azuis.

O acusador supremo expressa-se num russo deste gênero: "O que me interessa são questões do fato!"; "concretize-me o momento da tendência!"; "nós operamos no plano da análise da verdade objetiva". Às vezes surge um ditado latino (é verdade que de um processo a outro esse ditado se repete, mas passados vários anos aparece outro). Bem, deve-se dizer também que, a despeito das correrias revolucionárias, terminou duas disciplinas na universidade. Quando está bem disposto, derrama a sua alma sobre os réus: "Vocês são uns patifes profissionais!" E não é nada hipócrita. Por exemplo, não gosta do sorriso das mulheres acusadas e atira-lhes um ar desdenhoso e ameaçador, antes mesmo de qualquer sentença: "Você, cidadã Ivánova! esse sorri-

---

31 *Idem, ibidem, página 81. (N. do A.)*
32 *Idem, ibidem, página 524. (N. do A.)*
33 *Idem, ibidem, página 82. (N. do A.)*

sinho terá o preço que merece; faremos com que não se ria *nunca mais*[34]!"

Vamos prosseguir, porém.

a) *o Processo das "Notícias Russas"*.

Este processo, um dos primeiros e dos mais precoces, tratou da liberdade de *expressão*. No seu número de 24 de março de 1918, este conhecido jornal dos "professores" inseriu um artigo de Sávinkov, "Em viagem". Com muito gosto teriam detido o próprio Sávinkov, mas ele estava *em viagem*, o maldito, e onde encontrá-lo? Assim, fecharam o jornal e levaram ao banco dos réus o velho redator P. V. Iégorov, convidando-o a explicar-se: como se atrevera? Já tinham decorrido quatro meses da Nova Era, já era hora de se acostumar!

Iégorov, ingenuamente, justificou-se dizendo que o artigo era da autoria de "um destacado líder político, cujas opiniões tinham um interesse geral, independentemente de a redação as compartilhar ou não". Além disso, não via qualquer calúnia nas afirmações de Sávinkov segundo as quais "não se devia esquecer que Lênin, Natanson e Cia. tinham regressado à Rússia através de Berlim, ou seja, que as autoridades alemãs colaboraram com eles para o regresso à pátria", porque na realidade assim fora: a Alemanha do Kaiser, em guerra, ajudou Lênin a regressar.

Krilenko exclama que não pretende acusá-lo de calúnia (e por que não?. . .), o jornal é processado *por tentativa de influir nos espíritos!* (Mas acaso um jornal pode ousar ter tais objetivos?!)

Tampouco é acusado o jornal pela frase de Sávinkov: "É preciso ser um criminoso insensato para afirmar seriamente que o proletariado internacional nos *apoiará*", pois é evidente que ele o fará. . .

Pela tentativa de influir nos espíritos é assim condenado um jornal que se publicou desde 1864, suportando as mais incríveis reações: Lóris-Melikov, Pobiedonostsev, Stolípin, Kasso e outros mais. Decidem *fechá-lo para sempre!* O redator Iégorov, é vergonhoso dizê-lo, é condenado, como em qualquer Grécia, a três meses de prisão, incomunicável (mas não é assim tão vergonhoso, se se pensar que estamos ainda em 1918! Se o velho sobreviver, detê-lo-ão de novo, e muitas vezes ainda será agarrado!).

Por estranho que pareça, naqueles anos explosivos conti-

---

34 *Idem, ibidem, página 296. (N. do A.)*

nuava-se a manter o hábito de suborno, como na velha Rússia de há séculos e como presentemente na URSS. Particularmente, tentava-se subornar com presentes os órgãos judiciais. E, podemos acrescentar, em segredo, também a Tchekà. Os volumes de história encadernados em vermelho e gravados a ouro silenciam-no, mas há velhas testemunhas oculares que se recordam de que, diferentemente do tempo stalinista, o destino dos presos políticos nos primeiros anos da Revolução dependia grandemente do suborno: recebiam-se os presentes sem timidez e por isso o preso era honradamente posto em liberdade. Krilenko selecionou somente uma dúzia de *processos* num qüinqüênio, e fala-nos de dois desses casos. O caminho que o Tribunal Revolucionário de Moscou e o Supremo Tribunal tomaram para atingir a perfeição seguiu por vias tortas e ambos se afundaram na indecência.

b) *o Processo dos Três Comissários do Tribunal Revolucionário de Moscou* (abril de 1918).

Em março de 1918 foi preso Beridze, que especulava com lingotes de ouro. A sua mulher, como era costume, começou a indagar quais os meios de resgatar o marido. Ela conseguiu obter uma ligação com um conhecido de um dos comissários, este aliciou mais dois, e num encontro secreto exigiram a ela duzentos e cinqüenta mil rublos, baixando, depois de um regateio, para sessenta mil, dos quais metade adiantados e pagos através do advogado Grin. Tudo poderia ter ficado ignorado, como aconteceu com centenas de negócios que terminaram bem, e não teria ido parar nos anais de Krilenko, nem nos nossos (e nem mesmo teria sido objeto de debate no Conselho de Comissários do Povo), se a esposa de Beridze não tivesse tanto apego ao dinheiro, levando a Grin apenas quinze mil rublos adiantados, em vez de trinta mil, e sobretudo se, num impulso tipicamente feminino, tivesse decidido durante a noite que o advogado não era uma pessoa séria, e se pela manhã não se tivesse precipitado para um outro intermediário, o jurado Iakúlov. Não se sabe exatamente quem, mas presume-se que Iakúlov decidiu denunciar os comissários.

O que há de interessante neste processo é que todas as testemunhas, a começar pela desajeitada esposa, procuram apresentar provas favoráveis aos acusados, atenuando a acusação (o que seria impossível num processo político!). Krilenko explica assim as coisas: pela sua compreensão estreita e mesquinha, eles se sentem estranhos face ao nosso Tribunal Revolucionário. (Quanto a nós, nos atrevemos de forma estreita e mesquinha

a supor que as testemunhas tiveram tempo de aprender a *temer*, em meio ano, a ditadura do proletariado. É na verdade necessário um grande atrevimento para pôr em causa os comissários do Tribunal Revolucionário. O que poderia suceder depois?...)

É também interessante a argumentação do comissário. Com efeito, um mês antes os acusados eram seus camaradas de armas, auxiliares seus, isto é, pessoas totalmente devotadas aos interesses da Revolução, e um deles, Leist, era mesmo um "severo acusador, capaz de lançar raios e coriscos sobre quem quer que atentasse contra os fundamentos". E que dizer agora sobre eles? Onde ir buscar com que denegri-los? (já que atacar a corrupção, por si só, não basta). A solução é clara: remexendo no seu *passado!* no seu currículo.

"Se se examina com atenção o caso desse Leist, encontram-se informações extraordinariamente curiosas." Estamos intrigados: será ele um antigo aventureiro? Não, mas é filho de um professor da Universidade de Moscou! E ele não é um simples professor, mas um professor que durante vinte anos conseguiu sobreviver a todas as reações pela sua indiferença à atividade política! (Embora também Krilenko, apesar da reação, tivesse sido admitido como estudante externo*...) Será acaso de surpreender que o seu filho seja uma pessoa de duas caras?

Quanto a Podgaiski, era filho de um funcionário judicial, certamente membro das Centúrias Negras. De outro modo, como é que o seu pai teria podido servir durante vinte anos o czar? E o filho também se preparava para a carreira judiciária. Mas sobreveio a Revolução e precipitou-se para os tribunais revolucionários. O que ontem parecia nobre surgia agora como repugnante!

O mais abjeto de todos, naturalmente, era Gúguel. Enquanto editor, que oferecia ele aos operários e camponeses como alimento intelectual? "Alimentava as vastas massas com literatura de má qualidade", não de Marx, mas de professores burgueses de renome mundial (esses professores também iremos encontrá-los bem depressa no banco dos réus).

Krilenko encolerizava-se e assombrava-se: mas que gentalha é esta que se infiltrou nos tribunais? (Também nós ficamos perplexos: quem constitui esses tribunais dos operários e camponeses? Por que é que o proletariado confiou em tal gente para abater os seus inimigos?)

---

* *Isto é, autorizado a realizar diretamente os exames, sem necessidade de fazer o curso. (N. do T.)*

Mas o advogado Grin, "pessoa de confiança" da comissão investigadora, que podia pôr em liberdade quem quisesse, é um "representante típico daquela variedade da espécie humana que Marx denominou *sanguessugas* do regime capitalista", da qual fazem parte, além de todos os advogados e todos os policiais, os sacerdotes e... e os notários[35]...

Parece que Krilenko não poupou as suas forças para conseguir uma sentença implacável e cruel, que não levasse em conta "os matizes individuais de culpabilidade"; mas uma certa moleza, uma certa fadiga se apoderou do tribunal, sempre tão animoso, e ele pôde apenas balbuciar as penas de seis meses de prisão a cada um dos comissários e uma multa em dinheiro ao advogado. (Só fazendo uso do direito do Executivo do Comitê Central de "aplicar penas ilimitadas" é que Krilenko conseguiu, no Hotel Metrópole, obter penas de dez anos de prisão para os investigadores e de cinco para o advogado-sanguessuga, acompanhadas do confisco total dos seus bens. Krilenko apregoou aos quatro ventos a sua vigilância e por pouco não recebeu o título de *Tribuno.)*

Temos perfeita consciência de que tanto entre as massas revolucionárias de então, como entre os nossos leitores de hoje, este desgraçado processo não pôde deixar de abalar a sua fé na santidade do tribunal. E com mais timidez ainda passamos ao processo seguinte, que diz respeito a uma instituição ainda mais elevada.

c) *o Processo de Kossíriev* (15 de fevereiro de 1919).

F. M. Kossíriev e os seus amigos Libert, Rottenberg e Solóviov tinham trabalhado na comissão de abastecimento da frente oriental (contra as tropas da Assembléia Constituinte, antes ainda de Koltchak). Chegou-se à conclusão de que encontraram aí uma forma de receber de uma só vez entre setenta mil e um milhão de rublos, gastando-os em corridas de cavalos e em farras com as enfermeiras. A comissão tinha adquirido uma casa, um automóvel, e banqueteava-se no Restaurante Iar. (Nós não estamos habituados a imaginar desse modo o ano de 1918, mas é assim que aparece testemunhado no Tribunal Revolucionário.)

No entanto, não foi esse o objeto do *processo:* nenhum deles foi julgado pelos fatos da frente oriental, e até lhes perdoaram tudo. Que espanto! Desde que foi destituída a sua comissão de abastecimentos, foram os quatro convidados, juntamente com

---

35 *Krilenko,* Durante cinco anos..., *página 500. (N. do A.)*

Nazarenko, velho vagabundo siberiano, amigo de Kossíriev dos anos de trabalhos forçados por delito comum, a constituir... o Colégio de Revisão e de Controle da Tcheká da União!

Eis a competência desse colégio: ele *tinha plenos poderes para verificar a conformidade com a lei dos atos de todos os restantes órgãos* da Tcheká da União, bem como o direito de requisitar e examinar qualquer processo, em qualquer fase da instrução, ou de anular as decisões de todos os restantes órgãos da Tcheká, à exceção somente do Presidium da Tcheká da União[36]!!! Já não era pouco ser a segunda autoridade da Tcheká depois do Presidium! Encontrar-se num degrau superior a Dzerjinski, Urítski, Peterson, Látsis, Menjinski, Iágoda!

O modo de vida dos consócios continuou a ser o mesmo. Não se tornaram orgulhosos, não se envaideceram: com gente do gênero de Maksímitch, Lionka, Rafailski e Mariupolski, "que não tinham relação alguma com as organizações comunistas", instalaram em casas particulares e no Hotel Savói "um ambiente de luxo... onde reinam as cartas (pondo-se em jogo milhares de rublos), as bebedeiras e as mulheres". Kossíriev instala-se com grande fausto (setenta mil rublos), não desdenhando levar da Tcheká da União talheres e chávenas de prata (mas como é que haviam chegado lá?...), ou mesmo simples copos. "Era sobre isso e não sobre as idéias que se concentrava a sua atenção. Foi para isso que ele abraçou o movimento revolucionário." (Negando agora a origem dos subornos recebidos, esse destacado tchekista não pestaneja ao afirmar que uma conta de duzentos mil rublos no banco de Chicago é proveniente de uma herança!... Tal situação, pelo visto, é para ele compatível com a revolução mundial!)

Haveria melhor forma de utilizar o seu direito sobre-humano de prender e de pôr em liberdade quem lhe aprouvesse? Devia-se, isso sim, procurar as galinhas de ovos de ouro, e em 1918 caíam não poucas nas redes. (A Revolução tinha sido feita com demasiada pressa, não se podendo ver tudo; quantas pedras preciosas, colares, braceletes, anéis e brincos as damas burguesas não tiveram tempo de esconder?) E, depois, tentar estabelecer contato com as famílias dos presos através de um testa-de-ferro qualquer.

Figuras semelhantes também desfilam perante nós no processo. Aí está, por exemplo, Uspênskaia, de vinte e dois anos. Ela terminou o liceu de Petersburgo, mas não conseguiu passar ao

---

35 *Krilenko,* Durante cinco anos..., *página 500. (N. do A.)*

ensino superior. Adveio o poder dos sovietes, e, na primavera de 1918, Uspênskaia apresentou-se na Tcheká oferecendo os seus serviços como informante. Pelo seu aspecto exterior, parecia adequada, e aceitaram-na.

A propósito dos informantes, Krilenko faz o seguinte comentário, como se fosse *para si mesmo:* "*Nós* não vemos nisso nada de criticável, pois consideramo-lo como uma obrigação . . . Não é o fato de exercer esse tipo de trabalho que envergonha; uma vez que alguém reconhece que ele é indispensável para o interesse da Revolução, deve estar pronto a fazê-lo[37]". Mas acontece que Uspênskaia não tinha convicções políticas! Era isso o mais terrível. Ela responde nestes termos: "Eu concordei em que me pagassem determinada percentagem pelos casos descobertos", sendo ainda divididos, "meio a meio", os benefícios, que o tribunal evita revelar, provenientes dessas delações. Na expressão de Krilenko, Uspênskaia não estava incluída no pessoal da Tcheká: trabalhava "por produção[38]". Quanto ao resto, deve-se compreendê-la humanamente, explica o acusador: ela estava habituada a gastar sem limites; e que representam para ela os míseros quinhentos rublos que lhe pagava o Conselho do Povo da Economia, quando com um só golpe (intervir para que tirem o selo de chumbo da porta de um comerciante) recebe cinco mil rublos, ou mesmo dezessete mil, como chegou a pagar-lhe a mulher de um preso, Mechérskaia-Grevs? Entretanto, Uspênskaia não ficou muito tempo na polícia secreta, conseguindo, com a ajuda de importantes tchekistas, tornar-se, depois de uns meses, comunista e comissária.

Entretanto, não conseguimos tocar na essência do problema. Uspênskaia organizou para Mechérskaia-Grevs um encontro numa casa privada com um tal Godeliuk, amigo íntimo de Kossíriev, a fim de se porem de acordo quanto ao preço do resgate do marido (ela exigia. . . seiscentos mil rublos!). Mas, por qualquer azar não explicado no tribunal, essa entrevista secreta veio a ser conhecida pelo jurado Iakúlov, esse mesmo que tinha denunciado os investigadores subornados e que, pelo visto, tinha um ódio de classe ao sistema proletário de processos judiciais e extrajudiciais. Iakúlov denunciou o caso ao Tribunal Revolucionário de Moscou[39], e o presidente do tribunal (ter-se-ia lem-

---

[37] *Idem, ibidem, página 513. O grifo é meu. (N. do A.)*

[38] *Idem, ibidem, página 507. (N. do A.)*

[39] *Para aplacar a indignação do leitor contra esse sanguessuga, Iakúlov, devemos dizer que nessa época do processo de Kossíriev ele já tinha sido preso. Haviam conseguido uma "acusação" contra ele. Ele foi levado para*

brado da indignação do Conselho de Comissários do Povo em face do processo dos juízes?) também cometeu um erro de classe: em vez de advertir simplesmente o Camarada Dzerjinski e de arranjar tudo em família, colocou atrás de uma cortina uma estenógrafa. Assim foram registradas todas as afirmações de Godeliuk sobre Kossíriev, Solóviov e outros comissários, com todas as indicações sobre *quem* na Tcheká *recebia* dinheiro e quantos milhares de rublos; segundo o estenograma, Godeliuk tinha recebido um adiantamento de doze mil, cedendo a Mechérskaia um passe para entrar na Tcheká, já assinado, em nome da Comissão de Revisão e Controle, por Libert e Rottenberg (na Tcheká o regateio devia prosseguir). E nisto ele foi descoberto! E na sua desorientação fornecem provas! (Mechérskaia teve ainda tempo de se apresentar à Comissão de Revisão e Controle, que já tinha requisitado o processo do seu marido *para verificação.*)

Mas permitam-me! Esse desmascaramento mancha a farda azul da Tcheká! Estará senhor do seu juízo o presidente do Tribunal Revolucionário de Moscou? Ocupar-se-á ele acaso da sua função?

Acontece que era essa a tendência do *momento:* momento que ficou totalmente oculto nas pregas da nossa grandiosa história. Acontece que o primeiro ano de trabalho da Tcheká produziu uma impressão um tanto repulsiva mesmo nas fileiras do partido do proletariado, ainda não habituado a isso. Só um ano, só um passo do glorioso caminho tinha sido ainda percorrido pela Tcheká, e já surgia, como em termos algo obscuros escrevia Krilenko, "uma discordância entre os tribunais e as suas funções, por um lado, e as funções extrajudiciais da Tcheká, por outro . . . discordância que naquele tempo dividia o Partido e os bairros operários em dois campos [40]". Foi assim que surgiu o processo de Kossíriev (até esse momento todos tinham gozado de impunidade), e pôde ser levado até o mais alto nível.

Devia-se salvar a Tcheká! Salvar a Tcheká! Solóviov pede ao tribunal autorização para ir à cadeia da Taganka (ah! infelizmente, não da Lubianka) para ter uma *conversa* com o preso Godeliuk. O tribunal recusa. Então Solóviov *penetra na cela* de

---

testemunhar acompanhado por uma escolta, e é quase certo que tenha sido fuzilado pouco depois. (Hoje nós nos perguntamos: como ocorreu tamanha arbitrariedade? Como ninguém se rebelou contra isso?) (N. do A.)

40 Krilenko, página 14. (N. do A.)

Godeliuk sem licença do tribunal. E dá-se uma coincidência: sim, é precisamente então que Godeliuk adoece gravemente! ("Será duvidoso falar-se da existência de uma intervenção por parte de Solóviov", inclina-se reverentemente Krilenko.) Sentindo aproximar-se a morte, Godeliuk arrepende-se de ter caluniado a Tcheká, pede que lhe dêem papel e escreve uma retratação: tudo o que ele disse sobre Kossíriev e outros comissários é mentira, bem como o que foi estenografado por trás da cortina [41]!

"E quem lhe deu o passe para entrar?", insiste Krilenko. O passe para Mechérskaia não caiu com certeza do céu! Não, o acusador "não quer dizer que Solóviov tenha tido participação neste caso, porque. . . não há dados suficientes", mas calcula que alguns "cidadãos que ficaram em liberdade tenham montado a trama" e enviado Solóviov para a Taganka.

É este o momento de interrogar Libert e Rottenberg. Ambos foram chamados, mas não se apresentaram! Assim mesmo, não se apresentaram, recusaram-se a vir. Então permitam ao menos que se interrogue Mechérskaia! Pois imaginem que essa aristocrata que começava a acovardar-se teve também a ousadia de não comparecer perante o Tribunal Revolucionário! E não houve força capaz de a obrigar! Entretanto, Godeliuk retratou-se e está moribundo! E Kossíriev não confessa nada! E Solóviov de nada é culpado! E não há quem interrogar. . .

Em compensação, quantas testemunhas vieram depor perante o tribunal por sua própria vontade! O vice-presidente da Tcheká, Camarada Piotr, e até o próprio Féliks Edmúndovitch Dzerjinski, cheio de angústia. Com o seu rosto alongado e ardente de asceta volta-se para o tribunal petrificado e em termos penetrantes depõe em defesa da inocência de Kossíriev, em defesa das suas qualidades morais, revolucionárias e profissionais. Esses depoimentos não nos foram transmitidos, mas Krilenko descreve-os assim: "Solóviov e Dzerjinski puseram em evidência as magníficas qualidades de Kossíriev [42]". (Ah, oficial incauto! — passados vinte anos hão de recordar-lhe, na Lubianka, este processo!) É fácil adivinhar o que terá dito Dzerjinski: que Kossíriev é um tchekista de ferro, sem compaixão para com

---

[41] *Ah! quantos enredos! Onde está Shakespeare? Solóviov passou através da parede na pálida sombra da cela, Godeliuk retratou-se com mão débil. . . E dizer que no teatro e no cinema só nos são dados os anos revolucionários pela canção das ruas "Torvelinhos hostis. . ." (N. do A.)*

[42] *Krilenko,* Durante cinco anos. . ., *página 522. (N. do A.)*

o inimigo; que ele é um bom *camarada*. De coração ardente, cabeça fria e mãos limpas.

E por sobre o lixo das calúnias ergue-se diante de nós um cavaleiro de bronze. E, sobretudo, a biografia de Kossíriev nos dá conta da sua vontade invulgar. Antes da Revolução tinha sido processado várias vezes e na maioria delas por crime: na cidade de Kostromá, por ter-se introduzido, com intenção de pilhagem, na casa da velha Smírnova, *estrangulando-a com as suas próprias mãos;* mais tarde, por tentativa de morte do pai e por assassínio de um companheiro com o fim de utilizar o seu passaporte. Nos casos restantes, Kossíriev tinha sido julgado por fraudes, passando um grande número de anos deportado (compreende-se agora a sua tendência para a vida luxuosa!). Só as anistias czaristas lhe valeram.

Mas, nessa altura, severas e justas vozes de destacados tchekistas interromperam o acusador, declarando que todos esses tribunais antigos eram compostos de proprietários e burgueses e não podiam ser levados em conta pela nossa nova sociedade. Perdendo o sentido da medida, o oficial, do alto da cátedra da acusação do Tribunal Revolucionário, teve em resposta esta tirada, tão viciosa ideologicamente que destoa até da exposição harmoniosa dos processos judiciais:

"Se no antigo tribunal czarista havia algo em que podíamos confiar, era unicamente nos tribunais de jurados... Perante a decisão dos jurados era sempre permitido ter confiança, pois eles cometiam o menor número de erros judiciais".

Tanto mais ultrajantes pareciam semelhantes afirmações na boca do Camarada Krilenko quanto três meses antes, no processo do provocador R. Malinóvski (ex-favorito da direção do Partido, que fora, a despeito das quatro condenações penais que figuravam no seu cadastro, indicado para o Comitê Central e designado para a Duma), a autoridade acusadora adotara uma posição de classe inatacável.

"Do nosso ponto de vista, cada delito é o produto de um determinado sistema social, e neste sentido uma condenação aplicada segundo as leis da sociedade capitalista e da época czarista não é aos nossos olhos um fato que deixe para sempre uma mancha indelével... Nós conhecemos *muitos exemplos* de terem figurado nas *nossas fileiras* pessoas com casos *semelhantes no passado,* e *nunca* tiramos daí a conclusão de que era necessário excluí-las do nosso meio. Quem *conhecer os nossos princípios* não pode temer que o fato de ter sido condenado judicialmente no

passado o ameace de ser excluído das fileiras revolucionárias... [43]"

Aí está como sabia falar dentro de uma perspectiva partidária o Camarada Krilenko! Mas neste caso o seu raciocínio viciado obscurecia a imagem cavaleiresca de Kossíriev. E criou-se no tribunal uma situação tal que o Camarada Dzerjinski se viu obrigado a dizer: "Por um segundo (mas só por um segundo! — A. S.) ocorreu-me a idéia de saber se o Camarada Kossíriev não será vítima das paixões políticas que *ultimamente se acenderam em torno da Tcheká* [44]".

Krilenko apercebeu-se disso: "Eu não quero, nem nunca quis, que o presente processo fosse não o processo de Kossíriev e Uspênskaia, mas o processo da Tcheká. Não só *não posso querê-lo,* mas tenho obrigação de lutar com todas as minhas forças contra isso! À cabeça da Tcheká foram colocados os camaradas mais responsáveis, mais honrados e mais firmes, que assumiram o pesado dever de esmagar os nossos inimigos, *mesmo correndo o risco de cometer erros...* Por isso a Revolução tem de exprimir-lhes o seu agradecimento... Sublinho este aspecto para que... depois ninguém possa dizer de mim: 'Ele acabou por ser um instrumento da traição política [45]'." (Sim, hão de dizê-lo.)

Tal era o fio de navalha sobre que marchava o supremo acusador! Vê-se que mantinha certos contatos, vindos ainda do tempo da clandestinidade, através dos quais sabia as voltas que tudo podia dar amanhã. Isso resulta da observação de alguns processos, e deste também. Havia certas correntes, em começos de 1919, insuflando que *bastava,* que já era tempo de refrear a Tcheká! Sim, esse momento foi "magnificamente expresso num artigo de Bukhárin em que este diz que se deve passar do *revolucionarismo legal* à *legalidade revolucionária* [46]".

Eis que surge a dialética, onde quer que você se meta! E Krilenko deixa escapar a frase: "O Tribunal Revolucionário é chamado para substituir a Tcheká". *(Para substituir?...)* De resto, ele "não deve ser menos terrível no sentido da aplicação do sistema de intimidação, de terror e de ameaças do que o foi a Tcheká". Do que o foi?... Mas acaso ele já a enterrou?!... Um momento: substituir, diz você, mas que fazer dos tchekistas?

---

[43] *Idem, ibidem, página 337. (N. do A.)*
[44] *Idem, ibidem, página 509. (N. do A.)*
[45] *Idem, ibidem, páginas 509-510. O grifo é meu. (N. do A.)*
[46] *Idem, ibidem, página 511. (N. do A.)*

Dias terríveis! Compreende-se a pressa com que o seu chefe veio testemunhar, com um capote até os pés.

Talvez sejam falsas as suas informações, Camarada Krilenko!

Sim, pairavam nuvens negras sobre a Lubianka, nesses dias. E este livro poderia ter seguido outro rumo. Mas, suponho eu, o férreo Féliks foi ver Vladímir Ilitch, conversaram os dois e tudo se esclareceu. As nuvens passaram. Todavia, dois dias depois, em 17 de fevereiro de 1919, por disposição especial do Executivo do Comitê Central, a Tcheká foi privada dos seus direitos judiciais — "mas não por muito tempo[47]"!

O que veio a complicar ainda a seqüência de debates foi o repugnante comportamento da desavergonhada Uspênskaia. Até mesmo no banco dos réus ela "atirou na lama" outros importantes tchekistas, que não tinham sido incluídos no processo, inclusive o Camarada Piotr. (Acontece que ela utilizava o seu nome sem mancha em operações de chantagem, permanecendo sem cerimônia no gabinete de Piotr durante as suas conversas com outros tchekistas.) Agora, ei-la que insinua que Piotr teve um passado escuso em Riga, antes da Revolução. Tinha-se tornado um réptil durante os oito meses que viveu entre tchekistas! Que fazer com uma fulana assim? Nisso Krilenko esteve inteiramente de acordo com a opinião dos tchekistas: "Enquanto não se estabelecer um regime sólido, e ainda estamos longe disso (verdade?)... o interesse da defesa da Revolução implica que não há nem pode haver outra sentença para a cidadã Uspênskaia que não seja o seu *aniquilamento*". Não o fuzilamento, ele disse bem: o aniquilamento! Mas é ainda uma moça nova, cidadão Krilenko. Bom, apliquem-lhe dez anos, ou vinte e cinco, até lá o regime ficará sólido. Ai de nós: "Não há nem pode haver outra resposta, no interesse da sociedade e da Revolução, sendo impossível pôr de outra maneira a questão. Nenhum isolamento, *neste caso,* dará frutos!"

Ela excedeu-se... Isso significa que sabe muita coisa...

Quanto a Kossíriev, teve também que ser sacrificado. Fuzilaram-no. Para salvar outros.

Será permitido ler alguma vez os velhos arquivos da Lubianka? Não, eles os queimarão. Se já não os tiverem queimado.

Como o verá o leitor, o processo seguinte foi de pouca importância. Podíamos não nos ter detido nele. Entretanto...

---

47 *Idem, ibidem, página 14. (N. do A.)*

d) *o Processo dos "Clericais"* (11-16 de janeiro de 1920).

Segundo a opinião de Krilenko, este processo ocupará "o devido lugar nos anais da Revolução russa". Nada mais, nada menos: nos anais. Um só dia chegou para dobrar Kossíriev, mas estes foram triturados durante cinco dias.

Eis os principais acusados: A. D. Samárin (personagem conhecida na Rússia, antigo procurador-geral do Sínodo, que lutava pela separação da Igreja do poder czarista, inimigo de Rasputin e desalojado por este do seu posto[48]); Kúznetsov, professor de direito canônico na Universidade de Moscou; e os arciprestes Uspenski e Tsviétkov, também de Moscou. (Sobre Tsviétkov, o próprio acusador afirmará: "É uma notável personalidade social, talvez a melhor que nos foi dada pelo clero, um filantropo".)

E eis do que eram culpados: criaram o "Conselho Moscovita das Paróquias Unidas", o qual constituiu (entre os crentes de quarenta a oitenta anos) uma guarda voluntária para o patriarca (naturalmente desarmada), destinada a montar uma vigilância permanente, dia e noite, nas imediações da sua residência. Em caso de perigo para o patriarca por parte das autoridades ela devia fazer apelo ao povo a toque de alarma e pelo telefone, a fim de seguirem todos em tropel atrás dele para onde quer que o levassem, e irem rogar (eis a contra-revolução!) ao Conselho de Comissários do Povo que o pusesse em liberdade.

Não era um empreendimento digno da antiga Rússia, da Santa Rússia, esse de reunir-se ao toque de alarma e ir em tropel apresentar uma súplica. . .?

O acusador mostra-se surpreendido: que perigo ameaça o patriarca, por que é que se lhes meteu na cabeça defendê-lo?

Nenhum perigo, na realidade: só que desde há dois anos a Tcheká se desembaraça sem processo dos indesejáveis; que ainda há muito pouco tempo, em Kíev, quatro soldados vermelhos mataram o metropolita; que "acaba de ser instruído o processo contra o patriarca e falta apenas submetê-lo aos tribunais revolucionários"; e que é "unicamente por uma atitude prudente em relação às vastas massas de operários e de camponeses que se encontram sob a influência da propaganda clerical que deixamos *por agora* tranqüilos estes inimigos de classe[49]". Por que então o alarma dos ortodoxos quanto ao patriarca? Durante os

[48] *Mas para o acusador, entre Samárin e Rasputin não havia diferença. (N. do A.)*

[49] *Krilenko,* Durante cinco anos. . ., *página 61. (N. do A.)*

últimos dois anos o Patriarca Tíkhon não se calou, tendo enviado mensagens aos Comissários do Povo, ao clero e às suas ovelhas; as suas mensagens (foram elas o primeiro *samizdat!)*, tendo sido proibida sua impressão nas tipografias, eram escritas a máquina. Ele desmascarava o extermínio de inocentes, a ruína do país. Por que, pois, agora a intranqüilidade pela vida do patriarca?

Segunda culpa dos acusados: em todo o país procedia-se à relação e à requisição dos bens da Igreja (além do encerramento dos mosteiros, além do confisco das terras e dos bosques, trata-se agora dos lustres, dos vasos sagrados, das baixelas dos ofícios religiosos). O Conselho das Paróquias difundiu uma palavra de ordem entre os laicos: resistir às requisições tocando o sino a rebate. (Naturalmente! Foi também assim que se defenderam os templos contra os tártaros!)

Terceira culpa: o insolente e incessante *envio de queixas* ao Conselho de Comissários do Povo contra os vexames que os funcionários locais faziam sofrer à Igreja, contra os grosseiros sacrilégios e as violações da lei sobre a liberdade de consciência. Essas queixas, embora não atendidas (depoimentos de Bontch-Bruiévitch, chefe do Conselho de Comissários do Povo), conduziam ao descrédito dos funcionários locais.

Analisando agora todas as culpas dos acusados, que pena aplicar a esses terríveis delitos? Acaso a sua consciência revolucionária, leitor, não lhe sugerirá a resposta? Evidentemente, *só o fuzilamento!* Tal como o exigiu Krilenko (para Samárin e Kúznetsov).

Mas, enquanto assim se ocupavam com a maldita legalidade e escutavam os discursos torrenciais dos inumeráveis advogados burgueses (não transmitidos por considerações técnicas), soube-se que... tinha sido abolida a pena de morte! O quê?! Não pode ser! Como é isso? Tratava-se de uma disposição de Dzerjinski, que dizia respeito à Tcheká (a Tcheká privada do fuzilamento?...) E o Conselho de Comissários do Povo tinha-a tornado extensiva aos tribunais revolucionários? Ainda não. Isso deu novo ânimo a Krilenko. E ele continuou a exigir o fuzilamento, com o fundamento seguinte:

"Mesmo supondo que a situação fortalecida da República elimina o perigo imediato de tais pessoas, parece-me entretanto indubitável que, neste período de trabalho criador, a limpeza... de tais ativistas e camaleões... é uma exigência imprescindível da Revolução". "A disposição da Tcheká acerca da abolição dos fuzilamentos... constitui um orgulho para o poder so-

viético." Mas isso "ainda não nos obriga a considerar que a questão da abolição dos fuzilamentos tenha sido decidida de uma vez para sempre... por toda a duração do poder soviético [50]".

Palavras proféticas! O fuzilamento será restaurado, e muito em breve! Há ainda todo um bando que é necessário liquidar! (A começar pelo próprio Krilenko e por muitos dos seus irmãos de classe...)

E o tribunal revolucionário obedeceu, condenou Samárin e Kúznetsov ao fuzilamento, embora fazendo-os beneficiar da anistia: internamento num campo de concentração *até a completa vitória sobre o imperialismo mundial!* (Ainda lá se deviam encontrar...) E isso foi "o melhor que o clero pôde fazer" — sua sentença foi comutada de quinze para cinco anos.

Havia outros réus ligados ao processo, a fim de que a acusação tivesse uma base material convincente: os frades e os professores de Zvienigórod, acusados de fatos registrados no verão de 1918 mas que, não se sabe por quê, não tinham sido julgados durante o prazo de um ano e meio (ou talvez já o tivessem sido, voltando a sê-lo tantas vezes quantas se considerassem convenientes). Nesse verão tinham-se apresentado ao superior Jonas [51], do Mosteiro de Zvienigórod, vários funcionários soviéticos que o intimaram (e mexa-se depressa!) a entregar as relíquias do venerado Sava, que ali se conservavam. Esses funcionários não só fumaram no templo (pelo visto diante do altar), não tendo naturalmente tirado o boné, como ainda houve um que pegou com as suas mãos na caveira do beato Sava e começou a cuspir nela, para melhor sublinhar a ficção da sua santidade. Cometeram ainda outros sacrilégios. Isso levou a que se tocassem os sinos a rebate, apelando para a insurreição popular, e ao assassinato de um desses funcionários. Os restantes negaram depois que tivessem cometido sacrilégios ou cuspido, e para Krilenko foram suficientes essas declarações [52]. Eram então julgados, agora, esses funcionários soviéticos? Não: os frades!

---

[50] *Idem, ibidem, página 81. (N. do A.)*

[51] *O antigo militar da Cavalaria da Guarda, Firguf, que "mais tarde, de um momento para o outro, se converteu, tendo dado tudo aos pobres e entrado num mosteiro. Aliás, não se sabe se ele fez efetivamente essa dádiva". Na verdade, se admitimos a regeneração espiritual, o que resta da teoria das classes? (N. do A.)*

[52] *Quem não se lembra de tais cenas? A primeira impressão da minha vida remonta certamente aos meus três a quatro anos de idade: na igreja de Kislovodsk entram de improviso as cabeças pontiagudas (os tchekis-*

Pedimos aos leitores não esquecerem que já desde 1918 se estabeleceu o nosso hábito judiciário de que cada processo de Moscou (com exceção, evidentemente, do injusto processo contra a Tcheká) não constituía um processo autônomo, resultante de um conjunto de circunstâncias casuais, mas sim um índice da política judicial: uma espécie de amostra da vitrina, que do armazém se manda para a província. Tratava-se de *modelos,* como aqueles que figuram num caderno de aritmética, através dos quais os alunos, posteriormente, compreendem os outros problemas por si próprios.

Assim, quando se diz "o Processo dos Clericais" há que entendê-lo no plural. De resto, é o próprio acusador supremo que nos explica com todo o gosto que *"em quase*[53] *todos os tribunais da República estes se desencadearam"* (bela palavra!). Processos semelhantes, ainda recentemente, tiveram lugar nos tribunais da Dvina setentrional, de Tversk e de Riázan; nos de Sarátov, de Kazan, de Ufá, de Solvitchegodsk e de Tsarievokokchaisk foram julgados clérigos e salmistas da Igreja *"libertada pela Revolução de Outubro".*

O leitor julgará perceber aqui uma contradição: por que é que muitos desses processos são *anteriores* ao modelo moscovita? Isso é tão-só um defeito da nossa exposição. A perseguição judicial e extra-judicial da Igreja libertada teve o seu início em 1918 e, a julgar pelo caso de Zvienigórod, atingiu já então uma certa gravidade. Em outubro de 1918, o Patriarca Tíkhon escreveu, numa mensagem enviada ao Conselho de Comissários do Povo, que não havia liberdade para as prédicas religiosas e que "muitos predicadores audazes já tinham pago com o sangue do martírio... tendo sido deitada a mão aos bens da Igreja, reunidos por gerações de crentes, sem se hesitar em violar a sua vontade póstuma". (Os Comissários do Povo, naturalmente, nem leram a mensagem, e os chefes políticos riram-se bastante: eis o que nos censuram, a violação da vontade póstuma! Pois nós pouco nos estamos incomodando com nossos antepassados! Só trabalhamos para os nossos descendentes.) "Executam bispos, sacerdotes, frades e freiras que de nada são culpados, simplesmente por acusações infundadas de espírito contra-revolucionário, em termos difusos e indeterminados." É certo que com

tas, revestidos dos capacetes de Budióni), passam através da muda e estupefata multidão de fiéis e, com os capacetes na cabeça, interrompem o serviço religioso, postando-se diante do altar. (N. do A.)

53 *Krilenko,* Durante cinco anos..., *página 61. (N. do A.)*

a ameaça de Deníkin e Koltchak tais acusações cessaram, para facilitar aos ortodoxos a defesa da Revolução. Mas logo que a guerra civil começou a decrescer, de novo implicaram com a Igreja, levando-a até aos tribunais revolucionários. E em 1920 caíram sobre o Mosteiro da Trindade e sobre as relíquias do chauvinista Serguei Radoniejsk e levaram-nas para o Museu de Moscou[54].

Em seguida o Comissariado do Povo da Justiça, na data de 25 de agosto de 1920, emitiu uma circular acerca da liquidação de todas as relíquias em geral, pois eram elas que dificultavam, precisamente, a marcha radiosa para a nova sociedade justa.

Continuando a servir-nos da seleção feita por Krilenko, lancemos agora um olhar sobre um caso examinado no Verkhtrib (Supr. Trib.), como gostam de abreviar entre eles, enquanto para nós, simples escaravelhos, vão gritando: "De pé, o Tribunal!"

e) *o Processo do "Centro Tático"* (16-20 de agosto de 1920). Vinte e oito réus, mais outros tantos julgados à revelia.

Com uma voz ainda não enrouquecida ao dar início ao seu veemente discurso, todo iluminado pela sua análise de classe, o acusador supremo faz-nos saber que, além dos grandes proprietários e capitalistas, "existia e existe ainda uma terceira camada social, cuja existência desde *há muito é objeto de reflexão* por parte dos representantes do socialismo revolucionário. (Isto é: deverá continuar a existir ou não? — A. S.) Essa camada é a que leva o nome de *intelliguêntsia*. . . Neste processo vamos ver como o *tribunal da história julga a* intelliguêntsia *russa*[55]" e como a julga também a Revolução.

Os limites da nossa pesquisa não nos permitem examinar

---

[54] *O patriarca cita Kliutchévski: "As portas dos mosteiros do Venerável não se fecharão e as lamparinas não se apagarão sobre o seu sepulcro senão quando tivermos dilapidado todos os restos de reservas morais e espirituais legadas pelos nossos grandes construtores da Terra Russa, como o Venerável Serguei". Não pensava Kliutchévski que essa dilapidação se consumaria com ele ainda em vida.*
O patriarca solicitou uma audiência ao presidente do Conselho de Comissários do Povo, para convencê-lo a não tocarem no mosteiro nem nas suas relíquias, pois afinal de contas a Igreja estava separada do Estado! Foi-lhe respondido que o presidente estava ocupado na discussão de importantes problemas e que a entrevista não poderia ter lugar nos dias mais próximos nem nos mais longínquos. (N. do A.)

[55] *Krilenko,* Durante cinco anos. . ., *página 34. (N. do A.)*

aqui qual a *reflexão exata* dos representantes do socialismo revolucionário acerca do destino da chamada *intelliguêntsia,* nem o que é que pensavam mais precisamente sobre ela. Entretanto, consola-nos o fato de que esses documentos estão publicados, são acessíveis a todos e podem ser compilados com maior ou menor detalhe. Assim, é apenas para que a situação geral da República se torne clara que recordamos a opinião do presidente do Conselho de Comissários do Povo da época em que tinham lugar todas essas audiências do Tribunal.

Em carta a Górki de 15 de setembro de 1919 (já por nós citada), Vladímir Ilitch responde às diligências de Górki motivadas pelas detenções de intelectuais (entre eles, segundo parece, parte dos réus deste processo) e escreve a respeito da massa fundamental da *intelliguêntsia* russa de então (aquela próxima aos "democratas constitucionais"): "Na realidade, *esse não é o cérebro da nação, mas sim o seu esgoto*[56]". Noutra ocasião, diz a Górki: *"Será culpa sua"* (da *intelliguêntsia)* "se fizermos demasiados estragos". Se ela busca a justiça, por que é que não se junta a nós?... "Por mim, apanhei uma bala da *intelliguêntsia*[57]" (referência a Fánia Kaplan).

Com tais sentimentos, ele se referia à *intelliguêntsia* em termos desconfiados e pouco amistosos: "liberal e apodrecida", "beata", "cheia da incúria tão habitual nas pessoas instruídas[58]", considerando que nunca ia ao fundo das coisas, que *traíra a causa dos operários.* (Mas quando é que ela prestará juramento *à causa dos operários,* isto é, à ditadura do proletariado?)

Esse tom de mofa para com a *intelliguêntsia,* esse desprezo a que foi votada, foi retomado com gala pelos publicistas e jornalistas dos anos 20, transmitindo-se ao meio ambiente e, finalmente, aos próprios intelectuais, que acabaram por amaldiçoar a sua eterna irreflexão, a sua eterna *duplicidade,* a sua eterna *carência de espinha dorsal,* o seu desesperado atraso *em relação à época.*

E é justo! Mas eis que sob as abóbadas do Supremo Tribunal ressoa a voz da autoridade acusadora e nos faz regressar ao banco dos réus:

"Esta camada social... foi submetida durante estes anos à prova de uma nova revisão geral". Sim, revisão, como então

---

56 *Lênin, 5.ª edição, t. 51, página 48. (N. do A.)*
57 V. I. Lênin e A. M. Górki, *da Academia das Ciências, Moscou, 1961, página 263. (N. do A.)*
58 *Lênin, 4.ª edição, t. 26, página 373. (N. do A.)*

se dizia freqüentemente. E como decorreu essa revisão? Deste modo: "A *intelliguêntsia* russa, entrando na panelinha da Revolução com palavras de ordem de poder popular (e isto é alguma coisa, apesar de tudo!), saiu dela como aliada dos generais negros (nem sequer dos brancos!), como agente mercenário (!) e dócil do imperialismo europeu. A *intelliguêntsia* espezinhou as próprias bandeiras (como no Exército?) e lançou-as à lama[59]".

Como não dar gritos de arrependimento?... Como não arranhar o peito com as unhas?...

E só *"não há necessidade de acabar* com os seus representantes isolados" porque *"este grupo social já viveu o tempo que tinha a viver"*. Isto no começo de século XX! Que força profética! Oh, os revolucionários científicos! (No entanto, foi preciso *acabar* com eles. Não se fez outra coisa, durante os anos 20.)

Olhamos com aversão para os vinte e oito semblantes dos aliados dos negros generais, mercenários do imperialismo europeu. E repugna-nos especialmente esse *centro* — aqui batizado "tático", ali "nacional", mais além "direitista" (da memória dos processos de duas décadas emergem centros, centros e centros, ora de engenheiros, ora de mencheviques, ora de trotskistas e de zinovievistas, ora de direitistas-bukharinistas, todos eles esmagados, sendo unicamente por isso que ainda estamos vivos). Lá onde está o centro aparece, naturalmente, a mão do imperialismo.

É verdade que o coração fica um pouco aliviado quando ouvimos mais adiante dizer que o centro tático agora processado *não era uma organização,* e que não tinha: 1) estatutos; 2) programa; 3) membros que pagavam cotas. Então que faziam eles? *Encontravam-se!* (Sintamos calafrios nas costas.) E encontrando-se davam *a conhecer uns aos outros os seus pontos de vista!* (Fiquemos paralisados de horror!)

As acusações são muito graves e apóiam-se em provas materiais: contra vinte e oito acusados há dois documentos[60]. São duas cartas de dois militantes *ausentes* (estão no estrangeiro): Miakótin e Fiódorov. Ausentes, mas que até a Revolução faziam parte dos mesmos comitês que os presentes. E isso nos dá o direito de assimilar ausentes e presentes. As cartas tratam de *divergências* com Deníkin sobre problemas tão insignificantes como o dos camponeses (não no-lo dizem, mas está claro que

---

59 *Krilenko,* Durante cinco anos..., *página 54. (N. do A.)*
60 *Idem, ibidem, página 38. (N. do A.)*

aconselham Deníkin a dar a terra aos camponeses); sobre o problema judeu (segundo parece, não voltar aos antigos vexames), sobre o problema nacional-federal (sem comentários); sobre a direção administrativa (democracia e não ditadura); e outras coisas mais. Qual a conclusão das provas? Muito simples: através delas demonstra-se a correspondência *e a unidade de pontos de vista entre os presentes e Deníkin!* (Oh! Oh!)

Mas há também acusações feitas diretamente aos presentes: troca de informações com conhecidos seus, residentes em centros (em Kíev, por exemplo) que não estão sob o poder central soviético! Admitamos, mais precisamente, que em tempos idos tais territórios constituíam parte da Rússia e que, no interesse da revolução mundial, nós os cedemos à Alemanha, e que as pessoas continuam a enviar bilhetes umas às outras: "Como vivem aí, Ivan Ivánitch?... Quanto a nós, a vida corre assim e assado..." E M. M. Kíchkin (membro do Comitê Central do Partido Democrático Constitucional), mesmo no banco dos réus, dá esta justificação insolente: "Uma pessoa não quer andar às cegas, e procura saber tudo o que se faz em toda parte".

Saber *tudo* o que se faz *em toda parte?...* Não querer andar às cegas?... Tem, pois, razão o acusador ao qualificar as suas ações como *traição! Traição para com o poder soviético!*

Mas vejamos seu atos mais terríveis: no auge da guerra civil eles... escreveram trabalhos, elaboraram notas, estabeleceram projetos. Sim, sendo "peritos do direito público, da ciência financeira, das relações econômicas, das questões judiciais e da instrução pública", eles *escreveram trabalhos!* (E, como é fácil adivinhar, tudo isto sem se apoiarem nos trabalhos antecedentes de Lênin, de Trótski e de Bukhárin...) O Professor S. A. Kotliarévski, sobre a organização federativa da Rússia; V. I. Stempkóvski tratou do problema agrário (e, certamente, sem defender a coletivização...); V. S. Muralévitch, da instrução pública na futura Rússia; N. N. Vinográdski, da economia. E N. K. Koltsov, (grande) biólogo, que na sua pátria só conheceu perseguições e castigos, permitia a esses tubarões burgueses que se reunissem para discutir em seu instituto. (Nesta ratoeira caiu também N. D. Kondrátiev, que em 1931 seria condenado definitivamente no caso do Partido Camponês do Trabalho.)

O nosso coração acusador palpita fortemente no peito, adiantando-se ao veredicto. Que pena aplicar a esses lacaios de generais? Para eles, um só castigo — o fuzilamento! Esta não é a exigência do acusador: é já a *sentença* do tribunal! (Infeliz-

mente atenuaram-na depois: campo de concentração até ao fim da guerra civil.)

A culpa dos acusados reside em eles não se terem deixado ficar acocorados nos seus rincões, chupando os duzentos e cinqüenta gramas de pão, mas em "entenderem-se e encontrar um acordo entre si sobre qual devia ser o regime após a queda do poder soviético".

Na linguagem científica atual chama-se a isso estudar a possibilidade de uma alternativa.

A voz do acusador ressoa, mas parece-nos ouvir uma nota dissonante. Dir-se-ia que ele busca algo com os olhos, pela cátedra, que procura algum papel. Uma citação? Um instante! É necessário dar uma referência! Apoiar-se, talvez, em outro processo? Não tem importância! Não será acaso isto, Nikolai Vassílievitch *, por favor:

"Para nós... o conceito de *tortura* está já contido no próprio fato de manter os políticos na prisão..."

Vejam só! Manter os políticos na prisão é uma tortura! E isto é dito pelo acusador! Que visão tão ampla! Uma nova jurisprudência nasce! Mais adiante:

"...A luta contra o regime czarista era para eles (os políticos) uma segunda natureza, *não podiam* deixar de lutar contra o czarismo[61]".

Da mesma forma que estes *não podiam* deixar de estudar as possíveis alternativas?... *Pensar* não será talvez a primeira tendência do intelectual?...

Ah, foi por uma torpeza que não lhe forneceram a citação devida! Que escândalo!... Mas Nikolai Vassílievitch já está no seu apogeu:

"E *ainda que*, acusados aqui em Moscou, não tenham feito absolutamente nada (e parece que foi assim...), de todos os modos... no momento atual, o simples fato de conversar atrás de uma xícara de chá sobre qual será o regime que deve substituir o soviético, que irá pretensamente desmoronar-se, é um ato contra-revolucionário... Durante a guerra civil não é só a atividade contra o poder soviético que é criminosa... é *criminosa a própria inatividade*[62]".

Bem, agora tudo se compreende, agora tudo se torna claro.

---

* *Nome patronímico de Krilenko. (N. do T.)*
61 *Idem, ibidem, página 17. (N. do A.)*
62 *Idem, ibidem, página 39. (N. do A.)*

Eles são condenados a fuzilamento por inatividade. Por uma xícara de chá.

Por exemplo, tendo os intelectuais de Petrogrado decidido, na hipótese da entrada de Iudenitch, "preocupar-se antes de mais nada com a convocação da Duma democrática da cidade" (para defendê-la da ditadura do general), lança-lhes Krilenko: "Eu desejava gritar-lhes: 'Os senhores deviam pensar, antes de mais nada, em *como* dar a vida, em vez de deixar Iudenitch passar!' "

Mas eles não a tinham dado!

(Aqui para nós, Nikolai Vassílievitch tampouco.)

Eram entretanto ainda acusados aqueles que estavam informados e *silenciaram*. ("Sabiam e não o disseram", na nossa linguagem de hoje.)

Mas o que se segue já não é uma inatividade, é uma ação criminosa: através de L. N. Khruchova, membro da Cruz Vermelha política (também no banco dos réus), outros acusados *ajudavam os reclusos de Butirki* com dinheiro (podemos imaginar esse afluxo de capitais à cantina da prisão!) e roupas (imaginem, inclusive de lã!).

Os seus crimes não têm conta nem medida! Mas não haverá freio para o castigo proletário!

Como numa projeção em câmara lenta, perpassam diante de nós, num filme indecifrável, vinte e oito rostos masculinos e femininos de antes da Revolução. Não pudemos apanhar as suas expressões! Assustados? Desdenhosos? Altivos?

Vejam, as suas respostas faltam! Não dispomos das suas últimas palavras! Por considerações técnicas... Encobrindo esta falta, o acusador segreda-nos: "Assistimos a uma completa autoflagelação e arrependimento dos erros cometidos. A falta de firmeza política e a natureza intermédia da *intelliguêntsia*" (sim, sim, ainda e sempre: a natureza intermédia!)... "isso serviu para fundamentar plenamente a análise marxista que os bolcheviques sempre fizeram da *intelliguêntsia*[63]".

Não sei. Pode ser que se autoflagelassem. Pode ser que não. Pode ser que *já* tivessem cedido à ânsia de conservar a vida custasse o que custasse. Pode ser que *ainda* conservassem a antiga dignidade da *intelliguêntsia*. Não sei.

Mas quem é esta jovem mulher que passou assim tão rapidamente? É uma filha de Tolstói, Aleksandra. Krilenko perguntou-

63 *Idem, ibidem, página 8. (N. do A.)*

lhe o que fazia ela em tais entrevistas. Respondeu: "Preparava o samovar!" Três anos de campo de concentração!

Assim despontou o sol da nossa liberdade. Assim cresceu, traquinas, bem nutrida, na sua infância, a Lei de Outubro.

Já esquecemos tudo.

IX A LEI ATINGE A IDADE VIRIL

A nossa exposição foi-se alongando. E, não obstante, ainda não começamos. Todos os grandes processos, todos os que ficaram célebres, ainda estão por vir. Mas as linhas fundamentais já se encontram traçadas.

Acompanhemos a nossa lei ao longo da idade dos pioneiros. Recordemos o há muito esquecido e, de resto, não político.

f) *o Processo da Direção Central dos Combustíveis* (maio de 1921).

Este processo visava aos *engenheiros*, ou *spetsi**, como então se dizia.

Acabava de se passar o mais cruel dos quatro invernos da guerra civil: já nada restava para o aquecimento, os trens não chegavam às estações, nas capitais havia frio e fome, tendo-se desencadeado nas fábricas uma onda de greves (agora eliminadas da história). Quem era o culpado? Sim, eis a célebre questão: *Quem é o culpado? ***

Bem, naturalmente, *não* a Direção Geral. Nem sequer a local! Isso é importante. Se "os camaradas que vinham de fora" (os dirigentes comunistas) não tinham uma idéia exata do assunto, eram os *spetsi* que deviam "indicar a forma correta de resolver o problema [1]". O que significa que "os dirigentes não eram os culpados... os culpados eram aqueles que calculavam, recalculavam e elaboravam os planos" (como arrancar víveres e combustíveis aos campos). Não os que os *impunham*, mas aqueles que os *preparavam!* Se a planificação cometia excessos, eram os *spetsi* que pagavam. Se as cifras não coincidiam, "a culpa era dos *spetsi* e não do Conselho do Trabalho e da Defesa", nem mesmo "dos chefes mais responsáveis da Direção Central dos Combustíveis [2]".

Se não há carvão, nem lenha, nem petróleo, "esta situação confusa e caótica foi criada pelos *spetsi*". Eles eram acusados de não se terem oposto às mensagens telefônicas urgentes de

---

* *Especialistas: técnicos, engenheiros, professores, médicos. (N. do T.)*

** Quem é o culpado? *Título de um célebre romance de Hertzen. (N. do T.)*

1 *Krilenko,* Durante cinco anos..., *página 381. (N. do A.)*

2 *Idem, Ibidem, páginas 382-383. (N. do A.)*

Ríkov e de terem feito fornecimentos a este e àquele, em desacordo com o plano.

Numa palavra, os *spetsi* eram culpados de tudo! Mas o tribunal proletário era clemente, aplicava-lhes sentenças leves. Evidentemente, no peito dos proletários continuava a lavrar um sentimento de hostilidade para com esses malditos *spetsi;* entretanto, não se podia passar sem eles, senão tudo se desmoronava. E o Tribunal Revolucionário não os massacra. Krilenko, inclusive, afirma que desde 1920 "não existe sabotagem". Os *spetsi* são culpados, sim, mas não fizeram isso por maldade, são apenas uns complicados, uns incapazes; não aprenderam a trabalhar sob o capitalismo, ou são pura e simplesmente egoístas e corruptos.

Assim, no início do período de reconstrução começou a desenhar-se com espanto uma linha tracejada de indulgência para com os engenheiros.

O ano de 1922 foi abundante em processos públicos: era o primeiro ano de paz, tão rico mesmo que este nosso capítulo lhe será quase todo dedicado. (O povo está surpreso: a guerra acabou, e por que é que há uma tal animação nos tribunais? Mas também em 1945 e em 1948 o Dragão se animou extraordinariamente. Não existirá aqui uma simples espécie de lei?) Embora em dezembro de 1921 o IX Congresso dos Sovietes tivesse decretado que *a autoridade da Tcheká fosse diminuída* e, em conseqüência, fosse mencionada novamente a GPU, como em outubro desse ano, em 1922 os poderes da GPU foram ampliados ainda mais, e em dezembro Dzerjinski disse a um correspondente do *Pravda:* "Agora nós precisamos nos manter atentos, *com especial vigilância* sobre as correntes e grupos anti-soviéticos. A GPU reduziu seu aparato mas fortaleceu-se em termos de *qualidade*".

Há que não deixar passar, logo no início do ano:

g) *o Processo sobre o Suicídio do Engenheiro Oldenborguer* (Supremo Tribunal, fevereiro de 1922).

É um processo já de todos esquecido, insignificante e sem nenhuma característica típica. E isto porque ele abrange uma única vida humana, e esta já se extinguiu. Se não se tivesse extinguido, seriam precisamente esse engenheiro, e mais dez outras pessoas, que com ele formavam um *centro,* que estariam agora sentados diante do Supremo Tribunal, e, então, o processo seria perfeitamente típico. Mas, de momento, no banco dos réus encontram-

se o conhecido camarada do Partido Sediêlhnikov, dois membros da Inspeção Operário-Camponesa e dois sindicalistas.

Mas como a corda que se rompe ao longe, descrita na peça de Tchékhov *, há neste processo algo de opressivo e que é precursor dos processos da "Mina" e do "Partido Industrial".

V. V. Oldenborguer tinha trabalhado durante trinta anos no Serviço de Canalização de Água de Moscou e tornara-se, segundo parece desde o começo do século, o engenheiro-chefe desse serviço. Ao longo da Idade de Prata das artes **, de quatro Dumas do Estado, de três guerras e de três revoluções, toda a cidade de Moscou bebeu a água de Oldenborguer. Os acmeístas e os futuristas, os reacionários e os revolucionários, os *junkers* e os guardas vermelhos, o Conselho de Comissários do Povo, a Tcheká e a Inspeção Operário-Camponesa beberam a água pura e fria de Oldenborguer. Ele não era casado, nem tinha filhos, e em toda a sua vida dedicou-se unicamente a essa canalização de água. No ano de 1905 ele não permitiu que as tropas de vigilância tivessem acesso às canalizações "porque os soldados podiam, por torpeza, estragar os canos ou as máquinas". No dia seguinte à revolução de fevereiro, ele disse aos seus operários que a revolução tinha terminado, que já bastava, e que todos deviam ocupar os seus lugares e fazer a água correr. E durante os combates de outubro em Moscou, ele só tinha uma preocupação: conservar a canalização de água. Os seus colaboradores puseram-se em greve em resposta ao golpe bolchevista e convidaram-no a aderir. Ele respondeu: "Do ponto de vista técnico não faço greve, perdoem-me. Quanto ao resto... quanto ao resto, sim, apóio a greve". Ele recebeu o dinheiro da comissão de greve, destinado aos empregados, deu um recibo, e entretanto correu à procura de conexões para os tubos avariados.

Pouco importa, é um inimigo! Eis o que ele disse a um operário: "O poder soviético não se agüentará nem duas semanas". (Uma nova orientação precede a formulação da NEP, e Krilenko permite-se falar com toda a franqueza diante do Supremo Tribunal: "Era o que pensavam então não somente os *spetsi, mas nós também, por mais de uma vez*"[3].

Pouco importa, é um inimigo! Como nos dizia o Camarada

* O jardim das cerejas, *ato II. (N. do T.)*

** *Designa-se sob esse nome o período de renascença artística e literária que se desenvolveu na Rússia, do fim do século XIX à I Guerra Mundial, em oposição ao positivismo do século precedente. (N. do T.)*

3 *Krilenko,* Durante cinco anos..., *página 439. O grifo é meu. (N. do A.)*

Lênin: para vigiar os especialistas burgueses, precisamos de um cão de guarda como a Inspeção Operário-Camponesa.

Dois desses cães de guarda foram colocados permanentemente junto de Oldenborguer. (Um deles, um malandrão que era escriturário da canalização, Makárov-Zemlianski, despedido "por atos indecorosos", foi para a Inspeção Operário-Camponesa "porque ali pagavam melhor", ascendeu ao Conselho de Comissários do Povo, porque "lá pagavam melhor ainda" — e daí pôde controlar o seu antigo chefe e vingar-se do homem que o ofendera.) Entretanto, o comitê do sindicato não dormia, é claro: era ele o melhor defensor dos interesses operários. E os comunistas puseram-se a dirigir a canalização de água. "Só os operários devem mandar, só os comunistas têm autoridade completa — e a justeza de tal posição foi confirmada por este processo[4]." A organização do Partido de Moscou não tirava os seus olhos da canalização de água. (E por trás dela estava ainda a Tcheká.) *"Foi através de um sadio sentimento de hostilidade de classe* que construímos, no seu devido tempo, o nosso exército; e foi em nome dele que não confiamos um só posto de responsabilidade a pessoas que não fossem do nosso campo, a não ser colocando-lhes ao lado... um comissário[5]." Imediatamente todos passaram a supervisionar, a dar ordens e instruções ao engenheiro-chefe, e mesmo a transferir sem o seu conhecimento o pessoal técnico. ("Foi limpo todo esse ninho de negociadores.")

E, com tudo isso, não salvaram a canalização! As coisas não começaram a melhorar, mas sim a piorar! Tal era a astúcia empregada por essa quadrilha de engenheiros para levar a cabo, pela calada, o seu maldoso desígnio! Mais ainda: ultrapassando os limites de sua natureza interina de intelectual, em virtude da qual nunca na sua vida se tinha exprimido com dureza, Oldenborguer atreveu-se a qualificar as ações do novo chefe da canalização, Zeniuk (figura profundamente simpática a Krilenko "pela sua estrutura interior"), de despotismo!

Foi então que ficou claro que "o engenheiro Oldenborguer atraiçoava conscientemente os interesses dos trabalhadores e aparecia como um inimigo declarado da ditadura da classe operária". Começaram a convocar comissões de controle para a canalização, mas essas comissões achavam que tudo estava em ordem e que a água corria normalmente. Os elementos da Ins-

---

[4] *Idem, ibidem, página 433. (N. do A.)*
[5] *Idem, ibidem, página 434. (N. do A.)*

peção Operário-Camponesa não se conformaram com isso e passaram a enviar relatórios e mais relatórios à direção. Oldenborguer queria simplesmente "destruir, deteriorar e romper a canalização com fins políticos", mas não o sabia fazer. Pois bem, naquilo em que lhes foi possível, opuseram-se-lhe, impedindo-o, sob pretexto de dilapidação, de reparar as caldeiras e substituir os reservatórios de madeira por outros de cimento. Os chefes dos operários passaram a dizer abertamente nas reuniões da empresa que o engenheiro-chefe era "a alma da sabotagem técnica organizada" e que era preciso não confiar nele, e opor-lhe resistência em tudo.

Apesar de tudo, a operação de suprimento de água não só não melhorou, como se deteriorou!

O que ofendia especialmente "a psicologia do proletariado hereditário *" da Inspeção Operário-Camponesa e dos sindicatos era o fato de a maioria dos operários do serviço de bombeamento, "contagiada pela mentalidade pequeno-burguesa", estar do lado de Oldenborguer e não ver a sua sabotagem. Nesse momento, precisamente, aproximavam-se as eleições para o Soviete de Moscou, e os trabalhadores da empresa apresentaram a candidatura de Oldenborguer, à qual a célula comunista, como se compreende, contrapôs a candidatura do Partido. No entanto, esta era uma candidatura sem esperanças, tal era a falsa autoridade de que o engenheiro-chefe gozava entre os operários. A despeito disso, a célula do Partido enviou uma mensagem ao comitê de bairro e a todas as instâncias, apresentando na Assembléia Geral a seguinte resolução: "Oldenborguer é o centro e a alma da sabotagem, e será para nós um inimigo político no Soviete de Moscou!" Os operários contestaram ruidosamente e aos gritos de "não é verdade!", "estão mentindo!" Então, o secretário do Partido, Camarada Sediêlhnikov, lançou abertamente à cara de mil cabeças proletárias: "Com centúrias negras ** como vocês, não quero falar!" E acrescentou: "Falaremos noutro lugar".

O Partido adotou as seguintes medidas: destituir o engenheiro-chefe... do conselho de administração da rede distribuidora de água e criar-lhe uma situação de vigilância permanente, convocando-o sem parar perante comissões e subcomissões, que

* *Fórmula clássica dos anos 20: como nobreza "hereditária". (N. do T.)*
** *Membros da organização do mesmo nome, paramilitar e ultranacionalista, patrocinada e fundada em 1905 por monarquistas. Entre outras atividades, eram especializados em* pogroms. *(N. do T.)*

o interrogavam e incumbiam de tarefas urgentes. Cada ausência era anotada na ata "para o caso de um futuro processo judicial". Através do Conselho do Trabalho e da Defesa (presidido pelo Camarada Lênin), conseguiram fazer nomear para a canalização uma "Tróika Extraordinária" (formada pela Inspeção Operário-Camponesa, pelo Conselho dos Sindicatos e pelo Camarada Kuibíchiev).

Havia já quatro anos que a água corria pelos canos, que os moscovitas a bebiam, e nada tinham notado...

Então o Camarada Sediêlhnikov escreveu um artigo na *Vida Econômica:* "Em virtude dos rumores que inquietam a opinião pública acerca do estado catastrófico da canalização...", e relatou muitos outros e inquietantes boatos, inclusive o de que o serviço de canalização bombeara a água sob a terra, *"minando intencionalmente todos os alicerces de Moscou"* (lançados ainda nos tempos de Ivan Kalitá*). Convocaram a Comissão do Soviete de Moscou. Ela constatou: "O estado das canalizações é satisfatório, e a direção técnica, racional". Oldenborguer refutou todas as acusações. Então Sediêlhnikov respondeu tranqüilamente: "Eu apenas me propus a tarefa de provocar barulho em torno do problema, mas compete aos *spetsi* averiguar o que há de verdade em toda esta questão".

Que restava fazer aos chefes operários? Qual era o último e mais seguro recurso? A denúncia à Tcheká! Assim fez Sediêlhnikov! Ele "pintou o quadro da destruição premeditada da canalização por parte de Oldenborguer", não tendo dúvida alguma "sobre a presença no serviço de canalização, no coração da Moscou Vermelha, de uma organização contra-revolucionária". Para não falar do estado catastrófico do reservatório de água de Rubliov!

E foi então que Oldenborguer agiu sem tato, rudemente, como um intelectual interino invertebrado: ao lhe impedirem uma encomenda de novas caldeiras estrangeiras (era impossível reparar as velhas, agora, na Rússia) ele se suicidou. (Aquilo tinha sido demasiado para uma só pessoa, que além do mais não estava preparada para tanto.)

O caso não fica por aí. A organização contra-revolucionária podia ser detectada mesmo sem ele, e os elementos da Inspeção Operário-Camponesa insistem em trazê-la à luz. Dois meses passam-se em meio a manobras surdas. Mas o espírito da NEP

---

* *Ivan Kalitá, príncipe russo da Moscóvia, que reinou no século XIV. (N. do T.)*

no início era tal que "se tornava necessário dar uma lição a esses e a outros". O processo sobe ao Supremo Tribunal. Krilenko é comedidamente severo, comedidamente inexorável. Ele compreende as coisas: "O operário russo, naturalmente, tem razão em ver em cada um *que não é dos seus* mais depressa um inimigo do que um amigo[6]", mas "à medida que for evoluindo a nossa política prática e a geral, pode ser que tenhamos que fazer ainda maiores concessões, retroceder e manobrar; pode ser que o Partido se veja obrigado a escolher uma linha tática contra a qual venha a se embater a lógica primitiva de *honrados e abnegados combatentes*[7]".

Bem, na realidade, o tribunal "tratou com brandura" os operários que testemunharam contra Sediêlhnikov e os membros da Inspeção Operário-Camponesa. E o réu Sediêlhnikov respondeu sem inquietação às ameaças do acusador: "Camarada Krilenko! Eu conheço esses artigos: eles visam os inimigos de classe; mas aqui *não são inimigos de classe* que estão sendo julgados".

Entretanto, Krilenko volta à carga com vivacidade. Denúncias falsas, conscientemente forjadas, a instituições do Estado . . . com circunstâncias agravantes (vingança pessoal, ajuste de contas) . . . mau uso do cargo ocupado . . . irresponsabilidade política, abuso do poder e da autoridade por parte de funcionários soviéticos e de membros do Partido Comunista Russo (bolcheviques) . . . desorganização do trabalho de canalização . . . prejuízo para o Soviete de Moscou e para Rússia soviética, dada a falta de especialistas desse tipo e a impossibilidade de substituí-los . . . *"Para não falar da sua perda pessoal como indivíduo* . . . Nesta época, em que a luta representa o conteúdo essencial da nossa vida, acostumamo-nos a levar pouco em conta essas perdas irreparáveis[8] . . . O Supremo Tribunal Revolucionário deve fazer ouvir com toda a força a sua voz . . . O castigo deve ser aplicado com todo o rigor! . . . Não viemos aqui para gracejar! . . ."

Meu Deus, que irá suceder-lhes agora? Será possível . . . ? O meu leitor já está acostumado e sopra-me: *Todos r . . . !*

Exatamente. Todos ridicularizados. Dado o sincero arrependimento dos acusados, estes foram condenados a uma . . . censura pública e ao ostracismo.

Duas verdades . . . dois pesos e duas medidas . . .

---

6 *Idem, ibidem, página 435. (N. do A.)*
7 *Idem, ibidem, página 438. (N. do A.)*
8 *Idem, ibidem, página 458. (N. do A.)*

E Sediêlhnikov parece que pegou um ano de prisão.
Tenho dificuldade em acreditar.

Oh! bardos dos anos 20, que se nos apresentam como radiosa explosão de alegria! Mesmo para quem os conheceu na última etapa, ou que só os viu nos primeiros anos, eles são inesquecíveis. E todos esses ocupados engenheiros, rufiões e rechonchudos — não há dúvida de que se fartaram bem, nos anos 20!

Veremos agora que eles já eram ocupados desde 1918.

Nos dois processos que se seguem descansaremos um pouco do nosso acusador supremo favorito: ele está ocupado na preparação do grande processo dos socialistas-revolucionários [9]. Este grandioso processo começava a suscitar uma profunda inquietanão na Europa, e o Comissariado do Povo da Justiça apercebeu-se de que há já quatro anos nós julgávamos sem ter ainda um Código Penal, nem velho nem novo. Certamente essa preocupação de código não tinha escapado a Krilenko: era preciso coordenar tudo de antemão.

Entretanto, os processos religiosos que iam abrir-se eram questões *internas*, não interessavam à Europa progressista e podiam ser despachados mesmo sem código.

Já vimos que a separação da Igreja do Estado era por este compreendida de tal modo que tudo quanto nos templos se encontrava pendurado, exposto e pintado passava à posse do Estado, e a Igreja conservava unicamente aquilo que residia *nos corações,* como fala a Sagrada Escritura. Em 1918, quando a vitória política já parecia ter sido alcançada, mais rápida e facilmente do que se esperava, deu-se início aos confiscos religiosos. No entanto, esta atitude irrefletida provocou demasiada indignação popular. No calor da guerra civil, era insensato criar uma frente interna contra os crentes. Teve-se que adiar o momento do diálogo entre os comunistas e os cristãos.

No fim da guerra civil, e como sua conseqüência natural, abateu-se sobre a região do Volga um ano de fome como nunca se tinha conhecido. Como isso não adorna muito a coroa de glória dos vencedores desta guerra, falam sobre ela entre

---

[9] *Os processos provinciais contra os socialistas-revolucionários, como o de Sarátov, em 1919, já haviam começado antes. (N. do A.)*

dentes e sem ir além de duas linhas. E no entanto essa fome chegou até ao canibalismo, até aos pais comerem os seus próprios filhos. Nunca uma fome assim tinha sido conhecida na Rússia, nem sequer no "Tempo dos Tumultos *" (então, como testemunham os historiadores, os cereais mantinham-se debaixo da neve durante vários anos, sem serem colhidos). Um só filme sobre essa fome poderia projetar uma luz nova sobre tudo o que vimos e tudo o que sabemos acerca da Revolução e da guerra civil. Mas não há nem filmes, nem romances, nem estudos estatísticos — é algo que se procura esquecer, que não embeleza. Além disso, a *causa* de qualquer fome, é costume fazê-la recair sobre os *kulaks*. Mas quando a fome era geral, onde estavam os *kulaks?* V. G. Korolenko, nas suas *Cartas a Lunatchárski*[10], que contrariamente à promessa deste último nunca se publicaram entre nós, explica-nos as razões da fome e da ruína completa do país: elas residem na queda de toda a produtividade (as mãos trabalhadoras encontram-se ocupadas com as armas) e na perda da confiança, da esperança do camponês de poder ficar com uma parte da sua colheita para si, por menor que fosse. Mas algum dia alguém falará daqueles fornecimentos de intermináveis vagões de víveres enviados durante meses, em aplicação ao tratado de paz de Brest-Litóvski, pela Rússia, privada de vozes de protesto, mesmo das regiões que a fome ia devastar, para a Alemanha do Kaiser, que travava no ocidente os últimos combates.

Da causa ao efeito a cadeia era curta: se os habitantes do Volga comiam os seus filhos era porque nós não tínhamos outra preocupação que não fosse a de dissolver a Assembléia Constituinte.

Mas a genialidade dessa política consistia em obter êxitos a partir da própria desgraça popular. E, num golpe de inspiração, de uma só cajadada matam-se dois coelhos: *que sejam agora os padres a alimentarem a região do Volga!* Não são eles cristãos e bondosos?

1) Se recusam, culpamo-los de toda essa fome e esmagamos a Igreja;
2) se concordam, limpamos os templos;
3) e, num caso ou noutro, aumentamos a reserva de divisas.

---

* *Período que vai da morte de Boris Godunov (1605) até a ascensão do primeiro Romanov. (N. do T.)*
10 *Paris, 1922, e* samizdat, *1967.*

Provavelmente esta idéia foi suscitada por atos da própria Igreja. Como indica o Patriarca Tíkhon, logo em agosto de 1921, quando começou a grassar essa fome, a Igreja criou comitês diocesanos e pan-russos de ajuda aos famintos, começando a angariar dinheiro. Mas permitir uma ajuda *direta* da Igreja às bocas esfomeadas seria minar a ditadura do proletariado. Os Comitês foram proibidos e o dinheiro confiscado a favor do Tesouro Público. O patriarca fez apelo à ajuda do papa em Roma e do deão de Canterbury, mas ainda aí lhe cortaram a iniciativa, esclarecendo-o de que só o poder soviético estava autorizado a entabular conversações com estrangeiros, e de que não era necessário semear alarma: segundo o que escreviam os jornais, as autoridades tinham todos os meios para acabar com a fome.

Entretanto, na região do Volga comiam-se ervas e solas de sapato, chegando a roer-se as ombreiras das portas. E finalmente, em dezembro de 1921, o Comitê do Estado de Ajuda às Vítimas da Fome propôs à Igreja que oferecesse os seus bens aos famintos — não todos, de resto, mas apenas aqueles que não eram canonicamente imprescindíveis para os serviços religiosos. O patriarca manifestou o seu acordo e o Comitê do Estado de Ajuda às Vítimas da Fome elaborou as instruções: todas as ofertas deviam ser voluntárias! Em 19 de fevereiro de 1922 o patriarca lançou uma mensagem autorizando todos os conselhos paroquiais a oferecer objetos que não fossem indispensáveis aos ofícios religiosos.

E assim tudo corria de novo o risco de dissolver-se no compromisso e enredar a vontade proletária, como tinha noutros tempos sido tentado com a Assembléia Constituinte e como era costume em todos os parlatórios da Europa.

Uma idéia eclodiu num relâmpago! Uma idéia, isto é: um decreto! Um decreto do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia, datado de 26 de fevereiro: confiscar *todos* os valores dos templos para os famintos.

O patriarca escreveu a Kalínin, mas este não respondeu. Então, em 28 de fevereiro, o patriarca publicou uma nova e fatídica mensagem: do ponto de vista da Igreja, semelhante ato constitui um sacrilégio, e nós não podemos aprovar o confisco.

A meio século de distância, é fácil hoje censurar o patriarca. Naturalmente, os dirigentes da Igreja cristã não deviam ter-se agarrado a objeções do gênero de saber se o poder soviético não tinha outros recursos, ou *quem* é que tinha levado a região do

Volga à fome; não deviam ter-se agarrado a essas riquezas, pois não era em absoluto delas que havia de surgir (se havia) a nova firmeza na fé. Mas é preciso ter em mente a situação desse desgraçado patriarca, eleito já depois de outubro, que dirigia a Igreja há poucos anos, uma Igreja que só tinha conhecido a repressão, as perseguições, os fuzilamentos, e que lhe tinha sido confiada com a missão de a salvaguardar.

Então os jornais lançaram uma campanha contra o patriarca e todos os altos dignitários da Igreja, acusando-os de estrangularem a região do Volga com a mão descarnada da fome! E quanto mais se obstinava com firmeza o patriarca, mais fraca se tornava a sua posição. Em março desenhou-se um movimento entre o clero no sentido de ceder os valores e de chegar a acordo com o poder. Os receios que ainda subsistiam foram expressos a Kalínin pelo Bispo Antonin Granóvski, que tinha passado a fazer parte da Comissão Central do Comitê do Estado de Ajuda às Vítimas da Fome: "Os crentes têm receio de que os valores da Igreja possam ser utilizados para *outros fins,* para fins mesquinhos e alheios aos seus corações". (Conhecendo os princípios gerais da doutrina de vanguarda, o leitor experiente concordará em que isso era muito provável, já que as necessidades do Komintern e do Oriente, que se libertava, não eram menos agudas do que as da região do Volga.)

O metropolita de Petrogrado, Veniámin, foi tomado também de um arrebatamento que não podia ser posto em dúvida: "Isto é de Deus, e nós daremos tudo. Mas não é necessário fazer confiscos, a oferta deve ser voluntária". Ele era de igual modo favorável ao controle da Igreja e dos crentes: seguir os valores da Igreja até ao momento em que se convertessem em pão para os famintos. A sua obsessão era a de não infringir a vontade condenatória do patriarca.

Em Petrogrado parecia que tudo se iria arranjar pacificamente. Nas sessões da Comissão Central do Comitê do Estado de Ajuda às Vítimas da Fome, de 5 de março de 1922, registrou-se até uma situação eufórica, segundo o relato de uma testemunha. Veníamin anunciou: "A Igreja Ortodoxa está disposta a tudo dar em ajuda dos famintos, considerando como um sacrilégio apenas o confisco pela violência". Mas então o confisco não era necessário! O presidente do Comitê do Estado de Petrogrado de Ajuda às Vítimas da Fome, Kanatchnikov, assegurou que isso suscitaria uma atitude benevolente da parte do poder soviético em relação à Igreja (belas palavras!). Num caloroso arrebatamento, todos se levantaram. O metropolita disse: "O

que mais nos pesa é a discórdia e a inimizade. Mas tempos virão em que todos os filhos da Rússia se unirão. Eu mesmo irei à frente dos fiéis em preces tirar o manto dourado da Virgem de Kazan, chorando sobre ele doces lágrimas e fazendo dele oferenda". Deu a bênção aos bolcheviques membros do Comitê do Estado de Ajuda às Vítimas da Fome, e estes, com as cabeças descobertas, acompanharam-no até a porta. O jornal *Pravda de Petrogrado,* a 8, 9 e 10 de março[11], confirma a conclusão pacífica e com êxito das conversações e escreve benevolentemente, referindo-se ao metropolita: "No Smólni chegou-se a acordo em que os cálices e os revestimentos dos ícones sejam fundidos em lingotes, na presença dos crentes".

Mas de novo se está tramando um compromisso! Os vapores envenenados do cristianismo empeçonham a vontade revolucionária. *Tal* união e *tal* entrega dos valores *não são necessárias* aos esfomeados da região do Volga! É substituída a equipe invertebrada do Comitê do Estado de Petrogrado de Ajuda às Vítimas da Fome, os jornais lançam ofensas contra os "maus pastores" e contra os "príncipes da Igreja", esclarecendo os seus representantes: "Não precisamos de nenhum dos vossos *sacrifícios!* Nem de ter quaisquer *conversações* convosco! *Tudo pertence ao poder* e ele tomará conta do que considerar necessário".

E começou em Petrogrado, como em todos os outros lugares, o confisco pela força, que deu origem a incidentes graves.

Agora havia fundamentos legais para dar início aos processos religiosos[12].

h) *o Processo Clerical de Moscou* (26 de abril—7 de maio de 1927).

No Museu Politécnico reuniu-se o Tribunal Revolucionário, sob a presidência de Bek, ladeado pelos procuradores Lúnin e Longuínov. Eram dezessete réus, arciprestes e leigos, acusados de distribuir o apelo do patriarca. Esta acusação era mais grave do que a da entrega ou não dos bens. O Arcipreste Zaozerski *entregou todos os valores do seu templo,* mas por razões de princípio defende o apelo do patriarca considerando o confisco

---

[11] *Artigos "A Igreja e a fome" e "Como serão confiscados os bens da Igreja". (N. do A.)*

[12] *Estes dados foram por mim colhidos do livro* Ensaios sobre a história dos tumultos religiosos, *de Anatóli Levítin, Parte I,* samizdat, *1962, e das* Notas do interrogatório do Patriarca Tíkhon, *tomo 5 dos atos do processo judicial. (N. do A.)*

pela força um sacrilégio. Torna-se assim a figura central do processo e será imediatamente *fuzilado*. (Isto revela que o mais importante não é dar de comer aos famintos mas esmagar a Igreja no momento oportuno.)

A 5 de maio é chamado ao Tribunal como testemunha o Patriarca Tíkhon. Embora o público que enche a sala já seja escolhido (nisto o ano de 1922 não se diferencia muito do de 1937 ou de 1968), os costumes da Rússia estavam tão enraizados e os hábitos dos sovietes constituíam ainda uma película tão fina, que à entrada do patriarca mais de metade dos assistentes se pôs de pé para receber a sua bênção.

Tíkhon assumiu toda a responsabilidade pela elaboração e distribuição do apelo. O presidente esforça-se por arrancar algo mais: — Mas isso não pode ser! Será possível que tenha escrito tudo com a sua própria mão, de uma ponta à outra? Certamente, só o assinou. Mas *quem o escreveu?* E *quem foram os conselheiros?* E ainda: por que é que se faz referência no apelo à perseguição que os jornais levam a cabo contra o senhor? (Se só o senhor é perseguido, por que falar então de *nós*...) Que quer isso dizer?

Patriarca: — Há que perguntá-lo àqueles que começaram a perseguição: qual foi o seu objetivo?

Presidente: — Isso nada tem a ver com a religião!

Patriarca: — Mas tem significado histórico.

Presidente: — Disse ou não textualmente que enquanto mantinha conversações com o Comitê do Estado de Ajuda às Vítimas da Fome foi publicado *pelas suas costas* um decreto?

Tíkhon: — É verdade.

Presidente: — Desse modo, considera que o poder soviético procedeu incorretamente?

Argumento demolidor! Hão de repeti-lo a nós milhões de vezes os juízes de instrução, nos interrogatórios noturnos! E nós nunca ousaremos responder tão simplesmente como o

Patriarca: — Sim.

Presidente: — Considera que as atuais leis do Estado são obrigatórias para o senhor ou não?

Patriarca: — Sim, considero, na medida em que *não estejam em contradição com as regras da fé*.

(Todos deviam responder assim! Outra teria sido a nossa história!)

Segue-se uma discussão canônica. O patriarca esclarece: se a própria Igreja entrega as riquezas, isso não é um sacrilégio, mas se estas são confiscadas sem levar em conta a sua vontade,

trata-se de um sacrilégio. O apelo não diz que não se deve dar os valores, de um modo geral, condenando unicamente a entrega contra a vontade.

(Assim as coisas são tanto mais interessantes para nós: contra a vontade!)

O presidente, Camarada Bek, ficou estupefato: — O que é para o senhor mais importante, no fim de contas: os cânones religiosos ou o ponto de vista do governo soviético?

(Resposta esperada: — "... do governo soviético".)

— Bem, admitamos que seja sacrilégio, segundo os cânones — exclamou o acusador. — Mas do ponto de vista da *caridade!*

(Pela primeira vez e última, em cinqüenta anos, é invocada no Tribunal essa pobre *caridade...)*

Faz-se uma análise filológica da palavra "sacrilégio". *Sviatótatsvo* vem de *sviato* e *tat* *.

Acusador: — Significará isso que nós, representantes do poder soviético, somos ladrões de objetos sagrados?

(Ruídos prolongados na sala. Suspensão da audiência. Os encarregados da ordem entram em ação.)

Acusador: — Assim, trata de ladrões os representantes do poder soviético, o Comitê Executivo Central de Toda a Rússia?

Patriarca: — Eu cito apenas os cânones.

Discute-se depois o termo "blasfêmia". Quando fizeram o confisco da Igreja de São Basílio de Cesaréia, o manto do ícone não entrava no caixote e meteram-no lá à força, com os pés. Mas não estava presente o próprio patriarca?

Acusador: — Como é que sabe disso? *Diga o nome* do sacerdote que lho contou! (Subentendido: agora mesmo o prenderemos!)

O patriarca não diz.

O que significa que é mentira!

O acusador insiste, triunfante: — Vamos lá, *quem* espalhou essa repugnante calúnia?

Presidente: — Indique o nome daqueles que espezinharam o manto do ícone! (Eles, com tudo isso, tinham deixado ali os cartões de visita.) De outra maneira, o Tribunal não pode acreditar no senhor.

O patriarca é incapaz de mencioná-los.

---

* *Em russo a palavra "sacrilégio"* (sviatótatsvo) *é composta de* sviato *(sagrado) e* tat *(ladrão), no antigo eslavo. (N. do T.)*

Presidente: — Isso quer dizer que faz uma declaração sem provas!

Ainda resta demonstrar que o patriarca queria derrubar o poder soviético. Eis a demonstração: "A propaganda é uma tentativa de preparar os *espíritos* para, no futuro, preparar *a derrubada* do poder.

O Tribunal decide intentar um processo penal contra o patriarca.

A 7 de maio é proferida a sentença: dos dezessete acusados, onze são condenados à morte. (Mas fuzilam cinco.)

Como disse Krilenko, não estamos aqui para gracinhas.

Após uma semana o patriarca é destituído e preso. (Mas as coisas ainda não chegaram ao fim. Por enquanto, transferiram-no para o Mosteiro de Donsk, e ali foi mantido em rigorosa reclusão, até os crentes se acostumarem à sua ausência. Recordam-se de que ainda há pouco Krilenko manifestava surpresa: que perigo ameaça o patriarca?... É certo que quando o perigo se aproxima furtivamente de nada vale o toque de alarma, nem o telefone.)

Ao cabo de duas semanas, é preso em Petrogrado o Metropolita Veniámin. Ele não era um alto dignitário da Igreja, não tendo sido sequer *nomeado,* como todos os metropolitas. Na primavera de 1917, pela primeira vez desde os tempos da antiga Novogórod, *tinham sido eleitos* os metropolitas de Moscou e de Petrogrado. Acessível, doce, visitando freqüentemente as fábricas e as oficinas, popular entre o povo e o clero modesto, Veniámin foi eleito com os votos de todos eles. Não compreendendo a época, considerava como sua tarefa libertar a Igreja da política, "dado que no passado tinha sofrido muito em conseqüência dela". Eis o metropolita que foi sujeito ao

i) *Processo Clerical de Petrogrado* (9 de junho—5 de julho de 1922).

Os réus (acusados de resistência à entrega dos valores da Igreja) eram em número de várias dezenas de homens, entre os quais professores de teologia e de direito canônico, arquimandritas, sacerdotes e leigos. O presidente do Tribunal, Semiónov, tinha vinte e cinco anos de idade (segundo se dizia, era padeiro). O principal acusador, membro do colégio do Comissariado do Povo da Justiça, P. A. Krassíkov, era contemporâneo e tinha sido companheiro de Lênin na deportação, em Krasnoiarsk, e depois seu amigo na emigração. As suas interpretações ao violino eram muito apreciadas por Vladímir Ilitch.

Desde a Perspectiva Névski até à esquina onde o cortejo dava a volta todos os dias havia uma grande multidão, e quando conduziam o metropolita muitas pessoas se ajoelhavam e entoavam: "Senhor, salva a tua gente!" (Como se compreende, tanto aqui mesmo, na rua, como no edifício do Tribunal, os crentes demasiado zelosos eram presos.) Na sala, a maior parte do público era formada por soldados vermelhos, e estes levantavam-se também todas as vezes que entrava o metropolita com o seu capuz branco. E, contudo, o acusador e o Tribunal chamavam-lhe *inimigo do povo* (a palavrinha já existia, diga-se de passagem).

De um processo a outro, começava a tornar-se cada vez mais patente a falta de liberdade dos advogados. Krilenko não nos diz nada acerca disso, mas eis o que relata uma testemunha ocular. O primeiro advogado de defesa, Bobríchiev-Púchkin, *foi ameaçado de prisão* pelo Tribunal. E isso estava tão de acordo com as normas da época e era tão plausível que Bobríchiev se apressou a passar ao advogado Guróvitch o relógio de ouro e a carteira... E o Tribunal dispôs que fosse detida ali mesmo uma testemunha, o Professor Egórov, por se manifestar a favor do metropolita. Acontece que Egórov já estava preparado para isso: levava consigo uma grande pasta e nela tinha posto comida, roupa e até uma manta.

O leitor vai certamente notando como o Tribunal, a pouco e pouco, começa a adquirir as formas por nós já conhecidas.

O Metropolita Veniámin é acusado de ter chegado mal intencionadamente a acordo... com o poder soviético, a fim de conseguir uma atenuação do decreto acerca do confisco dos bens. O seu apelo ao Comitê do Estado de Ajuda às Vítimas da Fome foi por ele divulgado entre o povo com objetivos suspeitos *(samizdat!)*. E agiu de acordo com a burguesia mundial.

O Sacerdote Krasnitski, um dos membros mais importantes da Igreja Ativa e colaborador da GPU, testemunhou no sentido de que os sacerdotes se tinham posto de acordo para provocar uma revolta contra o poder soviético, baseando-se na fome.

Foram ouvidas unicamente as testemunhas de acusação, não tendo as da defesa podido fazer os seus depoimentos. (Como tudo se assemelha!... Cada vez mais...)

O acusador Smírnov exigiu que caíssem "dezesseis cabeças". O acusador Krassíkov, por sua vez, exclamou: "Toda a Igreja Ortodoxa é uma organização contra-revolucionária. Portanto, devia-se *prender toda a Igreja!*"

(O programa não era nada utópico, e bem depressa seria inteiramente levado a cabo. E era uma boa base para o *diálogo.)*

Por um acaso raro foram conservadas várias frases do advogado que defendeu o metropolita (S. I. Guróvitch), que passamos a transcrever:

"Não há nenhuma prova de culpabilidade, nem um fato, nem mesmo um fundamento para a acusação... Que dirá a história?" (Oh, ficará impávida. Esquecerá tudo, e não dirá palavra!) "O confisco dos valores da Igreja em Petrogrado desenrolou-se com toda a calma, mas o clero da capital encontra-se no banco dos réus e certas mãos empurram-no para a morte. O princípio fundamental, pelo senhor posto em evidência, é o interesse do poder soviético. No entanto, não se esqueçam de que com o sangue dos mártires a Igreja se fortifica."* (Entre nós não será o caso!)... "Nada mais tenho a dizer, mas é duro ter de ceder a palavra. Enquanto os debates se prolongam os acusados estão vivos. Acabados os debates, acabada será também a sua vida..."

O Tribunal condenou dez à morte. Esta morte, eles aguardaram-na durante mais de um mês, até o fim do processo dos socialistas-revolucionários (tudo indicava que se preparavam para fuzilá-los em conjunto). Depois, o Comitê Executivo da União concedeu o indulto a seis. Os outros quatro (o Metropolita Veníamin; o Arquimandrita Serguei, ex-membro da Duma; o professor de direito I. P. Novítski; e o advogado Kovchárov) foram fuzilados na noite de 12 para 13 de agosto.

Rogamos encarecidamente ao leitor não esquecer o princípio da multiplicação à escala provincial. Enquanto em Moscou e Petrogrado houve dois processos religiosos, nas províncias houve vinte e dois.

O Código Penal foi elaborado às pressas, para o processo dos socialistas-revolucionários: já era tempo de erigir os blocos de granito da lei! Em 12 de maio, como estava previsto, foi aberta a sessão do Comitê Executivo de Toda a Rússia, e ainda não tinham conseguido acabar o projeto do código. Fora apenas entregue a Vladímir Ilitch Lênin, que se encontrava em Górki, para ele o examinar. Seis artigos do código previam como pena máxima o fuzilamento. Isso era insatisfatório. Em 15 de maio, em notas à margem do projeto, Vladímir Ilitch Lênin acrescentou mais seis artigos para os quais também era imprescindível o

fuzilamento (entre eles, o artigo 69: propaganda e agitação... particulamente na forma de incitamento à resistência passiva contra o governo, ao não cumprimento em massa das obrigações militares ou ao não pagamento dos impostos [13] *). O fuzilamento devia ainda ter lugar noutro caso: por regresso, sem autorização, do estrangeiro (o que antes faziam todos os socialistas). Outro castigo equivalente ao fuzilamento: a deportação. (Vladímir Ilitch tinha previsto a época, não muito longínqua, em que nos veríamos desbordados pelos que afluiriam da Europa para virem refugiar-se entre nós, enquanto ninguém poderia ser coagido a partir voluntariamente para o Ocidente.) Eis como Ilitch explicou as suas conclusões ao comissário do Povo da Justiça:

"Camarada Kurski! Em minha opinião, tem-se que ampliar o âmbito da aplicação do fuzilamento... (comutável em expulsão para o estrangeiro) a todas as atividades dos conhecidos chefes mencheviques, socialistas-revolucionários, etc.; é preciso encontrar uma formulação que ponha essas atividades em ligação *com a burguesia internacional*" (sublinhado por Lênin)[14].

Ampliar o âmbito de aplicação do fuzilamento! Será difícil de compreender? (Acaso expulsaram muitos?) *O terror é um meio de persuasão*[15], parece que tudo está claro!

Mas Kurski não compreendia bem. Certamente ele tinha dificuldade em encontrar a formulação exata, em estabelecer a referida *ligação*. E no dia seguinte foi ver o presidente do Conselho de Comissários do Povo *, para obter esclarecimentos. Esta conversa é para nós desconhecida. Mas, em seqüência a ela, em 17 de maio Lênin remeteu de Górki uma segunda carta:

"Camarada Kurski! Como complemento à nossa conversa envio-lhe um rascunho suplementar para o parágrafo do Código Penal... A idéia fundamental, espero que esteja clara, apesar de todas as deficiências do rascunho: evidenciar abertamente que se trata de uma tese de princípio, politicamente justa (e não

---

[13] *Como no caso do Apelo de Viborg, pelo qual o governo czarista tinha aplicado três meses de prisão. (N. do A.)*
* *Este apelo tinha sido lançado em 1906 por um grupo de deputados da Duma, composto de cadetes, membros do Partido do Trabalho e socialistas-mencheviques. (N. do T.)*
[14] *Lênin,* Obras escolhidas, *5.ª edição, tomo 45, página 189. (N. do A.)*
[15] *Idem, ibidem, 5.ª edição, tomo 39, páginas 404-405. (N. do A.)*
* *O próprio Lênin. (N. do T.)*

somente do estreito ponto de vista jurídico), motivando a *essência* e a *justificação* do terror, a sua necessidade e limites.

O Tribunal não deve eliminar o terror; prometer isto seria enganar-nos a nós mesmos ou enganar os outros. Há que fundamentá-lo e legalizá-lo, claramente, sem falsidades e sem adornos. A formulação deve ser o mais ampla possível, pois só a consciência e o sentido revolucionário da justiça decidirão das condições da sua aplicação prática mais ou menos ampla.

Com saudações comunistas,

Lênin.[16]"

Abster-nos-emos de comentar este importante documento. O silêncio e a meditação são mais apropriados. Um tal documento é tanto mais importante quanto se trata de uma das últimas disposições de Lênin, antes de se ter apoderado dele a doença, constituindo assim uma peça fundamental do seu testamento político. Nove dias depois desta carta deu-lhe o primeiro ataque, do qual só parcialmente e por pouco tempo se restabeleceu no outono de 1922. Talvez as duas cartas a Kurski tivessem sido escritas naquele claro gabinete de mármore branco, num canto do segundo andar, onde já se encontrava preparado e à sua espera o leito mortuário de chefe.

Em anexo a este rascunho encontram-se duas variantes do parágrafo adicional, de onde, depois de alguns anos, sairiam o 58-4 e o pai de todos nós, o artigo 58, na sua totalidade. Lê-se e fica-se estupefato: eis o que significa dar uma *formulação o mais ampla possível!* Eis o que significa fazer uma aplicação *o mais larga possível!* Lê-se e recorda-se quanta gente ele conseguiu assim apanhar, o artigo 58...

"...a propaganda ou a agitação, a participação numa organização ou a cooperação (cooperando objetivamente ou *suscetível de cooperar*)... com organizações ou pessoas cuja atividade tenha um caráter..."

Ajude-me, Santo Agostinho, e eu garanto que o ponho, agora mesmo, sob a alçada desse artigo!

Tudo isso foi, como se impunha, introduzido no texto, com a pena de fuzilamento ampliada. E a sessão do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia, no dia 20 de maio, aprovou e pôs em vigor o Código Penal, a partir de 1 de junho de 1922.

---

16 Lênin, Obras escolhidas, *5.ª edição, tomo 45, página 190. (N. do A.)*

E já sobre bases legais abriu-se enfim, por um período de dois meses,

j) *o Processo dos Socialistas-Revolucionários* (8 de junho—7 de agosto de 1922).

A corte era o Supremo Tribunal. O presidente habitual, Camarada Karklin (bom nome para um juiz *!), foi substituído nesse processo, que concentrou a atenção de todo o mundo socialista, pelo hábil Gueórgui Piátakov. (O destino, previdente, gosta de rir-se de nós e deixa-nos tempo para pensar! Quinze anos, foi o tempo que ele deixou a Piátakov. . .) Não havia advogados. Os réus eram destacados socialistas-revolucionários e eles próprios se defendiam. Piátakov intervinha bruscamente, impedindo os réus de se exprimirem.

Se eu e os leitores não soubéssemos perfeitamente que o essencial, em qualquer processo judicial, não é a acusação, a chamada *culpa,* mas sim a *conveniência,* talvez não aceitássemos de ânimo tão fácil este processo. Mas a *conveniência* vai-se delineando sem falhas: diferentemente dos mencheviques, os socialistas-revolucionários continuavam a ser considerados perigosos, não tendo sido ainda dispersos nem liquidados, e para o fortalecimento da nova ditadura (a do proletariado) era conveniente acabar com eles.

Ignorando esse princípio, pode-se erroneamente interpretar todo este processo como constituindo uma vingança partidária.

Fica-se entretanto a meditar, apesar de tudo, nas acusações proferidas perante o Tribunal, se se inserirem na já longa e dilatada história das nações. À exceção das democracias parlamentares — contadas pelos dedos — em também limitadas décadas, toda a história das nações é a história dos golpes e tomadas do poder. E aquele que se instalou a tempo no poder com mais habilidade e com mais solidez imediatamente se acoberta com o manto diáfano da justiça, e todos os seus atos, passados e futuros, serão considerados legítimos e consagrados com odes, enquanto todos os atos passados e futuros dos seus desafortunados inimigos serão criminosos, passíveis dos tribunais e punidos pela lei.

Somente uma semana depois de aprovado o Código Penal, já sob ele se acumulam os cinco anos de história vividos após a Revolução. E vinte, dez, cinco anos antes, os socialistas-revolu-

---

* *Nome que faz lembrar o verbo* karkat, *ou seja, "grasnar". (N. do T.)*

cionários eram um partido revolucionário vizinho, que lutava pela derrubada do czarismo, e que assumira (graças à particularidade da sua tática de terrorismo) o maior peso da deportação, que quase não atingiu os bolcheviques.

Mas, agora, a primeira acusação feita contra eles era a de terem sido os iniciadores da guerra civil! Sim, eles iniciaram-na, foram *eles* que a iniciaram! Ei-los acusados de, nos dias do golpe de outubro, lhe terem oferecido resistência de armas na mão. Quando o Governo Provisório, que eles apoiavam e era em parte composto por eles, foi legalmente varrido pelas metralhadoras dos marinheiros, os socialistas-revolucionários tentaram ilegalmente defendê-lo [17], e aos tiros responderam mesmo com tiros, tendo até feito sublevar os *junkers*, que estavam ao serviço do governo derrubado.

Batidos pelas armas, não se arrependeram entretanto politicamente. Não se colocaram de joelhos diante do Conselho de Comissários do Povo, que intitulou a si mesmo governo. Continuaram a insistir em que o único governo legal era o anterior. Não reconheceram imediatamente a bancarrota de uma linha política seguida durante vinte anos [18], mas reclamaram perdão, solicitando que os dissolvessem e que os deixassem de considerar como um partido [19].

Eis a segunda acusação: eles cavaram o abismo da guerra civil, quando em 5 e 6 de janeiro de 1918 desceram à rua como manifestantes, e conseqüentemente como rebeldes, contra o poder legal do governo operário-camponês: apoiavam assim a sua ilegal Assembléia Constituinte (eleita livremente, em eleições gerais, com sufrágio universal, igual, direto e secreto) contra os marinheiros e os soldados vermelhos, que legalmente haviam dissolvido essa Assembléia e dispersado os manifestantes. (De resto, a que podiam servir e conduzir os tranqüilos debates da Assembléia Constituinte? Apenas à conflagração de uma guerra civil de três anos. Esta começou pela simples razão de que nem

---

17 Que eles o tenham feito debilmente, que tenham vacilado e finalmente renunciado, isso é outra história. A sua culpa não foi menor por isso. (N. do A.)

18 Tratava-se efetivamente de uma bancarrota, embora isso não fosse compreendido imediatamente. (N. do A.)

19 Em função destes mesmos princípios foram considerados igualmente ilegais todos os governos regionais e periféricos de Arkhanguelsk, Samara, Ufá, Omsk, Ucrânia, Kuban, Ural ou Cáucaso, por se terem erigido eles mesmos em governos depois *de o Conselho de Comissários do Povo se ter constituído como tal. (N. do A.)*

todos os habitantes, à uma e docilmente, se submeteram aos decretos legais do Conselho de Comissários do Povo.)

Terceira acusação: eles não reconheceram a paz de Brest-Litovsk, aquele tratado legítimo e salvador que não cortou a cabeça à Rússia, mas apenas uma parte do seu tronco. Desse modo, tal como o estabelece o ato de acusação, estão presentes "*todos os elementos caracterizadores da traição ao Estado,* bem como da prática de ações criminosas visando a arrastar o país para a guerra".

Traição ao Estado! Ela é como um "joão-teimoso", que fica sempre de pé, não importa como seja colocado...

Daí deriva uma grave e quarta acusação: no verão e no outono de 1918, quando a Alemanha do Kaiser vivia os seus últimos meses na guerra contra os Aliados, e o governo soviético, fiel ao tratado de Brest-Litovsk, a apoiava nesta pesada luta, enviando-lhe trens inteiros de víveres e pagando-lhe tributos mensais em ouro, os socialistas-revolucionários, traiçoeiramente, preparavam-se (não se preparavam sequer, mas limitavam-se a *discutir,* à sua maneira, o que se passaria se acaso...) para dinamitar a via férrea, antes da passagem de uma dessas composições, impedindo o ouro de sair da pátria. Numa palavra, eles "organizavam uma ação criminosa de destruição da propriedade do povo — os caminhos de ferro".

(Então ainda não se tinha por vergonhoso nem se ocultava o fato de que se enviava ouro russo para o futuro império de Hitler, não tendo ocorrido a Krilenko, apesar das suas especializações em história e direito — nenhum dos seus colaboradores lho sussurrou —, que se os trilhos de aço eram propriedade do povo, talvez também o fossem os lingotes de ouro...)

Da quarta acusação, implacavelmente, segue-se a quinta: quanto aos meios técnicos para a explosão das ferrovias, tinham os socialistas-revolucionários a intenção de obtê-los com fundos recebidos dos representantes aliados (para *não dar* ouro ao Kaiser Guilherme, eles queriam *tomar* dinheiro à Entente). Isto roçava já o limite extremo da traição! (Em todo caso, Krilenko gaguejou que os socialistas-revolucionários também estavam ligados ao Estado-Maior de Ludendorff, mas a pedra caiu em saco sem fundo, e não levaram isso em conta.)

Daqui já não fica longe a sexta acusação: os socialistas-revolucionários, em 1918, eram *espiões* da Entente! Ontem, eram revolucionários, hoje, espiões! Na época, isso era algo de explosivo. Desde então, com tantos processos, começam a sentir-se náuseas...

Bem, o sétimo e o décimo pontos referiam-se à colaboração com Savínkov, ou Filonenko, ou com os democratas-constitucionais, ou com a "Aliança do Renascimento" (acaso ainda existia?...), ou até com os "forros-brancos" *, se não mesmo com os guardas brancos.

Tal era a cadeia de acusações magnificamente articuladas pelo procurador [20]. Por uma lenta maturação no silêncio do gabinete, ou por uma repentina iluminação no alto da tribuna, ele encontra aqui o tom justo, cordial e compadecido, afetuosamente reprovador, de que vai servir-se cada vez com mais segurança nos processos posteriores, e que no ano de 1937 terá um êxito espetacular. Esse tom consiste em revelar a relação que existe entre os juízes e os réus em face do resto do mundo. Essa melodia toca o ponto mais sensível dos acusados. Da tribuna da acusação lança-se aos socialistas-revolucionários: *"Enfim, nós e os senhores somos todos revolucionários!"* (Nós! Os senhores e nós, numa palavra, somos iguais!) "Como puderam os senhores descer assim tão baixo, até se unirem aos democratas-constitucionais?" (Sim, por certo que o coração dos senhores se parte!) "Ou se misturarem aos oficiais? Ou ensinar aos 'forros-brancos' a sua brilhante técnica conspirativa?"

Não sabemos quais as respostas dos acusados. Se algum deles assinalou o caráter especial da revolta de outubro: declarar a guerra a todos os partidos de uma só vez, e ao mesmo tempo proibi-los de se unirem entre si ("se não tocam em você, não se aflija"). Mas tem-se a impressão, não se sabe por quê, de que alguns réus baixaram a cabeça e efetivamente um ou outro ficou com o coração partido: como puderam eles descer tão baixo? Esta compaixão do procurador, na sala inundada de luz, penetra profundamente no preso, trazido da cela escura.

E Krilenko envereda ainda por uma nova via lógica (que prestou grandes serviços a Vichinski contra Kámeniev e Bukhárin): entrando em aliança com a burguesia, vocês recebiam dela ajuda em dinheiro. A princípio, era para a causa, e em caso algum para fins partidários — *mas onde está o limite? quem o demarca?* Não é a causa também um objetivo do partido? Assim vocês foram se deixando arrastar. Vocês, o Partido Socialista-Revolucionário, mantidos pela burguesia! Onde está o seu orgulho revolucionário?

---

* *Estudantes reacionários, muito elegantes, que antes da Revolução se destacavam por usarem um uniforme forrado de branco. (N. do T.)*

20 *Devolveram-lhe este apodo. (N. do A.)*

Todas estas acusações reunidas dão a medida exata das acusações e são até de sobra. O Tribunal podia retirar-se para deliberar, para aplicar a cada um o castigo merecido, mas eis que a confusão se estabeleceu:

— todos os fatos de que é acusado o Partido Socialista-Revolucionário remontam a 1918;

— desde então, mais precisamente desde 27 de fevereiro de 1919, tinha sido decretada em favor exclusivo dos socialistas-revolucionários uma anistia que lhes perdoava todas as lutas anteriormente travadas contra os bolcheviques, se não reincidissem no futuro;

— *e até agora não tinham voltado a travar tais lutas;*

— e estávamos no começo de 1922!

Como sair da situação?

Tinha-se pensado nisso. Quando a Internacional Socialista pediu ao governo soviético para suspender o processo contra os seus confrades socialistas, tinha-se pensado nisso.

Efetivamente, nos começos de 1919, em razão da ameaça de Koltchak e de Deníkin, os socialistas-revolucionários retiraram a palavra de ordem da insurreição, e até o momento não tinham levado a cabo a luta armada contra os bolcheviques. (Os socialistas-revolucionários de Samara chegaram mesmo a *abrir* aos seus irmãos comunistas um setor da frente contra Koltchak, a isso se tendo devido a anistia.) E aqui mesmo, no Tribunal, o acusado Guendelman, membro do Comitê Central, declarava: "Dêem-nos a possibilidade de utilizar toda a gama das chamadas liberdades cívicas e nós não infringiremos as leis". (Dar-lhes, a eles, "toda a gama"! Que charlatães...)

Como se ainda não fosse pouco deixar de travar qualquer luta, eles reconheceram o poder dos sovietes! (Ou seja, renunciaram ao seu antigo Governo Provisório e à Assembléia Constituinte.) E pedem apenas a realização de *novas eleições* para os sovietes, com liberdade de propaganda para todos os partidos.

Ouviram isso? Ouviram? Aí começa a mostrar-se o focinho feroz do inimigo burguês! Acaso é possível? *A hora é grave!* Estamos *cercados de inimigos!* (E dentro de vinte, de cinqüenta, de cem anos, será sempre assim.) E vocês querem liberdade de propaganda para os partidos, filhos da puta?!

As pessoas politicamente sensatas, disse Krilenko, poderiam, como resposta, rir-se, encolher os ombros. Decidiu-se, com

justeza, "impedir imediatamente estes grupos, com todas as medidas de repressão governamental, de fazerem propaganda contra o poder[21]". E precisamente como resposta à renúncia dos socialistas-revolucionários à luta armada e às suas propostas pacíficas, *puseram na prisão todo o Comitê Central dos mesmos socialistas-revolucionários* (aqueles que conseguiram apanhar)!

Este, sim, é que é o nosso estilo!

Mas já que eram mantidos na prisão (já não estavam lá há três anos?) era necessário julgá-los. De que acusá-los então? "Este período não foi objeto, na mesma medida, de um inquérito judicial" — lamenta-se o nosso procurador.

Entretanto, uma das acusações era fundada: a de que em fevereiro de 1919 os socialistas-revolucionários adotaram a resolução (que não puseram em prática, mas segundo o novo Código Penal isso dava no mesmo) de fazer propaganda secreta no Exército Vermelho, para que os soldados vermelhos *se recusassem a participar nas expedições punitivas* contra os camponeses.

Esta era uma baixa e pérfida traição à Revolução! Dissuadir os soldados das expedições punitivas!

Eles podiam ser ainda acusados de tudo aquilo que dizia, escrevia e fazia (sobretudo do que dizia e escrevia) a chamada "Delegação no Estrangeiro do Comitê Central dos Socialistas-Revolucionários", aqueles destacados socialistas-revolucionários que fugiram para a Europa.

Mas tudo isso era pouco. E cogitou-se o seguinte: "Muitos dos que aqui estão sendo julgados não teriam sido inculpados neste processo se não fossem acusados de organizar *atos terroristas!*"... Ora, quando foi concedida a anistia, em 1919, "a nenhum dos chefes da justiça soviética passou pela cabeça" que os socialistas-revolucionários organizavam ainda o terror contra os dirigentes do Estado soviético! (A quem, na realidade, podia passar pela cabeça estabelecer uma relação entre os socialistas-revolucionários e o terror? Se alguém tivesse pensado nisso ter-se-ia estendido a anistia aos atos terroristas! Ou então não se aceitaria a brecha aberta na frente de Koltchak. Foi, de resto, uma felicidade que então nem sequer nisso pensassem. Só quando houve necessidade é que de tal se aperceberam.) E agora *esta* acusação não é abrangida pela anistia (dado que só a *luta* foi anistiada). E Krilenko serve-se disso.

Quantas coisas foram descobertas! Quanto se foi descobrir!

Antes de mais nada, o que *disseram* os chefes dos socialis-

---

21 Krilenko, página 183. (N. do A.)

tas-revolucionários[22] logo nos primeiros dias depois do golpe de outubro? Tchernov (no IV Congresso dos Socialistas-Revolucionários) afirmou que o partido, com todas as suas forças, "se oporia a qualquer atentado contra os direitos do povo, como o tinha feito" sob o regime czarista. (E todos recordavam como ele o tinha feito.) Gots: "Se os autocratas do Smólni * atentam também contra a Assembléia Constituinte... o Partido Socialista-Revolucionário saberá lembrar-se da sua antiga tática, longamente experimentada".

Talvez se tenha *lembrado,* mas não se decidiu a aplicá-la. Daí por diante parece possível desencadear o processo.

"Neste domínio da investigação", lamenta-se Krilenko, "devido à conspiração, haverá muito poucas testemunhas... Com isso a nossa tarefa fica extraordinariamente dificultada... Neste domínio (isto é, o do terror), em certos momentos é como se nos víssemos obrigados a errar nas trevas[23]".

A tarefa de Krilenko era complicada pelo fato de que o terror contra o poder soviético tinha sido *discutido* no Comitê Central (CC) dos socialistas-revolucionários em 1918 e *tinha sido rejeitado.* E agora, passados os anos, há que demonstrar que os socialistas-revolucionários enganaram a si próprios.

Os socialistas-revolucionários disseram então: aguardemos que os bolcheviques passem a executar os socialistas. Ou no ano de 1920: se os bolcheviques atentarem contra a vida dos reféns socialistas-revolucionários, então o partido voltará a empunhar as armas[24].

Mas por que todas essas condições? Por que não renunciaram pura e simplesmente? Como se atreveram a *pensar* em empunhar as armas? "Por que não fizeram declarações de caráter *firmemente negativo?"* (Camarada Krilenko, quem sabe se o terror era a sua *segunda natureza?)*

O partido nunca levou a cabo atos de terror. Isso ressalta do próprio discurso de acusação de Krilenko. Mas recorreu-se forçadamente a fatos deste gênero: na mente de um dos acusados figurava o projeto de dinamitar a locomotiva do trem do Conselho de Comissários do Povo, durante a transferência da sua sede para Moscou: logo, o CC é culpado de terror. Ivánova,

---

22 *E o que é que não disseram todos estes charlatães durante uma vida inteira? (N. do A.)*

* *Smólni: quartel-general dos bolcheviques em Petrogrado, em 1917. (N. do T.)*

23 *Página 236. (Notem a linguagem!) (N. do A.)*

24 *Quanto aos outros reféns, que acabassem com eles... (N. do A.)*

encarregada da execução, esteve de atalaia com uma carga de piroxilina, durante uma noite, perto da estação: logo, houve um atentado contra o trem de Trótski, e o CC é culpado de terror. Ou ainda: o membro do CC, Donskói, advertiu Fánia Kaplan de que seria expulsa do partido se disparasse contra Lênin. É pouco! Por que não lhe proibiram categoricamente fazer isso? (Ou melhor: por que é que não a denunciaram à Tchekà?)

Tudo o que Krilenko conseguiu arrancar deste magma foi que os socialistas-revolucionários não adotaram as medidas necessárias para fazer cessar os atos individuais de terror dos seus ativistas que se aborreciam na inação. A isso se reduzia o terror. (De resto, esses ativistas nada fizeram. Dois deles, Konopliova e Semiónov, com suspeita solicitude forneceram em 1922, com os seus depoimentos voluntários, preciosas provas à GPU e ao Tribunal, mas as suas declarações não dizem respeito ao CC dos socialistas-revolucionários — e de repente, de modo inexplicável, esses encarniçados terroristas são postos em total liberdade.)

Os depoimentos são de tal modo frágeis que é preciso apoiá-los com argumentos. Sobre uma das testemunhas, Krilenko faz este comentário: "Se esta pessoa quisesse inventar uma história, seria pouco provável que a imaginasse de forma a que, por coincidência, acertasse precisamente no ponto exato[25]". (Muito bem dito! Isto pode aplicar-se a qualquer depoimento preparado.) Ou então, falando de Donskói: será possível "suspeitar da sua extrema perspicácia, por ele demonstrar aquilo de que a acusação precisa?" Quanto a Konopliova, pelo contrário, a veracidade do seu depoimento consiste precisamente no fato de ela *não revelar tudo* aquilo de que a acusação necessita. (Mas é o bastante para o fuzilamento dos acusados.) "Se se levanta o problema de Konopliova inventar tudo isto... a resposta é clara: quando alguém se põe a *inventar*, então inventa" (ele sabe do que fala! — A. S.), "quando alguém está disposto a denunciar, então denuncia[26]." Mas ela, como se vê, não vai até ao fim. Ou ainda: "Levar Konopliova sem mais nem menos ao fuzilamento, que interesse isso poderá ter para Efimov[27]?" Isso é, uma vez mais, justo, muito bem. Mas há melhor: "Poderia ter tido lugar esse encontro? Essa possibilidade não está excluída". *Não está excluída?* O que significa que *teve lugar!* Continuemos.

Em seguida, havia "o grupo de sapa". Ele deu muito que

---

25 *Krilenko, página 251. (N. do A.)*
26 *Idem, página 253. (N. do A.)*
27 *Idem, página 258. (N. do A.)*

falar e de repente foi "dissolvido por inatividade". Então, para que é que nos enchem os ouvidos com ele? Houve umas quantas "expropriações" de fundos de instituições soviéticas (como é que os socialistas-revolucionários podiam sair de apuros, se tinham que alugar casas e ir de uma cidade para outra?). Dantes, tratava-se de nobres e elegantes "expropriações", na linguagem dos revolucionários. Mas agora, perante um tribunal soviético? Tudo passava a ser "pilhagem e encobrimento".

Através das peças de acusação do processo, vai-se projetando a pálida e amarelada luz da lanterna da lei sobre toda a insegura, oscilante e enredada história desse partido verbalista, grandiloqüente, mas no fundo desorientado, indefeso e até inativo, que nunca chegou a ter dirigentes dignos dele. E cada uma das suas decisões ou indecisões, cada um dos seus movimentos, impulsos ou retrocessos, tudo lhe é agora imputado apenas como culpa, culpa, culpa.

E se em setembro de 1921, dez meses antes do processo, o Comitê Central, já preso em Butirki, escrevia ao Comitê Central recém-eleito, dizendo não concordar com o derrubamento da ditadura bolchevista por *qualquer* meio, mas só através da união de todas as massas trabalhadoras e de um trabalho de agitação (ou seja, mesmo estando preso não concordava em ser libertado pelo terror nem por um complô), isso era-lhes imputado agora como a sua primeira culpa: ah! ah! estavam pois *de acordo* com o derrubamento!

Mas e se, no fim das contas, não eram culpados de derrubar o regime, não eram culpados de terrorismo, não tinham por assim dizer feito expropriações, e quanto ao restante, há muito haviam sido perdoados? O nosso caro procurador tira então da manga a sua reserva secreta: "Em último caso a *não-denúncia* constitui um crime, em que estão implicados, sem exceção, todos os acusados, e que deve considerar-se como estabelecido[28]".

O Partido Socialista-Revolucionário já é culpado pelo simples fato de *não se ter denunciado a si próprio!* Isto sim, não falha! É uma descoberta do pensamento jurídico inscrita no novo Código. É o caminho empedrado pelo qual se hão de arrastar e arrastar até à Sibéria os nossos agradecidos descendentes.

Krilenko dispara com furor, direto ao coração: "inimigos encarniçados e eternos" — eis o que são os acusados. Nesse caso, mesmo sem recorrer ao Tribunal, sabe-se o que fazer deles.

---

[28] *Krilenko, página 305. (N. do A.)*

O Código é tão novo, que Krilenko nem teve tempo de aprender de cor os principais artigos referentes aos contra-revolucionários pelos seus números, mas que golpes assesta com esses números, com que profundidade os cita e os interpreta! É como se desde há décadas manejasse tais artigos como quem maneja o cutelo da guilhotina. Mas eis algo que é essencialmente novo e importante: a diferenciação entre *métodos* e *meios*, que existia no antigo código czarista, *deixa de existir entre nós!* Ela não intervém nem na qualificação do delito, nem na sanção penal! Para nós a intenção e a ação, tudo *é o mesmo!* Tomada que foi uma decisão, é em função dela que julgamos. Que ela "se tenha levado a cabo ou não, isso não tem qualquer significado essencial[29]". Quer tenha sussurrado à sua mulher na cama que seria bom derrubar o poder soviético, feito propaganda nas eleições, ou lançado bombas — tudo é o mesmo! *A pena é igual!*

Do mesmo modo que um pintor, com uns quantos traços fortes de carvão, faz emergir o retrato desejado — também para nós foi tomando cada vez mais forma, através dos esboços de 1922, todo o panorama dos anos 37, 45 e 49.

Mas não, ainda não chegamos lá! Ainda não é esse o *comportamento dos acusados!* Eles ainda não são carneiros amestrados, ainda são gente! Poucas coisas, muito poucas nos foram ditas acerca da atitude deles, mas pode-se perfeitamente calculá-las. Às vezes, Krilenko, por distração, cita as palavras que pronunciaram no Tribunal. O réu Berg "acusava os bolcheviques de terem massacrado as vítimas de 5 de janeiro" (carga de fogo sobre os manifestantes que defendiam a Assembléia Constituinte). E Liberov dizia sem papas na língua: "Eu reconheço-me culpado de em 1918 não ter trabalhado suficientemente para a derrubada do poder dos bolcheviques[30]". Evguênia Ratner teve expressões semelhantes, e de novo Berg: "Considero-me culpado perante a Rússia trabalhadora de não ter podido lutar, com todas as minhas forças, contra o chamado poder operário-camponês, mas espero que o meu tempo ainda não tenha passado". (Passou, amiguinho, passou.)

Encontramos aqui a antiga paixão pela sonoridade das frases, mas também uma grande firmeza!

O procurador argumenta: "Os acusados constituem um perigo para a Rússia soviética, *dado que consideram bom tudo quanto fizeram*. Talvez alguns dos réus encontrem consolação no

29 *Krilenko, página 185. (N. do A.)*
30 *Idem, página 103. (N. do A.)*

fato de alguma vez um analista se referir a eles ou *à sua conduta no Tribunal* com elogios".

Apreciação do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia, já depois do julgamento: "Durante o próprio processo eles reservaram-se o direito de prosseguir" a sua atividade anterior.

Quanto ao réu Händelman-Grabóvski (ele mesmo jurista), destacou-se no tribunal pelas suas discussões com Krilenko sobre a forma como eram falsificados os depoimentos das testemunhas e sobre "os métodos especiais de tratamento delas antes do processo". Leia-se: é evidente que foram "trabalhados" pela GPU. (E o jogo está completo: faltava só dar um empurrão para atingir o ideal.) Sucede que a investigação prévia se realizou sob a observação do procurador (o próprio Krilenko), e desse modo se eliminaram conscientemente alguns desacordos nos depoimentos. Há mesmo depoimentos feitos *pela primeira vez* perante o Tribunal.

Que querem, há certas arestas! Há coisas que não foram acabadas. No fim de contas "é nosso dever dizer, com plena clareza e sangue-frio... não nos preocupa o problema de saber como o *juízo da história avaliará a obra que realizamos*[31]".

Mas as arestas, havemos de levá-las em conta e de corrigi-las.

Entretanto, esquivando-se, Krilenko, pela primeira e última vez na história da jurisprudência soviética, lembra-se de que existe a investigação! A investigação preliminar, antes mesmo da instrução! E eis a explicação hábil que ele dá: aquilo que se desenrolou fora do âmbito da observação do procurador e que os senhores consideram como sendo a instrução é de fato a *investigação.* E aquilo que os senhores consideram como uma repetição da investigação revista pelo procurador, em que se atam todos os nós e se apertam todos os parafusos, isso é a *instrução!* Os desordenados "elementos fornecidos pelos 'Órgãos' da investigação, que *não são comprovados* pela instrução, têm *muito menos valor probatório* judicial do que os elementos da instrução[32]" quando esta é inteligentemente organizada.

Tudo se consegue, quando se puxa a brasa para a própria sardinha.

Falando em termos profissionais, era ultrajante para Krilenko ter-se levado meio ano a preparar este processo, ter-se ladrado durante dois meses na audiência e perdido quinze horas

---

[31] *Krilenko, página 325. (N. do A.)*

[32] *Idem, página 238. (N. do A.)*

a debitar discursos de acusação, quando todos os acusados "já não era a primeira nem a segunda vez que tinham passado pelas mãos dos "Órgãos", quando estes dispunham de poderes extraordinários, tendo conseguido graças a uma ou outra circunstância *ficar vivos*[33]" — para acabar agora por dar trabalho a Krilenko: o de levá-los ao fuzilamento sob forma legal.

Claro que "a sentença deve ser uma e a mesma: o fuzilamento de todos, até o último[34]!" Mas Krilenko previne, com espírito magnânimo, tendo em conta que o processo é seguido pelo mundo inteiro, que o requisitório do procurador "não é uma ordem para o Tribunal", que seja "obrigado a tomar imediatamente em conta ou a cumprir[35]".

Belo tribunal esse, ao qual é necessário explicar isso!...

E o Tribunal, na sua sentença, dá provas de audácia: na verdade, ele condena ao fuzilamento não "todos até o último", mas só catorze pessoas. As restantes são condenadas à prisão, aos campos de concentração, sem falar de uma centena dentre eles que "serão objeto de um processo à parte".

Lembre-se, amigo leitor, lembre-se: o Supremo Tribunal "é olhado por todos os tribunais da República, é ele que lhes dá as diretrizes[36]", a sentença aplicada pelo Supremo Tribunal "é utilizada como norma indicadora[37]". Quantos haverá ainda nas províncias que serão assim trancafiados, pode calculá-los por si próprio.

Mas talvez este processo acabe por ser cassado pelo Presidium do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia: este confirmará a sentença de fuzilamento, mas suspenderá o seu cumprimento. E a sorte futura dos condenados dependerá do comportamento dos socialistas-revolucionários que ficaram em liberdade (inclusive os que se encontram no estrangeiro). Se eles tiverem atividades *contra nós,* esmagaremos estes todos.

Nos campos da Rússia ceifava-se já a segunda colheita em paz. Não se disparava em mais nenhum lugar, à exceção dos pátios da Tcheká (em Iaroslavl, fuzilava-se Perkhúrov, em Petrogrado, o Metropolita Veniámin. E sempre assim, sempre assim, sempre assim). Sob o céu cor de turquesa e pelas águas azuis vão navegando rumo ao estrangeiro os nossos primeiros

---

33 *Krilenko, página 322. (N. do A.)*
34 *Idem, página 326. (N. do A.)*
35 *Idem, página 319. (N. do A.)*
36 *Idem, página 407. (N. do A.)*
37 *Idem, página 409. (N. do A.)*

diplomatas e jornalistas. O Comitê Executivo de Deputados Operários e Camponeses conservava no seu regaço os eternos *reféns*.

Os membros do partido dirigente tinham lido sessenta números do *Pravda* sobre o processo (todos eles liam o jornal) — e todos tinham dito *amém, amém, amém*. Nenhum se atreveu a dizer *não*.

Por que é que se surpreenderam então, tempos passados, no ano de 1937? De que é que se queixavam?... Acaso não tinham sido lançados todos os fundamentos da ausência de justiça — primeiro com a repressão extra-judicial da Tcheká, depois com esses processos precoces e com esse jovem Código? Acaso 1937 não era também *objetivamente necessário* (necessário para os objetivos de Stálin, e quem sabe se para os da História)?

Já profeticamente Krilenko tinha deixado escapar que não era o passado que julgavam, mas sim o futuro.

Com uma boa foice, o mais difícil é o primeiro golpe.

Por volta de 20 de agosto de 1924 Boris Viktorovitch Sávinkov cruzou a fronteira soviética. Foi logo preso e conduzido à Lubianka[38].

A investigação consistiu num único interrogatório: apenas as declarações voluntárias e o exame de sua atividade. Em 23 de agosto tinha já sido entregue o termo de acusação. (Rapidez incrível, mas que produziu efeito. Alguém calculara certamente: extorquir a Sávinkov míseras declarações falsas não faria senão destruir a verossimilhança do quadro.)

Na conclusão da acusação, elaborada com uma terminologia às avessas, de que crimes não era acusado Sávinkov? De "*inimigo sistemático* do campesinato pobre"; de "ter ajudado a burguesia russa a realizar as suas aspirações imperialistas" (ou seja, ele se manifestara pela continuação da guerra contra a Alemanha); e "de manter contatos com os representantes do

---

38 *Sobre este regresso fizeram-se muitas suposições. Mas, recentemente, um certo Ardamatski (que tinha acesso aos arquivos do Comitê da Segurança do Estado) publicou uma história que, com todos os exageros retóricos da literatura pretensiosa, parecia próxima da realidade (revista* Nievá, *1967, n.º 11). Tendo levado alguns agentes de Sávinkov à traição e enganando outros, a GPU lançou através deles um anzol seguro: aqui, na Rússia, havia uma grande organização clandestina, mas sem um dirigente de mérito! Não se podia imaginar um anzol mais tentador! Sim, e a vida agitada de Sávinkov não podia terminar calmamente em Nice. Ele não podia deixar de tentar ainda um combate, regressar ele próprio à Rússia, para sua perdição. (N. do A.)*

comando aliado" (isto quando era dirigente do Ministério da Guerra!); "infiltrara-se com intuitos de provocação nos comitês de soldados (entenda-se: fora eleito deputado pelos soldados); e finalmente — havia de que fazer rir as galinhas! — tinha "simpatias monárquicas".

Mas tudo isto era velho. Havia algo de novo, as acusações que figurariam em todos os futuros processos: dinheiro recebido dos imperialistas; espionagem a favor da Polônia (esqueceram-se do Japão!...); e tentativa de envenenamento do Exército Vermelho com cianeto (mas não chegara a envenenar um só soldado).

Em 26 de agosto começou o julgamento. O presidente era um tal Ulrich (encontramo-lo pela primeira vez), não havendo qualquer acusador, nem tampouco defensor.

Sávinkov defendia-se sem grande convicção, quase não contestava as provas. Ele conferia uma dimensão lírica a este processo: era o seu último encontro com a Rússia e a última possibilidade de explicar-se em voz alta. De arrepender-se. (Não destes pecados que lhe imputavam — mas de outros.)

(Vinha muito a propósito, para perturbar o acusado, esta melodia: *pois se tanto você como nós somos russos!*... Você e nós — isto é, *nós!* Você ama a Rússia, indubitavelmente, nós respeitamos esse seu amor — mas acaso não a amamos nós também? Acaso não somos nós agora a força e a glória da Rússia? E você quis lutar contra nós? Arrependa-se!...)

Mas o mais espantoso de tudo foi a sentença: "A aplicação da pena máxima não é exigida pelo interesse da manutenção da ordem legal revolucionária, e, considerando que os motivos de vingança não podem inspirar o sentido da justiça das massas proletárias", o fuzilamento é comutado em dez anos de privação da liberdade.

Isto foi sensacional, turvando então muitas mentes: degelo? regeneração? Ulrich, no *Pravda,* explicou mesmo, parecendo desculpar-se, por que Sávinkov tinha sido indultado. Veja-se como em sete anos se tinha fortalecido o poder soviético! Poderia ele temer um Sávinkov qualquer! (Se ao fim de vinte anos se debilitar, não se inquietem, fuzilaremos centenas de militares.)

Assim, ao primeiro mistério do regresso teria vindo juntar-se o segundo mistério da sentença (a clemência), se em maio de 1925 ambos não fossem recobertos pelo terceiro mistério: em estado de depressão, Sávinkov arrojou-se de uma das janelas sem rede do pátio interior da Lubianka, e os homens da GPU, os seus anjos-da-guarda, não puderam, simplesmente, agarrar e sal-

var o seu grande e pesado corpo. No entanto, Sávinkov deixou em todo caso um documento justificativo (para que não houvesse problemas no serviço), explicando sensata e coerentemente por que é que se tinha suicidado. E com tanta propriedade e de acordo com o seu espírito e a sua forma de exprimir-se, que o próprio filho do morto, Liev Boríssovitch, acreditou piamente, a todos confirmando, em Paris, que ninguém podia ter escrito essa carta senão o seu pai, e que se este se tinha suicidado era por reconhecer a sua bancarrota política[39].

---

[39] *E nós, os estúpidos, os últimos detidos da Lubianka, papagueávamos credulamente que as redes de metal tinham sido estendidas nas escadas da Lubianka desde que Sávinkov daí se arrojara. Inclinávamo-nos diante dessa bela lenda e esquecíamo-nos de que a experiência dos carceceiros é internacional! Pois se as redes existiam também nas prisões americanas já nos começos do século, como seria possível que a técnica soviética estivesse atrasada?*

Em 1937, já moribundo no campo de Kolimá, o antigo tchekista Artur Chrubel contou a um dos seus íntimos que ele era um dos quatro que haviam lançado *Sávinkov pela janela do quinto andar para o pátio da Lubianka! (E isso não contradiz em nada a versão central de Ardamatski: essa janela tinha um parapeito baixo, sendo uma porta de balcão e não propriamente uma janela. Eles tinham escolhido bem o quarto! Só que, segundo Ardamatski, os anjos se descuidaram, e segundo Chrubel se lançaram a ele de uma vez.) O segundo mistério — a sentença inabitualmente benévola — é desvendado pela brusquidão do terceiro.*

Trata-se de um rumor surdo, mas ele chegou até mim e eu o transmiti em 1967 a M. P. Iakubóvitch, e este, com a animação de jovem que ainda conserva, de olhos brilhantes, exclamou: "Acredito! Isso coincide! Eu não acreditava em Bliúmkin, pensava que ele se gabava". Eis o que se apurou: em fins da década de 20, Bliúmkin, em grande segredo, contou a Iakubóvitch que era ele quem tinha escrito a chamada carta póstuma de Sávinkov, por incumbência da GPU. Acontece que, quando Sávinkov estava preso, Bliúmkin era a única pessoa a quem era permitido visitá-lo permanentemente na cela, "entretendo-o" pelas tardes. (Pressentiria acaso Sávinkov que era a morte que ia freqüentemente visitá-lo — a insinuante, a amistosa morte de que não se pode adivinhar a forma?) Isso ajudou Bliúmkin a captar a maneira de exprimir-se e de pensar de Sávinkov, a penetrar na intimidade das suas últimas meditações.

Pergunta-se: e por que lançá-lo pela janela? Não teria sido mais simples envenená-lo? Certamente tinham a intenção de mostrar os restos a alguém, ou pensavam fazê-lo.

É o momento de revelar também o que foi feito de Bliúmkin, agora em todo o seu poder de tchekista, ele que noutros tempos fora audazmente atacado por Mandelstam. Ehrenburg começou a escrever sobre Bliúmkin, mas prontamente se envergonhou e o deixou. Há no entanto coisas para contar. Depois do esmagamento dos socialistas-revolucionários de esquerda, em 1918, o assassino de Mirbach não só não foi castigado, não só não partilhou da sorte de todos os socialistas-revolucionários de esquerda, como foi também protegido por Dzerjinski (como ele, desejava proteger

Mas todos os mais importantes e célebres processos estão, de qualquer modo, ainda por vir.

Kossíriev), tendo-se aparentemente convertido ao bolchevismo. É claro que o mantinham em reserva para as tarefas especialmente sujas. Certa vez, no limiar dos anos 30, ele foi enviado a Paris, secretamente, para assassinar Bajênov (um colaborador do secretariado de Stálin que tinha fugido), e conseguiu lançá-lo com êxito do trem, pela noite. Entretanto, o seu espírito de aventureirismo, ou a admiração por Trótski, levaram Bliúmkin à ilha dos Príncipes, perguntando ao professor de direito se tinha alguma missão para a URSS. Trótski deu-lhe um pacote para Rádek. Bliúmkin levou-o, transmitiu-o, e a sua visita a Trótski seria um segredo bem guardado se o brilhante Rádek já então não fosse um delator. Rádek denunciou Bliúmkin, e este foi tragado pelas fauces do monstro, que ele mesmo tinha alimentado pelas suas mãos com o seu primeiro leite sangrento.

X A LEI TORNA-SE ADULTA

Onde estão elas, essas multidões que se introduzem loucamente, vindas do Ocidente, nas nossas linhas fronteiriças de arame farpado, e que nós fuzilamos de acordo com o artigo 71 do Código Penal pelo seu regresso arbitrário à República Socialista Federativa Soviética Russa? A despeito de todas as previsões científicas, tais multidões não existiram e ficou sem efeito o artigo ditado a Kurski. O único excêntrico que se achou em toda a Rússia foi Sávinkov, mas nem contra esse chegaram a servir-se de tal artigo. Em compensação, a pena oposta — a deportação para o estrangeiro em vez do fuzilamento — foi experimentada em massa e sem tardar.

Nessa época ainda, num acesso de cólera, quando estavam elaborando o Código, Vladímir Ilitch, sem deixar perder a sua brilhante idéia, escrevia em 19 de maio:

"Camarada Dzerjinski! Quanto à questão da deportação de escritores e de professores que ajudam a contra-revolução, é necessário preparar isso o mais cuidadosamente possível. Sem preparação, cometeremos besteiras... É preciso organizar tudo isso de tal forma que esses 'espiões militares' sejam caçados permanente e sistematicamente e expulsos para o estrangeiro. Peço-lhe para mostrar isto secretamente, e sem reproduzi-lo, aos membros do Politburo [1]".

O caráter naturalmente secreto, neste caso, era provocado pela importância e pela exemplaridade da medida. A disposição das forças de classe na Rússia soviética era bem clara e contrastada, só se alterando com esta mancha gelatinosa e sem contorno preciso da velha *intelliguêntsia burguesa,* que na esfera ideológica desempenhava o papel de uma autêntica *espionagem militar,* nada de melhor se tendo podido inventar para raspar e lançar fora quanto antes esse pântano de idéias.

O Camarada Lênin já tinha caído de cama com a sua doença, mas os membros do Politburo aprovaram-no, pelo visto, tendo o Camarada Dzerjinski organizado a caça, e em fins de 1922 cerca de trezentos importantes homens de letras russos foram metidos... numa barcaça?... não, num navio, e enviados para a lixeira da Europa. (Entre os nomes que aí se afirmaram e adquiriram a glória figuram os dos filósofos N. O. Lósski,

---

[1] *Lênin, 5.ª edição, tomo 54, páginas 265-266. (N. do A.)*

S. N. Bulgakov, N. A. Berdiáiev, F. A. Stepan, B. P. Vicheslávtsev, L. P. Karsavin, S. L. Frank, I. A. Ilin; os dos historiadores S. P. Melgunov, V. L. Miakótin, A. A. Kizevetter, I. I. Lápchin, etc.; os dos escritores e publicistas I. I. Aikhenvald, A. S. Izgóiev, M. A. Ossórguin, A. V. Pechekhónov. Outros foram ainda expedidos por pequenos grupos, em começos de 1923, por exemplo o secretário de Liev Tolstói, V. F. Bulgakov. Devido às suas más amizades, também lá foram parar matemáticos como D. F. Selivánov.)

Entretanto, as coisas não continuaram assim *permanente e sistematicamente*. Talvez pelo clamor da emigração, para a qual isso era um verdadeiro "presente", chegou-se à conclusão de que essa medida não era a melhor, de que se deixava escapar em vão boa carne para fuzilamento, e de que nessa lixeira podiam crescer flores venenosas. E foi abandonado tal processo. Toda a limpeza posterior conduzia quer *à sorte de Dukhónin* * quer ao arquipélago.

Aprovado em 1925 (e mantido até Khruchov), o Código Penal corrigido e melhorado entrançou todas as antigas cordas dos artigos políticos numa única e sólida rede de arrasto — o artigo 58 —, e foi utilizado para esse gênero de pesca. A pesca alarga-se rapidamente à *intelliguêntsia* dos engenheiros e técnicos — tanto mais perigosa quanto ela ocupava uma forte posição na economia nacional e era difícil controlá-la unicamente com a ajuda da Doutrina de Vanguarda. Tornava-se agora claro que fora um erro o processo em defesa de Oldenborguer (tinha-se reunido ali um bom *centrinho!)* e prematura a declaração absolutória de Krilenko: "não se podia falar de sabotagem dos engenheiros a partir dos anos 1920-21 [2]". Se não era sabotagem, era pior ainda: *nocividade* premeditada (esta palavra foi lançada, ao que parece, por um simples comissário de instrução do Processo das Minas).

Mal se tinha compreendido o que era necessário buscar: a nocividade premeditada, e logo, apesar do que o conceito tinha de inédito na história da humanidade, se começou a descobri-la sem trabalho em todos os ramos da indústria e em todas as fábricas. No entanto, nesses achados fragmentários não havia uma unidade de pensamento, nem uma execução perfeita, mas

* *Comandante supremo do Exército russo durante o Governo Provisório. Tendo recusado obedecer às ordens do Sovnarkom (Conselho de Comissários do Povo), foi linchado em novembro de 1917. (N. do T.)*

2 *Krilenko, página 437. (N. do A.)*

a natureza de Stálin e todos os inventores com que a nossa justiça contava aspiravam, pelo visto, a ela. E, finalmente, a nossa lei amadureceu e pôde apresentar ao mundo algo de verdadeiramente perfeito! Um processo íntegro, grande, bem concatenado, e desta vez contra os engenheiros. Foi assim que se abriu

k) *o Processo das Minas* (18 de maio—15 de julho de 1928).

Sessão especial do Supremo Tribunal da URSS; presidente: A. I. Vichinski (ainda reitor da Universidade Estatal de Moscou); acusador principal: N. V. Krilenko (encontro célebre! uma espécie de revezamento jurídico[3]); cinqüenta e três acusados, cinqüenta e seis testemunhas. Grandioso!!!

Ai dele, nessa grandiosidade residia também a fraqueza desse processo: se para cada réu fosse necessário manipular apenas três fios, estes seriam já cento e cinqüenta e nove, mas Krilenko tinha só dez dedos, e Vichinski também. Naturalmente, "os acusados procuravam revelar à sociedade os seus graves crimes", mas não todos: só dezesseis dentre eles. Treze ofereciam resistência. Vinte e quatro não se reconheciam em geral culpados[4]. Isso era uma manifestação inadmissível de discordância que as massas não podiam compreender. Ao lado dos méritos (conseguidos de resto em anteriores processos) — a impotência dos réus e dos defensores, a sua incapacidade de modificar ou evitar a sentença —, os defeitos do novo processo estavam à vista e eram imperdoáveis principalmente ao experiente Krilenko.

Chegados às portas da sociedade sem classes, tínhamos forças, finalmente, para organizar *um processo judicial sem conflito* (reflexo do nosso regime interno não conflitual), onde aspirariam unanimemente a um mesmo objetivo tanto o tribunal como o procurador, tanto a defesa como os acusados.

Além do mais, a envergadura do Processo das Minas — que punha em causa a indústria de extração carbonífera, única e exclusiva do Donbass — era desproporcionada para a época.

Foi sem dúvida logo a partir do dia do termo do Processo

---

[3] *E os membros assessores eram os velhos revolucionários Vassíliev-Iújin e Antónov-Sarátovski. Eram simpáticos pela simples sonoridade dos seus nomes. São nomes que se recordam facilmente. De repente, em 1962, lemos no* Izvéstia *um necrológio sobre as vítimas da repressão. E quem o assinou? O campeão da longevidade Antónov-Sarátovski! (N. do A.)*

[4] Pravda, *24 de maio de 1928, página 3. (N. do A.)*

das Minas que Krilenko começou a cavar um novo e mais largo fosso (caíram nele inclusive dois consócios seus, do Processo das Minas — os promotores públicos Ossadtchi e Chein). Torna-se desnecessário dizer com que gosto e habilidade lhe prestou mão forte todo o aparelho da Administração Política e Estatal Unificada (OGPU), que já tinha passado para o pulso de ferro de Iágoda. Havia que criar e em seguida desmascarar uma organização dos engenheiros, que abrangesse todo o país. Para isso precisava-se colocar à sua frente várias figuras importantes passíveis de nocividade premeditada. Quem não conhecia uma figura tão indubitavelmente forte e insuportavelmente arrogante como Piotr Akimóvitch Paltchinski, destacado engenheiro de minas já nos começos do século, que durante a I Guerra Mundial já era o camarada presidente do Comitê da Indústria de Guerra, ou seja, que dirigia os esforços de guerra do conjunto da indústria russa, e que soube, tomando o trem em marcha, preencher as lacunas devidas à incúria czarista? Depois de fevereiro ele passou a ser o camarada ministro do Comércio e da Indústria. Pela sua atividade revolucionária tinha sido perseguido sob o czarismo; e esteve três vezes preso depois da Revolução de Outubro (em 1917, 1918 e 1922), sendo a partir de 1920 professor do Instituto de Minas e consultor da Comissão de Planejamento do Estado. (Falaremos mais detalhadamente sobre ele na Parte III, capítulo 10.)

Paltchinski foi apontado como o principal réu do novo e grandioso processo. No entanto, o imprudente Krilenko, ao penetrar num domínio novo para ele, o da engenharia, não só desconhecia a resistência dos materiais, como também não tinha noção das possibilidades da resistência das almas, não obstante a ruidosa atividade de procurador que exercia há já dez anos. A escolha de Krilenko revelou-se errônea. Paltchinski suportou todos os meios de tratamento conhecidos pela OGPU, não se entregou, e morreu sem ter assinado qualquer absurdo. Juntamente com ele foram postos à prova e pelo visto tampouco se entregaram N. K. von Mekk e A. F. Velitchko. Se pereceram durante as torturas ou foram fuzilados é coisa que por enquanto não sabemos, mas eles demonstraram que *é possível* oferecer resistência, que *é possível* manter-se firme — e assim deixaram uma ardente chama de reprovação dirigida a todos os célebres acusados posteriores.

Escondendo a sua derrota, Iágoda publicou em 24 de maio de 1929 um conciso comunicado da OGPU sobre o fuzilamento dos três, pelos grandes prejuízos premeditadamente causados à

economia, e sobre a condenação de muitos outros que não eram mencionados[5].

E quanto tempo perdido para nada! Quase um ano! Quantas noites de interrogatório! Quantas fantasias dos inquiridores! E tudo em vão. Krilenko tinha que recomeçar tudo pelo princípio: buscar uma figura que se mostrasse brilhante e forte, mas que ao mesmo tempo fosse débil e completamente dúctil. Mas ele compreendia tão mal esta maldita raça de engenheiros que perdeu ainda um ano em tenteios desafortunados. A partir do verão de 1929 andou às voltas com Khrênnikov, mas este morreu sem ter aceito representar esse vil papel. Conseguiram vergar o velho Fiódotov, mas era na verdade demasiado velho, e além disso pertencia à indústria têxtil, um ramo pouco vantajoso. E perdeu-se outro ano! O país aguardava o processo universal dos sabotadores da economia, aguardava-o o Camarada Stálin, e Krilenko não conseguia levá-lo a cabo[6]. E foi só no verão de 1930 que alguém desencantou e propôs o diretor do Instituto de Técnica Térmica, Ramzin! Este foi preso, e em três meses preparou-se e encenou-se magnificamente o espetáculo, que ficou sendo uma obra-prima da nossa justiça e um modelo inatingível pela justiça mundial.

l) *o Processo do "Partido Industrial"* (25 de novembro— 7 de dezembro de 1930).

Sessão extraordinária do Supremo Tribunal. O mesmo Vichinski, o mesmo Antónov-Sarátovski e o nosso sempre favorito Krilenko.

Agora já não há "razões técnicas" que impeçam de oferecer ao leitor a transcrição estenográfica completa do processo — ela aí está[7] — ou que se oponham à presença de correspondentes estrangeiros.

Idéia de grandeza: no banco dos réus, toda a indústria do país, todos os seus ramos e órgãos de planificação. (Só o olhar do encenador distingue uma falha, por onde desapareceram a mineração e os transportes ferroviários.) A acrescentar a isso há a parcimônia na utilização dos materiais: são acusadas apenas

[5] Izvéstia, *24 de maio de 1929. (N. do A.)*
[6] *É muito possível que este seu fracasso tenha caído nas más graças do chefe e determinado a perdição simbólica do ex-procurador nessa mesma guilhotina. (N. do A.)*
[7] Processo do Partido Industrial, *Editora Legislação Soviética, Moscou, 1931. (N. do A.)*

oito pessoas (sendo levados em conta os erros cometidos no Processo das Minas).

Hão de exclamar os leitores: então oito pessoas podem representar toda a indústria? Para nós, até são muitas! Três das oito pertencem à indústria têxtil, ramo importantíssimo para a defesa nacional... Mas há, nesse caso, uma multidão de testemunhas? Sete pessoas, também sabotadoras da economia, e também presas. Pacotes de documentos denunciadores? Planos? Projetos? Diretrizes? Comunicados? Considerações? Denúncias? Notas pessoais? Nada! Isto é — *nem um papelzinho!* Como é que a GPU cometeu tal descuido: prender tanta gente e não ter conseguido arrebanhar nenhum papel? "Havia muitos", mas "foi tudo destruído." Razão: "onde guardar os arquivos?" No processo são apresentados unicamente vários artigos de jornais: da emigração e do interior. Mas como conduzir a acusação?!... Para isso lá está Nikolai Vassílievitch Krilenko. Na verdade, não é a sua primeira experiência. "A melhor prova de todas as circunstâncias é sempre o reconhecimento da culpabilidade pelos réus [8]."

Um reconhecimento autêntico, não forçado, sincero, em que o arrependimento irrompe do peito em monólogos intermináveis, e se deseja falar, falar, denunciar, estigmatizar! O velho Fiódotov (de sessenta e seis anos) é convidado a sentar-se: isso basta! Mas não, ele oferece-se para dar ainda esclarecimentos e interpretações! Em cinco sessões seguidas, nem é necessário fazer perguntas: os réus falam, falam, explicam, e depois pedem ainda a palavra para completar o que se esqueceram de dizer, expõem de forma lógica tudo o que é imprescindível para acusá-los, sem sequer serem interrogados. Ramzin, depois de extensas explicações, para maior clareza, faz breve resumo, como é costume para os estudantes medíocres. O que mais temem os réus é que algo fique por esclarecer, que alguém fique por desmascarar, que um nome fique sem ser pronunciado, que a intenção lesiva de alguém fique por elucidar. E como se descompõem a si próprios! — "Eu sou um inimigo de classe", "Eu sou um corrompido", "A nossa ideologia burguesa..." O procurador: "Esse foi o seu erro?" Tcharnóvski: "É o meu delito!" Krilenko simplesmente nada tem que fazer, há cinco audiências que toma chá com bolachas ou o que quer que lhe vão servir.

Como é que os réus conseguem resistir a uma tal descarga emocional? Não havia fita gravada, mas eis a descrição do de-

8 Processo do Partido Industrial, *página 453. (N. do A.)*

fensor Otsep: "As palavras dos réus fluíam diligentemente, com frieza e tranqüilidade profissional". Essa agora! Tanta paixão na confissão? E diligência? E frieza? Isso é pouco: pelo visto, o seu texto arrependido e fluente, eles murmuram-no com tanta frouxidão que, freqüentemente, Vichinski lhes pede para falar mais alto, mais claro, pois nada se ouve.

A defesa não altera no mínimo que seja a harmonia do processo: ela está de acordo com todas as suposições do procurador, chama *histórico* ao seu discurso de acusação, os seus próprios argumentos são estreitos e formulados contra a vontade, pois "o defensor soviético é, antes de tudo, um cidadão soviético" e "em uníssono com todo o povo trabalhador experimenta um sentimento de indignação pelos crimes dos seus clientes[9]". No interrogatório da audiência a defesa faz perguntas tímidas e simples e desiste imediatamente, logo que Vichinski a interrompe. Os advogados apenas defendem dois inofensivos acusados da indústria têxtil, e não contestam a natureza dos seus crimes nem a qualificação das suas ações, discutindo somente se não poderá o seu cliente escapar ao fuzilamento. "O que será mais útil, camaradas juízes, o seu cadáver ou o seu trabalho?"

E quais eram os crimes hediondos desses engenheiros burgueses? Ei-los. Planejavam a diminuição do ritmo de desenvolvimento (por exemplo, o crescimento anual da produção ficaria reduzido apenas a 20-22%, quando os trabalhadores estavam dispostos a dar 40 e 50%). Retardavam os ritmos de extração de combustível local. Não desenvolviam o Kuzbass com suficiente rapidez. Utilizavam as discussões econômicas teóricas (devia-se abastecer Donbass com a central elétrica do Dniepr, construir a superauto-estrada Moscou—Donbass?) para retardar a solução de importantes problemas. (Enquanto os engenheiros discutem, as coisas estão paralisadas!) Retinham o exame dos projetos de engenharia (não os aprovavam instantaneamente). Nos cursos sobre a *resistência de materiais* aplicavam uma *linha anti-soviética*. Instalavam máquinas antiquadas. Congelavam capitais (dispendiam-nos em construções prolongadas e custosas). Realizavam reparações desnecessárias(!). Aproveitavam mal o metal (sortimento incompleto de ferro). Criavam desproporções entre as oficinas, as matérias-primas e as possibilidades de elaboração (e isso manifestava-se especialmente no ramo têxtil, onde se construiu uma ou

9 Processo do Partido Industrial, *página 488. (N. do A.)*

duas fábricas a mais para o algodão colhido). Depois, deram-se saltos de planos minimalistas a maximalistas. E começou uma clara e premeditada atividade nociva, com o desenvolvimento *acelerado* dessa mesma infeliz indústria têxtil. E o pior é que projetavam (mas sem uma só vez as realizarem em nenhum lugar) ações sabotadoras nas instalações energéticas. Desse modo, o prejuízo não aparecia sob a forma de destruição ou de deterioramento: tratava-se de um plano operacional que devia conduzir à crise geral e até à paralisação da economia no ano de 1930! Mas não conduziu a isso, graças ao elevado número de contraplanos de financiamento e produção propostos pelas massas (quantidades duplas!).

— Ora, ora... — diz com ceticismo o nosso leitor.

Como? Para o senhor isso é pouco? Mas se, no decurso do julgamento, repetimos cada ponto e o mastigamos cinco, oito vezes, pode ser que não resulte assim tão pouco.

— Ora, ora — insiste na sua o leitor dos anos 60. — Não poderia ocorrer tudo isso, precisamente, por causa dos contraplanos financeiros para a indústria? Haverá uma desproporção se, em qualquer reunião sindical, sem se consultar a Comissão de Planejamento do Estado, se pode duplicar à vontade as percentagens.

Ah! Como é amargo o pão do procurador! Decidiu-se que tudo seria publicado palavra por palavra! Isso significa que todos os engenheiros o lerão. Uma vez aberto o vinho, é necessário bebê-lo! E Krilenko lança-se audazmente a discutir e a fazer perguntas sobre os pormenores de engenharia! E as folhas soltas e intercaladas dos grandes jornais enchem-se de caracteres minúsculos, com sutilezas técnicas. O cálculo é que o leitor se sinta aturdido, não lhe chegando as noites nem os dias de folga para ler tudo, fixando-se apenas nos estribilhos colocados de vez em quando em alguns parágrafos: sabotadores! sabotadores! sabotadores!

Mas se, de todas as formas, ele se decide a ler? Linha após linha?

Verá então, através das fastidiosas autodelações, elaboradas sem nenhuma inteligência nem habilidade, que a jibóia da Lubianka se tinha incumbido de uma questão, de um trabalho que não era da sua esfera. Que do grosseiro nó levantam vôo sem dificuldade as asas poderosas do pensamento do século XX. Os presos aí estão, capturados, submissos, esmagados, mas o

pensamento, esse, evola-se e mesmo as assustadas e fatigadas línguas dos réus conseguem nomear e dizer-nos tudo.

Eis em que ambiente eles trabalhavam. Kalínnikov: "Entre nós tinha-se criado um clima de desconfiança técnica". Larítchev: "Quer quiséssemos quer não, esses quarenta e dois milhões de toneladas de nafta, tínhamos que extraí-los (isto é, de cima assim o tinham ordenado) . . . ora, de todos os modos, quarenta e dois milhões de toneladas de nafta são impossíveis de extrair, em quaisquer condições que seja[10]".

Entre estas duas impossibilidades se comprimia todo o trabalho dessa desgraçada geração de engenheiros. O Instituto de Técnica Térmica orgulha-se dos resultados da sua principal investigação: elevou bruscamente o coeficiente de utilização do combustível; a partir daí, no futuro plano apresentam-se menos exigências quanto à extração de combustível — *isso significa que houve sabotagem,* diminuindo o nível de produção do combustível! No plano dos transportes propuseram o reequipamento de todos os vagões de tração automática — isso significa uma vez mais que sabotavam, que congelavam o capital! (Na verdade, a tração automática só pode introduzir-se e amortizar-se a longo prazo e nós temos necessidade dela já, para amanhã!) A fim de aproveitar melhor as linhas férreas de bitola estreita, tinham decidido aumentar o gabarito das locomotivas e dos vagões. Não será isto uma modernização? *Não,* mera *sabotagem!* Com efeito, vai ser necessário gastar dinheiro no reforço da parte superior das pontes e das vias! Após uma profunda reflexão econômica sobre o fato de que na América o capital é barato e a mão-de-obra cara, enquanto entre nós sucede o contrário, razão por que não devemos copiar o que se faz lá como macacos, Fiódotov chegou à conclusão seguinte: não é vantajoso comprar agora ceifadoras-debulhadoras americanas, que são mais caras; nos próximos dez anos ficará mais barato comprar as inglesas, embora menos aperfeiçoadas, recorrendo a um maior número de trabalhadores. Dentro de um decênio, de todas as maneiras, será inevitável mudá-las, quaisquer que sejam as que tenhamos, e então comprá-las-emos mais caras. Aí reside a *sabotagem!* Sob a aparência de economia, o que o réu não quer é que na indústria soviética haja as máquinas

---

[10] Processo do Partido Industrial, *página 325. (N. do A.)*

mais avançadas! E quando se lançaram a construir novas fábricas de concreto armado, em lugar de simples cimento, que ficaria mais barato, com a explicação de que num prazo de cem anos isso se justificava — lá estava ela ainda, a *sabotagem!* Congelamento de capitais! Absorção de armações que escasseiam! (Guardá-las-ão, por acaso, para os dentes?)

Do banco dos réus, Fiódotov concorda de boa vontade: "É óbvio que se se puserem a contar cada copeque, então podem chamar a isso de sabotagem. Os ingleses dizem: eu não sou suficientemente rico para poder comprar coisas baratas..."

E ele tenta explicar docemente ao teimoso procurador:

— Qualquer que seja o ponto de vista teórico, fornecem-se normas que, no fim de contas, são suscetíveis de ser consideradas prejudiciais [11].

Bem, como poderá explicar-se mais claramente o aterrorizado réu?... O que para nós é teoria para vocês é sabotagem! Pois o que vocês querem é apanhar as coisas hoje, sem pensar em nada no amanhã...

O velho Fiódotov tenta explicar onde vão perder-se centenas de milhares e milhões de rublos, devido ao frenesi selvagem do plano qüinqüenal: o algodão não é selecionado no lugar da colheita, para que seja enviada a cada fábrica uma determinada qualidade correspondente à sua designação, sendo tudo expedido desordenadamente, misturado. Mas o procurador não escuta! Com a obstinação de uma pedra, ele volta ao assunto dez vezes durante o processo, insiste, insiste e insiste sobre uma questão mais espetacular, retornando aos dados do problema: por que é que passaram a construir "fábricas-palácios", com tetos altos, amplos corredores e demasiado boa ventilação? Acaso não se trata de uma atividade prejudicial? Não é isso imobilização irreversível de capital? Os sabotadores burgueses explicam-lhe que o Comissariado do Povo do Trabalho queria, no país do proletariado, construir para os operários edifícios amplos e arejados (portanto, no Comissariado do Povo do Trabalho também há sabotadores, tomem nota!), que os médicos exigiam um pé-direito de nove metros de altura, tendo-o Fiódotov baixado para seis — e por que não para cinco? Eis a sabotagem! (Mas se o tivesse baixado para quatro e

---

11 Processo do Partido Industrial, *página 365. (N. do A.)*

meio seria do mesmo modo uma insolente sabotagem: recriar para os livres operários soviéticos as horríveis condições das fábricas capitalistas.) Procura explicar a Krilenko que, relativamente ao custo global de toda a fábrica com as suas instalações, isso não afeta mais do que três por cento do custo; mas não, ele insiste ainda outra vez, outra vez e outra vez sobre essa questão da altura do teto! E como se atreveram a montar tão potentes ventiladores? Era em previsão dos dias mais quentes do verão... E por que para os dias mais quentes? Nos dias mais quentes que os operários tomem um belo banho de vapor!

No meio de tudo isso: "As desproporções eram preconcebidas... Uma torpe organização tinha arquitetado as coisas bem antes do 'Centro dos Engenheiros'" (Tcharnóvski)[12]. "Não é necessário nenhuma ação de sabotagem... Basta levar a cabo as ações previstas e tudo se consumará por si mesmo" (o mesmo)[13]. Ele não pode exprimir-se mais claramente! Isso passa-se depois de vários meses de Lubianka e no banco dos réus. Bastam as ações *previstas* (isto é, ordenadas *de cima* pelos chefes torpes que dirigem) e o plano, por impossível, desmoronar-se-á por si próprio. Lá está ela, a sabotagem: "Nós *tínhamos a possibilidade* de produzir, digamos, mil toneladas, mas devíamos (em virtude desse estúpido plano) produzir três mil, e não tínhamos adotado as medidas necessárias para essa produção".

Para uma transcrição estenográfica oficial daqueles anos, revista e depurada, concordem que não é pouco.

Krilenko abusa muitas vezes dos seus artistas até os levar a uma entoação fatigada, pelo absurdo de os obrigar a moer e a remoer, quando já sentem vergonha pelo dramaturgo, mas têm de continuar a desempenhar o seu papel, por um pedaço de vida.

Krilenko: — Está de acordo?

Fiódotov: — Estou de acordo... embora, no fundo, não pense...[14]

Krilenko: — Confirma-o?

Fiódotov: — Falando com propriedade... em certas passagens... parece que em geral... sim[15].

Para os engenheiros (aqueles que ainda estão em liberdade,

---

[12] Processo do Partido Industrial, *página 204. (N. do A.)*
[13] *Idem, página 202. (N. do A.)*
[14] *Idem, página 425. (N. do A.)*
[15] *Idem, página 356. (N. do A.)*

que ainda não foram presos, que têm de trabalhar animosamente depois de um processo que denigra toda a classe) não existe saída. Tudo é mau. É mau o *sim* e é mau o *não*. É mau avançar e é mau recuar. Se se apressaram, a pressa teve por fim sabotar, se não se apressaram, houve uma ruptura do ritmo, com o fim também de sabotar. Se desenvolveram um ramo da indústria com prudência, houve um atraso premeditado e nocivo; se se subordinaram aos caprichos da fantasia de avançar, a desproporção foi também prejudicial. Reparações, melhoramentos, equipamentos de base: tudo era imobilização de capitais. O trabalho até ao desgaste do material tornava-se uma ação diversionista! (Acrescente-se que tudo isto os investigadores o conhecerão através dos réus por meio da privação do sono e do calabouço e os senhores mesmos poderão fornecer-me fatos convincentes de que poderão ter praticado atos de sabotagem.)

— Dê-me um exemplo claro! Dê-me um exemplo claro do seu trabalho de sapa — estimula o impaciente Krilenko.

(Dar-lhe-ão, dar-lhe-ão exemplos claros! Haverá alguém que acabará por escrever a *história da técnica* naqueles anos! Ele citará todos os exemplos, bons ou maus. Ele poderá avaliar todas as convulsões históricas desse plano qüinqüenal, a realizar-se em quatro anos. Saberemos então quanta riqueza e quantas energias populares foram desperdiçadas em vão. Saberemos como os melhores projetos foram condenados e realizados os piores, segundo os piores métodos. Mas quando são os guardas vermelhos* que dirigem os engenheiros das explorações de diamantes, que bem pode sair disso? Os diletantes e entusiastas faziam ainda mais desgastes do que os chefes torpes.)

Sim, não é preciso entrar em pormenores. Quanto mais pormenores se dão, menos as patifarias arrastam ao fuzilamento.

Mas, esperem, ainda não é tudo! Os crimes mais importantes ainda estão por vir! Ei-los, ei-los, acessíveis e compreensíveis mesmo a um analfabeto! O Partido Industrial: 1) preparava uma intervenção estrangeira; 2) recebia dinheiro dos imperialistas; 3) exercia espionagem; 4) tinha distribuído as pastas do futuro governo.

Aí está! E todas as bocas se fecharam. E todos os objetores franziram as sobrancelhas. E só se ouvia o tumulto das manifestações e um brado além da janela: *"À morte! À morte! À morte!"*

---

* *O autor utiliza no texto um termo chinês para significar "guardas vermelhos". (N. do T.)*

Mas não é possível dar mais pormenores? E para que mais pormenores?... Enfim, está bem, só que será ainda mais terrível. Todos eram dirigidos pelo quartel-general francês. A França (não é?) não tinha mais com que se preocupar, nem dificuldades, nem lutas de partidos. Bastava apitar e todas as divisões se poriam em marcha para a intervenção! Primeiro, tinham-na marcado para 1928. Mas não chegaram a pôr-se de acordo, houve falta de coordenação. Bom, transferiram-na para 1930. De novo não se chegou a acordo. Fica então para 1931. Propriamente falando, as coisas passar-se-iam assim: a França não combateria ela mesma, reservando para si (como preço da organização geral) uma parte da margem direita da Ucrânia*. A Inglaterra ainda muito menos combateria, mas como medida de atemorização promete enviar uma esquadra para o mar Negro e para o Báltico (por isso se lhe daria o petróleo do Cáucaso). Os principais combatentes seriam, pois, cem mil emigrantes (eles há muito que debandaram e se separaram, mas bastava uma apitadela para imediatamente se reunirem). Depois, havia a Polônia (a ela davam-lhe metade da Ucrânia). A Romênia (são conhecidos os seus brilhantes êxitos na Primeira Guerra Mundial, sendo um inimigo terrível). A Letônia! E a Estônia! (Estes dois pequenos países abandonariam gostosamente as preocupações dos seus jovens regimes e todos em massa se lançariam às conquistas.) Mas o mais terrível de tudo é a direção do golpe principal. Como, ela é já conhecida? Sim! Partirá da Bessarábia e, mais adiante, *apoiando-se* na margem direita do Dniepr, avançará *diretamente* sobre Moscou[16]! E, nesse momento fatal, em todas as vias férreas... Haverá explosões? Não, *provocar-se-ão engarrafamentos!* Nas centrais elétricas o Partido Industrial provocará também curto-circuitos, deixando a União Soviética mergulhada nas trevas, e todas as máquinas ficarão paralisadas, entre elas as têxteis! Serão desencadeados atos diversionistas. (Atenção, acusados, até à sessão a portas fechadas não devem dizer quais seriam os atos de diversionismo! Nem mencionar as fábricas! Nem indicar quais os pontos geográficos! Nem mencionar nomes, quer sejam de estrangeiros, quer dos nossos!) Acrescentem a isto o golpe mortal que será dado, entretanto, à indústria têxtil!

** Por "margem direita da Ucrânia" entende-se a parte situada a oeste do Dniepr. (N. do T.)*

16 Essa flecha, quem é que a desenhou para Krilenko no maço de cigarros? Não seria aquele que meditou toda a nossa defesa para o ano de 1941?... (N. do A.)

Paralelamente, duas outras fábricas têxteis serão construídas na Bielo-Rússia, para servir de *base de apoio aos intervencionistas*[17]*!* Dominando as fábricas têxteis, estas arremeterão inexoravelmente sobre Moscou! Mas eis o *complô* mais pérfido: eles queriam (não tiveram tempo) drenar a corrente do Kuban, os pântanos de Poliessié e o pântano próximo do lago Ilmen (Vichinski proíbe que se mencionem os lugares exatos, mas uma das testemunhas bateu com a língua nos dentes), abrindo-se então aos intervencionistas os caminhos mais curtos, de modo a alcançar Moscou sem molhar os pés nem os cascos dos cavalos. (Por que é que aos tártaros isso tinha sido tão difícil? Por que é que Napoleão foi incapaz de atingir Moscou? Evidentemente, devido aos pântanos de Poliessié e do Ilmen. Mas uma vez secos ficará a descoberto a cidade das pedras brancas!) Acrescente-se ainda que sob a aparência de serrarias se construíram (não se pode mencionar o lugar, é segredo!) hangares para que os aviões dos intervencionistas não ficassem na chuva. Também construíram (proibido dizer onde) *dependências para os intervencionistas!* (Onde se teriam alojado todos os ocupantes sem domicílio das guerras anteriores?. . .) As instruções para tudo isso recebiam-nas os réus de misteriosos indivíduos estrangeiros, K. e R. (não mencionar em nenhum caso os nomes e, enfim, abster-se de indicar a sua nacionalidade[18]!). Ultimamente tinha-se até começado a "preparar ações de traição por parte de certas unidades do Exército Vermelho" (não nomear a arma! não nomear as unidades! não citar os nomes!). É certo que nada disso realizaram, mas tinham a intenção de agrupar (embora tampouco o fizessem), numa instituição central do Exército, uma célula de financiadores, constituída por antigos oficiais do Exército Branco. (Ah! o Exército Branco? Tomem nota, ordem de prisão!) Células de estudantes de espírito anti-soviético. . . (Estudantes? Tomem nota, ordem de prisão!)

(No entanto, nem tudo o que verga quebra. Que os trabalhadores não esmoreçam, pensando que tudo agora está perdido, que o poder soviético se descuidou. Por outro lado, esclareceu-se: *o projeto era vasto, mas quase nada fizeram! Nem uma só indústria essencial tinha sofrido perdas!)*

De qualquer forma, por que é que não teve lugar a intervenção? Por causas diversas e complexas. Ora não fora eleito

---

17 Processo do Partido Industrial, *página 356. Não era pilhéria. (N. do A.)*
18 *Idem, página 409. (N. do A.)*

Poincaré em França, ora nossos industriais emigrados consideraram que as suas antigas empresas ainda não tinham sido suficientemente reconstruídas pelos bolcheviques — deixem que os bolcheviques trabalhem ainda um pouco! E depois não havia maneira de pôr de acordo a Polônia e a Romênia.

Bem, não tinha havido intervenção, mas tinha havido um Partido Industrial! Ouvem o tumulto da multidão? Ouvem o descontentamento das massas trabalhadoras: *"Â morte! Â morte! Â morte!"?* Vejam como desfilam "aqueles que em caso de guerra terão que expiar, com as suas vidas, as suas privações e os seus sofrimentos, o trabalho dessas personagens" [19].

(E parece que adivinhou: foi precisamente com as suas vidas, as suas privações e os seus sofrimentos que no ano de 1941 essas crédulas massas de manifestantes expiaram o trabalho *dessas personagens!* Mas para onde aponta o seu dedo, procurador? Quem aponta com o seu dedo?)

Na realidade, por que um *"partido* industrial"? Por que um partido e não um centro de técnicos e de engenheiros? Tínhamonos acostumado a falar em *centros!*

Havia também um centro, sim. Mas tinham decidido convertê-lo em partido. Era algo de mais sólido. Assim seria mais fácil lutar pelas pastas no futuro governo. Isso "mobilizaria as massas de técnicos e de engenheiros para a luta pelo poder". E contra quem lutar? Ora, contra os outros partidos! Em primeiro lugar, contra o Partido Camponês do Trabalho, pois este tinha já duzentos mil homens! Em segundo lugar, contra o Partido Menchevique! Mas então o *centro?* Aí está: os três partidos juntos deviam constituir um Centro Unificado. Mas a GPU desmantelou-o. E ainda bem que fomos desmantelados! (Os réus estão todos satisfeitos.)

(É lisonjeiro para Stálin esmagar ainda três partidos! Três "centros" teriam acrescentado muito à sua glória!)

Já que existe um partido, há pois um comitê central: sim, o Comitê Central deles! É verdade que não houve nunca uma conferência, que nem uma só vez se realizaram eleições. Quem quis, entrou: umas cinco pessoas. Todos os membros se tratavam com deferência. E o lugar de presidente, todos o cediam reciprocamente. Tampouco se efetuaram sessões, quer do Comitê Central (ninguém se lembra delas, mas Ramzin recorda-se bem, e haverá de mencioná-las), quer dos grupos ramificados.

---

19 Processo do Partido Industrial, *do discurso de Krilenko, página 437. (N. do A.)*

Era tudo até um tanto quanto despovoado... Tcharnóvski: "*Não houve* uma organização formalmente constituída do Partido Industrial". E quantos membros tinha? Larítchev: "O cálculo dos membros é difícil, o total exato é desconhecido". E como realizavam as suas ações de sabotagem? Como transmitiam as suas diretrizes? Pois bem, à medida que se encontravam nas administrações transmitiam-nas verbalmente. Depois cada um fazia a sabotagem conforme entendia. (Ramzin, quanto a ele, cita com segurança dois mil membros. Onde houver dois, prendem cinco. Ora, em toda a URSS, segundo os dados do tribunal, há de trinta a quarenta mil engenheiros. Isso significa que de cada sete deterão um e os seis restantes ficarão assustados.) — E os contatos com o Partido Camponês do Trabalho? Encontravam-se na Comissão de Planejamento do Estado ou no Conselho Supremo da Economia e "planificavam ações sistemáticas contra os comunistas dos campos..."

Onde já vimos isto? Ah! Sim! Na *Aida*. Radamés recebe uma despedida quando parte em campanha, ao som das fanfarras, erguendo-se oito combatentes em pé de guerra, com capacetes e lanças, enquanto dois mil estão desenhados num painel de fundo.

O mesmo se passava com o Partido Industrial.

Mas não importa, isso serve, pode representar-se! (Agora mal se pode acreditar como tudo tomava então aquele aspecto ameaçador e sério.) É algo que se aprende de memória, à força de repetições, cada episódio é retomado várias vezes. E assim se multiplicam as apavorantes visões. Para romper a monotonia, de repente os réus "esquecem-se" de insignificâncias, "tentam esquivar-se", e imediatamente "são encostados à parede com depoimentos cruzados" e as coisas resultam animadas, como no Teatro de Arte de Moscou.

Todavia, Krilenko exagerou. Teve a idéia de destacar um novo aspecto do Partido Industrial: de mostrar a sua base social. Aqui, estava-se já no terreno da luta de classes, a análise não o deixaria ficar mal, e Krilenko afastou-se do "sistema" de Stanislávski*, não distribuiu os papéis, deixando os atores improvisar: que cada um relatasse a sua vida e qual a sua atitude desde a Revolução, mostrando como chegou até a sabotagem.

---

* *O "sistema" que tornou célebre Stanislávski, fundador e diretor do Teatro de Arte de Moscou, baseia-se, entre outros recursos, em extensas séries de repetições. (N. do T.)*

Este adendo irrefletido de um quadro humano estragou, dum momento para o outro, todos os cinco atos.

A primeira coisa que ficamos sabendo, surpreendentemente, é que estes tubarões da intelectualidade burguesa são todos os oito originários de famílias pobres. Um filho de camponês, um filho de um escriturário com muitos filhos, um filho de um artesão, um filho de um professor primário, um filho de um ferro-velho... Todos os oito tinham estudado com pouco dinheiro, trabalhando eles mesmos para custear os seus estudos. E a partir de que idade? A partir dos doze, treze, catorze anos! Um dando lições, outro trabalhando numa locomotiva... E eis o mais monstruoso: ninguém tinha conseguido barrar-lhes o caminho para a instrução! Todos tinham terminado normalmente o ensino secundário e depois as escolas técnicas superiores, passando a ser professores conhecidos. (Como é isso possível? A nós tinham-nos dito que nos tempos do czarismo... só os filhos dos grandes fazendeiros e dos capitalistas... Os anuários poderão mentir?...)

Enquanto *agora,* no tempo soviético, os engenheiros conheciam inúmeras dificuldades: quase lhes era impossível dar instrução superior aos seus filhos (lembremo-nos de que eram filhos de intelectuais, isto é, da última qualidade). O tribunal não discute. E Krilenko também não. (Os próprios acusados se apressam a concordar em que, naturalmente, no quadro geral das vitórias comuns, isso não era importante.)

Começamos, pouco a pouco, a poder distinguir também os réus (até aí tinham falado de forma deveras parecida). A diferença de idade que os separa é uma característica a considerar. Alguns têm perto de sessenta anos ou mais: as explicações destes suscitam simpatia. Mas Ramzin e Larítchev, de quarenta e três anos de idade, e Ótchkin, de trinta e nove (o mesmo que em 1921 denunciou a Administração Central de Combustíveis), são vivos e impudentes. Todas as principais provas contra o Partido Industrial e contra a intervenção emanam deles. Ramzin tinha-se mostrado de tal forma (quando dos seus precoces e desmedidos êxitos) que nos meios da engenharia ninguém lhe apertava a mão! Mas ele agüentou! E, no julgamento, percebe as alusões de Krilenko por meias palavras e dá-lhe formulações precisas. Todas as acusações se baseiam na memória de Ramzin. São tais o seu autodomínio e a sua persistência que, efetivamente, ele poderia (por instruções da GPU, compreende-se) levar a cabo conversações em Paris sobre a intervenção. O caminho de Ótchkin também tinha conhecido sucessos: aos vinte e nove anos já "tinha

gozado da ilimitada confiança do Conselho do Trabalho e da Defesa e do Conselho de Comissários do Povo.

O mesmo não se pode dizer do Professor Tcharnóvski, de sessenta e dois anos de idade: estudantes anônimos tinham-no injuriado num jornal mural; depois de vinte e três anos de ensino, convidaram-no a comparecer a uma reunião estudantil "para prestar contas do seu trabalho" (não compareceu).

O Professor Kalínnikov, em 1921, encabeçou uma luta aberta contra o poder soviético! Mais precisamente, uma greve de professores! O caso era que a Escola Técnica Superior de Moscou, ainda nos anos da reação de Stolípin, tinha conquistado para si a autonomia acadêmica (a escolha do corpo docente, a eleição do reitor, etc.). Ora, em 1921 os professores da Escola Técnica Superior de Moscou reelegeram Kalínnikov como reitor, por um novo período, mas isso não agradou ao Comissariado do Povo, que nomeou o seu. Entretanto, os professores puseram-se em greve, apoiados pelos estudantes (ainda não havia verdadeiros estudantes proletários), e durante todo um ano Kalínnikov foi reitor contra a vontade do poder soviético. (Só em 1922 se acabou por torcer o pescoço à sua autonomia, o que não se passou por certo sem detenções.)

Fiódotov tinha sessenta e seis anos. Pela sua antiguidade de trabalho como engenheiro de fábricas era onze anos mais velho do que o Partido Operário Social-Democrata Russo. Tinha prestado serviço em todas as fábricas de tecidos e de fiação da Rússia (que odiosas eram estas pessoas, e como desejavam ver-se livres quanto antes delas!). Em 1905, demitiu-se do lugar de diretor da fábrica de Morózov, prescindindo de um elevado salário e preferindo incorporar-se nos "funerais vermelhos", atrás do féretro dos operários mortos pelos cossacos. Agora é um homem doente, enxerga mal, de noite não pode sair de casa, nem sequer ir ao teatro.

E eram eles que preparavam a intervenção? A ruína econômica?

Tcharnóvski, durante anos consecutivos, não teve uma noite livre, tão ocupado andava com o ensino e com o lançamento das novas ciências (organização da produção, princípios científicos da racionalização do trabalho). A minha memória de infância guarda essa lembrança dos engenheiros-professores daqueles anos. Eram exatamente assim: não os deixavam tranqüilos nem durante a noite os estudantes que preparavam o seu diploma, que elaboravam projetos, que redigiam teses. Regressavam ao seio da família só lá pelas onze. É que eram apenas trinta mil

em todo o país, na época do início do plano qüinqüenal, e tornavam-se tão necessários!

E seriam eles que organizavam a crise? Que faziam espionagem por uma esmola?

Ramzin disse uma frase honrada no tribunal: "O caminho da sabotagem econômica é estranho à *estrutura interna* do corpo de engenheiros".

Durante todo o julgamento, Krilenko obriga os réus a vergar a espinha e a desculpar-se por serem "meio analfabetos", ou mesmo "completamente analfabetos" em política. Na verdade, a política é muito mais complicada e elevada do que o conhecimento dos metais para produção de turbinas! Aqui não são a cabeça nem a instrução que contam. Respondam: com que estado de ânimo acolheram a Revolução de Outubro? Com ceticismo. *Isto é,* com hostilidade? Por quê? Por quê? Por quê?

Krilenko metralha-os com as suas perguntas teóricas e eis que, através de simples lapsos humanos, à margem do papel previsto, se nos abre o núcleo da verdade, aquilo que *se passou na realidade,* e a partir do qual se fez inchar toda a borbulha.

A primeira coisa que os engenheiros constataram na reviravolta de outubro foi a desorganização. (E durante três anos o que houve, efetivamente, foi só desorganização.) Todos constataram, além disso, a privação das liberdades mais elementares. (E estas liberdades não voltaram jamais.) Como podiam eles *não querer* uma República democrática? Como podiam os *engenheiros* aceitar a *ditadura dos operários,* dos seus auxiliares na indústria, pouco qualificados, que não compreendiam as leis da produção, nem física nem economicamente, mas que tinham ocupado os postos de comando mais importantes e se puseram a dirigir os *engenheiros?* Por que é que os engenheiros não deviam considerar como mais natural uma estrutura social em que as decisões são tomadas por aqueles que podem dirigir sensatamente a sua atividade? (Se se põe entre parênteses a orientação ética da sociedade — acaso não é para isto que hoje tende toda a cibernética social? —, os políticos profissionais não representam um abcesso no pescoço da sociedade, que a impede de fazer girar livremente a cabeça e de mexer os braços?) E por que é que os engenheiros não podem ter pontos de vista políticos? Na verdade, a política não é uma espécie de ciência, mas sim uma esfera empírica, não descrita por nenhum aparelho matemático e submetida ainda ao egoísmo humano e às paixões cegas. (No tribunal Tcharnóvski foi ao ponto de dizer: "A polí-

tica, até certo grau, deve dirigir-se segundo os princípios da técnica".)

A pressão selvagem do comunismo de guerra podia causar apenas desgosto aos engenheiros. Um engenheiro não pode participar em disparates — e isso explica que até 1920 a maioria deles se mantiveram inativos, apesar de uma miséria digna da idade das cavernas. Quando se iniciou a Nova Política Econômica, logo os engenheiros gostosamente se lançaram ao trabalho: eles encararam a NEP como um sintoma de que o poder passava a tomar uma atitude razoável. Mas as condições já não eram as mesmas: os engenheiros não só eram vistos como uma camada socialmente suspeita, que não tinha sequer o direito de instruir os seus filhos, não só eram pagos com um salário incomensuravelmente mais baixo do que a sua contribuição para a produção, como também se exigia deles que assegurassem o sucesso da produção e a disciplina da mesma, privando-os ao mesmo tempo do direito de manter essa disciplina. Agora, qualquer operário pode não apenas deixar de cumprir as decisões do engenheiro como também ofendê-lo e até espancá-lo impunemente: enquanto representante da classe operária dirigente, ele terá, de qualquer modo, *sempre razão*.

Krilenko objeta: — Lembra-se do processo de Oldenborguer? (Ou seja, de como nós o defendíamos?)

Fiódotov: — Sim. Para chamar a atenção sobre a situação dos engenheiros foi preciso que ele desse a vida.

Krilenko (decepcionado): — Bem, a pergunta não era essa.

Fiódotov: — Morreu e *não foi o único a morrer. Se ele morreu voluntariamente, muitos outros foram mortos*[20].

Krilenko cala-se. Isso significa que é verdade. (Folheiem uma vez mais o processo de Oldenborguer e tentem imaginar essa perseguição. No fim de contas, "muitos outros foram mortos".)

Assim, o engenheiro era o culpado de tudo, antes mesmo de ter cometido qualquer falta! Mas se realmente se enganasse nalguma coisa, o que é humano, então esquartejavam-no, se os colegas não o protegessem. Acaso *eles* apreciam a sinceridade?... Não será por isso que, por vezes, os engenheiros se vêem obrigados a mentir perante a direção do Partido?

Para restabelecer a autoridade e o prestígio da engenharia, eles necessitavam realmente de unir-se e de ajudar-se mutuamente: com efeito, todos estão sujeitos à mesma ameaça. Mas para tal união não era preciso nenhuma conferência, nenhuma

---

20 Processo do Partido Industrial, *página 228. (N. do A.)*

cotização. Como sempre que se trata de uma compreensão entre pessoas inteligentes, que pensam claramente, isso se consegue com poucas palavras, calmas e mesmo pronunciadas casualmente, sem ser imprescindível votação alguma. Das resoluções e do bordão do Partido unicamente sentem falta as mentes limitadas. (É isto que não querem compreender nem Stálin nem os juízes, nem toda a sua companhia! Eles não têm uma experiência dessas relações recíprocas entre os homens, nada viram nunca de *tal* na história do Partido!) Uma *tal* unidade há muito tempo que já existe entre os engenheiros russos, neste grande país analfabeto de déspotas, unidade vivida década após década. Ela foi notada pelo novo poder e este alarmou-se.

E chega o ano de 1927. Para onde se evaporou a bela sensatez da Nova Política Econômica! Verificou-se que a NEP não tinha sido senão um engano cínico. Elaboraram-se projetos desatinados e irreais de um salto superindustrial, anunciaram-se planos e tarefas impossíveis. Nestas condições, como deve proceder a razão coletiva da engenharia — a cabeça da engenharia da Comissão de Planejamento do Estado e do Conselho Supremo da Economia? Submeter-se à demência? Pôr-se de lado? Quanto a si mesmos, pouco lhes importava: no papel podem escrever-se quaisquer cifras, mas "os nossos camaradas, os que trabalham na prática, não poderão, de maneira alguma, cumprir essas tarefas". Isso significa que é preciso moderar esses planos, regulá-los sensatamente e eliminar pura e simplesmente as tarefas mais excessivas. Os engenheiros podiam ter uma espécie de Plano do Estado próprio, para corrigir as besteiras dos dirigentes — e o mais ridículo é que isso está no interesse *destes!* Assim como no interesse de toda a indústria e do povo, pois sempre se conseguirá afastar algumas decisões ruinosas e recuperar os milhões e milhões derramados e espalhados. Na confusão geral, em que contam apenas a *quantidade,* o plano e o superplano, há que defender a *"qualidade* — alma da técnica". E formar assim os estudantes.

Eis o fino e delicado tecido da verdade. *Como ela foi.*

Mas que se experimentasse dizer isto em voz alta, no ano de 1930! Era logo o fuzilamento!

E para furor da multidão isso era pouco, não era visível.

E por isso o complô silencioso da engenharia, salvador para todo o país, era necessário pintalgá-lo sob as cores grosseiras da sabotagem e da intervenção.

Assim, enxertada neste quadro, aparecia-nos irreal e infecunda a visão da verdade. Lá se estragou o trabalho do encena-

dor. Fiódotov tinha já falado das noites sem sono(!) no decurso de oito meses de detenção; de certo funcionário da GPU, que *lhe apertara a mão*(?) havia pouco tempo (seria uma espécie de acordo: desempenhe bem o seu papel e a GPU cumprirá a sua promessa?). Agora são já as testemunhas, ainda que representando um papel incomensuravelmente menor, que começam a contorcer-se.

Krilenko: — Você fez parte desse grupo?

Testemunha Kirpotenko: — Duas ou três vezes, quando se tratava dos problemas da intervenção.

Precisamente o que era necessário!

Krilenko (alentadoramente): — Continue!

Kirpotenko (pausa): — *Além disso, nada mais sei.*

Krilenko incita-o, tenta fazê-lo recordar.

Kirpotenko (torpemente): — *Além da intervenção, de nada mais tenho conhecimento*[21].

Na sua acareação com Kupriánov, os fatos já não coincidem. Krilenko zanga-se e grita para os estúpidos presos:

— *Têm que fazer com que as suas respostas sejam iguais*[22]*!*

Mas, no recesso, atrás dos bastidores, tudo é de novo ajustado por medida. Os réus estão todos de novo ligados aos fios e cada um aguarda o puxão. Krilenko puxa de repente os oito duma só vez: imaginem que os industriais emigrados publicaram um artigo afirmando que não tiveram nenhuma conversação com Ramzin e Larítchev, nem os conhecem de nenhum "Partido Industrial", e que os depoimentos dos acusados devem provavelmente ter-lhes sido extorquidos à força de torturas. Então, que dizem vocês a isto?...

Meu Deus! Como os réus manifestam indignação! Alternando a ordem normal do processo, eles pedem que quanto antes os deixem exprimir-se! Onde se desvaneceu aquela tranqüilidade torturada com a qual, durante vários dias, se rebaixaram a si mesmos e aos seus colegas? Fervem simplesmente de indignação contra os emigrados. Ardem no desejo de fazer uma declaração escrita para os jornais: uma declaração coletiva dos acusados *em defesa dos métodos da GPU!* (Não acham que é uma beleza, algo de brilhante?) Ramzin: "Que nós não temos sido submetidos a torturas, nem a maus tratos — prova-o suficientemente a nossa presença aqui!" (De fato, para que serviriam as torturas, se os não pudessem levar ao tribunal?!) Fiódotov: "Não

21 Processo do Partido Industrial, *página 354. (N. do A.)*
22 *Idem, página 358. (N. do A.)*

é só para mim que a prisão tem *vantagens*. Eu até me sinto *melhor* na cadeia do que em liberdade". Ótchkin: "E eu também, muito melhor!"

Mas, por nobreza de alma, Krilenko e Vichinski renunciam a essa carta coletiva. Os réus, no entanto, tê-la-iam escrito! E tê-la-iam assinado!

Mas talvez alguns ainda tenham certas dúvidas. Assim, o Camarada Krilenko consagra-lhes o brilho da sua lógica: "Se admitirmos, por um segundo que seja, que estas pessoas não dizem a verdade, então *por que é que foram presas* e por que é que subitamente *começaram a falar?*[23]"

É essa a força do pensamento! Em milhares de anos os acusadores não se aperceberam disso: o próprio fato da detenção revela já uma culpabilidade! Se os réus não são culpados, para que então prendê-los? Uma vez que foram presos, isso significa que são culpados!

E realmente: *por que é que eles começaram a falar?*

"Deixemos de lado a questão das torturas!... Ponhamos o problema psicologicamente: por que é que eles confessam? E eu pergunto: *E que mais podiam eles fazer?*[24]"

Que justeza! Que psicologia! Quem foi alguma vez *recluso* desta instituição que se recorde: que mais podiam fazer?

(Ivánov-Razúmnik conta[25] que em 1938 esteve preso com Krilenko na mesma cela, em Butirki, e que o lugar que a este era destinado ficava debaixo das tarimbas. Imagino-o perfeitamente como se o estivesse vendo — eu mesmo tive que rastejar: — ali as tarimbas são tão baixas que só se arrastando pode-se deslizar pelo chão sujo e asfaltado, mas um novato não aprende a fazê-lo imediatamente e anda de gatas. Ele põe a cabeça, mas o traseiro, arqueado, fica de fora, à mostra. Calculo que seria especialmente difícil ao Procurador Supremo acostumar-se, e que o seu traseiro ainda por adelgaçar devia sobressair bastante, para glória da justiça soviética. Pecador como sou, é com maligna alegria que visualizo esse comprimido traseiro, e enquanto faço o longo relato desse processo, isso em certa medida me acalma.)

Continuando — segue o procurador —, se isso fosse verdade (as torturas), não se compreende o que é que obrigaria todos, um por um, sem quaisquer abstenções nem desacordos,

---

[23] Processo do Partido Industrial, *página 452. (N. do A.)*
[24] *Idem, página 454. (N. do A.)*
[25] *Ivánov-Razúmnik,* Prisões e deportações, *Editora Tchékhov. (N. do A.)*

a reconhecê-lo em coro. . . Sim, *onde* poderiam eles realizar essa conspiração gigantesca? Pois se não tinham convivência entre si durante o tempo da instauração do processo!?

(Umas quantas páginas mais adiante uma testemunha que ficou viva contar-nos-á *onde*. . .)

Agora não sou eu que vou explicar ao leitor, mas é o leitor que vai explicar-me em que consiste o tão apregoado "mistério dos processos de Moscou dos anos 30" (primeiro, causou espanto o do "Partido Industrial", depois o mistério passou para os processos dos chefes do Partido).

Porque, enfim, não houve dois mil implicados, nem foram apresentados trezentos nem duzentos ao tribunal, mas apenas oito pessoas. Um coro de oito não é assim tão difícil de dirigir. E Krilenko podia *escolhê-los* entre milhares, e fê-lo durante dois anos. Paltchinski não se deixou dobrar — foi fuzilado (e postumamente declarado "dirigente do Partido Industrial", segundo rezam os depoimentos, embora dele não tenha ficado sequer uma palavrinha). Depois, esperavam extrair o que precisavam de Khrênnikov. Este não cedeu. Por isso publicaram uma nota em pequenos caracteres, uma só vez: "Khrênnikov morreu durante a instrução do processo". Para os idiotas, eles escreveram isso em minúsculas, mas nós, que sabemos, escrevemo-lo em letras maiúsculas: TORTURADO DURANTE A INSTRUÇÃO DO PROCESSO! (Foi também declarado, a título póstumo, dirigente do Partido Industrial. Terá havido ao menos um leve feito seu, ao menos um depoimento nesse coro geral? Não, nenhum. *Porque ele não deu nenhum sequer!)* E, de repente, eis um achado: Ramzin! Este tem energia, este tem garra! E para *viver* está disposto a tudo! Que talento! Foi preso em fins do verão, mesmo antes do início do processo — mas não só entrou no seu papel, como até parecia que ele mesmo tinha composto toda a peça, que abrangia todas as matérias com ela relacionadas e restituía tudo já trabalhado, qualquer nome, qualquer fato que fosse. Tinha por vezes o displicente refinamento de um artista *emérito:* "A atividade do Partido Industrial era tão ramificada que, mesmo no décimo primeiro dia do julgamento, não se tinha ainda podido descobri-la por completo, com pormenores" (isto é: procurem! procurem ainda!). "Eu estou firmemente convencido de que *subsiste ainda* uma pequena camada intermédia anti-soviética nos círculos de engenheiros." (Mexam-se, apanhem-na!) E ele era capaz de tudo: sabia o que é *um mistério,* e que o mistério, há que explicá-lo artisticamente. Insensível como um galho seco, encontrou de repente em si "os traços típicos do crime

russo, que exige para a purificação o arrependimento de todo o povo"[26].

Em suma, toda a dificuldade de Krilenko e da GPU consistia em não enganar-se na escolha das pessoas. Mas o risco não era grande: um erro de investigação pode ser sempre atirado para a cova. E aqueles que são passados pela peneira e pelo crivo, esses, há que curá-los, alimentá-los e apresentá-los ao julgamento!

Então onde reside o mistério? Na maneira de manipulá-los? Nada mais simples: vocês desejam *viver?* (Aquele que não quer viver para si mesmo quer viver para os seus filhos, para os seus netos.) Há que compreender que fuzilá-los sem sair do pátio da GPU, isso não custa absolutamente nada. (Indubitavelmente que é assim. Àquele que não compreendeu isso ainda, a esse, dar-lhe-emos um curso de morte lenta na Lubianka.) Assim, tanto para nós como para vocês o melhor é que representem um certo espetáculo, um texto que vocês mesmos escreverão como especialistas, e que nós, procuradores, decoraremos, tentando recordar os termos técnicos. (No processo, Krilenko confunde, por vezes, um eixo de vagão com um eixo de locomotiva.) Para vocês será desagradável, vergonhoso fazê-lo, mas é necessário agüentar! *Viver* é mais precioso! E que garantia temos de que depois não seremos fuzilados? Por que é que nos vingaríamos de vocês? Vocês são uns magníficos especialistas e se não cometerem falta alguma nós saberemos apreciá-los. Vejam quantos processos houve de sabotadores: todos os que se portaram decentemente, deixamo-los vivos. (Perdoar aos réus dóceis de um julgamento anterior é uma condição importante para um futuro processo. É assim que de elo em elo esta esperança se vai transmitindo aos próprios Zinóviev e Kámeniev.) Mas atenção! Há que cumprir *todas* as nossas condições até o fim! O julgamento deve ter lugar para bem da sociedade socialista!

E os réus cumprem *todas* as condições. . .

A sutileza da oposição intelectual dos engenheiros assume na sua boca o aspecto de uma sórdida sabotagem premeditada, acessível à compreensão do maior dos analfabetos. (Mas não se fala ainda de vidro moído polvilhado nos pratos dos trabalhadores! Isso ainda não chegou a ser conjeturado pela acusação.)

---

[26] *Ramzin foi desmerecidamente omitido pela memória russa. Penso que ele merecia inteiramente converter-se no tipo negativo do traidor cínico e deslumbrante. O fogo de bengala da traição! Não foi o único vilão dessa época, mas aparecia em primeiro plano. (N. do A.)*

Depois, vinha a motivação ideológica. Se eles se puseram a causar prejuízos foi por hostilidade de idéias. Mas não o reconhecem agora unanimemente? É ainda por razões ideológicas. Foram subjugados pelo espetáculo ardente dos altos fornos do terceiro ano do plano qüinqüenal! Nas suas últimas declarações eles desejam e solicitam para si a vida, mas não é isso o principal para eles. (Fiódotov: "Não há perdão para nós! O promotor tem razão!") Para estes estranhos réus, agora, no limiar da morte, o mais importante é convencer o povo e o mundo inteiro da infalibilidade e da clarividência do governo soviético. Ramzin, por exemplo, glorifica "a consciência revolucionária das massas proletárias e dos seus chefes", os quais "souberam encontrar caminhos para a política econômica incomensuravelmente mais justos" do que os dos cientistas, e calcularam muito mais certeiramente os ritmos de desenvolvimento da economia nacional. Agora "eu compreendi que é necessário dar uma arrancada, dar um salto[27], que é preciso tomar de assalto...", etc... Larítchev: "A União Soviética não será vencida pelo mundo capitalista moribundo". Kalínnikov: "A ditadura do proletariado é uma necessidade inevitável". "Os interesses do povo e os interesses do poder soviético convergem para um objetivo firmemente determinado." E, quanto ao campo, "é justa a linha geral do Partido, o aniquilamento dos *kulaks*". Eles têm tempo de maldizer tudo à espera da execução... E até pela garganta dos intelectuais arrependidos passam profecias como esta: "Com o desenvolvimento da sociedade, a vida individual ir-se-á estreitando... A vontade coletiva é a forma superior"[28].

Assim, com os esforços da atrelagem dos oito, foram alcançados todos os objetivos do processo:

1. Todas as deficiências que existem no país, a fome, o frio, a falta de roupas, a desorganização e as mais rematadas tontices — tudo isso foi atribuído aos engenheiros-sabotadores;

2. O povo ficou assustado com a iminente intervenção e disposto a novos sacrifícios;

3. Os círculos de esquerda do Ocidente ficaram advertidos quanto às maquinações dos seus governos;

4. A solidariedade dos engenheiros foi abalada, toda a intelectualidade, assustada e dividida. E para que não restassem

---

27 Processo do Partido Industrial, *página 504. Eis como se falava* entre nós *em 1930, quando Mao era ainda jovem. (N. do A.)*
28 *Idem, página 510. (N. do A.)*

dúvidas de que era este o objetivo do processo, uma vez mais ele foi proclamado com clareza por Ramzin:

"Eu queria que, como resultado do atual processo do Partido Industrial, *sobre o sombrio e vergonhoso passado de toda a intelectualidade*... fosse traçada uma cruz para sempre"[29].

No mesmo sentido se manifesta Larítchev: "Essa casta deve ser *destruída*... *Não há nem pode haver lealdade nos meios da engenharia!*[30]" E Ótchkin: "A intelectualidade é algo de pantanoso, ela não tem, como disse o acusador, espinha dorsal, carece absolutamente de vertebralidade... É incomensuravelmente mais elevado o olfato do proletariado"[31].

Por que, pois, fuzilar gente de tão boa vontade?...

Foi isso o que se escreveu durante décadas da história sobre a nossa *intelliguêntsia* — desde o anátema de 1920 (o leitor recorda-se: "não é o cérebro da nação, mas a merda da nação", "a aliada dos generais negros", "um agente a soldo do imperialismo") até ao anátema de 1930.

É acaso de maravilhar que a palavra *"intelliguêntsia"* se tenha firmado entre nós como um insulto?

Eis como são montados os processos judiciais públicos. O pensamento inquiridor stalinista alcançou, finalmente, o seu ideal. (Ora, ora... ele causa inveja aos desastrados Hitler e Goebbels, que se cobriram de vergonha com o incêndio do Reichstag...)

Foi estabelecido o padrão, e agora pode manter-se por muitos anos e repetir-se pelo menos a cada temporada — como dirá o Principal Encenador. O desejo desse encenador é o de designar o espetáculo seguinte, para dentro de três meses. Os prazos para os ensaios são muito apertados, mas não importa. Veja e escute! Em exclusividade no nosso teatro! Estréia!

m) *o Processo do Escritório Central dos Mencheviques* (1—9 de março de 1931).

Sessão extraordinária do Supremo Tribunal. Presidente, não se sabe por quê, Chvérnik. E, em seguida, todos nos seus lugares, Antónov-Sarátovski, Krilenko e o seu ajudante Roguinski.

---

29 *Idem, página 49. (N. do A.)*
30 *Idem, página 508. (N. do A.)*
31 *Idem, página 509. No proletariado o olfato é o essencial, por uma razão desconhecida... Tudo vem através do nariz. (N. do A.)*

Os encenadores estão seguros de si (o material já não é técnico, mas partidário, como é habitual) e põem em cena catorze réus.

Tudo decorre não só suavemente — mas com uma suavidade enervante.

Eu tinha então doze anos, e havia já três anos que lia atentamente toda a política do grande *Izvéstia*. Segui linha após linha os estenogramas destes dois julgamentos. Já no do Partido Industrial o meu coração infantil pressentia perfeitamente a irregularidade, a mentira, as manigâncias, mas aí havia, ao menos, a grandiosidade do cenário: a intervenção geral! a paralisação de toda a indústria! a distribuição das pastas ministeriais! No julgamento dos mencheviques tinha-se a mesma decoração, mas já descolorida, os atores articulavam as réplicas molemente, e o espetáculo era aborrecido até aos bocejos, tornando-se uma repetição sem talento. (Mas acaso Stálin poderia compreender isto através da sua pele de rinoceronte? Como explicar que ele tenha anulado o processo do Partido Camponês do Trabalho durante vários anos e não tenha havido julgamentos?)

Seria fastidioso retomar um comentário seguido do estenograma. Mas eu tenho o testemunho recente de um dos principais réus neste processo, Mikhail Petróvitch Iakubóvitch, e o seu pedido de reabilitação, em que ele expõe a falsificação dos fatos, chegou agora às mãos da nossa salvadora *samizdat* e sabe-se já como as coisas se passaram[32]. O seu relato explica-nos materialmente toda a cadeia dos processos de Moscou dos anos 30.

Como se compunha o inexistente Escritório Central? A GPU tinha uma tarefa bem planeada: demonstrar que os mencheviques se infiltraram habitualmente, apoderando-se, com fins contra-revolucionários, de muitos postos estatais importantes. A situação real e o esquema não se coadunavam: os autênticos mencheviques não ocupavam nenhum posto. Mas esses não faziam parte do processo. (V. K. Ikov, segundo se diz, fazia efetivamente parte do silencioso, inativo e clandestino escritório de Moscou, mas no processo não souberam disso e ele passou para segundo plano, pegando *oito anos* de prisão.) A GPU tinha o seguinte esquema: era preciso que houvesse dois do Conselho Supremo da Economia, dois do Comissariado do Povo do Co-

---

32 *A reabilitação lhe foi recusada: além disso, todo o seu processo foi gravado em letras de ouro nas tábuas da lei de nossa história; impossível retirar a menor pedra, sob pena de vir tudo abaixo. M. P. Iakubóvitch foi condenado, mas à guisa de consolação foi-lhe dada uma pensão a título* pessoal *por sua atividade revolucionária! Que monstruosidades podemos ver entre nós! (N. do A.)*

mércio, dois do Banco do Estado, um da União Central das Cooperativas e um da Comissão de Planejamento do Estado. (Como tudo isso era monótono e sem originalidade! Já em 1920 tinham prescrito para o "Centro Tático" dois da União do Renascimento, dois do Conselho das Personalidades Públicas, dois do. . .) Eis a razão por que se recorria àqueles cujas profissões se coadunavam com esse objetivo. E se na realidade eram ou não mencheviques, tudo dependia dos boatos. Alguns dos que caíram na rede não o eram de nenhum modo, mas foi-lhes ordenado que se considerassem como tal. Os verdadeiros pontos de vista políticos dos acusados em nada interessavam à GPU. Nem todos os condenados se conheciam entre si. Arrebanharam-se como testemunhas todos os mencheviques que se pôde [33]. (Todas as testemunhas receberam depois, infalivelmente, a respectiva condenação.) Muito serviçal e loquaz, Ramzin depôs igualmente como testemunha. Mas a esperança da GPU residia no principal acusado, Vladímir Gustavovitch Groman (ele *ajudaria* a montar este *caso*, e como paga seria anistiado), e no provocador Petúnin. (Exponho os fatos segundo Iakubóvitch.)

Apresentemos agora M. P. Iakubóvitch. Ele começou a sua atividade revolucionária tão cedo que não chegou sequer a terminar o secundário. Em março de 1917 já era presidente do Soviete de Deputados Operários, Camponeses e Soldados de Smolensk. Impelido pelas suas convicções (que o levavam constantemente para diante), tornou-se um bom orador. No Congresso da Frente Ocidental ele chamou irrefletidamente *inimigos do povo* àqueles jornalistas que exortaram o povo a prosseguir a guerra — isto em abril de 1917! Quase foi retirado da tribuna. Mas desculpou-se e, continuando o seu discurso, teve tais saídas e envolveu de tal maneira o auditório que no final voltou a chamar-lhes inimigos do povo, já então sob estrondosos aplausos, sendo eleito membro da delegação enviada ao Soviete de Petrogrado. Ali, logo ao chegar, com a rapidez típica daqueles tempos, foi nomeado para a Comissão Militar do Soviete de Petrogrado, tendo influência na indicação dos comissários de

[33] *Um deles era Kuzmá A. Gvózdiev, homem com um destino amargo. O mesmo Gvózdiev que foi presidente do grupo operário do Comitê Industrial-Militar e que, por estupidez extrema, foi preso pelo governo czarista em 1916, tornando-o a revolução de fevereiro ministro do Trabalho. Gvózdiev foi um dos mártires das prolongadas detenções no Gulag. Não sei quanto tempo esteve preso até 1930, mas depois desse ano esteve lá ininterruptamente. E ainda em 1952 amigos meus o conheceram no campo de Spásski (Casaquistão). (N. do A.)*

guerra[34], e tendo, no fim de contas, partido ele próprio como comissário de Exército para a frente sudoeste. Em Vinitsa deteve pessoalmente Deníkin (depois da sublevação de Kornílov), e lamentou muito (no julgamento) que não o tivessem fuzilado ali mesmo.

De olhos claros, sempre muito sincero, sempre completamente absorvido pela sua idéia, justa ou injusta, parecia ser dos mais jovens membros do Partido Menchevique. E o era de fato. Isso não o impedia, no entanto, de propor com ousadia e entusiasmo à direção os seus projetos, como por exemplo estes: formar, na primavera de 1917, um governo social-democrata, ou fazer os mencheviques aderirem, em 1919, à Internacional Comunista. (Dan e outros rejeitaram sistematicamente as suas variantes, com altivez.) Em julho de 1917 ele sofreu dolorosamente e considerou como um erro fatal o fato de o Soviete Socialista de Petrogrado ter aprovado o apelo dirigido pelo Governo Provisório às tropas governamentais para lutar contra outros socialistas, embora estes tivessem pegado em armas. A seguir ao golpe de outubro, Iakubóvitch propôs ao seu partido que apoiasse inteiramente os bolcheviques e que com a sua participação e influência melhorasse o regime estatal criado por eles. Finalmente, foi amaldiçoado por Mártov e no ano de 1920 abandonou definitivamente os mencheviques, ao convencer-se de que era incapaz de fazê-los seguir a via dos bolcheviques.

Exponho tudo isto em detalhe para tornar claro que Iakubóvitch não era propriamente um menchevique, mas se comportou como um bolchevique durante toda a Revolução, do modo mais sincero e inteiramente desinteressado. E, em 1920, foi ainda comissário do Abastecimento da província de Smolensk (era o único dentre eles que não era inscrito no Partido Bolchevique), tendo sido até destacado pelo Comissariado do Povo do Abastecimento como o *melhor* (ele assegura que não precisou de represálias contra os camponeses; não sei; no julgamento ele lembrou ter-se servido de destacamentos preventivos). Nos anos 20 foi redator do *Jornal do Comércio,* tendo ocupado outras funções destacadas. Quando, em 1930, segundo o plano da GPU, houve necessidade de se prender precisamente esse gênero de mencheviques que "se tinham infiltrado", ele foi preso.

Foi então convocado para um interrogatório por Krilenko, que desde o início, como o leitor já sabe, *organizava* o caos do

34 Não o confundir com o Coronel Iakubóvitch do Estado-Maior, que nessas mesmas sessões representava o Ministério da Guerra. (N. do A.)

inquérito preliminar numa eficiente instrução. Sucede que ambos se conheciam perfeitamente, pois nos anos dos primeiros processos Krilenko fora à província de Smolensk, *reforçar o trabalho de requisição de produtos alimentícios*. Eis o que lhe disse Krilenko:

— Mikhail Petróvitch, eu sou franco: considero-o um comunista! (Isto infundiu ânimo e aprumo a Iakubóvitch.) *Não duvido da sua inocência. Mas é obrigação do Partido, sua e minha, levar a cabo este processo.* (Stálin dava ordens a Krilenko, mas Iakubóvitch palpitava pela causa, como um cavalo fogoso que se apressa ele mesmo a pôr a cabeça no laço.) Peço-lhe que coopere em tudo, que auxilie a investigação. No tribunal, em caso de dificuldade imprevista, nos momentos mais cruciais, eu pedirei ao presidente para lhe dar a palavra.

!!!!

E Iakubóvitch prometeu. Com a consciência do seu dever, prometeu. Nunca uma tarefa tão responsável lhe tinha sido dada ainda pelo poder soviético!

Durante a instrução, podiam não ter tocado em Iakubóvitch nem com um dedo! Mas isso era demasiado sutil para a GPU. Como aos demais, coube a Iakubóvitch ter de enfrentar investigadores-carniceiros, que lhe aplicaram *o tratamento completo:* calabouço gelado, cela ardente ou hermética, pancadas nos órgãos genitais. Torturaram-no de tal maneira que Iakubóvitch e seu companheiro Abram Guinzburg cortaram os pulsos de desespero. Depois de se restabelecerem não os torturaram mais, não os espancaram, mantiveram-nos *apenas* duas semanas sem os deixar dormir. (Iakubóvitch disse: "Só queria dormir! Já não existe nem vergonha, nem honra. . .") E havia ainda as acareações com outros que já se haviam rendido, que também eram obrigados a "confessar", a dizer absurdos. E o próprio comissário, Aleksei Aleksêievitch Nassiédkin, dizia: "Eu sei, sei que nada disso jamais existiu! Mas exigem isso de nós!"

Certa vez, chamado pelo investigador, Iakubóvitch dá de cara com um preso torturado. O comissário sorri ironicamente: "Este é Moissei Issáievitch Teitelbaum; ele lhe pede para admiti-lo na sua organização anti-soviética. Falem à vontade, eu sairei uns momentos". Saiu. Teitelbaum, efetivamente, suplica-lhe: "Camarada Iakubóvitch, peço-lhe que me admita no seu Escritório Central dos Mencheviques! Acusam-me de estar 'corrompido por firmas estrangeiras', ameaçam-me de fuzilamento. Então é melhor morrer como contra-revolucionário do que como um criminoso comum!" (Ter-lhe-iam prometido que enquanto

contra-revolucionário lhe perdoariam! Ele não se enganou: pegou uma condenação infantil — cinco anos.) A falta de mencheviques era tal que a GPU recrutava acusados dentre os voluntários!... (A Teitelbaum era destinado um importante papel: ligações com os mencheviques do estrangeiro e com a Segunda Internacional! Mas, segundo ficara entendido, pegaria cinco anos, honradamente.) Com a aprovação do comissário, Iakubóvitch *admitiu* Teitelbaum no Escritório Central.

Dias antes do julgamento, no gabinete do comissário de primeira classe, Dmítri Matvêievitch Dmítriev, foi convocada a *primeira* sessão da organização do Escritório Central dos Mencheviques, destinada a se porem de acordo, de forma a que cada um compreendesse melhor o seu papel. (E foi assim que o Comitê Central do Partido Industrial se reuniu! Eis *onde* os réus "tinham podido reunir-se", o que deixava Krilenko perplexo.) Mas havia tanta mentira misturada, tão difícil de se entender, que os participantes armaram confusão, não assimilaram tudo numa sessão e reuniram-se pela segunda vez.

Com que sentimentos apareceu Iakubóvitch no processo? Depois de todas as torturas que suportara, depois de todas as mentiras que engolira, iria provocar no processo um escândalo mundial? Mas:

1) Isso seria uma punhalada nas costas do poder soviético! Isso seria a negação do objetivo de toda a sua vida, de sua razão de viver, de todo o longo caminho que tivera de percorrer para escapar aos erros do menchevismo e aderir à justeza do bolchevismo.

2) Depois deste escândalo não o deixariam morrer, não o fuzilariam pura e simplesmente, mas iriam torturá-lo de novo, e desta vez, por vingança, acabariam por levá-lo à loucura, quando já sem isso o seu corpo estava suficientemente marcado. Onde encontraria uma pessoa o apoio moral para este martírio, onde iria buscar coragem?

(Foi com o som ardente das suas palavras a ressoar nos meus ouvidos que transcrevi os seus argumentos: é raro recolher como que "postumamente" as explicações de um participante de um processo assim. E eu acho que seria a mesma coisa se Bukhárin ou Rikov nos revelassem o motivo da sua misteriosa submissão nos seus processos: a mesma sinceridade, a mesma devoção ao Partido, a mesma fraqueza humana, a mesma ausência de apoio moral para a luta, devido a não terem uma posição *independente*.)

E, durante o julgamento, Iakubóvitch não se cansou de repetir submissamente todas as medíocres mentiras ruminadas: acima disso, não se elevava a imaginação nem de Stálin, nem dos seus aprendizes, nem dos martirizados réus. Representou o melhor que pôde o seu papel, conforme prometera a Krilenko.

A chamada Delegação no Estrangeiro dos Mencheviques (essencialmente toda a nata do seu Comitê Central) publicou no *Vorwärts** um artigo em que se declarava não solidária aos acusados. Ela escrevia que se tratava de uma vergonhosa comédia judicial, estruturada com depoimentos de provocadores e de infelizes réus, forçados pelo terror. A maioria esmagadora dos acusados há mais de dez anos abandonara o partido, sem nunca a ele ter regressado. E o mais ridículo eram as grandes quantias que figuravam no julgamento — somas de que nunca o partido dispôs.

Tendo lido o artigo, Krilenko pediu a Chvérnik que o comunicasse aos réus, para estes fazerem uma declaração (tratava-se do mesmo esticão, com todos os fios de uma só vez, como no processo do Partido Industrial). E todos intervieram. E todos defenderam os métodos da GPU, contra o Comitê Central Menchevique...

Mas qual é a recordação que Iakubóvitch conserva da sua "resposta", do seu último discurso? Que não se limitou a falar segundo o que tinha prometido a Krilenko, que não se levantou pura e simplesmente, mas que saltou repentinamente, numa torrente de irritação e eloqüência. Irritação contra quem? Tendo conhecido as torturas, tendo cortado os pulsos, tendo estado por mais de uma vez a ponto de morrer, indignava-se agora sinceramente — não contra o promotor nem contra a GPU, não! —, mas contra a Delegação no Estrangeiro!!! Trata-se de uma reviravolta psicológica! Em segurança e com conforto (a emigração, mesmo pobre, naturalmente constitui um conforto, em comparação com a Lubianka), essa gente, desavergonhada e satisfeita, como podia não sentir pena dos de cá, pelos seus martírios e sofrimentos? Como podia assim insolentemente renegar e entregar os desgraçados ao seu destino? (Era uma resposta forte, e os que tinham forjado o processo festejavam o seu triunfo.)

Mesmo relatando isso em 1967, Iakubóvitch treme de indignação contra a Delegação no Estrangeiro, contra a sua deserção,

---

* *Órgão do Partido Social-Democrata Alemão. (N. do T.)*

contra a sua renúncia, contra a sua traição à Revolução Socialista, como já censurara os mencheviques em 1917.

Entretanto, não se conhecia então o registro estenografado do julgamento. Mais tarde, eu o consegui, e surpreendi-me: a memória de Iakubóvitch, tão exata, conservava todas as insignificâncias, todas as datas e todos os nomes, mas neste pormenor tinha-lhe falhado: ele tinha dito no julgamento que a Delegação no Estrangeiro, por incumbência da II Internacional Socialista, *lhes dava instruções para sabotar!* — e agora já não se lembrava. A afirmação dos mencheviques no estrangeiro não era desavergonhada, nem inescrupulosa, nem complacente; eles *lamentavam* justamente as desgraçadas vítimas do processo, mas indicavam que havia já muito tempo que eles não eram mencheviques — o que correspondia à verdade. Contra quem é que se encolerizava de modo tão duro e sincero Iakubóvitch? E como é que os mencheviques do estrangeiro podiam *não* deixar os processados entregues ao seu destino?

Nós temos tendência a revoltar-nos contra aqueles que são mais fracos, contra os que não podem responder. Isto é próprio do homem. E os argumentos dados revelam muito a propósito que temos razão.

Krilenko disse no discurso de acusação que Iakubóvitch era um fanático das idéias contra-revolucionárias e que por isso requeria para ele — o *fuzilamento!*

E Iakubóvitch não só sentiu nesse dia lágrimas de agradecimento nos olhos, como ainda hoje, tendo-se arrastado por muitos campos e celas de isolamento, está agradecido a Krilenko, por ele não o ter humilhado, não o ter insultado, não o ter ridicularizado no banco dos réus, mas ter-lhe com justiça chamado *fanático* (embora de uma idéia oposta), exigindo simples e honradamente o fuzilamento, que punha termo a todos os seus sofrimentos! De resto, na sua última declaração, Iakubóvitch não deixou de anuir: "Os crimes de que me reconheci culpado (ele dá um grande significado a esta feliz expressão *'de que me reconheci culpado'*; a bom entendedor: *'não os que cometi'!)* são dignos do castigo máximo e eu não peço indulgência! Não peço que me deixem com vida!" (Ao lado, no banco dos réus, Groman sobressaltou-se: "Você enlouqueceu! Você não tem o direito de fazer isso, tem de levar em conta os camaradas!")

Concordemos, não foi isto um achado para a Promotoria?

Acaso não ficam assim totalmente explicados os processos dos anos 1936-38?

Não teria sido este o processo que fez Stálin pensar que

os seus principais inimigos eram charlatães e que ele podia manipulá-los completamente, organizando o mesmo gênero de espetáculo?

Que me perdoe o indulgente leitor! Até o momento, fiz correr intrepidamente a minha pena. Não me deixei emocionar e deslizávamos despreocupadamente, porque durante todos estes quinze anos estávamos sob a égide quer da legalidade revolucionária quer da revolução legalizada. Mas daqui por diante tudo se tornará para nós doloroso: como o leitor se lembrará, e como nos explicaram dezenas de vezes, a começar por Khruchov, "aproximadamente a partir de 1934 começaram-se a violar as normas leninistas da legalidade".

E como é que abordaremos este píncaro das ilegalidades? Como é que nos arrastaremos agora por este amargo caminho?

A falar verdade, *esses* processos que se seguem, pela celebridade dos nomes dos réus, viram concentrados sobre eles os olhares de todo o mundo. Não se distraiu deles a atenção, sobre eles se escrevia, se faziam comentários. Foram interpretados e ainda o serão muitas vezes. Quanto a nós, vamos referir-nos apenas aos seus *enigmas*.

Houve uma pequena discrepância: o conteúdo das atas estenografadas que foram publicadas não coincidia plenamente com o que tinha sido dito nos julgamentos. Um escritor autorizado a assistir aos processos entre o público selecionado tomou apontamentos rápidos e apercebeu-se depois dessas discordâncias. Todos os correspondentes notaram o incidente com Krestinski, quando se tornou necessário suspender a audiência para ajustar os depoimentos feitos. (Eu imagino assim as coisas: antes do processo foi elaborado um registro para os casos de erro: primeira coluna — nome do réu; segunda coluna — que medida adotar, durante a suspensão da audiência, se no decurso do julgamento ele se desvia do texto; terceira coluna — nome do tchekista responsável por essa medida. E se Krestinski subitamente se embrulhar, então já se sabe quem tem de acudi-lo e o que fazer.)

Mas as inexatidões dos registros estenografados em nada mudam nem desculpam o quadro. O mundo assistiu surpreendido a três peças seguidas, a três espetáculos longos e caríssimos, em que os grandes chefes do audaz Partido Comunista, que tinha subvertido e aterrorizado o mundo inteiro, se apresentavam agora como carneiros desanimados e submissos, que davam todos

os balidos que se lhes tinham ordenado, vomitavam tudo sobre si mesmos e se rebaixavam servilmente, a si e às suas convicções, reconhecendo crimes que de forma alguma podiam ter cometido.

Nunca se vira na história nada igual. Era flagrante o contraste com o recente julgamento de Dmítrov em Leipzig: este respondia rugindo como um leão aos juízes nazistas, mas aqui os seus camaradas, oriundos da mesma coorte inflexível, perante a qual todo o mundo tremia, e até os maiores dentre eles, os membros da chamada "guarda leninista", apresentavam-se diante do tribunal urinando de medo.

E embora até o momento muitas coisas se tenham aclarado (e com especial acerto por Arthur Koestler*), o *enigma* continua a ser abordado com ambigüidade.

Falou-se de uma beberagem do Tibete que privava da vontade, e da utilização da hipnose. Tudo isso, quer esclareça ou não, não vale a pena refutá-lo: se a NKVD dispunha de tais meios, não se compreende *que normas morais* a podiam impedir de recorrer a eles. Por que não debilitar e eclipsar a vontade dos acusados? É notório que nos anos 20 houve célebres hipnotizadores que abandonaram a sua carreira e passaram ao serviço da GPU. E sabe-se, com toda a certeza, que nos anos 30, sob os auspícios da NKVD, existia uma escola de hipnotismo. A esposa de Kámeniev, numa visita que lhe fez antes do julgamento, encontrou-o prostrado, não parecendo o mesmo. "Ela teve ainda tempo de comunicar isso antes de ter sido presa."

Mas por que é que Paltchinski ou Khrênnikov não foram vergados pela beberagem do Tibete ou pelo hipnotismo?

Não, há que encontrar uma explicação mais elevada — uma explicação psicológica.

Causa perplexidade, sobretudo, o fato de se tratar de velhos revolucionários que não tremeram nas prisões czaristas, o fato de eles serem combatentes calejados, à prova de água e de fogo. Mas aqui havia um simples erro. Já não se tratava *desses* mesmos velhos revolucionários. Uma tal glória, tinham-na recebido em herança, por afinidade com os populistas, com os socialistas-revolucionários e com os anarquistas. Esses lançadores de bombas e conspiradores conheceram os campos de trabalhos forçados, sofreram *condenações,* mas a *autêntica* e *inexorável instrução,* nunca souberam o que ela era (porque na Rússia, em geral, ela não existia). Não conheciam nem os interrogatórios

---

* *Em* O zero e o infinito. *(N. do T.)*

nem as condenações. Nenhuma "câmara especial de torturas", nenhuma Sakhalin, nenhuma deportação especial para Iakutsk atingiu os bolcheviques. Sabe-se, acerca de Dzerjinski, que a ele coube a pena mais pesada, que passou toda a vida na prisão. Mas, segundo os nossos atuais critérios, ele cumpriu apenas *dez anos*, dez anos *normais*, como, nos nossos tempos, qualquer kolkhoziano; é verdade que esses dez anos englobavam três anos numa central de trabalhos forçados, o que também não é coisa excepcional.

Os chefes do Partido que vimos nos julgamentos dos anos de 36 a 38 ostentavam no seu passado revolucionário detenções curtas e leves, deportações pouco prolongadas, e nem sequer cheiraram os trabalhos forçados. Bukhárin tinha sofrido muitas prisões breves, um tanto divertidas; pelo visto, ele não esteve em nenhuma parte sequer um ano seguido, e só passou mais tempo na deportação no Onega[35]. Kámeniev, com todo o seu longo trabalho de agitação e de viagens por todas as cidades da Rússia, esteve dois anos preso, bem como ano e meio em deportação. No nosso tempo, os jovens de dezesseis anos pegavam de uma só vez *cinco*. Zinóviev, é ridículo dizê-lo, *não esteve preso nem três meses!* Não teve *nem uma única condenação!* Em comparação com os nativos do nosso arquipélago, eles eram umas *crianças de peito*, não sabiam o que eram os cárceres. Rikov e I. N. Smírnov foram presos várias vezes, passaram na cadeia cinco anos cada, mas de certo modo foi algo de ligeiro, e evadiram-se de todas as deportações sem dificuldade, sendo anistiados; até à sua detenção na Lubianka eles não faziam sequer uma idéia do que era uma verdadeira prisão, nem do que eram as tenazes de uma investigação iníqua. (Não existem fundamentos para supor que, se tivesse sido apanhado no meio dessas tenazes, Trótski se portasse com mais firmeza: não havia motivo para isso. Também ele tinha conhecido exclusivamente detenções fáceis, sem ser submetido a nenhum interrogatório sério, cumprindo dois anos de deportação em Ust-Kut. A severidade de Trótski, como presidente do Conselho Militar Revolucionário, foi fácil para ele adquiri-la, e não é prova de uma autêntica firmeza: aqueles que ordenam inúmeros fuzilamentos costumam esmorecer ante a idéia da própria morte! Estes dois tipos de firmeza não estão mutuamente ligados.) E Rádek era um provocador

---

35 *Todos esses dados são tirados do tomo 41 da* Enciclopédia Granat, *que reúne notas autobiográficas e biográficas fidedignas sobre personalidades do Partido Comunista Russo. (N. do A.)*

(mas não foi o único, nestes três processos!). Quanto a Iágoda, era um criminoso declarado.

(Este assassino de milhões de homens não podia admitir que o Assassino-Mor não albergasse no seu coração um sentimento de solidariedade, nos seus últimos momentos. Como se Stálin estivesse sentado ali na sala, Iágoda, com segurança e insistência, pedia-lhe piedade, a ele diretamente: "Dirijo-lhe um apelo! Eu construí para o senhor dois grandes canais!..." E alguém que ali se encontrava nesse instante conta que, por trás de uma janelinha do segundo andar, aparentemente atrás de uma cortina de musselina, acendeu-se um fósforo nas trevas, percebendo-se a forma de um cachimbo. Quem esteve alguma vez em Bakhtchissarai recorda-se talvez dessa fantasia oriental. Na sala de sessões do Conselho de Estado, ao nível do segundo andar, há umas janelas fechadas com folhas-de-flandres, que têm pequenos orifícios, e por trás delas uma galeria não iluminada. Da sala nunca se pode adivinhar se há ali alguém ou não. O Khan fica invisível e o conselho reúne-se sempre como se ele estivesse presente. Dado o pronunciado caráter oriental de Stálin, acredito piamente que ele assistisse a comédias nesse Salão de Outubro. Não posso admitir que ele se privasse desse espetáculo, desse prazer.)

Assim, toda a nossa perplexidade deriva unicamente da crença na singularidade desses homens. Na verdade, se estabelecermos uma comparação com os atos correntes do comum dos cidadãos, não há para nós nenhum enigma no fato de eles falarem tão mal uns dos outros. Isso parece-nos compreensível: o homem é fraco, as pessoas sucumbem. Mas Bukhárin, Zinóviev, Kámeniev, Piátakov e I. N. Smírnov eram considerados de antemão como super-homens, e daí a nossa perplexidade.

É certo que aos encenadores parece ter sido neste caso mais difícil escolher os intérpretes do que nos anteriores processos dos engenheiros: ali eles tinham quarenta figurantes entre os quais escolher, enquanto aqui a companhia teatral é pequena, os principais intérpretes são conhecidos de todos e o público deseja que sejam eles mesmos a representar.

Mas, de todas as maneiras, havia uma seleção! Os mais clarividentes e decididos dos condenados não se entregaram de mãos atadas; suicidaram-se antes da detenção (Skripnik, Tomski, Gamarnik). Só se deixavam agarrar os que *queriam viver*. E de todo aquele que quer viver pode-se fazer gato e sapato... Mas houve mesmo alguns deles que se comportaram nos interrogatórios de forma contrária, que se recuperaram, resistiram e mor-

reram em silêncio, mas sem opróbrio. Foi por isso que não levaram a julgamento Rudzútak, Póstichiev, Enukidze, Tchubar, Kossior e o próprio Krilenko, embora os seus nomes pudessem ter adornado esses processos.

Só levaram os mais maleáveis! Houve apesar de tudo uma escolha.

A seleção foi limitada, mas em compensação o Encenador dos grandes bigodes conhecia bem cada um. Ele sabia também que em geral eram todos *frouxos* e conhecia as debilidades respectivas. E nisto ele tinha um tenebroso mérito, fora do comum, que lhe servia de orientação psicológica para conseguir êxitos na sua vida: levar em conta as fraquezas humanas, ao nível mais baixo da vida cotidiana.

E aquele que, a distância, nos aparece como o mais inteligente e o mais lúcido dentre os chefes difamados e fuzilados (a quem Koestler consagrou seu talentoso estudo), N. I. Bukhárin, também a esse Stálin tratou como um simples ser humano, penetrando a sua psicologia e mantendo-o durante longo tempo nas garras da morte, a brincar como gato e rato numa aparente liberdade. Bukhárin redigiu, desde a primeira à última palavra, toda a Constituição vigente (melhor dito, não vigente), uma Constituição apenas para inglês ver. Na estratosfera ele tinha a impressão de voar livremente, e pensava que tinha derrotado Koba*: impingira-lhe essa Constituição, que o obrigaria a suavizar a ditadura. Mas ele próprio já estava no papo.

Bukhárin não gostava de Kámeniev e Zinóviev, e logo quando os processaram pela primeira vez, depois do assassinato de Kírov, disse aos seus íntimos: "O quê? É gente capaz disso... Talvez tenha havido algo..." (Era a forma clássica do homem comum daqueles anos: "Alguma coisa, certamente, deve ter havido... Não se prende ninguém sem motivo no nosso país". Isto disse-o, em 1935, o primeiro teórico do Partido!...) Durante o segundo processo de Kámeniev e Zinóviev, no verão de 1936, ele andava caçando em Tien Chan, sem nada saber. Descendo das montanhas à cidade de Frunze, leu a notícia dos dois fuzilamentos e os artigos dos jornais, pelos quais se via que tinham apresentado provas aniquiladoras contra Bukhárin. Tentou acaso evitar essa execução? Fez acaso um apelo ao Partido denunciando aquela monstruosidade? Não, somente enviou um telegrama a Koba, pedindo-lhe que adiasse o fuzilamento de

---

* *Pseudônimo de Stálin na clandestinidade. (N. do T.)*

Kámeniev e Zinóviev para ter tempo de ser acareado com eles e justificar-se.

Era tarde! Koba estava já na posse de suficientes documentos, para que queria ele uma acareação em carne e osso?

Entretanto, passou muito tempo sem que Bukhárin fosse preso. Ele perdeu o seu lugar no jornal *Izvéstia,* deixando de ter qualquer atividade, qualquer posto no Partido — e viveu ainda no seu apartamento do Krêmlin (o Palácio de Recreio de Pedro, o Grande) durante meio ano, como numa prisão. (De resto, quando foi à sua *datcha* no outono, as sentinelas do Krêmlin fizeram-lhe continência como se nada ocorresse.) Já ninguém o visitava nem o chamava pelo telefone. E todos esses meses ele escrevia infatigavelmente cartas: "Querido Koba!... Querido Koba!... Querido Koba!...", ficando sempre sem resposta.

Procurava estabelecer mesmo então um contato cordial com Stálin!

Mas o "querido Koba", olhando de soslaio, já tinha feito os ensaios. Tivera tempo durante muitos anos de tirar a prova e sabia que "Bukhártchik" desempenharia o seu papel magnificamente. Com efeito, ele renegara os seus discípulos e partidários presos e deportados (pouco numerosos, aliás), permitindo o seu extermínio[36]. Ele deixara esmagar e denegrir as suas idéias, antes mesmo de terem vindo à luz e amadurecido devidamente. E quando ainda era redator principal do jornal *Izvéstia* e membro do Politburo (Escritório Político do Partido), tinha permitido, como se fosse legal, o fuzilamento de Kámeniev e de Zinóviev. Não se ergueu contra isso, nem em voz alta, nem sequer a meia voz. Não fazia mais que ensaiar o seu papel!

Mas antes disso, há já muito tempo, quando Stálin o ameaçava de excluí-lo do Partido (a cada um a sua vez!), Bukhárin (como todos os outros) renunciara aos seus pontos de vista, só para permanecer dentro do Partido! Tratava-se de ensaios para esse papel! Se todos se conduzem assim em liberdade, ainda no cume das honrarias e do poder, o que será quando os seus corpos, a sua comida e o seu sono estiverem nas mãos dos pontos da Lubianka? Submeter-se-ão sem pestanejar ao texto do drama.

Nos meses que precederam a detenção, qual foi o maior receio de Bukhárin? Sabe-se de modo fidedigno que foi o de ser excluído do Partido! De ver-se privado do Partido! De ficar vivo, mas fora do Partido! E nesta sua corda sensível (de todos eles)

---

36 *Só defendeu Efim Tseitlin, e não por muito tempo. (N. do A.)*

representava esplendidamente o "querido Koba", desde o momento em que ele próprio se tinha tornado o Partido. Bukhárin não possuía (nenhum deles possuía) o seu *ponto de vista independente;* nenhum defendia realmente uma ideologia oposicionista, na qual pudessem autonomizar-se, afirmar-se. Stálin tinha-os denunciado como opositores antes de eles terem passado a sê-lo, e assim privou-os de todo e qualquer poder. E todos os seus esforços foram dirigidos no sentido de se manterem no Partido. E, sobretudo, de não prejudicarem o Partido!

Eram demasiadas as exigências para que eles pudessem ser independentes!

A Bukhárin tinha sido destinado, fundamentalmente, o papel principal, e nada devia ser estragado nem posto de parte no trabalho do Encenador relativamente a ele; o tempo devia agir, bem como a sua própria adaptação ao papel. Mesmo seu envio à Europa, no último inverno, para recolher manuscritos de Marx, não era apenas uma necessidade exterior a fim de estabelecer uma rede de acusações pelas ligações mantidas; a liberdade desinteressada da sua viagem indicava ainda mais irrecusavelmente e de antemão o seu regresso à cena principal. E agora, sob o negrume das acusações, a prolongada e interminável não detenção, a extenuante angústia que o cercava em casa destruíam melhor ainda a vontade da vítima do que as pressões diretas da Lubianka. (Este não escapará, apanhará também um ano.)

Certa vez, Bukhárin foi chamado por Kaganovitch, que na presença de importantes tchekistas organizou uma acareação com Sokólnikov. Este depôs acerca do "Centro da Direita paralelo" (entenda-se: paralelo ao Centro Trotskista) e da atividade clandestina de Bukhárin. Kaganovitch conduziu o interrogatório energicamente, depois ordenou que levassem Sokólnikov e amistosamente disse a Bukhárin: "Ele mente em tudo, o devasso!"

Entretanto, os jornais continuaram a noticiar a indignação das massas. Bukhárin telefonava ao Comitê Central. Bukhárin escrevia cartas: "Querido Koba!...", pedindo para lhe retirarem publicamente as acusações. Então, foi publicado pela Promotoria um vago comunicado: "Quanto à acusação contra Bukhárin, não se acharam provas objetivas".

Rádek telefonou-lhe no outono, manifestando desejo de encontrar-se com ele. Bukhárin recusou: ambos somos acusados, para que atrair uma nova sombra? Mas as suas *datchas* (do *Izvéstia)* ficavam uma ao lado da outra, e Rádek certa noite foi lá: "Diga eu o que disser, quero que você saiba que não sou

culpado de nada. Além do mais, você será poupado, pois não estava ligado aos trotskistas".

E Bukhárin acreditava que ficaria vivo, que não o excluiriam do Partido — isso seria monstruoso! Quanto aos trotskistas, de fato, ele sempre se deu mal com eles: afastaram-se do Partido e o que sucedeu? O que é necessário é manter a unidade, se se cometem erros, cometem-se juntos.

Na manifestação de novembro (a sua despedida da Praça Vermelha) ele e a mulher tomaram lugar na tribuna dos convidados com um passe de redação do *Izvéstia*. De repente, dirigiu-se a eles um soldado do Exército Vermelho. Bukhárin teve um pressentimento! — Aqui mesmo? Neste instante? . . . — Não, ele fez-lhe a continência: "O Camarada Stálin surpreende-se por vê-los aqui! E pede-lhes que ocupem seus lugares na tribuna do Mausoléu".

Assim alternaram a ducha escocesa, durante meio ano. Em 5 de dezembro foi aprovada com júbilo a Constituição de Bukhárin, tendo sido denominada para sempre como stalinista. Piátakov foi levado ao Plenário de dezembro do Comitê Central com os dentes partidos, era já uma caricatura de si mesmo. Atrás dele estavam postados mudos tchekistas (de Iágoda, pois Iágoda também treinava e se preparava para o papel). Piátakov fez depoimentos infames contra Bukhárin e Rikov, sentado ali mesmo entre os chefes. Ordjonikidze colocava a mão junto do ouvido (ele não ouvia bem): "Diga, e você fornece todas as provas *voluntariamente?"* (Nota: Ordjonikidze também levou um tiro na nuca.) "De todo em todo voluntariamente", respondeu, cambaleando, Piátakov. E, no intervalo, Rikov disse a Bukhárin: "Tomski teve força de vontade, já em agosto tinha compreendido, e suicidou-se. Mas nós dois continuamos a viver, como estúpidos".

Aqui interveio Kaganovitch e com invectivas (ele desejaria tanto acreditar na inocência de Bukhártchik, mas não consegui a . . .). E Mólotov. E Stálin! Que grande coração! que grata generosidade! — "De todas as maneiras eu considero que a culpa de Bukhárin não está demonstrada. Rikov talvez seja culpado, mas não Bukhárin." (Era como se alguém, independentemente da sua vontade, concentrasse as acusações contra Bukhárin!)

Uma ducha escocesa. Assim vai amolecendo a vontade. Assim se vão habituando ao papel de heróis abatidos.

A partir daqui começaram sem parar a levar-lhe em casa os autos dos interrogatórios: dos antigos alunos do Instituto de

Professores Vermelhos *, de Rádek e dos demais — e todos apresentavam provas graves da negra traição bukharinista. Levavam-lhos em casa, não como se se tratasse de um acusado, oh! não, mas sim como membro do Comitê Central, simplesmente para seu conhecimento...

Freqüentemente, ao receber novos documentos, Bukhárin dizia à mulher, de vinte e dois anos de idade, que nessa primavera lhe tinha dado um filho: "Leia você, eu não posso!" E soluçava, com a cabeça sobre a almofada. Tinha em casa dois revólveres (e Stálin tinha-lhe dado tempo!), mas não se suicidou.

Acaso ele não se tinha adaptado ao papel que lhe fora destinado?...

E ainda teve lugar outro julgamento público... E fuzilaram ainda um punhado deles... E Bukhárin era respeitado, e Bukhárin não era apanhado...

Em começos de fevereiro de 1937, ele decidiu fazer a greve da fome em casa, para que o Comitê Central averiguasse e lhe retirasse as acusações. Comunicou isso por carta ao "querido Koba" e manteve a greve escrupulosamente. Então foi convocado ao Plenário do Comitê Central com a seguinte ordem do dia: 1. Os crimes do *centro* de direita. 2. A atividade anti-Partido do Camarada Bukhárin, expressa na greve da fome.

E Bukhárin vacilou: talvez tivesse ofendido em algo o Partido... Com a barba por fazer, emagrecido, já com aspecto de culpado, arrastou-se até ao Plenário. "O que é que lhe veio à cabeça?", perguntou-lhe cordialmente o "querido Koba". "Que havia de fazer, se lançam tais acusações contra mim? Querem excluir-me do Partido..." Stálin franziu o sobrolho perante um tal absurdo: "Mas ninguém o excluirá do Partido!"

E Bukhárin acreditou, animou-se, arrependeu-se de bom grado diante do Plenário e ali mesmo deu por finda a greve da fome. (Uma vez em casa: "Vamos, cortem-me um pedaço de chouriço! Koba disse-me que não me excluirão".) Mas no decorrer do Plenário, Kaganovitch e Mólotov (que insolentes! não têm em conta Stálin [37]?) chamaram-no de mercenário fascista e exigiram o seu fuzilamento.

E de novo Bukhárin caiu no desânimo, e passou os últimos

---

* *Fundado em 1921, o Instituto de Professores Vermelhos destinava-se a assegurar a formação de professores de ciências sociais (economia, história, filosofia) universitários e a dos quadros superiores do Partido e do Estado. (N. do T.)*

37 *De que abundância de depoimentos nos privamos, respeitando o nobre sossego da velhice de Mólotov! (N. do A.)*

dias a escrever uma "carta ao futuro Comitê Central". Aprendida de memória e assim retida, foi conhecida recentemente do mundo inteiro. Entretanto, não o comoveu[38]. O que tinha decidido este agudo e brilhante teórico fazer chegar aos descendentes através das suas últimas palavras? Fazer ainda uma outra súplica para ser reintegrado no Partido (com que humilhação pagou ele tal devoção ao Partido!). Uma vez mais, protestava "aprovar completamente" tudo o que ocorrera até 1937, inclusive. Quer dizer: não só os anteriores e infames processos, mas também todas as nauseabundas torrentes da nossa grande canalização carcerária!

Assim ele reconhecia que era digno de submergir-se também nelas...

Finalmente ele tinha amadurecido completamente para ser entregue às mãos dos pontos do teatro e dos assistentes de direção. Ele, um homem de músculos, caçador e lutador! (Em lutas de brincadeira diante dos membros do Comitê Central, quantas vezes ele não tinha feito cair Koba de costas sobre o tapete! Certamente, nem isso Koba lhe pôde perdoar.)

Depois de um tratamento desse gênero, depois de estar assim aniquilado, a tal ponto que já não são necessárias as torturas, em que diferirá a sua posição relativamente à de Iakubóvitch, no ano de 1931? No fato de que ele não está sujeito aos mesmos dois argumentos? Ele é mesmo mais fraco, pois Iakubóvitch desejava a morte, mas Bukhárin teme-a.

Restava um diálogo não muito difícil com Vichinski, segundo este esquema:

— É certo que cada oposição contra o Partido é uma luta contra o Partido? — Em geral, sim. Na prática, sim. — Mas não é verdade que a luta contra o Partido não pode deixar de transformar-se numa guerra contra o Partido? — Pela lógica das coisas, sim. — Por outras palavras, significa isso que com as convicções da oposição, no fim de contas, podiam cometer-se todas e quaisquer infâmias contra o Partido (assassinatos, espionagem, venda da pátria)? — No entanto, perdoem-me, elas não foram cometidas. — *Mas podiam tê-lo sido?* — Falando teoricamente... (Trata-se de teóricos!...) — Os interesses mais altos, para vocês, continuam entretanto a ser os interesses do Partido? — Sim, naturalmente, naturalmente! — Assim, pois, resta apenas uma pequena divergência: é preciso fazer coincidir a hipótese e os fatos; é preciso, para desacreditar qualquer idéia

38 *Assim como não comoveu o "futuro Comitê Central". (N. do A.)*

de oposição no futuro, reconhecer como realizado aquilo que só teoricamente *poderia* ter-se realizado. Não é verdade que isso *poderia ter ocorrido?* — *Poderia...* — Assim, é necessário reconhecer o possível como real, e nada mais. Uma pequena translação filosófica. Estamos de acordo?... Sim, como não! Não é preciso explicar-lhe que se no julgamento volta atrás e diz algo diferente, compreende que só fará o jogo da burguesia mundial e apenas prejudicará o Partido. E é evidente que não terá uma morte fácil. Mas se tudo correr bem, nós, naturalmente, deixá-lo-emos viver: mandamo-lo secretamente para a ilha de Monte Cristo e lá você irá trabalhar sobre a economia do socialismo. — Mas nos julgamentos anteriores parece que vocês os fuzilaram... — Veja que comparação você está fazendo: *eles* e *você!* Além disso, nós poupamos muitos, e isto segundo os próprios jornais.

Talvez o enigma não seja assim tão obscuro.

Sempre esta cantilena irresistível, através de tantos processos, apenas com algumas variações: *ora, vocês são, como nós, comunistas!* E como você pôde desviar-se, agir contra nós? Arrependa-se! Pois você e nós, juntos, somos *nós!*

Na sociedade vai amadurecendo lentamente a compreensão histórica. E quando ela amadurece, tudo é simples. Nem no ano de 1922, nem no de 1924, nem no de 1937, podiam ainda os acusados fixar-se assim no seu ponto de vista, resistindo a esta cantilena arrepiante e envolvente e gritando com a cabeça erguida:

— Não, não somos revolucionários *como vocês!...* Não, não somos russos *como vocês!...* Não, não somos comunistas *como vocês!...*

E parece que o simples fato de gritar fazia cair por terra os cenários, derreter a maquilagem, fugir o encenador pela escada de serviço e correr os pontos do teatro para a toca como ratazanas. E na rua teria amanhecido já o ano de 1967!

Mas mesmo os espetáculos magnificamente conseguidos ficavam caros e requeriam muitos cuidados. E Stálin decidiu não mais lançar mão dos julgamentos públicos.

Mais exatamente, ele tinha projetado em 1937 levar a cabo uma ampla rede de processos por *zonas,* para que a alma negra da oposição se tornasse visível para as massas. Mas não se encontraram bons encenadores, estava fora das possibilidades pre-

parar-se tudo tão cuidadosamente como seria necessário, e os próprios acusados não eram tão complexos. E as coisas tornaram-se para Stálin menos fáceis. Mas há pouca gente que saiba disto. Alguns processos fracassaram e tudo ficou por isso mesmo.

É oportuno referir aqui um desses processos, o *Caso de Kádi,* cujas reportagens tinham começado a ser publicadas no jornal regional de Ivánovo.

Em fins de 1934, numa distante e perdida aldeia da região de Ivánovo, na junção com Kostromá e Nijni-Novgórod, tinha sido criado um novo distrito, ao qual foi dada por capital a antiga e calma vila de Kádi. Os novos dirigentes que para lá foram destacados de diversos lugares só se conheceram no local de destino. Eles foram encontrar uma zona mísera, triste e perdida, extenuada pelas remessas obrigatórias de cereais ao Estado, quando aquilo de que ali se necessitava era, pelo contrário, ajuda em dinheiro, em máquinas, e uma direção sensata da economia. E sucedeu que o primeiro-secretário do comitê local do Partido, Fiódor Ivánovitch Smírnov, era uma pessoa com um firme sentido da justiça, e que o chefe da seção agrária da zona, Stávrov, era um mujique de gema, um daqueles camponeses chamados "intensivistas", isto é, cuidadosos e instruídos, que já nos anos 20 orientavam as suas explorações sobre bases científicas (pois eram então estimulados pelo poder soviético: ainda não tinham decidido que a todos esses intensivistas, era preciso varrê-los). Strávrov, quanto a ele, devido a ter ingressado no Partido, não foi varrido quando da liquidação dos *kulaks* (talvez ele próprio tenha participado nessa liquidação). No seu novo lugar de trabalho eles tentaram fazer algo pelos camponeses, mas de cima caíam diretrizes uma atrás da outra, e cada uma delas era contra os seus empreendimentos: tudo se passava como se as inventassem de propósito lá em cima para tornar aos mujiques a vida mais amarga e difícil. Certa vez, os dirigentes de Kádi escreveram um relatório à capital da província dizendo ser necessário *reduzir* o plano de remessas de cereal: o distrito não o podia cumprir, caso contrário empobreceria até um limite perigoso. É preciso recordar o ambiente dos anos 30 (mas só dos anos 30?) para avaliar o sacrilégio que isto constituía contra o plano e o motim que fomentava contra o poder! Mas, segundo os hábitos daqueles tempos, não foram adotadas medidas frontais pelas autoridades superiores, mas deixadas à iniciativa local. Quando Smírnov partiu de férias, o seu substituto, Vassíli Fiódorovitch Romanov, segundo-secretário, impingiu a seguinte resolução ao comitê do distrito: "Os êxitos do distrito seriam mais

brilhantes (?) se não fosse por causa do trotskista Stárov". Assim começou o "caso" Stávrov. (O método é interessante: *dividir!* Para já, assustar Smírnov, neutralizá-lo, obrigá-lo a retroceder; depois chegará a vez dele. É esta, em pequena escala, precisamente a tática stalinista no Comitê Central.) Em tempestuosas reuniões do Partido esclareceu-se que Stávrov era tão trotskista como jesuíta romano. O chefe das cooperativas de consumo do distrito, Vassíli Grigórievitch Vlássov, homem autodidata, com lacunas mas com essas atitudes naturais que tanto surpreendem nos russos, cooperador inato, eloqüente e engenhoso nas discussões, acalorando-se quando se tratava do que considerava justo, convenceu a assembléia do Partido a *expulsar* Romanov, secretário do comitê do distrito, por calúnia! E foi-lhe aplicada uma repreensão! A última intervenção de Romanov é muito característica desse tipo de gente e da confiança que depositava no sistema: "Embora tenha demonstrado aqui que Stávrov não é trotskista, eu estou, *mesmo assim,* convencido de que ele é trotskista. *O Partido aclarará as coisas,* assim como quanto à minha repreensão". E o Partido aclarou: quase logo a seguir a NKVD do distrito prendeu Stávrov; ao cabo de um mês, prendeu o presidente do executivo do soviete do distrito, o estoniano Univer — e o seu lugar foi ocupado por Romanov. Stávrov foi conduzido à NKVD regional e ali confessou ser trotskista; que toda a vida tinha feito parte do bloco, com os socialistas-revolucionários; e que no seu distrito era membro de uma organização clandestina de *direita* (um ramalhete digno daquele tempo: só faltava a ligação direta com a *Entente).* Talvez ele não tenha confessado nada, mas isto nunca ninguém o saberá, pois morreu na prisão central da NKVD de Ivánovo em conseqüência das torturas. Em todo o caso, foram reduzidos a escrito os autos. Depressa foram presos o secretário do Partido do distrito, Smírnov, chefe da suposta organização de direita, o chefe da seção de finanças do distrito, Sabúrov, e ainda outros.

É interessante ver como se decidiu a sorte de Vlássov. Recentemente, ele tinha incitado a excluir do Partido o novo presidente do executivo, Romanov. Assim como tinha ofendido mortalmente o procurador do distrito Rússov (já descrito no capítulo 4). O presidente da NKVD do distrito, N. I. Krilov, ficou ofendido por ter sido impedido de prender, por imaginária atividade de sabotagem, dois hábeis e entendidos cooperadores de origem social incerta (Vlássov admitia sempre no trabalho quaisquer cooperadores de antes da Revolução: eles dominavam magnificamente as questões e procuravam ser diligentes; os pro-

letários que lhe propunham nada sabiam fazer e, o que era mais importante, nada queriam fazer). De todas as maneiras, a NKVD estava disposta ainda a arranjar as coisas por bem com a cooperativa! O substituto da NKVD do distrito, Sorokin, foi pessoalmente propor a Vlássov que fizesse um "presente" à NKVD ("depois você contabiliza isso de qualquer forma") de setecentos rublos de tecidos ("trapos"), e para Vlássov isso significava dois meses de salário. Ele não guardava para si ilegalmente nem uma migalha. "Se não der, depois vai lamentar." Vlássov expulsou-o dali: "Como se atreve a propor-me, a mim, comunista, uma coisa dessas!" No dia seguinte Krilov apresentou-se na cooperativa, já como representante do comitê distrital do Partido (toda essa mascarada e todos esses negócios são a alma de 1937!), e *ordenou* que se reunisse o Partido com a seguinte ordem do dia: "A atividade sabotadora de Smírnov e de Univer na cooperativa de consumo; relator, o Camarada Vlássov". Aqui cada truque é uma pérola! De momento não se acusa Vlássov! Mas bastava que ele dissesse duas palavras sobre a atividade sabotadora do antigo secretário do Partido, na esfera da competência de Vlássov, e a NKVD interrompê-lo-ia: "Onde estava *você?* Por que é que não veio no seu devido tempo comunicar-nos?" Em tal situação havia muitos que se desorientavam e se enterravam. Mas não Vlássov. Ele respondeu imediatamente: "Eu não farei o relatório! Que o faça Krilov, pois foi ele que o prendeu e que está tratando do caso Smírnov-Univer!" Krilov negou-se: "Eu não estou a par do assunto". Vlássov: "Pois se nem *você* está a par do assunto, é porque eles estão presos sem fundamento!" E a reunião pura e simplesmente não se realizou. Mas seria freqüente as pessoas se atreverem a defender-se? (A situação no ano de 1937 não estará completa, e nós perderemos de vista homens ousados e de decisões enérgicas, se não mencionarmos o fato de que já tarde da noite irromperam no gabinete de Vlássov o contabilista principal das cooperativas do distrito e o seu substituto N., oferecendo-lhe dez mil rublos: "Vassíli Grigórievitch! Fuja esta noite! Esta noite ainda! De outra forma estará perdido!" Mas Vlássov considerava que não era digno de um comunista fugir.) Pela manhã, no jornal do distrito apareceu uma severa nota sobre o trabalho na seção das cooperativas do distrito (é preciso dizer que no ano de 1937 a *imprensa* andava sempre de mãos dadas com a NKVD), e pela tarde foi proposto a Vlássov que apresentasse um relatório do seu trabalho ao comitê distrital do Partido (a cada passo deparamos com o mesmo tipo de métodos em toda a União!).

Isto sucedia em 1937, segundo ano da *Mikoian Prosperity** em Moscou e noutras grandes cidades, e atualmente aparecem por vezes memórias de jornalistas e escritores mostrando como já então começava a grande fartura. Tudo entrou na história e existe o risco de que fique nela para sempre. E, no entanto, em novembro de 1936, dois anos depois de terem sido eliminadas as cadernetas de racionamento do pão, na região de Ivánovo (e outras) foi dada a instrução secreta de *proibir o comércio de farinha*. Naqueles anos muitas donas de casa, nas pequenas cidades e especialmente nas vilas e aldeias, coziam elas próprias o pão. A proibição da venda de farinha significava: não comam pão! No centro distrital de Kádi formavam-se longas e nunca vistas filas para o pão (de resto assestou-se também um golpe nessas filas: em fevereiro de 1937 proibiu-se o fabrico de pão negro nos centros distritais, vendendo-se somente pão branco, mais caro). Na zona de Kádi não havia outra panificadora além da da sede do distrito, e das aldeias todos afluíam ali em busca de pão negro. Nos armazéns havia farinha, mas duas proibições se opunham à sua venda ao público! Entretanto, Vlássov encontrou um meio e, apesar das astutas disposições do Estado, vendeu pão a todo o distrito durante esse ano: percorreu os *kolkhozes* e em oito deles chegou a acordo no sentido de que nas isbás abandonadas pelos *kulaks* se criassem panificadoras coletivas (ou seja, que para lá se levasse lenha e se pusessem as mulheres a trabalhar nos fornos russos caseiros — mas coletivamente, não individualmente). A seção distrital das cooperativas comprometia-se a abastecê-las de farinha. Como com o ovo de Colombo: a solução é simples, depois de ter sido encontrada! Sem construir panificadoras (ele não tinha recursos para isso), Vlássov pô-las a funcionar num só dia. Sem fazer comércio de farinha, ele, ininterruptamente, enviava farinha do armazém, e exigia mais do comitê regional. Não vendendo pão negro no centro distrital, ele fornecia pão negro ao distrito. Sim, ele não tinha transgredido a letra das instruções, mas tinha violado o *espírito* das disposições: economizar farinha e deixar o povo morrer de fome. E assim, no distrito, tinham ponta por onde *criticá-lo*.

Depois dessa crítica ainda sobreviveu uma noite. Mas de dia foi preso. Como um pequeno galo de briga (era de baixa estatura e mantinha-se sempre um pouco arrogante, com a cabeça inclinada para trás), tentou recusar-se a entregar o cartão do Partido (na véspera, na reunião do comitê do distrito, não se

* *Em inglês no texto. (N. do T.)*

tinha decidido a sua expulsão!), e também o bilhete de deputado do soviete local (ele tinha sido eleito pelo povo e não havia qualquer decisão do executivo do soviete privando-o da imunidade!). Mas os milicianos não fizeram caso dessas formalidades, lançaram-se sobre ele e levaram-no pela força. Da seção distrital das cooperativas conduziram-no à NKVD, pelas ruas de Kádi, de dia, e um dos jovens vendedores, um *komsomol,* viu-o da janela do comitê do Partido. Então nem todas as pessoas tinham aprendido ainda (sobretudo nas aldeias, por sua simplicidade) a não dizer o que pensavam. O vendedor exclamou: "Ah, os canalhas! Levam o meu chefe!" Ali mesmo, sem sair da sala, foi excluído do comitê do distrito e do Komsomol, e arrastou-se pelo conhecido atalho até à cova.

Vlássov foi preso tarde, relativamente aos seus companheiros de processo. Este quase tinha sido instaurado sem ele e agora ia fazer-se o julgamento público. Levaram-no para a prisão central de Ivánovo, mas, como era o último, ele quase não foi submetido a qualquer pressão; fizeram-lhe apenas dois pequenos interrogatórios, e nenhuma testemunha veio depor. A pasta da investigação estava repleta de comunicados da seção distrital das cooperativas e de recortes dos jornais do distrito. Vlássov era acusado de: 1) ter provocado filas para o pão; 2) não ter assegurado o sortimento de um mínimo de mercadorias (como se houvesse tais mercadorias e alguém as propusesse a Kádi); 3) ter feito um estoque excessivo de sal (quando este era obrigatoriamente uma reserva "em caso de mobilização", dado que, segundo o velho costume da Rússia, numa guerra sempre se teme ficar sem sal).

Em fins de setembro levaram os acusados a julgamento público, em Kádi. Este não era o caminho mais curto (que luxo, ao lado das comissões especiais e dos julgamentos a porta fechada!): de Ivánovo a Kinechmá foram conduzidos num vagão *stolípin* *, e de Kinechmá a Kádi, numa distância de 110 quilômetros, de automóvel. Havia mais de uma dezena de veículos que formavam uma fila incomum pela velha estrada deserta, provocando admiração nas aldeias, misto de terror e de pressentimento de guerra. Pela organização irrepreensível e pelo efeito de intimidação de todo o processo respondia Kliúguin (chefe da seção especial e regional da NKVD encarregado das organizações contra-revolucionárias). A guarda era composta por qua-

* *Vagão assim chamado por ter surgido na época em que Stolípin era Ministro do Interior, isto antes da Revolução. (N. do T.)*

renta homens da reserva da milícia montada, e todos os dias, entre 24 e 27 de setembro, os conduziam pelas ruas de Kádi, com os sabres desembainhados e as pistolas em riste, ao edifício da NKVD distrital, um clube ainda não acabado de construir. Depois, no regresso, faziam-nos passar pela aldeia onde ainda há pouco eles constituíam o governo local. As janelas do clube já tinham sido postas, mas o cenário ainda não estava pronto, não havia luz elétrica (como de resto ela não existia, de um modo geral, em Kádi), e à noite o tribunal reunia-se à luz de querosene. Traziam um público escolhido dos *kolkhozes*. Toda a aldeia de Kádi ia assistir. Havia gente não apenas sentada nas cadeiras e nas janelas, mas de pé, enchendo os corredores, de forma que cabiam lá setecentas pessoas de uma vez (na Rússia, de qualquer modo, gostam desses espetáculos). Os bancos da frente eram permanentemente reservados aos comunistas, para que o tribunal tivesse sempre o desejado apoio.

A constituição especial do tribunal englobava o vice-presidente do tribunal regional, Chúbin, os assessores Bitch e Zaoziórov. O procurador regional Karássik, diplomado pela Universidade de Dorpat, dirigia a acusação (embora todos os acusados tivessem recusado defesa, foi-lhes imposto o advogado oficioso para justificar a presença do promotor público). O requisitório da acusação, solene, ameaçador e longo, resumia-se a que no distrito de Kádi atuava um grupo clandestino da direita bukharinista, criado em Ivánovo (leia-se: haverá prisões por lá), e que se impunha como objetivo derrubar o poder soviético na aldeia por meio da sabotagem econômica (os *direitistas* não teriam podido encontrar um lugar mais ignorado para dar início ao seu projeto!).

O promotor fez um requerimento: ainda que Stávrov tivesse morrido na cadeia, deviam ser levadas aqui em conta, considerando-se como prestadas perante o tribunal, as declarações feitas por ele antes da sua morte (era nestes depoimentos de Stávrov que se baseavam todas as acusações!). O tribunal manifestou a sua concordância: levar em consideração as declarações do defunto como se ele estivesse vivo (com a vantagem, entretanto, de que já nenhum dos réus podia impugná-lo).

Mas a ignorância da população de Kádi não captava tais sutilezas científicas, esperando o que sucederia mais adiante. Faz-se de novo a leitura dos depoimentos do morto durante a investigação, sendo estes reduzidos a auto. Começa o interrogatório dos réus e — que confusão! — *todos eles se retratam* das confissões feitas durante as averiguações!

Não se sabe como se teria procedido neste caso na Sala de Outubro da Casa dos Sindicatos*, mas aqui foi decidido, sem vergonha alguma, continuar! O juiz censura-os: "Como é que puderam na instrução fazer outras declarações?" Univer, debilitado, disse com voz quase inaudível: "Como comunista, não posso relatar num julgamento público os métodos de interrogatório da NKVD". (Eis um modelo dos processos dos bukharinistas. É isto que os paralisa: o que eles mais procuram é que o povo não pense mal do Partido. Os seus juízes deixaram há muito de ter essa preocupação.)

No intervalo, Kliúguin percorre as celas dos acusados. Diz a Vlássov: "Você ouviu como se curvaram Smírnov e Univer, canalha? Você também deve se reconhecer culpado, e contar toda a verdade!" — Só a verdade — concorda ainda de bom grado o vigoroso Vlássov. "A verdade é que vocês em nada se diferenciam dos fascistas alemães!" Kliúguin enfurece-se: "Escute, canalha, você há de pagar isto com sangue[39]!" A partir deste momento, Vlássov passa no processo do segundo ao primeiro plano, como *inspirador ideológico* do grupo.

É neste momento que a multidão que enche os corredores começa a compreender as coisas mais claramente, quando o tribunal é obrigado a falar sobre as filas do pão, sobre aquilo que a cada um toca mais de perto (antes vendia-se pão sem conta, enquanto hoje não há filas). Perguntam ao réu Smírnov: "Você sabia da existência de filas para o pão, no distrito?" "Sim, claro, elas estendiam-se desde a padaria até o próprio edifício do comitê distrital do Partido." "E que medidas tomaram?" Não obstante as torturas, Smírnov conservava a voz sonora e a calma segurança que lhe era dada pela sua inocência. Este homem espadaúdo, de cabelo castanho claro, de rosto simples, não mostra pressa, e a sala ouve cada palavra sua: "Visto que todos os apelos feitos às organizações regionais não deram resultado, incumbi Vlássov de enviar um informe ao Camarada Stálin". "E por que é que vocês não o fizeram?" (Eles ainda não sabiam disso!... Estavam vendo a banda passar!) "Nós o fizemos juntos, e eu o enviei por mensageiro especial diretamente ao Comitê Central, sem passar pelo comitê regional. Guardou-se uma cópia nos arquivos do comitê do distrito."

---

* *A célebre Sala das Colunas, de Moscou. (N. do T.)*

39 *"É o seu sangue que vai correr, Kliúguin, mais cedo do que você espera!" Apanhado junto com o bando de "guebistas" de Iéjov, Kliúguin acaba massacrado pelo espião Gubaidulin. (N. do A.)*

A sala nem respira. O tribunal alarma-se. Não é necessário perguntar mais, mas há alguém que ainda pergunta:

— E qual foi o resultado?

Esta pergunta está nos lábios de todos: "E qual foi o resultado?"

Smírnov não soluça, não se lamenta acerca do ideal morto (é isso o que falta nos processos de Moscou!). Ele responde com voz sonora e tranqüila:

— Nenhum. *Não houve resposta.*

Na sua voz cansada lia-se: Era o que eu esperava, na realidade.

Não houve resposta! Do nosso Pai e do nosso Mestre não houve resposta! O julgamento público tinha atingido o seu ponto culminante! Já tinham sido mostradas às massas as negras entranhas do Antropófago! O julgamento já podia terminar! Mas, não, não lhes chega para isso nem o tato nem a inteligência, e eles durante mais três dias não deixam de insistir no mesmo.

O promotor esganiça-se: Duplicidade! É isso o que fazem! Com uma mão sabotam e com a outra escrevem a Stálin! E ainda esperavam resposta dele? Que responda agora o réu Vlássov! Como é que chegou a inventar uma sabotagem tão monstruosa: pôr termo à venda de farinha? Deixar de cozer pão de centeio na capital do distrito?

O galinho-de-briga Vlássov não espera que o mandem levantar, ele mesmo se apressa a dar um salto e a gritar estridentemente na sala:

— Estou completamente de acordo em responder por isso perante o tribunal, se deixar o seu lugar de acusador, senhor promotor Karássik, e se sentar aqui ao meu lado!

Não se entende nada. Barulho, gritos. Chamem-no à ordem, que é isto?. . .

Tendo tomado a palavra de assalto, Vlássov explica agora com toda a satisfação:

— Chegaram instruções do Presidium do Comitê do Soviete Regional proibindo vender farinha e fazer pão. O promotor Karássik é membro permanente do Presidium. Se isto é uma sabotagem econômica, por que é que ele não impôs o seu veto, como promotor, a tal decisão? Isso significa que começou a sabotar antes de mim?

O promotor afundou-se, o golpe tinha sido rápido e certeiro. O juiz não encontra nada que dizer. E pronuncia entre dentes:

— Se for preciso (?), processar-se-á também o promotor. Mas hoje é você que estamos julgando.

(Há duas verdades — uma para cada categoria!)

— Assim, eu exijo que o tirem da cátedra de promotor! — repete o turbulento e incontrolável Vlássov.

Suspensão da audiência...

Bom, que significado educativo tem para as massas esse julgamento?

Mas eles insistem. Depois do interrogatório dos réus, começam os depoimentos das testemunhas. O contabilista N...

— Que conhece acerca da atividade sabotadora de Vlássov?

— Nada.

— Como pode ser isso?

— Eu estava na sala das testemunhas e não ouvi o que se dizia.

— Não tem necessidade de escutar! Através das suas mãos passavam muitos documentos, você não podia deixar de saber.

— Os documentos estavam todos em ordem.

— Eis aqui um montão de jornais do distrito. Até mesmo lá se fala da atividade sabotadora de Vlássov. E você não sabe nada?

— Então pergunte àqueles que escreveram esses artigos!

À gerente da padaria:

— Diga, o poder soviético tem muito cereal?

(Ora, ora! Que responder?... Quem é que está disposto a dizer: eu não o contei?)

— Tem muito...

— Então por que é que havia aqui tantas filas?

— Não sei...

— De quem depende isso?

— Não sei...

— Como não sabe? Quem era o seu chefe?

— Vassíli Grigórievitch.

— Ao diabo Vassíli Grigórievitch! O réu é Vlássov! Isso significa que dependia dele.

A testemunha cala-se.

O presidente dita ao secretário: "Resposta: em conseqüência da atividade sabotadora de Vlássov formavam-se filas para o pão, não obstante as enormes reservas de cereal do poder soviético".

Ruminando seu próprio receio, o promotor pronunciou um longo discurso. O advogado, no fundamental, defendeu-se a si

próprio, sublinhando que os interesses da pátria lhe são tão queridos como a qualquer honrado cidadão.

Smírnov, na sua última intervenção, não solicitou nada e de nada se arrependeu. Pelo que se pode estabelecer agora, era um homem firme, demasiado sincero para continuar a sustentar a cabeça sobre os ombros depois do ano de 1937.

Quando Sabúrov pediu que não lhe tirassem a vida — "não para mim, para os meus filhinhos", Vlássov, zangado, puxou-lhe pelo casaco: "Idiota!"

Ele próprio, Vlássov, não deixou passar a última ocasião para mostrar o seu atrevimento:

— Não considero os senhores como um tribunal, mas sim como atores representando uma opereta no tribunal, de acordo com papéis escritos de antemão. Os senhores são os executores de uma provocação da NKVD. Diga eu o que disser, de todas as maneiras vão-me condenar ao fuzilamento. Só tenho fé em que chegará o tempo em que os senhores estarão no nosso lugar[40]!...

Desde as sete da tarde até à uma hora da madrugada o tribunal esteve a elaborar a sentença e na sala do clube as lâmpadas de querosene foram ardendo, enquanto os réus se mantinham sentados sob a ameaça dos sabres, e o público zumbindo, sem abandonar a sala.

Tão prolongada como a redação da sentença foi a sua leitura, sobrecarregada de todas as alucinantes ações, ligações e intenções sabotadoras. Smírnov, Univer, Sabúrov e Vlássov foram condenados ao fuzilamento, outros dois réus a dez anos e um a oito. Além disso, as conclusões do tribunal conduziram ainda à descoberta em Kádi de outra organização de sabotadores da economia, pertencente ao Komsomol (que não tardaram a ser presos: recordam-se do jovem vendedor?); o centro clandestino das organizações estava em Ivánovo, que por sua vez, naturalmente, estava subordinado a Moscou (o abismo ia se abrindo sob os pés de Bukhárin).

Depois das palavras rituais "ao fuzilamento!", o juiz fez uma pausa para os aplausos, mas na sala havia uma tensão tão sombria que se ouviam os suspiros e o choro das pessoas estranhas, os gritos e os desmaios dos familiares, e mesmo nos dois primeiros bancos, onde estavam sentados os membros do Partido, não ressoaram aplausos, o que já era completamente inde-

---

40 *A falar a verdade, nisto ele enganou-se. (N. do A.)*

coroso. "Oh! Meu Deus, que é que vocês estão fazendo?!", gritavam ao tribunal vozes vindas da sala. Desesperadamente, a esposa de Univer irrompeu em pranto. E na penumbra da sala houve um movimento da multidão. Vlássov gritou para os bancos da frente:

— Mas por que é que vocês, canalhas, não aplaudem? E dizem-se comunistas!

O dirigente político do destacamento de guarda correu para ele e apontou-lhe o revólver à cara. Vlássov esforçou-se por lhe tirar o revólver. Um miliciano acorreu e afastou o seu chefe político, que tinha cometido um erro. O chefe da escolta ordenou: "Às armas!" E trinta carabinas das milícias de segurança, bem como as pistolas dos homens da NKVD local, foram apontadas contra os acusados e contra a multidão (pois parecia que esta se ia lançar para arrebatar-lhes os condenados).

A sala estava iluminada só por umas quantas lâmpadas de querosene, e a meia escuridão aumentava a confusão geral e o medo. A multidão, convencida completamente, se não pelo julgamento judicial, pelas carabinas apontadas contra ela, esmagando-se no pânico, buscava uma saída, não só pelas portas, mas também pelas janelas. Rangeram as tábuas, tilintaram os vidros. Quase esmagada, desmaiada, ficou caída debaixo das cadeiras, até de manhã, a esposa de Univer.

E não houve aplausos[41]...

Os condenados não só não podiam ser fuzilados imediatamente, como agora deviam ser guardados custasse o que custasse, porque já não tinham nada que perder e para executá-los era preciso conduzi-los ao centro regional.

A primeira tarefa era a de escoltá-los pelas ruas, de noite, até à NKVD, e procedeu-se assim: cada condenado era acompanhado por cinco guardas. Um levava a lanterna. Outro ia adiante com a pistola no ar. Dois agarravam o condenado com um braço, enquanto com a mão livre seguravam a pistola. E o

---

41 *Uma pequena nota consagrada à menina Zóia Vlássova, de oito anos. Ela amava o pai extremosamente. Não pôde voltar a estudar na escola (zombavam dela dizendo: "O seu pai é um sabotador!" Ela brigava com as outras: "O meu pai é bom!"). Depois do julgamento, viveu só um ano (até então jamais estivera doente). Nesse ano,* nem uma só vez riu, *andando sempre cabisbaixa, e as velhas auguravam: "Ela olha para a terra, depressa morrerá". E morreu de meningite, gritando antes de morrer, constantemente: "Onde está o meu pai? Tragam o meu pai!"*
Quando calculamos os milhões de homens que pereceram nos campos, esquecemo-nos de multiplicá-los por dois ou por três...

último ia atrás apontando a pistola para o condenado pelas costas.

O resto da milícia estava postado a intervalos regulares para evitar qualquer ataque da multidão.

Hoje, qualquer pessoa sensata estará de acordo em que se houvesse atuado assim nos julgamentos públicos, a NKVD nunca teria cumprido a sua grandiosa tarefa.

Aí está por que os processos políticos públicos no nosso país não continuaram por muito tempo.

XI A MEDIDA MÁXIMA *

A pena de morte na Rússia tem uma história com altos e baixos. No Código ** de Aleksei Mikháilovitch o castigo máximo era previsto em cinqüenta casos; no regulamento militar de Pedro I havia já duzentos artigos que o previam. Mas Elizavieta, não tendo abolido a pena capital, recorreu no entanto uma só vez a ela: dizem que ao subir ao trono fez a promessa de não executar ninguém — e em vinte anos de seu reinado não houve qualquer execução. Mesmo durante a Guerra dos Sete Anos ela não utilizou essa pena. Trata-se de um exemplo surpreendente para os meados do século XVIII, meio século antes da matança dos jacobinos. É certo que nós somos muito desenvoltos na ridicularização de todo o nosso passado; não reconhecemos nunca um ato nem uma boa intenção. Assim pode-se também denegrir inteiramente Elizavieta: ela substituiu a execução pelos golpes de açoite, o corte do nariz, a marca a ferro de "ladrão" e a deportação perpétua para a Sibéria. Mas diremos em defesa da imperatriz: como podia ela voltar-se mais bruscamente contra as idéias daquela sociedade? Talvez que o condenado à morte, nos nossos dias, para que não se apague o sol definitivamente para ele, escolhesse voluntariamente todo esse complexo de castigos que nós por razões humanitárias não lhe propomos. E talvez que no decurso deste livro o leitor se incline no sentido de que vinte e mesmo dez anos nos nossos campos são mais penosos do que os castigos do tempo da Imperatriz Elizavieta.

Segundo a nossa terminologia atual, Elizavieta tinha sobre isso uma visão humanista universal, e Catarina II, um ponto de vista de classe (e portanto mais justo). Não executar absolutamente ninguém dava-lhe uma sensação inquietante de angústia: a de ficar sem defesa. E para se proteger a si, ao trono e ao regime, isto é, nos casos políticos (Miróvitch, o motim da peste, Pugatchov), ela reconheceu que a execução era de plena conveniência. Mas para os delinqüentes, para os presos *comuns*, por que não considerar a execução abolida?

Sob o Czar Pável a abolição da pena de morte foi confir-

---

* *Alusão à fórmula da condenação à pena capital: "condenado à medida suprema de proteção social". (N. do T.)*

** *Chamado "Estabelecimento"* (ulojênie), *esse código foi publicado por ordem do Czar Aleksei Mikháilovitch em 1649. (N. do T.)*

mada. (E houve muitas guerras, mas nos regimentos não havia tribunais militares.) E durante todo o longo reinado de Aleksei I foi introduzida a pena de morte unicamente para os delitos militares cometidos em campanha (ano de 1812). (Aqui poderão dizer-nos: e os açoites até à morte? Aparte desnecessário: havia, é claro, assassinatos não-oficiais, podia-se levar uma pessoa à morte inclusive por meio de reuniões sindicais! Mas, de todas as maneiras, entregar a vida — a Deus — através de uma votação dos juízes foi coisa que meio século depois de Pugatchov, e até aos decembristas, não voltou a acontecer no nosso país, nem sequer por crimes de Estado.)

O sangue dos cinco decembristas despertou a sede de sangue do nosso Estado. Desde então, a execução por crimes de Estado não foi abolida, nem esquecida, nem mesmo pela revolução de fevereiro, sendo confirmada pelos Códigos de 1845 e de 1904, alargando-se ainda aos crimes de guerra e aos previstos pelas leis penais marítimas.

E durante esse tempo quantas pessoas foram executadas na Rússia? Indicamos já (no capítulo 8) os cálculos referentes aos líderes liberais dos anos de 1905-1907. Acrescentamos-lhes os dados comprovados pelo perito russo em direito penal, N. S. Tagántsiev[1]. Até 1905, a pena de morte na Rússia era uma medida de exceção. Ao longo de trinta anos, de 1876 a 1905 (época dos revolucionários de A Vontade do Povo, dos atos terroristas e não das *intenções* manifestadas na cozinha comum de um apartamento soviético; época das greves de massas e dos distúrbios camponeses; época durante a qual se criaram e fortaleceram todos os partidos da futura Revolução), foram executadas quatrocentas e oitenta e seis pessoas, ou seja, cerca de dezessete pessoas por ano em todo o país. (Isto englobando as execuções por crimes comuns[2].) Durante os anos da primeira revolução e do seu esmagamento, o número de execuções elevou-se, fustigando a imaginação das pessoas russas, fazendo chorar a Tolstói, provocando indignação a Korolenko e a muitos outros: de 1905 a 1908 foram executadas cerca de duas mil e duzentas pessoas (quarenta e cinco por mês!). Foi *uma epidemia de execuções*, como escreve Tagántsiev, e que a essa altura interrompeu-se.

O governo provisório, no seu advento, suprimiu a pena de morte em geral. Em julho de 1917 restabeleceu-a para a ativa

---

1 *N. S. Tagántsiev,* A pena de morte. *São Petersburgo, 1913. (N. do A.)*
2 *Em Chlisselburg, de 1884 a 1906, foram executadas... treze pessoas. Número horroroso para... a Suíça! (N. do A.)*

do Exército e nas províncias da frente de luta, para os delitos militares, os assassinatos, as violações, o bandoleirismo e a pilhagem (que nessas zonas então abundavam). Essa foi uma das medidas mais impopulares, que levou à queda do governo provisório. A palavra de ordem dos bolcheviques para a mudança do regime era: "Abaixo a pena de morte, restabelecida por Kerenski!"

Conservou-se o relato de uma discussão que teve lugar no Smólni na própria noite de 25 para 26 de outubro: um dos primeiros decretos não devia ser a abolição da pena de morte para sempre? E Lênin, com razão, ridicularizou nessa altura o utopismo dos seus camaradas, pois ele já sabia que sem a pena de morte não se avançaria nada a caminho da nova sociedade. Entretanto, ao formar um governo de coligação com os socialistas-revolucionários de esquerda, as suas errôneas concepções foram postas de lado, e a partir de 28 de outubro de 1917 a pena de morte foi abolida. Nada de bom, está claro, podia sair dessa "bondosa" medida. (E como a aboliram? Em começos de 1918, Trótski ordenou que se processasse Aleksei Chástni, recém-promovido a almirante, por se ter recusado a pôr a pique a esquadra do Báltico. O presidente do Supremo Tribunal Revolucionário, Kárklin, num russo defeituoso pronunciou à pressa a sentença: "Fuzilá-lo num prazo de vinte e quatro horas". Na sala do tribunal houve uma agitação: a pena de morte foi abolida! O promotor Krilenko esclareceu: "Por que se inquietam? Foi a execução que foi abolida. Não vamos executar Chástni — vamos fuzilá-lo". E fuzilaram-no.)

A julgar pelos documentos oficiais, a pena de morte foi restabelecida, em todos os seus direitos, a partir de junho de 1918 — não propriamente "restabelecida", mas instituída para inaugurar uma *nova era* das execuções. Se considerarmos que Látsis[3] não diminui os números, carecendo apenas de informações completas, e que os tribunais revolucionários fizeram pelo menos um trabalho judicial equivalente ao extrajudicial da Tcheká, chegaremos à conclusão de que em vinte províncias da Rússia central, num período de dezesseis meses (de junho de 1918 a outubro de 1919), foram fuziladas mais de dezesseis mil pessoas, ou seja, *mais de mil por mês*[4]. (A propósito, foram fuzilados então o presidente do primeiro soviete de deputados operários russos

---

3 *No opúsculo já citado* Dois anos de luta... *1920, página 75. (N. do A.)*
4 *Já que entramos em comparações, vejamos mais uma: nos oitenta anos do auge da Inquisição (1420-1498) foram em toda a Espanha condenadas à fogueira dez mil pessoas, isto é, cerca de dez pessoas por mês. (N. do A.)*

de Petersburgo, em 1905, Khrustaliev-Nossar, e o artista que fez o desenho do lendário uniforme do soldado vermelho para toda a guerra civil.)

De resto, pode até acontecer que não sejam esses fuzilamentos isolados (com sentenças prévias ou não, e que mais tarde se elevaram a milhares) os que mais gravemente embriagaram e arrepiaram a Rússia nessa era das execuções, começada em 1918.

Mais horrorosa nos parece ainda a moda de ambas as partes beligerantes, e mais tarde dos vencedores, *do afundamento de barcaças* com centenas de pessoas, sem serem contadas nem recenseadas, e até nem inscritas em listas. (Tal foi o caso da morte de oficiais da Marinha no golfo da Finlândia, no mar Branco, no mar Cáspio e no mar Negro, e ainda dos reféns de 1920, no lago Baikal.) Isto não faz parte da nossa história estritamente judicial — mas é a história dos nossos *costumes,* de onde procede tudo o que virá. Em todos os séculos, a partir do primeiro Riúrik, terá havido acaso uma época de tantas crueldades e de tantos asassinatos como depois da Revolução, durante a guerra civil?

Teríamos deixado passar um dente característico da engrenagem, se não disséssemos que a pena de morte foi suprimida . . . em janeiro de 1920, sim! Algum investigador poderá ficar até perplexo diante desta confiante e indefesa ditadura, que se privou da espada punitiva, quando Deníkin ainda estava no Kuban, Vrangel na Criméia, e a cavalaria polaca aparelhava os cavalos para a campanha. Mas, em primeiro lugar, esse decreto era deveras razoável: *não se estendia aos tribunais militares* (mas unicamente aos julgamentos sumários da Tcheká e aos tribunais revolucionários da retaguarda). Em segundo lugar, ele foi precedido de *uma limpeza das prisões* (vastos fuzilamentos de presos, que podiam depois ser abrangidos "pelo decreto"). E em terceiro lugar, o que é mais consolador, a sua vigência limitar-se-ia a um período extremamente curto — quatro meses (enquanto as prisões não se encheram de novo). Por decreto de 28 de maio de 1920, foi devolvido à Tcheká o direito de fuzilar.

A Revolução apressa-se em mudar o nome das coisas, para que cada fato seja encarado como novo. Assim, a "pena de morte" passou a ser denominada *medida máxima,* não de "castigo", mas de *segurança social.* Os fundamentos da legislação do Código Penal de 1924 explicam-nos que a medida máxima foi estabelecida *provisoriamente, até a sua completa abolição pelo Comitê Executivo Central.*

E, efetivamente, em 1927 começaram a *suprimi-la:* deixaram-na *unicamente* para os delitos contra o Estado e o Exército (artigo 58 e correspondentes do Código Militar), e ainda, é verdade, para o banditismo (mas já sabemos como é ampla a interpretação política do "banditismo", naqueles anos e mesmo hoje: desde o *basmatch,* nacionalista da Ásia central, até ao guerrilheiro dos bosques da Lituânia, qualquer nacionalista armado, em discordância com o governo central, é um "bandido". Como prescindir deste artigo? E um amotinado de um campo de concentração, bem como de um tumulto na cidade, também é um "bandido"). Entretanto, foi suprimido o fuzilamento, na altura do décimo aniversário da Revolução de Outubro, para os crimes previstos nos artigos que defendem os particulares.

Mas por ocasião do décimo quinto aniversário a lei de *sete do oito* acrescentou a pena de morte como uma importantíssima lei para o socialismo em marcha, que prometia a cada súdito uma bala por cada migalha roubada ao Estado.

Como sempre, lançaram mão em grande escala dessa lei, sobretudo nos primeiros tempos, em 1932-33, e fuzilavam então com especial zelo. Nessa época *pacífica* (ainda em vida de Kirov...), só na Prisão de Krétski, de Leningrado, em dezembro de 1932, aguardavam *simultaneamente* a sua sorte *duzentos e sessenta e cinco condenados à morte*[5] — o que durante um ano, só nessa prisão, deveria corresponder a um milhar.

E que criminosos eram esses? De onde tinham saído tantos conspiradores e agitadores? Estavam ali por exemplo seis *kolkhozianos* dos arredores de Tsarskóie-Celo, os quais eram acusados do seguinte: depois das ceifas do *kolkhoz* (feitas com as suas próprias mãos!), eles passaram de novo a crivo os campos e recolheram as espigas que tinham ficado entre os torrões para dar às suas vacas. *Estes seis mujiques não foram perdoados pelo Comitê Executivo Central, e a sentença foi executada!*

Que espécie de Saltitchikha, que abominável e repugnante senhor de servos poderia *matar* seis mujiques por umas desgraçadas espigas?... Se fossem somente espancados com um cajado, tê-lo-íamos sabido, e nas escolas amaldiçoaríamos os seus nomes[6]. Mas agora isto passa despercebido e sem problemas.

---

5 *Testemunho de B., que distribuía a comida nas celas dos condenados à morte. (N. do A.)*

6 *O que se ignora na escola é que Saltitchikha, por um veredicto (de classe) do tribunal, esteve presa onze anos nos subterrâneos da prisão do Mosteiro de São João, em Moscou, pelas ferocidades cometidas. (Prugávin,* Prisões dos mosteiros. *Editorial Posrédnik, página 39.) (N. do A.)*

E há que conservar a esperança de que algum dia os documentos confirmem o relato de uma testemunha viva. Se Stálin nunca tivesse mandado matar ninguém mais, só por esses seis mujiques de Tsarskóie-Celo eu já o consideraria digno de ser esquartejado! E ainda se atrevem a grunhir-nos (de Pequim, de Tirana, de Tbilíssi e das florestas dos arrabaldes de Moscou): "Como se atreveram a desmascará-lo?", "Como se atreveram a perturbar a sua grande sombra?", "Stálin pertence ao movimento comunista mundial!" Mas, no meu parecer, pertence só ao Código Penal. "Os povos de todo o mundo recordam-no com simpatia. . ." — mas não aqueles sobre os quais ia montado e que ele chicoteava.

Mas voltemos à escrita impassível, objetiva. Naturalmente que o Conselho Executivo Central teria "suprimido completamente", sem falta, a pena máxima, uma vez que o tinha prometido — mas a desgraça foi que em 1935 o Pai e Mestre *"suprimiu completamente"* o próprio Conselho Executivo Central. E o *Soviete Supremo* tinha já um ar mais próximo do dos tempos de Anna Ioánnovna *. Aqui já a "pena máxima" se tornou uma medida de *castigo,* e não uma medida de "segurança" qualquer, incompreensível. Os fuzilamentos de 1937-38 até para um ouvido staliniano desbordavam o limite da "segurança".

Sobre esses fuzilamentos qual será o especialista jurídico ou o historiador da delinqüência que nos apresentará uma estatística autêntica? Onde estão os *arquivos secretos,* em que possamos penetrar e ler as cifras? Não existem. E nunca existirão. Por isso, só nos atrevemos a repetir os números mais recentemente ouvidos, que nos anos 1939-40 circulavam pelas abóbadas da prisão de Butirki e provinham dos funcionários, altos e médios, de Iéjov, que tinham caído em desgraça não havia muito e que tinham passado por essas celas (eles estavam bem colocados para o saber). Diziam os de Iéjov que nesses dois anos tinham sido fuzilados em toda a União *meio milhão* de "políticos" e quatrocentos e oitenta mil comuns (artigo 59-3: fuzilados enquanto "apoio de Iágoda"; assim foi ceifado o "nobre e antigo meio da gatunagem").

Até que grau serão inverossímeis estas cifras? Considerando que os fuzilamentos foram realizados não durante dois anos, mas sim em um ano e meio, obtemos (para o artigo 58) a média por mês de vinte e oito mil fuzilados. Isto em toda a União. Mas

---

* *Referência à imperatriz que liquidou em 1730 o "conselho"* (Soviet) *constituído pelos nobres do império russo em 1726. (N. do T.)*

quantos locais de fuzilamento havia? Será muito modesto considerar que eram apenas uma centena e meia. (Havia mais, naturalmente. Só em Pskov tinham sido adaptadas muitas igrejas e antigas celas de eremitas para locais de torturas e fuzilamento da NKVD. Ainda em 1953 nessas igrejas não era permitida a entrada de turistas: "depósitos de arquivos"; belos "arquivos", em que não tinham limpado as teias de aranha em dez anos! Antes dos trabalhos de restauração, foram daí levados montes de ossos em caminhões.) Pode calcular-se que num lugar, e num só dia, levavam ao fuzilamento seis pessoas. Acaso isso é algo fantástico? Isto está até subestimado! (Segundo outras fontes, até 1.º de janeiro de 1939, tinham-se fuzilado um milhão e setecentas mil pessoas.)

Durante os anos da Segunda Grande Guerra, por causas diversas, a aplicação da pena de morte ora se ampliava (por exemplo, com a militarização das linhas férreas), ora se enriquecia de novas formas (desde abril de 1943 com o *ukaze* sobre o *enforcamento*).

Todos esses acontecimentos retardaram um pouco a prometida abolição absoluta e definitiva da pena de morte. No entanto, a paciência e a abnegação do nosso povo tinham-na merecido: em maio de 1947, Iossif Vissarionovitch, ao estrear o peitilho engomado com requinte diante do espelho, tendo ficado satisfeito ditou ao Presidium do Soviete Supremo a abolição da pena de morte em tempos de paz (substituindo-a por uma nova pena de vinte e cinco anos em campos de concentração: um bom pretexto para introduzir *um quarto de século)*.

Mas o nosso povo é mal-agradecido, criminoso e incapaz de apreciar a magnanimidade. Assim, tendo choramingado e choramingado por passar dois anos e meio sem pena de morte, os dirigentes, em 12 de janeiro de 1950, publicaram um *ukaze* em sentido oposto: "em razão das petições procedentes das repúblicas nacionais (a Ucrânia? . . .), dos sindicatos (que agradáveis são esses sindicatos, sabem sempre o que faz falta), das organizações camponesas (isto foi cochilo, pois todas as organizações camponesas tinham sido destruídas pelo Misericordioso no Ano da Grande Viragem), bem como dos intelectuais (isto sim, é inteiramente verossímil). . . decidiu-se voltar a instaurar a pena de morte para "os traidores da pátria, os espiões e os que realizem atividades de sabotagem e de diversionismo", que já se tinham amontoado nas prisões. (Mas esqueceram-se de retirar a pena de *um quarto de século*, e ela ficou.)

Quando começaram a restituir-nos o nosso conhecido corta-

cabeças, este difundiu-se sem esforços: em 1954, por homicídio premeditado; em maio de 1961, por dilapidação de bens do Estado, por falsificação de moeda, por terrorismo nos lugares de reclusão (isto é, pela morte de denunciantes e por ameaças à administração dos campos); em julho de 1961, por infração ao regulamento das operações com divisas; em fevereiro de 1962, por atentado contra as vidas dos agentes da milícia e dos seus auxiliares (um safanão, por exemplo), bem como por violação; e, imediatamente a seguir, por corrupção.

Mas tudo isso a título provisório, até a abolição completa. E ainda hoje isto está escrito assim[7].

No fim das contas, o período mais longo em que nos mantivemos sem execuções foi o da Czarina Elizavieta Petrovna.

Na nossa cega e confortável existência apresentam-nos os condenados à morte como personalidades isoladas, vítimas da fatalidade. Instintivamente, estamos convencidos de que nós mesmos nunca poderíamos cair numa cela de condenado à morte, porque para isso seria necessária, se não uma culpa grave, em todo caso uma vida de exceção. Temos de dar muitas voltas ao miolo para imaginarmos que às celas dos condenados à morte foram parar inúmeras pessoas insignificantes, pelos atos mais simples e que — cada uma segundo a sorte que teve — na maior parte dos casos não obtiveram clemência, mas sim a *suprema* (é o nome que os presos dão à "medida máxima": eles não suportam palavras elevadas e denominam tudo da forma mais grosseira e curta possível).

A um agrônomo da seção distrital agrária foi aplicada a pena de morte por um erro na análise dos cereais do *kolkhoz* (talvez a análise não tenha agradado aos chefes). Aí está 1937! O chefe de uma oficina de artesanato (que produzia carretéis de linha!), Melhnikov, foi condenado à morte porque na sua loja irrompeu um incêndio devido a uma faísca de uma máquina a vapor. Ainda 1937. (É verdade que a pena foi comutada em dez anos.)

Na Prisão de Krétski, em 1932, aguardavam a morte: Feldman, por ter sido encontrado com divisas; Faitelevitch, estudante do conservatório, pela venda de fitas de aço para a fabricação

---

7 Boletim do Soviete Supremo da URSS, *1959, n.º 1* — Fundamentos da legislação penal da URSS, *página 22. (N. do A.)*

de penas de escrever. O comércio tradicional, ganha-pão e passatempo dos judeus, também passou a merecer a pena de morte!

Será para nos maravilharmos que fosse condenado à pena de morte Gueraska, rapaz de uma aldeia de Ivánovo? O dia de São Miguel, na primavera, festejou-o na aldeia vizinha, bebeu bem e bateu com uma barra — não no traseiro de um miliciano, não! mas sim no do cavalo do miliciano! (É verdade que, depois, raivoso contra a milícia, arrancou o fio do telefone do soviete da aldeia e gritou: "Morte aos diabos!"...)

O nosso destino de ir parar à cela dos condenados não se decide por aquilo que fizemos ou não fizemos — decide-se pelas voltas da grande roda, de poderosas circunstâncias exteriores. Por exemplo, Leningrado encontra-se bloqueada. Que deve pensar o seu dirigente supremo, Camarada Jdánov, se nos processos do GB (Segurança do Estado) de Leningrado, nesses meses duros, não está prevista nenhuma pena de morte? Que os "Órgãos" não atuam, não é assim? Deve haver, para serem descobertas, importantes conspirações clandestinas dirigidas pelos alemães do exterior, não é verdade? Por que é que sob Stálin, em 1919, essas conspirações foram descobertas e sob Jdánov, em 1942, elas não vêm à luz? Dito e feito: descobrem-se várias conspirações ramificadas! Enquanto você dorme no seu quarto gelado de Leningrado, uma garra negra desce sobre você. E aqui nada depende de você mesmo. Acontece que certo general Ignátovski tem uma janela que dá para o rio Nievá e tirou um lenço branco para se assoar: é um sinal! Além disso, Ignátovski, que é engenheiro, gosta de falar com os marinheiros sobre questões técnicas. Há que cortar o mal pela raiz! Ignátovski é preso. Chegou o momento de ajustar contas! Ele é obrigado a dar o nome dos quarenta membros da sua organização. Dá-os. Se você é lanterninha do Teatro Aleksandra, as possibilidades de ser citado não são grandes, mas se é professor de um instituto tecnológico, então está na lista (outra vez esta maldita *intelliguêntsia!*). Nada depende de você. E por figurar nessa lista todos são fuzilados.

E fuzilam-nos realmente, a todos. Só resta entre os vivos Konstantin Ivánovitch Strakhóvitch, destacado especialista russo de hidrodinâmica: o alto comando da Segurança do Estado está descontente porque a lista é pequena e se fuzilam poucos. E Strakhóvitch é designado como o elemento central adequado para a descoberta de uma nova organização. É convocado pelo Capitão Altchuller: "Então você confessou de propósito tudo rapidamente, decidindo ir para o outro mundo a fim de ocultar o

governo clandestino? Qual era o seu papel na organização?" Assim, continuando na cela dos condenados à morte, Strakhóvitch é apanhado num novo círculo de interrogatórios! Ele propõe que o considerem como ministro da Educação (deseja acabar quanto antes!), mas para Altchuller isto é pouco. A investigação prossegue, e entretanto é fuzilado o grupo de Ignátovski. Num dos interrogatórios o ódio apodera-se de Strakhóvitch: ele não só não deseja viver, mas está cansado de ser um condenado à morte, e sobretudo a mentira já o repugna. E numa acareação com um certo funcionário importante ele salta batendo na mesa: "São *vocês* que devem ser todos fuzilados! Não vou mentir mais! Retrato-me de todas as minhas declarações!" E esta explosão ajuda-o! Não só o deixam de interrogar, mas durante longo tempo esquecem-no na cela dos condenados.

Pelo visto, num clima de submissão geral, uma explosão de desespero é sempre benéfica.

Tantos e tantos fuzilados! A princípio, milhares. Depois, centenas de milhares. Fazemos contas de dividir, de multiplicar, e suspiramos, amaldiçoamos. E contudo trata-se de simples números. Eles chocam o espírito. Depois, esquecem-se. Mas se um dia as famílias dos fuzilados mandassem imprimir numa editora as fotografias de todos os mortos, e se publicassem um álbum com essas fotografias, em vários tomos — ao perscrutar num último olhar os seus olhos extintos, que riqueza humana não extrairíamos para a vida que nos resta! Uma tal leitura, quase sem texto, depositar-se-ia nos nossos corações como uma estratificação eterna.

Em casa de um conhecido meu, antigo preso político, há o seguinte costume: em 5 de março, dia da morte do Assassino Principal, colocam-se sobre a mesa as fotografias dos fuzilados e mortos no campo de concentração: algumas dezenas, as que se conseguiu reunir. E durante todo o dia reina no apartamento um ambiente solene, meio de igreja, meio de museu. Executa-se música fúnebre, vêm os amigos, olham as fotografias, guardam silêncio, escutam, falam a meia voz, e saem sem despedir-se.

Se se fizesse assim em toda a parte... Guardaríamos nem que fosse uma pequena cicatriz dessas mortes.

A fim de que, de todas as maneiras, *não tivessem morrido em vão!*

Eu também tenho umas quantas fotografias ocasionais. Olhem ao menos para estas.

Viktor Petróvitch Pokróvski — fuzilado em Moscou, em 1918.

Aleksandr Chtrobínder, estudante — fuzilado em Petrogrado, em 1918.

Vassíli Ivánovitch Anítchkov — fuzilado na Lubianka, em 1927.

Aleksandr Andrêievitch Sviétchin, professor do Estado-Maior — fuzilado em 1935.

Mikhail Aleksándrovitch Reformátski, agrônomo — fuzilado em Oriol, em 1938.

Elizavieta Evguênievna Anítchkova — fuzilada num campo de trabalho no Ienissei, em 1942.

Como acontece *tudo isso?* Como é que as pessoas *esperam* a morte? O que é que sentem? Como é que pensam? A que conclusões chegam? E de onde as *tiram?* E o que é que ressentem nos últimos minutos da sua vida? E como é que... isto... eles... isto...?

É natural esta ânsia doentia das pessoas de levantar o véu (ainda que, naturalmente, nunca o consiga nenhum de *nós).* É claro também que os que sobreviveram nada nos podem dizer sobre este último momento, dado que foram indultados.

O que para além se passa só o conhecem os verdugos. Mas os verdugos não falarão. (O célebre *tio Liocha,* da Prisão de Kréts-ki, de Leningrado, que atava as mãos atrás das costas, punha as algemas e tapava a boca àqueles que, ao serem conduzidos à morte pelos corredores noturnos, gritavam: "Adeus, irmãos!" — por que haveria ele de lhes contar tudo? Por certo ainda hoje ele passeia por Leningrado bem vestido. Se o encontrarem na cervejaria das Ilhas * ou no futebol, perguntem-lhe!)

Entretanto, nem mesmo o verdugo conhece tudo até ao fim. Sob o ruído ensurdecedor que acompanha a escolta das execuções, não se ouve a saída da bala na nuca, e ele está condenado torpemente a não compreender o que se passou. Não fica conhecendo *o fim mesmo!* Só o sabem os mortos — isto é, ninguém.

Ah, é verdade, há o artista: esse, embora de forma obscura, confusa, algo pressente, até a própria bala, até a própria mordaça.

É através dos indultados e dos artistas que temos um quadro

---

* *Ilhas situadas no estuário do Nievá, onde fica o parque de recreio de Leningrado. (N. do T.)*

aproximado da cela da morte. Sabemos, por exemplo, que durante a noite eles não dormem, mas *esperam*. Só pela manhã se tranqüilizam.

Narókov (Martchenko), no romance *Falsas grandezas*[8], onde é dominado pela preocupação de escrever como Dostoiévski, de tocar e de comover mais ainda do que Dostoiévski, descreve no entanto muito bem a cela do condenado e a própria cena do fuzilamento, na minha opinião. Não é possível comprová-lo, mas em certa medida acredita-se.

Os pressentimentos de artistas mais antigos, por exemplo Leonid Andrêiev, transportam-nos inevitavelmente aos tempos de Krilov *. Mas que escritor fantástico poderia imaginar, por exemplo, as celas da morte de 1937? Ele não deixaria de desfiar a meada psicológica: a maneira de esperar, de escutar... Quem poderia no entanto prever e descrever-nos estas sensações inesperadas dos condenados à morte?

1. Eles sofrem de *frio*. Têm que dormir num chão de cimento, debaixo da janela, a uma temperatura de três graus negativos (Strakhóvitch), e pode ser que morram enregelados antes do fuzilamento.

2. Eles sofrem *de falta de espaço* e de *calor asfixiante*. Numa cela só para um, põem sete (é raro haver menos), dez, quinze ou mesmo *vinte e oito* condenados à morte (Strakhóvitch, Leningrado, 1942). E assim, esmagados, são mantidos semanas e *meses!* De forma que já não é um pesadelo falar dos sete enforcados **! Os homens já não pensam na execução, não temem o fuzilamento, mas pensam só em como estender as pernas, em como dar uma volta, em como absorver o ar.

Em 1937, quando nas várias prisões de Ivánovo (prisões interiores n.º 1, n.º 2 e KPZ) se encontravam presas ao mesmo tempo quarenta mil pessoas, embora estivessem planejadas apenas para três ou quatro mil, só na prisão n.º 2 tinham sido amontoados presos com processo em instrução, condenados a campos de trabalhos, condenados à morte, condenados à morte indultados e ainda ladrões. E todos eles estiveram *durante vários dias* numa grande cela, *de pé, apoiados uns contra os outros,* com tal estreiteza que não se podia levantar nem baixar os braços, e aqueles que eram apertados contra as tarimbas podiam fratu-

---

8 *Edições Tchékhov. (N. do A.)*

* *Fabulista russo do começo do século XIX. (N. do T.)*

** *Alusão à novela de Leonid Andrêiev,* A história dos sete enforcados. *(N. do T.)*

rar os joelhos. Isso passava-se no inverno, mas, para não se asfixiarem, os reclusos quebravam as vidraças das janelas. (Foi nesta cela que aguardou a morte, já depois de condenado, o velho bolchevique Alalíkin, membro do Partido Operário Social-Democrata Russo desde 1898, e que abandonou o Partido Bolchevique em 1917, depois das Teses de Abril *.)

3. Os condenados à morte sofrem de *fome*. Depois da sentença a espera é tão longa que a sua principal sensação passa a ser não a do medo do fuzilamento, mas a da tortura da fome: onde encontrar que comer? Aleksandr Babitch, no ano de 1941, na cadeia de Krasnoiarsk, passou na sua cela de morte setenta e cinco dias! Já se tinha resignado completamente e aguardava o fuzilamento como o único e possível fim da sua vida desfeita. Mas acabara por *inchar devido à fome* — e foi então que lhe comutaram a pena para dez anos de prisão, tendo iniciado em tal estado a sua vida pelos campos de trabalho. Mas qual é o recorde de permanência na cela da morte? Quem o conhece? Vsievólod Petróvitch Golítsin parece ser o *campeão* (!). Passou lá cento e quarenta dias (em 1938). Mas acaso será este o recorde?... Uma glória da nossa ciência, o acadêmico N. I. Vavílov, esteve à espera do fuzilamento vários meses, se não *um ano inteiro;* depois, na sua qualidade de condenado à morte, foi evacuado para a prisão de Sarátov, onde permaneceu numa cela subterrânea, sem janelas; e quando no verão de 1942 foi indultado e o transferiram para a cela comum, não podia andar: à hora do passeio deviam levá-lo nos braços.

4. Os condenados à morte sofrem por falta de assistência médica. Okhrimenko, durante a sua longa permanência na cela da morte (em 1938), adoeceu gravemente. Não o levaram ao hospital, e a médica não apareceu durante longo tempo. Quando ela finalmente chegou, não entrou na cela, mas através da porta com rede, sem o examinar nem nada lhe perguntar, estendeu-lhe uns pós. Strakhóvitch sofria de hidropisia nas pernas, o que ele explicou ao guarda, e mandaram-lhe... uma dentista.

Quando o médico intervém, deverá ele curar o condenado à morte, ou seja, prolongar-lhe o tempo de espera da morte? Ou o humanismo do médico consistirá em insistir no fuzilamento quanto antes? Ainda outra cena de que Strakhóvitch foi testemunha: o médico entra e, ao falar com o guarda de plantão,

---

* *Teses defendidas por Lênin em 17 de abril de 1917: recusa de combater na guerra, ruptura com o governo provisório, passagem do poder aos sovietes. (N. do T.)*

aponta com o dedo para um condenado à morte: "Mas já é um defunto!... um defunto!" (Assim ele queria chamar a atenção para as distrofias dos condenados, insistindo em que não se pode deixar morrer assim lentamente as pessoas, sendo já mais que tempo de fuzilá-los!)

E por que é que na realidade os retinham assim tanto tempo? Não teriam suficientes carrascos? É necessário levar em conta o fato de que muitos apresentavam uma petição de indulgência, quando não, eles *pediam* aos prisioneiros para o fazerem, e quando eles, obstinando-se, não queriam entrar em mais compromissos, *assinavam mesmo em seus nomes*. E a marcha do papel através da máquina não podia levar menos do que meses.

Eis provavelmente o que sucedia: a interferência de dois departamentos diferentes. O departamento encarregado das investigações e dos processos (como nos asseveraram alguns membros do Colégio Militar, tratava-se de um só) esforçava-se por detectar os casos mais ameaçadores e tenebrosos, não podendo deixar de aplicar aos delinqüentes um castigo exemplar — o fuzilamento. Mas, quando a sentença de fuzilamento era pronunciada e transcrita no processo judicial, esses espantalhos chamados réus já não lhes interessavam: como na verdade não havia nenhuma sedição, nada na vida do Estado mudaria pelo fato de os condenados ficarem com vida ou serem mortos. E assim eles passavam completamente a depender do departamento de prisões. O departamento de prisões, ligado ao Gulag, olhava já os presos do ponto de vista econômico: os seus *cálculos* eram não os de fuzilar o maior número possível, mas sim os de enviar mais força de trabalho para o arquipélago.

Tal foi a atitude de Sokolov, chefe da prisão interna da Casa Grande, em relação a Strakhóvitch, o qual, no fim de contas, *aborrecendo-se* na cela dos condenados à morte, pediu papel e lápis para fazer exercícios científicos. Primeiro escreveu um caderno sobre "a interação dos líquidos e dos sólidos em movimento" e sobre "cálculo de balística, molas e amortecedores"; depois outro sobre os "fundamentos da teoria da estabilidade". Foi então que o transferiram para uma cela isolada dita "científica", melhorando-lhe a comida. E começaram a chegar até ele encomendas da frente de Leningrado, para a qual elaborou um estudo acerca do "Volume de fogo na defesa antiaérea". Por fim, Jdánov comutou-lhe a pena de morte para quinze anos de prisão (mas a correspondência pelo correio seguia muito

devagar: e chegou mais depressa de Moscou a *indulgência* ordinária, que foi mais generosa do que a de Jdánov: ao todo *dez anos)*[9].

Quanto a A.N.P., professor de matemática, retido na cela de condenados à morte, o investigador Krújkov (sim, sim, é esse, o ladrão) decidiu explorá-lo com fins pessoais: o caso era que Krújkov estudava por correspondência! Assim, *fazia sair* A.N.P. da *cela da morte* e dava, para ele resolver, os seus exercícios sobre a teoria das funções de uma variável complexa (sendo provável que não se tratasse apenas dos seus exercícios!).

Que compreendeu efetivamente a literatura mundial sobre os sofrimentos perante a morte?

Enfim (este relato é de Tch. . .v), a cela da morte pode ser utilizada como *elemento de investigação,* como método de coação sobre o acusado. Dois presos que não reconheceram as suas culpas (Krasnoiarsk) foram de repente convocados ao "tribunal", "sentenciados" à morte e transferidos para a respectiva cela (Tch. . .v especifica bem que se tratava da "encenação de um julgamento". Mas, dado que qualquer processo é uma encenação, com que palavra designar este pseudoprocesso? Uma cena dentro de outra cena, um espetáculo dentro de outro espetáculo). Deixaram-nos a respirar até se intoxicarem neste ambiente de morte. Depois puseram-lhes lá um bufão, também como "condenado à morte". E eles, de repente, passaram a arrepender-se de terem sido tão obstinados durante a investigação e pediram ao guarda para comunicar ao investigador que estavam dispostos a assinar tudo. Deram-lhes a assinar as declarações, e depois levaram-nos da cela já *de dia* — isto é, não para o fuzilamento.

Mas os *verdadeiros* condenados à morte, que serviram de cobaia para o jogo de investigação, que deviam eles sentir perante esses que assim "se arrependiam" e eram indultados? Trata-se de aspectos secundários da encenação.

Dizem que Konstantin Rokossóvski*, futuro marechal, foi em 1939 levado duas vezes a um bosque, para um aparente fuzilamento noturno, tendo-lhe sido apontadas as armas e depois baixadas, e sendo conduzido de novo à prisão. Isto é também

---

9 *Todos os cadernos que Strakhóvitch escreveu na prisão estão hoje intatos. Mas a sua "carreira científica" atrás das grades não fazia mais que começar. Teria ainda que dirigir um dos primeiros projetos de turborreatores na URSS. (N. do A.)*

* *Rokossóvski morreu em 1968. (N. do T.)*

uma medida máxima, aplicada como método de investigação. E isso não teve importância, ele escapou, ficando vivo e são, e nem se tendo ofendido.

O homem deixa-se matar quase sempre resignadamente. Por que é que a pena de morte o hipnotiza tanto? Raramente os indultados se recordam de que na sua cela de morte alguém haja resistido. Mas houve também desses casos. Na Prisão de Krétski, de Leningrado, em 1932, os condenados à morte tiraram o revólver ao guarda e dispararam. Depois disso foi adotada a técnica seguinte: após observarem bem pelo postigo aquele que precisavam levar, lançavam-se na cela subitamente cinco guardas desarmados, para agarrar um só homem. Na cela dos condenados à morte havia oito ou dez presos, mas cada um deles tinha enviado um recurso a Kalínin e esperava ser perdoado. Por isso: "Morra você hoje que amanhã serei eu". Todos se afastavam e se punham a olhar com indiferença como atavam o condenado, como ele pedia socorro e lhe tapavam a boca com uma pequena bola de criança. (Olhando uma bola dessas, acaso se adivinham todas as possibilidades de sua utilização?... Que bom tema para um conferencista sobre o método dialético!)

Esperança! o que é que mais o fortalece ou debilita? Se em cada cela os condenados à morte, todos unidos, estrangulassem os carrascos, quando eles chegam, não cessariam mais seguramente as execuções do que com os apelos ao Comitê Executivo Central de Toda a Rússia? Já à beira da sepultura, por que não oferecer resistência?

Mas acaso no momento da detenção não estava já tudo predestinado? Entretanto, todos os presos, de joelhos, como se tivessem as pernas cortadas, se arrastam pelo caminho da esperança.

Vassíli Grigórievitch Vlássov conta que na noite seguinte ao veredicto, quando o levavam através das ruas escuras de Kádi, com quatro pistolas apontadas para ele, toda a sua preocupação era a de que não lhes ocorresse disparar naquela hora, provocadoramente, a pretexto de uma tentativa de fuga. Ainda não acreditava na sentença! Ainda tinha esperanças de escapar com vida...

Foi então encafuado no posto da milícia. Puseram-no estendido sobre a mesa do escritório, sendo vigiado por turnos de

dois ou três milicianos, à luz de uma lâmpada de querosene. Eles diziam entre si: "Cansei-me de escutar durante quatro dias, e não consegui compreender por que é que os condenaram". "Isso não são coisas que precisemos entender!"

Vlássov foi aí mantido cinco dias: esperavam a confirmação da sentença para fuzilar os condenados ali mesmo, em Kádi: era muito difícil escoltá-los até outro destino. Alguém enviou em nome deles um telegrama pedindo o indulto: "Não me considero culpado, peço para me pouparem a vida". Não houve resposta. Entrementes, as mãos tremiam de tal forma a Vlássov, que ele não era capaz de levar a colher à boca e bebia a sopa diretamente do prato. Kliúguin visitava-o para zombar dele. (Logo a seguir ao caso de Kádi, estava iminente a sua transferência de Ivánovo para Moscou. Nesse ano, essas estrelas cor de sangue que brilhavam no céu do Gulag tinham bruscos amanheceres e entardeceres. Aproximava-se o momento de os lançar, também a eles, para a mesma fossa, mas isso eles não sabiam.)

Não chegava a confirmação nem o indulto, e tiveram que levar os quatro condenados para Kinechmá. Transportaram-nos em quatro caminhões de tonelada e meia, indo em cada um deles um condenado guardado por sete milicianos.

Em Kinechmá, prenderam-nos nos subterrâneos do mosteiro (a arquitetura monacal, libertada da ideologia monástica, prestou-nos muitos serviços!). Agregaram-lhes lá outros condenados à morte e conduziram-nos num vagão celular até Ivánovo.

Na estação de cargas de Ivánovo separaram três dentre eles: Sabúrov, Vlássov e outro de um grupo diferente; os restantes foram imediatamente para o fuzilamento, pois a prisão já estava muito cheia. Foi aí que Vlássov se despediu de Smírnov.

Os três que escaparam foram deixados sob a fria umidade de outubro, no pátio da prisão número 1, onde os mantiveram durante quatro horas, enquanto retiravam, conduziam e revistavam outros que iam em levas. Não havia propriamente provas de que não os fuzilassem ainda naquele dia. Essas quatro horas tinham todavia que passá-las sentados no chão, mergulhados em seus pensamentos. Houve um momento em que Sabúrov julgou que os iam levar para o fuzilamento (mas conduziam-nos para a cela). Não gritou, mas agarrou-se tão fortemente ao braço do seu vizinho, que este uivou de dor. Os guardas levaram Sabúrov de arrastão, empurrando-o com as baionetas. Nessa prisão havia quatro celas de condenados à morte. No próprio corredor estavam presas mulheres com crianças, além de doentes! As celas tinham duas portas: uma ordinária, de madeira, com um postigo,

e outra de ferro, com grades. Cada uma tinha duas fechaduras (as chaves estavam em poder do guarda e do chefe do pavilhão, para que não pudessem abrir as portas separadamente, um sem o outro). A cela 43 era vizinha ao gabinete do juiz de instrução, e pela noite, quando os condenados à morte esperavam o fuzilamento, os gritos dos torturados rasgavam-lhes os ouvidos.

Vlássov foi trancafiado na cela 61. Era uma cela de isolamento: tinha cinco metros de comprimento e pouco mais de um de largura. Duas camas de ferro estavam fixas ao chão por uma grossa barra. Em cada cama havia dois condenados à morte. Catorze outros estavam deitados no chão de cimento, transversalmente.

À espera da morte, tinham reservado a cada um menos de um *archin* * quadrado! É sabido há muito tempo que mesmo um morto tem direito a *três archins* de terra — a Tchékov ainda lhe parecia pouco...

Vlássov perguntou se o iriam fuzilar logo. "Nós estamos aqui há muito tempo, e ainda estamos vivos..."

E começou a tal espera — como já é conhecida: durante a noite ninguém dorme, no mais completo abatimento, aguardando que venham levá-los para a morte, escutando cada sussurro no corredor (com essa prolongada espera decai também a capacidade da pessoa para opor resistência!...). São especialmente inquietantes aquelas noites que se seguem aos dias em que chegou o indulto para alguém: este irrompe em gritos de alegria, mas na cela adensa-se o terror, pois isso é sinal de que juntamente com o indulto chegou também do alto da montanha a recusa para alguns deles e de que pela noite virão buscar alguém...

Às vezes, a meio da noite, as fechaduras rangem e os corações gelam: será para mim? Não, não é para mim! E o guarda abre a porta de madeira para dizer qualquer coisa absurda: "Recolham as coisas que estão no parapeito da janela!" Esse simples ato de abrir a porta pode ter tirado a todos os catorze um ano de vida; bastará talvez repetir uma meia centena de vezes essa operação para já não ser necessário gastar uma bala! Mas como todos lhe ficaram agradecidos, por ter terminado tudo bem: "Vamos já guardá-las, cidadão-chefe!"

Depois de ir à latrina pela manhã, já libertos do temor, adormeciam. Mais tarde, o guarda trazia o recipiente da sopa e dava o bom-dia. Segundo o regulamento, a segunda porta, a

---

* *Medida de comprimento correspondente a 0,71 m. (N. do T.)*

das grades de ferro, devia abrir-se somente na presença do guarda de plantão da cadeia. Mas, como é sabido, as pessoas são mais preguiçosas do que os regulamentos e as instruções — e o carcereiro entrava na cela pela manhã sem o guarda de plantão, e de um modo perfeitamente humano, ou melhor, sobre-humano, lançava a saudação: "Bom dia!"

Haveria alguém na terra que fosse mais sensível a esse gesto do que eles? Reconfortados pelo calor dessa voz e desse líquido viscoso, dormiam agora até ao meio-dia. (Só pela manhã é que eles comiam! Depois de acordados, durante o dia, muitos deles eram incapazes de engolir fosse o que fosse. Só alguns recebiam pacotes de casa, pois podia acontecer que a família não soubesse nada acerca da condenação à morte. Os pacotes passavam a ser de todos na cela, mas ficavam jogados até apodrecer, com a exalação da umidade.)

De dia havia ainda uma ligeira animação na cela. Vinha o chefe do pavilhão, ou o sombrio Tarakánov, ou o bem disposto Makárov, oferecendo papel para escrever petições, perguntando se queriam algo, quem é que tinha dinheiro para encomendar fumo à cantina. Essas propostas pareciam ou demasiado estranhas ou extraordinariamente humanas: era como se os não tomassem por condenados à morte.

Com os fundos das caixas de fósforos, os condenados faziam pedras de dominó e jogavam. Vlássov procurava relaxar falando sobre as cooperativas, com aquele tom de comicidade que lhe era característico[10]. Iákov Petróvitch Kolpakov, presidente do Comitê Executivo do Soviete de Sudcha, bolchevique desde a primavera de 1917, na frente, permanecia sentado dezenas de dias sem mudar de posição, com a cabeça entre as mãos, os cotovelos fincados sobre os joelhos, olhando sempre para o mesmo ponto da parede. (Como devia parecer-lhe alegre e despreocupada, agora, a primavera de 1917!...) A loquacidade de Vlássov irritava-o: "Como você pode ser assim?" "E você, está se preparando para o paraíso?", sorria-se Vlássov, cuja pronúncia, com a rapidez do diálogo, ganhava o som do "ó" muito marcado*. "Eu só me impus uma coisa, vou dizer ao carrasco: 'Só você, e não os juízes, nem o procurador, é o culpado da minha morte. E veja se consegue viver com esta idéia, cana-

---

10 Os seus relatos sobre as cooperativas são magníficos e dignos de menção à parte. (N. do A.)

* *As populações do norte da Rússia européia pronunciam o o som átono o que os russos de outras regiões pronunciam* a. *(N. do T.)*

lha. Se não houvesse pessoas como você, carrascos voluntários, não haveria sentenças de morte'. Que me mate, este canalha!"

Kolpakov foi fuzilado. Foi fuzilado Konstantin Serguêievitch Arkádiev, antigo diretor da seção agrária do distrito de Aleksandrovsk (região de Vladímir). A despedida dele foi particularmente dolorosa. Pela noite ouviram-se os passos dos seis homens da guarda que vinham buscá-lo. Bruscamente, exigiram pressa, mas ele, doce, educado, durante algum tempo deu voltas e voltas ao boné entre as mãos, retardando o momento da saída, da saída do meio dos últimos homens terrestres. E quando pronunciou o último "Adeus", quase não tinha voz.

Nos primeiros instantes, ao indicarem a vítima, os restantes ficavam aliviados ("Não sou eu!"), mas depois de a terem levado, é duvidoso que se sentissem melhor do que ela. Durante todo o dia seguinte ficaram condenados a permanecer calados e a não comer.

Quanto a Guerachka, que pôs a saque o soviete da aldeia, comia e dormia muito; à maneira camponesa, ele acostumou-se mesmo àquilo. Parecia não poder acreditar que o fuzilariam. (E eles não o fuzilaram: comutaram-lhe a pena em *dez anos.)* Alguns ficaram grisalhos diante de seus companheiros de cela, em três ou quatro dias.

Quando se fica à espera da morte durante um período tão prolongado os cabelos crescem, sendo-se obrigado a cortá-los e a tomar banho. A vida do cárcere vai rodando na ignorância dos veredictos.

Alguns perdiam a coerência do discurso e a compreensão, mas de todas as maneiras ali iam aguardando também o seu destino. Aqueles que tinham perdido o juízo na cela dos condenados à morte eram fuzilados assim mesmo.

Chegavam muitos indultos. Precisamente naquele outono de 1937, pela primeira vez depois da Revolução, foram instituídas as sentenças de quinze e de vinte anos, e elas evitaram muitos fuzilamentos. Comutavam também as penas em dez anos, e até em *cinco* anos. No país das maravilhas tudo pode acontecer: ontem à noite você merecia execução, hoje de manhã, só uma sentença infantil. E você se torna, assim, um delinqüente qualquer, e no campo poderá até ficar sem escolta.

V. N. Khomenko estava em sua cela. Era um homem do Kuban, de sessenta anos de idade, antigo capitão de cossacos, "a alma da cela", se numa cela de condenados pode haver alma: pilheriava, sorria debaixo do bigode, não mostrava amargura.

Depois da guerra contra o Japão tinha sido declarado inapto para o serviço militar e aperfeiçoara-se na criação de cavalos. Servira na administração local da sua província e no final da década de 20 era "inspetor para o fornecimento de cavalos ao Exército Vermelho" na seção agrária da região de Ivánovo. Isto é, estava encarregado de velar por que o Exército Vermelho tivesse os melhores cavalos. Foi preso e condenado à morte por ter aconselhado a castrar os garanhões aos três anos, "com intenção de sabotagem", minando a capacidade combativa do Exército Vermelho. Khomenko interpôs recurso. Ao cabo de cinqüenta e cinco dias o chefe do corpo comunicou-lhe que não tinha dirigido o recurso à devida instância. Ali mesmo, apoiado na parede, com um lápis pertencente ao chefe do corpo, riscou o nome da instituição e no seu lugar escreveu outro, como se se tratasse de um maço de cigarros. Com esta defeituosa correção a queixa demorou outros sessenta dias a chegar. E assim Khomenko ficou à espera da morte durante quatro meses. (E poderia esperá-la ainda mais um ano ou dois, pois, afinal, todos nós temos que aguardar ano após ano o anjo da morte! Acaso não é o nosso mundo inteiro uma cela de condenados à morte?) E veio *a completa reabilitação!* (Entretanto, Vorochilov tinha decidido castrar antes dos três anos.) Hoje cortam-lhe a cabeça dos ombros, amanhã você terá toda a isbá a festejá-lo.

Eram muitos os indultados, os que alimentavam esperanças. Mas Vlássov, confrontando o seu caso com outros, e analisando, sobretudo, o seu comportamento no processo, achava que tinham acumulado mais coisas graves. Era preciso fuzilar alguém. Metade dos condenados, pelo menos. Ele estava persuadido de que seria fuzilado. Só queria, em face disso, manter a cabeça erguida. A ousadia própria do seu caráter emergia de novo, e dispôs-se a ser atrevido até ao fim.

A ocasião não demorou. Passando revista à prisão, não se sabia para quê (o mais certo seria para experimentar sensações), Tchinguli, chefe de investigação da Segurança do Estado de Ivánovo, ordenou que abrissem a porta da sua cela e postou-se no umbral. No meio da conversa, perguntou: "Quem aqui pertence ao processo de Kádi?"

Vestia uma camisa de seda de manga curta, das que estavam então na moda e pareciam feitas para mulheres. Ele mesmo, ou a camisa, expeliam um perfume adocicado, que chegava até à cela.

Vlássov, com agilidade, saltou da cama e pôs-se a dar gritos estridentes:

"Quem é este oficial colonial?! Saia daqui, assassino!" De cima, escarrou com toda a força no rosto de Tchinguli.

E acertou-lhe!

O outro limpou-se e retrocedeu. É que ele não tinha o direito de entrar nessa cela senão acompanhado de seis guardas. E olhe lá...

Um pato com juízo não deve comportar-se desse modo. E se, precisamente agora, o seu processo estiver nas mãos desse Tchinguli e depender dele o visto para o indulto? Pois não deve ter sido em vão que perguntou: "Quem aqui pertence ao processo de Kádi?" Fora seguramente por isso que viera.

Mas chega-se a um limite em que já repugna ser um pato com juízo; em que a cabeça do pato é iluminada pela compreensão geral de que todos os patos estão condenados a ser reduzidos a carne e a pele, e por isso a vantagem pode consistir unicamente em ganhar tempo, mas não a vida; em que se quer gritar: "Maldito seja, fuzile-nos o quanto antes!"

Depois de quarenta e um dias de espera do fuzilamento, era este precisamente o sentimento de exasperação que se ia apoderando, cada vez mais, de Vlássov. Na cadeia de Ivánovo convidaram-no duas vezes a requerer a graça, e ele negou-se.

Mas no quadragésimo segundo dia chamaram-no ao boxe e anunciaram-lhe que o Presidium do Soviete Supremo lhe comutava a pena máxima em vinte anos de prisão em campos correcionais de trabalho, com os subseqüentes cinco anos de privação de direitos.

O pálido Vlássov sorriu-se e até aí teve presença de espírito para dizer:

— É estranho. Condenarem-me por não ter confiança na vitória do socialismo num só país. Mas acaso Kalínin acredita nela, se pensa que dentro de vinte anos serão ainda necessários campos de trabalho?

Vinte anos, então, pareciam um lapso de tempo enorme.

Estranhamente, trinta anos mais tarde, continuavam a parecer necessários.

XII TIURZAK — A RECLUSÃO PRESIDIÁRIA

Ah, a boa palavra russa *ostrog* (presídio), como ela é forte, bem construída! Parece ter a mesma fortaleza desses muros, de que não se pode sair. E tudo está concentrado nesses seis fonemas: o rigor *(strógost)*, o arpão *(ostrogá)* e os espinhos *(ostrotá)* — os espinhos do ouriço, quando roçam como agulhas no focinho, quando a tormenta fustiga a carantonha gelada e espicaça os olhos. As estacas aguçadas da zona fronteira ao campo, e de novo o arame farpado. A prudência *(ostorójnosts)* vem agregar-se-lhe ao flanco. E por que não o corno *(rog)?* Sim, o corno sobressai, marra, apontado diretamente contra nós!

Se dermos uma olhadela a todos os hábitos carcerários, aos seus usos e costumes, digamos, aos últimos noventa anos dessa instituição, veremos que não é só um corno, mas sim dois: os populistas tiveram direito a uma extremidade dele, lá onde ele marra mais, onde é insuportável recebê-lo, no tórax, penetrando até ao osso; depois, gradualmente, ele foi-se tornando cada vez mais redondo, mais liso, descendo até à raiz, passando a não parecer já quase um corno, mas sim uma superfície peluda (isto nos começos do século XX). Depois de 1917, depressa se lhe apalparam as primeiras protuberâncias da segunda raiz. Apesar da dor do ferimento, apesar do *slogan* "Vocês não têm o direito!", essas protuberâncias passaram de novo a elevar-se, a estreitar-se, a ser mais severas, a endurecer — e no ano de 1938 enterraram a sua ponta no homem, em plena carótida, um pouco mais abaixo do pescoço: eis o corno do *tiurzak*[1]*!* E, como um sino de alarma noturno e longínquo, pôs-se a dar uma badalada por ano: *ton-n-n*[2]*!*...

Se seguirmos esta parábola, segundo os presos de Chlisselburg[3], no começo tudo é terrível: o preso tem um número e ninguém o pode chamar pelo nome; os guardas, como se tivessem sido ensinados na Lubianka, não dizem uma só palavra. Se você diz... "nós", respondem-lhe: "Fale somente por si próprio!" O silêncio é sepulcral. A cela está permanentemente

---

1 *Abreviatura de* Tiuremnóie Zakliutchênie, *Reclusão Presidiária (termo oficial). (N. do A.)*

2 *Abreviatura de* Tiurma Ossobogo Naznatchênia, *Presídio com Regime Especial. (N. do A.)*

3 Trabalho forçado, *de Vera Figner. (N. do A.)*

na penumbra, os vidros são opacos, o chão asfaltado, o postigo abre-se apenas quarenta minutos por dia. Dão de comer sopa de couve sem carne e papas de cereal. Na biblioteca não emprestam livros científicos. Dois anos inteiros sem ver uma única pessoa. Só ao fim de três anos dão-lhe algumas folhas de papel numeradas [4].

Mas, aos poucos, o espaço aumenta e vai se tornando mais doce: eis que aparecem pão branco e chá com açúcar; se você tem dinheiro pode comprar o que quiser; fumar não é proibido; foram postos novos vidros transparentes e o postigo está sempre aberto; pintaram as paredes de cor mais clara; e você tem direito de receber livros por assinatura de uma biblioteca de São Petersburgo; entre as hortas há gradeamentos de ferro, é possível conversar e até fazer palestras de um lado para o outro. Já as mãos dos presos começam a reclamar: dêem-nos ainda um pouco mais de terra! E dois amplos pátios da prisão são lavrados, para criar plantas. Já quatrocentos e cinqüenta tipos de flores e de hortaliças! Vê-se aparecer coleções científicas, uma oficina de carpintaria, uma forja: ganhamos dinheiro, compramos livros, inclusive livros políticos russos [5], e revistas estrangeiras. E trocamos correspondência com os familiares. O passeio? Todo o dia, se se quiser.

Vera Figner recorda: "Já não era o diretor que gritava, éramos nós que gritávamos com ele". E no ano de 1902, tendo-se ele negado a enviar a sua queixa, *ela arrancou-lhe os galões!* As conseqüências foram as seguintes: veio *um investigador militar* e *desculpou-se* diante de Vera Figner pela ignorância do diretor!

Como se verificou esse deslize, esse relaxamento? Vera Figner explica-o em parte pelo humanismo de alguns comandantes, e pelo fato de que "os guardas se familiarizaram com os presos", se habituaram. Por uma boa parte, isso foi resultado da firmeza dos presos, da sua dignidade e da maneira como souberam comportar-se. De todas as maneiras, eu penso: o "ar dos tempos", o frescor úmido que precede a tormentosa nuvem, a brisa de liberdade que já se estendia pela sociedade foi o elemento decisivo! Sem ela, teria sido impossível estudar às

---

[4] *Segundo cálculos de M. Novorusski, de 1884 a 1906, houve três suicídios e cinco casos de loucura em Chlisselburg. (N. do A.)*

[5] *P. A. Krassíkov (o mesmo que condenará à morte o Metropolita Veniámin) leu* O capital *na Fortaleza de São Pedro e São Paulo (só esteve lá um ano, e libertaram-no). (N. do A.)*

segundas-feiras o *Resumo* * com os guardas, fortalecendo simultaneamente a disciplina e a subordinação. E em lugar do "trabalho forçado" **, Vera Figner teria recebido *nove gramas de chumbo* num porão por ter arrancado os galões.

O abalo e o afrouxamento do sistema carcerário czarista não aconteceram por si sós, mas sim porque toda a sociedade, fazendo causa comum com os revolucionários, o sacudia e ridicularizava como podia. O czarismo já tinha perdido a cabeça, não nos tiroteios de rua, em fevereiro de 1917, mas algumas décadas antes: quando a juventude das famílias bem estabelecidas passou a considerar o fato de passar pela prisão como uma honra, e os oficiais do Exército (mesmo os da Guarda) consideravam vergonhoso apertar a mão a um guarda. E quanto mais se debilitava o sistema carcerário, mais claramente triunfava a *ética dos presos políticos* e os membros dos partidos revolucionários sentiam com mais nitidez a sua força e a força das próprias leis — não a das leis do Estado.

E assim se abateu sobre a Rússia o ano 17, e sobre os seus ombros se alçou o ano 18. Por que é que passamos imediatamente ao ano 18? A matéria da nossa análise não nos permite determo-nos no ano 17: a partir de fevereiro, todas as cadeias políticas, tanto as preventivas como as de investigação, assim como todos os presídios, ficaram vazias. E é surpreendente como sobreviveram os guardas dos presídios, durante esse ano. Naturalmente, converteram as hortas em campos de batatas. (A partir de 1918, a sua situação aliviou-se, e em Chpalernaia, no ano de 1928, já serviam o novo regime, como se nada se tivesse passado.)

Desde o último mês de 1917 tornou-se claro que não se podia passar sem presídios, e que para alguns não havia lugar senão atrás das grades (ver capítulo 2). Isso porque, pura e simplesmente, não tinham lugar na nova sociedade. Acabou-se assim de tatear a superfície entre os cornos, começando-se a apalpar o segundo.

Compreende-se que tenham imediatamente declarado que os horrores das cadeias czaristas nunca mais se repetiriam: que não podia haver nenhuma *correção coercitiva,* nenhum silêncio nas prisões, nenhuma cela de isolamento, nenhum passeio sepa-

---

* *Alusão à obra de Stálin (1938) :* Resumo da história do PCUS, *matéria obrigatória em muitos cursos não menos obrigatórios. (N. do T.)*
** *Título do livro de recordações de Vera Figner. (N. do T.)*

rado com formas diversas de fila indiana, nenhuma cela fechada [6]! Vamos, queridos convidados, reúnam-se, falem quanto queiram, queixem-se uns aos outros dos bolcheviques. A atenção das novas autoridades voltava-se para as forças de combate da guarda fronteiriça e para a recepção da herança penitenciária legada pelo czarismo (era precisamente essa máquina do Estado que não era conveniente desmantelar sem construir de novo). Felizmente, descobriu-se que a guerra civil não tinha ocasionado a destruição das *principais* cadeias e presídios. Havia apenas que evitar estas palavras antigas e emporcalhadas. Agora chamavam-lhes *isolamentos políticos*. Essa expressão indicava que os membros dos antigos partidos revolucionários eram considerados como inimigos políticos e apontava não o caráter punitivo das grades, mas a necessidade de isolar (pelo visto temporariamente) esses revolucionários passados de moda, na marcha empreendida pela nova sociedade. Com tudo isso, as abóbadas das velhas cadeias centrais receberam os socialistas-revolucionários, os democratas-constitucionais e os anarquistas (as da prisão de Suzdal parece que já durante a guerra civil).

Todos regressaram ao cárcere com a consciência dos seus direitos de presos, com a antiga e comprovada tradição de os defender. Tinham direito por lei a uma *ração especial para os políticos,* arrancada ao czar e confirmada pela Revolução (inclusive meio maço de cigarros por dia); a compras no mercado (leite e queijo); a passeios livres de várias horas por dia; a que os vigilantes os tratassem por "você" (e eles próprios não se levantavam diante dos representantes da administração carcerária); à reunião de marido e mulher na mesma cela; a jornais, revistas, livros, material para escrever, objetos de uso pessoal, incluindo aparelhos de barbear e tesouras na cela; a enviar e a receber três vezes por mês correspondência; a visitas uma vez por mês, é claro; a ter as janelas abertas (então não havia noção das "mordaças"); à circulação intercelas sem impedimentos; a pátios para passearem com vegetação e lilases; à livre escolha dos companheiros de passeio; à possibilidade de lançar uma bolsa com mensagens do passeio de um pátio para outro; à transferência das mulheres grávidas [7], dois meses antes do parto, da prisão para uma residência fixa.

Mas isso só para os *presos políticos*. Entretanto, os polí-

---

[6] *Coletânea* Das prisões... *(N. do A.)*

[7] *Desde 1918, não tinham vergonha de prender as socialistas-revolucionárias grávidas. (N. do A.)*

ticos dos anos 20 recordavam-se ainda perfeitamente de um direito mais elevado: o da *auto-administração dos presos políticos,* que lhes dava a sensação de fazerem na prisão parte de um todo, de serem um elo da comunidade. A auto-administração (eleição livre de delegados que representassem os interesses de todos os presos face à administração) fazia diminuir a pressão da cadeia sobre cada pessoa, pois suportavam-na com os ombros todos juntos, reforçando cada protesto com a fusão das suas vozes em uníssono.

E eles dispuseram-se a defender tudo isso! E as autoridades carcerárias dispuseram-se a tirar-lhes tudo isso! Começou assim uma luta surda, em que não explodiam projéteis de artilharia, mas só de vez em quando soavam disparos de espingarda, fazendo um barulho de vidro partido que não se ouvia para lá de meia versta. Tratava-se de uma luta surda pelos restos de liberdade, pelos restos dos direitos de ter uma opinião. Uma luta surda de quase vinte anos, embora sobre ela não tivessem sido publicados volumes com ilustrações. E todas as mutações, toda a lista das suas vitórias e das suas derrotas, são-nos hoje quase inacessíveis, porque no arquipélago não há escrita, a memória oral interrompe-se com a morte das pessoas. Só chegam por vezes até nós respingos casuais dessa luta, iluminados pela claridade lunar, que não é a melhor nem a mais clara. Desde então até agora não nos faltaram motivos de espanto. Conhecemos as lutas de tanques, conhecemos as explosões atômicas. Que significa pois para nós o fato de as celas estarem fechadas a cadeado, e de os presos, exercendo o seu direito de entrarem em contato, comunicarem abertamente por meio de pancadas nas paredes, gritando de uma janela para outra, baixando com o auxílio de um fio uma mensagem de um andar para outro, e insistirem em que pelo menos os delegados das facções partidárias pudessem percorrer livremente as celas? Que luta é essa para nós, se quando o chefe da Lubianka entra na cela da anarquista Anna G. . .v (1926) ou da socialista-revolucionária Kátia Olítskaia (1931) estas se recusam a pôr-se de pé à sua chegada? (E este selvagem inventa logo um castigo: privá-las do seu direito. . . de ir fazer as suas necessidades fora da cela.) Que luta é essa, se duas jovens, Chura e Vera (1926), protestando contra a ordem dada na Lubianka de conversar a meia voz, pois se trata de uma repressão da personalidade, cantam em voz alta na cela (no fim de contas uma canção sobre os lilases e a primavera), o que leva o chefe da prisão, o lituano Duques, a arrastá-las pelos cabelos pelo corredor até à latrina? Ou se

(em 1924), num vagão *stolípin* de Leningrado, os estudantes entoam canções revolucionárias, e a escolta os priva de água, enquanto eles gritam: "Nem uma escolta czarista teria feito isso!" E a escolta espanca-os! Ou se o socialista-revolucionário Kozlov, no campo de trânsito de Kemi, chama em voz alta "verdugos" aos guardas e é arrastado por terra como um saco e espancado?

Nós habituamo-nos, na verdade, a entender por *valentia* unicamente o valor militar (bom, ou o dos que fazem vôos cósmicos), o daquele que faz tilintar medalhas. Esquecemo-nos de outra espécie de valentia — a *cívica.* Ora, é dela, dela, dela apenas que está necessitada a nossa sociedade! E é essa que não existe entre nós...

Em 1923, na cadeia de Viatka, o socialista-revolucionário Strujinski, com alguns camaradas (quantos eram? como se chamavam? contra que é que protestavam?), barricaram-se na cela, regaram os colchões com querosene e *imolaram-se* pelo fogo. Exatamente como nas tradições do presídio de Chlisselburg, para não remontar mais longe. Mas que barulho se fez *então!* Como se comoveu toda a sociedade russa! Mas agora nem Viatka, nem Moscou, nem a história tiveram conhecimento disso. Entretanto, a carne humana também crepitou no fogo!

A primeira idéia foi de encontrar um bom lugar, onde durante meio ano não houvesse ligação com o mundo exterior. Eis o porquê da escolha das ilhas Solovetsko. Daí não se poderão ouvir os seus gritos, e, se você assim o desejar, pode imolar-se pelo fogo a seu bel-prazer. Em 1923, foram transferidos para lá os presos socialistas de Pertominsk (península de Onega) e dividiram-nos por três mosteiros solitários.

Eis o Mosteiro de Savatievsk: dois pavilhões da antiga hospedaria para peregrinos, com uma parte do lago a penetrar na *zona* *. Nos primeiros meses tudo parece correr bem: observa-se o regime dos presos políticos, alguns familiares chegam a fazer visitas, e os três delegados dos três partidos levam a cabo conversações com a administração carcerária. A zona do mosteiro é uma zona de liberdade: no interior dela os presos podem falar, pensar e mover-se sem impedimentos.

Mas já então, na aurora do *arquipélago,* se espalham pelas ainda não chamadas "latrinas" graves e insistentes rumores: vai ser liquidado o regime de presos políticos... o regime dos presos políticos vai ser liquidado...

E, efetivamente, aproveitando a oportunidade da interrup-

---

* *Superfície do campo de concentração. (N. do T.)*

ção da navegação e de qualquer ligação com o mundo exterior, em meados de dezembro o chefe do campo de Solovetsk, Eichmans [8], anunciou: — Sim, foram recebidas novas instruções sobre o regime do campo. Não se abolem todas as liberdades, naturalmente, ah, não! Reduz-se a correspondência, uma ou outra coisa, mas o que é mais sensível por hoje é que a partir de 20 de dezembro de 1923 se proíbe a saída a qualquer hora dos pavilhões, sendo esta permitida apenas de dia, até às seis da tarde.

As diversas frações decidem protestar: apresentam-se voluntários dos socialistas-revolucionários e dos anarquistas, decididos a sair no primeiro dia da proibição, passeando precisamente depois das seis da tarde. Mas o chefe do mosteiro de Savatievsk, Nogtiov, ardia tanto pelo desejo de pegar numa espingarda que *antes* mesmo das seis horas da tarde (talvez os relógios não andassem acertados, não existindo ainda o controle pelo rádio) uma escolta com espingardas penetrou na zona e abriu fogo sobre os que passeavam legitimamente. Três descargas. Seis mortos e três feridos graves.

No dia seguinte, chegou Eichmans: tudo foi um triste mal-entendido. Nogtiov será destituído (isto é, transferido e promovido). Funeral dos mortos. O coro canta na solidão de Solovetsk:

Vocês são as vítimas da luta fatal * . . .

(Não é acaso permitida, por uma última vez, esta melodia em memória dos que acabam de cair?) Colocou-se uma pedra errática sobre a sua sepultura, gravando-se nela os nomes dos mortos [9].

Não se pode dizer que a imprensa tenha ocultado este acontecimento. No *Pravda* foi inserida uma notícia local em caracteres minúsculos, notificando que os presos *atacaram* a escolta, tendo morrido seis pessoas. Um jornal honesto, *Rote Fahne,* descreveu o motim de Solovetsk [10].

---

8 *Que semelhança com Eichman, não é?*

* *Canto revolucionário, conhecido pelo título de* Marcha fúnebre, *que servia no século XIX de acompanhamento às exéquias. (N. do T.)*

9 *Em 1925 viraram a pedra e enterraram a inscrição. Se alguém visitar Solovetsk, que procure e observe!*

10 *Entre os socialistas-revolucionários de Savatievsk encontrava-se Iúri Podbelski. Ele reuniu os documentos médicos sobre o fuzilamento de Solovetsk, a fim de publicá-los algum dia. Mas ao fim de um ano, numa rusga no campo de trânsito de Sverdlovsk, descobriram-nos no fundo falso de uma mala. E limparam o esconderijo. A história russa tem topadas assim... (N. do A.)*

Mas foi mantido o regime! E durante um ano inteiro ninguém falou da mudança.

É verdade que durante o ano de 1924, e no final deste, voltaram a correr rumores insistentes de que em dezembro se preparavam para introduzir o novo regime. O dragão já tinha fome e queria novas vítimas.

Os socialistas dos três mosteiros de Savatievsk, Tróitski e Muksalmsk, ainda dispersos por diversas ilhas, souberam chegar a um acordo clandestinamente, e no mesmo dia as três frações dos mosteiros entregaram um ultimato a Moscou, e à administração de Solovetsk: ou evacuavam todos os prisioneiros antes da interrupção da navegação ou permitiam a continuação do antigo regime carcerário. O prazo do ultimato era de duas semanas; caso não fosse aceito pôr-se-iam em greve de fome.

Tal unidade obrigava a escutá-los. Um ultimato assim não entra por um ouvido e sai pelo outro. Um dia antes da expiração do prazo, Eichmans foi a cada mosteiro, declarando: Moscou recusou. E, no dia marcado, em todos os três mosteiros (que já tinham perdido a ligação) iniciou-se a greve de fome (não ingeriam qualquer alimento, nem sólido nem líquido). Em Savatievsk faziam greve cerca de duzentas pessoas. Os doentes foram dispensados da greve. Um médico dos próprios presos passava todos os dias para ver os grevistas. Uma greve de fome coletiva é sempre mais difícil de manter do que a individual: ela nivela-se pelos mais débeis e não pelos mais fortes. A greve de fome só tem sentido quando há uma decisão sem falhas, de maneira que cada um conheça pessoalmente os restantes e tenha confiança neles. Entre diversas frações políticas, entre centenas de homens, são inevitáveis as divergências e o sofrimento moral pelos outros. Ao fim de quinze dias, no mosteiro de Savatievsk teve-se que fazer uma votação (levavam a urna pelas habitações): devia-se prosseguir ou pôr termo à greve de fome?

Mas Moscou e Eichmans esperavam. Estavam bem alimentados e os jornais da capital não diziam uma palavra sequer sobre essa greve, não tendo havido manifestações de estudantes na catedral de Kazan. O *segredo* já tinha imprimido firmemente forma à nossa história.

Os mosteiros cessaram a greve. Não a ganharam. Mas tampouco a perderam: durante o inverno foi mantido o mesmo regime, só se acrescentando o corte de lenha no bosque para o consumo, mas isso era lógico. Na primavera de 1925 passara-se o contrário: tinham triunfado na greve de fome e os presos dos

três mosteiros foram retirados de Solóvki! Para o continente! Já não haveria mais noites polares, nem isolamentos de meio ano!

Mas era muito rude (para aquele tempo) a escolta que os conduzia, e as rações para o transporte, parcas... Depressa os enganaram perfidamente: sob o pretexto de que era mais cômodo para os delegados passarem-nos para o vagão do "quartel-general", junto da intendência, deixaram-nos sem direção: em Viatka desengataram o vagão dos delegados e desviaram-no para o isolamento de Tobolsk. Só assim se tornou claro que a greve de fome da primavera passada tinha sido perdida: tinham desviado os fortes e influentes delegados para reforçar o regime dos restantes. Iágoda e Katanian dirigiram pessoalmente a instalação dos antigos presos de Solóvki no edifício de isolamento de Verkhne-Ural, já pronto, o qual foi desta forma "inaugurado" na primavera de 1925 (sob a direção de Dupper), vindo a tornar-se um importante espantalho por muitos decênios.

Aos antigos presos de Solóvki, uma vez chegados ao novo destino, tiraram-lhes logo o direito de passear livremente. As celas foram fechadas a cadeado. De qualquer maneira, conseguiram eleger delegados, mas eles não tinham direito de visitar as celas. Foi proibida a troca de dinheiro, de objetos e de livros nas celas, como anteriormente. Se eles faziam sinais através das janelas, então o vigia disparava da guarita de sentinela sobre as celas. Como resposta os presos faziam obstrução: quebravam vidraças, estragavam o material carcerário. (Mas nas nossas prisões pensa-se muito antes de partir as vidraças, pois quando chega o inverno não as consertam, e não há de que surpreender-se. Entretanto, no tempo do czarismo o vidraceiro corria imediatamente a colocar as vidraças.) A luta continuava, mas com desespero e em condições desvantajosas.

Em 1928 (segundo relato de Piotr Petróvitch Rúbin), por um motivo qualquer desencadeou-se uma nova greve de fome geral, no isolamento de Verkhne-Ural. Mas agora já não havia o antigo ambiente, de rigorosa solenidade e de encorajamentos amistosos, e nem um médico dos presos. Certo dia, os carcereiros irromperam nas celas, em número elevado, começando a *espancar* as pessoas debilitadas com paus e botas. Com esta pancadaria acabou a greve de fome.

A fé ingênua na eficácia das greves de fome veio-nos da experiência e da literatura do passado. A greve de fome é uma arma puramente moral, pressupondo que os carcereiros não per-

deram ainda todos os escrúpulos. Ou que eles temem a opinião pública. Só assim ela é eficiente.

Os carcereiros da época czarista eram ainda inexperientes: se o preso fazia greve de fome eles inquietavam-se e preocupavam-se com a sua saúde, levando-os ao hospital. Há múltiplos exemplos disso: mas não é a eles que consagramos o nosso capítulo. É bizarro dizê-lo, mas a Valentínov foi suficiente fazer a greve de fome durante doze dias, conseguindo com isso não só um regime de privilégios mas *a completa liberdade* e a suspensão do processo (partindo para a Suíça a fim de reunir-se a Lênin). Mesmo no presídio central de Orel os presos que faziam greve de fome triunfavam sempre. Eles conseguiram uma suavização do regime carcerário em 1912; e em 1913 ainda outros privilégios mais, inclusive o de um passeio comum de todos os presidiários; pelo visto, eram tão pouco molestados pela vigilância que conseguiram enviar para fora do presídio uma mensagem *Ao povo russo* (e ela emanava dos presidiários da central!), que foi *publicada* (os olhos saltam-nos das órbitas, quem de nós é que está louco?) em 1914, no n.º 1 do *Boletim dos presídios e da deportação* [11]. (E o que não vale a idéia do *Boletim?* Por que é que nós não experimentamos publicar um assim?) Em 1914 cinco dias de greve de fome, é verdade que sem água, bastaram a Dzerjinski e a quatro dos seus camaradas para conseguirem ver satisfeitas *todas* as suas numerosas reivindicações sobre as condições de vida [12].

Naqueles anos, além das torturas provocadas pela fome, a greve não implicava nenhum outro perigo ou dificuldade para o preso. Ele não podia ser espancado por causa da greve, nem ser julgado pela segunda vez, nem ter aumentada a sua condenação, nem ser fuzilado, nem ser transferido em levas. (Tudo isto se veio a conhecer depois.)

Durante a revolução de 1905 e nos anos posteriores, os presos sentiam-se tão donos da prisão que já não se preocupavam com a declaração de greves de fome, mas unicamente com a destruição do inventário carcerário, fazendo obstruções. Ou, se chegavam a pensar em greves, para os cativos ela era absurda. Assim, na cidade de Nikoláiev, em 1906, cento e noventa e sete presos da cadeia local puseram-se em "greve", de acordo, é claro, com o pessoal *de fora* da prisão. Por motivo da greve,

---

[11] *Guerneti,* História das prisões czaristas, *Moscou, 1963, tomo 5, capítulo 8.*
[12] *Idem, ibidem. (N. do A.)*

publicaram-se manifestos e passaram a realizar-se diariamente comícios junto da prisão. Esses comícios (em que os presos, por sua vez, participavam, através das janelas sem "mordaças") obrigaram a administração a aceitar as reivindicações dos *grevistas*. Entretanto, uns da rua e os outros das grades das janelas entoavam canções revolucionárias (sem o mínimo obstáculo! E era o ano da reação contra-revolucionária). Isto durante *oito* dias! No nono dia, todas as reivindicações dos presos foram satisfeitas! Acontecimentos semelhantes verificaram-se então em Odessa, em Jerson e em Elizavietgrado. Eis como se conseguia, então, facilmente a vitória!

Seria interessante comparar as greves de fome sob o governo provisório, mas aqueles vários bolcheviques, que desde julho até o episódio de Kornílov permaneceram presos (Kámeniev, Trótski e, pouco depois, Raskólhnikov), pelo visto não encontraram motivo para fazer a greve de fome.

Nos anos 20, o animoso quadro das greves de fome torna-se mais sombrio (dependendo do ponto de vista...). Este meio de luta, amplamente conhecido, e que na aparência tão gloriosamente se tinha justificado, foi tomado à sua conta não só por reconhecidos "políticos", mas também por aqueles que não eram reconhecidos como tais (os contra-revolucionários, artigo 58); e era abrangida também gente de toda espécie. Entretanto, essas flechas, anteriormente tão pontiagudas, embotaram-se ou foram interceptadas em vôo por alguma mão de ferro. É verdade que ainda são recebidas declarações escritas de greves de fome, e por agora ainda não se vê nelas nada de subversivo. Mas vão sendo elaborados novos regulamentos, muito desagradáveis: todo aquele que faz greve de fome deve ser isolado numa cela especial e solitária (em Butirki, é na torre de Pugatchov). A greve não deverá ser conhecida nem *fora da prisão*, nem tampouco nas celas vizinhas, e nem sequer na cela em que o grevista se encontrava até esse dia: esta constitui também uma sociedade, é preciso desligá-lo dela. A medida fundamenta-se no fato de que a administração deve estar certa de que a greve de fome é cumprida honestamente e de que o resto da cela não dá de comer ao grevista. (E como se comprovava isso antes? Segundo a "palavra de honra"...)

Nesses anos, por meio da greve de fome, podia-se conseguir, pelo menos, a satisfação de exigências pessoais.

A partir dos anos 30 opera-se uma nova reviravolta no pensamento do Estado a respeito das greves de fome. Vejamos:

essas greves de fome, debilitadas, isoladas, meio asfixiadas, para que necessita delas o Estado? O ideal não será imaginar que os presos não têm vontade própria, nem decisão, que a administração pensa e decide por eles? Talvez sejam esses os únicos presos que possam existir na nova sociedade. E eis que a partir dos anos 30 se deixa de admitir a legalidade das declarações de greves de fome. "A greve de fome como meio de luta *não* existe mais!" — eis o que declararam a Ekaterina Olítskaia e a muitos outros. O poder eliminou as suas greves de fome! Basta. Mas Olítskaia não obedeceu e começou a greve. Deixaram-na passar fome na sua cela solitária durante *quinze* dias. Depois conduziram-na ao hospital e como tentação puseram diante dela leite com torradas. No entanto ela manteve-se firme, e ao décimo nono dia triunfou: obteve um prolongamento do tempo de passeio, jornais e pacotes da Cruz Vermelha Política (aí está o que era preciso sofrer para receber esses pacotes legais!). Mas, em geral, tratava-se de uma vitória insignificante e paga muito caro. Olítskaia lembra-se de mais greves de fome absurdas, feitas por outros presos: para conseguir a entrega de pacotes ou a troca de um companheiro de passeio, faziam-se greves que iam até vinte dias. Valia a pena isso? Na verdade, nas *prisões de novo tipo* não restabeleciam as forças perdidas. Kolosskov, membro de uma seita religiosa, fez uma greve de fome, e ao vigésimo quinto dia morreu. Poder-se-á acaso permitir em princípio a greve de fome numa prisão de novo tipo? Os novos carcereiros, nas condições de sigilo e de reserva, foram dotados de poderosos meios contra a greve de fome:

1. A paciência da administração. (Já vimos suficientemente até onde podia chegar pelos exemplos anteriores.)

2. A fraude. Devido também ao sigilo. Quando o menor passo é divulgado pelos correspondentes dos jornais, não se consegue fraudar muito. Mas, entre nós, o que é que impede de utilizar a fraude? Em 1933, na prisão de Khabarovsk, S. A. Tchebotariov fez greve de fome durante dezessete dias, exigindo que comunicassem à família onde se encontrava (tinham acabado de chegar da Estrada de Ferro Oriental Chinesa, e, de repente, ele "desapareceu"; e ele se preocupava pelo que a mulher pudesse pensar). Ao fim de dezessete dias foram vê-lo o vice-chefe provincial da OGPU de Khabarovsk, Zapádni e o promotor da província de Khabarovsk (pelos seus postos vê-se que as greves de fome não eram assim tão freqüentes) e mostraram-lhe o recibo de um telegrama (veja, já comunicamos à sua esposa!). Assim o convenceram a comer sopa. Mas o recibo era falso!

(Por que então esses altos funcionários se inquietaram? Não era pela vida de Tchebotariov. Ao que parece, na *primeira* metade dos anos 30 havia ainda certa responsabilidade pessoal perante uma greve de fome prolongada.)

3. A alimentação artificial forçada. Esse método foi transplantado, indubitavelmente, de um jardim zoológico: E só pode existir num regime fechado. No ano de 1937, a alimentação artificial já estava evidentemente em plena marcha. Por exemplo, na greve de fome do grupo de socialistas na Prisão Central de Iaroslavl, foi aplicada a todos, ao fim de quinze dias, a alimentação artificial.

Num ato desses há muito de violação — sim, é isso precisamente que existe: quatro possantes mujiques lançam-se sobre um ser debilitado a fim de privá-lo de uma só interdição, e privá-lo dela uma só vez, suceda o que suceder depois com ele — isso já não tem importância. Aqui a violação consiste na quebra da vontade: não será como você quer, mas como eu quero, deite-se e submeta-se. Abrem os lábios com uma lâmina, descerrando os dentes, e vão alargando a fissura, enfiando por ela um tubo de borracha: "Engula!" E se não engole, enfiam-na mais para dentro, até que o líquido alimentício caia diretamente no esôfago. Depois, ainda fazem massagens no estômago, para que o preso não recorra aos vômitos. Qual é a sensação assim experimentada? A de profanação moral, acompanhada de doçura na boca e de uma jubilosa absorção no estômago, com um prazer voluptuoso.

A ciência não estagna, e foram elaborados outros métodos de alimentação: com clisteres, através do ânus, e com gotas introduzidas pelo nariz.

4. Novos pontos de vista sobre a greve de fome: estas greves são uma continuação da atividade contra-revolucionária na cadeia e devem ser castigadas com uma *nova condenação*. Este aspecto prometia criar um novo ramo na prática da prisão de novo tipo, mas quedou-se na esfera das ameaças. E não foi o sentido de humor, naturalmente, que o refreou, mas talvez unicamente a preguiça: para que tudo isso, quando há paciência? Paciência: uma vez mais a paciência do saciado ante o faminto.

Aproximadamente por meados de 1937 chegou uma nova orientação: a administração da cadeia, daí em diante, *não se responsabilizaria pela morte na greve de fome!* Assim desaparecia a última responsabilidade pessoal dos carcereiros! (Agora o promotor da região já não iria ver Tchebotariov!) Mais ainda: para que o investigador não se inquietasse, propôs-se que os dias de

greve de fome não fossem contados no prazo do processado, isto é, que não só se considerasse que *não existiu greve de fome,* mas que o preso, durante esses dias, fosse tido como se estivesse em liberdade! Que a única conseqüência da greve de fome fosse a extenuação do preso!

Isto significa pura e simplesmente: — Quer morrer? Morra!!!

Arnold Rappoport teve a desgraça de fazer greve de fome na prisão interior de Arkhanguelsk* precisamente quando chegou essa orientação. Agüentou uma greve de fome especialmente *difícil,* e aparentemente muito mais significativa (era "seca") durante *treze* dias, num calabouço isolado (comparem-na com a de cinco dias, do mesmo tipo, mantida por Dzerjinski, que não estava isolado em cela separada, e obteve uma vitória completa). E nesses *treze* dias de isolamento, apenas a enfermeira, por vezes, lhe dava uma olhadela, não tendo sido visto pelo médico, nem pelo pessoal da administração, nem mesmo para interessar-se pelas *razões* da sua greve de fome. Nem sequer lhe perguntaram quais eram elas... A única atenção que a vigilância lhe dispensou foi revistar cuidadosamente o calabouço, confiscar-lhe o tabaco que tinha escondido no colchão e alguns fósforos. Ora, Rappoport queria conseguir que cessassem as práticas humilhantes do investigador. Ele preparou-se cientificamente para a greve: pouco antes tinha recebido pacotes, mas comeu somente as rosquinhas de pão branco e manteiga, e na semana precedente deixou de comer pão preto. Passou tanta fome que as palmas das mãos se tornaram transparentes. Hoje ele recorda-se de ter tido uma sensação de grande leveza e de clareza de pensamentos. A bondosa e sorridente vigilante Marussia entrou em certa ocasião no calabouço e sussurrou-lhe: "Termine a greve de fome, ela não resolverá nada e assim morrerá! Devia ter feito isso uma semana antes..." Ele seguiu o seu conselho e suspendeu a greve de fome sem nada ter conseguido. Entretanto, deram-lhe vinho tinto quente e um bolo, depois do que os guardas o levaram nos braços para a cela comum. Ao fim de alguns dias, começaram novamente os interrogatórios. (Com tudo isso, a greve de fome não foi totalmente em vão: o investigador compreendeu que Rappoport tinha suficiente força de vontade e estava disposto a morrer, e os interrogatórios tornaram-se mais suaves. "Você parece um lobo!", disse-lhe o investigador. "Sim,

---

* *Prisão interior era aquela que dependia diretamente da Segurança do Estado. (N. do T.)*

um lobo", confirmou Rappoport, "e nunca serei um cachorrinho para vocês.")

Depois disso Rappoport fez ainda uma greve de fome na prisão de trânsito de Kotlas, mas que decorreu com aspectos cômicos. Ele declarou que exigia uma nova investigação e que se recusava a ser transferido. Ao terceiro dia foram vê-lo: "Prepare-se para a mudança!" "Não têm direito de me transferir! Estou em greve de fome." Então, quatro valentões pegaram nele, levaram-no nos braços e puseram-no no chuveiro. Depois do banho, também nos braços, conduziram-no ao posto de guarda. Nada mais a fazer. Rappoport levantou-se e seguiu a coluna de prisioneiros, pois atrás já vinham os cães e as baionetas.

E eis como a prisão de novo tipo venceu as greves de fome burguesas.

Mesmo aos mais firmes, não lhes restava outro caminho de resistência contra a máquina carcerária senão o suicídio. Mas o suicídio será acaso uma luta? Não é antes uma submissão?

A socialista-revolucionária E. Olítskaia considera que a greve de fome como método de luta foi muito desprestigiada pelos trotskistas e depois pelos comunistas que os seguiram nas prisões: declaravam-na e suspendiam-na com demasiada facilidade. Segundo diz ela, inclusive I. N. Smírnov, o seu chefe, que tinha declarado greve de fome quatro dias antes do processo de Moscou, cedeu rapidamente e interrompeu a greve. Diz-se que até 1936 os trotskistas, por princípio, renunciavam a qualquer greve de fome contra o *poder soviético,* nunca tendo apoiado os socialistas-revolucionários e os social-democratas [13].

Que a história julgue até que ponto é justa ou não esta censura. Entretanto, ninguém pagou tão caro as greves de fome como os trotskistas (na Parte III voltaremos às suas greves de fome e às greves nos campos).

A leviandade na declaração e a suspensão das greves de fome são provavelmente características de naturezas impulsivas, prontas na exteriorização dos sentimentos. Não obstante, também existiam naturezas desse gênero entre os velhos revolucionários russos, e outrora na Itália e França — e contudo, em lugar algum, nem na antiga Rússia, nem na Itália ou na França,

---

13 *Em compensação, exigiam sempre o apoio dos socialistas-revolucionários e dos social-democratas. Na transferência de Karagandá a Kolimá, em 1936, eles chamaram "traidores e provocadores" àqueles que recusaram assinar um telegrama de protesto enviado a Kalínin contra o envio da Vanguarda Revolucionária (isto é, eles mesmos) para Kolimá (relato de Makotinski). (N. do A.)*

se conseguiu acabar com as greves de fome como na União Soviética. As greves de fome deste segundo quarto de século exigiram por certo tantas vítimas humanas e tanta firmeza de espírito como as do primeiro quarto do século. Entretanto, não deixou de haver no país uma opinião pública, e foi por isso que se reforçou a prisão de novo tipo e que, em lugar das vitórias facilmente alcançadas, os presos sofriam pesadas derrotas.

Passaram décadas — e o tempo fez a sua obra. A greve de fome — o primeiro e o mais natural direito do preso — passou a se tornar estranha e incompreensível para o próprio preso. A cada dia ela passou a ter menos seguidores. E passou a ser encarada pelos carcereiros como uma estupidez ou uma infração grave.

Quando, em 1960, Guennádi Smélov, um preso comum, fez uma greve de fome prolongada na prisão de Leningrado, o promotor foi à sua cela (talvez estivesse fazendo uma inspeção geral) e perguntou-lhe: "Para que se tortura?" E Smélov respondeu-lhe:

— A verdade é para mim mais importante que a vida!

Esta frase surpreendeu tanto o promotor pela sua incoerência que no dia seguinte Smélov foi levado ao hospital especial (isto é, ao manicômio) para reclusos. A médica comunicou-lhe:

— Suspeitamos que você sofre de esquizofrenia.

Pelas espirais do corno, já na sua parte mais fina, erguiam-se as antigas prisões centrais, atualmente prisões de isolamento especial. Começava a esmagar-se o último ponto fraco, o que restava ainda de ar e luz. E a greve de fome dos cada vez mais raros e fatigados socialistas, na prisão de isolamento disciplinar de Iaroslavl, no começo de 1937, foi uma das derradeiras e desesperadas tentativas.

Em geral, eles exigiam, como antes, a eleição de um delegado e a convivência livre entre as celas. Exigiam, mas é pouco provável que eles próprios esperassem consegui-lo. Quinze dias de greve de fome, ao fim dos quais eram alimentados com um tubo de borracha, permitiam-lhes aparentemente salvaguardar parte do antigo regime carcerário: uma hora de passeio, receber o jornal da região, dispor de cadernos para apontamento. É verdade que conseguiram manter isso, mas imediatamente lhes foram retirados os objetos pessoais e lhes foi imposto o uniforme de presos de presídio especial. Pouco tempo depois reduziram-lhes o passeio a meia hora. E mais tarde a quinze minutos.

Eram sempre as mesmas pessoas que passavam periodicamente por prisões e deportações, segundo as regras da Grande Paciência. Alguns, havia já dez anos, outros quinze, não conheciam uma vida humana normal, mas só a má comida das prisões e as greves de fome. Ainda não tinham morrido todos os que estavam acostumados, antes da Revolução, a vencer os carcereiros. Todavia, o tempo agia, então, a seu favor na luta contra um inimigo debilitado. Mas agora a aliança do tempo com os seus inimigos reforçava-se. Entre eles havia também jovens (a nós isso agora parece estranho) que se consideravam a si mesmos como socialistas-revolucionários, democratas-constitucionais ou anarquistas, já depois de terem sido esmagados esses partidos, de eles terem deixado de existir, nada mais restando aos seus novos aderentes do que os cárceres.

No âmbito da luta carcerária dos socialistas, que de ano em ano se tornava mais sem esperança, a solidão impregnava até o vácuo. As coisas não se passavam assim durante o czarismo: logo que se abriam as portas das cadeias os presos eram acolhidos com flores. Agora eles abriam os jornais e viam como os inundavam de insultos, até mesmo grosseiros (pois os socialistas apareciam a Stálin precisamente como os maiores inimigos do seu socialismo). O povo se calava. O que autorizava a pensar que o povo simpatizasse com aqueles em quem tinha votado, não fazia tempo, para a Assembléia Constituinte? Os jornais deixaram de insultá-los, mas isso por considerá-los inofensivos, insignificantes e mesmo inexistentes. Os que estavam em liberdade recordavam-nos já no pretérito e no pretérito mais-que-perfeito. Quanto à juventude, sequer podia pensar que em algum lugar houvesse socialistas-revolucionários e mencheviques vivos. E na passagem pelas deportações de Tchimquent e de Tcherdin, pelas cadeias de isolamento político de Verkhne-Ural e de Vladímir, como não vacilar nas sombrias celas de isolamento, com janelas com "mordaças", como não pensar que o seu programa e os seus chefes teriam falhado, cometendo erros de tática e de atuação? Todas as suas ações começavam a parecer-lhes uma ininterrupta impotência. E a vida consagrada apenas aos sofrimentos, um equívoco fatal.

O seu solitário combate carcerário era, na essência, um combate por todos nós, os futuros presos (embora eles mesmos não pudessem pensar assim, nem compreender isso), pelas condições em que *nós* depois íamos ser encarcerados. Se eles tivessem vencido, é possível que nada do que sucedeu depois se tivesse

passado conosco, não existindo motivo para esse livro, em suas sete partes.

Mas eles foram derrotados, sem nada terem conseguido para si próprios, ou para nós.

A sombra da solidão estendeu-se sobre eles em parte também porque, durante os primeiros anos da Revolução, ao aceitarem, naturalmente, por parte da GPU, o merecido título de *políticos,* puseram-se tacitamente de acordo com a mesma GPU em que todos os que estavam à sua "direita" [14], a começar pelos democratas-constitucionais, não eram políticos mas sim *contra-revolucionários,* gente *do contra,* o esterco da história. E os que sofriam pela fé de Cristo receberam igualmente a acusação de serem do contra. E quem não conhecia nem a "direita" nem a "esquerda" (e no futuro seríamos nós — todos nós!) tornava-se *do contra.* Assim, em parte voluntariamente, em parte involuntariamente, isolando-se e olhando-se de soslaio, eles consagraram o futuro artigo 58, em cujo fosso acabariam por cair.

Os objetos e as ações mudam decididamente de aspecto conforme o ângulo de que se observa. Neste capítulo descrevemos a situação carcerária dos socialistas do *seu* ponto de vista — e ela fica iluminada por um raio trágico. Mas esses que eram *do contra,* ao lado dos quais os *políticos* em Solóvki passavam desdenhosamente, esses que eram do contra, que recordação guardam dos *políticos?* "Eram repulsivos: desdenhavam todos os outros, afastavam-se com o seu grupinho, exigiam não só as rações como também privilégios especiais. E disputavam constantemente entre si." Como não sentir o que nisto havia de verdade? E essas infrutíferas, intermináveis disputas eram já ridículas. E essa exigência de rações suplementares, quando à sua volta havia uma multidão de famintos e miseráveis? Nos anos do poder soviético o honroso título de *político* acabou por tornar-se um dom envenenado. E surge ainda esta interrogação: por que é que os socialistas, que tão despreocupadamente *fugiam* sob o czarismo, se amoldaram tão bem às prisões soviéticas? Onde estão as suas *fugas?* De um modo geral, havia muitas fugas — mas quem se recorda, entre elas, da de um socialista?

E aqueles presos que estavam mais à esquerda dos socialistas — os trotskistas e comunistas —, esses, por sua vez, olhavam de soslaio para os socialistas, também como sendo *do contra,* e fechavam o fosso da solidão num anel.

---

[14] *Não gosto destas denominações de "esquerda" e "direita": são arbitrárias, permutáveis e não dão conta da essência. (N. do A.)*

Os trotskistas e os comunistas, uns e outros apresentando a sua tendência como mais pura e mais elevada do que as restantes, menosprezavam e odiavam até os socialistas (como se odiavam entre si, mutuamente), os mesmos socialistas que partilhavam com eles a cadeia e com quem passeavam juntos nos pátios. E. Olítskaia recorda que no campo de trânsito na baía de Vanino, em 1937, quando os socialistas das zonas masculina e feminina se chamavam através da divisória, buscando os seus e comunicando notícias, as comunistas Liza Kótik e Maria Krútikova ficavam indignadas, porque, com essa atitude irresponsável dos socialistas, podiam cair sobre todos castigos administrativos. E comentavam: "Todas as nossas desgraças provêm destes vis socialistas". (Explicação profunda e dialética!) "Deviam ser estrangulados!" — E se aquelas duas moças em 1925 cantavam na Lubianka a canção do lilás, era porque uma delas era socialista-revolucionária e a outra oposicionista, não tendo um canto político comum. A falar verdade, a oposicionista não deveria ter-se unido à socialista-revolucionária num protesto.

Se nas prisões czaristas freqüentemente os partidos se uniam para uma luta comum na prisão (recordemos a fuga da cadeia central de Sebastopol), nas prisões soviéticas cada corrente defendia a pureza da sua bandeira não se unindo às outras. Os trotskistas lutavam separadamente dos socialistas e dos comunistas, e os comunistas, em geral, não lutavam, pois como é possível lutar contra o próprio poder e as próprias cadeias?

Por isso sucedia que os comunistas nos presídios de isolamento político, bem como nas prisões, foram vexados em prioridade e mais severamente do que os outros. A comunista Nadiejda Surovtseva, na cadeia central de Iaroslavl, em 1928, saía para o passeio em fila *indiana,* sem direito a conversar, enquanto os socialistas ainda faziam barulho nos seus grupos. A ela já não permitiam cuidar das flores no pátio — as flores dos antigos presos, que haviam lutado pelos seus direitos. Já então ela foi privada da leitura de jornais (em troca, a seção política da GPU permitia-lhe ter na cela as obras completas de Marx, Engels, Lênin e Hegel). A visita da mãe foi-lhe concedida quase na escuridão, e a velhota, abatida, morreu pouco depois (que podia pensar de um regime que mantinha assim a sua filha?).

Esta diferença ao longo dos anos quanto à conduta carcerária teve profunda repercussão, mais adiante, quanto à diferença das sentenças: nos anos de 1937-38 os socialistas continuavam na prisão e apanhavam os seus *dez anos.* Mas, como regra, não eram obrigados à autodelação: eles não ocultavam as suas opi-

niões pessoais, suficientes para a condenação! Mas um comunista nunca tem opiniões *pessoais*... Como condená-lo então se não se lhe extorquiram falsas confissões?

Ainda que o enorme arquipélago já se tivesse estendido, as cadeias não deixavam de existir. A velha tradição dos presídios não perdia a sua solícita continuidade. Tudo quanto de novo e de inestimável o arquipélago trazia à educação das massas ainda não tinha atingido a plenitude. Para isso, havia que acrescentar-lhe os presídios especiais (os TON) e as prisões comuns.

Não era qualquer um que podia ser engolido pela Grande Máquina e misturar-se com os indígenas do arquipélago. Os estrangeiros conhecidos, as pessoas demasiado destacadas e os presos secretos, como os da Segurança do Estado que tinham sido degradados, de modo algum podiam ser mostrados abertamente nos campos: o barulho que podiam causar não justificaria a divulgação e o conseqüente prejuízo *moral-político*[15]. Do mesmo modo os socialistas, dado o seu combate constante pelos seus direitos, não podiam ser misturados com a massa, e foi precisamente a coberto dos seus privilégios e direitos que foram mantidos e asfixiados isoladamente. Muito mais tarde, nos anos 50, como soubemos, os presídios especiais eram necessários para o isolamento dos rebeldes dos campos de trabalho. Nos últimos anos de vida, desiludido pela "reabilitação" dos ladrões, Stálin ordenou que se impusesse a alguns deles a reclusão presidiária e não nos campos. Enfim, tiveram que ser mantidos gratuitamente pelo Estado os presos que pela sua debilidade teriam morrido imediatamente no campo, esquivando-se assim ao cumprimento da pena. Ou ainda aqueles que de nenhuma forma se podiam adaptar ao trabalho indígena — como o cego Kopeikin, um velho de setenta anos, que estava permanentemente no mercado de Iurevts (no Volga). As suas canções e ditos acarretaram-lhe dez anos por agitação contra-revolucionária, mas houve que substituir o campo por reclusão carcerária.

De acordo com as circunstâncias era mantida, renovava-se, fortalecia-se ou aperfeiçoava-se a antiga herança presidiária da dinastia dos Romanov. Algumas cadeias centrais, como a de Iaroslavl, estavam montadas tão cômoda e solidamente (as portas chapeadas de ferro, em cada cela uma mesa, um tripé, uma cama sempre fixa) que exigiam apenas a instalação de "mor-

---

15 *Este termo existe! Da cor do céu... e de pântanos! (N. do A.)*

daças" nas janelas e a redução dos pátios do passeio até às dimensões de uma cela (em 1937 foram cortadas todas as árvores nas cadeias e asfaltadas as hortas e as superfícies relvadas). Outras cadeias, como a de Suzdal, exigiam uma remodelação do mosteiro, mas a verdade é que a reclusão do corpo num convento e a transformação deste em prisão por lei constituem atos fisicamente análogos, razão pela qual os edifícios se adaptavam sempre facilmente. Foi também adaptado a prisão um dos pavilhões de Sukhánovka, pois havia que compensar a perda de edifícios como a Fortaleza de São Pedro e São Paulo e a de Chlisselburg, dedicadas aos turistas. A cadeia central de Vladímir foi ampliada, juntando-se-lhe um grande pavilhão novo no tempo de Iéjov, que passou a ser muito utilizado e absorveu muitos presos durante essas décadas. Já mencionamos como funcionava a cadeia central de Tobolsk. A partir de 1925 foi inaugurada para utilização permanente e abundante a cadeia de Verkhne-Ural. (Todas essas prisões de isolamento político continuam a existir, para desgraça nossa, e *funcionam* no momento em que estas linhas são escritas.) Do poema de Tvardóvski *Mais além da lonjura* pode deduzir-se que no tempo de Stálin não estava desabitado o presídio central de Aleksándrovsk. Temos menos informações sobre o de Oriol: é de recear que tenha sido muito danificado durante a Guerra Patriótica. Mas nas vizinhanças ele tem um anexo perfeitamente equipado, a prisão de Dmítrov.

Nos anos 20, nos isolamentos políticos (os presos denominam esses isolamentos *presídios secretos para políticos)* a alimentação era decente: às refeições havia sempre carne, preparavam hortaliças frescas e na cantina podia-se comprar leite. As coisas pioraram bruscamente nos anos de 1931 a 1933, mas então as condições tampouco eram melhores para a população. Nesse tempo, o escorbuto e as tonturas devidas à fome não eram um fenômeno raro entre os presos políticos. Mais tarde a alimentação melhorou, mas já não era a mesma de antes. Em 1947, na prisão especial de Vladímir, I. Kornêiev sentia permanentemente fome: quatrocentos e cinqüenta gramas de pão, dois torrões de açúcar, duas refeições quentes não abundantes nem nutritivas e somente água fervida à vontade (dir-nos-ão ainda que não se trata de um ano característico, pois no exterior também havia fome). Em compensação, nesse ano permitiram magnanimamente o envio ilimitado de pacotes aos presos. A luz nas celas sempre foi racionada nos anos 30 e nos anos 40: as "mordaças" e o vidro opaco fixo criavam na cela uma penumbra permanente (a escuridão é um fator importante para o abatimento do espírito!). E por

cima da "mordaça" ainda era estendida freqüentemente uma rede, que no inverno se cobria de neve e tapava o último acesso à luz. A leitura passava a significar cansaço e deterioração da vista. Na prisão especial de Vladímir esta insuficiência de luz era compensada durante a noite: até de madrugada havia uma intensa luz elétrica, que impedia de dormir. E na prisão de Dmítrov, segundo N. A. Kozíriev, em 1938 a luz diurna e noturna era a de uma candeia numa prateleira que queimava os restos do ar: no ano de 1939 apareceram as lâmpadas elétricas de incandescência vermelha média. O ar também era racionado, os postigos estavam fechados a cadeado e abriam-se unicamente a intervalos, para ir à latrina, conforme recordam também os antigos prisioneiros das prisões de Dmítrov e de Iaroslavl. (E. Guinzburg: o pão cobria-se da manhã para a noite de bolor, as paredes cobriam-se de verdete.) Mas em Vladímir, no ano de 1948, o ar não era limitado, o postigo estava permanentemente aberto. O passeio, em diversas prisões e durante vários anos, oscilava entre quinze e quarenta e cinco minutos. Já não havia nenhum contato com a terra, como em Chlisselburg ou em Solóvki; tudo o que crescia tinha sido arrancado, esmagado, coberto de cimento e asfalto. Durante o passeio proibiam até que se erguesse a cabeça para o céu — "Olhar só para os pés!" —, recordam Kozíriev e Adámov (prisão de Kazan). As visitas das famílias foram proibidas em 1937 e não foram restabelecidas. Duas vezes por mês permitiam que se enviassem cartas aos familiares mais próximos. Quanto a receber cartas deles, isso foi permitido quase todos os anos (mas na prisão de Kazan, depois de as terem lido, tinham que devolvê-las à vigilância). Havia também um pequeno quiosque para fazer compras até o limite do dinheiro recebido. Um aspecto muito importante do regime carcerário era a mobília. Adámov descreve expressivamente, depois de serem retiradas as camas embutidas na parede e as mesas e cadeiras pregadas ao solo, a alegria com que viram e apalparam na cela (Suzdal) uma simples cama de madeira com um saco de feno servindo de colchão e uma singela mesa de madeira. Na prisão especial de Vladímir, I. Kornêiev experimentou dois regimes diferentes: quando permitiam ter na cela objetos pessoais (1947-48), uma pessoa podia deitar-se de dia e o guarda exercia pouca vigilância pelo postigo; e quando a cela ficava fechada com dois cadeados (1949-53), uma chave estava em poder do vigilante e a outra nas mãos do oficial de plantão, sendo proibido deitar-se de dia e falar em voz alta (na de Kazan só se podia cochichar!); os objetos pessoais eram retirados e trazia-se um uniforme listrado; permitiam que se escre-

vesse só duas vezes por ano e apenas nos dias subitamente designados pelo chefe da prisão (se se deixasse passar esse dia já não se podia escrever), utilizando uma folhinha duas vezes menor que um postal; eram freqüentes as *buscas* violentas e de imprevisto, com o desalojamento completo, e fazendo despir os presos. A comunicação entre as celas era de tal modo reprimida que, depois de uma pessoa ir à latrina, os vigilantes entravam com uma lâmpada portátil e iluminavam todos os cantos. Se apareciam inscrições na parede, toda a cela era posta no *calabouço de punição*. Os calabouços eram o flagelo das prisões especiais. Podia-se ser enviado para lá por *tossir* ("cubra a cabeça com a manta, e então já pode tossir!"); por *andar pela cela* (Kozíriev: isso era considerado "turbulento"); por fazer barulho com o calçado (na prisão de Kazan tinham dado às mulheres botas masculinas número 44). Por outro lado, Guinzburg deduz justamente que a passagem pelo calabouço era determinada não pelos atos realizados mas por um *gráfico:* todos tinham, por turnos, de passar por ali e de saber o que era isso. E nas disposições havia ainda este ponto de grande amplitude: "Em caso de indisciplina no calabouço, o chefe da prisão tem o direito de prolongar o período de permanência nele de até *vinte dias*". E que "indisciplina" era essa?. . . Eis o que ocorreu com Kozíriev (a descrição dos calabouços e de muitos aspectos do regime apresentam tantas coincidências que se nota o selo de um regime único). Por andar pela cela castigaram-no com cinco dias de calabouço. No outono, o calabouço não era aquecido. Fazia muito frio. Deixavam-nos em roupa íntima e descalços. O soalho era de terra batida, com poeira (às vezes era de barro ou lama, e na prisão de Kazan coberto de água). Kozíriev tinha um mocho (Guinzburg não tinha). Pensou imediatamente que ia morrer, que ia congelar. Mas gradualmente emergiu nele um misterioso calor interior, e isso o salvou. Aprendeu a dormir sentado no mocho; três vezes por dia davam-lhe uma caneca de água quente, de que parecia ficar embriagado. Na ração de trezentos gramas de pão um dos guardas introduziu-lhe um torrão de açúcar, que não era permitido. Era através da entrega do racionamento e de uma frincha de luz que penetrava pelo labirinto da entrada que Kozíriev contava o tempo. Ao fim do quinto dia não o tiraram dali. Com o ouvido atento, ele escutou um murmúrio no corredor, falando de *seis dias,* ou de um sexto dia. Nisso consistia a provocação: esperavam que ele dissesse que os cinco dias tinham passado, que já era tempo de o tirarem dali e prolongar por indisciplina a estada no calabouço. Mas ele, submissamente calado, esperou

um dia mais, e então deliberaram, como se nada tivesse sucedido. (Talvez o chefe da prisão os experimentasse, um por um, aplicando o calabouço a todos aqueles que ainda não se tinham submetido.) Depois do calabouço a cela comum parecia um palácio, embora Kozíriev tivesse ficado surdo por meio ano e começassem a surgir-lhe abscessos na garganta. O companheiro de cela de Kozíriev, devido aos freqüentes períodos de calabouço, acabou por enlouquecer, e durante mais de um ano permaneceram juntos. (Nadiejda Surovtseva recorda muitos casos de loucura nos presídios de isolamento político, não menos do que aqueles que Novorusski relatou nos anais de Chlisselburg.)

Não lhe parece agora, leitor, que nós, gradualmente, alcançamos o ponto mais alto do segundo corno — talvez mais alto do que o primeiro e mais agudo?

Mas as opiniões divergem. Os velhos reclusos dos campos são unânimes em reconhecer que a prisão especial de Vladímir, nos anos 50, era uma vilegiatura. É a opinião de Vladímir Boríssovitch Zeldóvitch, enviado para lá da estação de Abez, e de Anna Petrovna Skripníkova, que foi parar lá em 1956 vinda dos campos de Kemerovo. Skripníkova ficou surpreendida com a possibilidade do envio regular de petições em cada dez dias (ela pôs-se a escrever... à ONU), com a magnífica biblioteca, incluindo livros em línguas estrangeiras: levava-se para a cela um catálogo completo e podia-se fazer uma requisição para o ano inteiro.

Mas eis outro exemplo da flexibilidade da nossa lei: condenaram milhares de mulheres (esposas) à reclusão carcerária. De repente, resolveram converter a pena de prisão em pena de trabalhos forçados! (Em Kolimá, as entregas de ouro estavam atrasadas.) E mudaram as sentenças. Sem julgamento.

Existirão ainda estas casas de detenção? Ou tratar-se-ia somente de um vestíbulo de entrada para o campo?

E era só, só aqui, que devia começar este capítulo. Ele devia analisar essa irradiação de luz que emana com o tempo, como a auréola de um santo, da alma de um preso solitário. Arrancado à agitação cotidiana de forma tão absoluta que até a contagem lenta dos minutos lhe permite uma comunicação íntima com o universo, o preso solitário deve purificar-se de tudo o que de imperfeito o torturou na sua vida anterior e que o impedia de ascender à diafaneidade. Com que dignidade os dedos se estendem para tocar e esfarelar os torrões de terra da horta (mas há

só... asfalto)! Como a sua cabeça se ergue espontaneamente para o céu eterno (mas isso é... proibido)! Que enternecida sensação lhe traz a avezinha que salta no parapeito da janela (mas, do outro lado, há a "mordaça", a rede e o postigo fechado a cadeado...)! Que claros pensamentos e às vezes que conclusões surpreendentes ele anota no papel que lhe entregam (mas com a condição de o comprar no quiosque, tendo, depois de preenchê-lo, que entregá-lo para sempre à administração carcerária...)!

Mas algo tolhe as nossas objeções rabugentas. Desarticula-se e rui o plano do nosso capítulo. Já não sabemos se na prisão de novo tipo, na prisão especial, a alma humana se purifica ou perece definitivamente.

Se todas as manhãs, a primeira coisa que você vê são os olhos de seu companheiro de cela que enlouqueceu, como é que encontrará salvação, você mesmo, no dia que começa? Nikolai Aleksándrovitch Kozíriev, cuja brilhante carreira de astrônomo foi interrompida pela detenção, conseguia salvar-se unicamente através dos seus pensamentos sobre a eternidade e o infinito; sobre a ordem universal e o Espírito Supremo que a anima; sobre as estrelas e a sua composição interior; sobre a natureza e a marcha do tempo.

E assim passou a abrir-se para ele uma nova esfera da física. Só com isso ele conseguia sobreviver na prisão de Dmítrov. Mas seus raciocínios eram bloqueados por figuras esquecidas. Mais além era-lhe impossível ir: faltavam-lhe muitas cifras. Como buscá-las nessa cela solitária, com uma candeia noturna, onde não entrava uma avezinha sequer? E o cientista rogava: Senhor! Fiz quanto pude. Mas ajuda-me! Ajuda-me a prosseguir.

Nesse tempo tinha direito a um livro a cada dez dias (estava só na cela). Na mal sortida biblioteca carcerária havia várias edições do *Concerto vermelho* de Demian Bédni, que circulavam repetidamente pelas celas. Meia hora depois da sua súplica, vieram substituir-lhe o livro, e como sempre não lhe perguntaram nada, pondo-lhe outro livro nas mãos: *Curso de astrofísica!* De onde teria chegado? Não podia imaginar que existisse na biblioteca! Pressentindo a breve duração desse encontro, Kozíriev lançou-se sobre o livro e pôs-se a guardar tudo na memória, tudo aquilo de que necessitava e que lhe poderia vir a fazer falta depois. Tinham decorrido dois dias, e ainda poderia ter o livro em seu poder mais oito dias, mas subitamente houve uma inspeção do diretor. Com perspicácia, este observou imediatamente: "Mas você é astrônomo de profissão?" "Sim." "Tirem-

lhe esse livro!" Mas essa visita sobrenatural abriu-lhe o caminho para o seu trabalho, que continuou no campo de Nórilsk.

Pois bem, comecemos agora o capítulo sobre o conflito entre o espírito e as grades.

Mas o que se passa?... Insolentemente, o guarda está dando volta à chave. O tenebroso chefe do pavilhão aparece com uma longa lista: "Nome? Patronímico? Ano de nascimento? Por que artigo está condenado? Qual a sentença? Fim da sentença?... Prepare suas *coisas!* Rápido!"

Bem, irmãos, é a transferência. A transferência!... Para destino incerto!

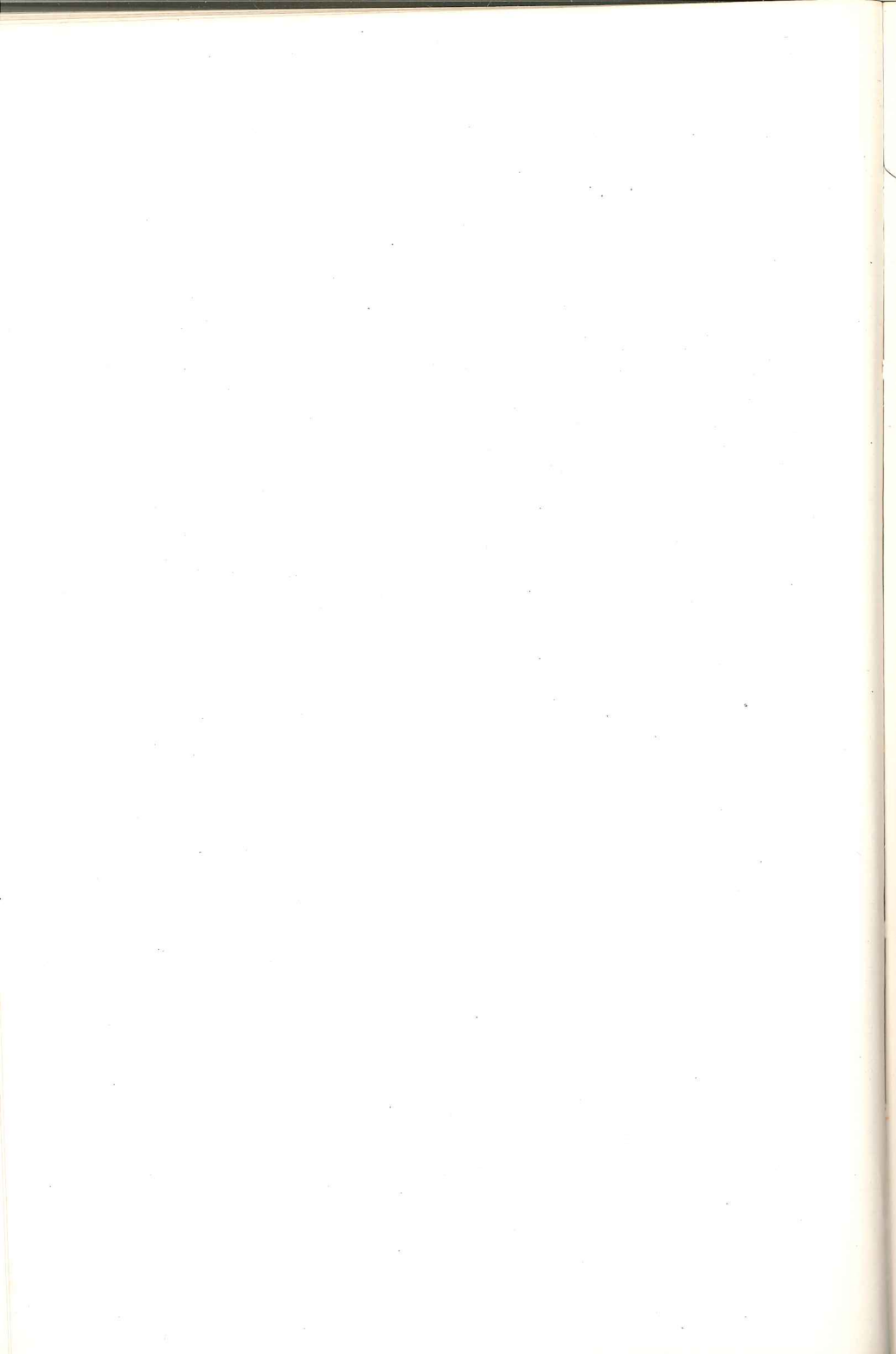
Deus nos abençoe! Ficaremos vivos?...

Mas fiquem certos: se sobrevivermos — terminaremos o relato noutra ocasião. Na Parte IV. Se sobrevivermos...

SEGUNDA PARTE

MOVIMENTO PERPÉTUO

As rodas também não param,
  As rodas. . .
Giram e dançam, as mós,
  Giram. . .

Wilhelm Müller
(1794-1827)

I OS NAVIOS DO ARQUIPÉLAGO

Os milhares de ilhas do enfeitiçado arquipélago espalham-se do estreito de Bering até o Bósforo, ou quase. Elas são invisíveis mas existem, e é de modo invisível mas constante que se deve transportar, de ilha em ilha, escravos também invisíveis, embora tenham carne, volume, peso.

Mas como transportá-los? E por que meios?

Há para isso grandes portos: as prisões de trânsito; e outros menores: os campos de trânsito. Há também navios de aço bem fechados: os *vagões-zak*. Nos ancoradouros, em vez de lanchas e rebocadores, são recebidos por "tintureiros", também de aço, herméticos e de fácil manejo. Os *vagões-zak* partem em horários estabelecidos. E, se necessário, enviam-se de porto em porto vagões pintados de vermelho, para gado, que como caravanas rasgam o arquipélago.

Como esse sistema é bem concebido! Tal sistema, foram os homens que o criaram, que o colocaram em funcionamento durante décadas, paulatinamente. Homens de uniforme, bem alimentados. Homens que não tinham pressa. Nos dias ímpares, às dezessete horas, a guarda de Kinechmá recebe na Estação do Norte, em Moscou, as levas procedentes das prisões de Butirki, de Présnia e de Taganka. E, nos dias pares, a guarda de Ivánovo deve estar na estação por volta das seis da manhã, para desembarcar e vigiar aqueles que se destinam a Nerekhta, Bejetsk, Bologóie.

Tudo isso acontece ao seu lado, de modo quase imperceptível. (Pode-se, é verdade, fechar os olhos.) Nas grandes estações, a carga e descarga dos suínos se efetua longe da gare dos passageiros, e só os guarda-chaves ou os guarda-vias podem vê-los. Nas estações menos importantes escolhe-se cuidadosamente uma viela entre dois depósitos de mercadorias, onde o carro de presos se aproxima em marcha-à-ré do *vagão-zak*. Os detidos não têm tempo sequer de dar uma olhada para a estação, de enxergar você, nem de perceber o que se passa ao longo do trem, podendo distinguir apenas os degraus (às vezes o degrau inferior dá-lhes pela cintura, faltando forças para subir), e a escolta, que forma um estreito corredor do furgão até o vagão, vocifera: "Rápido! Rápido!... Vamos! Vamos!..." Ou então ameaça com as baionetas.

Quanto a você, que se apressa pela gare com suas crianças,

valises e trouxas, não lhe sobra tempo para ver isso de perto, porque acaba de ser engatado à composição outro vagão para bagagem: nele não há nada escrito e é muito parecido com os de carga, tendo igualmente grades e sendo escuro por dentro. Apenas se dá conta de que ali vão soldados, defensores da pátria, e que em todas as paradas dois deles descem de cada lado da via, assobiando, olhando de soslaio para debaixo do vagão.

O comboio põe-se em marcha e centenas de destinos comprimidos, de corações torturados, correm pelos mesmos trilhos sinuosos que vocês, seguindo a mesma fumaça, junto a esses mesmos campos, postes e medas, alguns segundos antes de vocês mesmos. Mas atrás das suas vidraças, vocês nada verão: no ar ficam ainda menos vestígios desta amargura que emerge do que aqueles que restam após a passagem dos dedos sobre a água. E no ambiente bem conhecido e sempre igual do comboio, com roupa de cama e com o chá servido em copos, poderão vocês acaso fazer idéia desse tenebroso e abafado terror que à distância de três segundos atravessou esse mesmo espaço euclidiano? Vocês estão descontentes só pelo simples fato de que nesse mesmo compartimento viajam quatro pessoas e vocês estão apertados; mas acreditarão acaso que nessa linha, nesse vagão que acaba de passar por vocês, vão amontoadas catorze pessoas? E se forem vinte e cinco? E se forem trinta?...

Vagão-zak — que abreviatura abominável! Como o são em geral todas as abreviaturas feitas pelos verdugos. Isso significa que se trata de um vagão para reclusos. Mas em nenhum lugar, à exceção dos papéis dos carcereiros, se aplicaria essa palavra. Os presos acostumaram-se a chamá-lo vagão *stolípin,* ou simplesmente *stolípin*[1].

À medida que os transportes por via férrea foram introduzidos na nossa pátria, mudaram as formas das levas dos presos. Ainda nos anos 90 do século XIX, as levas para a Sibéria eram feitas a pé ou a cavalo. Lênin, em 1896, foi deportado para a Sibéria num vagão comum de terceira classe (com

---

1 *O filho de A. Stolípin afirma que esse tipo de vagão, mais baixo que os vagões de passageiros mas mais alto que os de carga, com compartimentos para gado e material agrícola (que são os nossos semicompartimentos de hoje, que servem de esconderijos), foi construído em 1908 para transportar camponeses que emigravam das províncias orientais do país, porque havia falta, nessa época, de meios de transporte para essa forte corrente migratória da Ásia central. Todavia, esses vagões não tinham grades, nem eram utilizados para o transporte de prisioneiros. (N. do A.)*

gente livre), e queixou-se aos ferroviários de que ia insuportavelmente apertado. O quadro bem conhecido de Iarochenko, *A vida está por toda a parte,* mostra-nos já uma ingênua readaptação de um vagão de passageiros de quarta classe para o transporte de presos: tudo ficou como era, os presos viajam como toda a gente, apenas colocaram grades nas janelas de ambos os lados. Estes vagões circularam ainda muito tempo pelas vias férreas russas; alguns se lembram de como viajaram nas levas de 1927, só que seguiam separados os homens e as mulheres. Por outro lado, o socialista-revolucionário Trúchin recorda-se de que já durante o czarismo se utilizava o *stolípin,* embora nesses tempos só viajassem seis pessoas em cada compartimento.

Provavelmente este tipo de vagão foi posto pela primeira vez em circulação durante o governo de Stolípin, isto é, antes de 1911, e, de acordo com a exacerbação revolucionária dominante, os democratas-constitucionais batizaram-no com esse nome. Entretanto, ele esteve em voga só a partir dos anos 20, tendo encontrado uma utilização generalizada exclusiva nos anos 30, quando tudo na nossa vida passou a ser padronizado. Seria pois mais justo chamar-lhe não *stolípin,* mas *stalínin* *. Não nos percamos porém com palavras...

O *stolípin* era um vagão comum, com a simples particularidade de que, dos nove compartimentos, cinco eram destinados aos presos (aqui, como em todo o arquipélago, metade ficava reservada para os serviços!). Estes cinco compartimentos ficavam separados do corredor não por um tabique contínuo, mas por uma grade que os deixava a descoberto para observação. Essa grade era de barras oblíquas, cruzadas, como nos pequenos jardins das estações. Erguiam-se até o teto do vagão, não sobrando espaço para a bagagem. As janelas do lado do corredor eram as habituais, mas também com barras oblíquas no exterior. No compartimento dos presos não havia janelas, apenas uma pequena ranhura, sem visão, igualmente com grades ao nível do segundo beliche (privado assim de janelas, mais se diria um vagão de carga). A porta do compartimento era corrediça: uma barra de ferro, também com grades.

Tudo isso, visto do corredor, fazia lembrar um zoológico: atrás de uma grade de ferro, no solo e nos beliches, encolhem-se certos seres miseráveis, parecidos com o homem, pedindo lasti-

---

* *A semelhança tem razão de ser porque, em russo, o* o *que não é tônico na palavra se pronuncia como* a, *ou seja: a pronúncia de* stolípin *é* stalípin. *(N. do E.)*

mosamente, com o olhar, de beber e de comer. Nas jaulas, contudo, nunca amontoam assim os animais.

Segundo cálculos feitos por engenheiros em liberdade, no compartimento de um *stolípin* cabem seis presos sentados embaixo, três deitados na tarimba do meio (a qual se estende ao longo do compartimento, formando uma só cama e deixando um espaço somente para poder subir e descer) e dois deitados na prateleira de cima, destinada à bagagem. Suponhamos que além destes onze se ponham lá mais onze (os últimos, para se poder fechar a porta, são empurrados pelos guardas a pontapés). Teremos então a lotação esgotada, e normal, do compartimento dos reclusos. Dois deles contorcem-se, meio dobrados, no porta-bagagens de cima; cinco deitam-se na tarimba do beliche do meio (e estes são os mais felizes, pois tais lugares são disputados em combate; havendo presos comuns, são precisamente estes que aí são colocados); na parte inferior ficam treze pessoas, das quais cinco sentadas em cada tarimba e três no meio, entre as pernas dos outros. Os pertences vão onde calha, por baixo, por cima ou misturados com as pessoas. E assim, com as pernas oprimidas, encolhidas, viajam dias e dias.

Não, isto não é feito de propósito para torturar especialmente os homens! O condenado é um soldado trabalhador do socialismo, para que atormentá-lo? Ele tem que ser utilizado na construção. Mas, concordem, ele não vai fazer uma visita à família, e não deve ficar instalado de forma que os que estão em liberdade o invejem. Temos dificuldades com os transportes: ele chegará ao destino, descansem, não morrerá.

A partir dos anos 50, quando foram ajustados os horários, os presos não eram obrigados a fazer viagens longas: dia e meio a dois dias quando muito. Durante a guerra e depois dela era pior: de Petropávlovsk (no Casaquistão) até Karagandá os *stolípin* podiam levar *sete dias* (e havia vinte e cinco pessoas no compartimento!); de Karagandá a Sverdlovsk, *oito dias* (e no compartimento havia vinte e seis). Mesmo de Kuibíchiev a Tcheliabinsk, em agosto de 1945, Susi foi num *stolípin* uma série de dias, e no compartimento havia *trinta e cinco* pessoas, amontoadas umas em cima das outras, debatendo-se e lutando [2]. No outono de 1946, N. V. Timofêiev-Ressóvski foi de Petropávlovsk a Moscou num compartimento onde iam *trinta e seis homens!* Esteve vários dias *pendurado* no compartimento, no

---

2 *Isto para a satisfação daqueles que se espantam e censuram:* por que não lutavam? *(N. do A.)*

meio dos outros, sem que os pés tocassem no solo. Às tontas, os homens começaram a morrer, e tiraram-nos debaixo dos pés dos presos (é verdade que não imediatamente, mas só no segundo dia). Só dessa maneira começaram a ficar menos apertados. A viagem inteira até Moscou durou *três semanas*[3].

Trinta e seis — será esse, por acaso, o limite? Não possuímos testemunhos de que tenha havido trinta e sete, mas, atendo-nos ao único método científico e à nossa educação na luta contra os "limites", devemos responder: não, não e não! Não há limites! Talvez eles existam algures, mas não entre nós! Enquanto houver alguns decímetros cúbicos de ar por ocupar, ainda que seja debaixo dos bancos, entre os ombros, as pernas ou as cabeças, o compartimento está apto a receber presos suplementares! Convencionalmente, pode-se admitir como cifra-limite a dos cadáveres que couberem no volume total do compartimento, empilhados metodicamente.

V. A. Kornêieva partiu de Moscou num compartimento onde havia *trinta mulheres* — a maioria delas velhinhas decrépitas, deportadas por serem crentes (à chegada, *todas* essas mulheres, com exceção de duas, foram imediatamente hospitalizadas). Não houve casos mortais porque entre elas havia jovens cultas e atraentes, presas por "teren rrespondência com estrangeiros". Essas jovens começaram envergonhar a escolta: "Como é que não têm vergonha de conduzi-las assim? Elas podiam ser suas mães!" Certamente, não foram tanto os argumentos morais, como o aspecto atraente das jovens que encontrou eco na escolta — e algumas velhas foram transferidas... para o compartimento *de castigo*. Nos *stolípin* esse compartimento não constitui um castigo, mas sim uma felicidade. Dos cinco compartimentos para os presos, só quatro são utilizados como celas habituais, sendo o quinto dividido em duas metades, dois estreitos meios-compartimentos com dois beliches, como os que são habitualmente reservados aos condutores. Essas celas de castigo são utilizadas para isolamento; o fato de viajarem ali três ou quatro significa comodidade e espaço.

Não, não é que se faça de propósito para torturar os presos pela sede, mas em todos esses dias passados no vagão, no meio de desfalecimento e aperto, dá-se-lhes de comer, em vez de alimentos cozidos, apenas arenque salgado, ou peixe seco (foi

---

[3] *Já em Moscou, segundo as mesmas leis do país dos milagres, Timofêiev-Ressóvski foi transportado por oficiais, nos braços, até o automóvel: ele ia contribuir para o avanço da ciência! (N. do A.)*

o que se passou ao longo de *todos* os anos 30 e 50, no inverno e no verão, na Sibéria e na Ucrânia, e nem sendo preciso detalhar exemplos). Não se trata de tortura pela sede, mas enfim, digam-me, como alimentar esses farrapos durante a viagem? Comida quente no vagão? Não têm direito a ela (num dos compartimentos, é certo, há uma cozinha, mas é só para a escolta). Não se lhes pode dar cereais secos, nem bacalhau fresco. Conservas de carne? Podem fazer-lhes mal. Arenque salgado e um pedaço de pão — não há coisa mais bem pensada, que mais querem?

Tome, pegue o seu meio arenque, e dê-se por feliz, alegre-se! Se você é sensato, não o coma, agüente, esconda-o no bolso, você o comerá no campo de trânsito, onde haja água. É pior ainda quando dão peixe miudinho do Azov, úmido, com sal grosso, que se estraga no bolso. Pegue-o com o forro do casaco de algodão, com o lenço ou com a palma da mão e coma-o. Esse peixinho é lançado em cima de qualquer casaco, mas o peixe seco é jogado pela escolta no chão, sendo dividido nos beliches, em cima das pernas[4].

Uma vez que lhe deram o peixe, não lhe negarão o pão, e talvez lhe dêem ainda um pouquinho de açúcar. O pior é quando chega a escolta e declara: "Hoje não damos de comer, não nos *entregaram* nada para vocês". E, na realidade, talvez não tenham dado nada: em alguma seção de contabilidade carcerária não puseram os números no devido lugar. Ou pode ser que tenham entregue algo, mas que a própria escolta tenha falta de ração (eles mesmos não andam superalimentados), decidindo ficar com o *pãozinho*. Dar só meio arenque torna-se suspeito.

E, naturalmente, não é para atormentar o preso que depois do arenque não lhe dão água fervida (o que acontece sempre), nem água comum. É preciso compreender: o pessoal da escolta é limitado. Uns montam a guarda no corredor, fazem plantão à entrada dos vagões e, nas estações, fazem inspeção debaixo dos vagões e no teto, vendo se não foi feito algum orifício em

---

[4] *P. F. Iakubóvitch* (No mundo dos condenados, *Moscou, 1964, tomo I) escreve, acerca dos anos 90 do século passado, que no tempo terrível das levas para a Sibéria davam para alimentação dez copeques diários por pessoa, quando a broa de pão de trigo — seria de três quilos? — custava cinco copeques, e a jarra de leite — de dois litros? — custava três copeques. "Os presos viviam na prosperidade" — escreve ele. Mas na província de Irkutsk os preços eram mais altos. Uma libra de carne valia dez copeques e "os presos viviam simplesmente na miséria". Uma libra de carne por pessoa por dia, corresponderá isso a meio arenque? (N. do A.)*

qualquer parte. Outros limpam as armas, e é preciso também ocupar-se da instrução política e do regulamento militar. Quanto ao terceiro turno, esse dorme, o horário é de oito horas, segundo a lei, a guerra já acabou. Depois, é preciso trazer água de longe em baldes, e é ultrajante transportá-la: por que é que um combatente soviético deve carregar água como um asno para os inimigos do povo? Por vezes, para separar os presos e fazer uma mudança de linha, levam o *stolípin* até meio dia de distância da estação (para longe de olhos estranhos) e não se carrega água nem para a cozinha do soldado vermelho. Há, é certo, uma saída: tirar água do tender da locomotiva, uma água amarela, turva, com óleo de lubrificação. Os *zeks* bebem gostosamente dessa água. Que importa, eles na penumbra do compartimento não vêem muito bem, não têm janelas, nem lâmpadas, nem luz do corredor. Além disso, essa água leva muito tempo a ser distribuída, os presos não têm canecos, aos que os possuíam tiraram-lhos, ou seja, têm que beber pelas duas canecas do regulamento, e enquanto eles se saciam, é preciso ficar esperando ao lado, tirando e dando água. (E eis o que foram ainda inventar: primeiro deve-se dar de beber aos sadios, depois aos tuberculosos, e finalmente aos sifilíticos! Como se na cela seguinte as coisas não começassem de novo: primeiro aos sadios, etc. . .)

Mas a escolta suportaria tudo isso, carregaria água e daria de beber, se esses porcos, depois de se terem fartado de água, não pedissem para ir à latrina. Mas é assim: se não se lhes dá água um dia, não pedem para ir à latrina; se se lhes dá de beber, nem que seja uma só vez, tem-se que levá-los lá; e se por compaixão se lhes dá duas vezes de beber, há que levá-los duas vezes. De todas as maneiras, o melhor é não lhes dar de beber!

Não é porque isso lhes custa, ou porque queiram poupar a latrina — mas apenas porque se trata de uma operação de responsabilidade, e até de combate: é preciso ocupar em tal missão um cabo e dois soldados. Colocam-se duas sentinelas, uma perto da porta da latrina e outra no corredor, no lado oposto (para que os presos não fujam por ali, o cabo tem que abrir e fechar a porta corrediça do compartimento, primeiro deixando passar o que volta e depois deixando sair o seguinte). O regulamento permite que não se deixe sair senão um por um, para que não se precipitem e comece um motim. E sucede que esse homem que foi à latrina retém trinta presos no seu compartimento e cento e vinte em todo o vagão, além do grupo da escolta! Assim, o cabo e os soldados apressam-no durante

o caminho: "Rápido! Rápido! Depressa! Depressa!", e ele corre aos tropeções, como se tivesse roubado uma latrina ao Estado. (Em 1949, no *stolípin* de Moscou a Kuibíchiev, o alemão Schultz, coxo de uma perna, que já compreendia as frases russas de incitamento à pressa, saltava sobre um pé ao ir à latrina e, ao voltar, o guarda de escolta ria-se e exigia que saltasse mais rapidamente. Uma das vezes, um dos guardas empurrou-o em frente à latrina e Schultz caiu. Zangado, o da escolta começou a agredi-lo, e, não conseguindo levantar-se debaixo das pancadas, Schultz arrastou-se para a latrina suja. Os guardas riam-se [5].)

Para que durante os curtos instantes passados na latrina o preso não possa evadir-se, e também para que ele volte depressa, a porta da latrina não é fechada, e, observando o processo da operação, o da escolta, lá da plataforma, estimula: "Rápido, rápido!... Já chega!" Às vezes, desde o começo logo vem a ordem: "Só águas menores!" E então da plataforma não lhe deixam fazer nada mais. As mãos, naturalmente, não se lavam: a água do depósito não chega para isso, nem há tempo. Se o preso mexe na torneira, a escolta vocifera da plataforma: "O quê, não toque nisso, vamos!" (Se alguém tem sabão e toalha na bolsa não os tira por vergonha. Isso é demasiado elegante.) A latrina é muito suja. Mais rápido, mais rápido! E levando a sujeira líquida nas botas, o preso entra no compartimento, sobe por cima das mãos e dos pés de um qualquer, e depois essas botas sujas pendem do terceiro beliche, gotejando sobre o segundo.

Quando as mulheres vão fazer as suas necessidades, o regulamento da escolta e o senso comum exigem também que não se feche a porta, mas nem todos os guardas insistem nisso e alguns permitem: "Está bem, feche". (Depois são ainda as mulheres que têm de limpar as latrinas e de novo é preciso postar-se junto delas, para que não fujam.)

Levar os cento e vinte à latrina, mesmo a um ritmo muito rápido, demora mais de duas horas — isto é, mais do que um quarto de turno de três soldados da escolta! E de todos os modos os presos não ficarão satisfeitos! De qualquer maneira, levará sempre algum velho com pedra nos rins, que ao cabo de meia hora se lamenta de novo e pede para ir à latrina. Naturalmente, não o deixam ir, e ele faz tudo em cima de si mesmo,

---

5 *É isto sem dúvida o que se designa por "culto da personalidade de Stálin"... (N. do A.)*

no próprio compartimento. Mais trabalho para o cabo: obrigá-lo a apanhar aquilo com as mãos e jogá-lo fora.

Portanto: tenham menos necessidades! O que significa menos água e menos comida. Assim não se queixarão de diarréia, nem empestarão o ar, porque, enfim, não se pode respirar no vagão!

Menos água! Mas é preciso distribuir o arenque regulamentar. Não dar água é uma medida sensata, não dar arenque seria uma falta de serviço.

Ninguém, ninguém se impôs como objetivo torturar-nos! Os atos da escolta são completamente razoáveis! Mas, como os antigos cristãos, estamos dentro de jaulas e nas nossas línguas feridas põem sal.

Os guardas não têm tampouco qualquer objetivo (exceto às vezes), ao misturar os presos do artigo 58 com a gatunagem e os presos comuns. Acontece simplesmente que há um excesso de presos, poucos vagões e compartimentos, e que o tempo é contado. Quando irão ocupar-se deles? Um dos quatro compartimentos é reservado às mulheres, e nos três restantes, caso seja necessário selecioná-los, então fazem-no segundo as estações de destino, de modo a ser mais cômoda a descarga.

Mas acaso crucificaram Cristo entre dois ladrões porque Pilatos o quis humilhar? Acontece que era o dia de crucificar, que havia um só Gólgota e que o tempo de que se dispunha era pouco. *Por isso foi posto entre malfeitores.*

Tremo só em pensar no que eu teria tido de sofrer se me encontrasse na situação de um preso vulgar... A escolta e os oficiais das levas trataram-nos, aos meus companheiros e a mim, com obsequiosa cortesia... Como preso político fui levado ao presídio com relativo conforto: durante as paradas utilizei um compartimento diferente do dos presos comuns, dispunha de uma carroça, e na carroça levava uma bagagem de mais de uma arroba...

> ...No último parágrafo não utilizei aspas para que o leitor possa compenetrar-se melhor. Na verdade, as aspas constituem sempre ou uma forma de ironia ou de distanciamento. Mas sem as aspas o parágrafo soa com um tom um tanto estranho, não é?

Foi P. F. Iakubóvitch, aí pelos anos 90 do século passado, que escreveu. O livro foi reeditado agora para mostrar o que foi aquela época tenebrosa. Sabemos também que os políticos tinham uma habitação especial até nas barcaças, ficando na coberta com uma zona reservada para passear. (Em *Ressurreição*, de Tolstói, o Duque Nekhliúdov, que era um estranho, podia visitar os políticos para conversar.) E foi só porque na lista dos presos, em frente ao nome Iakubóvitch, tinha sido *"omitida a mágica palavra político"* (escreve ele) que em Ust-Kara ele foi "recebido pelo inspetor do presídio... como um preso comum — de forma ordinária, arrogante, insolente". De resto, felizmente, o mal-entendido desfez-se.

Que época inverossímil, essa em que misturar os políticos com os comuns parecia quase um delito! Estes últimos eram conduzidos à estação em formação vergonhosa, marchando na calçada. Os políticos podiam ir em carroça (Alminski, 1899). Não comiam, como os outros, do caldeirão comum, davam-lhes dinheiro para as refeições, que lhes eram levadas de restaurantes populares. O bolchevique Olminski nem queria a comida do hospital, parecia-lhe ordinária[6]. O chefe do pavilhão de Butirki pediu desculpas pelo fato de o guarda ter tratado Olminski por "você", pois raramente havia lá políticos e o vigilante não sabia...

Em Butirki *raramente havia políticos!*... Que sonho será este? Onde estavam eles, então? Muito menos podia havê-los na Lubianka e em Lefortovo, que ainda não existiam!...

Radíchiev foi levado algemado durante a transferência e por estar muito frio puseram-lhe em cima "uma abjeta pele de carneiro", que tiraram ao guarda. Entretanto, Ekaterina ordenou imediatamente que lhe tirassem as algemas e que lhe arranjassem tudo o que era necessário para a viagem. Mas a Anna Skripníkova, em novembro de 1927, enviaram-na de Butirki, por etapas, até Solóvki, com um chapéu de palha e um vestido de verão (pois tinha sido presa no verão e desde então a sua casa estava selada, ninguém lhe tendo permitido tirar de lá o seu vestuário de inverno).

Diferenciar os políticos dos comuns, isso significa respeitá-los como opositores iguais, significa reconhecer que as pessoas podem ter *pontos de vista* próprios. Assim, o *preso* político tem a sensação da sua *liberdade política!*

Mas desde o momento em que todos somos *do contra* e

---

6 *Era por tudo isto que a ralé (massa dos comuns) chamava aos revolucionários profissionais os "nobres ranhosos" (P. F. Iakubóvitch). (N. do A.)*

que os socialistas não conseguiram manter-se como *políticos,* só pode provocar risos aos presos e perplexidade aos guardas o fato de se protestar porque nós, os *políticos,* somos misturados com os comuns. "Aqui, entre nós, todos são comuns", respondiam sinceramente os guardas.

Essa mistura, esse primeiro encontro, verdadeiro golpe fulminante, tem lugar no "tintureiro" ou no *stolípin.* Até aí, por mais que nos tenham vexado, torturado e atormentado nos interrogatórios, tudo provinha dos bonés-azuis, que não se confundiam com a humanidade, vendo nós neles apenas um serviço vergonhoso. Mas em compensação, os companheiros de cela, embora fossem diferentes de nós pela experiência e pelo desenvolvimento cultural, embora com eles discutíssemos e entre eles houvesse delatores, pertenciam todos a essa humanidade habitual, pecadora, cotidiana, no meio da qual tinha decorrido toda a nossa vida.

Ao ser-se empurrado para o compartimento do *stolípin,* espera-se encontrar lá dentro companheiros de infortúnio. Todos os inimigos e opressores ficam *do outro lado* das grades, não é *deste* que a gente os espera. E, de repente, ao levantar a cabeça para o espaço que dá passagem até ao beliche do meio, depara-se com três ou quatro — não, não são rostos, não são focinhos de macaco, os macacos ainda se assemelham em algo ao homem! — máscaras repugnantes e cruéis, com expressão de avidez e mofa. Cada uma nos fixa como a aranha suspensa sobre a mosca. A sua teia são estas grades, e nós caímos nela! Elas torcem a boca como a preparar-se para morder-nos de lado, e ao conversar silvam, deleitando-se mais com isso do que com as vogais e as consoantes da língua. A sua linguagem só pela desinência dos verbos e dos substantivos recorda a língua russa: é uma algaraviada.

Esses estranhos gorilóides estão quase sempre em camiseta, pois no *stolípin* o ar é sufocante. Os seus pescoços cheios de veias roxas, os seus ombros salientes, os seus escuros peitos tatuados nunca sofreram com a extenuação carcerária. Quem são eles? De onde vêm? Subitamente, do pescoço de um deles pende uma cruz! Sim, uma cruzinha de alumínio atada a um cordel. A gente admira-se e sente-se um pouco aliviada: entre eles há crentes, isso é comovedor! Assim, nada de temível pode acontecer. Mas, precisamente esse "crente", ato contínuo, lança-se em blasfêmias contra a cruz e a fé (blasfêmias parcialmente ditas em russo) e mete-nos dois dedos como cornos diretamente sobre os olhos, não ameaçando, mas começando imediatamente

a apertar. Neste gesto — "tiro-lhe os olhos, animal!" — está toda a filosofia da sua fé! Se eles são capazes de esmagar os seus olhos como uma lesma, que é que eles respeitarão em nós, ou diante de nós? A cruzinha balanceia-se e olhamos com os olhos ainda não esmagados para essa mascarada selvagem, perdendo a noção da realidade. Quem dentre nós enlouqueceu? Quem enlouquecerá ainda?

Num instante, todos os hábitos de convivência humana em que se tinha vivido estalam e se quebram. Em toda a nossa vida passada — especialmente antes da detenção, mas até mesmo depois e em parte durante o interrogatório — falávamos aos outros homens *com palavras* e eles respondiam-nos também com palavras. Estas produziam um efeito, era possível convencer, rejeitar, pôr-se de acordo. Recordam-se diversos tipos de relações sociais — a petição, a ordem, o agradecimento —, mas tudo quanto aqui se vem encontrar situa-se fora dessas palavras e dessas relações. Como mensageiro do chefe eis que desce alguém, mais freqüentemente um magricela novinho, cujo desembaraço e insolência se tornam três vezes mais repulsivos, e este diabrete abre a nossa bolsa e mete a mão nos nossos bolsos, não para fazer uma busca, mas como se fossem os seus! Desde esse minuto já nada nos pertence, nem nós próprios, e passamos a ser uns manequins providos de objetos supérfluos e que nos podem tirar. Nem a esse pequeno e raivoso coiote, nem aos carões de cima se lhes pode explicar nada com palavras, nem negar, nem proibir, nem pedir! Eles não são gente, isso torna-se claro para nós num ápice. Pode-se somente *atacar!* Sem esperar, sem perder tempo, sem sequer mexer a língua. *Atacar* esse criançola, ou aquelas feras grandes de cima.

Mas, de baixo para cima, como chegar a esses três? E no criançola, embora seja uma fuinha repugnante, parece também que não se pode bater. Empurrá-lo mansamente? Impossível, porque ele próprio morde agora seu nariz. Ou então os de cima partem-lhe a cabeça num abrir e fechar de olhos (e eles têm navalhas, só que não vão sacá-las para sujar-se com você).

Você olha para os vizinhos, para os camaradas — vamos. . . é preciso oferecer resistência, ou fazer um protesto! —, mas todos os seus camaradas, todos os seus "58" já foram saqueados, um por um, antes da sua chegada, e estão sentados submissamente, encolhidos, a olhar. Ainda se compreenderia se olhassem de lado ou fixamente, mas fazem-no com um ar tão habitual, que se diria não se tratar de uma violência, de uma pilhagem,

mas sim de um fenômeno natural, como o crescer da erva ou o cair da chuva.

E isso sucede porque se deixou passar o momento, senhores, camaradas e irmãos! Para reagir, era preciso tê-lo feito quando Strujinski se imolou com fogo na cela de Viatka, e ainda antes disso, quando os declararam *"do contra"*.

Ora, você permitiu que lhe tirassem o sobretudo, que o seu casaco fosse apalpado e que fosse arrancada com um pedaço de tecido a nota de vinte rublos que lá tinha sido cosida, que a sua bolsa fosse despejada, e revistada, que tudo o que a sua esposa sentimental juntou para você depois da sentença, para a longa viagem, ficasse perdido, sendo-lhe devolvido apenas a bolsa com a escova de dentes...

É verdade que nem todos se submeteram assim nos anos 30 e 40, mas apenas noventa e nove por cento[7]. Como pôde isto suceder? Homens! Oficiais! Soldados! Combatentes da frente!

Para lutar corajosamente um homem precisa estar preparado para esse combate, aguardá-lo, compreender o seu objetivo. Aqui faltavam todas as condições: não tendo nenhum conhecimento prévio do meio da gatunagem, ninguém esperava esse combate, e, o que é mais importante, não compreendia em absoluto a sua necessidade, imaginando erradamente que os seus inimigos eram apenas os bonés-azuis. É necessária toda uma educação para compreender que os peitos tatuados são os traseiros dos bonés-azuis, para ter a revelação do que os galões não dizem em voz alta: "Morra você hoje, que eu morrerei amanhã!" O preso novato quer considerar a si mesmo como político, ou seja: ele é a favor do povo e o Estado é contra ele. Mas eis que, inesperadamente, é atacado por seres imundos, de uma agilidade diabólica, e todas as categorias se misturam, a clareza é convertida em estilhaços. (E não será de um momento para o outro que o preso compreenderá que esses seres malignos agem de acordo com os carcereiros.)

Para lutar audazmente, um homem precisa sentir-se defendido à retaguarda, ter apoio dos lados e terra debaixo dos pés. Todas essas condições faltam no caso do "58". Tendo sido triturado pela máquina de picar carne dos interrogató-

---

[7] *Contaram-me alguns casos em que três homens solidários (jovens e fortes) resistiram aos ladrões, mas não para defenderem os direitos em geral aos que à sua volta eram roubados, só para se defenderem a si mesmos: neutralidade armada! (N. do A.)*

rios políticos, o homem tem o corpo destruído: passou fome, não dormiu, gelou nas masmorras, ficou caído no chão depois de espancado. Mas se fosse só o corpo! Ele tem a alma alquebrada. Fizeram-no compreender e demonstraram-lhe que os seus pontos de vista, o seu comportamento na vida e as suas relações com os homens, tudo isso era errado, porque conduziu ao seu esmagamento. Essa bolinha que foi lançada pela seção de máquinas do tribunal para as levas ficou reduzida à ânsia de viver, sem qualquer compreensão. Destruir completamente e isolar completamente — tal é o objetivo dos interrogatórios para os do artigo 58. Os condenados devem compreender que a sua maior culpa quando estavam em liberdade residiu na tentativa de comunicarem ou unirem-se de qualquer forma uns com os outros, fora do controle do organizador do Partido, dos sindicatos e da administração. Na prisão isso leva até ao horror de qualquer tipo de ação *coletiva:* fazer uma e a mesma queixa a duas vozes ou colocar no mesmo papel duas assinaturas. Desacostumados já há muito tempo do que seja solidariedade, os pseudopolíticos não estão preparados sequer para se defenderem contra a gatunagem. Assim a ninguém vem à cabeça arranjar, para o vagão ou para o campo de trânsito, uma navalha ou um castão de bengala. Em primeiro lugar: para quê? contra quem? Em segundo lugar: se você o utiliza, não fará senão agravar o sinistro artigo 58, podem julgá-lo novamente e condená-lo ao fuzilamento. Em terceiro lugar: mesmo antes, no momento da busca, poderão condená-lo a você, por uma navalha, diferentemente do que fazem a um gatuno: nas mãos deste uma navalha é uma travessura, faz parte da tradição, é um sinal de inconsciência, mas nas suas mãos trata-se de terrorismo.

Enfim, a maior parte dos presos pelo artigo 58 são pessoas pacíficas (e freqüentemente velhos e doentes) que por toda a vida se serviram de palavras, e não dos punhos, e não estão preparadas para enfrentar hoje o que não enfrentaram antes.

Os gatunos, por sua vez, não passaram por tais interrogatórios. Foram interrogados quando muito duas vezes, tiveram um julgamento suave, uma sentença leve e até mesmo essa sentença não a cumprirão, serão libertados antes: ou os anistiam ou fogem[8]. Ninguém privou os gatunos das encomendas legais, e

8 *V. I. Ivánov (que acaba de sair de Ukhta) foi condenado nove vezes pelo artigo 162 (roubo) e cinco vezes pelo 82 (fuga), pegando ao todo trinta e sete anos de reclusão — mas "cumpriu-os" em cinco ou seis anos. (N. do A.)*

durante instruções recebem abundantes pacotes dos camaradas de roubo que ficaram em liberdade. Não emagreceram, não se debilitaram nem um só dia e pelo caminho alimentaram-se à custa dos *fraiers*[9]. Os artigos que punem o roubo e o banditismo não só não deprimem o gatuno, mas enchem-no de orgulho, e nesse orgulho ele é apoiado por todos os chefes com galões e com bonés azuis: "Não tem importância, ainda bem que você é um bandido e um criminoso, que não é um traidor da pátria. Você é dos *nossos*, há de se corrigir". Nos artigos sobre o roubo não existe o ponto *11* referente à organização. Essa organização não está proibida aos gatunos. E por que o havia de ser? Não contribui ela para educar o sentido do coletivismo, tão necessário ao homem da nossa sociedade? E a apreensão de armas que lhes fazem é um jogo, não sendo punidos por isso. Respeita-se a sua *lei* ("com eles não pode ser de outra maneira"). Um novo assassinato na cela, longe de agravar a pena do criminoso, só o cobre de louros.

(Tudo isto data de há muito. Nas obras do século passado sobre o *lumpen-proletariat* condenavam-se apenas os seus excessos, o seu estado de ânimo instável. Quanto a Stálin, sempre foi inclinado aos gatunos — quem é que roubava os bancos em seu nome *? Já em 1901, na prisão, ele foi acusado por seus companheiros de partido por utilizar delinqüentes comuns contra opositores políticos. A partir dos anos 20 surgiu o termo complacente de: *socialmente próximos*. De um tal ponto de vista se faz arauto igualmente Makarenko: *estes* podem ser corrigidos. (Segundo Makarenko[10] a origem dos delitos é unicamente a "contra-revolução clandestina". Incorrigíveis são os outros: os engenheiros, os sacerdotes, os socialistas-revolucionários, os mencheviques.)

Por que não roubar, se não há ninguém que reprima? Três ou quatro gatunos insolentes e unidos podem dominar várias dezenas de assustados e abatidos pseudopolíticos.

Com a aprovação dos chefes e com base na teoria da vanguarda.

Mas se não resistem com os punhos, por que é que as víti-

---

[9] Fraier: *aquele que não é ladrão, isto é, que não é um "Homem" (com letra maiúscula). Ou mais simplesmente: o resto da humanidade, quem não rouba. (N. do A.)*

* *Referência às "expropriações" em que Stálin se tinha notabilizado na luta clandestina, antes da Revolução. (N. do T.)*

[10] Bandeiras sobre as torres. *(N. do A.)*

mas não se queixam? Os ruídos ouvem-se do corredor e o soldado da escolta passeia lentamente atrás das grades.

Sim, eis a questão. O mínimo som e o mínimo queixume são audíveis, e o soldado da escolta passeia no corredor durante todo esse tempo — por que não intervém então? A um metro de distância, na penumbra de uma caverna, saqueiam um homem — por que é que o soldado da Segurança do Estado não lhe vem em ajuda?

Pelas mesmas razões. Também nele inculcaram tal procedimento.

Mais ainda: depois de muitos anos de favores a própria escolta se inclina para os ladrões. O homem da escolta *converteu-se, ele mesmo, num ladrão.*

A partir de meados da década de 30 e até meados da de 40, nesses dez anos de atividade desenfreada da gatunagem e da mais covarde opressão dos políticos, ninguém se recorda de nenhum caso em que a escolta pusesse termo ao saque dos políticos nas celas, nos vagões ou nos "tintureiros". Mas relatam-se inúmeros casos de como a escolta recebia objetos roubados dos ladrões, levando-lhes em troca disso vodca, comida (melhor do que a ração) e tabaco. Estes exemplos tornaram-se já antológicos.

É que o sargento da escolta quase nada tem de seu: as armas, a manta enrolada, a marmita e a ração de soldado. Seria cruel exigir-lhe que escoltasse inimigos do povo vestidos com um sobretudo de peles caro, com botas de *box-calf,* ou com trouxas de objetos citadinos, e que se conformasse com essa desigualdade. Privá-los dessa riqueza acaso não é também uma forma da luta de classes? E que outras normas há ainda?

Nos anos de 1945-46, quando afluíam presos provenientes da Europa e vestiam roupa européia nunca vista, ou a traziam nas suas bolsas, os oficiais da escolta tampouco se continham. O mesmo tipo de serviço que os tinha impedido de ir para a frente de luta impedia-os agora de recolher troféus de guerra. Acaso isso era justo?

Assim, não era casualmente, nem por falta de tempo, nem por carência de espaço, mas sim para seu próprio proveito, que a escolta misturava, em cada *stolípin,* os políticos aos gatunos. E estes entravam no jogo: os objetos eram tirados aos *castores*[11] e passavam para as malas da escolta.

---

11 "Castores" eram os zeks *ricos com trastes (dos bons!) e bacilos, ou seja, com gorduras. (N. do A.)*

Mas que fazer, se esses *castores* já foram carregados nos vagões e o trem deve partir, sem que os ladrões apareçam? Hoje eles fazem falta e não há ladrões a embarcar em nenhuma estação. Passaram-se vários casos desses.

Em 1947 levavam de Moscou para a cadeia central de Vladímir um grupo de estrangeiros que possuíam objetos de valor. Isto tinha sido detectado através da primeira revista das malas. Então, a escolta, sistematicamente, começou *ela mesma* a recolher os objetos. Para não deixar passar nada, despiam completamente o preso, faziam-no sentar no chão do vagão, perto da latrina, e ao mesmo tempo revistavam-no e confiscavam-lhe os objetos. Mas a escolta não levou em conta que eles não eram conduzidos a um campo, e sim a uma prisão séria. Quando lá chegaram, I. A. Kornêiev fez uma queixa por escrito, explicando tudo. A escolta foi encontrada e revistada. Parte dos objetos ainda foram recuperados e devolvidos aos seus donos, e o que não foi devolvido foi reembolsado. Diz-se que os elementos da escolta foram condenados a penas de dez a quinze anos. O caso não se pode comprovar, mas por roubo não devem ter estado presos muito tempo.

Entretanto, trata-se de um caso excepcional, e se o chefe da escolta tivesse moderado a tempo a sua cobiça, teria compreendido que era melhor não enredar-se nele. Mas eis um caso mais simples, que tudo nos leva a crer não tenha sido o único. No *stolípin* de Moscou a Novossibirsk, em agosto de 1945 (numa leva de que fez parte A. Susi), também não havia ladrões. O caminho era longo, e os *stolípin,* naquela época, arrastavam-se lentamente. Sem pressa, no momento oportuno, o chefe da escolta anunciou uma busca. Os presos deviam apresentar-se um por um no corredor com os objetos. Os que eram chamados eram despidos, segundo as regras carcerárias, mas não era esse o objetivo oculto da busca, pois os revistados regressavam aos compartimentos superlotados, e qualquer canivete ou coisa proibida podia ser passado de mão em mão. O objetivo da busca era examinar todos os artigos pessoais, bem como os que havia nas bolsas. Junto das bolsas, sem se aborrecer durante a prolongada busca, estava com um aspecto altivo e inabordável o chefe da escolta, acompanhado por um oficial, e o seu ajudante, um sargento. A pecaminosa cobiça podia exteriorizar-se, mas o oficial encobria-a com uma fingida indiferença. Era a situação do velho libidinoso que deita o olho sobre os mocinhos mas tem vergonha dos estranhos, não sabendo como dirigir-se a eles. Que

falta lhe faziam uns quatro ladrões! Mas na leva não havia ladrões.

Não havia ladrões na leva; havia porém homens que tinham estado em contato com o respectivo ambiente carcerário e se deixaram contagiar. Pois o exemplo dos ladrões é instrutivo e provoca a imitação: ele indica um caminho fácil para viver na prisão. Num dos compartimentos seguiam dois oficiais recentemente degradados: Sánin (da Marinha) e Meréjkov. Ambos seguiam em conformidade com o artigo 58, mas estavam já organizando a vida. Sánin, apoiado por Meréjkov, armou-se em responsável do compartimento, e através de um soldado pediu para ser recebido pelo chefe da escolta do trem (ele tinha compreendido essa atitude altiva, e adivinhado a sua necessidade de um intermediário). Era um caso sem precedentes, mas Sánin foi chamado e a conversação teve lugar algures. Seguindo o exemplo de Sánin, alguém de outro compartimento pediu também para ser recebido. E também esse foi recebido.

Pela manhã deram, não quinhentos e cinqüenta gramas de pão, como era então a ração nas transferências, mas sim duzentos e cinqüenta.

Distribuiu-se a ração e começou um murmúrio secreto de descontentamento. Murmúrio, nada mais: temendo "as ações coletivas", os políticos não atuaram. Houve só um que perguntou em voz alta ao distribuidor:

— Cidadão chefe! Quanto pesa esta ração?

— O que deve pesar — foi-lhe respondido.

— Exijo o que falta, do contrário não a aceito! — anunciou em voz alta o temerário.

Todo o vagão ficou calado. Muitos não tinham começado a comer a ração, esperando que pesassem também a deles. Nisso chegou, aureolado de inocência, o oficial. Todos se calaram, e quanto mais silenciosos mais ressaltavam inevitavelmente as suas palavras:

— Quem se pronunciou contra o poder soviético?

Os corações deixaram de palpitar. (Dir-se-á que se trata de um método generalizado, e que fora da prisão também qualquer chefe se identifica com o poder soviético. Atreva-se quem quiser a discutir com ele. Mas para os que estão aterrorizados, para os que acabam de ser condenados por atividades anti-soviéticas, isso é algo de mais terrível.)

— Quem iniciou o *motim* pela ração? — insistia o oficial.

— Cidadão tenente, eu só queria... — justificava-se já o recalcitrante, culpado de tudo.

— Ah! é você, canalha? É você que não gosta do poder soviético?

(Para que protestar? Para que discutir? Acaso não é mais fácil comer essa pequena ração e agüentar, calar-se?... Mas agora tudo se complicou...)

— Animal fedorento! Contra-revolucionário sujo! Devia enforcá-lo, e você ainda quer que pesem a sua ração?! A você, patife, o poder soviético dá de comer e de beber, e você ainda não está satisfeito? Você sabe o que isso vai lhe custar?

Ordem à escolta: "Levem-no!" Soa o cadeado. "Saia, mãos atrás das costas!" E levam o desgraçado.

— Quem ainda está descontente? Quem quer pesar sua ração?

(Como se fosse possível provar fosse o que fosse! Como se fosse possível apresentar queixa em algum lugar de que havia duzentos e cinqüenta gramas e lhe acreditassem, pondo em causa a afirmação do tenente de que havia exatamente quinhentos e cinqüenta!)

Ao cão espancado basta mostrar o chicote. Todos os demais se mostraram satisfeitos, e dessa forma foi sancionado o racionamento de castigo *todos os dias,* durante o longo percurso. Passaram também a não dar açúcar; a escolta ficava com ele.

(Passava-se isto no verão das duas grandes vitórias, sobre a Alemanha e sobre o Japão, vitórias que a história da nossa pátria celebrará, e que os nossos netos e bisnetos estudarão.)

Passaram fome um dia, passaram fome dois dias, e depois alguns tornaram-se mais razoáveis. Sánin disse no seu compartimento: "Vejam, rapazes, assim estamos perdidos. Se alguém tem objetos de valor, eu farei a troca e trarei algo para comer". Com enorme segurança ele escolheu umas coisas e rejeitou outras (nem todos estavam de acordo em entregar as coisas, mas ninguém tampouco os obrigava!). Depois, ele pediu para sair junto com Meréjkov. Estranhamente, a escolta deixou-os sair. Foram com os objetos para o lado do compartimento da escolta e regressaram com pães já partidos e com tabaco. Eram os mesmos pães, de sete quilos, que no dia anterior não tinham distribuído no compartimento. Só que agora não eram destinados a todos por igual, mas unicamente àqueles que haviam dado objetos.

E isso era mais do que justo: pois todos tinham declarado que estavam satisfeitos com a ração diminuída. E justamente porque todas as coisas têm um valor, há que pagar por elas.

Olhando a distância, a justiça confirmava-se: esses objetos eram demasiado valiosos para o campo e estavam condenados de todas as maneiras a serem recolhidos ou roubados.

Quanto ao fumo, era o da escolta. Os soldados repartiam o seu próprio fumo com os presos, mas isso também era justo, porque eles também comiam o pão dos presos e o seu açúcar, que era demasiado bom para os inimigos. E, finalmente, era perfeitamente justo que Sánin e Meréjkov, que não tinham dado quaisquer objetos, recebessem mais do que os donos dos mesmos, porque sem eles nada disso se teria podido organizar.

E assim permaneceram apertados na penumbra, uns mastigando a côdea do pão que correspondia ao seu vizinho, e os outros olhando para eles. A escolta não deixava que os presos fumassem individualmente, mas apenas a cada duas horas e coletivamente, e todo o vagão se enchia de fumo, como se estivesse pegando fogo. Aqueles que de início tiveram pena de perder os objetos agora arrependiam-se de os terem recusado a Sánin, e pediram-lhe para levar também os seus, mas Sánin respondeu: — Depois.

Essa operação não teria decorrido tão bem até ao fim se não fosse a lentidão dos transportes e dos *stolípin* nos anos do pós-guerra, em que os desengatavam e os retinham nas estações. De resto, é verdade que, se não se estivesse no pós-guerra, tampouco se teriam encontrado objetos e se teria corrido atrás deles. A viagem até Kuibíchiev durou uma semana, e durante ela deram apenas duzentos e cinqüenta gramas de pão por dia (aliás uma ração que era o dobro da do bloqueio), peixe seco e água. O pão restante devia ser resgatado através de objetos. Bem depressa a oferta superou a procura e a escolta já recebia coisas com pouca vontade, escolhendo.

Em Kuibíchiev levaram-nos ao campo de trânsito, onde tomaram banho, e cada grupo foi de novo conduzido ao mesmo vagão. Foram recebidos por uma nova escolta, mas, pelo visto, tinham-lhes explicado como arrebanhar os objetos, e recomeçaram essa mesma história de cada um comprar a própria ração até Novossibirsk. (É fácil imaginar que essa experiência contagiosa fosse assimilada, estendendo-se entre as divisões de escolta.)

Em Novossibirsk, quando desembarcaram entre as vias, chegou um novo oficial e perguntou: "Há queixas sobre a escolta?" Todos ficaram confusos e ninguém respondeu.

O primeiro chefe da escolta tinha calculado bem. É isso, a Rússia!...

Os passageiros dos *stolípin* distinguem-se ainda dos restantes passageiros pelo fato de que não sabem o destino do trem nem em que estação devem desembarcar: eles não têm passagem e nos vagões não está afixado o itinerário. Às vezes, em Moscou, embarcam tão longe da estação que nem sequer os moscovitas sabem em qual das oito estações se encontram. Durante algumas horas, os presos permanecem amontoados entre o mau cheiro, esperando a locomotiva de manobras. Ei-la que chega e conduz o vagão de reclusos até uma composição já formada. Se é verão, os alto-falantes da estação anunciam: "Moscou—Ufá: partida na terceira linha... Na primeira plataforma continua o embarque para o trem Moscou—Tachkent..." Isso significa que se trata da estação de Kazan, e os conhecedores da geografia do arquipélago e dos seus caminhos explicam aos seus camaradas: Vorkut e Pétchora estão excluídos, do contrário teríamos partido pela linha de Iaroslavl; não vamos para os campos de Kirov, de Górki [12]. Para a Bielo-Rússia, Ucrânia ou o Cáucaso nunca vão os de Moscou; já não têm lugar nem para os de lá. Mas ouçamos mais: partiu o trem de Ufá, e o nosso não se mexeu. Saiu o de Tachkent e continuamos parados. "Para a saída do trem Moscou—Novossibirsk faltam... Pede-se às pessoas que acompanham os passageiros... As passagens dos viajantes..." Partimos. É o nosso! Que quer isso dizer? Por enquanto, nada. Pode ser o curso médio do Volga ou o sul da região do Ural. Pode ser o Casaquistão com as suas minas de cobre de Djezkazgan. Pode ser também o Taichet, com a fábrica de impregnação de travessas (diz esse que o creosoto penetra na pele, nos ossos, e que os seus vapores saturam os pulmões e levam à morte certa). Qualquer parte da Sibéria pode ser o nosso destino, até Soviétskaia Gavan. Ou Kolimá. Ou ainda Nórilsk.

Se é inverno, o vagão está hermeticamente fechado e não

---

[12] *Assim o joio se mistura com o trigo, na colheita da glória. Mas será por acaso joio? Se não há campos de concentração Púchkin, Gógol, Tolstói, há em compensação campos Górki, e que campos! Por outro lado há as minas de ouro Maksim Górki, com trabalhadores presidiários (a quarenta quilômetros de Élguen)! Sim, Aleksei Maksímovitch, lembre-se: "Por vosso coração, camarada, e em vosso nome..." "Se o inimigo não se entrega..." Basta uma palavra infeliz e você está projetado fora da literatura... (N. do A.)*

se ouvem os alto-falantes. Se a escolta é fiel ao regulamento, não se ouvirão conversas dela sobre o itinerário, nem por lapso. Assim, pomo-nos em marcha. Dormimos com os corpos entrelaçados, sob o trepidar das rodas, não sabendo que bosques ou estepes se verão amanhã através da janela. Da janela que há no corredor. Do beliche do meio, olhando através das grades do corredor, dos vidros e ainda de outras grades, podem distinguir-se vagamente as estações do caminho e um pedacinho do espaço que corre junto ao trem em marcha. Se as vidraças das janelas não estão recobertas pelo gelo, às vezes pode-se ler o nome da estação — uma qualquer, Avsiúnino ou Undol. Onde ficam essas estações?... Ninguém no compartimento sabe. Às vezes, pelo sol, pode-se descobrir se nos levam para o norte ou para o oriente. Pode acontecer que numa certa estação, Tufánovo, ponham no compartimento um preso comum que acabaram de pegar, que nos diz estar sendo conduzido a Danílov, ao tribunal, temendo que lhe dêem dois aninhos. Assim se fica informado de que durante a noite se vai passar por Iaroslavl, ou seja, que o primeiro lugar de trânsito no caminho é Vologda. Há sempre, obrigatoriamente, no compartimento, entendidos que se deleitam macabramente com o célebre estribilho: "A escolta de Vologda não gosta de brincadeiras".

Mas mesmo conhecendo a direção, é ainda como se você não soubesse nada: campos e campos de trânsito estão adiante, formando nós no seu caminho, e qualquer deles pode fazê-lo desviar. Não o atrai nem Ukhta, nem Inta, nem Vorkut; mas você imagina que o Projeto de Construção 501, a linha férrea através da tundra, pelo norte da Sibéria, é melhor? Ela é pior que todas as outras.

Cinco anos depois da guerra, quando as torrentes de presos acabaram por voltar aos seus leitos (ou foi talvez a Segurança do Estado que ampliou os seus efetivos?), no ministério puseram em ordem milhões de pilhas de *processos* (judiciais) e cada condenado passou a ser acompanhado de um envelope selado, contendo o seu *processo* penitenciário, numa ranhura do qual estava escrito para a escolta o itinerário (não é útil que eles conheçam mais que o itinerário, pois o conteúdo do processo pode incitar à corrupção). Então, se você estiver deitado no beliche do meio, se o sargento se detiver precisamente perto de você, e se souber ler de pernas para o ar, pode ser que você consiga descobrir que levam alguém para Kniaj-Pógost, e que o levam, a você, para Kargopol.

Bem, isso não faz senão aumentar as inquietações! Que é

isso de Kargopol? Quem ouviu falar desse campo?... Quais são, lá, os *trabalhos gerais?** (Há trabalhos gerais mortais, e outros mais leves.) Será um daqueles campos de que só se sai para morrer?

E como foi, como foi que com a pressa de partir você não pôde entrar em contato com a família, e ela ainda considera que você se encontra no campo de Stalinogorsk, perto de Tula? Se for muito nervoso e tiver engenho, talvez você consiga resolver esse problema: encontrará alguém com uma ponta de lápis — um centímetro basta — e outra pessoa com um resto de papel amarrotado. Tomando cuidado para não ser notado pela escolta (é proibido deitar-se com os pés para o corredor, devendo-se virar a cabeça para a porta), contorcendo-se e dando voltas, entre os balanços do comboio, é possível escrever aos familiares, informando-os de que inesperadamente o transferiram do antigo lugar, e que agora, do novo destino, só é possível enviar uma carta por ano, devendo eles preparar-se para isso. A carta, dobrada em forma de triângulo, é preciso carregá-la sempre que for à latrina: pode ser que o levem lá justamente ao se aproximarem de uma estação ou ao se afastarem de outra. Se a escolta se distrair na plataforma, então calque rapidamente o pedal para que se abra o orifício e, encobrindo-a com o corpo, lance a missiva. Poderá se molhar, se sujar, mas talvez ela deslize e caia entre os trilhos. Ou talvez o ar debaixo das rodas a faça dar voltas, a envolva no torvelinho e passe sob as rodas, por entre elas, descendo pela pendente da via férrea. Pode ser que fique assim à chuva e à neve, até que desapareça. Mas pode também ser que a mão de uma pessoa a levante. Se essa pessoa não for fiel à ideologia, tornará o destinatário legível, reescreverá as letras, ou porá o papel noutro envelope, e, quem sabe, chegará ao destino. Sim, por vezes essas cartas chegam, pagas pelo destinatário, sujas, deslavadas, amarrotadas, carregando uma definida amargura...

Mas melhor seria que deixasse de ser o mais depressa possível um *fraier:* um ridículo novato, presa e vítima. Há noventa e cinco por cento de possibilidade de que a sua carta não chegue ao destino. Mas, chegando, não levará alegria a casa. E sua vida não será medida por horas e dias, quando tiver en-

---

* *Chamam-se "trabalhos gerais" os trabalhos compulsivos de um campo. (N. do T.)*

trado neste épico país. A chegada e o regresso estão aqui separados por décadas, por um quarto de século. *Jamais voltará* ao mundo anterior! Quanto mais depressa se desacostumar da sua família, e sua família de você, tanto melhor. E tanto mais fácil.

Há que possuir o mínimo de objetos para não sofrer por causa deles! É melhor não ter mala, para que a escolta não a destroce à entrada do vagão (quando no compartimento há vinte e cinco pessoas, que outra solução há para resolver o problema do espaço?). E não traga botas novas, sapatos na moda, nem terno de lã: no *stolípin,* no "tintureiro" ou na recepção da prisão de trânsito, de qualquer maneira, roubam-nos, tiram-lhos, confiscam-nos ou trocam-nos. Entregue tudo sem lutar — a humilhação empeçonhar-lhe-á a alma. Se o esbulham, e luta pelo que é seu, ficará com a boca sangrando. Repugnam-lhe esses rostos insolentes, esses modos zombeteiros, essa escória bípede, mas, se tiver algo de próprio, e temer por isso, não perderá assim a rara possibilidade de observar e de compreender? Você pensa que os flibusteiros, os piratas, os grandes capitães pintados por Kipling e Gumiliov não eram gatunos do mesmo gênero? Pois eram exatamente deste quilate... Por que é que os atraentes quadros românticos se nos tornam repulsivos aqui?

Compreenda-os também a eles. A prisão é a sua *casa paterna.* Por muito que o poder os acarinhe, lhes suavize a pena, os anistie, a fatalidade intrínseca os conduz de novo e inevitavelmente para cá... Não são acaso eles que dão o tom à legislação do arquipélago? Houve um tempo, entre nós, em que mesmo *em liberdade* o direito à propriedade era posto em causa (mais tarde, os mesmos que o proscreviam ganharam o gosto de *possuir).* Por que é que se deve suportar então isso na prisão? Você perdeu tempo, não comeu logo o seu toucinho, não repartiu com os amigos o açúcar e o tabaco, e agora os gatunos remexerão na sua bolsa, para corrigir o seu erro moral. Dando a você, *em troca* das suas elegantes botas, uns velhíssimos sapatos, e uma peça de roupa toda manchada em troca da sua camiseta de lã. Eles não guardam essas coisas para si por longo tempo: as botas, eles vão ganhá-las e perdê-las trinta e seis vezes jogando cartas; e a sua camiseta de lã, vão trocá-la no dia seguinte por um litro de vodca e um pedaço de lingüiça. Ao cabo de um dia, eles já não terão nada, como você. É o segundo princípio da termodinâmica: os níveis devem igualar-se, igualar-se...

Não tenham nada! Não possuam nada! — foi o que nos ensinaram Buda e Cristo, os estóicos e os cínicos. Por que é que nós, avarentos, não escutamos esta simples prédica? Por que é

que não compreendemos que com os bens perdemos a nossa alma?

Deixe, eventualmente, que o arenque se aqueça no seu bolso até o campo de trânsito, para não ter que pedir água. Mas se lhe deram açúcar e pão de uma só vez, para dois dias, coma tudo de uma assentada. Então ninguém vai roubá-lo. E você não terá preocupações. Já está livre como um pássaro do céu!

Tenha só o que puder levar sempre com você: conhecimento de línguas, países e gentes. Que a sua memória seja a sua mochila. Use a memória! Retenha tudo nela! Somente essas sementes amargas poderão algum dia frutificar.

Olhe, há pessoas à sua volta. Talvez você venha a se recordar de uma delas durante toda a vida, e venha a morder os dedos por não a ter ouvido. Fale menos, escute mais. De uma a outra ilha do arquipélago estendem-se os delicados fios das vidas humanas. Eles entrelaçam-se, cruzam-se por uma noite, na penumbra de um destes trepidantes vagões, e depois de novo se separam eternamente — mas incline o ouvido para o seu murmúrio baixinho, e também para o monocórdio trepidar do vagão. Tudo isso é ruído do fuso da vida que gira.

Que estranhas histórias você não ouvirá aqui, das quais ainda vai rir!

Reparemos neste inquieto francês perto das grades — por que é que ele se move todo o tempo? Com que se surpreende? O que é que até agora não compreendeu? Tem-se que lhe explicar! E, ao mesmo tempo, que lhe perguntar: como veio parar aqui? Encontrou-se uma pessoa que fala francês, e ficamos sabendo que Max Santerre é soldado. Inquieto e curioso, gozava a liberdade na sua *douce France*. Diziam-lhe com bons modos que não desse voltas, mas ele andava sempre a vaguear pelos arredores do centro de trânsito para os russos repatriados. Então, os russos convidaram-no para beber, e a partir de certo momento já não se recorda de mais nada. Recobrou os sentidos no avião, ao pôr os pés no soalho. Viu-se com um blusão e umas calças de soldado vermelho, calçando as botas da escolta. Tinham-lhe anunciado dez anos de campo de concentração, mas naturalmente se tratava de uma brincadeira de mau gosto, tudo se esclareceria... Oh, sim, vai se esclarecer, companheiro, espere[13]! (Bem, casos destes, nos anos 1945-46, não surpreendem.)

A personagem desta história era franco-russa, mas a desta

---

[13] *Esperava-o ainda outra condenação de vinte e cinco anos, no campo de Ozer. Só seria libertado em 1957. (N. do A.)*

outra é russo-francesa. Ou antes, talvez puramente russa, porque quem haverá, a não ser um russo, que cometa tantos erros no caminho da vida? Na Rússia, em todos os tempos, sempre conhecemos pessoas que se *desbordam,* como o Mênchikov do quadro de Súrikov, que não cabiam na isbá de Beriózovo. Eis Ivan Kovertchenko. Era esguio e de estatura mediana, mas nunca se "enquadrava". Porque o valentão tinha sangue nas veias. Mas o diabo juntou-lhe um pouco de aguardente. Ele relata entre risos e com gosto o seu caso. Relatos desses são um tesouro, têm que ser ouvidos. É verdade que leva bastante tempo a adivinhar por que é que o prenderam, por que é que ele é um preso político. Mas não é necessário fazer de "político" um emblema de festival. Pouco importa o rastilho com que o apanharam.

Como todos sabem, eram os alemães que se preparavam furtivamente para a guerra química, e não nós. Foi por isso que, ao retroceder no Kuban, foi muito desagradável que, por culpa de certos desajeitados, tivéssemos deixado num aeródromo pilhas de bombas químicas, e que, baseando-se nisso, os alemães tivessem podido organizar um escândalo internacional. Então, deram ao Primeiro-Tenente Kovertchenko, natural de Krasnodar, vinte pára-quedistas e lançaram-nos na retaguarda dos alemães, para enterrarem todas essas bombas altamente prejudiciais. (Os leitores já adivinharam e começam a bocejar: posteriormente ele foi preso e agora é traidor da pátria. Pois bem, nada disso!) Kovertchenko cumpriu magnificamente a missão. Com os seus vinte homens, sem perdas, cruzou de regresso a fronteira e foi indicado para receber o título de Herói da União Soviética.

A proposta começa a correr pelos canais respectivos, demora um mês ou dois. E se você não se enquadra no título de "herói"? O título de "herói" é conferido aos bons rapazes, que se notabilizam na preparação militar e política. Mas e se a sede o abrasa, se você deseja beber e não há o quê? Sim, se você é um herói de toda a União Soviética, por que é que eles, vis e sovinas, se recusam a lhe dar um litro a mais de vodca? E Ivan Kovertchenko montou a cavalo e, sem saber nada acerca de Calígula, subiu até o segundo andar do comando militar de certa cidade e disse ao comandante: "Faça-me um pedido de vodca!" (Ele pensou que assim teria um aspecto mais importante, mais aparência de herói, e que seria mais difícil uma recusa.) Prenderam-no por isso? Não, o seu título foi simplesmente retrogradado de "Herói" para "Ordem da Bandeira Vermelha".

Kovertchenko tinha grande necessidade de beber, e nem sempre havia vodca, pelo que se via obrigado a aguçar a imagi-

nação. Na Polônia tinha impedido os alemães de dinamitar uma ponte e ficara com o sentimento de que essa ponte era sua, e, até à chegada do nosso comando militar, impôs aos polacos o pagamento de um pedágio: sem mim, eles já não a teriam, porcos! Recebeu essa taxa durante todo um dia (para o vodca) e depois aborreceu-se. Não podendo estar todo o tempo ali, o Capitão Kovertchenko propôs aos polacos dos arredores uma solução eqüitativa: que lhe *comprassem* a ponte. (Foi por isso que foi preso? Não.) Ele não pedia muito, mas os polacos opunham resistência, não se reuniam para cotizar-se. O capitão abandonou então a ponte: ao diabo com vocês, passem de graça!

Em 1949, ele estava em Polotsk como chefe do estado-maior de um regimento de pára-quedistas. O Major Kovertchenko não gostava nada da seção política da divisão, porque *insistia* demasiado na educação política. Uma vez solicitou um atestado com seu currículo para ingressar na academia militar; mas, quando lho entregaram, olhou para o papel e colocou-o sobre a mesa: "Com este currículo não devo ir para a academia, mas para as guerrilhas de Bandera! *" (Terá sido então por isso? Por isso ter-lhe-iam podido muito bem aplicar uns dez anos, mas escapou.) A isso veio juntar-se o fato de ter dado licença ilegalmente a um soldado. E ele próprio, em estado de embriaguez, tinha conduzido um caminhão e dado fim nele. E foi castigado com dez. . . dias de *calabouço*. Não obstante, foi guardado pelos seus próprios soldados, que o estimavam sem reservas e o deixavam ir passear na aldeia. E teria agüentado muito bem esses dias, mas a seção política começou a ameaçá-lo com o tribunal militar! Esta ameaça chocou e ofendeu Kovertchenko: quanto a enterrar bombas, ande, voe, Ivan! Mas quanto a uma porcaria de um caminhão de tonelada e meia destruído — para a prisão! Durante a noite fugiu pela janela e dirigiu-se para o rio Divná, onde sabia que havia uma lancha a motor de um conhecido, e partiu nela.

Sucede que não era um bêbado de memória curta: agora queria vingar-se por tudo o que lhe tinha feito a seção política. Abandonou a lancha na Lituânia e dirigiu-se aos habitantes, pedindo: "Meus irmãos, levem-me com os guerrilheiros! Aceitem-me que não terão de que se lamentar, ajustaremos as contas com eles!" Mas os lituanos pensaram que era um agente secreto.

Ivan tinha escondida uma letra de crédito. Tirou uma pas-

---

* *Stepan Bandera, chefe dos camponeses nacionalistas da Ucrânia. (N. do T.)*

sagem para Kuban, mas, no entanto, embriagou-se muito no vagão-restaurante e foi para Moscou. Ao sair da estação, olhou de esguelha para a cidade e ordenou ao motorista do táxi: "Leve-me à Embaixada!" "A qual?" "Vá para o diabo, a qualquer uma." E o chofer levou-o. "Esta qual é?" "É a francesa." "Está bem."

Pode ser que os pensamentos se lhe embrulhassem e que as intenções sobre a Embaixada fossem inicialmente umas, e depois passassem a ser outras, mas a sua destreza e a sua força não se tinham debilitado. Não sobressaltou o miliciano que estava à entrada. Calmamente, deu a volta à rua e saltou por cima de um muro liso da altura de dois homens. No pátio da Embaixada as coisas foram já mais fáceis: ninguém o descobriu, nem o reteve, e ele penetrou no interior, passou de um compartimento a outro e viu uma mesa posta. Havia várias coisas sobre a mesa, mas o que mais o surpreendeu foram umas peras, de que tinha muitas saudades. Encheu todas as algibeiras do casaco e das calças. Nisto entrou gente para cear. "Eh, franceses!" Foi Kovertchenko o primeiro a atacar, pondo-se a gritar. Veio-lhe à cabeça que nos últimos cem anos a França nada tinha feito de bom. "Por que é que não fazem a revolução? Por que tentam há tanto tempo pôr De Gaulle no poder? E somos nós que temos de fornecer-lhes trigo de Kuban! Isso não está bem!!" "Quem é o senhor? De onde vem?" Os franceses surpreenderam-se. Imediatamente, adotando o tom adequado, Kovertchenko encontrou a resposta: "Major da Segurança do Estado". Os franceses alarmaram-se: "Mas, de qualquer maneira, o senhor não pode entrar violentamente; que vem fazer?" "Aborrecê-los...", disse-lhes Kovertchenko, sem rodeios, espontaneamente. E fanfarreou ainda um pouco diante deles, mas observou que da habitação contígua já informavam por telefone acerca da sua presença ali. E teve a sensatez de iniciar a retirada, enquanto as peras começavam a cair-lhe das algibeiras! E um riso ultrajante perseguiu-o...

Entretanto, encontrou forças não só para sair da Embaixada, mas para seguir mais além. Na manhã seguinte acordou na estação de Kíev (não se dispunha a partir para a Ucrânia ocidental?), e bem depressa aí foi preso.

Durante o interrogatório foi espancado pelo próprio Abakúmov. As cicatrizes nas costas incharam-lhe até à espessura de uma mão. O ministro torturou-o, como se compreende, não pelas peras, nem tampouco pela justa censura feita aos franceses, mas porque queria saber quando e por quem fora ele recrutado. E, como se compreende, condenaram-no a vinte e cinco anos.

Havia muitas histórias destas a contar, mas, como qualquer outro vagão, o *stolípin* ficava mergulhado em silêncio pela noite. Pela noite não havia peixe, nem água, nem licença para ir à latrina.

Só se ouvia, como em qualquer outro vagão, o ruído das rodas, que em nada perturbava o silêncio. E se, então, a escolta se ausentava do corredor do terceiro compartimento (dos homens), era possível falar em voz baixa com o quarto compartimento (das mulheres).

A conversa com as mulheres, na prisão, era algo de muito especial. Havia nela uma grande nobreza, mesmo discutindo-se acerca dos artigos e das sentenças.

Uma dessas conversas durou toda a noite, e eis em que circunstâncias. Estávamos em julho de 1950. No compartimento feminino não havia outras mulheres, mas apenas uma moça, filha de um médico de Moscou, condenada pelo artigo 58-10. Nos compartimentos masculinos começou-se a ouvir barulho: a escolta estava colocando todos os *zeks* dos três compartimentos em dois (o número dos que se amontoavam em cada um, nem é necessário calculá-lo). E introduziram ali um certo delinqüente, que não se parecia em nada com um preso. Antes de mais nada, não lhe tinham raspado a cabeça e a sua cabeleira era loura e ondulada. Autênticos *caracóis* guarneciam provocadoramente a sua grande cabeça de boa casta. Era jovem, de boa aparência, e trazia uma farda militar do Exército inglês. Conduziram-no pelo corredor com ar de respeito (a própria escolta ficou intimidada com as instruções escritas no envelope sobre o seu caso). Ora, a moça conseguiu observar tudo isso. Ele não a viu (como se lamentou depois!).

Pelo barulho e o remexer de objetos ela compreendeu que tinham deixado aquele compartimento especialmente livre para ele — ao lado do dela. Estava claro que não devia contatar com ninguém. Maior razão ainda para ela desejar falar-lhe. De um compartimento a outro, nos *stolípin,* não é possível às pessoas verem-se, mas quando há silêncio podem ouvir-se. De noite, já tarde, quando tudo começou a acalmar-se, a moça sentou-se na ponta do seu banco, mesmo diante da grade, e chamou-o baixinho (talvez tenha primeiro cantarolado em surdina. Por tudo isso arriscava-se a que a escolta a castigasse, mas já tinham todos ido deitar-se e não havia ninguém no corredor). O desconhecido ouviu e, instruído por ela, sentou-se também. Estavam agora de costas um para o outro, apoiados contra a mesma tábua de três centímetros, e falavam através da grade, em voz

baixa, como se contornassem o muro que os separava. As suas cabeças e os seus lábios ficavam tão perto, que era como se se beijassem, mas não podiam tocar um no outro, nem sequer ver-se.

Erik Arvid Andersen já falava um russo razoável, com muitos erros, mas no fim de contas conseguia transmitir o seu pensamento. Ele relatou à moça a sua admirável história (nós ainda a havemos de ouvir no campo de trânsito), e ela contou-lhe a sua história singela de estudante moscovita, condenada pelo 58-10. Arvid sentiu-se cativado. E pôs-se a fazer-lhe perguntas sobre a juventude soviética, sobre a vida soviética, e ficou conhecendo assim coisas completamente diferentes das que sabia antes através da leitura dos jornais ocidentais das esquerdas e da sua visita oficial aqui.

Falaram toda a noite — e nessa noite tudo coincidiu para Arvid: esse estranho vagão de presos num país estranho; o ritmo noturno da trepidação do trem, que sempre encontra eco no nosso coração; e a voz melodiosa, o sussurro, a respiração da moça junto ao seu ouvido — mesmo junto ao seu ouvido, dele, que não a podia sequer ver! (E já há ano e meio que não ouvia uma voz feminina.)

Ao lado desta jovem invisível (e, decerto, por coincidência, naturalmente bela) começou pela primeira vez a ver a Rússia com olhos de ver, enquanto a voz da Rússia toda a noite lhe contava a verdade. É essa a melhor forma de conhecer um país pela primeira vez... (Pela manhã deveria ainda perceber, através da janela, os seus escuros telhados de palha, sob o triste sussurro do oculto cicerone.)

Sim, tudo isto é a Rússia: os presos sobre os trilhos, que se abstêm de fazer queixas; a moça por trás da tábua do compartimento do *stolípin;* a escolta que foi dormir; as peras caindo das algibeiras; as bombas enterradas; e o cavalo que sobe até o primeiro andar.

— Policiais! Policiais! — gritavam jubilosamente os presos. Eles alegravam-se por serem, daí por diante, conduzidos por gendarmes, e não pela escolta.

Esqueci-me de novo de pôr aspas. Isto é relatado pelo próprio Korolenko[14]. Nós, na realidade, não temos nenhuma

---

14 História de um meu contemporâneo, *Moscou, 1955, tomo III, página 166. (N. do A.)*

predileção pelos bonés-azuis. Se algo nos dá satisfação é ver aparecer alguém diferente no meio do ritmo pendular do *stolípin*.

Para um passageiro habitual é difícil *subir* no trem nas pequenas estações intermédias. Mas descer já não é. Basta jogar a bagagem e saltar. O mesmo não sucede com os presos. Se a guarda da prisão local, ou a milícia, não vai buscá-los, ou se se atrasam dois minutos, o trem parte! E o pecador detido é levado até o campo de trânsito seguinte. E será uma sorte se lá lhe derem comida! Senão, até ao fim do percurso do *stolípin*, você será metido num vagão vazio durante dezoito horas e depois levado de volta com um novo carregamento. E talvez ainda desta vez não irão buscá-lo, ficando você de novo num beco sem saída, sem que durante todo esse tempo *lhe dêem nada de comer!* Na verdade, a sua ração foi inscrita até que fossem buscá-lo e a seção de contabilidade não é culpada de que a prisão se descuidasse, pois você já era considerado parte de Tulun. A escolta não é obrigada a mantê-lo com a sua ração. E pode acontecer que o passeio se repita por *seis vezes:* de Irkutsk a Krasnoiarsk, de Krasnoiarsk a Irkutsk, e de Irkutsk a Krasnoiarsk, de tal modo que quando você descobrir na estação de Tulun um boné-azul você tem vontade de lançar-se aos seus braços: obrigado, amigo, por tirar-me de dificuldades!

Em dois dias de *stolípin* você se cansa, perde o alento e se desgasta tanto que, diante de uma grande cidade, não sabe o que preferir: se sofrer de uma vez por todas e se pôr em marcha o quanto antes, ou se procurar desentorpecer-se um pouco no campo de trânsito.

Mas eis que a escolta chega com estardalhaço. Vêm com os capotes e fazendo ressoar as culatras. Isso significa que vão descarregar todo o vagão.

A princípio a escolta forma um círculo junto aos degraus dos vagões, e mal você desce, tropeçando, precipitando-se, os da escolta, em coro e ensurdecedoramente, gritam-lhe de todos os lados (foram amestrados para isso): "Sentado! Sentado! Sentado!" Isso produz muito efeito, quando são várias gargantas e não deixam você levantar os olhos. É como estar sob a explosão de um fogo de artilharia, e involuntariamente a gente se encolhe, se apressa (para onde?), se aperta contra a terra, sentando junto de todos aqueles que saíram antes do vagão.

"Sentado!" é uma ordem de comando muito clara. Mas se você é um preso novato ainda não a pode compreender. Foi em Ivánovo, nas vias de serviço, que recebi pela primeira vez essa ordem de comando, abraçado a uma mala (se ela não foi feita

no campo, mas no exterior, a alça quebra sempre no momento crítico). Eu corri, coloquei-a no solo longitudinalmente, e, sem me aperceber de como estavam os que me precediam, sentei-me nela. Com um dólmã de oficial que ainda não estava muito sujo, de abas compridas, eu não podia sentar-me diretamente sobre as travessas, sobre a areia cheia de graxa! O chefe da escolta, um sujeito muito corado, com um bondoso rosto russo, veio correndo (eu não tive tempo de compreender por que nem para quê) e pelo visto queria por força dar-me um pontapé com a sua santa bota nas malditas costas. Mas algo o conteve, e (não tenho pena da sua lustrosa biqueira) deu um pontapé na mala, partindo a tampa. "Sente-se!", explicou. E só então percebi que me elevava como uma torre entre os *zeks* que me circundavam e, sem sequer ter tempo de perguntar: "E como sentar-me?", compreendi logo tudo. Sacrificando o dólmã, sentei-me ao lado dos outros, como se sentam os cães, junto do portão, ou os gatos, junto da porta.

(Essa mala, eu a conservei, e hoje, quando a vejo, passo os dedos pelo orifício aberto. Ela não pode cicatrizar, como cicatrizam o corpo, o coração. As coisas têm mais memória que nós.)

Essa forma de sentar-se é também premeditada. Se a gente fica com o traseiro apoiado no chão, de modo que os joelhos se elevem diante de nós, o centro de gravidade desloca-se para trás, e é mais difícil erguer-se, sendo impossível saltar subitamente. Além disso, fazem-nos sentar apertados uns contra os outros para que nos estorvemos mais. Se, todos juntos, quiséssemos lançar-nos sobre a escolta, enquanto nos começássemos a mexer seríamos todos fuzilados.

Nessa posição esperamos os "tintureiros" (estes levam-nos em grupos, pois não é possível transportar-nos de uma só vez), ou então fazem-nos ir a pé. Procuram amontoar-nos em lugares ocultos, para que as pessoas livres nos vejam o menos possível, mas às vezes os *zeks* são expostos ao público, por falta de cuidado, numa estação ou numa plataforma (assim aconteceu em Kuibíchiev). Era uma maneira de pormos à prova os que estavam em liberdade. Nós olhávamos para eles sem vergonha, com olhos honrados. Mas eles, como olhavam para nós? Com ódio? A consciência não lhes permitia (só os Ermílov acreditam que se as pessoas estão presas é porque há "um motivo"). Com simpatia? Com compaixão? Isso faria com que tomassem nota dos seus nomes, e aplicar-lhes uma condenação seria coisa simples. E os nossos cidadãos livres e altivos (Leiam bem, / tenham

inveja — / sou um cidadão / da União Soviética*) baixam as suas cabeças culpadas e procuram não nos ver, como se se tratasse de um lugar vazio. As velhas são mais corajosas: já não podem ser corrompidas, acreditam em Deus e partem um pedaço do seu escasso pão, atirando-o para nós. Os que já estiveram num campo, os comuns, naturalmente também não têm medo. Eles sabem que "Quem lá não esteve um dia estará / e o que já lá esteve não o esquecerá". Por isso nos olham e nos lançam um maço de cigarros, para que numa condenação futura lhos lancem também. O pão das velhinhas de mãos débeis não costuma alcançar-nos, caindo no chão, e o maço de cigarros dá voltas no ar, aterrando ao pé da multidão. Então a escolta faz ressoar as culatras das espingardas, contra as velhas, contra a bondade, contra o pão: "Eh lá! ponha-se a andar, velhota!"

E o pão sagrado, partido, fica lá entre a poeira, até nos levarem.

Em geral, esses minutos em que ficamos sentados no chão da estação são os nossos melhores instantes. Recordo-me de que em Omsk fizeram-nos sentar sobre as travessas, entre duas longas composições de carga. Não vinha nada por essa via (evidentemente tinham enviado um soldado para cada lado, a prevenir: "Por aqui não se pode passar!" E a nossa gente em liberdade está educada para subordinar-se ao homem de dólmã). Anoitecia. Estávamos em agosto. O pedregulho oleoso da estação ainda não esfriara depois do sol diurno e aquecia-nos os traseiros. Não víamos a estação, mas ela ficava muito perto, atrás dos trens. De lá chegava o som de uma vitrola, a música de discos misturando-se ao zumbido da multidão. E, não se sabe por quê, não nos parecia humilhante estar ali sentados e amontoados sobre o chão sujo, num lugar qualquer; não tínhamos a sensação de sermos objeto de zombaria ao ouvirmos as danças de uma juventude estranha, danças que nós nunca dançaríamos; não nos custava imaginar que alguém esperasse outra pessoa na estação ou se despedisse dela com flores. Foram vinte minutos de quase liberdade: a noite escurecia e apareciam as primeiras estrelas, os primeiros semáforos vermelhos e verdes nas ruas, enquanto a música ressoava. A vida prosseguia sem nós, e não recebíamos isso como uma ofensa.

Ame esses minutos, e ser-lhe-á mais fácil a prisão. Senão, você rebentará de raiva.

Se é perigoso levar os *zeks* até o "tintureiro" quando se passa

---

* *Maiakóvski:* Versos sobre o passaporte soviético. *(N. do T.)*

por entre caminhos e pessoas estranhas, há também uma boa ordem de comando prevista no regulamento da escolta: "Dêem-se as mãos!" Não há nisso nada de humilhante: dêem-se as mãos! Velhos e rapazes, moças e velhas, sãos e enfermos. Se uma das suas mãos está ocupada com quaisquer objetos, seguram-no por essa mão e você tem que dar a outra. Agora vocês se apertam uns contra os outros, duas vezes mais do que numa formação habitual, e de repente todos começam a sentir-se mais pesados, a ficar coxos, desequilibrados, devido ao carregamento incômodo das coisas, balançando-se com insegurança. Pobres seres sujos, cinzentos, entorpecidos, tropeçando como cegos, com uma aparente ternura uns pelos outros! Uma caricatura da humanidade!

E talvez não haja sequer nenhum "tintureiro", talvez o chefe da escolta seja um covarde. Se ele tem medo de não conseguir conduzi-los, vocês terão que se arrastar assim por toda a cidade, até a prisão, carregados, oscilando à deriva, esbarrando nas trouxas.

Há também outra ordem de comando, que forma uma caricatura de um bando de gansos: "Agarrem-se pelos calcanhares!" Isto significa que aqueles que têm as mãos livres devem agarrar com cada uma delas as próprias pernas pelos tornozelos. E agora "em marcha!" (Experimente, leitor, deixe o livro e tente andar assim pela casa. Então? Qual é a velocidade? Que é que vê à sua volta? E com respeito a uma fuga?) Imaginando o espetáculo de fora, faça uma idéia do que são três ou quatro dezenas desses gansos. (Kíev, 1940.)

Na rua, talvez não seja necessariamente o mês de agosto — pode ser dezembro de 1946 —, e conduzem-nos sem "tintureiro" a quarenta graus abaixo de zero para o campo de trânsito de Petropávlovsk. Como se compreenderá facilmente, nas últimas horas antes de chegar à cidade, a escolta do *stolípin* não se deu ao trabalho de levá-los a fazer suas necessidades, para não se sujar. Debilitados pelos interrogatórios, tolhidos pelo frio rigoroso, vocês quase não podem conter-se, especialmente as mulheres. Mas como? Até para os cavalos é bom deter-se para esvaziar a bexiga, até os cães precisam apartar-se para levantar a perna junto a uma cerca. Mas vocês, seres humanos, podem fazer isso enquanto estão andando, de quem sentiriam vergonha, na própria pátria? Até o campo de trânsito vocês estarão secos... Vera Kornêieva agachou-se para amarrar as botas, atrasou-se um passo — e um dos da escolta açulou-lhe logo um pastor alemão, que a mordeu nas nádegas através de toda a sua roupa

de inverno. Não se atrasem! Um usbeque caiu e espancaram-no a coronhadas e pontapés.

Não há nada de mais nisso e a cena não será fotografada pelo *Daily Express*. O chefe da escolta, até ao último dia da sua velhice, nunca será julgado por quem quer que seja.

Os "tintureiros" são uma herança da história. A charrete descrita por Balzac*, em que é que se diferencia de um "tintureiro"? Só por se mover mais lentamente e não ser tão superlotada. Isso é tudo.

É verdade que, nos anos 20, ainda levavam os presos a pé, em colunas, pela cidade, inclusive através de Leningrado, de tal modo que nos cruzamentos faziam paralisar o trânsito. ("Já estão cansados de roubar?" — censuravam-nos os que iam pela calçada. Ainda ninguém conhecia o grande projeto das canalizações. . .)

Mas, sensível aos menores progressos técnicos, o arquipélago não demorou em adotar a *gralha negra,* ou, mais carinhosamente, *gralhinha* ou *"tintureiro"*. Mesmo quando as nossas ruas ainda eram empedradas apareciam já os primeiros "tintureiros", juntamente com os primeiros caminhões. Possuíam ainda molas grosseiras e trepidavam fortemente, mas os presos não eram de cristal. Em troca, a embalagem era boa, já então, em 1927: nem uma fresta, nem uma lâmpada elétrica no interior, não havia uma falha sequer por onde respirar, nem olhar. E enchiam já como caixas os "tintureiros", com presos de pé, até não caberem mais. Não que o fizessem de propósito, mas é que as viaturas não chegavam.

Durante muitos anos esses furgões cinzentos de aço tinham francamente um ar de carros fúnebres. Mas depois da guerra nas nossas capitais perceberam isso e passaram a pintar o exterior com tons alegres, escrevendo por cima: "Pão" (os presos eram o pão das construções), "Carne" (seria mais exato escrever: "Ossos") ou mesmo "Bebam champanha soviético!"

No interior, os "tintureiros" podem ser simplesmente compostos de uma caixa blindada para viagens sem importância. Podem ter também um banco ao longo das paredes. Em geral, isto não constitui nenhuma comodidade, mas é ainda pior: põem tanta gente lá dentro quanta cabe de pé, mas vão uns sobre outros como malas, como fardos. Os "tintureiros" podem ter na parte de trás um *box* — um estreito armário de aço para uma

---

* *Ver* Grandezas e misérias das cortesãs, *no início da Parte III. (N. do T.)*

pessoa só. Mas podem ser inteiramente compostos de *boxes:* dos dois lados há pequenos armários para os presos, que são fechados como em celas, ficando o corredor para o guarda.

Esta complexa instalação de favos de abelha é impossível de imaginar, quando se olha para a garota pintada na carroçaria, a sorrir com o cálice: "Beba champanha soviético!"

Empurram-nos para os "tintureiros" sempre com gritos da escolta irrompendo de todos os lados: "Para a frente! Para a frente! Mais depressa!" Para que não tenhamos nunca tempo de olhar e de pensar em fugas, empurram-nos para a entrada no meio de tropeções, fazendo-nos bater com a bolsa ou a mala na porta estreita e com a cabeça no batente da porta. E vamos! Vamos embora!

Naturalmente, é raro passar-se muito tempo no "tintureiro" — apenas uns vinte ou trinta minutos. Mas durante esse tempo é-se sacudido de tal modo que os ossos ficam quebrados e os costados comprimidos, tendo de dobrar-se a cabeça se se é alto, o que faz recordar talvez com saudade o acolhedor *stolípin.*

E os "tintureiros" representam também uma nova feira, que proporciona outros encontros, dos quais os mais vivos são, evidentemente, os dos gatunos. Pode acontecer que não se tenha estado com eles num compartimento, pode ser que no campo de trânsito não nos ponham na mesma cela, mas aqui ficamos entregues a eles.

Às vezes o aperto é tal que nem os próprios bandidos têm ocasião de se aproveitarem da oportunidade. As suas mãos e as suas pernas ficam embaraçadas entre os corpos dos seus vizinhos e entre as bagagens, como se estivessem debaixo de uma canga. Só os solavancos nos buracos, ao sacudi-los a todos, ao arrancar-lhes as entranhas, permitem mudar a posição das mãos e das pernas.

Outras vezes, quando se vai um pouco mais folgado, os ladrões em meia hora engenham-se em verificar o conteúdo de todas as bolsas, guardando para si os *bacilos* e as melhores *bugigangas.* A simples sensatez e a covardia impedem-nos de medir forças com eles (e começamos a perder pouco a pouco as partículas da nossa alma imortal, supondo sempre que os inimigos e dificuldades principais estão ainda pela frente e que é necessário poupar-se para eles). Mas também pode suceder que ao reagirmos nos metam uma faca entre as costelas. (Não haverá investigação, e se esta chega a realizar-se, em nada ameaça os gatunos: apenas serão *retidos* no campo de trânsito, não

irão para um campo longínquo. Concorde-se que, numa luta entre os *socialmente-próximos* e os *socialmente-alheios,* o Estado não pode estar do lado destes últimos.)

O coronel reformado Lúnin, alto funcionário da Osoaviakhim*, relatava numa cela da prisão de Butirki, em 1946, como em oito de março, num "tintureiro" moscovita, na sua presença e no espaço de tempo decorrido no percurso entre o tribunal da cidade e a prisão de Taganka, os gatunos violaram uma moça, um após outro (perante a passividade silenciosa dos outros ocupantes da viatura). Essa moça, na manhã desse mesmo dia, vestindo a sua melhor roupa, tinha ido livremente ao tribunal comum (devia ser julgada por ter abandonado o trabalho sem licença, acusação infame do seu chefe como vingança por ela se recusar a viver com ele). Meia hora antes a moça tinha sido condenada a cinco anos, segundo o *ukaze.* Puseram-na nesse "tintureiro" e eis que, em pleno dia, em algum ponto do trajeto de Sadovoie Koltso ("Bebam champanha soviético!"), a converteram numa prostituta dos campos de concentração. Quem foi o verdadeiro responsável? Os gatunos? Os carcereiros? Ou o chefe dela?

A delicadeza da gatunagem! Roubaram ali mesmo a pobre moça: tiraram-lhe os seus melhores sapatos, com os quais ela queria impressionar o tribunal, e a blusa, que foi entregue à escolta, tendo essa mandado parar o "tintureiro" para ir comprar vodca, que foi distribuída. E assim os gatunos beberam à custa da moça.

Quando chegaram à prisão de Taganka, a moça desatou a chorar, fazendo queixa. O oficial escutou-a, bocejou e disse:

— O Estado não pode conceder a cada preso um transporte à parte. Não temos meios para isso.

Sim, os "tintureiros" são um "lugar apertado" do arquipélago. Se nos *stolípin* não há possibilidade de separar os políticos dos comuns, neles não há possibilidade de separar os homens das mulheres. Como é que os gatunos não haviam de fazer "plenamente a vida", entre duas cadeias?

Se não fossem os gatunos, haveria que agradecer aos "tintureiros" esses breves encontros com as mulheres! Onde vê-las

---

* Osoaviakhim: Obchtchestvo sodeistviia oborone, aviatsionnomu khimitcheskomu stroitelstvu *(Sociedade de ajuda à defesa nacional e à construção aeronáutica e química); esta associação de voluntários existiu de 1927 a 1948. (N. do T.)*

durante a vida carcerária, onde ouvi-las e roçar-se contra elas senão aqui?

Certa vez, em 1950, levavam-nos de Butirki à estação. Íamos muito folgados: éramos catorze pessoas num "tintureiro" com bancos. Sentamo-nos todos e, subitamente, embarcaram o último, uma mulher. Ela sentou-se bem junto da porta traseira, timidamente: com catorze homens numa caixa escura, não havia nenhuma defesa. Mas em poucas palavras ficou claro que estávamos em família: éramos todos do artigo 58.

Ela apresentou-se: Répina, esposa de um coronel. Fora presa depois da detenção do marido. E, de repente, um militar silencioso, tão jovem e magro que só podia ser tomado por um tenente, perguntou-lhe: "Diga-me, você não esteve presa com Antonina I.?" "Como? Você é o seu marido? Olieg?" "Sim!" "O Tenente-Coronel I.? Da Academia Frunze?" "Sim!"

Esse "sim!" parecia sair de um peito oprimido, como se o medo de *saber* fosse maior do que a alegria. Ele sentou-se junto dela. Através das duas pequenas grades das portas de trás as foscas manchas crepusculares desse dia de verão perpassavam pelo rosto da mulher e do tenente-coronel. "Eu estive com ela quatro meses na mesma cela, durante a investigação." "Onde está ela agora?" "Durante todo este tempo ela só vivia com a sua recordação. Sofria de temor não por ela mas por você. Primeiro, com receio de que o prendessem. Depois tentando fazer com que a sua condenação fosse o mais leve possível." "Mas que é feito dela agora?" "Ela considerava-se culpada por sua detenção. E sofria tanto!" "Onde está ela agora?!" "Não se assuste." Répina pôs-lhe a mão sobre o peito como se ele fosse alguém da família. "Ela não suportou essa tensão. Vieram buscá-la. Ela transtornou-se... um pouco... Você compreende?..."

E o "tintureiro", envolto em chapas de aço, lá ia pacificamente, por entre as seis filas de carros, detendo-se diante dos semáforos, fazendo sinal ao dar a volta.

Eu acabava de travar conhecimento com esse Olieg I., em Butirki. Enviaram-nos ao *box* da estação e trouxeram-nos as coisas do depósito de bagagens. Chamaram-nos ao mesmo tempo, a ele e a mim. Atrás da porta aberta do corredor, a vigilante, de avental cinzento, remexia na sua mala, jogando ao chão os galões dourados de tenente-coronel, que se tinham conservado não se sabe como, e inadvertidamente pôs o pé sobre as suas grandes estrelas.

E pisava-as com as botas, como se se tratasse da cena de um filme.

Eu fiz sinal para ele: "Olhe para aquilo, camarada tenente-coronel!"

E agora a notícia sobre a esposa.

Ele teve que sofrer tudo isso no espaço de uma hora.

II OS PORTOS DO ARQUIPÉLAGO

Estenda sobre uma mesa de grandes dimensões um amplo mapa da nossa pátria. Assinale grossos pontos negros sobre todas as capitais de província, sobre todos os entroncamentos ferroviários, sobre todos os locais onde as linhas terminam e onde começam os rios, onde os rios desviam o seu curso e começam as trilhas. Que se passa? O mapa fica repleto de moscas contagiosas? Não, você está precisamente perante o mapa grandioso dos portos do arquipélago.

É verdade que não são aqueles portos fantásticos para onde nos atraía Aleksandr Grin, onde se bebe rum nas tabernas e se cortejam belas mulheres. E não haverá tampouco aqui um tépido mar azul (a água para o banho limita-se a um litro por pessoa e, para que seja mais cômodo lavar-se, juntam-se quatro litros para quatro pessoas numa só bacia e vamos lavar-nos depressa!). Mas tudo o mais, o que faz o romantismo dos portos — a sujeira, as injúrias, os insetos, a balbúrdia, o ambiente poliglota e as brigas —, tudo isso existe aqui em abundância.

Raro é o *zek* que não esteve em três ou cinco campos de trânsito. Muitos podem guardar memória de uma dezena, mas os *filhos* do Gulag contam-nos sem dificuldade até meia centena. E só se confunde em sua memória aquilo em que todos eles se parecem: a escolta analfabeta; a inútil chamada segundo a ordem, ou melhor, a desordem, das listas; a longa espera sob o sol escaldante ou sob a gélida chuva de outono; a revista prolongada de corpo *despido;* o corte de cabelo com um aparelho sujo; os banheiros malcheirosos e escorregadios; as fedorentas latrinas; o cheiro de mofo dos corredores estreitos e sem ar; as celas quase sempre escuras e úmidas; o calor da carne humana sempre a nosso lado, no chão ou nos beliches; as mesas-de-cabeceira feitas com tábuas mal pregadas; o pão molhado, quase líquido; a sopa que parece cozida com forragem.

Quem tem boa memória para pormenores e é capaz de matizar as recordações, diferenciando-as umas das outras, não necessita agora de viajar ao longo do país: toda a geografia se resume para ele nas viagens pelos campos de trânsito. Novossibirsk? Conheço bem. Estive lá: umas barracas muito sólidas, feitas de grossos toros. Irkutsk? Foi aí que taparam várias vezes as janelas com tijolos. Vê-se ainda como elas eram no tempo do czar, distinguindo-se cada tipo de remendo e os buracos

que deixaram para a passagem de ar. Vologda? Sim, é um edifício antigo, com torres. As latrinas ficam uma por cima da outra, os forros de madeira estão podres, pingando dos superiores para os inferiores. Usman? Pois sim! Um cárcere fedorento e cheio de piolhos, uma construção antiga com abóbadas. E junta-se aí tanta gente que quando as pessoas começam a sair para reintegrarem as levas não se acredita que todos ali coubessem. A fila ocupa meia cidade.

Não ofenda os conhecedores, não lhes diga que esteve em cidades sem prisões de trânsito. Eles demonstram-lhe com rigor que essas cidades não existem, e terão razão. Salsk? Os que estão de passagem são fechados nas celas de prisão preventiva, junto àqueles que estão submetidos a uma investigação. E em cada capital de distrito há uma prisão de trânsito? Em Sol-Ilietsk também temos uma. E em Ribinsk? Que outro nome dar à prisão número 2, no velho mosteiro? Oh! um mosteiro tranqüilo, com os pátios empedrados, desertos, com as antigas lajes cobertas de musgo, e com bacias de madeira limpinhas no banheiro. Em Tchita? É a prisão número 1. Em Nauchiki? Lá não há uma prisão, mas sim um campo de trânsito, o que é a mesma coisa. Em Torjok? Na montanha há também uma, noutro mosteiro.

É preciso compreender, amigo, que não pode haver uma cidade sem prisão de trânsito. Na verdade, os tribunais trabalham em toda a parte. E como conduzir os prisioneiros ao campo? Pelo ar?

Naturalmente, nenhuma prisão de trânsito é igual a outra. Mas qual é melhor, e qual pior — é impossível dizê-lo. Quando se juntam três ou quatro *zeks,* cada um obrigatoriamente *elogia* a "sua".

Vejamos: Ivánovo não é uma prisão de trânsito assim tão célebre. Mas pergunte-se a quem lá esteve no inverno de 1937-38. A prisão *não era aquecida* e lá não se gelava, ao contrário: nos beliches superiores os presos deitavam-se despidos. Tinham-se quebrado as vidraças das janelas para não se asfixiar. Na cela 21, em vez das vinte pessoas previstas havia *trezentas e vinte e três!* Por sob as tarimbas inferiores havia água e puseram-se tábuas por cima, deitando-se os presos nas tábuas. Das vidraças partidas soprava um ar gélido. Numa palavra, debaixo das tarimbas era noite polar: não havia luz e toda a claridade era ofuscada pelos que jaziam nos beliches e pelos que se mantinham de pé entre esses beliches. Não havia passagem para ir ao balde-latrina, sendo necessário fazer uma escalada pela borda dos beliches. A comida não era distribuída segundo o

número de presos, individualmente, mas sim por dezenas; se um dos que faziam parte dessa dezena morria, os outros colocavam-no debaixo das tarimbas e lá o mantinham até que cheirasse mal. Entrementes recebiam a sua ração de comida. E tudo isto seria ainda possível de suportar, mas os guardas excitavam-se como se tivessem sido regados com aguarrás, transferindo os presos sem cessar. Mal uma pessoa tinha acabado de instalar-se e já lhe gritavam: "De pé! mudar para outra cela!" E novamente era preciso conseguir lugar. Por que essa superlotação? Durante três meses não tinham levado os prisioneiros ao banho. Os piolhos proliferavam e devido aos piolhos apareceram chagas nas pernas, tendo-se declarado o tifo. Por causa do tifo foi imposta uma quarentena e durante meses não houve transferências.

— Foi assim, rapazes! E não porque se tratasse de Ivánovo, mas sim por ser naquele ano. Em 1937-38 não eram só os *zeks,* mas também as pedras das prisões de trânsito que gemiam. A prisão de Irkutsk não era sequer uma prisão de trânsito especial, mas, em 1938, nem os médicos se atreviam a dar uma olhadela às celas. Limitavam-se a passar pelo corredor, e o guarda gritava à porta: "Aqueles que estão *sem sentidos* que saiam!"

— Em 1937, rapazes, toda essa gente se arrastava através da Sibéria em direção de Kolimá e tropeçava no mar de Okhotsk e em Vladivostok. Os navios só conseguiam transportar até Kolimá trinta mil presos por mês — e de Moscou continuavam a enviá-los, sem levar isso em consideração. Bom, juntaram-se cem mil, compreendem?

— E quem os contou?

— Aqueles que acharam necessário contá-los.

— Se se trata da prisão de trânsito de Vladivostok, lá, em fevereiro de 1937, havia nada menos de quarenta mil.

— Sim, durante meses eles atolaram-se ali. Os percevejos corriam pelos beliches como uma praga de gafanhotos! Quanto à água, davam-nos meio copo por dia: ela faltava e não havia quem a fosse buscar! Havia uma zona inteira de coreanos: todos pereceram de disenteria, todos! Da nossa zona cada manhã retiravam uns cem homens. Para construir uma morgue, engatavam *zeks* aos carros e assim transportavam pedra. Hoje você carrega, amanhã será carregado para lá. E no outono declarou-se também o tifo. Fizemos como em outros lugares: não entregávamos os mortos enquanto não cheiravam mal. Recebíamos a ração deles. Não havia medicamentos. Penetrávamos na zona: dêem-

nos remédios! E das torres de atalaia atiraram uma descarga. Mais tarde reuniram todos os que tinham sido atingidos pelo tifo numa barraca isolada. Não conseguiam levá-los para lá a tempo, mas uma vez lá eram poucos os que saíam. Em cada barraca os beliches eram de dois andares, e quando no segundo andar os doentes, atacados pela febre, não podiam descer para fazer as suas necessidades, faziam-nas sobre os de baixo. Havia ali mil e quinhentos doentes e os enfermeiros eram verdadeiros ladrões. Aos mortos eles arrancavam os dentes de ouro. E chegaram a fazer o mesmo aos vivos.

— Por que é que você insiste tanto no ano de 1937, sempre no de 1937? No ano de 1949, na baía de Vánin, na quinta zona, gostariam de estar lá? Trinta e cinco mil! E durante vários meses! Ainda dessa vez não conseguiam enviá-los todos para Kolimá. E todas as noites, não se sabe para quê, faziam-nos mudar de barraca para barraca, de zona para zona. Como os fascistas: com apitos e gritaria! "Saiam, *à exceção do último!*" E todos se lançavam a correr! Só a correr! Para buscar o pão mandavam uma centena — a correr! Para buscar a sopa — de novo a correr! Não havia nenhuma louça! A sopa tinha que ser apanhada como se quisesse, com as abas do casaco, na palma da mão! A água, traziam-na em cisternas, e não havia onde despejá-la. Assim que abriam a torneira quem punha a boca é que bebia. Começaram a brigar junto da cisterna, e das torres de atalaia abriram fogo! Exatamente como os fascistas. Depois chegou o Major-General Derevianko, chefe do Usvitl[1]. Perante a multidão um aviador-militar dirigiu-se ao general e rasgou o casaco que vestia: "Tenho sete condecorações, ganhas em combate; quem lhe deu o direito de abrir fogo sobre a zona?" Derevianko respondeu: "Disparamos e *continuaremos a disparar,* enquanto vocês não aprenderem a comportar-se[2]".

— Não, rapazes, não são esses os verdadeiros campos de trânsito. Um campo de trânsito é o de Kirov! Tomemos um ano qualquer, por exemplo o de 1947. Em Kirov dois guardas metiam os prisioneiros nas celas empurrando-os com as botas, e só assim conseguiam fechar a porta. No terceiro andar dos beliches, em setembro (e Viatka não fica situada no mar Negro), todos se punham completamente nus devido ao calor, e perma-

---

[1] *Administração dos campos correcionais de trabalho do nordeste, ou seja, dos de Kolimá. (N. do A.)*

[2] *Atenção,* Tribunal dos crimes de guerra, *de Bertrand Russell! Que fazem vocês? Não recolhem provas? Ou não são adequadas? (N. do A.)*

neciam *sentados,* por não haver lugar para se deitarem. Uma fileira do lado da cabeceira, a outra do lado dos pés. E no corredor sentavam-se por terra duas fileiras. Entre elas, outros mantinham-se de pé, depois revezavam-se. As trouxas, guardavam-nas nos braços ou sobre os joelhos: não havia outro lugar onde pô-las. Apenas os ladrões estavam nos seus lugares legítimos, nos beliches do segundo andar, junto da janela, deitados folgadamente. Havia tantos percevejos que eles mordiam mesmo de dia, descendo diretamente em vôo picado do teto. E havia que suportar tudo durante uma semana e até um mês.

Gostaria também de intervir e de falar sobre a Krásnaia Présnia, em agosto de 1945 [3], no Verão da Vitória, mas sinto certa vergonha: aqui, pela noite, podíamos de algum modo estender as pernas, e os percevejos agiam de forma mais moderada. Mas toda a noite, debaixo da luz intensa das lâmpadas, nus e suados pelo calor, as moscas nos picavam. Isto não entra em conta e tem-se até vergonha de contar isso como vantagem. A cada movimento que fazíamos derretíamo-nos em suor, e depois de comer simplesmente jorrávamos água. Numa cela algo maior do que um quarto médio de habitação havia cem homens, prensados, não havendo espaço onde pôr os pés. E as duas pequenas janelas estavam tapadas com "mordaças" recobertas de chapas de metal, isto no lado sul, e com isso não só impediam o movimento do ar, como também aqueciam com o sol e espalhavam o calor na cela.

Dado que todas as prisões de trânsito são um verdadeiro caos, também qualquer referência a seu respeito o tem de ser. E é certamente também o que se passa neste capítulo: não se sabe por onde começar a falar delas. Quanto mais gente lá se acumula, tanto mais caótica a situação se torna. Ela torna-se insuportável para os homens, desvantajosa para o Gulag, e no entanto as pessoas ali ficam durante meses. Assim, as prisões de trânsito convertem-se numa verdadeira fábrica: as rações de pão são transportadas aos montes, em grandes padiolas, do gênero das que são utilizadas para carregar tijolos. E a sopa fumegante é levada em barricas, com capacidade para seis baldes, suspensas aos ombros através de uma barra.

---

3 *Este ponto de trânsito, com um glorioso nome revolucionário, poucos moscovitas o conhecem, não existindo excursões para lá. Mas como excursões, se ainda funciona?! Mas está pertinho, é fácil de visitar, não é preciso viajar! Tomando em Novokhorochevo a linha férrea de circunvalação, é só um passo. (N. do A.)*

Mais tensa e menos dissimulada do que muitas era a prisão de trânsito de Kotlas. Mais tensa porque era o ponto de partida para todo o nordeste russo-europeu. Menos dissimulada porque ficava na profundidade do arquipélago, não tendo motivo para esconder os vestígios. Tratava-se simplesmente de um setor de terra dividido por tapumes em jaulas fechadas. Embora tivesse ficado cheia de mujiques, quando os desterraram, nos anos 30 (como se pode imaginar não tinham teto, mas agora já não há ninguém que o possa contar), em 1938 era impossível caberem todos lá, naquelas frágeis barracas de um andar, feitas de restos de troncos e cobertas de... lona impermeabilizada. Sob a neve úmida do outono, e na época das nevascas, as pessoas viviam simplesmente deitadas por terra e debaixo do céu. É verdade que não as deixavam entorpecer na imobilidade, contando-as todo o tempo e animando-as com controles (por vezes de vinte mil pessoas ao mesmo tempo) ou com inesperadas buscas noturnas. Posteriormente, nessas jaulas instalaram-se tendas de campanha e noutras ergueram-se barracas de madeira com a altura de dois andares. Entretanto, para baratear a construção, não se pôs qualquer cobertura entre os andares, fazendo-se volumosos beliches da altura de seis andares, com escadas verticais dos lados, pelas quais era preciso subir como os marinheiros (construção como se vê mais apropriada para um navio do que para um porto). No inverno de 1944-45, quando todos tinham um teto, havia apenas sete mil e quinhentas pessoas, das quais morriam diariamente cinqüenta. Para as macas que as transportavam à morgue não havia mãos suficientes. (Pode-se objetar que esta situação é completamente suportável, pressupondo uma mortalidade inferior a um por cento diário, e que em tal situação uma pessoa pode viver até cinco meses. Sim, mas a ceifa principal, constituída pelo trabalho no campo, não tinha ainda começado. Esta perda de dois terços de um por cento ao dia constitui uma *perda de peso* que não seria admissível em qualquer armazém do Estado.)

Quanto mais a gente penetra no arquipélago, mais fica impressionado pela passagem dos portos de cimento aos cais de estacaria.

Karabás, campo de trânsito perto de Karagandá, tornou-se um nome comum. Nuns quantos anos, passou por lá meio milhão de pessoas (Iúri Karbé, que lá esteve em 1942, foi registrado com o número 433). Compunha-se o campo de barracas baixas de barro e terra batida. A distração diária consistia em os presos trazerem para o exterior os seus objetos, enquanto os artistas caia-

vam o chão e até desenhavam nele tapetes. Mas pela noite os *zeks* deitavam-se e com os seus corpos acabavam com a cal e os tapetes [4].

Kniaj-Pogost, prisão de trânsito situada a sessenta e três graus de latitude norte, era formada de choças instaladas sobre um pântano! A armação de estacas era envolvida por uma tenda de campanha rasgada, de lona impermeável, que não chegava ao chão. No interior da choça havia duas tarimbas, também de estacas (com os nós mal cortados), separadas por uma passagem de madeira, que durante o dia deixava filtrar um barro líquido escorregadio e que de noite gelava. Em diversos lugares da zona, as passagens faziam-se sobre frágeis varas movediças, e as pessoas, com movimentos cambaleantes, devido à sua debilidade, caíam aqui e ali na água e na lama. No ano de 1938, em Kniaj-Pogost, foi servida sempre comida igual: espessas papas de cereal esmagado, com espinhas de peixe. Isto era cômodo, porque não havia no campo tigelas, nem copos ou colheres, e muito menos os tinham os presos. Faziam-nos aproximar-se do caldeirão por grupos de dez e com colherões deitavam-lhes as papas nas abas da roupa ou no boné.

Mas na prisão de trânsito de Vogvózdino, situada a alguns quilômetros de Ust-Vima, onde se concentravam simultaneamente cinco mil pessoas (quem conhecia Vogvózdino até ler estas linhas? Quantos centros de trânsito desconhecidos haverá ainda? Será preciso multiplicá-los por cinco mil!), no centro de Vogvózdino, dizíamos, faziam as papas muito líquidas e não havia tampouco tigelas. No entanto, saíram-se de dificuldades (o que é que não poderá vencer a nossa imaginação!) pondo a sopa em lavabos, para dez pessoas, deixando a cada um a liberdade de sorvê-la o mais rapidamente que podia [5].

É certo que em Vogvózdino não havia nenhuma pessoa que passasse mais de um ano. (Um ano era suficiente quando todos os campos se recusavam a aceitá-la.)

---

[4] *De todos os campos de trânsito, Karabás era o mais digno de se transformar em museu, mas, infelizmente, não existe mais. Em seu lugar funciona hoje uma usina de concreto armado. (N. do A.)*

[5] *Galina Serebriákova! Boris Diákov! Aldan-Semiónov! Vocês já tomaram sopa, junto com outras dez pessoas, de um lavabo? É claro que, mesmo em momentos semelhantes, vocês não se teriam rebaixado a satisfazer as suas "necessidades animais" da mesma forma que Ivan Deníssovitch, não é mesmo? E que na hora dos empurrões, ao redor dos lavabos com sopa, vocês só teriam pensamentos para o bem-amado Partido. Não é? (N. do A.)*

A fantasia dos literatos é pobre, perante a vida dos nativos do arquipélago. Quando querem escrever sobre as prisões, a coisa mais degradante e deprimente que criticam é sempre o *balde que serve de latrina nas celas*. O balde-latrina. Ele tornou-se na literatura o símbolo da prisão, o símbolo da humilhação, do fedor. Que leviandade! Acaso o balde-latrina constitui um mal para o preso? Pelo contrário, é a mais caritativa das invenções dos carcereiros. Todo o horror começa no preciso momento em que esse balde da cela deixa de existir.

No ano de 1937 em algumas cadeias da Sibéria *não havia baldes-latrinas*. Eles eram em número insuficiente! Não tinham fabricado com antecipação baldes que chegassem. A indústria siberiana não satisfazia a ampla procura. E aconteceu que nos armazéns não havia baldes para as novas celas. Nas celas antigas os baldes que existiam eram tão pequenos e primitivos que agora, sensatamente, foi preciso retirá-los. Dadas as novas vagas de presos, eles já não prestavam para nada. Assim, se a prisão de Minussinsk tinha sido construída há muito para quinhentas pessoas (Vladímir Ilitch não chegou a conhecê-la, pois achou o caminho do exílio em liberdade), agora punham lá dez mil. O que significa que cada balde-latrina deveria ter aumentado vinte vezes de tamanho! Mas não tinha...

Nossas canetas russas escrevem com traços grossos. Temos sofrido enormemente e quase nada disso foi escrito. Mas para os autores ocidentais, com a sua preocupação de examinar à lupa as células do organismo, agitando a ampola farmacêutica sob a luz dos projetores, isto é uma verdadeira epopéia, que permitirá acrescentar dez tomos à obra *Em busca do tempo perdido,* descrevendo o pânico do espírito humano quando numa cela há uma superlotação, vinte vezes superior à prevista, e não há baldes, só sendo permitido ir à latrina uma vez por dia! Naturalmente muitas formas de solução são deles desconhecidas. Eles não encontrariam saída urinando num capuz de lona impermeável. E não compreenderiam sequer o conselho do vizinho para urinar dentro da bota! E no entanto trata-se de um conselho cheio de sabedoria e de grande experiência, que não implica de modo algum que se estrague a bota, nem se rebaixe esta ao nível de um balde. Isso exige simplesmente que se descalce a bota, que se ponha a parte de cima para baixo, que se volte do avesso o cano e que se dobre este para fora. Assim se forma a desejada cavidade, formando um canal arredondado! Mas, em comparação, com quantas sinuosidades psicológicas enriqueceriam os autores ocidentais a sua literatura (sem risco algum de repetir as

banalidades dos célebres mestres) se conhecessem apenas o regulamento da prisão de Minussinsk: para receber a comida entregava-se uma tigela para quatro, tendo-se direito a uma caneca de água potável por dia e por pessoa (havia canecas). Mas eis que um dos quatro acabava de utilizar a tigela comum para aliviar a pressão da bexiga e antes da comida se negavam a entregar a sua reserva de água para lavar essa tigela. Que conflito! Que choque entre quatro caracteres! Que nuanças! (Não gracejo. É assim mesmo que se põe a descoberto o interior de uma pessoa. Só que as canetas russas não têm tempo de escrever isto e os olhos russos nunca têm ocasião de lê-lo. Não gracejo, porque só os médicos poderão dizer como os meses passados numa cela dessas arruínam um homem para toda a vida, mesmo que não o tenham fuzilado no tempo de Iéjov e o tenham reabilitado no tempo de Khruchov.)

E nós que pensávamos descansar e desentorpecer as pernas ao chegar ao porto! Prensados e contorcidos durante alguns dias, no compartimento do *stolípin,* como sonhávamos com a prisão de trânsito! Lá nos estenderíamos e poderíamos pôr-nos de pé. Lá beberíamos água à vontade e mesmo água fervida quente. Lá não nos obrigariam a comprar à escolta a nossa ração, pagando com objetos nossos. Lá nos alimentariam com refeições quentes. E, finalmente, lá nos levariam a tomar banho, uma ducha de água tépida, e assim deixávamos de coçar o corpo. Quando no "tintureiro" nos faziam bambolear, atirando-nos de um lado a outro, e quando nos gritavam: "Dêem-se as mãos!", "Agarrem-se pelos tornozelos!", nós nos animávamos: Não importa, não importa! Logo chegaremos à prisão de trânsito! E uma vez lá...

Mas se alguns desses nossos sonhos se concretizarem, de todas as maneiras acabarão por ser ensombrecidos por algo.

Que nos espera no banho? Nunca o sabemos. De repente põem-se a cortar o cabelo das mulheres à escovinha (Krásnaia Présnia, novembro, 1950). Ou põem-nos numa coluna de homens nus, mandando mulheres raspar-nos a cabeça. No banho de vapor de Vologda a corpulenta tia Mótia grita: "Ponham-se em fila, meninos!" E abre o vapor dos tubos "a todo vapor". Mas a prisão de trânsito de Irkutsk tem outra doutrina: está mais de acordo com a natureza que todo o pessoal de serviço no banho seja masculino e que as mulheres sejam desinfetadas nas pernas por um homem. Ou então, na prisão de trânsito de Novossibirsk,

no inverno, durante o banho, das torneiras sai apenas água fria; os presos decidem-se a protestar junto da administração; vem um capitão, que se digna pôr as mãos debaixo da torneira: "Eu afirmo que esta água está quente, entendido?" A gente cansa-se de dizer que há banhos completamente sem água; que expostos ao vapor os objetos se queimam; que depois do banho nos obrigam a andar descalços e despidos pela neve com as nossas coisas (prisão da contra-espionagem da Segunda Frente da Bielo-Rússia, em Brondnitsz, 1945).

Desde os primeiros passos na prisão de trânsito se poderá observar que não são os vigilantes nem os graduados que têm poder sobre os presos, pois se atêm a uma certa lei escrita. Aqui se está sob o domínio dos "dissimulados *" da prisão de trânsito. É o próprio encarregado do banheiro, de cenho carregado, que vem nos esperar à estação: "Bom, podem ir tomar banho, senhores fascistas!" É o chefe de equipe de trabalho, com uma pequena chapa de madeira, que escruta com os olhos a nossa coluna e exige pressa. E aquele de cabelo rapado, com um ar de *educador*, que bate com um jornal dobrado na perna e ao mesmo tempo olha de soslaio para as nossas bolsas. E ainda outros dissimulados do campo de trânsito, desconhecidos por nós, cujos olhos incidem como raios X sobre as nossas malas, como são todos parecidos entre si! Onde é que já os viram a todos, durante o curto caminho das levas? Não tão limpinhos, mas com essas mesmas fuças de animais, com sorrisos implacáveis?

Ba-a-ah! Ainda e sempre, os *gatunos!* Os novos *gatunos regenerados,* cantados por Utióssov **. Jenka Jogol, Serioja-Zvier e Dimka-Kichkenia já não estão atrás das grades, mas lavados e vestidos como pessoas de confiança do Estado. Com ar muito importante (mas falso) eles cuidam da disciplina — da nossa. Se observarmos atentamente esses rostos, fazendo apelo à imaginação, podemos ter idéia de que eles descendem da nossa raiz russa, que noutros tempos foram moços de aldeia e que os seus pais se chamaram Klima, Prokhor, Guri, sendo a sua constituição igual à nossa: têm duas narinas, um círculo irisado em cada olho, uma língua rosada para tragar os alimentos e pro-

---

* *Tipo de presos comuns, com certos privilégios, subordinados aos chefes de equipe (outros presos), e que se infiltravam entre os prisioneiros políticos para lhes fazerem trapaças trocando, vendendo objetos pessoais, etc. (N. do E.)*

** *Leonid Utióssov, antigo gatuno do porto de Odessa, que se tornou o cantor mais popular de música ligeira, a partir dos anos 30. Condecorado pelo governo soviético. (N. do T.)*

nunciar certos sons russos, embora fazendo combinações completamente novas de palavras.

Qualquer chefe de um campo de trânsito se apercebe imediatamente disto: por todos os trabalhos do pessoal de quadro é possível pagar um salário às pessoas de sua família, que ficam em casa, ou dividi-lo entre os chefes da prisão. Os *socialmente próximos* lá estão para executar tudo: basta assobiar, e tem-se quantos voluntários se quiser para realizar esse trabalho. Eles ficam no campo de trânsito, não são enviados para as minas, para a taiga. Capatazes, escreventes, contabilistas, educadores, encarregados de banheiros, barbeiros, chefes de armazém, cozinheiros, lava-pratos, lavadores, remendadores de roupa, todos eles estão perpetuamente no campo de trânsito, recebem a ração carcerária e figuram como ocupantes das celas. Para melhorar a ração normal da comida, eles não têm necessidade de apelar aos chefes, tiram-na do caldeirão comum ou dos *zeks* ricos em trânsito. Todos esses habitantes dissimulados das prisões de trânsito consideram, não sem razão, que em nenhum outro campo estarão melhor. Nós chegamos até eles ainda não de todo espoliados e eles abusam de nós com satisfação. São eles que nos revistam em vez dos vigilantes e que, antes disso, propõem que lhes entreguemos o dinheiro para o guardarem, registrando-o com ar de seriedade numa certa lista — e nós não vemos mais essa lista nem o dinheiro! "Nós entregamos dinheiro!" "A quem?", pergunta com espanto o oficial que chega. "A um dos daqui!" "Mas a quem exatamente?" Os dissimulados, esses, nada viram... "Para que lho deram a eles?" "Nós pensávamos..." "O peru também pensava! Há que pensar menos!" E é tudo. Eles propõem que deixemos as nossas coisas na ante-sala de banho: "Ninguém as levará!" "Quem necessita delas!" Nós as deixamos lá, pois não podemos levá-las para o banho. Quando voltamos, as camisetas não estão mais lá, nem as luvas forradas de pele. "E como era a camiseta?" "Cinzenta..." "É natural que a tenham mandado lavar!" Eles também nos tiram as coisas por meios *honrados:* em troca de nos guardarem a mala no depósito; de nos porem numa cela sem gatunos; de nos expedirem numa próxima leva ou de nos enviarem o mais tarde possível. Em suma, só nos saqueiam abertamente.

"Não são propriamente gatunos!", explicam-nos os entendidos que há entre nós. "São *cadelas* que vieram prestar serviço. São os inimigos dos *ladrões honrados*. Estes estão presos nas celas." Mas nos nossos cérebros de patinhos isso penetra com dificuldade. Todos têm os mesmos modos, as mesmas tatuagens.

Talvez uns sejam inimigos dos outros, mas de nós é que eles não são amigos...

Entretanto, já nos instalaram no pátio, debaixo das janelas das celas. Há "mordaças" nas janelas, a gente não os pode ver, mas de lá, com voz rouca e boas intenções, eles aconselham-nos: "Tiozinhos! Aqui há a regra seguinte: na busca é costume confiscar tudo o que se pode derramar, tal como o chá e o fumo. Quem tiver coisas dessas que as atire para cá, para as nossas janelas, depois nós as devolveremos". Que sabemos nós acerca disso? Somos patos. Talvez seja verdade que nos tirem o chá e o fumo. Lemos na grande literatura muitas páginas acerca da solidariedade universal entre os presos. Um preso não engana outro preso! E eles dirigem-se a nós de forma simpática — "tiozinhos". Nós lançamos-lhes os saquinhos com o fumo. Como hábeis ladrões, pegam os saquinhos e riem de nós. "Eh! fascistas simplórios!"

Eis as palavras de ordem que nos aguardam nos centros de trânsito, embora não estejam penduradas nas paredes: "Aqui não busque a verdade!" "Tudo o que você possui tem que entregar!" "Tem que entregar!", é o que repetem o guarda, o da escolta e os gatunos. Você está esmagado, abatido com a intransponível condenação, e pensa em como tomar alento, mas à sua volta todos pensam no melhor modo de saqueá-lo. Tudo está preparado para criar vexames ao já desanimado e abandonado preso político. "Tudo tem que ser entregue..." O guarda do campo de trânsito de Górki abana a cabeça com ar de fatalismo e Ans Bernchtein entrega-lhe com alívio o seu dólmã de oficial. Não de graça, mas por duas cabeças de cebola. Para que queixar-se dos gatunos se se constata que todos os vigilantes de Krásnaia Présnia calçam botas de pele de bezerro que ninguém lhes forneceu? Tudo isso *foi limpo* pelos gatunos nas celas e depois trocado com os guardas. Para que queixar-se dos gatunos, se o monitor da seção cultural-educacional da administração do campo é um gatuno e escreve *denúncias* contra os presos políticos do campo de trânsito de Kemerovo? Reclamar justiça contra os gatunos na prisão de trânsito de Rostov, se desde há muito é esse o seu feudo?

Diz-se que em 1942, na prisão de trânsito de Górki, os oficiais presos (Gavrílov, o técnico militar Chebetin e outros) se insurgiram, espancaram os ladrões e os obrigaram a baixar a cabeça. Mas isso é algo de lendário. Colocá-los na ordem dentro de uma cela? Seria por muito tempo? E para onde estavam olhando os bonés-azuis, quando os *socialmente estranhos*

espancavam os *socialmente próximos?* Quando se ouve contar que na prisão de trânsito de Kotlas, nos anos 40, os delinqüentes comuns arrancaram o dinheiro das mãos dos presos políticos, que faziam fila nas cantinas, e estes começaram a espancá-los, de tal maneira que a guarda teve que intervir na zona em defesa dos gatunos com metralhadoras, então já não há dúvida nenhuma, a verdade vem à tona!

Ó parentes insensatos! A correrem de um lado para outro, a pedir dinheiro emprestado (porque em casa não há dinheiro) para lhe mandar alguns objetos e alimentos (o último óbolo da viúva); mas é uma dádiva empeçonhada, porque de um ser faminto mas livre transformam-no num ser inquieto e covarde e o privam da incipiente lucidez e dessa firmeza ponderada, que são as duas coisas mais preciosas antes da queda no precipício. Oh, sábia parábola do camelo e do buraco da agulha! Ao reino celestial do espírito liberto não o deixam ascender com esses bens. E outros que vieram com você no "tintureiro" traziam essas mesmas bolsas. "Bando de canalhas", vociferavam já durante o transporte os gatunos. Eles eram dois e nós meia centena, e nessa hora não nos tocavam. Mas agora estamos retidos já há dois dias na *estação* da Krásnaia Présnia, no chão sujo, com as pernas encolhidas pelo aperto, e, não obstante, nenhum de nós observa o que se passa à sua volta, todos procuram entregar as malas no depósito. Embora seja um direito nosso, os chefes de equipe cedem apenas porque a prisão é moscovita, e nós não perdemos ainda o ar de moscovitas.

Que alívio! As coisas foram entregues. (Isso significa que seremos obrigados a *dá-las* não nesta prisão de trânsito, mas noutra mais adiante.) Só as trouxas com os nossos pobres alimentos balançam ainda nas nossas mãos. Puseram demasiados *castores* juntos. Começam a baralhar-nos, distribuindo-nos por diversas celas. Põem-me com o Valentin, o mesmo que comigo assinou há dias a condenação pela OSO e que enternecidamente se propunha começar uma nova vida no campo. Empurram-nos para uma determinada cela. Não está ainda cheia até o teto: o corredor está livre e debaixo das tarimbas há muito espaço. Segundo a disposição clássica, os beliches do segundo andar são ocupados por gatunos: os mais antigos ficam junto das janelas; os mais novos, mais distanciados. Nos do meio, está a massa cinzenta e neutra. Ninguém nos ataca. Inexperientes, sem olhar em torno, sem calcular, arrastamo-nos pelo solo asfaltado, debaixo das tarimbas, pois ali estaremos mais cômodos. As tarimbas são baixas e os homens robustos, para entrar lá, têm de deitar-se no

chão, rastejando. Conseguiram-no. Aqui estaremos estendidos calmamente, e calmamente conversaremos. Mas não! Na baixa penumbra, com um sussurro silencioso, de gatas, como grandes ratazanas, arrastam-se de todos os lados, com cautela, os *menores:* são ainda garotos, alguns mesmo de doze anos, mas o Código admite-os também, eles já *passaram* pelo tribunal por roubo e continuam agora aqui a aprendizagem junto com os ladrões. Lançaram-nos contra nós! Eles rastejam, de todos os lados, em direção a nós, e uma dezena de mãos vão-nos tirando e arrancando o que temos debaixo dos nossos corpos. E tudo isso em silêncio, apenas com guinchos sinistros. Estamos metidos numa armadilha: não podemos nem levantar-nos, nem mexer-nos. Um minuto depois de nos terem arrancado a bolsa com toucinho, açúcar e pão, tinham-se já sumido, e, nós, sempre deitados. Abandonamos, sem lutar, os alimentos, e agora podíamos ao menos permanecer na cama, mas isso já é impossível. Mexendo comicamente as pernas, pomo-nos de gatas, com o traseiro contra as tarimbas.

Sou, por acaso, covarde? Parece-me que não. Eu me pus diretamente debaixo do bombardeio, na estepe aberta. Decidi ir por uma vereda, sabendo que estava minada com bombas antitanques. Fiquei completamente imperturbável ao retirar a bateria do cerco, e ainda regressei para retirar um carro avariado. Por que não agarro agora um destes homens-ratazanas e lhe esfrego o focinho rosado contra o asfalto negro? É pequeno? Bem, não há senão que atirar-se aos líderes. Não... Será que a frente de batalha nos fortalece uma certa consciência suplementar (talvez completamente falsa) da unidade do nosso Exército? Do nosso serviço? Do nosso dever? Aqui nada disso nos é dado, não há regulamento, e tem-se que descobrir tudo tateando.

Ponho-me em pé e volto-me para o mais velho, o cabeça dos ladrões. Nos beliches do segundo andar, ao lado da janela, todos os alimentos furtados lá estão, diante dele: os garotos-ratazanas não levaram nada à boca, pois são disciplinados. Essa parte dianteira da cabeça, que nos seres bípedes se chama habitualmente cara, neste chefe foi esculpida pela natureza com repulsão e desamor, ou talvez a sua vida de rapina a tenha tornado assim: uma tromba descaída, uma fronte estreita, uma cicatriz antiga e coroas recentes de aço nos dentes da frente. Os seus olhos pequenos, da medida justa para verem sempre os objetos conhecidos, sem se surpreenderem com as belezas do mundo, olham para mim como o javali fixa o veado, sabendo que me pode atirar sempre ao chão.

Ele espera. E que faço eu? Dou um salto para alcançar esse focinho com o punho, ainda que seja uma só vez, caindo torpemente ao chão no corredor? Ah, não...

Serei acaso um miserável? Até o presente, parece-me que não. Mas aí está: parece-me ultrajante, depois de roubado e humilhado, rastejar outra vez para debaixo da tarimba. E, indignado, digo ao chefe dos ladrões que, uma vez que nos furtou os alimentos, podia ao menos dar-nos lugar nos beliches. (Bem, para alguém da cidade, para um oficial, não será isso uma reivindicação natural?)

Mas como? O chefe concorda. É que dessa forma eu reconheço ter-lhe dado o toucinho, reconheço o seu poder supremo; e revelo uma identidade com os seus pontos de vista. Ele também teria desalojado os mais fracos. E ordena aos dois neutros cinzentos que saiam dos beliches de baixo, ao lado da janela, e nos cedam o lugar. Eles submissamente saem. Deitamo-nos nos melhores lugares. Durante algum tempo sofremos ainda pelas nossas perdas (os gatunos não se sentem muito atraídos pelas minhas calças de montar, não é farda que lhes convenha, mas um dos ladrões já começa a apalpar as calças de lã de Valentin, gosta delas). E só pela noite chega até nós o sussurro de reprovação dos vizinhos: como podemos pedir proteção aos gatunos e desalojar dois *dos nossos* para debaixo dos beliches? E só nesse instante a noção da minha baixeza me penetra, e me invade o rubor (durante muitos anos corarei de vergonha ao recordá-lo). Os presos cinzentos debaixo dos beliches, esses são irmãos meus, segundo o artigo 58-1-b, são prisioneiros. Não há muito já que eu jurava interessar-me pelo destino deles? E agora empurro-os para debaixo dos beliches? É verdade que eles não nos defenderam contra os gatunos, mas por que é que eles devem bater-se pelo nosso toucinho, se nós próprios não nos batemos? Os cruéis combates durante o cativeiro dissuadiram-nos freqüentemente de agir com nobreza. De qualquer forma, eles não fizeram mal a mim, e eu fiz a eles.

Assim temos que bater, que bater com os costados e com os focinhos, para nos tornarmos, com os anos, seres humanos, sim, seres humanos...

Mas, se a prisão de trânsito debulha e desgasta o novato, ela é-lhe necessária, necessária! Constitui uma passagem gradual para a vida no campo de concentração. O seu coração não poderia resistir a uma passagem brusca. A sua consciência não

poderia rapidamente orientar-se no meio dessas trevas. Há que habituar-se pouco a pouco.

Além disso, a prisão de trânsito dá a impressão ainda de se estar em ligação com a família. É daqui que se escreve a primeira carta legal: às vezes, comunicando que não se foi fuzilado; outras, informando a direção da leva. São estas as primeiras palavras, sempre raras, que pode enviar aos seus um homem que foi trabalhado pelo interrogatório. Em casa, ainda se lembram dele como era antes, mas ele é que já não voltará a ser o mesmo. E isso se revela bruscamente como um relâmpago, ao rabiscar uma linha irregular. Irregular porque, ainda que a carta na prisão de trânsito seja permitida, e no pátio esteja pendurada uma caixa do correio, não se pode conseguir papel, nem lápis, e muito menos com que apontá-lo. Entretanto, sempre se encontra o invólucro de um maço de cigarros ou de um pacote de açúcar, e com umas indecifráveis garatujas consegue-se escrever umas linhas, sobre que assentam depois a harmonia ou a desarmonia da família.

As mulheres imprudentes, às vezes, devido a uma dessas cartas, vão a toda a pressa tentar ver o marido, que ainda está na prisão de trânsito, embora nunca lhes concedam uma visita, e só podem chegar a tempo de carregá-lo com mais coisas. Uma dessas mulheres, a meu ver, poderia servir de símbolo para um monumento a todas as esposas, de que ela mesma indicaria o lugar.

Isto sucedeu na prisão de trânsito de Kuibíchiev, em 1950. A prisão estava situada numa depressão (de onde, no entanto, se divisava a entrada de Jiguli, no Volga), e logo a seguir a ela, fechando-lhe o horizonte, estendia-se desde o oriente uma alta e prolongada colina verdejante. Esta colina ficava do outro lado da zona, a maior altura, e nós, de baixo, não víamos como se podia chegar até lá desde o exterior. Raramente aparecia por ali alguém, às vezes pastavam umas cabras, corriam umas crianças. E eis que num dia de verão nevoento, no ponto mais alto apareceu uma mulher com ar citadino. Pondo a mão como viseira, movendo a vista, ela pôs-se a examinar a nossa zona. Nesse momento passeavam em diferentes pátios os presos de três celas muito povoadas, e entre essas três densas centenas de formigas anônimas ela queria distinguir o seu marido, perdido nesse abismo! Teria ela a esperança de que o seu coração lho designasse? Por certo lhe tinham recusado a entrevista e ela subira até esse monte. Notaram-na em todos os pátios, todos a viram. Na depressão não fazia vento, mas lá em cima soprava bastante. O

vento agitava e revolteava o seu longo vestido, o casaco e os cabelos, mostrando todo o amor e inquietação que nela havia.

Eu penso que a estátua de uma mulher assim, precisamente ali, na colina, olhando a prisão de trânsito, face à entrada de Jiguli, tal como ela estava, poderia, que mais não fosse, explicar algo aos nossos netos...[8]

Não se sabe por quê, durante longo tempo não a expulsaram dali. Talvez a guarda tenha tido preguiça de subir. Mais tarde subiu um soldado até lá, pôs-se a gritar e a esbracejar, e expulsou-a.

A prisão de trânsito dá ainda aos presos vastos horizontes e amplitude de visão. Como é costume dizer-se, mesmo com a barriga vazia se vive na alegria. No meio do movimento turbulento que aqui reina, a mudança de dezenas e centenas de pessoas, no meio da sinceridade dos relatos e das conversas (no campo não se fala assim, pois se teme por toda parte cair nos tentáculos dos *informadores)* você se instrui, adquire idéias lúcidas e passa a compreender melhor o que se passa com você, com o povo, e até com o mundo. Qualquer tipo excêntrico, na cela, lhe revela coisas que você nunca leria.

De repente, põem na cela algo de prodigioso: um militar jovem, alto, com perfil romano, de cabelos louros encaracolados, em vez de raspados, envergando uma farda inglesa. Dir-se-ia um oficial acabado de desembarcar, vindo diretamente das costas da Normandia. Entra todo altivo, como se esperasse que diante dele todos se perfilassem. Acontece, simplesmente, que não esperava ir encontrar-se entre amigos: há dois anos que estava preso, mas ainda não tinha estado em nenhuma cela, e até para cá, para este centro de trânsito, tinha sido trazido secretamente,

---

8 *Um dia ou outro há de refletir-se nos monumentos essa história secreta, quase perdida, do nosso arquipélago! Eu, por exemplo, visualizo este monumento: algures, em Kolimá, nas alturas, um gigantesco Stálin de um tamanho igual àquele com que sonhava ver-se a si mesmo, com uns bigodes de vários metros, com um sorriso de comandante de campo de concentração, com uma mão puxando as rédeas e a outra agitando um chicote, açoitando a atrelagem, e nesta, centenas de pessoas, de cinco em cinco, a puxarem a carga. Na região de Tchukótia, perto do estreito de Bering, também ficaria bem. Quando isto já estava escrito, foi que li o livro* Alto-relevo na rocha. *Isso significa que há algo a tirar desta idéia! Diz-se também que no monte Mogutova, em Jiguli, sobre o Volga, a um quilômetro do campo de concentração, havia um enorme Stálin, pintado a óleo na rocha, para que fosse visto dos barcos. (N. do A.)*

num compartimento separado de um *stolípin*. Mas eis que imprevistamente, por negligência ou de propósito, o põem na nossa cavalariça comum. Ele percorre a cela, vê um alemão com a farda de oficial da Wehrmacht, fala com ele em alemão, e já discutem os dois encarniçadamente, dispostos, segundo parece, a usar armas, se as tivessem. Depois da guerra, fazia já cinco anos, ainda se explicava entre nós que no Ocidente a guerra se tinha feito só para guardar as aparências. Assim parecia-nos estranho constatar essa raiva mútua entre eles: durante todo o tempo em que o alemão esteve entre nós, russos, não discutimos com ele, mas antes nos dava vontade de rir.

Ninguém teria acreditado no relato de Erik Arvid Andersen, não fosse por seu cabelo que fora poupado, prodígio de todo o Gulag; não tivesse ele esse porte estranho; não fosse a sua fluência a falar inglês, alemão e sueco. Segundo dizia, era filho de um sueco não milionário, mas multimilionário (bem, vamos admitir que exagerava), e pela linha materna sobrinho do general inglês Robertson, comandante da zona de ocupação inglesa na Alemanha. Cidadão sueco, durante a guerra servira como voluntário no Exército inglês, tendo desembarcado na Normandia. Depois da guerra passou para o quadro militar sueco. No entanto, as inquietações sociais, o desejo de socialismo eram mais fortes nele do que o apego ao capital do pai. Seguia com profunda simpatia o socialismo soviético e tinha-se convencido *in loco* do seu florescimento, quando chegou a Moscou fazendo parte da delegação militar sueca, e aqui lhes ofereceram banquetes, os levaram a casas de campo particulares, não lhes tendo dificultado em nada o contato com simples cidadãos soviéticos, comunistas, artistas, que não pareciam exercer nenhum trabalho e que gostosamente passavam o tempo com eles, mesmo na intimidade. E convencido definitivamente do triunfo do nosso regime, Erik, ao regressar ao Ocidente, fez declarações à imprensa, defendendo e elogiando o socialismo soviético. Dessa forma, excedeu as medidas e perdeu-se. Precisamente naqueles anos (1947-48), procurava-se por toda parte encontrar jovens ocidentais avançados, dispostos a renegar publicamente o Ocidente (parecia que bastava aliciar uma dúzia deles para que o Ocidente estremecesse e desmoronasse). Devido a um artigo publicado nos jornais, Erik foi considerado um dos que convinha que fizessem parte desse número. Estando então de serviço em Berlim Ocidental, ele tinha deixado a mulher na Suécia. Erik, por uma fraqueza masculina perdoável, visitava uma alemã solteira em Berlim Oriental. Uma noite, deitaram-lhe o laço (não

será baseado nisso o ditado — "foi ver a prima e acabou entre as grades"? Mas isto é já antigo, e ele não é o primeiro). Conduziram-no a Moscou, onde Gromiko, que noutros tempos tinha comido em casa de seu pai, em Estocolmo, e conhecia-lhe o filho, agora em hospitalidade recíproca, propôs ao jovem que imprecasse publicamente o capitalismo, todo o capitalismo, e o próprio pai, prometendo-lhe uma confortável vida de capitalista entre nós, até o fim dos seus dias. Mas, ainda que Erik materialmente não perdesse nada, para surpresa de Gromiko, indignou-se e dirigiu-lhe palavras ofensivas. Não acreditando na sua firmeza, fecharam-no numa casa de campo perto de Moscou, alimentando-o como a um príncipe de contos de fadas (por vezes ele era vítima de uma "terrível repressão": não tomavam conhecimento das ordens para o dia seguinte e, em lugar do desejado frango, inesperadamente levavam-lhe uma costeleta), forneceram-lhe as obras de Marx, Engels, Lênin e Stálin, e esperaram um ano para que ele se reeducasse. Surpreendentemente, tal não aconteceu. Então puseram-no na companhia de um ex-tenente-general, que já tinha passado dois anos em Norilsk. O cálculo era provavelmente que o ex-tenente-general faria dobrar a cabeça de Erik, perante os horrores dos campos. Mas ele cumpriu mal essa tarefa, ou não a quis cumprir. Os dez meses de permanência conjunta só serviram para Erik aprender um russo estropiado, guardando toda a sua repugnância em face dos bonés-azuis. No verão de 1950 convidaram Erik, uma vez mais, para uma entrevista com Vichinski, e ele de novo se negou (o que estava absolutamente fora da regra segundo a qual a existência determina a consciência!). Então, o próprio Abakúmov leu a Erik a condenação a vinte anos de reclusão (por quê???). Eles próprios já lamentavam ter-se metido com esse filho de uma família bem estabelecida, mas não era possível deixá-lo voltar para o Ocidente. E foi assim que o conduziram num compartimento à parte, onde escutou através da parede o relato da estudante moscovita, vendo pela manhã, da janela, a Rússia de Riázan, com tetos de palha apodrecida.

Esses dois anos convenceram-no da razão do Ocidente. Ele acreditava cegamente nos países ocidentais, não queria reconhecer as suas fraquezas, considerava indestrutíveis os seus exércitos e impecáveis os seus políticos. Não acreditava no nosso relato de que durante o tempo da sua reclusão Stálin se atrevera a decidir o cerco de Berlim e que tinha se saído completamente bem. O pescoço de leitosa brancura e as faces algo tostadas de Erik acendiam-se de indignação quando nós ridicularizávamos

Churchill ou Roosevelt. Ele estava igualmente certo de que o Ocidente não consentiria na sua detenção; que agora, através de informações emanadas da prisão de trânsito de Kuibíchiev, a contra-espionagem viria a saber que Erik não se afogara no rio Spree, mas estava preso na União Soviética, e seria resgatado ou trocado. (Com esta sua fé na particularidade do *seu* destino, entre os destinos dos outros presos, ele fazia recordar os nossos bem-intencionados comunistas ortodoxos.) Apesar das nossas fogosas discussões, ele convidava o meu amigo e a mim próprio para visitá-lo em Estocolmo, quando a ocasião se apresentasse ("a nós, todos nos conhecem", dizia ele com riso fatigado. "É o meu pai que mantém, praticamente, o palácio do rei da Suécia"). Mas enquanto o filho do multimilionário não tinha com que limpar-se, eu ofereci-lhe uma toalha rota que tinha a mais. Depressa foi levado num carro de presos [9].

E o vaivém continua! Trazem-nos, levam-nos, um por um ou em grupos, enviam-nos sabe-se lá para onde, em levas. Tudo tem um ar tão sério e tão inteligentemente planejado, que não se pode acreditar que nisso exista tanto absurdo.

Em 1949, são criados os campos especiais, e por uma decisão superior uma massa de mulheres é transferida dos campos do norte europeu e da região do Volga, passando pela prisão de trânsito de Sverdlovsk, para a Sibéria, para Taichet e Oziorlag. Mas desde 1950 alguém considerou conveniente voltar a concentrar as mulheres não em Oziorlag, mas em Dubrovlag,

---

9 *Até hoje, tenho perguntado a suecos que ocasionalmente tenho conhecido ou a pessoas que visitam a Suécia: como encontrar essa família? ouviram falar dessa pessoa desaparecida? Como resposta, só tive sorrisos: Andersen, na Suécia, é o mesmo que Ivánov na Rússia, esse multimilionário não existe. E só agora, ao cabo de vinte e dois anos, relendo este livro pela última vez, me apercebi: é claro que o* proibiram *de dizer o seu verdadeiro nome e sobrenome! Ele tinha sido prevenido, naturalmente, por Abakúmov, de que nesse caso o* aniquilava! *E lá foi através das prisões de trânsito como um Ivánov sueco. E só ia deixando os detalhes acessórios da sua biografia, que não lhe tinham sido proibidos, na memória das pessoas que casualmente encontrava, como vestígio da sua vida destruída. Mais exatamente, ele ainda tinha esperanças de salvá-la humanamente, como milhões de patos que figuram neste livro: no momento estava preso, mas mais tarde o Ocidente, indignado, o libertaria. Ele não compreendia a força do Oriente. E não compreendia que uma testemunha, que tinha dado provas de* tal *firmeza — inconcebível para o frágil Ocidente —, não seria jamais libertada. E, no entanto, talvez esteja vivo ainda hoje, 1972. (N. do A.)*

em Temnikov, na República da Mordvínia. E eis que essas mesmas mulheres, experimentando todas as comodidades das viagens no Gulag, se arrastam, através da mesma prisão de trânsito de Sverdlovsk, para o Ocidente. Em 1951, são criados novos campos especiais na província de Kemerovo (Kamichlag). É lá que se necessita de trabalho feminino! E as infelizes mulheres chegam agora aos campos de Kemerovo, passando por esta maldita prisão de trânsito de Sverdlovsk. Chegará o tempo da libertação. Mas não para todas. E as mulheres que continuam a cumprir pena, no meio do alívio geral do período de Khruchov, são levadas de novo da Sibéria, através da prisão de trânsito de Sverdlovsk, para a Mordvínia: é mais seguro reuni-las a todas.

Bem, a nossa economia é fechada, as ilhas do arquipélago pertencem-nos e as distâncias para o homem russo não são assim tão extensas.

Sucedia o mesmo com alguns *zeks,* os mais infortunados. Chendrik, rapaz alegre e grandalhão, de rosto simples, era, como se costuma dizer, um *trabalhador honesto* de um dos campos de concentração de Kuibíchiev e não pressentia que a desgraça ia abater-se sobre ele. Mas ela sobreveio. Chegou ao campo uma ordem urgente, e não de um qualquer, mas do próprio ministro do Interior! (De onde é que o ministro podia conhecer a existência de Chendrik?) Havia que fazer chegar imediatamente Chendrik a Moscou, à prisão número 18. Apanharam-no, levaram-no à prisão de trânsito de Kuibíchiev, e daqui, sem o reter, conduziram-no a Moscou, mas não para qualquer prisão número 18, e sim para a muito conhecida prisão de Krásnaia Présnia. (O próprio Chendrik nada sabia acerca da existência de uma prisão número 18, nada lhe tinham comunicado.) Mas a sua infelicidade não dormia: não tinham ainda decorrido dois dias, quando o *arrancaram* de novo para as levas, conduzindo-o desta vez ao campo de Pétchora. A natureza passava a ser cada vez mais pobre e sombria atrás da janela. O rapaz atemorizou-se: ele sabia que era uma disposição do ministro e que, se o conduziam assim rapidamente para o norte, isso significava que o ministro tinha terríveis provas contra Chendrik. Além de todas as canseiras da viagem, ainda roubaram a Chendrik o racionamento de pão de três dias para o caminho, chegando a Pétchora cambaleando. Pétchora recebeu-o sem brandura: faminto, com a roupa em desordem, enviaram-no para trabalhar na neve. Em dois dias não tinha tido tempo nem de enxugar a camisa, nem de encher o colchão com ramos de abetos, quando o mandaram entregar tudo quanto pertencia ao campo, e de novo o condu-

ziram mais para além, até Vorkut. Tudo isso indicava que o ministro tinha decidido destruir Chendrik, mas a verdade é que não era só ele, mas toda uma leva. Em Vorkut esteve mais um mês sem lhe tocarem. Participava dos *trabalhos gerais,* não se tendo restabelecido ainda das transferências, mas começava a resignar-se com o seu destino, que era viver no círculo polar. Um dia chamaram-no subitamente da mina, obrigaram-no a ir ao campo entregar tudo quanto tinha, e uma hora depois levavam-no para o sul. Isso cheirava-lhe já a um ajuste de contas pessoal! Conduziram-no a Moscou, à prisão número 18. Mantiveram-no numa cela durante um mês. Depois, foi chamado por um certo coronel, que lhe perguntou: "Mas onde é que você se tinha perdido? Você é realmente técnico de construção de maquinaria?" Chendrik disse que sim. Então levaram-no. . . para as ilhas do Paraíso! (Sim, também há ilhas desse gênero, no arquipélago!)

Este ir e vir de pessoas, estes destinos e estes relatos embelezam as prisões de trânsito. E os velhos reclusos dos campos advertem: deite-se e fique quieto! Aqui você fica com a ração garantida[10], e não cansa as costas. E quando não estiver muito apertado pode dormir o tempo que quiser. Estenda-se e fique quieto de uma ração de sopa a outra. A comida é pouca mas o sono é bom. Só quem já viu os *campos comuns* compreende que a prisão de trânsito é uma casa de repouso, uma felicidade no meio do nosso caminho. E isso tem ainda outra vantagem: quando se dorme de dia, a condenação corre mais depressa. É o dia que é preciso passar, pois a noite não se vê.

Pode acontecer que os diretores das prisões de trânsito, que têm às vezes trabalhos a executar e precisam também cuidar de suas finanças, se lembrem, justamente, de que é o trabalho que faz o homem, e de que só o trabalho corrige o criminoso; por isso, põem a trabalhar também a mão-de-obra em trânsito.

Na mesma prisão de trânsito de Kotlas, antes da guerra, esse trabalho não era nada mais ligeiro do que o do campo. Durante um dia de inverno, de seis a sete presos debilitados, atados com correias a trenós que normalmente são puxados por tratores, deviam arrastá-los por *doze* quilômetros pelo rio Dviná, até ao delta do Vitchegdá. Enterravam-se na neve, caíam, e os trenós atolavam-se. Parece não ser possível imaginar um trabalho mais esfalfante! No entanto, não era ainda um trabalho, mas sim um desentorpecimento. Lá, no delta do Vitchegdá,

---

10 *Ração garantida pelo Gulag, quando não havia trabalho. (N. do A.)*

era preciso carregar nos trenós *dez* metros cúbicos de lenha, com a mesma gente e a mesma atrelagem (já morreu Riépin * e para os novos pintores isto já não é um quadro, mas uma reprodução grosseira da natureza) arrastar os trenós até a sua prisão de trânsito! Assim, você pode falar à vontade no seu campo! Nós morreremos antes! (O chefe de brigada desses trabalhos era Kolupáiev, e os cavalos eram o engenheiro-eletricista Dmítriev, o Tenente-Coronel da Intendência Beliáiev, e o nosso já conhecido Vassíli Vlássov, sendo, no entanto, agora, impossível reuni-los todos.)

A prisão de trânsito de Arzamas, no tempo da guerra, alimentava os seus reclusos com folhas de beterraba. Em troca, o trabalho era exigido, como norma. Havia oficinas de costura, de fabricação de calçados de couro e de feltro (os ácidos de preparação da lã para o feltro eram elaborados em água escaldante).

No verão de 1945, na prisão de Krásnaia Présnia, a fim de sair das celas asfixiantes, sem ventilação, íamos para o trabalho voluntariamente: isso dava o direito de estar todo o dia respirando ar livre; dava o direito de poder sentar-se sem pressa e sem impedimento numa latrina silenciosa, de madeira (meios de estímulo que são freqüentemente negligenciados!), que era escaldante pelo sol de agosto (decorriam os dias de Potsdam e de Hiroxima), no meio do pacífico zumbido de uma abelha solitária; e, finalmente, o direito de receber pela noite mais cem gramas de pão. Conduziam-nos ao cais do rio Moscou, onde descarregávamos toros. Devíamos fazê-los rolar de uma das pilhas e amontoá-los noutras. Despendíamos muito mais forças do que a recompensa que recebíamos. Contudo íamos satisfeitos.

Tenho freqüentemente de corar de vergonha ao recordar os meus anos de juventude (e foi nos campos que eles decorreram!). Mas aquilo que mais amarga é o que mais nos ensina. Sucedeu que, dos meus galões de oficial, durante dois anos estremecendo e balançando sobre os meus ombros, acumulou-se o venenoso pó dourado no espaço vazio entre as costelas. Nesse mesmo cais fluvial havia também um pequeno campo de trabalho, cercado de uma zona com vigias. Nós éramos de fora, trabalhadores temporários, e não havia nenhuma conversa, nenhum rumor que nos pudesse indicar que nos deixariam naquele campo cumprindo a pena. Mas quando nos formaram pela primeira vez e o chefe

* *Pintor russo, autor do famoso quadro* Os barqueiros do Volga. *(N. do T.)*

de trabalho passou por diante de nós, ao longo da formação, para escolher pelo aspecto os chefes de brigada temporários, o meu insignificante coração, sob a camisa de lã, ardia de desejo: a mim! a mim! nomeie a mim!

Não me nomearam. Para que é que eu desejava isso? Só teria cometido erros mais vergonhosos.

Oh! como é difícil perder o gosto do poder!... Eis uma coisa que é preciso compreender.

Houve um tempo em que Krásnaia Présnia quase se tornou a capital do Gulag — no sentido de que não era possível evitá-la, a qualquer lugar que se tivesse de ir, assim como Moscou. Do mesmo modo que, na nossa União, é mais cômodo ir de Tachkent a Sótchi e de Tchernígov a Minsk através de Moscou, assim também os presos, qualquer que fosse o lugar de onde viessem, eram conduzidos através de Présnia. Foi nessa época que fui parar aí. Présnia não podia suportar mais essa superlotação. Construíram um pavilhão suplementar. Só as composições ferroviárias para gado carregando os condenados por contra-espionagem circulavam em torno de Moscou, precisamente passando ao lado de Présnia, saudando-a talvez com os seus apitos.

Mas ao chegar a Moscou para fazer a transferência, dão-nos de qualquer modo um bilhete, e temos a esperança de cedo ou tarde seguir o nosso rumo. Em Présnia, no fim da guerra e depois dela, não só os novatos, mas também as mais altas instâncias e mesmo os chefes do Gulag, ninguém podia prever para onde iria cada um. O sistema carcerário ainda não havia cristalizado, como nos anos 50. Não havia nenhuma indicação escrita quanto aos itinerários, nem quanto ao ponto de destino. Apenas talvez para instrução de serviço: "Vigilância rigorosa!", "Para ser utilizado só nos trabalhos gerais!" As pastas dos dossiês dos presos estavam todas rasgadas, atadas aqui e ali com um barbante desfiado ou com um sucedâneo de papel, sendo levadas pelos sargentos da escolta a um gabinete da prisão, numa barraca de madeira isolada, e jogadas em prateleiras de tábuas, sobre mesas, debaixo de mesas e de cadeiras, ou simplesmente no chão do corredor (à semelhança dos seus "protótipos" que estavam deitados nas celas), jazendo desmanteladas, espalhadas e misturadas. Uma, duas, três dependências ficavam obstruídas com esses dossiês misturados. As secretárias da administração carcerária, mulheres livres, gordas e preguiçosas, com vestidos sarapintados, transpiravam de calor, abanavam-se e namorisca-

vam com os oficiais da prisão e da escolta. Nenhuma delas queria nem tinha forças para remexer naqueles dossiês. Mas era necessário dar saída aos trens vermelhos à razão de um por semana. E todos os dias, em caminhões, se expediam centenas de pessoas para campos próximos. Juntamente com cada *zek* era necessário enviar o seu dossiê. Quem se ocupava desse trabalho obscuro? Quem selecionava os casos e escolhia as levas?

Essa tarefa era confiada a vários chefes de equipe, ora gatunos, ora *furta-cores*[11], escolhidos entre os de confiança da prisão de trânsito. Eles andavam à vontade pelos corredores da prisão, entravam livremente no edifício da administração e deles dependia pegar no seu dossiê e pôr você numa leva *má* ou fechar os olhos por muito tempo e procurar colocá-lo numa *boa.* (Quanto ao fato de haver campos inteiramente funestos, nisso os novatos não se enganavam, mas quanto a haver alguns bons, isso era puro engano. "Bons" poderiam ser não os campos, mas certos destinos nesses campos. Isso porém se arranja chegando lá.) Que todo o futuro dos presos dependesse de outro preso, com o qual era necessário aproveitar uma ocasião para *conversar* (mesmo que fosse através do encarregado do banheiro), a quem era necessário talvez subornar (mesmo que fosse através do chefe do armazém), isso era pior do que se a vida fosse decidida pelos dados. Esta sorte secreta e eventualmente falhada: em troca de um casaco de couro ir parar em Náltchik em vez de em Norilsk; em troca de um quilo de toucinho ir parar em Serebriáni Bor em vez de em Taichet (e podia também suceder que se perdesse em vão o casaco de couro ou o quilo de toucinho), era coisa que só remordia e agitava as almas fatigadas. Talvez desse modo alguém conseguisse êxito, talvez desse modo alguém se arranjasse, mas os mais felizes eram aqueles que nada tinham para dar ou que se mantinham à margem dessa balbúrdia.

A resignação em face do destino, a renúncia a toda veleidade de organização da própria vida, o reconhecimento de que não se podia prever nem o melhor nem o pior, de que o mais fácil era dar um passo em falso de que ele mesmo se havia de arrepender — tudo isso libertava o preso de uma parte das suas algemas, tornando-o mais tranqüilo e até mais sublime.

Assim, os presos jaziam encostados uns contra os outros nas celas, e os seus destinos se empilhavam em irremovíveis

---

[11] Furta-cores *eram os que se aproximavam, pelo seu espírito, do mundo do roubo, procurando adotá-lo, mas ainda não tinham sido integrados na* lei *dos ladrões. (N. do A.)*

montões nas dependências da administração da prisão, enquanto os chefes de equipe pegavam os dossiês da parte onde era mais fácil chegar. Assim alguns *zeks* tinham de passar dois ou três meses nesta maldita Présnia; em compensação, outros saíam de lá com uma velocidade meteórica. Devido a essa precipitação e pressa, e à desordem dos dossiês, acontecia haver às vezes em Présnia (e noutras prisões de trânsito) *troca de sentenças*. Para os do artigo 58 não havia nenhum risco, dado que o seu tempo de condenação, para usar a expressão de Górki, era um "Tempo" com letra maiúscula, pois era tão extenso que, quando parecia que estavam chegando ao fim, nunca lá chegavam. Mas para os ladrões, para os criminosos, tinha sentido trocar o seu "tempo" com o de qualquer simplório. E eles próprios ou os seus colaboradores escolhiam um desses trouxas, sondando-o discretamente, e ele, desconhecendo que quem tem uma pena curta nada deve revelar a seu respeito na prisão de trânsito, dizia com ingenuidade que se chamava, digamos, Vassíli Parfiénitch Evráchkin, que nascera no ano de 1913, em Semidúbie, onde vivia, sendo a sua pena de um ano, segundo o artigo 109, por negligência. Posteriormente, Evráchkin dormia, ou talvez não dormisse, mas havia dentro da cela um tal rumor, e diante do postigo entreaberto um tal aperto, que não era possível chegar até lá e escutar, quando no estreito corredor, por detrás dele, liam a toda pressa a lista dos nomes que faziam parte da leva. Depois gritavam alguns nomes das portas para as celas, mas não o de Evráchkin, porque logo que tinham mencionado o respectivo nome no corredor o obsequioso gatuno (eles sabem ser obsequiosos quando é necessário) tinha adiantado o focinho e respondido logo em voz baixa "Vassíli Parfiénitch, do ano de 1913, da aldeia de Semidúbie, artigo 109, um ano", apressando-se a ir buscar as suas coisas. Quanto ao autêntico Evráchkin, bocejava, estendia-se na tarimba e esperava pacientemente que o chamassem, amanhã, ou dentro de uma semana, ou dentro de um mês, e depois se atrevia a ir incomodar o chefe do pavilhão perguntando por que não o incluíam numa leva. (Entretanto um tal Zviaga era chamado todos os dias por todas as celas.) E quando, ao cabo de um mês ou de meio ano, encontravam tempo de submeter a todos, um por um, a uma convocação dossiê por dossiê, aparece um dossiê a mais: o de Zviaga, reincidente, por duplo crime e pilhagem de uma loja, condenado a *dez anos*, enquanto um tímido preso se apresenta como Evráchkin, mas na fotografia não se distingue nada — o que significa que é Zviaga, sendo necessário colocá-lo no campo de represálias de Ivdellag, pois de outra

maneira deve reconhecer-se que houve engano na prisão de trânsito. (E o outro Evráchkin, o que enviaram na leva, não se pode saber mais para onde foi, pois não se fez mais nenhuma lista. E ele, condenado a um ano, foi enviado numa missão de trabalho agrícola, sem escolta, contando três dias de sentença para um de trabalho, tendo ou fugido, estando há muito em casa, ou, o que é mais certo, sido enviado outra vez para a cadeia com uma nova condenação.) Havia também alguns excêntricos que *vendiam* a sua pequena sentença por um ou dois quilos de toucinho. Consideravam que depois se havia de esclarecer tudo e se restabeleceria a sua identidade. O que em parte era exato[12].

Nos anos em que os dossiês dos presos não tinham uma indicação do destino, as prisões de trânsito converteram-se em mercados de escravos. Os *compradores* passaram a ser hóspedes bem-vindos, e esta palavra ouvia-se com crescente freqüência nos corredores e nas celas, sem qualquer ironia. Como em qualquer indústria, no Gulag não se podia esperar que a administração fizesse dotações, sendo necessário mandar indivíduos para inspecionar e outros para fechar o negócio: os nativos morriam em massa nas ilhas; ainda que não valessem um rublo, entravam na conta e havia que se preocupar em levá-los, para cumprir o plano. Os *compradores* deviam ser pessoas sagazes, com bons olhos, para ver bem o que levavam, e não deixar que lhes pusessem no meio cabeças de arrivistas e inválidos. Eram maus compradores os que escolhiam uma leva em função dos dossiês. Os mais escrupulosos exigiam que soltassem diante deles a *mercadoria* viva e nua. Sim, eles diziam sem um sorriso: a *mercadoria*. "Que gênero de *mercadoria* trouxeram?", perguntava o comprador na estação de Butirki, vendo e examinando, segundo todas as regras, Ira Kalina, moça de dezessete anos.

Se a natureza humana evolui, não é com muito mais rapidez do que o aspecto geológico da Terra. E esse sentimento de curiosidade, de deleite e prazer, que há vinte e cinco séculos dominava os escravagistas no mercado de escravos, dominava também naturalmente os funcionários do Gulag, na prisão de Usman, em 1947, quando duas dezenas de homens com o uniforme do Ministério da Segurança do Estado se sentaram por trás de algumas mesas, cobertas com lençóis (isto para dar ao ato maior dignidade, de outra forma seria incômodo), e todas as mulheres presas tiveram que se despir no boxe vizinho, e

---

12 *Além do mais, como escreve P. Iakubóvitch, o tráfico de sentenças existia já no século passado. É um velho truque carcerário. (N. do A.)*

passar nuas e descalças diante deles, dar a volta, parar e responder às perguntas. "Baixe os braços!" — indicavam eles àquelas que adotavam, por pudor, poses de estátuas antigas (pois os oficiais deviam escolher conscienciosamente as suas concubinas, para si e para os que os cercavam).

Era assim, nestas suas várias manifestações, que a sombra penosa da luta futura no campo vinha ofuscar no preso novato as ingênuas alegrias espirituais da prisão de trânsito.

Um dia, puseram na nossa cela de Présnia um detido de *designação especial,* e ele dormiu ao meu lado durante duas noites. Designação especial significava que na Administração Central tinham escrito um borderô que o acompanhava de campo em campo, e onde se dizia que ele era técnico de construção e só nessa condição podia ser utilizado em cada novo lugar. O prisioneiro de designação especial viaja num *stolípin* normal, instala-se em celas comuns da prisão de trânsito, mas a sua alma não estremece: ele está defendido pelo borderô e não o enviam para cortar árvores num bosque.

Uma expressão cruel e decidida, tal era a marca mais visível no rosto deste recluso que já tinha cumprido grande parte da pena a que fora condenado. (Eu não sabia ainda que essa expressão era o estigma nacional dos ilhéus do Gulag. As pessoas com expressão suave e condescendente morrem rapidamente nas ilhas.) Ele observava as nossas primeiras discussões com um sorriso igual ao que se tem para os cachorrinhos de duas semanas.

O que é que nos esperava no campo? Compadecendo-se de nós, ele ensinava:

— Desde os primeiros passos no campo cada um procurará enganá-los e roubá-los. Não confiem em ninguém, exceto em vocês mesmos! Olhem em volta e vejam se alguém se dispõe a mordê-los. Há oito anos atrás, quando cheguei ao Kargopollag, era tão ingênuo como vocês. Descarregaram-nos do trem e a escolta preparava-se para conduzir-nos: eram dez quilômetros até ao campo, por um caminho coberto de neve profunda e movediça. Chegaram três trenós. Um homem corpulento, que não foi impedido pela escolta, comunicou: "Irmãos, ponham aí as coisas, nós as levaremos!" E nós nos lembramos: tínhamos lido na literatura que as coisas dos presos eram levadas em carroças. Não era assim tão inumano, o campo. Eles eram solícitos. Lá colocamos as coisas. Os trenós partiram. Foi tudo. Nunca mais as vimos. Nem sequer as embalagens vazias.

— Mas como pode ser isso? Não há uma lei?

— Não façam perguntas idiotas. Há uma lei. A lei da selva. Mas justiça nunca houve no Gulag, nem haverá. Este caso de Kargopollag é simplesmente um símbolo do Gulag. Depois vocês se acostumam: no campo ninguém faz nada em vão, ninguém faz nada por bondade. É necessário pagar por tudo. Se alguém propõe alguma coisa desinteressadamente, é preciso saber que se trata de algum truque, de alguma provocação. Mas o mais importante é evitar os *trabalhos gerais!* Evitem-nos desde o primeiro dia! Se no primeiro dia caírem nos *trabalhos gerais,* estarão perdidos para sempre.

— *Trabalhos gerais?*

— Os *trabalhos gerais* são os trabalhos essenciais, os trabalhos que estão na base da vida de um campo. Deles participam oitenta por cento dos presos. E todos eles perecem. Todos. E trazem outros em sua substituição, ainda para os *trabalhos gerais.* Aí vocês despendem as últimas forças. E estarão sempre famintos. E sempre molhados. E sem botas. E roubados no peso. E roubados nas medidas. E postos nas piores barracas. Sem qualquer tratamento médico. No campo os únicos que sobrevivem são aqueles que *não* participam dos *trabalhos gerais.* Esforcem-se, custe o que custar, por não participar dos *trabalhos gerais!* Desde o primeiro dia.

A qualquer preço!

A qualquer preço?

Em Krásnaia Présnia eu assimilei e aceitei esses conselhos, em nada exagerados, do impiedoso prisioneiro de designação especial, esquecendo-me apenas de lhe perguntar: e qual é a medida desse preço? Qual é o seu limite?

III CARAVANAS DE ESCRAVOS

É esgotante andar num *stolípin;* é insuportável viajar num "tintureiro"; depressa atormenta, igualmente, o centro de trânsito. O melhor seria evitar tudo isso e seguir rapidamente para o campo, nos vagões vermelhos.

Os interesses do Estado e os interesses do indivíduo coincidem, como sempre, também aqui. É também vantajoso para o Estado enviar os presos para o campo por um itinerário direto, sem sobrecarregar as ruas das cidades, os transportes rodoviários e o pessoal dos centros de trânsito. Há muito que isso foi compreendido e assimilado perfeitamente no Gulag: caravanas de trens vermelhos (vagões para gado pintados de vermelho), caravanas de barcaças e, lá onde não há ferrovias nem água, caravanas de peões (não se permite que os reclusos utilizem cavalos nem camelos).

Os trens vermelhos são sempre vantajosos onde os tribunais funcionam rapidamente ou onde os campos de trânsito estão abarrotados. Pode-se enviar conjuntamente uma grande massa de presos. Assim foram expedidos milhões de camponeses nos anos de 1929-31. Assim foi deportada Leningrado para fora de Leningrado. Assim se povoou, nos anos 30, Kolimá: todos os dias, Moscou, capital da nossa pátria, vomitava um desses trens em direção a Soviétskaia Gavan, ou do porto de Vanino. E cada capital de província enviava também trens vermelhos, embora não diariamente. Desse modo, em 1941, a República Autônoma dos Alemães do Volga foi expulsa para o Casaquistão, e desde então todas as restantes nacionalidades tiveram igual sorte. Em 1945, foi em trens semelhantes que se transportaram os filhos e filhas pródigos da Rússia, a partir da Alemanha, da Tchecoslováquia, da Áustria, das fronteiras ocidentais — que chegaram a esses lugares por sua própria conta. Em 1949, foi assim que se reagruparam em campos especiais os abrangidos pelo artigo 58.

Os *stolípin* circulam em conformidade com os itinerários e horários normais. Os trens vermelhos, em conformidade com uma ordem especial assinada por importantes generais do Gulag. Os *stolípin* não podem desembocar num lugar vazio, no seu término há sempre uma estação, uma localidade, ainda que seja insignificante, e uma cela de prisão preventiva sob um teto.

Mas o trem vermelho pode ir parar num lugar deserto: aonde quer que chegue, imediatamente emerge junto a ele, do mar da estepe, ou do mar da taiga, uma nova ilha do arquipélago.

Não é qualquer vagão vermelho que pode transportar imediatamente reclusos. Primeiro, deve ser preparado para isso. Não no sentido que o leitor possa pensar: que seria necessário varrê-lo ou limpá-lo do carvão ou da cal que nele tenham sido transportados antes das pessoas, o que nem sempre é feito. E tampouco no sentido de que, se estamos no inverno, é preciso calafetá-lo e dotá-lo de uma estufa. (Quando foi assente o traçado da via férrea de Kniaj-Pogost a Roptchi, ainda não ligado à rede geral, começaram rapidamente a transportar reclusos através dele, em vagões em que não havia estufas nem tarimbas. No inverno, os *zeks* jaziam sobre terra gelada e tampouco recebiam comida quente, porque o trem conseguia percorrer a linha sempre em menos de um dia. Quem poderá admitir que seja possível alguém ficar ali estendido e sobreviver essas dezoito ou vinte horas? Mas sobrevive!) A preparação é esta: devem ser verificadas a integridade e a solidez do chão, das paredes e do teto dos vagões; devem ser postas grades seguras nos seus pequenos postigos; deve-se abrir no pavimento um buraco para escoamento, e reforçá-lo especialmente em volta com latão bem pregado; devem-se distribuir pelo trem, de modo regular e em quantidade suficiente, plataformas (nelas colocam-se os postos da escolta, com metralhadoras), e, havendo poucas plataformas, devem-se construir e montar escadinhas para subir ao teto; devem-se escolher os lugares para instalar os projetores e deve-se assegurar o abastecimento de eletricidade sem falhas; devem-se preparar martelinhos de madeira de cabo comprido; deve-se engatar um vagão de passageiros para o estado-maior e, se não houver, deve-se preparar um vagão de carga com aquecimento para o chefe da escolta, o chefe da Segurança e os guardas da escolta; devem-se instalar cozinhas para a escolta e para os reclusos. Só depois se podem escrever nos vagões, com giz, obliquamente: "maquinaria especial" ou "gênero deteriorável". (No *Sétimo vagão,* E. Guinzburg descreveu muito bem o transporte nos vagões vermelhos, dispensando-nos, agora, em grande parte, de mais pormenores.)

Uma vez terminada a preparação do trem vem a complexa e autêntica operação marcial de *embarque* dos presos nos vagões. Nela há duas *preocupações* importantes e obrigatórias:

— ocultar do povo o embarque;
— aterrorizar os presos.

Ocultar o embarque aos habitantes é necessário porque no trem enfiam de uma só vez cerca de mil pessoas (vinte e cinco vagões, pelo menos; não é como um pequeno grupo que se põe num *stolípin,* coisa que se pode fazer à vista das pessoas). Naturalmente toda a gente sabe que todos os dias e a todas as horas são efetuadas detenções, mas ninguém deve horrorizar-se com a visão de tanta gente detida *ao mesmo tempo.* Em Oriol, no ano de 1938, era impossível ocultar que na cidade não havia nenhuma casa que não tivesse alguém preso, além de que as carroças dos camponeses, com mulheres chorosas, engarrafavam a praça diante da prisão de Oriol, como no quadro de Surikov que mostra a execução dos *strieltsi* *. (Haverá alguém que nos pinte isso alguma vez? Não contemos com isso: não está na moda, não está na moda. . .) Mas o que é necessário é evitar mostrar à nossa gente soviética que num só dia enchem toda uma composição ferroviária (em Oriol, nesse ano, enchiam). E a juventude não deve ver isso: a juventude é o nosso futuro. Por isso, só de noite, todas as noites, cada noite, e assim durante vários meses, se conduzia a pé, da prisão à estação, uma lúgubre coluna de homens (os "tintureiros" andavam ocupados em novas detenções). É certo que as mulheres têm pressentimentos, acabando por saber de alguma maneira, e pelas noites convergiam de toda a cidade para a estação, onde ficavam espreitando os trens, correndo ao longo dos vagões, tropeçando nos trilhos e gritando diante de cada vagão: "Fulano de tal e fulano de tal estão aqui?", e passavam ao seguinte, e deste novamente a outro: "Fulano de tal está aqui?" Subitamente, do vagão selado ressoava uma resposta: "Aqui! Estou aqui!" Ou então: "Procure! Ele está no outro vagão!" Ou: "Mulheres! Escutem! A minha mulher mora aqui ao lado, perto da estação, corram lá e a previnam!"

Estas cenas, indignas dos nossos dias, só revelam uma inábil organização dos embarques nos trens. Constatados os erros, uma certa noite, o trem é rodeado por uma matilha de cães-pastores que ladram e uivam.

Em Moscou, partindo da antiga prisão de trânsito de Sretenka (hoje já nem os presos se recordam dela) ou de Krásnaia

---

* *Corpo permanente de soldados dos czares, nos séculos XVI-XVII, que foi dissolvido por Pedro I, o Grande, após uma insurreição. (N. do T.)*

Présnia, só se fazem embarques, nos vagões vermelhos, de noite — isto é uma regra equivalente a lei.

Entretanto, sem necessitar do brilho do astro diurno, a escolta utiliza os sóis noturnos, os projetores. São cômodos, pois podem concentrar-se no ponto em que são necessários: no lugar onde os presos, atarantados, sentados no chão, amontoados, esperam a voz de comando: "Os cinco seguintes, de pé! Para o vagão, correndo". (Sempre correndo! Para que não possam voltar-se, refletir, para que se apressem como se fossem acossados pelos cães e só tenham cuidado em não cair, no caminho irregular por onde correm ou na escada por onde sobem.) Os feixes luminosos hostis dos fantásticos projetores iluminam o chão: eles são parte importante da cena teatral de intimidação dos presos, paralelamente às ameaças violentas, às coronhadas aos que se atrasam, às vozes de comando de: "Sente-se no chão!" (por vezes, como nessa mesma praça da estação de Oriol: "Ajoelhe-se!", e, como novos peregrinos, o milhar põe-se de joelhos); simultaneamente a essa corrida para o vagão, completamente desnecessária mas muito importante para atemorizar, e ao furioso ladrar dos cães, são apontados canos (das espingardas ou metralhadoras, conforme a época). Objetivo essencial: deve ser desfeita, aniquilada, a força de vontade do preso, para que os seus pensamentos não o levem a pensar numa fuga, para que durante muito tempo não compreenda a "vantagem" da sua nova situação: passagem de uma cadeia de pedra para um vagão de tábuas delgadas.

Mas para embarcar de noite com tanto rigor mil homens em vagões é necessário começar, desde a véspera e até de manhã, a retirá-los das celas e a prepará-los para a transferência, escoltá-los durante todo o dia, recebê-los vagarosa e severamente na prisão e mantê-los depois muitas horas não já nas celas mas no pátio, no chão, para que não se misturem com os outros da cadeia. Assim, a transferência noturna para o vagão é para os presos apenas o final "consolador" de todo um longo e extenuante dia.

Além das chamadas por lista habituais, das verificações, do corte do cabelo, da desinfecção e do banho, a parte fundamental da preparação é a revista pessoal geral. A revista não é feita na cadeia mas pela escolta que toma conta dos presos. Compete à escolta, segundo as instruções sobre os transportes em trens vermelhos e as suas próprias considerações em matéria de operações de combate, proceder a essa revista de modo a não deixar aos presos nada que possa auxiliá-los numa evasão:

apreender tudo que seja contundente ou cortante, qualquer tipo de pó (dentifrício, açúcar, sal, tabaco, chá) com que possam cegar a escolta, qualquer espécie de corda, fio de embalagem, cinto, etc., porque tudo isso pode ser utilizado numa fuga (portanto também as correias, o que leva a cortar todas as que seguram a prótese de um coxo, obrigando o mutilado a pôr a sua perna sobre o ombro e a saltar apoiado nos companheiros). Todas as demais coisas — objetos de valor e malas — devem, de acordo com as instruções, ser recolhidas num vagão-depósito especial, para serem devolvidas aos donos no final do transporte.

Mas é débil e pouco impressionante o poder de uma instrução moscovita sobre uma escolta de Vologda ou de Kuibíchiev, e notório, ao invés, o poder da escolta sobre os presos. É por isso que se tem também em vista, na operação de embarque:

— confiscar "com toda justiça" os objetos de valor aos inimigos do povo para benefício dos seus filhos.

"Sentados no chão!", "Ajoelhar!", "Despir tudo!" — nestas ordens, prescritas no regulamento da escolta, está contido um poder radical, impossibilitando qualquer discussão. De fato, uma pessoa despida perde toda a naturalidade, não pode enfrentar e falar de igual para igual a uma pessoa vestida. Começa a revista (Kuibíchiev, verão de 1949). Os homens despidos avançam, levando nas mãos objetos e roupa; à sua volta, numerosos soldados armados e vigilantes. O ambiente é tal que em vez de uma transferência, mais parece irem ser fuzilados na praça pública ou levados à câmara de gás — nessas condições, uma pessoa deixa de preocupar-se com os seus objetos. A escolta em tudo se esforça por uma propositada brutalidade, brusquidão e grosseria, nenhuma palavra pronunciando com voz simplesmente humana, pois o único objetivo é aterrorizar e machucar. As malas, abertas e despejadas (os objetos caem no chão), são atiradas para um monte. As cigarreiras, carteiras e outros insignificantes "objetos de valor" do preso são apreendidos e jogados, sem anotação do dono, numa barrica (e o simples fato de se tratar não de um cofre, um baú, um caixote, mas exatamente de uma barrica, Deus sabe por quê, acabrunha particularmente os homens despidos, que vêem ser inútil protestar). Os presos, nus, só têm tempo de apanhar do chão os seus trapos revistados e fazer uma trouxa ou embrulhá-los na sua manta. "E as minhas botas de feltro?" "Pode entregá-las, ponha-as aqui, assine a relação!" (Não lhe dão nenhum recibo, você assinala o que lançou no montão!) E quando, já ao anoitecer, sai do pátio da cadeia o último caminhão de presos, estes vêem os elementos da escolta

lançarem-se a pilhar do montão as melhores malas de couro e a escolherem na barrica as melhores cigarreiras. Depois é a vez dos vigilantes de saquearem o espólio, e depois a dos "dissimulados" do campo de trânsito.

Eis o que tiveram de suportar durante todo o dia até entrarem no vagão de gado! Aqui, ao menos, tiveram a "consolação" de entrar e deixar-se cair nas tábuas não aplainadas das tarimbas. Mas que alívio é este vagão "aquecido"! O preso é novamente apertado pelas tenazes do frio e da fome, da sede e do terror, dos gatunos e da escolta.

Se no vagão há gatunos (e, com certeza, não são colocados em compartimentos separados nos trens vermelhos), eles ocupam tradicionalmente os melhores lugares nos beliches de cima, junto à janela. Isso no verão. Mas adivinhemos: quais são os seus melhores lugares no inverno? Ora, em volta do fogão, está claro, em círculo fechado à volta dele. Como recorda o ex-ladrão Mináiev[1], para todo o percurso, com frio atroz, de Voroniej a Kotlas (são vários dias), forneceram ao seu vagão, em 1949, apenas *três baldes* de carvão! De um golpe, os gatunos não só ocuparam os lugares em volta do fogão, não apenas tiraram aos políticos todos os artigos de agasalho, vestindo-se com eles, como ainda se atreveram a tirar-lhes de dentro das botas os trapos que lhes serviam de meias para os enrolarem nos seus pés. Morra você hoje, eu amanhã! Com a comida ainda era pior — as rações para todo o vagão eram recebidas pelos gatunos, que guardavam para si o melhor ou aquilo de que tinham necessidade. Lochílin recorda os três dias que demorou a sua transferência de Moscou para Periebor, em 1937. Por três dias consideraram que não valia a pena fazer comida quente e deram apenas rações frias. Os ladrões ficavam com o açúcar todo para si, consentindo em repartir o pão e o arenque salgado: o que quer dizer que não tinham fome. Quando a ração inclui alguma coisa quente e os ladrões estão encarregados da partilha, eles dividem a sopa entre si (no transporte de três semanas, de Kicheniov para Pétchora, em 1945). Além do mais, os gatunos não se coíbem do roubo puro e simples durante o percurso: tendo visto que um estoniano tinha dentes de ouro, deitaram-no ao chão e arrancaram-lhe os dentes com a tenaz do fogão.

---

[1] *Da carta que me dirigiu na* Literatúrnaia Gazeta, *em 29-11-62. (N. do A.)*

Os *zeks* consideram como vantagem dos trens vermelhos a comida quente: nas estações ermas (mais uma vez o povo não vê) os trens param e distribuem-se nos vagões a sopa e as papas de cereal. Mas também esta comida quente é dada de maneira chocante. Às vezes (como naquele trem de Kicheniov) põem a sopa no mesmo balde em que entregaram o carvão. E não há com que lavá-lo! — porque a água potável é racionada no trem, inclusive porque é maior a falta dela que de sopa. Assim, ao tomar-se a sopa, engolem-se também resíduos de carvão. Outras vezes, ao trazerem a sopa e as papas de cereal ao vagão, dão um número insuficiente de tigelas, não quarenta, mas vinte e cinco, e ordenam: "Mais depressa, mais depressa! Temos que dar de comer também aos outros vagões, e não apenas a vocês!" Assim, como comer? Como dividir? Distribuir igualmente pelas tigelas não é possível, tendo-se que fazer a repartição a olho e por baixo para não se correr o risco de pôr sopa demais. (Os primeiros gritam: "Mexa, mexa", os últimos mantêm-se calados: assim pode ser que no fundo fique a parte mais espessa.) Os primeiros comem, os últimos esperam — que acabem depressa, estão famintos, a sopa está esfriando no balde, e do exterior reclamam pressa: "Então, já acabaram? Depressa!", e depois, para os últimos: que não seja mais, que não seja menos, que não seja mais espesso, nem mais líquido que o dado aos primeiros. Agora trata-se de avaliar o resto e de o pôr, mesmo que não dê para dois, numa única tigela. Durante todo esse tempo, não é tanto o que quarenta pessoas comem, quanto o que vigiam e sofrem com a divisão.

Nenhum aquecimento, nenhuma defesa contra os gatunos, nada para comer, nada para beber, e nem sequer deixam dormir. De dia, os elementos da escolta vêem bem todo o trem e o caminho percorrido. Ninguém se pode atirar do trem nem nos trilhos, mas de noite a vigilância não permite veleidades. Com os pequenos martelos de madeira de cabo comprido (modelo universal em Gulag), ao longo da noite, em cada parada, batem surdamente em cada tábua do vagão: acaso não se prepararam já para serrá-la? E nalgumas paradas abrem completamente a porta do vagão. Luz das lanternas ou fachos dos projetores: "Verificação!" Isto quer dizer: Levante-se, ponha-se de pé e prepare-se para correr com todos, para onde indicarem, para a esquerda ou para a direita. Acabaram de pular para dentro alguns escoltas com os martelinhos (outros, com armas automáticas e mostrando os dentes, formam um semicírculo no exterior), e indicam: esquerda! Isto significa que os da esquerda ficam

no seu lugar, os da direita correm rapidamente para lá, como pedrinhas de um jogo infantil, ficando uns por cima dos outros, onde caírem. Aos que não são rápidos, àqueles que se descuidam, dão-lhes com os martelos nas costas para que se apressem! Eis que as botas dos escoltas já pisam o seu mísero leito, remexem os seus *trapos* e eles iluminam e batem com os martelos para ver se alguma tábua está serrada. Não. Então a escolta coloca-se no meio e começa a contagem, mandando os detidos passar da esquerda para a direita: "Primeiro!... Segundo!... Terceiro!..." Bastaria, para contar os presos, mover apenas o dedo, mas não haveria intimidação e é mais ostensivo, mais infalível, mais animado e mais rápido acompanhar a contagem com esse martelo, batendo nas costas, ombros, cabeças, onde calhar. Contaram quarenta. Agora há que remexer de novo, iluminar e bater no lado esquerdo. Acabou, foram-se, o vagão foi fechado. Podem dormir até à parada seguinte. (Não se pode dizer que os cuidados da escolta sejam completamente inúteis, pois dos trens vermelhos os ágeis podem fugir. Eis que bateram numa tábua que já tinha começado a fender. Ou então, subitamente, pela manhã, durante a distribuição da sopa, aparecem, entre as caras sem barbear, algumas barbeadas. E com armas automáticas cercam o vagão: "Entreguem as navalhas!" Estas são as pequenas frivolidades dos gatunos e de seus afins: "aborreceram-se" de não estar barbeados e agora têm de entregar as navalhas.

O trem vermelho diferencia-se dos de longo percurso sem transbordo porque os que nele embarcam não sabem se desembarcarão. Quando em Solikamsk descarregaram o trem das cadeias de Leningrado (em 1942), todo o chão ficou coberto de cadáveres, só alguns poucos chegaram vivos. Nos invernos de 1944-45 e de 45-46, ao bairro de Jelieznodorójni (Kniaj-Pogost), como a todos os outros entroncamentos importantes do norte, os trens de presos dos territórios libertados, ora das regiões do Báltico, ora da Polônia, ora da Alemanha, chegavam com um ou dois vagões de cadáveres. O que quer dizer que no trajeto tinham o cuidado de transferir os cadáveres dos vagões de vivos para os vagões de mortos. Nem sempre sucedia assim. Na estação de Sukhóbesvodnaia (Unjlag), muitas vezes só ao abrir a porta do vagão, à sua chegada, se sabia quem estava vivo e quem estava morto: não saiu, significa que morreu.

Durante o inverno, a viagem é terrível, e corre-se o risco de morrer, já que a escolta, com as preocupações da vigilância, não tem possibilidade de carregar carvão para vinte e cinco estu-

fas. Mas fazer a viagem no tempo do calor não é melhor: dos quatro postigos, dois estão hermeticamente fechados, o teto do vagão esquenta e em geral a escolta não está disposta a levar água para duas mil pessoas, para não deixar um *stolípin* sem água. Por isso os presos consideram os meses de abril a setembro os melhores para as transferências. Mas, se a viagem demorar *três meses* (Leningrado-Vladivostok, em 1935), ultrapassará o período da melhor estação. E se se prevê que demore tanto tempo, então pensa-se na educação política dos soldados da escolta e na assistência espiritual às almas dos presos: nesses trens, em vagão especial, viaja o *compadre,* isto é, o chefe policial. Ele prepara-se antecipadamente para a viagem, já na prisão, e a distribuição das pessoas pelos vagões não é feita de qualquer maneira, mas segundo uma lista por ele visada. Ele confirma os responsáveis designados para cada um dos vagões, onde é incluído um *dedo-duro* por ele preparado. Nas paradas prolongadas ele arranja um pretexto para chamar um e outro ao seu vagão e pergunta-lhes de que falam no vagão que lhes foi atribuído. Para ele será vergonhoso terminar o trajeto sem resultados, e no caminho inventa e ordena uma nova investigação, e, até ao lugar de destino, urde uma nova sentença para alguns presos.

Maldito seja esse trem vermelho, com o seu percurso direto e sem transbordo! Quem viajou nele jamais o esquecerá. Que cheguemos ao campo quanto antes! Que cheguemos quanto antes!

O homem é esperança e impaciência. Como se no campo de concentração houvesse um chefe policial mais humano ou os dedos-duros não fossem tão desaforados, o que é bem o contrário! Como se à nossa chegada não nos recebessem com as mesmas ameaças e não nos jogassem no chão com os próprios cães: "Sentem-se!" Se já no vagão se introduz a neve, na terra a sua camada é ainda mais grossa. Como se ao mandarem-nos descer já tivéssemos chegado ao nosso destino e não nos conduzissem em vagões de plataformas descobertas por uma linha de bitola estreita. (E como transportar pessoas em plataformas descobertas? Como vigiá-las? Quantos problemas para a escolta. Eis como fazem: ordenam que nos encolhamos, que nos deitemos uns sobre os outros e cobrem-nos com uma lona impermeabilizada, como aos marinheiros de *O encouraçado Potiômkin* para o fuzilamento. E ainda temos de agradecer a lona impermeabilizada! Olieniov e os seus camaradas tiveram de passar, no mês de outubro, no norte, um dia inteiro em plataformas descobertas

(já os tinham embarcado sem haverem enviado a locomotiva). Começou a chover, depois a nevar e os trapos gelavam no corpo dos *zeks.)* O minúsculo trem, durante a marcha, irá atirá-los fora, pois as extremidades da plataforma começam a ranger e a quebrar-se com os solavancos; alguns cairão e ficarão debaixo das rodas. Agora uma charada: numa viagem de cem quilômetros, por bitola estreita, a partir de Dudinka, sob um frio polar e em plataformas descobertas — onde se instalaram os gatunos? Resposta: no meio de cada plataforma, para que o gado os aqueça por todos os lados e não caiam nos trilhos. Justamente. Ainda uma pergunta: o que é que vêem os *zeks* no término desta linha de bitola estreita (1939)? Haverá lá edifícios? Não, nem um só. E abrigos? Sim, mas já estão ocupados, não são para eles. Então vão escavar logo algum abrigo? Não, como hão de escavar no inverno polar, com a terra gelada? Em vez disso, eles vão extrair metal. — E viver? O quê... viver? Ah! viver... Viver em tendas.

Mas haverá sempre que se viajar em linha de bitola estreita? Não, naturalmente. Eis a chegada ao ponto de destino: a estação de Ertsovo, em fevereiro de 1938. Os vagões foram abertos de noite. Ao longo do trem foram acesas fogueiras, à luz das quais se faz o desembarque sob a neve, a contagem, a formação e a recontagem. Trinta e dois graus abaixo de zero. Foram transferidos do Donbass, presos todos no verão, e por isso andam com sapatos comuns e sandálias. Tentam aquecer-se nas fogueiras mas escorraçam-nos: as fogueiras não são para isso, são para iluminar. Logo ao fim dos primeiros minutos, ficam com os dedos enrijecidos pelo frio. A neve entrou no seu calçado de verão e nem se derrete. Não há compaixão; é dada a ordem: "Sentido! Formar! Direita... Esquerda... Marchar!" Ao ouvirem essa habitual voz de comando, vivendo esse momento emocionante, os cães, presos aos cadeados, põem-se a uivar. Os escoltas iniciam a marcha com os seus casacos de pele e os condenados, com as suas roupas de verão, seguem por caminho sem trilho e com neve profunda rumo a algum lugar na lúgubre taiga. À sua frente, nem sequer uma faísca de luz. Resplandecia a aurora boreal — a nossa primeira e certamente a nossa última... Os abetos rangem com o gelo. Os homens descalços seguem pela sua senda de neve com os tornozelos insensíveis.

Eis também a chegada ao Pétchora em janeiro de 1945. ("As nossas tropas conquistaram Varsóvia!... Os nossos combatentes isolaram a Prússia Oriental!") Um campo de neve deserto. Jogados para fora dos vagões, obrigaram-nos a sentar

na neve em grupos de seis, contaram-nos devagar, enganaram-se e voltaram a contar. Fizeram-nos levantar e conduziram-nos durante seis quilômetros por terras virgens nevadas. Transferidos também do sul (Moldávia), todos com calçado de couro. Os cães-lobos seguiam muito perto deles e com as patas empurravam pelas costas os *zeks* da última fila, que recebiam o bafo dos cães na nuca (nesta fila iam dois sacerdotes, um, velho, de cabeça grisalha, o Padre Fiódor Flória, outro, jovem, em que se apoiava, o Padre Viktor Chipoválnikov). Admirem a utilização dos cães! Não, admirem antes o autodomínio dos cães! — pois que vontade sentem de morder!

Finalmente chegaram. O banho de recepção no campo: despiram-se numa casinha e, nus, atravessaram correndo o pátio deserto para se lavarem noutra casinha. Mas agora já se pode suportar tudo: já passamos o tormento principal. Agora, *já chegamos!* Escureceu. E de repente sabe-se: no campo não há lugar e o campo não está preparado para nos receber. Depois do banho formam os homens novamente, procedem à recontagem com cães a toda a volta e, arrastando de novo as suas coisas, eles voltam a andar os mesmos seis quilômetros, mas agora, já em plena noite, caminhando sobre a neve, em sentido inverso, para o seu trem. Com as portas dos vagões abertas durante todo esse tempo, as estufas esfriaram e nelas não ficou nenhum do anterior mísero calor, tendo-se queimado no final da viagem todo o carvão sem haver onde ir buscar mais. Assim, passaram a noite tolhidos de frio; pela manhã deram-lhes peixe seco (se há quem queira beber, que mastigue neve) e conduziram-nos novamente pelo mesmo caminho.

E este ainda foi um caso *feliz!* — pois o campo *existe* e, se não recebe hoje, receberá amanhã. Mas em geral é uma particularidade dos trens vermelhos chegarem a um deserto e o fim da viagem converter-se, não raramente, no dia da inauguração de um *novo* campo, se bem que, à luz da aurora boreal, eles podem pura e simplesmente deixar os homens na taiga e pendurar num abeto uma tabuleta: "Primeiro OLP [2]". Durante uma semana eles mastigarão ali peixe seco e misturarão farinha com neve.

Mas se o campo foi criado duas semanas antes que seja, é já um conforto, pois têm comida quente. Porém, não levando tigelas, a sopa e as papas de cereal são jogadas em lavabos: seis prisioneiros sentam-se em círculo (tampouco há mesas e cadei-

---

2 *OLP — Ponto Independente do Campo. (N. do A.)*

ras) e, dois de cada vez, apóiam-se com a mão esquerda no lavabo e comem com a direita. Estou me repetindo? Não, isso foi em Periebori, em 1937, relato de Lochílin. Não sou eu que me repito, é o Gulag.

Em seguida, designam chefes de brigada, entre antigos reclusos, aos novatos, aos quais rapidamente *ensinam a viver*, a sair de dificuldades, a enganar. A partir da manhã do dia seguinte, para o trabalho, porque o relógio da grande Era anda e não espera. Não confundir com o campo czarista de trabalhos forçados de Akutai, onde há três dias de descanso para os recém-chegados [3].

Floresce gradualmente a economia do arquipélago, estendem-se novos ramais ferroviários e já são transportados prisioneiros por trem para muitos lugares onde ainda recentemente o eram por vias fluviais. Mas os nativos ainda vivos relatam como navegavam pelo rio Ijma em verdadeiras barcaças do tempo dos antigos russos, cem pessoas numa só, em que eles próprios remavam. Como chegavam pelos rios Ukhta, Ussa e Pétchora, ao seu campo. Os *zeks* eram conduzidos a Vorkut em barcaças: numa grande até Adzvavon, onde se situava o ponto de passagem para Vorkutlag, e dali, digamos, até o delta do rio Ussa, que fica próximo, durante dez dias; numa barca pequena, toda ela infestada de pulgas, permitindo a escolta que fosse apenas um de cada vez à coberta sacudir os parasitas para a água. As transferências em barca tampouco eram feitas numa única etapa, tinham interrupções, ora para receber novas cargas, ora para descargas, envolvendo também percursos a pé.

Estes lugares tinham prisões de trânsito próprias, feitas de estacas compridas, de barracas de campanha — Ust-Ussa, Pomozdino, Chelia-Iur. Lá vigoravam os regulamentos especiais de Chelia-Iur. E as regras especiais da escolta, e naturalmente as penas especiais dos *zeks*. Mas não conseguiremos descrever este exotismo, pelo que o melhor é não começar.

O Dviná setentrional, o Ob e o Ienissei sabem quando começaram a transportar presos em barcaças: no período do esmagamento dos *kulaks*. Esses rios fluíam diretamente para o norte, e as barcaças eram barrigudas, de muita capacidade, e só assim foi possível realizar a tarefa de lançar toda essa massa cinzenta da Rússia que vive ao norte sem vida. Atiravam as

---

[3] *P. Iakubóvitch, que também esteve lá. (N. do A.)*

pessoas para o fundo das barcaças, onde ficavam deitadas umas por cima das outras, mexendo-se como caranguejos num cesto. Lá em cima, nos bordos das barcaças, de pé, como sobre rochas, estavam as sentinelas. Às vezes essa massa seguia descoberta, outras era coberta com uma enorme lona impermeável, para que não a vissem ou para melhor a guardarem, não da chuva, naturalmente. O transporte em tal barca não era uma transferência, mas a morte a curto prazo. Além disso, quase não os alimentavam, e, uma vez abandonados na tundra, deixavam mesmo de alimentá-los. Deixavam-nos morrer a sós com a natureza.

As transferências em barcaças pelo Dviná do norte (e pelo Vitchegdá) não terminaram em 1940, e foi assim que A. I. Oleniov foi transportado. Os presos permaneciam apertados, uns contra os outros, *de pé* — e não apenas um dia. Urinavam em frascos de vidro que passavam de uns para os outros e esvaziavam pela vigia; para as demais necessidades funcionavam as calças. Os transportes de presos em barcaças pelo Ienissei organizaram-se solidamente e foram praticados permanentemente durante décadas. Nas suas margens, em Krasnoiarsk, nos anos 30, foram construídos telheiros sob os quais, nas frias primaveras da Sibéria, tiritavam de frio os presos que esperavam um ou dois dias o transporte[4]. As barcaças de transporte do Ienissei têm um porão escuro, permanentemente preparado, de três pisos. Apenas uma luz difusa penetra através do vão da escotilha de saída. A escolta vive numa cabina da coberta. Sentinelas vigiam as saídas dos porões e a superfície da água, não vá alguém atirar-se da barcaça ao rio. A guarda nunca desce ao porão, por maiores que sejam os gemidos e gritos de socorro que de lá venham. E nunca deixa sair os presos para um passeio na coberta. Nas transferências dos anos 37-38 e 44-45 (e supomos que nos anos intermédios) não era prestada qualquer assistência médica aos presos dos porões. Os presos estão estendidos uns ao lado dos outros em duas filas: numa com a cabeça contra o casco, e na outra com os pés na cabeça dos da primeira fila. A passagem para as latrinas só é possível por cima das pessoas. Nem sempre permitem tirar os baldes a tempo (imagine-se o transporte do recipiente com as imundícies por uma íngreme escada acima!), e, se ficaram demasiado cheios, o líquido derrama-se pelo solo da galeria e escorre para as galerias inferiores. E as pessoas estão deitadas. Dão de comer e fazem a distribui-

[4] *V. I. Lênin, em 1897, embarcou no* São Nicolau, *no porto de passageiros, como homem livre. (N. do A.)*

ção da sopa em baldes, levados por auxiliares, também presos, e ali, em trevas eternas (talvez hoje haja luz elétrica), à "luz de morcegos", repartem a comida. Uma etapa assim, até Dudinka, dura às vezes um mês inteiro (hoje, certamente, podem fazê-la numa semana). Por causa dos bancos de areia e outros obstáculos para a navegação, a viagem podia prolongar-se, as provisões terminavam e, nesse caso, durante muitos dias não havia o que comer (naturalmente, eles não se incomodavam com o seu jejum).

O leitor perspicaz pode imaginar o resto sem a ajuda do autor. Como é natural, os delinqüentes comuns ocupam o andar superior e os lugares próximos da abertura, isto é, do ar e da luz. Eles têm acesso à distribuição de pão tantas vezes quanto necessário, e se durante a travessia a vida fica difícil, eles se apropriam tranqüilamente da provisão das despensas. Matam o tempo jogando cartas, que eles mesmos fabricam[5], e roubam os pertences de seus companheiros de viagem, revistando para isso até o último canto do barco. Quando os objetos assim reunidos já mudaram de mão várias vezes no jogo, são enviados aos guardas. O leitor adivinhou: estes estão mancomunados com os ladrões, e quando não reservam para si as coisas roubadas, vendem-nas nos pontos de parada, e em troca fornecem comida aos ladrões.

E não há resistência? Sim, porém raramente. Eis um caso ocorrido num barco semelhante mas maior, para navegação marítima. Em 1950, durante uma travessia de Vladivostok à ilha de Sakhalin, sete homens condenados pelo artigo 58 opuseram resistência aos ladrões. Os delinqüentes, em número de oitenta, todos com facas, haviam já depenado os prisioneiros em trânsito procedentes da prisão *três-dez,* de Vladivostok. São verdadeiras aves de rapina, tanto quanto os carcereiros. Conhecem todos os esconderijos possíveis, ainda que sempre escape algum. Com o objetivo de apurar bem todas as possibilidades, pouco depois do embarque fizeram correr o aviso: "Quem tiver dinheiro pode comprar fumo". Ouvindo isso, Micha Gratchov tirou três rublos que trazia bem escondidos. O delinqüente Volodka, o Tártaro, então o provocou: "Então não vai pagar o imposto, sem-vergonha?" E quis tomar-lhe o dinheiro. Um suboficial do Exército, Pável (de sobrenome desconhecido), afastou-o com um empurrão. Volodka, o Tártaro, deu-lhe um murro na testa, mas Pável

5 *A cena é descrita em detalhe por V. Chalámov em suas* Narrativas do mundo do crime. *(N. do A.)*

derrubou-o. Nesse momento, saíram para a briga entre vinte e trinta ladrões, mas em volta de Gratchov e Pável havia se formado uma barreira defensiva. Ali estavam: Volódia Chpakov, ex-capitão do Exército, Serioja Potápov, Volódia Reunov e Volódia Tretíukhin, todos eles antigos suboficiais, e Vássia Kravtsov. Que aconteceu? Apenas uma escaramuça. Talvez devido à intrínseca covardia dos criminosos — que sempre se oculta atrás dos rompantes de coragem e desenvoltura —, ou à proximidade das sentinelas (a cena se passou sob os olhos de uma escolta), cuja missão social mais importante consistia em chegar antes dos *honrados ladrões* à prisão de Aleksándrovsk (descrita por Tchékhov *) e dos campos de trabalho de Sakhalin, o certo é que os criminosos retrocederam e se limitaram a ameaçá-los: "Quando desembarcarmos, nós os faremos em pedaços!" (Não houve nenhuma batalha e ninguém foi feito em pedaços. Na prisão de Aleksándrovsk os bandidos tiveram uma surpresa desagradável: os *honrados ladrões* já estavam ali firmemente estabelecidos.)

Os barcos que faziam a viagem a Kolimá eram muito parecidos com balsas de carga, mas de tamanho maior. Por estranho que pareça, ainda estão vivos alguns dos prisioneiros que, na primavera de 1938, foram deportados na célebre missão do quebra-gelos *Krássin*. Este abria caminho por entre os gelos primaveris para outros quatro barcos: o *Djurma*, o *Kulu*, o *Nevostroi* e o *Dniéprostroi*. Também os sujos e frios porões estavam divididos em três andares, mas em cada um deles havia catres de madeira. Nem tudo estava às escuras: aqui e ali havia lampiões ou lâmpadas de óleo. Também se podia passear pelo convés, por turnos. Cada barco levava de três a quatro mil homens. A travessia durou mais de uma semana, e o pão embarcado em Vladivostok começou a mofar. A ração se reduziu de seiscentos a quatrocentos gramas. Havia peixe, mas quanto a água potável... bem, deixemos de rodeios, houve com a água *dificuldades transitórias*. Quanto ao resto, as travessias marítimas se distinguem das fluviais pelas tempestades e conseqüentes enjôos. Os homens, extenuados, jazem em meio a um repugnante charco de vômito que impregna tudo. Durante a viagem, ocorreu um curioso interlúdio político. Os barcos tinham que cruzar o estreito de La Pérouse, perto das ilhas do Japão. Para isso, as metralhadoras desapareceram dos mirantes, os homens da escolta vestiram-se à paisana, fecharam-se as saídas dos porões e proibiu-se a subida ao con-

---

* *Em sua obra* A ilha de Sakhalin. *(N. do T.)*

vés. Nos documentos de bordo, fizeram constar, em Vladivostok, que não se transportavam prisioneiros — meu Deus! —, mas apenas trabalhadores devidamente contratados. Grande número de pequenas embarcações japonesas rodearam a caravana sem nada suspeitar. Em outra viagem, em 1939, aconteceu no *Djurma* o seguinte: alguns delinqüentes comuns se introduziram no depósito, roubaram o que quiseram e atearam fogo no resto. E isto sucedeu muito perto da costa do Japão. Ao verem sair fumaça do *Djurma,* os japoneses ofereceram ajuda, mas o capitão dispensou-a, *não permitindo sequer que se abrissem as escotilhas.* Quando os japoneses foram perdidos de vista, jogaram-se ao mar os cadáveres dos que haviam morrido asfixiados pela fumaça. Quanto aos víveres, chamuscados e deteriorados, foram entregues nos campos para servir de ração aos reclusos [6]. Em frente a Magadan, a caravana ficou retida pelo gelo. Nem sequer o *Krássin* conseguiu passar (ainda era inverno, muito cedo para navegar por aqueles mares, mas necessitava-se com urgência de mão-de-obra). A 2 de maio, sem conseguirem atracar, os prisioneiros desembarcaram no gelo. Aos olhos dos recém-chegados se ofereceu a paisagem de Magadan, que nada tinha de excitante na ocasião: áridas montanhas vulcânicas, nenhuma árvore ou arbusto, nenhum pássaro, algumas cabanas de madeira e o prédio de dois andares do Dalstroi. Continuando a farsa da *reeducação,* isto é, fazendo crer que não se entregavam sacos de ossos destinados a atapetar os auríferos campos de Kolimá, mas cidadãos soviéticos momentaneamente isolados, com possibilidade de voltar um dia à vida ativa, havia música na recepção. A orquestra de Dalstroi tocava marchas e valsas, enquanto os homens semimortos, no limite do sofrimento, desfilavam sobre o gelo em triste cortejo, arrastando sua bagagem moscovita (essa leva, eminentemente política, quase não tinha tido contato com delinqüentes comuns) e carregando nos ombros os que não podiam andar, reumáticos ou amputados (nem sequer os mutilados podiam escapar ao cumprimento da pena).

Mas vejo que começo a me repetir, que logo será aborrecido escrever e monótono ler, pois o leitor já sabe a seqüência: percurso em caminhões por centenas de quilômetros, viagem a pé

---

6 *Desde então várias décadas transcorreram, e, apesar dos acontecimentos registrados nos mares do mundo, pelos quais parece que já não navegam os* zeks, *os cidadãos soviéticos têm sido vítimas de catástrofes. E pensar que por causa desse mesmo* segredo, *em conjunto com o orgulho nacional, recusamos toda ajuda externa! Ainda que nos comam os tubarões, não aceitamos a mão que nos estendem. O* segredo *é o nosso câncer. (N. do A.)*

por mais algumas dezenas, instalação de novos campos de trabalho, e trabalho desde o primeiro momento, comendo peixe, farinha, mastigando neve. E dormindo em tendas.

Sim, é verdade. Mas antes, em Magadan, todos serão alojados em tendas polares, submetidos a reconhecimento, a fim de determinar sua capacidade de trabalho pelo estado de seu traseiro, e todos serão declarados aptos. Depois, serão levados ao banho, despojados de seus abrigos de couro, de suas peles de carneiro Romanov, de suas jaquetas de lã, de seus trajes feitos sob medida e de suas botas de couro ou de feltro (pois não se tratava de pobres mujiques mas de altos chefes do Partido, jornalistas, diretores de empresas, administradores, funcionários, professores de economia política que, já no início dos anos 30, haviam aprendido a apreciar boas roupas). "Quem vai guardar tudo isso?", perguntam os novatos, inquietos. "E quem precisa dessas coisas?!", responde o pessoal ofendido. "Podem entrar tranqüilos." E eles entram. Mas têm que sair por outra porta, e ali recebem uma blusa e uma calça de algodão preto, uma bata campestre sem mangas, e sapatos de couro de porco (não, não é uma bobagem, isso significa o adeus à vida de antes, aos cargos, às vaidades). "E nossas coisas?", perguntam eles surpresos. "Suas coisas ficaram em casa!" grita-lhes um chefe qualquer. "No campo não há nada de *seu*. Aqui impera o *comunismo*. O primeiro, adiante!"

E, se é de *comunismo* que se trata, o que poderiam objetar? Não lhe haviam consagrado toda a existência?. . .

Havia ainda outros transportes: em carretas e a pé. Todos se recordam quando, em *Ressurreição,* a tropa foi conduzida, numa manhã ensolarada, da prisão até a estação*. Mas, em Minussinski, em 194. . ., depois de um ano sem deixar ninguém sair ao pátio para passear, um dia os tiraram do cárcere, puseram-nos em fileiras e obrigaram-nos a caminhar *vinte e cinco quilômetros* até Abakan. Os homens tinham perdido o hábito de andar, de respirar ar puro, de ver a luz do sol. Pelo caminho, morreram uns doze. Não se escreverá sobre isso uma grande novela, nem sequer um capítulo. Pois quem vive diante do cemitério não pode chorar por todos.

A transferência a pé é a precursora da deportação em massa

* Ressurreição, *segunda parte, capítulo 36. (N. do T.)*

por estrada de ferro, do *stolípin* e do vagão vermelho. Em nossos dias, ela é cada vez menos freqüente, ocorrendo apenas quando é impossível o transporte mecânico. Assim se procedeu com os prisioneiros durante o cerco de Leningrado. Até chegar onde esperavam os trens vermelhos, tinha-se que atravessar o lago Ládoga (as mulheres caminhavam junto aos prisioneiros de guerra alemães, e afugentavam com baionetas nossos homens, para que não lhes tirassem o pão. Quem desmaiasse era imediatamente despojado do sapato e, estivesse vivo ou morto, jogado em um caminhão). Também houve transportes a pé, nos anos 30, no campo de trânsito de Kotlas: saíam diariamente levas de cem homens até Ust-Vim (cerca de trezentos quilômetros) ou até Tchibiú (mais de cinqüenta). Uma vez, em 1938, também seguiu a pé um grupo de mulheres. Faziam vinte e cinco quilômetros por dia. Os soldados da escolta, com dois cães, empurravam as retardatárias com os canos dos fuzis. É de supor que os pertences dos presos, a cozinha e os víveres seguiam a coluna em carretas, o que estabelece semelhança com as clássicas caravanas de presos do século passado. Não faltavam sequer os albergues noturnos, casas abandonadas em ruínas por camponeses deskulakizados, ou isbás sem portas nem janelas. A administração de Kotlas calculava as provisões para a duração teórica da viagem, para uma marcha sem incidentes, nem um dia a mais (princípio básico de todos os nossos cálculos). Em caso de atraso no caminho, as rações eram esticadas, servindo-se aos presos uma beberagem de farinha de centeio sem sal, ou absolutamente nada. Nisto, há um certo desvio em relação aos clássicos.

Em 1940, a caravana de Oleniov teve que cruzar a taiga a pé, desde Kniaj-Pogost até Tchibiú, sem comida alguma. Para beber, água dos pântanos. Minadas pela disenteria, as pessoas caíam desmaiadas: os cães estraçalhavam as roupas dos caídos. Em Ijmá, colhiam peixe com as calças e os comiam crus. (E, ao chegar a uma clareira do bosque, recebiam a ordem: "Aqui vocês vão construir a linha férrea Kotlas-Vorkut!")

Em muitos outros pontos de nosso norte europeu, os transportes a pé prosseguiam, até que, pelas linhas construídas pelos presos dos primeiros anos, começaram a rodar os trens vermelhos cheios de deportados da segunda leva.

Os transportes a pé têm sua própria técnica, que se desenvolveu nos lugares onde são freqüentemente empregados. Suponhamos uma caravana sendo conduzida pelos atalhos da taiga, de Kniaj-Pogost a Vesliana: de súbito cai ao solo um prisioneiro e não pode continuar. O que fazer? Pensem bem. Deter a marcha

da coluna inteira? Também não se pode deixar uma sentinela ao lado de cada retardatário ou de cada um que desmaia. Os soldados escasseiam, e os presos não. De modo que... o soldado se atrasa um pouco, e em seguida se reúne à coluna, desta vez sozinho.

Os transportes a pé entre Karabás e Spassk se converteram em uma longa rotina. Deviam cobrir somente uns trinta e cinco ou quarenta quilômetros, mas tinham que fazê-lo num só dia, com mil homens ao mesmo tempo, muitos deles debilitados. Nesse caso, é de prever que muitos cairão pelo caminho, indiferentes à ameaça de morte. Disparar contra eles? Não temem a morte, mas talvez temam o porrete, o incansável porrete que bate sem parar... Pois bem, já se levantam! Nunca falha, está demonstrado. Por isso, a coluna de presos tem uma escolta de soldados com metralhadoras, que se mantém a uma distância de cinqüenta metros, como também outra fila interna de soldados, sem fuzil, mas munidos de porrete. Os retardatários apanham (como havia previsto o Camarada Stálin *); chovem porretadas, eles perdem as forças mas continuam andando e, milagrosamente, chegam ao seu destino. Ignoram que se trata da *prova do porrete,* e aqueles que, apesar dos golpes, não se levantam, são recolhidos pelas carretas que acompanham a certa distância. É um exemplo de organização! Parece justificado perguntar: "Por que não carregá-los todos nas carretas?" Mas onde arranjar veículos e cavalos para tanta gente? Hoje, temos tratores. E, além disso, como é cara a aveia! Esse sistema de transporte esteve no auge nos anos de 1948 a 1950.

Durante os anos 20, ainda se recorria bastante aos transportes a pé. Eu era uma criança, mas me lembro perfeitamente de tê-los visto passar pelas ruas de Rostov. Agora me dou conta de que a conhecida ameaça: "...abrir fogo sem aviso prévio" soava de modo diferente, porque a técnica também era diferente, e os soldados da escolta estavam armados geralmente com sabres. Diziam: "Um passo em falso e a escolta saca e golpeia!" Isto soa realmente bem: "Saca e golpeia!" Até se visualiza uma cabeça cortada por um golpe de sabre.

Ainda em fevereiro de 1936 passou pelas ruas de Nijni-Novgórod uma caravana de velhos de além-Volga, com suas longas barbas, mantos tecidos a mão, sandálias de corda e altas polainas, a própria "Rússia decadente"... De repente cruzam

---

* *Alusão a uma célebre fórmula de Stálin (discurso de fevereiro de 1931), referindo-se aos países atrasados. (N. do T.)*

a estrada três automóveis. Num deles vai Kalínin, presidente do Comitê Executivo Central. A coluna foi detida. Kalínin passou, sem demonstrar o menor interesse.

Feche os olhos, amigo leitor. Ouve o ranger das rodas? São os *stolípin* que passam. São os trens vermelhos que passam. A cada minuto do dia e da noite. A cada dia do ano. E esta água que marulha? São os barcos de detentos que vagam. E os motores dos "tintureiros", observe como roncam. Desembarca-se, embarca-se, translada-se sem cessar. E este rumor? As celas superlotadas das prisões de trânsito. E estes gritos? Os prantos das pessoas roubadas, violentadas, espancadas.

Passamos em revista todos os modos de transporte e concluímos que todos são péssimos. Fizemos a ronda pelas prisões de trânsito, sem descobrir nenhuma boa. E a última esperança do homem, de que as coisas ficarão mais suaves e de que no campo será melhor, mesmo essa esperança resulta vã.

No campo, será pior.

IV DE ILHA EM ILHA

Mas também se transportam os *zeks* de ilha em ilha, por meio de solitários botes. Isso tem o nome de *escolta especial.* É a forma de transporte menos opressiva, parece quase uma viagem comum, mas poucos desfrutam dela. Apesar disso, em minha vida carcerária, tive três oportunidades de viajar assim.

A escolta especial se forma por decisão de alguma personalidade eminente. Não devemos confundi-la com a *designação especial,* decretada também nas altas esferas da autoridade. Comumente, o prisioneiro de designação especial viaja em condições normais de transporte, ainda que possa desfrutar de maravilhosos itinerários. Assim viajou, por exemplo, Ans Bernchtein, em designação especial de caráter econômico, do norte até o baixo Volga. Tal travessia está cheia de situações indescritíveis: humilhações, ladridos de cães, pontadas de baionetas, com o rugido habitual: "Direita, volver; esquerda, volver!. . .", até o súbito desembarque na pequena estação de Zanzevatka. Ali o espera um guarda lacônico, somente um, que não carrega nem mesmo fuzil, e boceja: "Bom, você passará a noite em casa. Enquanto isso, pode dar um passeio por aí. Amanhã eu o levarei ao campo". E Ans dá o *passeio.* Você compreende o que significa *dar um passeio* para quem passou dez anos no cabresto e se despediu da vida inúmeras vezes? Para quem, naquela manhã, veio no *stolípin,* e que estará no campo no dia seguinte? Assim, ele empreende sua caminhada e se detém para contemplar como ciscam as galinhas no jardim da estação, e como, antes de voltar para casa, diversas camponesas recolhem a manteiga não vendida no trem e os melões que sobraram. Ans dá três passos, quatro e até cinco, sem ouvir nenhuma voz de "Alto!", acaricia as folhas de acácia com os dedos incrédulos e chega à beira das lágrimas.

A escolta especial é uma completa maravilha, do primeiro ao último dia. Aqui você escapa ao transporte em massa, não precisa colocar as mãos para trás, nem sentar-se no chão ou desnudar-se, nem mesmo passar pela revista. A escolta se comporta amistosamente, chegam até a falar com você. Está claro que algumas advertências são feitas: "Se tentar fugir, dispararemos como de costume. Nossas pistolas estão em nossos bolsos, carregadas. Mas é preferível viajar com tranqüilidade, não? Se você agir com naturalidade, ninguém notará que você é

um detento". (Rogo expressamente ao leitor observar que neste caso, como sempre, os interesses do indivíduo coincidem plenamente com os do Estado.)

Naquele dia, minha vida de recluso experimentou uma repentina mudança, quando, ao toque de trabalhar, iniciei a labuta diária com meus dedos tortos (pelo manejo das ferramentas, eles ficaram incapazes de se dobrar), na brigada de carpinteiros, e notei que o capataz me dirigia a palavra com desusada cortesia: "Sabe, por decisão do ministro do Interior. . ."

Pelo que parecia, eu devia permanecer ali enquanto os demais trabalhadores abandonariam a zona. Logo me vi rodeado de "dissimulados". Alguns disseram: "Vão lhe aplicar uma pena suplementar", e outros: "Vão soltá-lo". Mas todos concordaram num ponto: impossível consultar o Ministro Kruglov. Então, meu pensamento começou a oscilar também, entre uma nova pena e a libertação. Esqueci por completo que, meio ano antes, havia chegado ao campo um tipo que nos fez preencher uns cartões de registro do Gulag (haviam começado a fazer isso depois da guerra nos acampamentos mais próximos, e é pouco provável que tenham terminado). A pergunta mais importante daquele questionário era referente à profissão. E os condenados, para dar-se valor, anotavam as qualificações mais cotadas nos campos: "barbeiro", "alfaiate", "padeiro". Por mim, fechando os olhos, escrevi: "especialista em física nuclear". Jamais o fora, simplesmente assisti, antes da guerra, a um curso sobre o tema, e tomei conhecimento das partículas atômicas e seus respectivos parâmetros. Então resolvi responder daquela maneira. Isso aconteceu em 1946, quando tínhamos grande necessidade da bomba atômica. Mas não dei muita importância àquela ficha e a esqueci.

Nos campos circula uma lenda velada, que não merece crédito e que ninguém pôde confirmar. Ao que parece, existem diminutas *ilhas paradisíacas* em alguma região deste arquipélago. Não há quem as tenha visto, e se alguém delas regressou procura guardar segredo. Segundo se diz, são ilhas onde corre o leite e o mel, ilhas onde um *zek* se alimenta pelo menos com nata e ovos. Ali reina a limpeza, a temperatura é amena, e o trabalho é do tipo intelectual e supersecreto.

E foi precisamente numa dessas ilhas paradisíacas (na gíria dos campos, "baús" ou *charachkas)* que eu fui parar, na metade da minha pena. Devo a isso o fato de ter permanecido vivo: nos campos eu não teria podido sobreviver por oito intermináveis anos. Também por isso pude escrever estas memórias, embora não haja lugar para elas neste livro (um romance já lhes foi

consagrado*). Foi justamente ao deixar essas ilhas — da primeira à segunda, da segunda à terceira — que fui transferido sob escolta especial: eu e dois guardas.

Por vezes, as almas dos mortos nos rondam e vigiam, adivinham sem dificuldade nossos mínimos desejos, enquanto não podemos sequer suspeitar de sua presença incorpórea. Pois bem, isso se aplica à viagem com escolta especial.

Você emerge para a vida *livre,* perambula pela sala de espera, examina com olhar ausente os avisos que já não podem prejudicá-lo. Depois, senta-se em um velho sofá para viajantes, ouve estranhas e fúteis conversas: um marido espancou sua mulher, ou então a abandonou; uma sogra, quem sabe por quê, se desentendeu com sua nora; os vizinhos desperdiçam eletricidade e, para completar, não limpam os pés. Alguém se atravessou no caminho do outro, e alguém mais prometeu a quem quer que seja um bom emprego, mas noutra cidade. E como fazer para suportar tantas besteiras? Isso não é uma insignificância? Enquanto você ouve tudo isso, sente um súbito calafrio causado pela resignação: percebe, com clareza, a verdadeira medida de todas as coisas no mundo circundante! A medida de todas as fraquezas e paixões! E essa percepção é vedada aos pecadores ao seu redor. Somente você, o incorpóreo, vive realmente, de verdade; os demais, esses infelizes, crêem estar vivos mas se equivocam.

O abismo entre nós é intransponível! Impossível exortá-los ou acusá-los, tomá-los pelos ombros e sacudi-los: você é espírito, um fantasma, e eles, corpos materiais.

Como fazê-los compreender (por uma iluminação? por uma aparição? em sonho?): Irmãos! homens! Para que a vida lhes foi dada? No meio de uma noite escura, abrem-se as portas das câmaras da morte e seres humanos de almas grandiosas se encaminham para o fuzilamento. Nesse mesmo instante, a essa mesma hora, tais criaturas viajam por todas as estradas de ferro do país; depois de engolir um arenque, passam a língua pelos lábios ressequidos, sonham com o prazer de estirar as pernas, de ficar tranqüilos após ter feito suas necessidades. Em Orotukan, a terra derrete só até um metro de profundidade, e apenas durante o verão; só então é possível enterrar ali os despojos dos que morreram durante o inverno. Mas vocês têm sobre suas cabeças o céu azul e, sob o cálido sol, o direito de decidir seu próprio destino, beber água, sentar esticando as pernas, viajar

* O primeiro círculo. *(N. do T.)*

para onde queiram. Que história é essa de sapatos sujos, e qual a importância da sogra? Querem que lhes revele agora o segredo mais essencial da vida? Não persigam o enganoso, nem as posses, nem os títulos: tudo isso se paga à custa dos nervos, década após década, e numa só noite pode ser confiscado. Vivam com serena superioridade perante a vida... Não temam a desdita nem anseiem pela felicidade, pois ambas as atitudes vêm a ser o mesmo. A amargura não se prolonga eternamente, e a medida do prazer nunca se completa. Alegrem-se se não tremem de frio, se as garras da fome e da sede não dilaceram suas entranhas. Vocês não têm a espinha quebrada, suas duas pernas andam, seus dois braços se dobram, seus dois olhos enxergam e seus dois ouvidos escutam — quem poderiam vocês invejar? E por quê? A inveja é o que mais nos tortura. Esfreguem bem os olhos, purifiquem seus corações, então poderão aquilatar perfeitamente quem verdadeiramente lhes quer e deseja seu bem. Não lhes façam nenhum mal, não pronunciem palavras malévolas contra eles, não permitam que as brigas os separem, pois quem pode saber se este não é o seu último ato antes de serem presos? e isso lhe pesará na memória!...

Mas os guardas acariciam as negras culatras de suas pistolas. Estamos sentados num banco, lado a lado, três sóbrios companheiros, pacíficos amigos.

Esfrego a testa, cerro os olhos e vejo, ao entreabri-los, o mesmo sonho: uma multidão sem escolta. Sei com certeza que esta noite ainda dormirei numa cela e amanhã o farei novamente. O que pretende esse cobrador com sua perfuradora? "Bilhetes! O do rapaz aí!"

Os vagões estão repletos (bem, repletos segundo o conceito dos homens *livres:* ninguém deitado debaixo dos bancos, ninguém sentado no chão do corredor). Advertiram-me para agir com discrição. Eu me atenho à recomendação e, tendo visto no compartimento mais próximo um assento vago junto à janela, ocupo-o sem hesitação. Mas não há lugar para os meus guardas nesse compartimento. Ambos se acostam junto à entrada e me observam com afeto. Em Periebori, desocupa um lugar na minha frente, mas um rapaz de cara grande consegue ocupá-lo antes do meu guarda. Traz um gorro de pele e uma mala de madeira, simples mas sólida. Essa valise, eu a reconheço: fabricação dos campos — *made in* Arquipélago.

"Uff!", lamenta-se o moço. Apesar da penumbra observo que seu rosto está congestionado. Deve ter tido alguma briga ao subir. O homem tira uma garrafa e diz: "Quer um trago

de cerveja, camarada?" Sei que meu guarda está tremendo de apreensão: não me é permitido beber álcool, é uma proibição estrita! Mas... devemos comportar-nos discretamente: "Não iria mal, obrigado". (Cerveja! cerveja! cerveja! três anos sem uma só gota! amanhã poderei vangloriar-me na cela: "Tomei cerveja!") O tipo me estende a garrafa e, tremendo, tomo um gole. Está escurecendo. O vagão não tem luz: misérias do pós-guerra. Na velha lanterna fixada ao trinco da porta arde um resto de vela para iluminar quatro compartimentos: os dois de trás e os dois da frente. Conversamos agradavelmente, o rapaz e eu, quase sem nos vermos um ao outro. Meu guarda se inclina quase até cair, mas não ouve nada por causa do barulho das rodas. Levo escondido no bolso um cartão-postal para casa. Dentro de um instante revelarei minha identidade ao interlocutor bonachão e lhe pedirei para colocá-lo em qualquer caixa do correio. A julgar por sua maleta, também esteve preso. Mas ele se antecipa: "Quanto me custou conseguir esta permissão! Não me deixaram sair durante dois anos. Que diabo! Um trabalho do cão. Não sabe qual? Sou um *Asmodeu**, veja minhas dragonas azuis. Nunca viu isso, não?" Que desgraça! Como não me ocorreu isso antes? Periebori é o centro do Volgolag, e esse sujeito deve ter roubado a valise dos prisioneiros, que seguramente a fabricaram de graça. Como se entrelaçam nossas vidas! Dois Asmodeus em dois compartimentos do trem. Como se não bastasse, talvez um terceiro venha sentar-se e um quarto esteja agachado em qualquer canto! Ou talvez um em cada compartimento! Então cabe perguntar quantos de nós viajam sob escolta especial...

Meu interlocutor lamenta seu destino sem parar. Então, enigmático, lhe observo: "E você supõe que a vida é mais fácil para aqueles que você vigia, aqueles condenados a dez anos por nada?" De pronto ele se cala e não diz mais nada até de manhã: antes ele havia vagamente vislumbrado na penumbra que eu vestia um traje tipo militar, capote ou túnica. Ele se dizia um simples soldado em licença, mas sabe Deus agora quem poderia ser. E eu, não seria um agente secreto? que caça fugitivos? Que faço eu aqui? E ele discorrendo sobre os campos em minha presença... O resto de vela extingue-se mas ainda brilha. No porta-bagagens, um jovem de voz agradável fala da guerra, da verdadeira, da que não se fala nos livros; conta que trabalhou com

---

* *Da expressão talmúdica* aschmedai: *espírito maligno, demônio. Em gíria russa das prisões: vigilante. (N. do T.)*

engenheiros e cita casos autênticos. Que alegria ver a verdade sem barreiras penetrar, apesar de tudo, em certos ouvidos! Eu também poderia contá-la. Gostaria mesmo de contá-la!... Mas, não, não posso mais. Meus quatro anos de guerra se esfumaram. Não creio mais que tudo isso tenha acontecido. Não quero me lembrar. Dois anos *aqui,* dois anos de arquipélago, eclipsaram para mim as rotas do *front,* sua camaradagem e tudo o mais. Um prego empurra o outro.

Eis que, passadas poucas horas em meio aos *homens livres,* sinto a boca emudecida. Nada tenho a fazer entre eles. É disto aqui que eu faço parte. Quero uma palavra livre! Quero voltar à minha pátria! Para casa, no meu arquipélago.

Pela manhã, eu *esqueço* o cartão-postal sobre a prancha do alto. Quando o responsável pelo vagão vier limpá-lo, o colocará no correio, pois afinal ele é um ser humano! Saímos da estação do Norte para a praça. Meus guardas demonstram, mais uma vez, ser principiantes que não conhecem Moscou. Eu decido por eles e tomamos o bonde "B". Há grande alvoroço no ponto de parada e por toda a praça. É hora de ir para o trabalho. Um dos guardas sobe até o condutor e lhe mostra o seu cartão do MVD. Qual delegados do Mossoviet *, ficamos de pé, com ar de importância, na plataforma dianteira, sem necessidade de pagar a passagem.

Aproximamo-nos da Rua Novoslobódskaia e descemos. Pela primeira vez vejo a prisão de Butirki de fora, embora seja minha quarta entrada aqui e eu possa, sem dificuldade, desenhar a planta do interior. Ah! Eis o muro de aspecto ameaçador contornando os imensos blocos! O coração dos moscovitas se paralisa diante da visão daqueles portões de aço que se abrem lentamente. Mas abandono sem remorso as calçadas de Moscou, e quando passo pela guarita abobadada é como se voltasse para casa. Sorrio no primeiro pátio, pois reconheço imediatamente a familiar porta entalhada da entrada principal, e não me desagrada nem um pouco que logo depois me coloquem de cara contra a parede, para disparar suas monótonas perguntas: "Sobrenome? Nome e patronímico? Data do nascimento?"

Meu nome!... Sou o Errante das Estrelas! Meu corpo está agrilhoado, mas minha alma não pode ser presa**.

Sei que depois de várias horas de manipulações inevitáveis

---

* *Mossoviet: Soviete de Moscou. (N. do T.)*

** *Alusão ao herói do romance de Jack London* O errante das estrelas. *(N. do T.)*

com meu corpo — entrada num boxe, revista, entrega de recibos, preenchimento de uma ficha de ingresso, desinfecção e banhos — serei conduzido a uma cela com duas cúpulas e um arco central (todas as celas são idênticas), com dois janelões e um armário com mesa em uma só peça. Ali encontrarei indivíduos desconhecidos para mim, mas sem dúvida interessantes, sagazes, amistosos, e eles me contarão coisas e eu lhes contarei outras, e ao chegar a noite não terei vontade de dormir.

Nas vasilhas de lata, está gravado um nome (para que ninguém as leve para o campo): "Bu Tiur" *. Sanatório Butiur, assim o chamávamos de brincadeira. Um sanatório pouco conhecido entre os dignitários obesos que desejam emagrecer. Eles vão com suas panças ao balneário de Kislovodks, marcham dois ou três quilômetros por trilhas indicadas, fazem flexões, transpiram durante um mês para perder dois ou três quilos. No sanatório Butiur, ao alcance da mão, qualquer um deles poderia perder facilmente oito quilos por semana, sem exercício.

É fato comprovado. Sem exceções.

Uma das descobertas feitas na prisão é de que o mundo é pequeno, muito pequeno. Certamente, o número de habitantes do arquipélago, cujas fronteiras se estendem por toda a União Soviética, é muito inferior à sua população. O número exato é algo imponderável. Admite-se que nos campos nunca há *simultaneamente* mais de *doze* milhões [1] (quando alguns morrem, o próprio sistema se encarrega de suprir as baixas). Desse número, os presos políticos não perfaziam mais do que a metade. Seis milhões? Um pequeno país, como a Suécia ou a Turquia, onde todos se conhecem. Nada a estranhar, pois em cada cela da prisão de trânsito basta ouvir um pouco e trocar algumas palavras com os companheiros para encontrar infalivelmente amigos comuns. (Vejam, por exemplo, o caso de D.: um ano incomunicável, em solitária, depois a prisão de Sukhánovka, onde Riúmin quase o matou de pancada, o hospital; em seguida, uma cela na Lubianka, onde bastou dizer seu nome para que o perspicaz F. lhe replicasse: "Ora, ora! eu o conheço!" D., amedrontado: "De onde? Você está enganado!" "De modo algum; você é o americano Alexander D., o seqüestrado, como publicou

* *Bu Tiur:* Butírskaia Tiurma, *prisão de Butirki. (N. do T.)*

1 *Segundo a documentação dos social-democratas Nikoláievski e Dalin, houve entre quinze e vinte milhões de detentos. (N. do A.)*

a mentirosa imprensa burguesa, que a Tass desmentiu. Eu estava em liberdade e li essa história.")

Costumo passar bons momentos quando trazem um novato para a cela. (Não tem nada de novato, apesar do ar furtivo e aturdido; é um veterano.) Também me diverte entrar numa nova cela (Deus queira que nunca mais tenha que fazê-lo), com um sorriso despreocupado, saudando com a mão erguida: "Olá, camaradas!" E em seguida perguntar, enquanto jogo a sacola sobre o catre: "Bem, que houve de novo em um ano em Butirki?"

Fizemos as apresentações. Um rapaz, Suvorov, artigo 58. (À primeira vista, nada de notável, mas atenção: na mesma cela que ele, na prisão de trânsito de Krasnoiarsk, esteve um certo Makhotkin. . .)

— Com licença, não era o aviador das regiões polares?

— Sim, sim! seu nome foi dado. . .

— . . . a uma ilha do golfo de Taimir. Ele também foi condenado pelo artigo 58, parágrafo 10. Diga-me, já o mandaram para Dudinka?

— Sim, como sabe?

Formidável. Mais um elo na biografia desse Makhotkin, que me era totalmente desconhecido. Nunca o encontrei, e talvez jamais o faça, mas a minha memória ativa registrou tudo quanto sei dele: Makhotkin recebeu *dez anos,* mas a ilha não pôde ser rebatizada, pois figura em todos os mapas do mundo (claro, não é uma ilha do Gulag). Recrutado para a *charachka* aeronáutica de Bolchino, ali não suportou a estada entre os engenheiros, pois era um aviador e não o deixavam voar. A *charachka* foi dividida em duas; Makhotkin dirigiu-se para a metade de Taganrog, quando acreditam tê-lo perdido de vista. Na outra metade, a de Ribinsk, contaram-me que o rapaz se havia oferecido para fazer vôos no extremo norte. Agora sei que efetivamente lhe concederam autorização. Embora esses dados não me sirvam de nada, eu os anoto. E, dez dias depois, numa cabina de banho na prisão de Butirki (existem aqui ótimas cabinas com torneiras e bacias, para não superlotar os banheiros), encontro-me agora com um tal R., que também não conheço. Mas acontece que R. me revela ter passado meio ano na enfermaria de Butirki e que agora partirá para Ribinsk. Dentro de três dias, quando chegar àquela caixa hermeticamente fechada onde são cortadas todas as ligações dos prisioneiros com o mundo exterior, saberão que Makhotkin está em Dudinka e ali terão também notícias de meu destino ulterior. Assim é o correio dos presos: espírito observador, memória, encontros. . .

E quem é esse simpático sujeito com óculos de aro de tartaruga? Ele passeia pela cela cantarolando com agradável voz de barítono uma balada de Schubert:

De novo minha juventude me oprime
E longo é o caminho do túmulo...

— Tsarápkin, Serguei Romanovitch.
— Permita-me, já o conheço. Biólogo? Resistente à repatriação? De Berlim?
— Como sabe tudo isso?
— Ora, o mundo é pequeno! Em 1946, estive com Nikolai Vladímirovitch Timofêiev-Ressóvski...

Aquilo sim era uma cela! talvez a mais brilhante de toda a minha vida carcerária!... Corria o mês de julho. A enigmática "ordem do ministro do Interior" me havia levado do campo até Butirki. Embora tenhamos chegado depois do almoço, a rotina de recepção durou onze horas por causa da sobrecarga de prisioneiros. Assim, seriam cerca de três da madrugada quando me tiraram exausto dos boxes para conduzir-me à cela 75. Fortemente iluminada por duas lâmpadas elétricas, sob duas cúpulas, a cela se agitava em sono sufocante: o tórrido ar de julho não podia entrar pelas janelas "amordaçadas". As moscas zumbiam inquietas, pousando sem cessar sobre os adormecidos, que estremeciam e estapeavam aqui e ali. Alguns tinham colocado um lenço sobre os olhos, para proteger-se da intensa luz. Da latrina vinha um odor insuportável, e o calor acelerava a decomposição. Nossa cela, com capacidade para vinte e cinco homens, não estava demasiado repleta: haveria oitenta no máximo. Formavam apertadas fileiras sobre os catres, à direita e à esquerda, sobre os leitos suplementares que vedavam a passagem, e por toda parte surgiam pernas; o tradicional móvel de Butirki, meio mesa, meio armário, tinha sido afastado até a latrina. Precisamente ali descobri um espaço livre e me estendi. Quem quisesse "aliviar-se" teria que saltar por cima de mim, até a manhã seguinte.

Quando o carcereiro gritou "De pé!", toda a cela se pôs em movimento: retiraram-se todas as camas suplementares e colocou-se a mesa em frente à janela. Logo se aproximaram de mim para perguntar-me: novato ou vindo do campo? Soube que para a cela haviam confluído duas correntes: a primeira, usual,

dos recém-condenados esperando translado para o campo, e uma outra, procedente do acampamento e composta exclusivamente de especialistas — físicos, químicos, matemáticos e engenheiros — que ignoravam ainda seu destino, embora esperançosos de que fosse algum promissor instituto de pesquisa. (Isso me tranqüilizou: evidentemente o ministro não me dera uma prorrogação da pena.) Pouco depois acercou-se um indivíduo já maduro, de ossatura robusta mas bastante magro, com o nariz recurvo qual um abutre.

"Professor Timofêiev-Ressóvski, presidente da associação científica e técnica da cela 75. Nossa sociedade se reúne todas as manhãs, depois da refeição, perto da janela da esquerda. Talvez o senhor queira nos fazer um comunicado científico. E qual o tema?"

Fiquei estupefato diante dele, com meu gasto capote de oficial e o gorro de inverno (os que são presos no inverno devem usar suas roupas de inverno também no verão). Meus dedos não se esticavam desde a manhã, cobertos de esfoladuras. Que tema científico poderia tratar? Então recordei-me de ter lido no campo, há pouco tempo, por duas noites inteiras, certo livro de Smith introduzido clandestinamente e cujo conteúdo era o informe oficial do Ministério da Defesa americano sobre a primeira bomba atômica. Essa obra fora publicada na primavera e talvez nenhum inquilino da cela a conhecesse! Uma hipótese ociosa, é claro. Assim, pois, por um capricho do destino, vi-me convertido em físico atômico, como indicava a ficha de Gulag.

Depois da refeição, a associação técnico-científica se reuniu perto da janela da esquerda, dez homens aproximadamente. E eu lhes transmiti meu informe, e imediatamente me admitiram como novo membro. Na verdade, tinha-me esquecido de muitos pormenores, e outros não os compreendera. Mesmo sendo prisioneiro há um ano, ignorando tudo sobre bombas atômicas, Nikolai Vladímirovitch esforçou-se para preencher as lacunas do meu informe. À guisa de quadro-negro, havia um maço de cigarros vazio; na mão, um ilegal pedaço de giz. Nikolai Vladímirovitch os tomou de minhas mãos várias vezes, para fazer desenhos e observações com a segurança de um físico nuclear especializado, do famoso grupo de Los Alamos.

Para dizer a verdade, ele havia trabalhado em um dos primeiros ciclotrons europeus; era biólogo e, sem dúvida, figurava entre os geneticistas mais eminentes dos tempos atuais. Estava já na prisão quando Jebrak, ignorando tal circunstância (ou talvez conhecendo-a bem), teve a temeridade de escrever numa

revista canadense: "Não é justo atribuir a biologia russa a Lissenko, pois a biologia russa é Timofêiev-Ressóvski" (em 1948, ao desmantelar-se a biologia, Jebrak teve que pagar por isso). O físico Erwin Schrödinger encontrou duas oportunidades de expor as opiniões do já então prisioneiro Timofêiev-Ressóvski no seu ensaio *O que é a vida.*

Agora ele estava lá, brilhando de conhecimento em todas as ciências imagináveis. Possuía essa rara universalidade que os sábios de gerações ulteriores já não crêem desejável (ou teriam mudado a concepção das coisas?). Seja como for, ele estava tão debilitado pelo período de detenção que essas práticas não lhe assentavam bem. Por linha materna, procedia de uma família nobre empobrecida da região de Kaluga, cujas propriedades se achavam às margens do rio Ressa; e do lado paterno, pertencia a um ramo da linhagem de Stepan Razin, e tudo nele denotava o vigor de cossaco: ossos largos, caráter firme, estoicismo na defesa diante do comissário, mas também vulnerabilidade diante da fome, que o atormentava mais que a todos.

Sua história foi a seguinte: quando o médico alemão Oskar Vogt fundou em Moscou, em 1922, um instituto para pesquisa do cérebro, solicitou a participação dos que tivessem licença para acompanhá-lo em seu regresso, com emprego permanente. Assim, foi concedida uma permissão ilimitada de viagem a Timofêiev-Ressóvski e seu amigo Tsarápkin. Embora privados de instrução ideológica no estrangeiro, obtiveram êxitos notáveis no campo estritamente científico, de modo que ao receberem ordem de voltar, em 1937 (!), não puderam cumpri-la... pois a lógica mais elementar os impedia de deixar tudo parado... seu trabalho, seus instrumentos, seus alunos! Talvez os retivesse, também, o pensamento de que agora, na pátria, teriam de renegar seu trabalho de quinze anos na Alemanha para ganhar direito à existência (e seria o bastante?). Assim é que recusaram a repatriação, sem por isso deixar de ser patriotas.

Em 1945, as tropas soviéticas entraram em Buch (subúrbio a nordeste de Berlim) e foram recebidas em júbilo por Timofêiev-Ressóvski, que lhes entregou seu instituto intacto. Tinha encontrado a melhor solução: não seria necessário abandonar o instituto. Chegaram vários funcionários, inspecionaram as instalações e disseram: "Hum! Tudo isso terá que ser embalado e enviado a Moscou". "Impossível", exclamou alarmado Timofêiev. "Vai arruinar tudo! Foram precisos anos para montar estes equipamentos!" "Hum! hum!", espantaram-se as autoridades. Pouco depois procedeu-se à detenção de Timofêiev e Tsarápkin,

que foram despachados para Moscou. Aqueles dois ingênuos acreditaram que o instituto não poderia funcionar sem eles. Aqui, não interessa o funcionamento, mas a manutenção da lei: as *linhas gerais* antes de tudo! Apenas chegados à Grande Lubianka, não houve problema em demonstrar aos novos detentos que eles eram traidores da (ou pela?) pátria. Pegaram dez anos cada um. Tudo quanto restava ao presidente da associação técnico-científica da cela 75 era a coragem para defender-se: ele jamais havia cometido um erro em lugar algum.

Os pés dos catres são muito curtos nas celas "butirki". A administração da prisão nunca iria imaginar que os presos pudessem dormir debaixo deles. Para fazer isso, deve-se primeiro pedir ajuda ao vizinho a fim de estender entre ambos seu capote, depois a pessoa estende-se pelo chão da passagem e aproxima-se rastejando. A passagem é um lugar onde se anda, mas o chão debaixo dos catres só é varrido uma vez por mês, e não se pode lavar as mãos a não ser à tarde, e ainda sem sabão: impossível dizer que se sente o corpo como um receptáculo divino. Não obstante, sou feliz! Nesse lugar, sobre o chão de cimento, debaixo dos catres, como um cão, onde chovem pó e migalhas, ali sinto uma felicidade absoluta, ilimitada! Com razão diz Epicuro: "A falta de variedade, quando vem depois de sofrimentos variados, pode causar uma sensação prazerosa". Ficaram para trás o campo (parecia já ter-se perdido de vista), a jornada de trabalho de dez horas, o frio, a chuva, as dores nas costas... Ah! Não há nada tão bom como passar o dia inteiro espichado, dormindo, e ainda por cima receber seiscentos e cinqüenta gramas de pão mais duas refeições quentes por dia; um estranho cozido, carne de golfinho. Em suma, o sanatório Butiur.

Dormir! Como é importante! Deitar de bruços, as costas bem abrigadas, dormir! No sono não se desperdiçam energias nem se oprime o coração, e o tempo da pena corre! Quando nossa vida é borbulhante e faiscante, maldizemos a necessidade de dormir oito horas, sem poder aproveitá-las. Quando somos infelizes, como é bendito o sono de catorze horas! Mas eu permaneci dois meses naquela cela, dormi até a saciedade, por um ano de atraso e mais um ano adiantado. Paulatinamente, transladei-me de baixo do catre até a janela e retornei, desta vez para ocupar o catre perto da latrina, subindo pelas camas até chegar ao arco central da cela. Nesse tempo, dormia menos: bebia deliciado o elixir da vida. De manhã, sessão da sociedade técnico-científica, depois xadrez, livros (de qualidade, só três ou quatro para oitenta pessoas, e é preciso fazer fila), vinte minutos de

passeio no pátio — acorde em tom maior! Jamais recusamos o passeio, mesmo se chove a cântaros. Mas o essencial são os seres humanos, seres realmente humanos! Nikolai Andrêievitch Semiónov, um dos construtores da represa do Dniepr *; seu amigo de cativeiro durante a guerra, o engenheiro F. F. Kárpov; o sarcástico e engenhoso Viktor Kagan, físico de profissão; o compositor e diplomado pelo conservatório Volódia Klempner; um lenhador e caçador das selvas de Viatka, sombrio como um lago da floresta. Vindo da Europa, o pregador ortodoxo Evguêni Ivánovitch Divnitch, que não se limita ao campo da teologia, mas infiltra-se no do marxismo, proclamando que na Europa ninguém mais leva a sério essa doutrina. Eu, um marxista, não procuro contestá-lo. Há um ano, com que segurança eu não o teria crivado de citações, com que orgulho não o teria ridicularizado! Mas esse primeiro ano de prisão conseguira depositar em mim — em que momento, não percebi — tantas camadas de novos acontecimentos, formas e significados, que agora não poderia dizer: isso não existe! É uma mentira burguesa! Atualmente, eu era obrigado a reconhecer, sim, que tais camadas existem. Do mesmo modo, a cadeia de minhas deduções tornou-se frágil, e seria brinquedo me arrasar.

Continuam chegando prisioneiros de guerra, sempre prisioneiros de guerra. A corrente flui da Europa há dois anos, sem parar. E mais emigrantes russos da Europa e da Manchúria. Se você busca algum conhecido, perguntam-lhe simplesmente: de que país? Você conhece fulano ou beltrano? Conhece-o, lógico! (Assim chegou aos meus ouvidos o fuzilamento do Coronel Iassevitch.) E o velho alemão, aquele germânico rechonchudo, hoje magro e doente, que na Prússia Oriental, tempos atrás (faz duzentos anos), eu tinha obrigado a carregar minha valise. Ah, como o mundo é pequeno! Quem poderia imaginar que eu o veria de novo? O velho me sorriu. Reconheceu-me também, e parece quase alegre. Terá me perdoado? Pegou *dez anos,* mas resta-lhe menos para viver. Não chegará a cumprir a pena... E aquele outro alemão, grandalhão e jovem, porém mudo, talvez por não conhecer uma só palavra de russo. À primeira vista, aliás, não parece um alemão: o que ele tinha de alemão os delinqüentes comuns haviam tomado, dando em troca uma camisa soviética bem passada. Trata-se de um famoso ás alemão. Sua primeira campanha foi a Guerra do Chaco, entre Bolívia e

---

** Construída de 1927 a 1932, a hidrelétrica do Dniepr foi uma das grandes obras do I Plano Qüinqüenal. (N. do T.)*

Paraguai; a segunda na Espanha; a terceira na Polônia; a quarta, a batalha da Inglaterra; a quinta, Chipre. A sexta foi na União Soviética. Como era um ás, deve ter abatido mulheres e crianças do alto de seu avião! Assim, era um criminoso de guerra, *dez anos,* e mais cinco de "mordaça".

Que na cela haja um bem-pensante (do gênero do procurador Kretov), entende-se por si só. "Vocês mereceram este confinamento, bando de sujos, contra-revolucionários! A história reduzirá a pó os seus ossos! Servirão de esterco!". "Você também é bom para esterco!", gritaram. "Não, meu processo será revisto, sou inocente!" A cela ferve. Um velho professor de russo sobe descalço a um catre, abre os braços sobre nós como Cristo ressuscitado: "Meus filhos, façam as pazes! Meus filhos!" Então a tempestade se volta contra ele: "Seus filhos estão no bosque de Briansk*! Nós não somos filhos de ninguém! Somos apenas filhos do Gulag!"

Após o jantar e o desfile vespertino à latrina, a noite cai timidamente pelas "mordaças". No teto, brilham cansativas lâmpadas. O dia separa os presos, a noite os aproxima. Ao anoitecer acabam as brigas, honram-se os acordos feitos, ou negocia-se algum novo convênio. Era quando Timofêiev-Ressóvski pontificava, consagrando noitadas inteiras à Itália, à Dinamarca, à Noruega, à Suécia. Por sua vez, emigrantes narravam histórias sobre os Bálcãs e a França. Um proferia conferências sobre Le Corbusier, outro nos explicava os hábitos das abelhas, e um terceiro falava de Gógol. Era quando se fumava a plenos pulmões! Uma fumaça densa saturava a cela, flutuando como névoa, pois a abertura da janela não lhe permitia a saída. Certa vez meu colega Kóstia Kiula, nascido no mesmo ano que eu, rosto redondo e olhos azuis, desajeitado até o ridículo, declamou alguns poemas escritos na prisão. Intitulavam-se: "O primeiro pacote", "A minha esposa", "A meu filho". Na prisão, quando você não lê poemas, e apenas os ouve, uma poesia escrita ali mesmo pode muito bem dispensar a métrica, a combinação dos versos com as assonâncias, ou a rima clássica. Essas composições são o sangue de *seu* coração, as lágrimas de *sua* mulher. Muitos choravam [2].

Desde esse dia, tentei fazer versos sobre a vida do presi-

---

* *Grande floresta a sudoeste de Moscou, célebre por seus lobos. (N. do T.)*

[2] *Kóstia Kiula não deu mais sinal de vida, desapareceu. Temo que ele não seja mais deste mundo. (N. do A.)*

diário. E ali mesmo declamei Iessenin, cuja leitura tinha sido proibida antes da guerra. O jovem Bubnov — prisioneiro de guerra e anteriormente estudante, segundo creio — ouviu maravilhado, e o seu rosto se iluminou. Não era "especialista", não provinha de um campo, mas para lá se destinava. E talvez isso lhe significasse ir para a morte, porque lá não poderia sobreviver alguém tão puro e reto. E essas noitadas na cela 75 foram para ele, como para outros, na íngreme descida para a morte, por um momento sustada, a imagem súbita desse mundo magnífico que existe e sempre existirá, mas no qual, por um destino adverso, não lhe foi dado viver um mínimo de sua juventude.

A portinhola se abriu, a cara do sentinela vociferou: "Dormir!" Não, certamente, mesmo antes da guerra, quando fazia meus estudos em duas faculdades ao mesmo tempo, ganhando a vida como professor, já tentado pelo demônio de escrever, não creio jamais ter vivido dias tão plenos, tão tumultuados, tão excitantes como os daquele verão na cela 75.

— Permita fazer-lhe uma pergunta — disse, voltando-me para Tsarápkin. — Até agora não tive notícias de um tal Deul, um rapaz de quinze anos que recebeu a nota 5 (e não propriamente na escola) por agitação anti-soviética. . .

— Como! Você o conhece? Viajou comigo, em Karaganda.

— Soube que você encontrou emprego num laboratório médico, enquanto Nikolai Vladímirovitch continuava a penar nas *gerais*. . .

— Isso o debilitou bastante. Saiu mais morto que vivo do *stolípin* em Butirki. Agora está na enfermaria e recebe da Quarta Seção Especial[3] manteiga e vinho, mas é difícil prever se isso vai recuperá-lo.

— Foi a Quarta Seção Especial que convocou você?

— Certo. Queriam saber se, depois de uma permanência de seis meses em Karaganda, estaríamos dispostos a reconstruir nosso Instituto em solo pátrio.

— E vocês a aceitaram com entusiasmo, não?

— Imediatamente! Agora reconhecemos nossos erros. Além disso, toda a instalação foi desmontada e remetida em caixas, sem que fôssemos consultados.

— Que devotamento à ciência por parte do MVD! Por favor, mais um pouco de Schubert!

E Tsarápkin canta, olhando tristemente para as janelas

---

[3] *A Quarta Seção Especial do MVD se encarrega de encomendar projetos científicos aos detentos. (N. do A.)*

(seus óculos refletem as escuras "mordaças" e as claras faixas do alto das janelas):

Vom Abendrot zum Morgenlicht
Ward mancher Kopf zum Greise.
Wer glaubt es? meiner ward es nicht
Auf dieser ganzen Reise *

O sonho de Tolstói se realizou: prisioneiros nunca serão obrigados a participar de missas decadentes. As capelas dos presídios estão fechadas. Na verdade, seus prédios foram conservados, mas perfeitamente adaptados às necessidades de crescimento das próprias prisões. Em Butirki, por exemplo, a igreja permite abrigar dois mil homens suplementares, o que perfaz cinqüenta mil a mais por ano, considerando-se que cada leva ali permanece somente por duas semanas.

Quando regresso, pela quarta ou quinta vez, a Butirki, e a passos firmes atravesso o pátio entre os blocos para chegar depressa à cela que me foi designada, adiantando-me ao guarda que me acompanha (exatamente como um cavalo que, ao cheirar aveia, galopa para casa sem precisar de chicote nem rédeas), esqueço de fitar a igreja quadrada, com sua torre octogonal. Suas "mordaças" não estão à altura da técnica moderna; não são de cristal reforçado, como há muito tempo se usa nos edifícios centrais; elas são de pranchas cinzentas e podres, acentuando a baixa categoria do prédio. O templo está ali como prisão de trânsito para os recém-condenados, dentro de Butirki.

Ele me serviu, em 1945, para dar um grande, decisivo passo: tão logo condenados pela seção especial, fizeram-nos entrar na igreja (oportunidade única para uma prece!) e depois subir ao primeiro andar (um segundo pavimento tinha sido acrescentado); do vestíbulo octogonal, nos empurraram às diversas celas, cabendo-me a de sudoeste.

Era uma cela quadrada, espaçosa, ocupada por duzentas pessoas naquela época. Para dormir, usavam-se os catres habituais, o espaço debaixo deles e o chão lajeado da passagem. Não apenas as "mordaças" das janelas eram de segunda categoria, mas todas as demais instalações pareciam apropriadas não aos ver-

---

* *Desde o crepúsculo até a aurora / Encanecem muitas cabeças. / Quem acreditaria? À minha assim não ocorreu / Ao longo de toda esta viagem. (N. do T.)*

dadeiros filhos de Butirki, mas aos enjeitados. Aquele formigueiro humano não recebia livros, nem tabuleiros de xadrez ou damas; periodicamente eram recolhidas as gamelas, as sujas colheres de pau, para que ninguém as levasse consigo na afobação das transferências. Até os copos pareciam um luxo excessivo para os enjeitados e, ademais, desnecessário: uma vez engolida a sopa, era preciso enxaguar as tigelas para nelas beber o insípido chá. A falta de gamela própria resultava especialmente penosa para aqueles que tinham a duvidosa sorte de receber pacotes de casa (pois justamente nos últimos dias antes do translado, as famílias reuniam apressadamente seus parcos copeques para mandar algo). Os parentes não podiam adivinhar aquele impedimento nem esperar um bom conselho do centro de informação do presídio. Por conseguinte, não incluíam tigelas de plástico — as únicas autorizadas — entre seus presentes, mas apenas de louça ou estanho. Em outras celas, era a sentinela que se encarregava de rebuscar e confiscar sem misericórdia tudo quanto houvesse de lataria — mel, marmelada, leite condensado —, e o prisioneiro nada podia fazer contra essa exploração; mas nas celas da igreja não havia tempo hábil para isso, e se alguém queria levar algum pertence consigo devia utilizar o oco das mãos, a boca, os lenços, os forros de seus capotes. Isso seria normal no Gulag, mas... no centro de Moscou! Além disso, havia a ordem "Rápido, rápido!" do carcereiro, que se apressava como se fosse perder o trem (na verdade, tinha pressa de saborear o quanto antes as latas confiscadas). Nas celas da igreja tudo era provisório, faltava até mesmo essa falsa estabilidade que, apesar de tudo, se fazia perceptível nas celas dos presos em curso de instrução ou de julgamento. Aqui os prisioneiros — um produto semimanufaturado e preparado pelo moedor de carne para o Gulag — deviam manter um inevitável compasso de espera, apenas os dias requeridos para encontrar espaço livre no presídio de Krásnaia Présnia. Aqui só havia um privilégio: cada um podia ir sozinho buscar o rancho, a *balanda* (nunca havia *kacha,* mas se distribuía três vezes ao dia a *balanda,* verdadeiro regalo, pois aquecia e enchia mais o estômago). Tal privilégio tinha uma explicação: na igreja não havia elevadores, como nas demais prisões, e os guardas não queriam se cansar carregando os tachos. Era preciso transportá-los, pesados e enormes, por longo trajeto: primeiro atravessar o pátio e depois subir as íngremes escadas. Trabalho penoso para homens debilitados, mas assim mesmo agradável, porque se podia passar pelo verde do pátio e ouvir o canto dos pássaros.

O ar que se respirava nas celas da igreja era peculiar, já levemente agitado pelo sopro vindo das prisões de trânsito, pelo vento glacial dos campos polares. Nas celas da igreja desenrolava-se o ritual de aclimatação: à idéia de que as sentenças pronunciadas nada têm de brincadeira, à idéia de que, por mais dura que seja essa nova etapa da vida, sua mente precisa aceitá-la. Experiência nada fácil.

Também o companheirismo não era duradouro ali. Aquilo distava muito das celas de instrução, onde se parecia estar em família. Não havia dia ou noite em que não se levavam e traziam prisioneiros, às dezenas. A contínua renovação sobre os catres e sobre o chão tornava raro ter os mesmos vizinhos por mais de dois dias. Se calha ter ao lado alguém interessante, você deve interrogá-lo prontamente, sob pena de perdê-lo de vista para sempre.

Foi assim que me escapou o ajustador mecânico Medvedev. No começo de nossa conversa, lembrei que o Imperador Bikhail havia mencionado seu nome. Sim, havia sido seu co-acusado como um dos primeiros a ter lido o *chamamento ao povo russo* sem denunciar o imperador. Medvedev julgou imperdoável, afrontoso mesmo, ter sido condenado a três anos — nada mais! — apesar de que, face ao artigo 58, a pena de cinco anos era considerada coisa para crianças. Evidentemente se tomou por louco o imperador, beneficiando-se os outros inculpados por critérios de *classe*. Mas, quando me dispunha a averiguar o papel de Medvedev nesse assunto, ele foi levado embora *com todas as suas coisas*. Certas circunstâncias faziam pensar que ele seria libertado, o que só vinha confirmar os primeiros boatos de uma anistia staliniana, que chegou aos nossos ouvidos: uma *anistia para ninguém,* dessas que nem sequer liberam uma vaga sob os catres.

Meu vizinho, antigo membro do Schutzbund *, o seguiu logo depois (tais indivíduos, que acreditavam asfixiar na conservadora Áustria, chegaram à pátria do proletariado mundial por volta de 1937; todos pegaram dez anos e foram acabar no arquipélago). Seu lugar foi ocupado por um homenzinho de pele tostada, cabelo negro e olhos escuros, infantilmente redondos, como os de uma boneca; o nariz, todavia, desmedidamente grande e largo, transformava o conjunto numa caricatura. Durante vinte e quatro horas permanecemos em silêncio lado a lado; no

---

** Organização paramilitar do Partido Social-Democrata Austríaco em 1923-24, também conhecida por "Patronato". (N. do T.)*

dia seguinte, procurou um pretexto e indagou: "Por quem você me toma?" Falava um russo fluente e correto, apesar do sotaque. Ponderei: Caucasiano? Armênio? Tinha um pouco de ambos. Ele sorriu: "Fiz-me passar facilmente por georgiano. Chamavam-me Iacha. Todos riam de mim. Cheguei a recolher contribuições sindicais". Então o examinei com mais vagar. Realmente era uma personagem cômica: atarracado, rosto mal proporcionado, sorriso cândido. De repente ele se compôs, adotou um olhar severo, que me atingiu como um golpe de espada: "Sou o Tenente Vladimirescu! Do serviço de informação do Estado-Maior romeno!"

Estremeci ao ouvir essa bomba. Depois dos duzentos falsos espiões que tinham desfilado ante meus olhos, jamais esperava encontrar um autêntico. Pensava que tal espécie nem existia.

De acordo com seu relato, o homem era de família aristocrática. Desde os três anos estava destinado ao serviço no Estado-Maior. Aos seis, ingressou como aluno na seção de informação. Uma vez adulto, escolheu como campo de operações a União Soviética, segundo ele um país com um serviço de contra-espionagem inexorável e, por isso mesmo, o mais difícil em que trabalhar, onde todos suspeitavam de todos. Agora, chegara à conclusão de que não havia se saído mal. Antes da guerra, passou alguns anos em Nikoláiev e propiciou às tropas romenas, ao que parece, a conquista de canteiros de construção naval intactos. Em seguida, tinha estado na fábrica de tratores de Stalingrado, e depois em Uralmach *. Para obter dados sindicais, introduziu-se no escritório de um alto dirigente, fechou cuidadosamente a porta atrás de si e... seu sorriso inocente outra vez deu lugar àquela expressão cortante nos olhos: "Ponomariov! (este havia adotado outro nome dentro da fábrica). Nós o estamos vigiando desde Stalingrado. Você abandonou seu posto (era algo importante na fábrica de tratores de Stalingrado), e se disfarçou aqui sob nome falso. Escolha: ser fuzilado pelos seus compatriotas, ou colaborar conosco". Ponomariov preferiu trabalhar com eles, o que ia bem de acordo com sua figura de próspero canalha. Ficou aos cuidados do tenente, até o momento em que este abandonou o campo para reunir-se aos residentes alemães em Moscou. Dali se dirigiu a Podolsk, onde deveria dedicar-se à sua especialidade. Pelas explicações de Vladimirescu, os agentes treinados para manobras diversivas recebem uma instrução bem

* *Grande fábrica de construção mecânica em Sverdlovsk, no Ural. (N. do T.)*

genérica e, não obstante, cada qual se consagra a uma especialidade estrita. Essa missão especial de Vladimirescu consistiu em cortar imperceptivelmente as cordas de suspensão dos pára-quedas. Em Podolsk o tenente foi recebido com júbilo pelo chefe do depósito de pára-quedas (Quem seria esse? Que espécie de ser humano?) e ficou trancado por uma noite — oito horas — dentro do lugar. Empregando uma pequena escada, Vladimirescu alcançou a estante dos pára-quedas, apalpou-os cautelosamente sem desarrumá-los, procurou as múltiplas amarras da suspensão principal e com uma tesoura cortou quatro quintos de sua espessura, para que a parte restante se rompesse sozinha no ar. Aplicou muitos anos de estudo e treinamento para poder agir assim naquela noite. Por fim, trabalhando febrilmente por oito horas, sabotou até dois mil pára-quedas (um cada quinze segundos!). "Apenas aniquilei uma divisão aerotransportada soviética", dizia com os olhos brilhando de satisfação.

Detido, negou-se a qualquer declaração; não abriu a boca nem uma vez durante os oito meses de incomunicabilidade numa cela de Butirki. "E não o torturaram?" "Não", respondeu ele com um muxoxo, como se tal possibilidade fosse inconcebível em se tratando de um cidadão não soviético. (Espanque os seus semelhantes, para que os outros o temam!. . . Mas um espião é ouro em barra, sempre se poderá trocá-lo.) Um belo dia lhe trouxeram jornais: "A Romênia capitulou, desembuche!" Ele persistiu no silêncio: os jornais podiam ser falsificados. Por fim, confrontado com seu superior imediato, este lhe ordenou que confessasse. Ato contínuo, Vladimirescu prestou depoimento com grande frieza. E mesmo diante de mim, enquanto o dia escoava lentamente, manifestou despreocupação: era um episódio a mais em sua vida de espião. Não havia sequer passado por julgamento, nem fora condenado a nada! (Ele não era dos nossos, não pertencia à casa. "Sou um profissional e o serei até a morte. Tomarão conta de mim.")

"Mas você me fez uma confissão completa", objetei. "E posso recordar sua fisionomia. Que acontecerá se um dia nos reencontrarmos na rua. . .?"

"Pois bem, se tiver a certeza de que não me reconheceu, você continuará vivo. Do contrário o matarei ou o farei trabalhar para nós."

Ele não tinha a menor intenção de discutir com seu vizinho de catre. Disse aquilo sem ênfase, com perfeita naturalidade. Acreditei de fato que ele me daria um tiro ou me degolaria sem nenhuma comoção.

Nesta crônica de presidiários, não nos encontraremos mais com semelhantes heróis. Em onze anos de prisões, de campos e de exílio, esse foi meu único encontro do gênero; e outros não puderam informar sobre algo parecido porque jamais tiveram conhecimento. Apesar disso, a julgar pelas mil histórias em quadrinhos divulgadas entre nossa juventude, nossos "Órgãos" parecem ter-se dedicado exclusivamente à captura de tais tipos.

Bastava um rápido olhar por aquela cela da igreja para comprovar que estava cheia de jovens. A guerra ia terminando, podiam dar-se ao luxo de prender quem entendessem: não necessitavam mais de soldados. Conta-se que, de 1944 a 1945, um "partido democrático" passou pela Pequena Lubianka (a da província de Moscou). Segundo se comenta, era composto de uns cinqüenta garotos, tinha seu estatuto e seu registro de afiliados. O mais velho deles, aluno adiantado numa escola de Moscou, era o "secretário-geral". Nas prisões moscovitas, os estudantes fizeram igualmente uma furtiva aparição: eu os encontrei ora aqui, ora ali. Talvez eu não fosse tão velho, mas eles eram mais jovens ainda.

Com quanto sigilo tudo isso aconteceu! Enquanto nós estávamos ocupados, os de minha idade, meu co-inculpado, eu próprio — quatro anos na frente de batalha —, ia crescendo uma outra geração! Teria passado tanto tempo desde que percorríamos os corredores da universidade, certos de ser os homens mais jovens e mais inteligentes de nosso país e do planeta inteiro? De súbito, caminhando pelo chão cimentado das celas, eis pálidos e orgulhosos adolescentes, e descobrimos, atônitos, que os mais jovens e inteligentes não somos nós, porém eles! Mas não fiquei vexado, e sim feliz de me apertar um pouco para dar-lhes lugar. Era-me familiar sua paixão por discutir com todos, por querer saber tudo. E compreensível seu orgulho de ter escolhido o lado melhor e não lamentá-lo. Julguei perceber o esplendor de uma auréola carcerária, feita de mosquitos, em torno daquelas cabeças juvenis tão vaidosas e argutas.

Há um mês, em outra cela de Butirki, tipo enfermaria, apenas tinha me colocado na passagem entre os catres, ainda sem reconhecer os lugares, quando se plantou à minha frente, com a intenção de iniciar uma polêmica, quase suplicando por ela, um jovem de rosto anêmico: tinha essas feições delicadas de alguns judeus, e mesmo sendo verão ele tiritava sob o capote amarfanhado. Chamava-se Boris Gammerov. Depois de algumas perguntas banais, dirigiu a conversação em parte para nossas biografias, em parte para a política. Por uma ou outra razão,

não lembro qual, mencionei uma prece do recém-falecido Presidente Roosevelt, publicada então em nossos jornais, e fiz o seguinte comentário, como se se tratasse de coisa clara como o dia:

"Bem, isso não passa de carolice."

"Por quê?", inquiriu. "Por que não admite a idéia de que um estadista possa ser um crente sincero?"

Nada mais foi dito! Mas quem havia falado? Era surpreendente ouvir tais palavras de um sujeito nascido em 1923. Eu poderia ter replicado com umas quantas frases presunçosas, mas minha confiança já vacilava na prisão e, sobretudo, existe em nós um inexplicável sentimento de que a vida independe de nossas convicções. Iluminado por essa sensação, compreendi que tal frase não exprimira minha convicção, que tal frase fora depositada em mim do exterior. Sem saber o que responder, eu lhe perguntei:

"E você, acredita em Deus?"

"Naturalmente", respondeu-me com serenidade.

Naturalmente? Naturalmente... Os membros do Komsomol já morrem por isso, e, pensando bem, já se morre por isso em muitos lugares. E a NKGB é das primeiras a fazê-lo notar.

A despeito de sua juventude, Boris Gammerov estivera na guerra como sargento das brigadas antitanques. Recebera um ferimento no pulmão do qual ainda não estava curado e que lhe valera um processo tuberculoso. Dera baixa como inválido, entrando na faculdade de biologia da Universidade de Moscou. Assim, cruzavam-se nele duas correntes: uma procedente da vida militar e outra da vida estudantil, ainda não morta nem anquilosada ao fim da guerra. Formou-se um círculo de entusiásticos colegas polemistas (embora ninguém lhes houvesse confiado tais reflexões sobre o futuro), e o braço experiente dos "Órgãos" logo veio carregar três pessoas do grupo. O pai de Gammerov, detido em 1937, fora espancado até morrer, ou então fuzilado, e agora seu filho seguia o mesmo caminho. Durante a instrução, Gammerov recitou *em honra* ao juiz alguns poemas de sua autoria (sinto realmente não tê-los anotado, nem poder descobri-los agora; gostaria de transcrevê-los aqui).

Por dois ou três meses várias vezes se cruzaram nossos caminhos, isto é, os dos três acusados e o meu. Em outra cela "butirki" conheci Viatcheslav D. Quando se prendem pessoas jovens, sempre se encontra algum de sua têmpera: manteve uma atitude férrea em seu grupo, e quando o interrogaram começou a entoar canções com muito brio. Ele foi, dentre todos nós,

quem teve a pena mais clemente: cinco anos. E esperava, ao que parece, ser tirado dali por seu pai, homem muito influente.

Em seguida, na igreja de Butirki, foi recebido por Gueórgui Ingal, o mais idoso de todos nós. Apesar de sua juventude, tinha sido candidato à presidência da Sociedade dos Escritores. Sua ágil pena era capaz de uma prosa serpenteante, cheia de contrastes; se fosse dócil em política, nada o impediria de trilhar brilhantes caminhos literários. Havia quase terminado um romance sobre Debussy. Mas seus primeiros êxitos não o satisfizeram, e pronunciou nos funerais de seu mestre Iúri Tinianov um violento discurso condenando a perseguição lançada contra este. Foi assim que garantiu para si oito anos de prisão.

Logo Gammerov veio incorporar-se a nós, e enquanto aguardávamos a prisão de Krásnaia Présnia, tive de enfrentar o duplo e combinado assédio de suas opiniões. Foi uma confrontação penosa. Naqueles dias eu me aferrava à interpretação do mundo que impede de aceitar novos fatos, captar novas idéias a menos que venham com uma etiqueta de boa procedência: isso pode ser denominado a dissensão versátil da pequena burguesia ou, se preferem, o niilismo militante dos intelectuais decadentes. Já não recordo se Gammerov e Ingal vacilaram ante Marx, mas por certo arremeteram contra Liev Tolstói... E com que argumentos! Havia Tolstói rechaçado a Igreja? Mas, e o seu papel místico e organizador? Havia rejeitado também a Bíblia? Mas a ciência mais moderna não encontra nela contradição alguma, nem mesmo nas primeiras linhas, sobre a criação do mundo! Ele nega o Estado? Mas a ausência de Estado significa o caos! Prega a fusão do trabalho manual e intelectual num só e mesmo homem? Mas isso é um absurdo nivelamento de aptidões! Finalmente, o exemplo de arbítrio staliniano nos demonstra que uma personagem histórica pode ser onipotente, e Tolstói zomba dessa idéia[4].

Os garotos liam-me seus versos, pedindo os meus em troca, e eu não os tinha escrito ainda. Em particular, liam-me muito de Pasternak, que endeusavam. Tempos atrás eu havia lido *Minha irmã, a vida,* e naquela época essa obra não me agradou. Agora,

---

[4] Tanto antes de ser detido como durante meus anos de prisão, pensei por muito tempo que Stálin dera um curso funesto à evolução do Estado soviético. Eis que Stálin morreu serenamente, e pode-se dizer que o barco mudou de rumo? O selo que sua personalidade imprimiu nos acontecimentos foi algo de melancólico e obtuso, caprichos de pequeno déspota, autoglorificação. Quanto ao resto, não fez mais do que pôr o pé nas marcas que havia encontrado.

eles me repetiam as últimas palavras de Chmidt em seu processo, e elas calaram fundo em meu coração, tão bem se aplicavam ao nosso caso:

Por trinta anos a fio
Inspirou-me o amor à pátria.
De vocês não desejo
Nem espero qualquer indulgência.

Gammerov e Ingal sentiram a mesma emoção. Dane-se a indulgência! O encarceramento não nos pesa; ao contrário, nos desvanece! (Mas a quem, na verdade, isso não pesa? A jovem esposa de Ingal esperou alguns meses e pediu o divórcio. E Gammerov, com sua agitação revolucionária, nem tivera tempo de encontrar uma alma gêmea.) Talvez precisamente aqui, entre os muros de uma cela, ressalte esta grande verdade: estreita é a cela, mais estreito ainda o país *livre* lá fora! Acaso não é o nosso povo, ultrajado e enganado, que jaz ao nosso lado, sobre os catres ou corredores?

Não me unir à minha pátria
Mais penoso me seria ainda,
E não sinto nenhum remorso
Desse caminho que escolhi *.

A juventude encerrada nas celas por causa de crimes políticos jamais representa a juventude média de um país, ela sempre está muito à frente. Nesses anos, o que ambicionava a massa de jovens — sim, era realmente a decomposição, o desencanto — era apegar-se à boa vida, e desse cômodo patamar empreender a escalada de um novo cume... talvez em vinte anos? Quanto aos jovens incursos no artigo 58-10, nesse ano de 1945, haviam de um só salto cruzado o abismo da indiferença e estendiam alegremente suas cabeças ao machado do carrasco.

Na igreja de Butirki, já condenados, já sentenciados, já segregados do mundo, os estudantes moscovitas compuseram uma canção que entoavam ao crepúsculo, com suas vozes ainda pouco firmes:

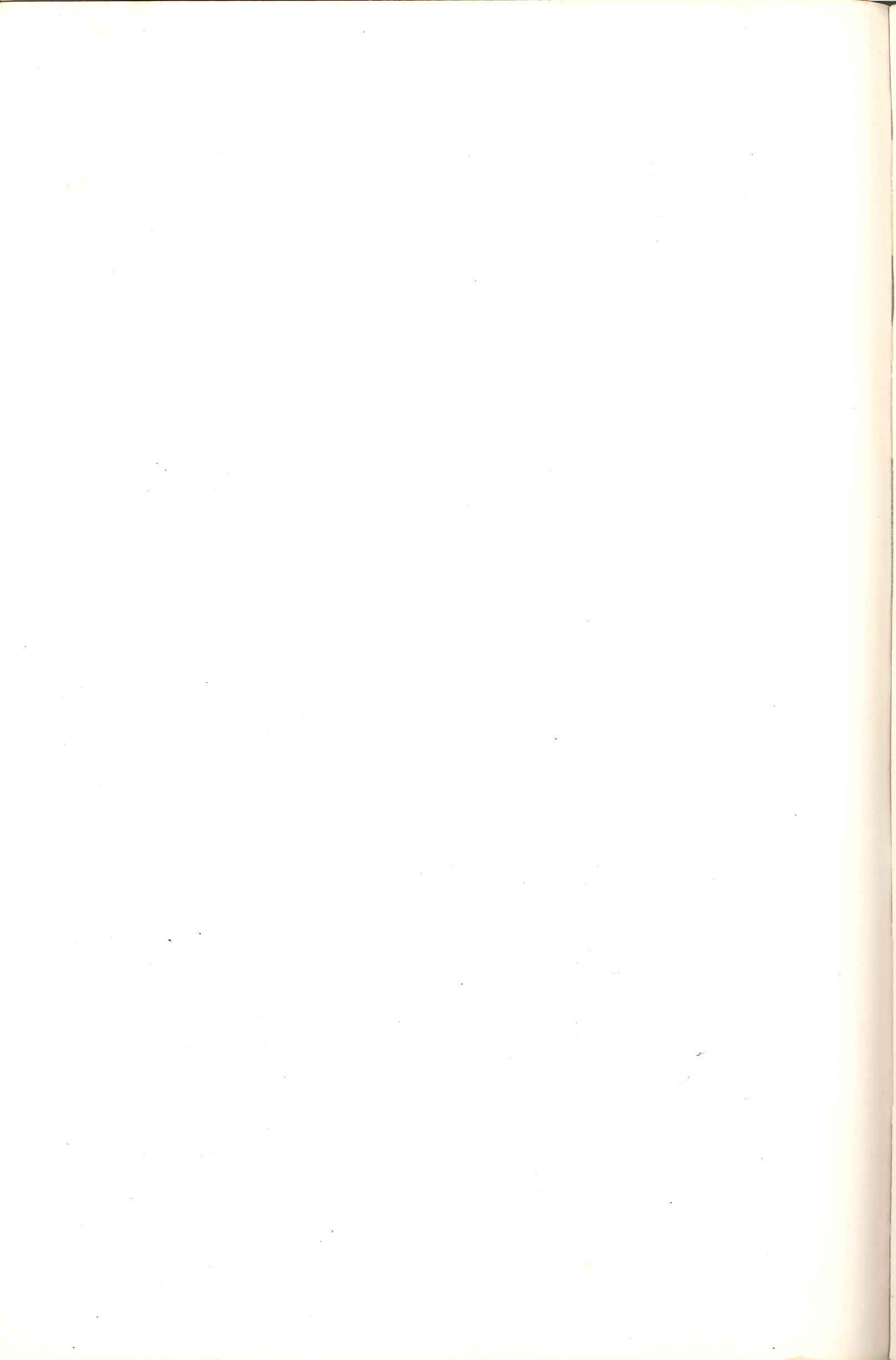
Pegamos o rancho três vezes por dia,
Cantamos velhas canções ao entardecer,
E com agulhas de contrabando
Tecemos sacos *para a travessia.*

---

* *Fragmentos do poema de Boris Pasternak:* O Tenente Chmidt *(1917), terceira parte. (N. do T.)*

Nosso destino não nos importa,
Assinamos — *que venha a partida!*
Mas quando, quando voltaremos para cá
Dos longínquos campos da Sibéria?

Deus meu! Teremos falhado no ponto principal? Enquanto estivemos pisando o barro nas cabeças-de-ponte, enquanto estivemos agachados nos buracos das bombas e apontando nossas miras telescópicas por cima das moitas, uma nova geração cresceu e se pôs em marcha. Mas não teriam começado a mover-se em *outra* direção? Numa direção que não ousaríamos seguir, com nossa educação tão diferente da sua?

Nossa geração volta para casa, de armas depostas e peito coberto por medalhas, contando com orgulho histórias de combates. E nossos irmãos mais jovens apenas nos diriam, com o canto da boca: "Bah, pobres patetas!"

ÍNDICE DE ABREVIAÇÕES, SIGLAS E TERMOS

ÍNDICE DE ABREVIAÇÕES, SIGLAS E TERMOS

ASA — *Antissoviétskaia Aguitátsia* (Agitação Anti-soviética).
Assembléia Constituinte — Corpo legislativo multipartidário com larga maioria antibolchevique, eleito em novembro de 1917, depois da Revolução Bolchevique. Reuniu-se em janeiro de 1918, mas foi dissolvido quando recusou adotar as propostas bolcheviques.
Bolchevique — Ala majoritária do Partido Operário Social-Democrata Russo.
Cadetes — Membros do Partido Constitucional Democrático.
CC — Comitê Central.
Centúrias Negras — Grupos reacionários armados da Rússia czarista; ativos de 1905 a 1917, em *pogroms* de judeus e assassínios políticos de personalidades liberais.
Charachka — Termo da gíria carcerária russa para designar centros de pesquisa especiais para onde eram conduzidos presos qualificados como pesquisadores, cientistas, técnicos, etc.
Códigos — O Código Penal (UK) de 1926 e o Código de Processo Penal (UPK) de 1923 foram revogados em 1958, com a adoção dos novos "Princípios Fundamentais da Legislação Penal e do Processo Penal". Em 1960 estes foram incorporados num novo Código Penal e num novo Código de Processo Penal.
Comissão do Estado de Ajuda às Vítimas da Fome — V. Pomgol.
Comissão de Planejamento do Estado — V. Gosplan.
Comissariado do Povo — Nome dos departamentos governamentais soviéticos de 1917 a 1946, quando voltaram a se chamar "ministérios".
Conselho de Comissários do Povo — V. Sovnarkom.
Conselho Supremo da Economia — V. VSNKh.
Dalstroi — *Glávnoie Upravliênie Stróitelstvo Dalnegó Severa* (Administração Central da Construção do Grande Norte). Reagrupamento dos campos de Kolimá.
Decembristas — Grupo de oficiais russos que tomaram parte na malograda rebelião liberal contra o Czar Nicolau I, em dezembro de 1825.
DPZ — *Dom Predvarítielnogo Zakliutchênia* (Casa de Detenção Preventiva).
GB — *Gossudarstviênnaia Bezopásnost* (Segurança do Estado).
Gosplan — *Gossudarstviênni Plánovi Komitet* (Comitê do Plano do Estado).
GPU — *Gossudarstviênnoie Politítcheskoie Upravliênie* (Administração Política do Estado). Designação da polícia secreta soviética que substituiu a Tcheká, de fevereiro a dezembro de 1922, quando foi mudada para OGPU. No entanto, continuou sendo conhecida por GPU.
Gulag — *Glávnoie Upravliênie Láguerei* (Administração Geral dos Campos).
Hehalutz — Movimento sionista que preparava jovens judeus para se estabelecerem na Terra Santa. Fundou muitos *kibbutzim*.
Hiwi — Abreviatura de *Hilfswillige*. Designação alemã para os voluntários russos que lutaram ao lado dos alemães na Segunda Guerra Mundial.
ITL — *Ispravítelno-Trudovoi Láguer* (Campo de Reabilitação pelo Trabalho). Unidade de base do Gulag.

KGB — *Komitet Gossudarstviênnoi Bezopásnosti* (Comitê da Segurança do Estado). Órgão da polícia secreta soviética, ligado ao Conselho de Ministros. A última transformação dos "Órgãos', depois de 1953. Sucedeu ao MGB.

Kominform — Centro de informação dos partidos comunistas, criado pela Conferência de Varsóvia em setembro de 1947 e dissolvido em abril de 1956. Sucedeu ao Komintern.

Komintern — *Kommunistítcheski Internatsional* (Internacional Comunista). Nome dado pelos comunistas russos à III Internacional (março de 1919 a maio de 1943). Dissolvido em 1943 e substituído pelo Kominform em 1947.

Komsomol — *Lêninski Kommunistítcheski Soiuz Molodiói̇ji* (União Comunista Leninista da Juventude). Nome completo do Komsomol.

KPZ — *Kâmera Predvarítelnogo Zakliutchênia* (Célula de Detenção Preventiva).

KRA — *Kontr-Revoliutsiônnaia Aguitátsia* (Agitação Contra-revolucionária).

KRD — *Kontr-Revoliutsiônnaia Deiatelnost* (Atividade Contra-revolucionária).

KRM — *Kontr-Revoliutsiônnoie Michliênie* (Pensamento Contra-revolucionário).

KRTD — *Kontr-Revoliutsiônnaia Trotskístskaia Deiatelnost* (Atividade Contra-revolucionária Trotskista).

KVTch — *Kulturno-Vospitátelnaia Tchast* (Seção Cultural-Educativa). Um dos serviços administrativos dos campos.

...lag — Abreviatura de *láguer* (campo). Sufixo que se acrescenta ao nome de um lugar para designar um campo ou conjunto de campos.

Lubianka — Designação popular dos quartéis-generais da polícia secreta e da prisão central de Moscou, tirada do nome da rua e da praça onde ficam, hoje, rua e Praça Dzerjinski).

Menchevique — Ala minoritária do Partido Operário Social-Democrata Russo.

MGB — *Ministiérstvo Gossudarstviênnoi Bezopásnosti* (Ministério da Segurança do Estado). Órgão da polícia secreta; sucedeu ao NKGB de 1946 a 1953.

MVD — *Ministiérstvo Vnutriênnikth Diel* (Ministério do Interior). Órgão da polícia secreta durante um curto período de 1953.

MVTU — *Moskóvskoi Vischeie Tekhnítchskoie Utchilichtch* (Escola Superior Técnica de Moscou).

Naródnaia Voliá — A Vontade do Povo. Sociedade terrorista secreta dedicada à derrubada do czarismo; existiu de 1879 até ser desbaratada em 1881, quando do assassinato de Alexandre II.

NCh — *Nedokazanni Chpionaj* (Espionagem Não Demonstrada — END).

NEP — *Nóvaia Ekonomítcheskaia Polítika* (Nova Política Econômica). Período de propriedade privada limitada, de 1921 a 1928.

NKGB — *Naródni Kommissariat Gossudarstviênnoi Bezopásnosti* (Comissariado do Povo da Segurança do Estado). Órgão da polícia secreta que substituiu o NKVD de 1943 a 1946.

NKPS — *Naródni Kommissariat Putei Soobchtchiênii* (Comissariado do Povo dos Transportes).

NKVD — *Naródni Kommissariat Vnutriênnikh Diel* (Comissariado do Povo do Interior). Órgão da polícia secreta de 1934 a 1943, que substituiu a OGPU.

OGPU — *Obiediniónnoie Gossudarstviênnoie Polititcheskoie Upravliênie.* (GPU Unificada). Os "Órgãos" de 1922 a 1934; unificados ao nível da URSS.

Okhrana — Nome da polícia secreta czarista de 1881 a 1917. A palavra russa significa "proteção", substituindo a designação completa, que era Departamento para a Proteção da Segurança Pública e da Ordem.

OSO — *Ossoboie Soviechtchanie* (Conferência Especial). Ligada à GPU.

Partido Camponês do Trabalho (TKP) — Imaginário partido da oposição.

Partido Comunista Russo (bolchevique) — RKP(b) — *Rossískaia Kommunistítcheskaia Pártia (bolchevíkov).* Nome do PCUS de 1918 a 1925.

Partido Constitucional Democrático. Fundado em 1905, durante o czarismo, advogava uma monarquia constitucional; desempenhou um papel conservador depois da Revolução; seus membros são conhecidos como "cadetes".

Partido Industrial — *Promichliênnaia Pártia (Promparti).* Partido clandestino de oposição não-existente, ao qual a organização de dirigentes industriais processados em 1930 (Processo do Partido Industrial) supostamente pertencia.

Partido Operário Social-Democrata Russo — Fundado em 1898, esse partido teve uma cisão em 1903: a ala de esquerda, majoritária (bolchevique), seguiu a orientação de Lênin; a outra, minoritária (menchevique), seguiu a de Plekhánov. Em 1910 dividiu-se em Partido Bolchevique e Partido Menchevique.

Partido Socialista Popular — Fundado em 1906, lutava por reformas democráticas gerais, opondo-se ao terrorismo.

Partido Socialista-Revolucionário — Fundado em 1900 a partir de vários grupos populistas, cindiu-se, no primeiro congresso, em dezembro de 1905, em duas alas: a de direita, opondo-se ao terrorismo, e a de esquerda, que o apoiava. Os SR desempenharam um papel-chave no Governo Provisório; a ala esquerda cooperou durante curto tempo com os bolcheviques depois da Revolução.

PCh — *Podozriênie v Chpionaje* (Presunção de Espionagem — PE).

PD — *Prestupnaia Deiatelnost* (Atividade Criminal).

PFL — *Proverotchno-Filtratsiônni Láguer* (Campo de Verificação e Filtragem).

Politburo — Escritório Político do Comitê Central do PCUS de 1917 a 1952.

Pomgol — *Pomochtch Golodaiuchtchim* (Ajuda às Vítimas da Fome). Comissão do Estado que funcionou durante os anos críticos de 1921 a 1922.

Promparti — V. **Partido Industrial.**

PZ — *Preklonenie piêred Západom* (Veneração ao Ocidente).

Revtribunal — Tribunal Revolucionário. Tribunais especiais soviéticos de 1917 a 1922, que julgavam casos de contra-revolucionários.

RKI — *Rabótche-Krestiánskaia Inspiéktsia* (Inspeção Operário-Camponesa).

RKKA — *Rabótche-Krestiánskaia Krásnaia Ármia* (Exército Vermelho Operário-Camponês). Nome oficial do Exército Vermelho de 1918 a 1946.

RKP(b) — V. **Partido Comunista Russo.**

ROA — *Rússkaia Osvoboditelnaia Ármia* (Exército Russo de Libertação). Também conhecido como Exército de Vlássov. O ROA não existiu realmente; o nome foi inventado por um alemão e dado a formações

anti-soviéticas de cidadãos soviéticos recentes, que lutaram ao lado dos alemães na Segunda Guerra.

Rússkaia Pravda — (A Verdade Russa). Programa político dos decembristas, esboçado por Pestel.

Schutzbund — Contingentes armados de social-democratas austríacos. Seus membros acharam refúgio na União Soviética em 1934, depois da derrota na guerra civil.

Slon — *Soloviétski Láguer Ossobogo Naznatchênia* (Campo de Solóvki de designação especial).

Smerch — *Smert Chpiónam* (Morte aos Espiões). Contra-espionagem militar.

Smólni — Nome dos quartéis-generais do Partido Comunista em Leningrado, onde antigamente havia uma escola feminina com esse nome.

SNK — V. **Sovnarkom.**

SOE — *Sotsialno-Opasni Element* (Elemento Socialmente Perigoso).

Soloviétski (ilhas) — Grupo de ilhas do mar Branco, também conhecidas coloquialmente como Solóvki, onde há muitos monastérios. Eram usadas como lugar de exílio para padres rebeldes na Idade Média. Depois da Revolução de 1917, foram usadas como campos de trabalhos forçados especiais (Slon).

Soviete Supremo — A legislatura nacional da União Soviética. O mais alto organismo do Estado soviético. É composto de duas assembléias eleitas, o Soviete da União e o Soviete das Nacionalidades. Reúne-se duas vezes por ano para votar decisões tomadas pela liderança soviética. Esse organismo tem um correspondente em cada República constituinte da URSS.

Sovinformburo — Escritório de informação soviético durante a Segunda Guerra.

Sovnarkom — *Soviet Naródnikh Kommissárov* (Conselho de Comissários do Povo). Nome dado ao gabinete soviético de 1917 a 1946, quando ficou sendo chamado de Conselho de Ministros.

SR — Socialista-revolucionário.

SVE — *Sotsialno-Vredni Element* (Elemento Socialmente Prejudicial).

SVPCh — *Sviázi, Veduchtchiek Podozreniu v Chpionaje* (Relações Conducentes à Suspeita de Espionagem).

TASS — *Telegráfnoie Aguêntstvo Soviétskogo Soiúza* (Agência Telegráfica da União Soviética).

Tcheká — *Tch. K.: Tchezvitchainaia Kommíssio* (Comissão Extraordinária de luta contra a contra-revolução e a sabotagem). O mais antigo nome da polícia secreta soviética, de 1917 a 1922, quando foi substituída pela GPU.

TchON — *Tchast Ossobogo Naznatchênia* (Unidade de Designação Especial). Destacamentos militares de repressão.

TchS — *Tchlen Semi* (Membro da Família). Parentes de presos políticos.

Tempo dos Tumultos — Período de miséria e confusão durante as invasões sueca e polonesa da Rússia no início do século XVIII.

Tiurzak — *Tiuremnoie Zakliutchênie* (Detenção em Prisão).

TKP — *Trudovaia Krestiánskaia Pártia* (Partido Camponês do Trabalho). Imaginário partido de oposição.

TN — *Terroristítcheskie Nameriênia* (Intenções Terroristas).

TON — *Tiurma Ossobogo Naznatchênia* (Prisão de Designação Especial).

TsIK — *Tsentrálni Ispolnitelni Komitet* (Comitê Executivo Central). Organismo executivo de um soviete (conselho).

UPK e **UK** — Código de Processo Penal e Código Penal. V. **Códigos.**

USVITL — *Upravliênie Severno-Vostotchnikh ITL* (Administração dos Campos do Nordeste).

VAD — *Voskhvalenie Amerikánskoi Democratii* (Exaltação da Democracia Americana).

VAS — *Vinachivanie Antissoviétskikh Nastroiênii* (Incubação de Espírito Anti-soviético).

VAT — *Voskhvalenie Amerikánskoi Tiékhniki* (Exaltação da Técnica Americana).

Verkhtrib — *Supremo Tribunal,* que funcionou de 1918 a 1922, julgando os casos mais importantes do início do regime soviético.

Vetcheká — *Vsiorossískaia Tcheká* (Tcheká de Toda a Rússia).

Vikjel — *Vsiorossíski Ispolnitelni Komitet Jeleznogo Professionálnogo Soiúza* (Comitê Executivo de Toda a Rússia da União Sindical dos Ferroviários). Opôs-se aos bolcheviques depois da Revolução de 1917.

VSNKh — *Vischi Soviet Naródnogo Khoziaistva* (Conselho Supremo da Economia Nacional). O mais alto organismo da administração industrial no início do regime soviético. Abolido em 1932, quando suas atribuições foram divididas entre os ministérios industriais.

VTsIK — *Vsiorossíski Tsentrálni Ispolnitelni Komitet* (Comitê Executivo Central de Toda a Rússia). O mais alto organismo de Estado da República Socialista Federativa Soviética Russa (RSFSR), a maior República soviética, de 1917 a 1937, quando foi sucedido pelo Presidium do Soviete Supremo da República. Seu equivalente na União Soviética é o Comitê Executivo Central da URSS, que funcionou de 1922 a 1938, quando foi substituído pelo Presidium do Soviete Supremo Nacional.

Zek — *z/k, zeká:* nome oficial do *zakliutchiônni* (detido).

ÍNDICE

Primeira Parte

A INDÚSTRIA CARCERÁRIA

Segunda Parte

MOVIMENTO PERPÉTUO

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO-EDITORA

Publicação 456

COLEÇÃO GENERAL BENÍCIO

Volume 134

1976